

An aerial photograph of an archaeological excavation site. The ground is dark brown soil, and numerous light-colored, irregularly shaped stones and pebbles are scattered across the surface. A grid of thin white lines is overlaid on the site, indicating the layout of the excavation. A long, thin wooden rod or measuring tool is visible in the upper right quadrant. The overall scene is brightly lit, casting soft shadows.

AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 70

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL
— NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

AH

ARQUEOLOGIA
& HISTÓRIA

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

70

Ano de Edição

2020

Ano Associativo AAP

2018

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Estrutura pétreia de Rôdo (Gomes *et al.* – artigo 6)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL – NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

9 Análise comparativa entre o Acheulense de Grandes Lascas e o Acheulense “Tradicional” no Centro de Portugal

Alexandre Varanda

25 O aprovisionamento de matérias-primas líticas no centro da Península Ibérica no Paleolítico Médio – Estado da questão

Ana Abrunhosa, Belén Márquez, David M. Martín-Perea, Juan Luis Arsuaga, Alfredo Pérez-González, Enrique Baquedano

39 *Ground Stone Tools*: análise funcional quantitativa à escala macro e microscópica

Eduardo Paixão, João Marreiros

51 Cadeias operatórias do Paleolítico Médio da bacia do Arneiro

Nelson Almeida

75 Novos dados para a compreensão da ocupação humana na Fonte Santa (Torres Novas)

Luis Gomes

95 Contextos de descoberta e desafios do estudo dos sítios pré-históricos do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida

Sérgio Gomes, Lurdes Oliveira, Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Alicia Ameijenda, Bárbara Costa, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

115 A Indústria lítica do Gravettense Médio do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares

Carmen Manzano, Cristina Gameiro, Sérgio Gomes, Bárbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

133 Dinâmicas de vegetação no final do Pleistocénico e início do Holocénico no atual território português

Cláudia Oliveira, João Pedro Tereso

147 Contributos para a caracterização do período tardiglaciar no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8

Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Barbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Gomes, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

171 Ensaando interpretações para a arte de transição do Vale do Sabor

Sofia Soares de Figueiredo, Pedro Xavier

185 O povoamento humano durante o Tardiglaciar na Bacia do Guadiana: revisão dos dados

Cristina Gameiro, Francisco Almeida

ARTIGOS

203 Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a colecção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)

Andrea Martins, César Neves, Mariana Diniz, José Morais Arnaud

225 Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural

Francisco B. Gomes

- 237 Arqueologia e a Sociedade Portuguesa: definições, papéis e perspectivas do Passado no Presente
Daniel Carvalho
- 255 Do Carmo a São Vicente – Parte I. Colóquio de Homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 257 Manipulações cranianas da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo)
Mário Varela Gomes, Carlos Didelet Vasques
- 277 Os azulejos do Convento de Santana de Lisboa: primeira abordagem
Mariana Almeida, Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes
- 295 Artefactos de azeviche do Convento de Santana de Lisboa
Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves
- 313 A Batalha do Vimeiro numa perspectiva arqueológica
Rui Ribolhos Filipe
- 329 Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado: a propósito da questão da ocupação pré-portuguesa no arquipélago dos Açores
José Luís Neto

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2018
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 357 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 365 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Jacinta Bugalhão, Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago
- 369 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 371 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2018
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

EDITORIAL

José Morais Arnaud
Presidente da Direcção

O volume 70 da revista *Arqueologia & História* que agora se apresenta, em versão impressa, procura reflectir, tanto quanto possível, a actividade recente desenvolvida pela Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Em 2018 a Secção de Pré-História da AAP organizou dois colóquios temáticos, o primeiro a 10 de Março, intitulado “Millennials em Arqueologia: novas metodologias, novas problemáticas”, reunindo jovens arqueólogos que apresentaram metodologias inovadoras aplicáveis a diversas áreas do conhecimento. Em Outubro realizou-se no MAC a mesa-redonda “Transição Pleistocénico-Holocénico”, tema bastante debatido pela comunidade arqueológica face à sua, ainda, indefinição. Os artigos resultantes das comunicações destes dois colóquios foram compilados num dossier temático – *Paleolítico em Portugal – novos dados, novas perspectivas*, o qual constituirá decerto uma referência obrigatória nos próximos anos para todos os investigadores dessa fase inicial da Humanidade.

Publicam-se ainda outros artigos de temática muito diversificada, que correspondem a comunicações apresentadas no âmbito das actividades da Secção de História e da Comissão de Estudos Olisiponenses, de acordo com a actual política de publicação de todas as apresentações feitas nas secções e comissões da AAP, independentemente do seu valor científico ou âmbito temático-cronológico, cujos textos tenham sido entregues em tempo útil.

Essa política deverá, no entanto, vir a ser repensada, em futuras edições, tendo em conta os crescentes custos da publicação impressa, o actual crescimento qualitativo e quantitativo da investigação arqueológica, e a necessidade de utilizar os recursos materiais disponíveis para divulgar os trabalhos arqueológicos mais relevantes e meritórios.

Com efeito, a AAP tem realizado, nos últimos anos, um enorme investimento na publicação científica arqueológica, no âmbito do Prémio de Arqueologia Eduardo da Cunha Serrão, daí resultando até ao momento uma dezena de monografias, bem como dos Congressos de Arqueologia, dos quais resultou a publicação digital de largas centenas de comunicações, as quais reflectem o grande dinamismo e resiliência da comunidade arqueológica, que esta Associação pretende continuar a apoiar, na medida das suas disponibilidades.

Tal como vem sendo habitual, publicam-se na parte final os relatórios de actividades desenvolvidas em 2018 pela Direcção, e pelas Secções e Comissões, bem como o Relatório das actividades realizadas no âmbito do projecto de investigação e valorização “Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio”.

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL
– NOVOS DADOS, NOVAS
PERSPECTIVAS

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O ACHEULENSE DE GRANDES LASCAS E O ACHEULENSE “TRADICIONAL” NO CENTRO DE PORTUGAL

Alexandre Varanda

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Alexvaranda91@gmail.com

Resumo

As recentes investigações do Acheulense na península Ibérica identificaram a presença de duas distintas indústrias. Uma onde os utensílios bifaciais são elaborados configurando seixos rolados e outra onde os suportes predominantes dos utensílios bifaciais são grandes lascas (Acheulense de Grandes Lascas).

Neste trabalho compara-se o Acheulense de Grandes Lascas do sítio da Quinta do Cónego com o Acheulense “tradicional” da Entrada do Vale da Serra na Gruta da Nascente do Rio Almonda, com o objectivo de perceber até onde vão as diferenças entre estas duas indústrias líticas acheulenses.

Palavras-chave: Paleolítico Inferior, Acheulense, Tecnologia Lítica, Tipologia Lítica.

Abstract

The recent Acheulean investigations in the Iberian peninsula identified the presence of two distinct industries. One where the bifaces are elaborated using pebbles blank, and another one where the predominant blank for bifaces are large flakes (Large Flake Acheulean).

This work compares the Large Flake Acheulean from the site of Quinta do Cónego with the “traditional” Acheulean of Entrada do Vale da Serra in the Almonda River Spring Cave, in order to understand how far go the differences between these two Acheulean lithic industries.

Keywords: Lower Paleolithic, Acheulean, Lithic Technology, Lithic Typology.

1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Desde as origens do estudo do Acheulense que a Europa foi o território privilegiado para o estudo deste tecno-complexo. Isto permitiu o longo desenvolvimento e consolidação de uma série de metodologias de estudo adaptadas à realidade existente nos conjuntos líticos do Acheulense Europeu (Bordes, 1961; Tavoso 1978; Roe, 1964).

Contudo a partir do segundo quartel do século XX, com o aumento das investigações em África, as metodologias desenvolvidas para o Acheulense europeu mostraram-se desadequadas para uma completa compreensão do Acheulense Africano, deste modo foram desenvolvidas novas metodologias para esta nova realidade (Tixier, 1956; Kleindienst, 1962; Isaac, 1969; Leakey, 1975).

Uma das diferenças mais significativas entre as duas realidades é a maior representatividade de utensílios sobre lasca no Acheulense Africano (Kleindienst, 1962; Isaac, 1969; Leakey, 1975; Roche e Tixier, 1991; Sharon, 2010).

Apesar de alguns trabalhos anteriores, apenas em 2010 foi avançada a primeira proposta para a definição de um Acheulense diferente do Europeu (Sharon 2010), que identificava 7 características do Acheulense de Grandes Lascas:

- 1. Grandes lascas são o principal suporte para a produção de utensílios bifaciais. Outros suportes são raros.
- 2. Os talhadores aplicavam uma grande variedade de predeterminados métodos de debitação na produção das grandes lascas.
- 3. Preferência para a elaboração de grandes lascas a partir de rochas de grão grosseiro, mesmo quando rochas finas se encontram disponíveis nas proximidades.
- 4. Entende-se por grande lasca uma que exceda os 10 cm de comprimento máximo. Nos sítios com Acheulense de grandes lascas existem frequentemente lascas destas dimensões não retocadas.
- 5. A configuração dos utensílios bifaciais é sumária, geralmente com retoques na face ventral

de modo a adelgaçar o bolbo de percussão. Os bifaces são geralmente mais configurados que os machados de mão, e retocados em ambas as faces.

– 6. A frequência de machados de mão é maior nos sítios com Acheulense de grandes lascas.

– 7. Bifaces ovóides são raros nas colecções acheulenses de grandes lascas. Com base nestes dados (e pressupondo uma função idêntica derivada da mesma morfologia) foi proposta a dicotomia de Machados de mão vs. Bifaces ovóides. Enquanto os machados de mão são característicos do Acheulense de grandes lascas, os bifaces ovóides são do Acheulense tradicional.

Além da definição, foi feita uma proposta cronológica para o Acheulense de Grandes Lascas com os dados das jazidas de África e do Levante. Esta marcava o fim deste Acheulense antes de 500 000 BP, sendo substituído pelo Acheulense Tradicional, com excepção da África Subsariana onde perduraram as indústrias de grandes lascas (Sharon 2010).



Figura 1 – Distribuição geográfica do Acheulense de Grandes Lascas, mapa superior antes de 0,5 MA, mapa inferior depois de 0,5 MA (Sharon 2010).

2. CONTEXTO NA PENÍNSULA IBÉRICA

Os trabalhos sobre o Acheulense na península Ibérica iniciaram-se no século XIX, e desde então seguiram as metodologias desenvolvidas para o Acheulense existente em França.

A partir da segunda metade do século XX, começam a surgir as primeiras referências a semelhanças entre o Acheulense Ibérico e Africano, sempre assinalando a utilização de grandes lascas como suportes para utensílios bifaciais e a presença de machados de mão (Bordes, 1971; GEPP, 1975; Penalva, 1978).

As semelhanças entre as indústrias de grandes lascas ibéricas e as africanas são inequívocas. A presença de alguns utensílios, como os machados de mão e a importância da debitagem de grandes las-

cas para a configuração de utensílios, em alguns sítios assumem valores apenas comparáveis com o continente africano (Moloney, 1992; Cunha-Ribeiro, 1999; Sánchez-Cervera *et al.*, 2015). Uma evidência mais próxima é a representatividade dos machados de mão na Península Ibérica e no Norte de África. Esta é idêntica para ambas as margens do estreito de Gibraltar (Tixier, 1956; Balout, Biberson e Tixier, 1967). Contudo noutras jazidas os líticos recolhidos são semelhantes aos existentes no restante continente europeu além Pirenéus, sendo praticamente nula a representatividade de utensílios como machados de mão ou de grandes lascas (Cunha-Ribeiro 1997; Santonja e Pérez-González 2001; Monteiro-Rodrigues e Cunha-Ribeiro 2014; Santonja *et al.* 2017).

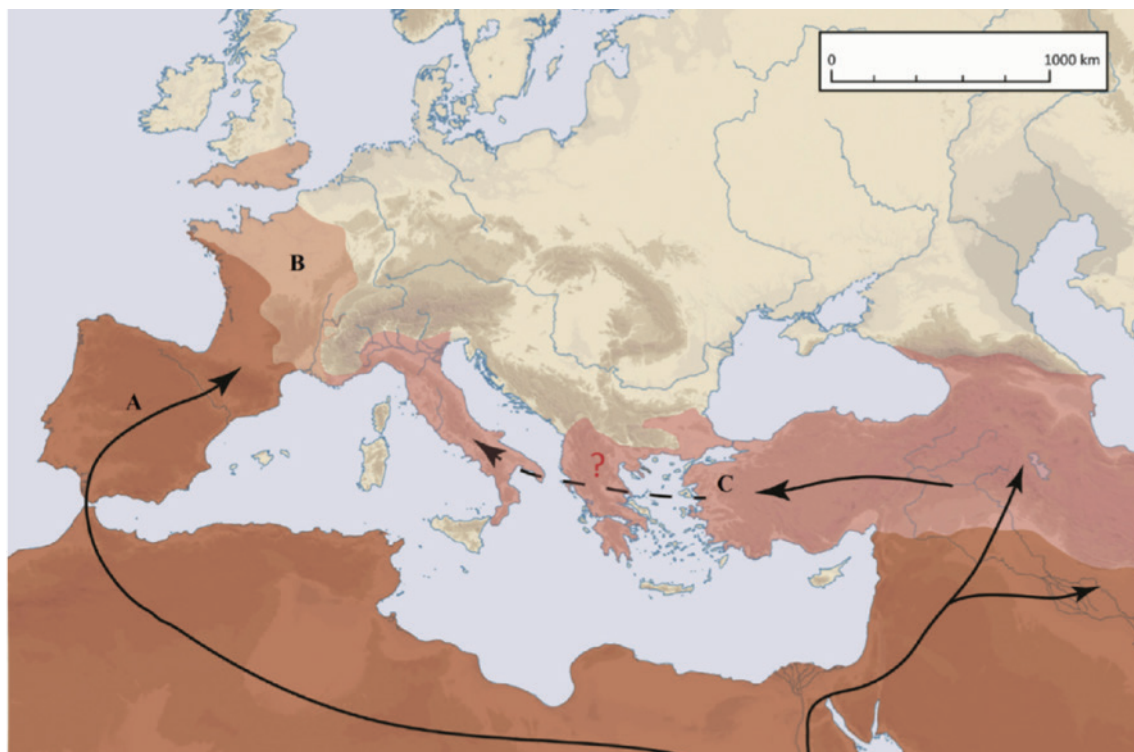


Figura 2 – Vias de entrada do Acheulense na Península Ibérica (Santonja *et al.* 2015).

Foram propostas duas formas de abordar estas semelhanças:

São duas ocupações diferentes, uma com origem na Europa Central, e outra com origem Africana (Sharon 2010; Arroyo e De La Torre 2013), Pres-

supondo uma travessia do estreito de Gibraltar durante o Plistocénico Médio (Santonja e Villa 2006; Doronichev e Golovanova 2010; Sharon 2011; Bar-Yosef e Belfer-Cohen 2013). Ou que se tratam de diferentes adaptações, por parte da mesma popu-

lação, à disponibilidade da matéria-prima existente na região (Villa, 1981).

Quando foi elaborada a proposta cronológica para o Acheulense de Grandes Lascas eram poucas as datações para o Acheulense Ibérico. Com os dados cronológicos aferidos nos últimos anos (Santonja e Villa 2006; Santonja e Pérez-González 2010; Hoffmann *et al.* 2013; Santonja *et al.*, 2016; Daura *et al.* 2017), parece que o Acheulense de grandes lascas coexistiu com o Acheulense tradicional, até há cerca de 150 000 anos na Península Ibérica (Rubio-Jara *et al.*, 2016; Santonja *et al.*, 2016; 2017 Sánchez-Cervera *et al.*, 2015; Daura *et al.* 2017), mas o início destas indústrias na Península Ibérica acontece há cerca de 500 000 anos, quando o Acheulense de Grandes Lascas desaparece do registo arqueológico a norte do deserto do Saara.

Este estudo pretende perceber se o Acheulense de grandes lascas corresponde a uma população distinta do Acheulense tradicional (ou de influencia europeia), ou se a condicionante da matéria-prima disponível dá origem a várias indústrias líticas utilizadas pela mesma população de homínidos.

3. METODOLOGIA

O presente estudo pretende comparar o Acheulense de Grandes Lascas (de origem africana) e o “Acheulense tradicional” (de origem europeia).

Assumindo este objectivo seleccionou-se um sítio em que o prévio estudo do espólio o integra nas características do Acheulense de Grandes Lascas, sendo este a Quinta do Cónego em Leiria. E um outro cujas colecções se integram no Acheulense “Tradicional”, a Entrada do Vale da Serra (EVS), no complexo cársico da nascente do rio Almonda em Torres Novas.

Foi feita uma análise tecno-tipológica que iniciou essencialmente nos utensílios bifaciais. Ambas as colecções têm aproximadamente a mesma representatividade destes artefactos e trata-se do utensílio onde a amostragem permite uma melhor comparação.

Os restantes elementos líticos, em ambas as jazidas, foram detectados problemas na amostragem, impedindo a correcta leitura do conjunto.



Figura 3 – Localização dos sítios arqueológicos presentes neste estudo.

4. QUINTA DO CÓNEGO (QDC)

O sítio arqueológico Quinta do Cónego localiza-se no concelho de Leiria, freguesia de Cortes. Foi descoberto por Manuel Heleno que recolheu à superfície materiais líticos talhados (Heleno, 1956; Machado, 1965; Pereira, 1977). Foi relocalizado na elaboração da carta geológica da região, onde também foram recolhidos materiais arqueológicos (Teixeira e Zbyszewski, 1968; Zbyszewski e Veiga Ferreira 1969; Zbyszewski *et al.*, 1980).

Nos anos 80 o sítio foi estudado por Cunha Ribeiro, que efectuou trabalhos de prospecção e escavação que exumou os 774 artefactos abordados neste trabalho (Cunha-Ribeiro, 1991, 1992, 1993, 1999).

O sítio arqueológico está integrado num terraço de acumulação fluvial na margem direita do rio Lis com um sequencia de 3 camadas estratigráficas:



Figura 4 – Vista aérea da Quinta do Cónego.

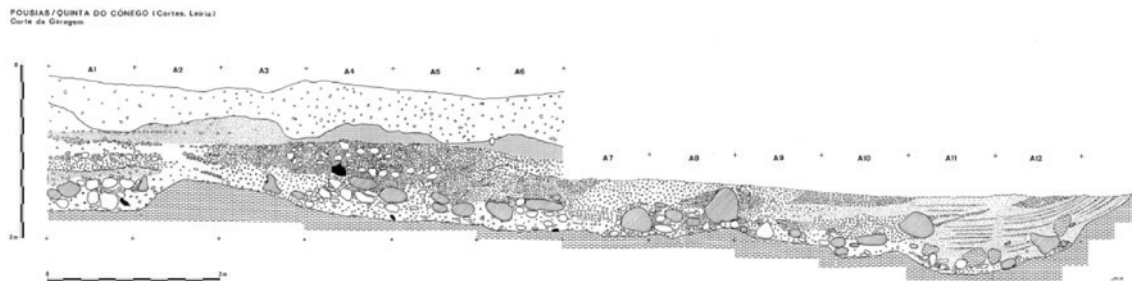


Figura 5 – Perfil da escavação da Quinta do Cónego (Cunha Ribeiro 1991).

A camada 1 corresponde ao substrato geológico Jurássico. A camada 2 é a acumulação de sedimento do terraço, com materiais arqueológicos acheulenses integrados na formação quaternária. A camada 3 trata-se de sedimento coluvionar que cobriu o terraço, também com materiais arqueológicos acheulenses integrados na formação (Cunha-Ribeiro 1991, pp. 11-12).

A maioria das peças líticas talhadas, encontradas na escavação e na limpeza de corte, surgem na base da camada 2. Foi identificada uma possível segunda ocupação na camada 3.

Os materiais líticos acheulenses estão em duas camadas separadas, podem corresponder a duas

ocupações separadas, ou o sedimento coluvionar pode ser proveniente da erosão de uma área mais elevada do mesmo terraço.

Os materiais líticos em ambas as camadas são praticamente idênticos, existem machados de mão e bifaces consideravelmente nas mesmas proporções face ao total dos conjuntos líticos talhados. Foi assinalada a existência de levallois na camada 3, mas estes artefactos foram recolhidos à superfície, não estando necessariamente associados com a camada estratigráfica (Cunha-Ribeiro, 1991). Não existindo diferenças entre as duas camadas foi estudada a colecção como o mesmo conjunto pertencente ao Acheulense de Grandes Lascas.

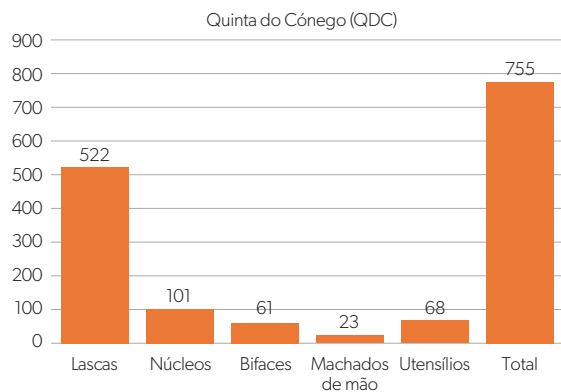


Figura 6 – Materiais líticos da Quinta do Cónego.

5. ENTRADA DO VALE DA SERRA (COMPLEXO CÁRSICO DA NASCENTE DO ALMONDA)

A Entrada do Vale da Serra está integrada no sistema cársico da nascente do rio Almonda. Freguesias de Zibreira e Pedrogão no concelho de Torres Novas.

O complexo cársico foi identificado nos anos 40, durante a construção de uma represa para a fábrica de papel Renova (Paço *et al.* 1947; Guilaine e Veiga Ferreira 1970). Os sectores da Entrada do Vale da Serra foram descobertos por trabalhos de espeleologia em 1989. A área de dispersão dos materiais foi dividida em quatro *loci* adjacentes: Galeria das Lâminas, Cone, Caos de Blocos (ou Escorrimento) e Praia dos Bifaces (Zilhão *et al.*, 1991, 1993).

A acumulação de materiais neste sítio iniciou-se com um abatimento no interior da gruta, que formou um algar até à superfície onde originalmente estava o sítio arqueológico. São visíveis enormes blocos desde a base da Galeria da laminas até à Praia dos Bifaces que evidenciam este abatimento. Esta conexão provocou a acumulação na base do algar de sedimento, junto com líticos talhados e faunas, proveniente da superfície, formando o Cone. As datações das faunas sugerem que este

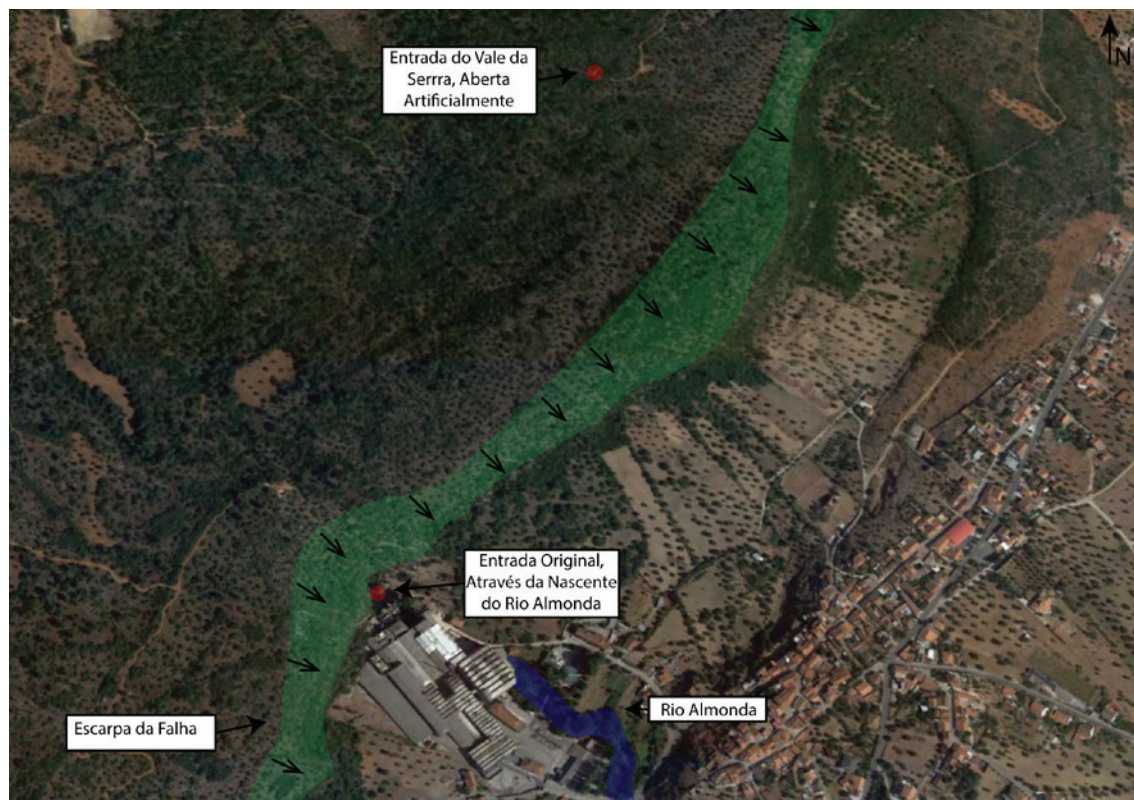


Figura 7 – Vista aérea da Entrada do Vale da Serra.

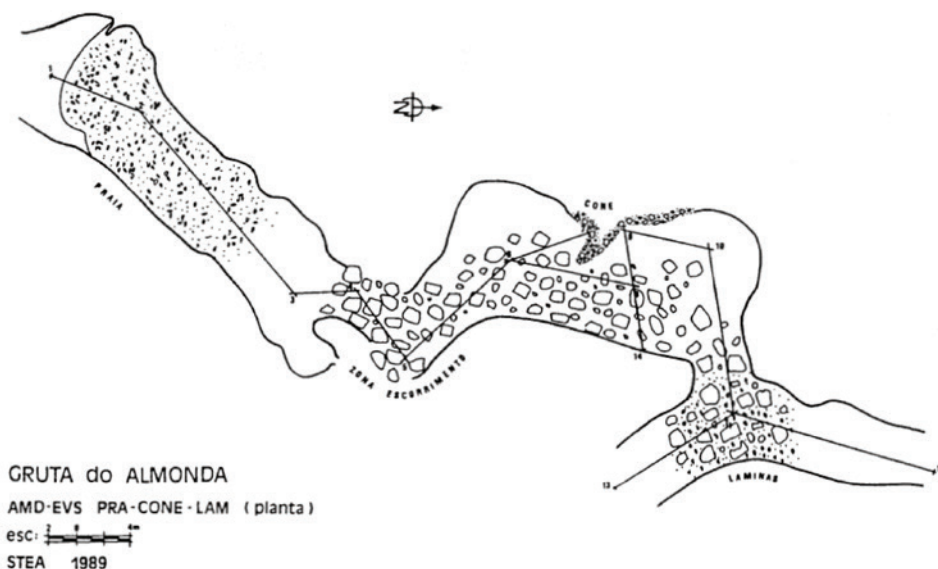


Figura 8 – Planta do interior da gruta, com a distribuição dos sectores (Zilhão *et al.* 1991).

evento teve lugar entre 190 000 e 130 000 BP. Posteriormente o rio subterrâneo erodiu os sedimentos do Cone espalhou os materiais arqueológicos para montante do carso na Galeria das Lâminas. E para jusante do carso nos sectores Escorrimento e Praia dos Bifaces. Neste ultimo sector uma concha natural bloqueou o transporte sedimentar do rio. A continua acção do rio durante o Inverno, que submergia este sector explica o grau de rolamento aliado a uma patine negra do manganês existente nos materiais recolhidos. Seguiu-se uma nova fase de acumulação no Cone, sedimento vindo da superfície com faunas (essencialmente *Cervus elaphus*) e materiais líticos associados a indústrias de pequenas lascas. A datação das faunas (75 000 a 30 000 BP) em associação com as indústrias líticas indicam tratar-se de um momento já durante o Paleolítico Médio. No final desta fase a colmatção do algar terminou com o transporte de sedimento vindo da superfície. Depois deste momento o nível freático baixou, apenas o sector da Praia dos Bifaces continuou a ser inundado durante o Inverno. A erosão dos restantes sectores a partir deste momento deve-se sobretudo a escorrências de água ao longo das paredes da gruta (Zilhão, Maurício e Souto, 1993).

Em 1990 procurou-se identificar à superfície a origem do sítio arqueológico. Foi identificada uma dolina e realizada uma sondagem para aferir a sua potencialidade arqueológica. Foi confirmada a existência de um poço rolhado, que era visível desde o interior da gruta, contudo, à superfície não foram detectados materiais arqueológicos correspondentes ao do interior da gruta (Zilhão, Maurício e Souto, 1993)

Além das recolhas superficiais realizadas desde então no interior do carso, foram feitas também aí duas sondagens, uma na Praia dos Bifaces em 1989, e a outra no Cone, em 1990. Contudo, os materiais recolhidos eram escassos.

Nos sectores da Praia dos Bifaces, Escorrimento, e Galeria das Lâminas as faunas recolhidas são exclusivamente dentes de *Equus caballus*, *Capra ibex* e uma lamela de molar de um *Elephas sp.* Por outro lado no sector do Cone a espécie predominante é o *Cervus elaphus* e além de dentes também estão preservados fragmentos de ossos e de chifres (Zilhão *et al.*, 1991, 1993).

Foram realizadas datações por Urânio – Tório nos vestígios osteológicos das diferentes áreas da estação, com os seguintes resultados (Zilhão, Maurício e Souto, 1993).

Sector	Amostra	Resultado
Cone	231E1	35 000 ± 2 000
Galeria das Lâminas	229E1	136 000 ± 8 000
Escorrimento	228E1	160 000 ± 14 000
Praia dos Bifaces	230E1	170 000 ± 13 000

Figura 9 – Datações dos sectores da Entrada do Vale da Serra (Zilhão *et al.* 1993).

Apesar de não se encontrarem directamente relacionados os sectores da Entrada do Vale da Serra estão no mesmo complexo cársico que a gruta da Aroeira, onde surgem associados a faunas e à recente descoberta de um fóssil humano materiais Acheulenses (Daura *et al.*, 2017), com uma idade mínima de $417.7+37.3/-27.5$ ka para a formação do contexto, datado por séries de urânio (Hoffmann *et al.*, 2013; Daura *et al.*, 2017).

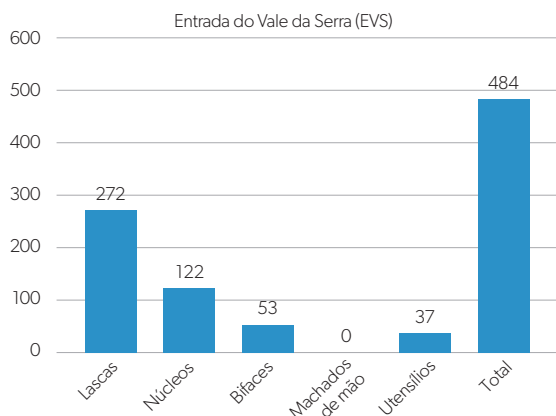


Figura 10 – Materiais Líticos da Entrada do Vale da Serra.

6. RESULTADOS

Quinta do Cónego

A matéria-prima mais utilizada na Quinta do Cónego é o quartzito, bastante abundante na região. Apesar da presença de sílex a relativamente curtas distancias do sitio, esta matéria-prima é pouco representativa na colecção.

Num machado de mão foi identificada a matéria-prima, sílex do Bajociano, cujo afloramento mais próximo encontra-se 10 quilómetros a Oeste. O que indica que alguns artefactos podem ter sido transpor-

tados para o local e não configurados com matéria-prima local.

O número de extracções visíveis nos núcleos é superior ao da totalidade das lascas da colecção, sendo que em relação às 716 extracções visíveis nos núcleos, estão presentes 640 lascas.

O número de levantamentos exclui as extracções nos fragmentos de núcleos e na configuração de utensílios. Além do mais, o número de extracções é apenas aferido com base nas extracções visíveis no estado actual dos núcleos, muitas mais podem existir.

Os suportes utilizados para a configuração de bifaces têm uma maior variabilidade do que seria esperado. Apesar da forte presença de grandes lascas, os seixos representam uma parte significativa dos suportes. Não foram identificados padrões que indicassem uma maior intensidade de talhe para adquirir uma morfologia específica. Por outro lado, a amplitude de talhe nalgumas peças entra em discordância com outra das premissas de Sharon, que refere a pouca intensidade das operações de configuração após a extracção da lasca suporte (Sharon, 2010). (Figura 11)

Nos machados de mão as operações de configuração são sumárias, nenhuma das peças têm a totalidade dos bordos retocada bifacialmente, são utensílios bastante expeditos, fáceis e relativamente rápidos de talhar. A excepção corresponde a um machado de mão do tipo V de sílex, que se integra na hipótese do transporte de materiais já configurados, a partir de outros sítios.

Apesar da extremidade distal dos bifaces ser sobretudo apontada (26 peças), os bifaces com gume transversal representam uma boa parte da amostragem.

Existe uma discordância entre a configuração dos bifaces e a dos machados de mão. Enquanto os segundos se enquadram nas características aferidas para o Acheulense de Grandes Lascas, com a presença de uma forte componente de pré-determinação da lasca suporte, nos bifaces sobre lasca desta colecção não se verifica um enquadramento neste conceito de pré-determinação da lasca suporte (Sharon, 2010).



Figura 11 – Líticos talhados da Quinta do Cónego. 1 – machado de mão do tipo 5 em sílex, 2 – biface em quartzito, 3 – Raspador bilateral convergente em quartzito.

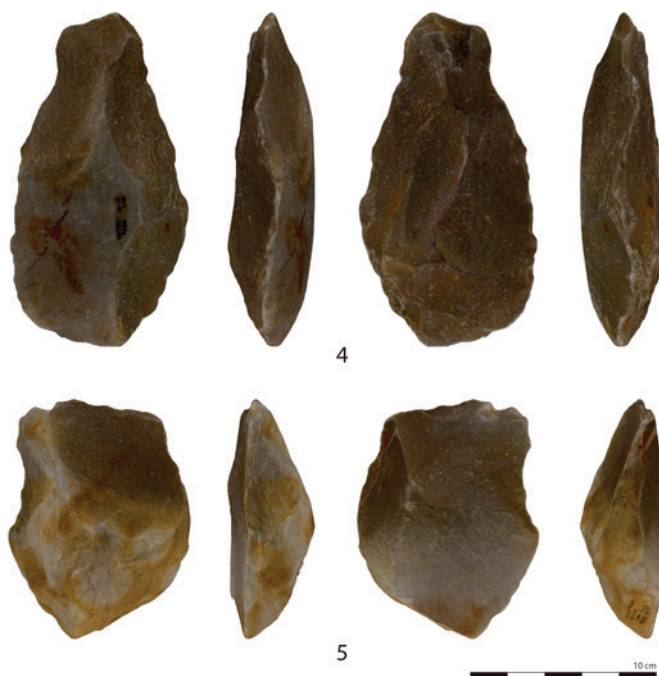


Figura 12 – Líticos talhados da Quinta do Cónego. 4 – biface em quartzito, 5 – machado de mão tipo 1 em quartzito.

A Quinta do Cónego assemelha-se ao Acheulense de Grandes Lascas se considerarmos a escolha da matéria-prima, a proporção de machados de mão, a existência de grandes lascas não retocadas e dos grandes núcleos. Contudo os machados de mão coexistem com os bifaces de gume transversal e o suporte da generalidade dos bifaces está longe de ser exclusivamente de grandes lascas. Do mesmo modo, as operações de configuração também revelam uma maior complexidade do que os sumários levantamentos que supostamente existiriam no Acheulense de Grande Lascas.

Entrada do Vale da Serra

A principal matéria-prima utilizada é o quartzito sob a forma de seixos rolados, que é bastante abundante nos depósitos fluviais quaternários que existem mais a jusante do rio (Manuppella, Zbyszewski e Veiga Ferreira, 1974) apesar de existir sílex, uma rocha de grão fino, com melhores características para talhar, a uma curta distancia da jazida (Matias, 2016)

O número de extracções existentes nos núcleos é de 1371 enquanto as lascas são apenas 313. A enorme intensidade de talho nos núcleos pode ser justificada pela ausência de matéria-prima in situ, ela teria de ser transportada, levando os talhadores a esgotarem os suportes ao máximo.



Figura 13 – Líticos talhados da Entrada do Vale da Serra. 6 – biface parcial em quartzito, 7 – biface de gume transversal em quartzito.

A quantidade de utensílios sobre lasca e bifaces sobre lasca é relativamente alta face aos outros suportes. Alguns destes artefactos atingem dimensões consideráveis, mesmo quando produzidos em lascas que aparentemente não ultrapassariam os 10 cm.

A extremidade dos bifaces é essencialmente pontiaguda, quando seria de esperar uma maior re-

presentatividade de bifaces de bisel terminal, para fazer face à ausência de machados de mão. As lascas são o principal suporte para utensílios. Os seixos são usados para a manufatura de chopper, chopping tools e utensílios apontados. A existência de grandes lascas restringe-se aos bifaces (que ainda assim têm outros suportes bastante expressivos), não existem machados de mão na jazida.

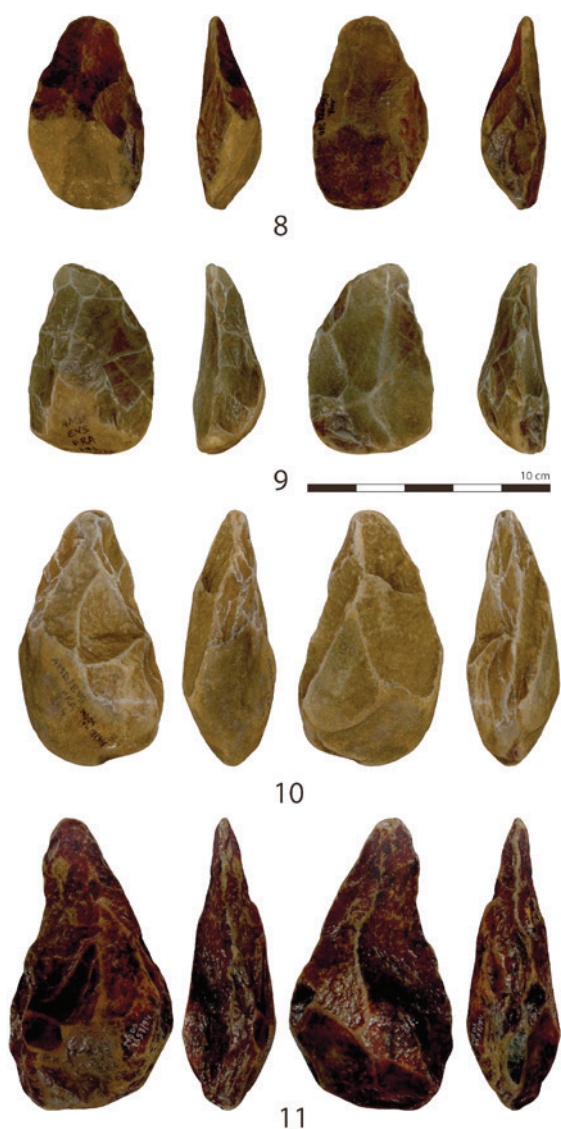


Figura 14 – Bifaces em quartzito da Entrada do Vale da Serra.

7. COMPARAÇÃO

Em ambas as colecções o quartzito é a matéria-prima predominante. Apesar da existência de sílex nas proximidades,

O estado físico das colecções é maioritariamente muito rolado, as peças pouco roladas ou com arestas vivas são residuais.

Nos restantes grupos os materiais seguem as

mesmas tendências nos parâmetros descritivos, a única diferença aparente é a dimensão, são maiores na quinta do cónego que na Entrada do Vale da Serra.

Os núcleos são mais explorados na Entrada do Vale da Serra (média de 11 levantamentos por núcleo) que na Quinta do Cónego (média de 8 levantamentos por núcleo).



Figura 15 – Resultados gerais da comparação entre a Quinta do Cónego (QDC) e a Entrada do Vale da Serra (EVS).

No Almonda a representatividade dos bifaces sobre seixo é superior à dos bifaces sobre lascas, enquanto na jazida da Quinta do Cónego esta realidade parece estar invertida, com os bifaces que utilizam grandes lascas como suporte a atingirem uma preponderância bastante superior à dos bifaces sobre seixo.

Os bifaces da Quinta do Cónego são tendencialmente de maiores dimensões que os da Entrada do Vale da Serra. Esta realidade é visível tanto no índice Comprimento – Largura como no de Espessura – Perímetro Total. Estes índices são idênticos para qualquer tipo de suporte. A distribuição do perímetro total e o perímetro do gume também seguem a mesma tendência.

A intensidade da configuração é bastante heterogénea em ambas as jazidas. As peças mais assimétricas podem ter uma grande intensidade de talhe, assim como as mais simétricas contam apenas com sumários levantamentos, e vice-versa. Também não foi encontrada em ambas as indústrias nenhuma relação entre a intensidade do talhe e o suporte do biface. Os bifaces da Quinta do Cónego apresentam maior expressividade na totalidade dos bordos retocada. Os da Entrada do Vale da Serra limitam-se a retocar a área mesial e distal numa maior quantidade de artefactos.

A morfologia da extremidade distal dos bifaces apresenta características similares para as duas colecções. A mais comum é a apontada, segue-se a arredondada e por último a transversal.

A extremidade proximal é também idêntica nos materiais líticos dos dois sítios. A principal forma é a convexa sendo cortante em aproximadamente um terço dos bifaces (embora com uma diferença mais significativa entre cortantes e não cortantes na Gruta do Almonda). Não foi encontrada nenhuma relação entre a base do biface ser retocada e a cortante, em alguns casos esta última característica decorre do suporte utilizado, e noutros casos os retoques incidiram precisamente para suprimir o gume da extremidade proximal.

Nos bifaces sobre lasca há a tendência para suprimir o bolbo de percussão, em mais de metade dos bifaces sobre lascas de cada jazida. Contudo preservam-se talões corticais e lisos nas duas indústrias líticas estudadas.

Na Gruta do Almonda existe uma maior expressividade dos utensílios sobre seixo ou suporte indeterminado, que na Quinta do Cónego.

A distribuição métrica continua a demonstrar a maior dimensão dos artefactos na Quinta do Cónego, contudo, nesta situação a diferença está mais esbatida.

As poucas diferenças que existem na representatividade dos suportes utilizados na configuração de bifaces e de utensílios pode ser justificada por condicionantes da matéria-prima existente na região.

Aliado à condicionante anterior está o facto de que observando as restantes características destes materiais não existem divergências estatisticamente significativas. As extremidades distais dos bifaces têm a mesma morfologia, assim como os parâmetros aferidos nas extremidades proximais, assumem uma representatividade idêntica nas duas jazidas.

A diferença mais significativa entre as colecções é a ausência de machados de mão da Entrada do Vale da Serra. Esta realidade teria de ser compensada por um maior número de bifaces de bisel terminal. Não é o caso. A representatividade de bifaces com a extremidade distal transversal é praticamente idêntica em ambas as jazidas. Uma diferença é a presença de choppers e chopping tools na Entrada do Vale da Serra e a ausência destes utensílios na Quinta do Cónego. Contudo, assim como nos bifaces de gume transversal, a representatividade de chopping tools e choppers, é baixa comparada com os 23 machados de mão existentes na Quinta do Cónego.

O grau de rolamento das peças limita o estudo de algumas características como retoques, ou marcas de uso dos artefactos. No caso dos sectores da Entrada do Vale da Serra um outro problema foi a pátina negra deixada pelo manganês nas peças exumadas.

8. CONCLUSÃO

A Quinta do Cónego não se integra plenamente na definição de Acheulense de Grandes Lascas (Sharon 2010). O uso de outros suportes, além de lascas, para a produção de bifaces é bastante representativo no conjunto. Mesmo quando estão disponíveis grandes seixos para extrair grandes lascas, estas não são a única opção para suportes de bifaces. Já foram identificadas mais estações acheulenses com o mesmo paradigma (Cunha-Ribeiro, 1999; GEPP 1975; Salvador 2002; Varanda e Andrade 2017; Monteiro Rodrigues, 1996).

Apenas nos machados de mão é visível uma pré-determinação do suporte, nos bifaces existe muita variabilidade de lascas e de operações de configuração que dificultam aferir qualquer pré-determinação do suporte.

Os Machados de mão não aparentam substituir os bifaces com extremidades distais arredondadas e transversais, uma vez que coexistem no sítio e continuam a representar uma boa parte do total de bifaces.

De qualquer modo existem semelhanças com o Acheulense de Grandes Lascas Africano:

As principais matérias-primas escolhidas são rochas grosseiras como o quartzito. Os utensílios em rochas de grão fino como o sílex são minoritários.

Existem no sítio grandes lascas em bruto. Podem tratar-se de utensílios já finalizados, com a morfologia pré-determinada, ou de suportes descartados.

A representatividade dos machados de mão nos utensílios bifaciais e no total da colecção também se enquadra no que é o Acheulense de Grandes Lascas.

Os machados de mão tornaram-se um fóssil director da presença do Acheulense de grandes lascas. Devido a este factor inicialmente pretendia-se uma comparação entre uma jazida de Acheulense de grandes lascas como a estação paleolítica da Quinta do Cónego, com uma outra de Acheulense tradicional sem machados de mão, neste caso os sectores da Entrada do Vale da Serra na Gruta do Almonda. Contudo quando comparados os sítios averiguou-se que além da ausência de machados

de mão no segundo sítio, poucas são as diferenças entre ambas as colecções. Podem até tratar-se de peças talhadas pelos mesmos grupos de homínidos, mas condicionados pela matéria-prima, foram forçados a redimensionar os seus utensílios.

Estes resultados não coincidem com um estudo semelhante realizado entre a estação de El Sotillo (com utensílios elaborados a partir de grandes lascas) e a de Albalá (onde os utensílios são elaborados sobretudo com a configuração de seixos), em Espanha (Arroyo e De La Torre, 2013). Nesse estudo não existe uma diferença métrica visível entre os utensílios dos dois sítios, a diferença reside na escolha do suporte utilizado, mesmo quando as mesmas matérias-primas estão presentes na região.

A ausência de machados de mão, e da utilização de lascas menores de 10 cm como suporte para bifaces nos sectores estudados da Gruta do Almonda pode ser justificada pela condicionante da matéria-prima. E pode-se pôr a possibilidade de uma substituição dos machados de mão por choppers e chopping tools.

Os machados de mão e os bifaces de gume transversal, são utensílios que partilham a mesma área funcional (a extremidade distal do artefacto). Tendo em consideração que a maioria dos machados de mão são utensílios bastante expeditos, com poucas operações de configuração, não se pode deixar de assinalar que os choppers e chopping tools têm também uma simples configuração para definir a sua área funcional. Os bifaces ovais e de gume transversal, por outro lado, são bastante configurados e o seu talhe ocuparia mais tempo que o dos utensílios referidos anteriormente.

Existem semelhanças entre estes conjuntos líticos e o Acheulenses de grandes lascas africano, como a elevada representatividade de machados de mão e o uso de grandes lascas como suporte para bifaces. A presença destas grandes lascas nesta margem do estreito, apesar das diferenças entre as estações paleolíticas em que elas estão representadas, sugere a eventual travessia do estreito de Gibraltar (Santonja e Villa 2006; Dornichev e Golovanova 2010; Sharon 2011; Bar-Yosef e Belfer-

-Cohen 2013). Mas não fica descartada a possibilidade de um desenvolvimento peninsular destas indústrias. As diferenças averiguadas nos conjuntos líticos revelam uma maior variabilidade na escolha dos suportes por parte dos talhadores na Península Ibérica, assim como a ausência de machados de mão numa determinada jazida não indica obrigatoriamente que se trate de uma realidade diferente.

Uma outra diferença não menos significativa entre o Acheulense Ibérico e o Africano surge quando analisamos as datações propostas para estas indústrias. Aparentemente o Acheulense de grandes lascas só começa na Península Ibérica depois de 0,5 Ma. (Santonja e Villa 2006; Santonja e Pérez-González 2010), é exactamente a cronologia em que ele desaparece nas jazidas africanas (Sharon, 2010). Este desfasamento cronológico é difícil de explicar. São, todavia, necessárias mais datações e mais estudos dos conjuntos líticos para perceber na realidade o que é o Acheulense de grandes lascas na Península Ibérica. E caso os sectores da Entrada do Vale da Serra na Gruta do Almonda se integre nesta realidade (como proposto) as datações efectuadas nos vestígios osteológicos da jazida, fornecem uma data de formação do contexto arqueológico posterior ao fim do Acheulense de grandes lascas em África.

A integridade das duas colecções é um caso problemático. São contextos secundários, cujas condições de formação podem eliminar dados do registo arqueológico, contudo os restantes trabalhos que abordaram este tema na Península Ibérica têm o mesmo problema, pois também correspondem essencialmente a contextos de deposição secundária (Arroyo e De La Torre 2013; Rubio-Jara *et al.* 2016).

O uso de machados de mão como fósil director do Acheulense de grandes lascas deve ser revisto, tendo em consideração as condições específicas para o seu fabrico. Seixos rolados de grandes dimensões não surgem em todos os contextos e a mobilidade das populações Acheulenses não estaria aparentemente condicionada pela sua existência.

A Península Ibérica permanece um caso paradigmático das investigações do Paleolítico Inferior,

pois encontra-se na confluência de duas possíveis rotas de chegada das populações acheulenses.

BIBLIOGRAFIA

ARROYO, A. e DE LA TORRE, Ignacio (2013) – Acheulean large flake technology in campo de calatrava (Ciudad Real, Spain), *Archaeology, Ethnology and Anthropology of Eurasia*. Elsevier, 41(4), pp. 2-10.

BALOUT, L., BIBERSON, P. E TIXIER, J. (1967) – L’Acheuléen de Ternifine (Algérie), gisement de l’Atlantrophe, *L’Anthropologie*, vol. 71, nº 3-4, pp. 217-237.

BORDES, François (1971) – Observations sur l’Acheuléen des grottes de Dordogne, *Munibe*, San Sebastián, 23(1), pp. 5-23.

CUNHA-RIBEIRO, João Pedro da (1991) – Intervenção Arqueológica na Estação Acheulense da Quinta do Cónego / Pousias, (Cortes, Leiria). *Portugália*, Nova Série, 11-12, Porto, pp. 7-25.

CUNHA-RIBEIRO, João Pedro da (1992) – O Paleolítico no vale do rio Lis, *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, 9, pp. 401-462.

CUNHA-RIBEIRO, João Pedro da (1993) – Contribuição para o estudo do Paleolítico do vale do Lis no seu contexto crono-estratigráfico, *Portugália*, Nova Série, 13-14, Porto, pp. 7-137.

CUNHA-RIBEIRO, João Pedro da (1997) – Os machados de mão no paleolítico inferior português, *Portugália*, Nova Série, 17-18, Porto, pp. 13-40.

CUNHA-RIBEIRO, João Pedro da (1999) – *O Acheulense no Centro de Portugal: o Vale do Lis. Contribuição para uma abordagem tecno-tipológica das suas indústrias líticas e problemática do seu contexto cronoestratigráfico*. Tese Lisboa: Universidade de Lisboa. 3 vols, 692 p.

DAURA, Joan; SANZ, Montserrat; ARSUAGA, Juan Luis; HOFFMANN, Dirk L.; QUAM, Rolf M.; ORTEGA, María Cruz; SANTOS, Elena; GÓMEZ, Sandra; RUBIO, Angel; VILLAESCUSA, Lucía; SOUTO, Pedro; MAURÍCIO, João; RODRIGUES, Filipa; FERREIRA, Artur; GODINHO, Paulo; TRINKAUS, Erik; ZILHÃO, João (2017) – New Middle Pleistocene hominin cranium from Gruta da Aroeira (Portugal), *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 114(13), pp. 3397-3402.

DORONICHEV, V. E GOLOVANOVA, L. (2010) – Beyond the Acheulean: A view on the Lower Paleolithic occupation of Western Eurasia, *Quaternary International*, 223–224, pp. 327–344.

GEPP (1975) – O estudo do Paleolítico da área do Ródão, *O Arqueólogo Português*. 3a série, 7-9, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 31-47.

- GUILAINE, Jean e VEIGA FERREIRA, Octávio da (1970) – Le Néolithique ancien au Portugal, *Bulletin de la Société préhistorique française*, 67, pp. 304-322.
- HELENO, Manuel (1956) – Um quarto de século de investigação arqueológica, *O Arqueólogo Português*, 2a Série, 3, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 221-237.
- HOFFMANN, D. L., PIKE, A. W. G., WAINER, K., ZILHÃO, João (2013) – New U- series results for the speleogenesis and the Palaeolithic archaeology of the Almonda karstic system (Torres Novas, Portugal), *Quaternary International*, 294, pp. 168-182.
- ISAAC, Glyn L. (1969) – Studies of early culture in East Africa, *World Archaeology*, 1, pp. 1-28.
- KLEINDIENST, M. R. (1962) – Components of the East African Acheulean Assemblage an Analytic Approach, in *Actes du IV^{ème} Congrès Panafricain de Préhistoire et de l'Etude du Quaternaire*, 42 Mortelmans, G., Éd., Musée royal de l'Afrique centrale – Tervuren (Belgique), 40, pp. 81-111.
- LEAKEY, Mary D. (1975) – Cultural patterns in the Olduvai sequence, in *After the Australopithecines*, Paris, pp. 477-493.
- MACHADO, J. L. S. (1965) – Subsídios para a história do Museu Etnográfico do Dr. Leite de Vasconcelos, *O Arqueólogo Português*, Nova Série, 5, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 51-448.
- MANUPPELLA, Giuseppe, ZBYSZEWSKI, George, VEIGA FERREIRA, Octávio (1974) – *Carta geológica de Portugal na escala 1/50000*. Notícia explicativa da folha 27-A (Vila Nova de Ourém), Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, pp. 82.
- MATIAS, Henrique (2016) – Raw material sourcing in the Middle Paleolithic site of Gruta da Oliveira (Central Limestone Massif, Estremadura, Portugal), *Journal of Lithic Studies*, vol. 3, no. 2, pp. 20.
- MOLONEY, N. (1992) – Lithic production and raw material exploitation at the Middle Pleistocene site of El Sartalejo, Spain, *Papers from the Institute of Archaeology*, 3, pp. 11-22.
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (1996) – *Contribuição para o estudo das indústrias líticas do vale do rio Caia (Alto Alentejo – Portugal)*, dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio e CUNHA-RIBEIRO, João Pedro da (2014) – a Estação Paleolítica Do Cerro (Vila Nova De Gaia, Noroeste De Portugal): Caracterização Preliminar Dos Utensílios, *Estudos do Quaternário*, 11, Braga, pp. 3-18.
- PAÇO, Afonso; VAULTIER, Max; ZBYSZEWSKI, George (1947) – Gruta da Nascente do Rio Almonda, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 11, Porto, pp. 171-187.
- PENALVA, Carlos (1978) – Os machados do Paleolítico do Norte de Africa e a sua expansão na Europa ocidental, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 43, pp. 413-436.
- PEREIRA, M. A. H. (1977) – Departamento de Pré-história. Relatório em Dezembro de 1974. Reorganização das colecções, *O Arqueólogo Português*, 3^ª Série, 6-7, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

O APROVISIONAMENTO DE MATÉRIAS-PRIMAS LÍTICAS NO CENTRO DA PENÍNSULA IBÉRICA NO PALEOLÍTICO MÉDIO – ESTADO DA QUESTÃO

Ana Abrunhosa¹, Belén Márquez², David M. Martín-Perea³, Juan Luis Arsuaga⁴,
Alfredo Pérez-González⁵, Enrique Baquedano⁶

¹ ICArEHB / UAlg / MAR – Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid / ana.abrunhosa@gmail.com

² MAR / belen.marquez@madrid.org

³ UCM / CSIC / I.D.E.A / davidmam@ucm.es

⁴ UCM / ISCIII / jlarsufe@geo.ucm.es

⁵ El Hombre y el Medio / alfredopg41@hotmail.com

⁶ MAR / I.D.E.A / enrique.baquedano@madrid.org

Resumo

Até há década de 1980, o centro da Península Ibérica era considerado um território desfavorável à ocupação Neanderthal onde o desconhecimento de sítios suportava a teoria. O aumento significativo da investigação na região e o reconhecimento de sítios de ocupação continuada têm vindo a revelar um mosaico mais complexo de ocupação, aproveitamento da paisagem e recursos. No entanto, uma vez que os estudos são recentes, são ainda poucos os dados disponíveis para entender as estratégias de adaptação, particularmente no que diz respeito às matérias-primas líticas exploradas. Neste artigo apresenta-se o estado da questão e perspetivas de futuro de uma investigação em curso.

Palavras-chave: Paleolítico Médio, Neanderthais, Matérias-primas líticas, Península Ibérica.

Abstract

Until the 1980s, the centre of the Iberian Peninsula was considered a territory unfavourable to Neanderthal occupation with the absence of known sites supporting the theory. The significant increase in research in the region and the recognition of sites of continuous occupation have revealed a more complex mosaic of occupation, use of the landscape and its resources. However, since the studies are recent, little data is yet available to understand adaptation strategies, particularly concerning lithic raw materials exploitation. This article presents the state of the art and prospects of ongoing research.

Keywords: Middle Palaeolithic, Neanderthals, Lithic Raw Materials, Iberian Peninsula.

1. INTRODUÇÃO

A evolução do comportamento humano durante a Pré-história é estudada através da caracterização e análise de variações materiais que refletem adaptações a um meio natural e cultural. Geralmente, os recursos pétreos são a principal fonte material para o estudo das actividades desenvolvidas durante a Pré-história. O estudo tecnológico, tipológico e de proveniência das matérias-primas permite uma aproximação ao conhecimento das estratégias de adaptação, mobilidade, economia de exploração e uso de recursos pelas comunidades de caçadores-recolectores.

Os motivos que estão por trás da tomada de decisões de seleção, aquisição e transporte de matérias-primas líticas correspondem ao primeiro momento dentro da sequência de actividades da cadeia operatória (Aubry, 2005; Ekshtain & alii, 2014). Esta sequência de acções tem particular importância no estudo do comportamento dos grupos Neandertais que ocuparam a Península Ibérica. O estudo das características das matérias-primas líticas e o papel que estas têm no desenvolvimento tecnológico permitem entender a evolução do comportamento humano e as estratégias de adaptação inseridos num contexto temporal e espacial.

Neste artigo são apresentadas de forma sumária algumas das diferentes questões e métodos de estudo das matérias-primas líticas e o estado da questão relativo ao estudo da economia de aprovisionamento e uso das matérias-primas líticas pelas populações Neandertais no centro da Península Ibérica.

2. ESTUDO DAS MATÉRIAS-PRIMAS LÍTICAS

O estudo das matérias-primas pode ser realizado segundo diferentes perspectivas dependendo das questões que se levantem em cada contexto de estudo, que podem estar relacionadas, por exemplo, com: 1) a determinação da origem da fonte de aquisição da matéria-prima e das áreas de captação de recursos (Aubry & alii, 2004); 2) a caracterização da mecânica dos materiais talhados e a influência

no desenvolvimento da tecnologia e métodos de talhe (Eren & alii, 2011); 3) a determinação das motivações conducentes à seleção e uso dos materiais (Pereira & Benedetti, 2013; Vidal-Cordasco & alii, 2017).

1) No caso da determinação e estudo da origem da fonte de aquisição das matérias-primas líticas, a metodologia base é adoptada da Geologia. À análise bibliográfica e da cartografia geológica, segue-se a fase de prospeção geoarqueológica, passando pela análise macroscópica e microscópica com recurso à petrografia e à geoquímica. Desta forma é possível localizar potenciais áreas e locais de origem das matérias-primas líticas, através da determinação da composição da rocha, do seu ambiente de formação e origem provável por comparação com amostras arqueológicas (Turq, 2005). Graças ao desenvolvimento de dispositivos portáteis de análise geoquímica, como por exemplo os analisadores portáteis de fluorescência de Raios X ou p-XRF (Liritzis & Zacharias, 2011), estas técnicas tornaram-se mais baratas e acessíveis logo na fase de prospeção caso se justifique (Tykot, 2016). O uso combinado de diferentes metodologias complementares é o método mais preciso para a caracterização de diferentes amostras (arqueológicas como geoarqueológicas) e a definição de áreas de captação de matéria-prima (McDonnell & alii, 1997; Andreeva & alii, 2014; de la Torre & alii, 2017).

2) As características físicas e mecânicas dos materiais talhados têm implicações directas na forma de explorar a rocha, no tipo de tecnologia lítica desenvolvida, nos métodos de talhe empregues e no tamanho e forma dos utensílios finais. Essas características podem ser determinadas com recurso a análises macroscópicas e microscópicas. Através da observação, por exemplo, do tamanho e forma dos nódulos ou dos afloramentos disponíveis, do acesso a estes e da presença de diaclases ou microestruturas que influenciam o padrão de fractura durante o processo de talhe. Recentemente, o desenvolvimento de métodos experimentais de talhe e do uso dos materiais permitem analisar os padrões de fractura e desgaste destes materiais, contribuindo

para novos dados (Eren & *alii*, 2016; Pargeter & *alii*, 2018; Pereira & *alii* 2017).

3) A economia relativa à seleção e uso dos materiais pode ser determinada por um conjunto de motivos: disponibilidade e acesso a recursos pétreos (Marks & *alii*, 1991; Manninen & Knutsson 2014; Knutsson & *alii*, 2016); relação custo-benefício na aquisição de matéria-prima (Goodale & Andrefsky Jr., 2015); resposta a padrões de mobilidade (Rissetto, 2005; Fernandes & *alii*, 2008; Arrizabalaga & *alii*, 2014); características físicas ou restrições mecânicas das matérias-primas disponíveis (Lombera-Hermida, 2008; Pereira & *alii*, 2017); processos de especialização, produção ramificada ou reciclagem que podem ser respostas adaptativas às características mecânicas dos materiais, devido a uma escolha deliberada e/ou cultural (Hiscock, 2009; Rios-Garaizar & *alii*, 2015); limitações cognitivas e/ou físicas (Tehrani & Riede 2008; Vidal-Cordasco & *alii*, 2017).

Em suma, de onde, porquê e para quê. A identificação e caracterização da matéria prima e suas fontes de aprovisionamento são cruciais para determinar as áreas de influência, mobilidade ou possíveis contactos entre populações. Para qualquer uma das vertentes de estudo apontadas, é necessária a realização de um estudo geoarqueológico como referido no ponto 1) uma vez que todos os dados de campo recolhidos nesta fase terão implicações importantes na preparação e interpretações dos resultados de 2), do estudo das características físicas e 3) da economia de seleção de materiais.

A análise da proveniência de matérias-primas líticas pode ser realizada para o estudo de qualquer período histórico e pré-histórico, mas tem especial importância neste último uma vez que, a variedade e quantidade de materiais arqueológicos disponíveis é menor (Turq, 2003). O reconhecimento da sua importância é, no entanto, ainda recente dentro do panorama geral da investigação arqueológica. Estudos deste âmbito foram realizados de forma breve durante o século XX centrando-se geralmente em peças particulares pela sua raridade e pelo seu valor estético. Foi a partir da década de 1980 que

se intensificaram os estudos de proveniência de materiais líticos para entender a extensão da mobilidade das comunidades de caçadores-recolectores (Geneste, 1985, 1991). Hoje, quase todos os estudos de coleções líticas são acompanhados de uma caracterização das matérias-primas e por vezes de estudos mais aprofundados da sua origem e relação com a tecnologia e tipologia (Turq, 2005). A construção de litotecas um pouco por toda a Europa é uma valiosa contribuição para a comparabilidade de dados (por exemplo: Biró & Dobosi, 1991; Biró, 2008; Crandell, 2009; Sánchez & *alii*, 2014).

3. OCUPAÇÃO NEANDERTAL NO CENTRO DA PENÍNSULA IBÉRICA – ESTADO DA ARTE

A Península Ibérica é uma região privilegiada para estudar o comportamento Neandertal. Com os níveis mais antigos (Níveis XVII – XV) em Bolomor com datações entre 347.000 BP e 242.000 BP (Fernández Peris & *alii*, 2008), os vestígios de ocupação concentram-se principalmente longo da área costeira (de la Torre & *alii*, 2013) e foi neste território que sobreviveram até cronologias mais recentes segunda as datações de 28.000 BP no nível IV de Gorham's Cave em Gibraltar (Finlayson & *alii*, 2006).

Contudo, o centro da Península caracteriza-se por uma escassez de sítios. Até ao final do século XX admitia-se um hiato de ocupações humanas nas regiões a sul da Meseta Norte, a norte da Meseta Sul e principalmente nos ambientes de altitude ao longo do Sistema Central. A área central da península foi também o centro dos argumentos para confirmar uma preferência das populações Neandertais por áreas costeiras. Esta justificava-se por uma insuficiência de recursos e dificuldades de acessibilidade de natureza física devido à geomorfologia da região caracterizada pelo relevo acidentado e de altitude (Bicho & *alii*, 2007).

Os estudos sobre a ocupação humana no centro da Península Ibérica durante o Paleolítico Médio intensificaram-se em grande medida devido ao maior número de prospeções e escavações arqueológicas motivadas em parte por obras publicas

e projetos de investigação (Baena Preysler & *alii*, 2008; Álvarez Alonso & *alii*, 2014). Recentemente, os paradigmas relativos à definição das áreas e períodos de ocupação humana no centro peninsular alteraram-se devido à reavaliação de coleções arqueológicas antigas, escavação e registo através de metodologias recentes e datação dos sítios segundo novas técnicas.

A descoberta de vários sítios arqueológicos (Figura 1) na cadeia montanhosa do Sistema Central, nos territórios correspondentes às províncias de Madrid, Segóvia e Guadalajara ilustram a presença contínua de grupos humanos na região entre o MIS 5 até pelo menos ao MIS 3. Os principais sítios conhecidos neste território são: o complexo de Pinilla del Valle na Comunidade de Madrid com quatro sítios de ocupação Neandertal identificados até ao momento – Abrigo de Navalmaíllo, Cueva del Camino, Cueva de la Buena Pinta e Cueva Des-Cubierta (Baquedano & *alii*, 2010, 2014; Arsuaga & *alii*, 2012), El Cañaveral em Madrid (Nieto-Márquez & Baena-Preysler, 2016), Abrigo del Molino em Segóvia (Álvarez-Alonso & *alii*, 2016), Cueva de los Casares (Alcaraz-Castaño & *alii*, 2017a), Peña Cabra

(Alcaraz-Castaño & *alii*, 2016) e Jarama VI em Guadalajara (Kehl & *alii*, 2013). No entanto, os dados disponíveis ainda são insuficientes para compreender os padrões de comportamento e mobilidade das populações Neandertais na paisagem da região central da Península Ibérica.

Estudos recentes baseados na revisão das datações de sítios como Los Casares (Alcaraz-Castaño & Weninger, 2016; Alcaraz-Castaño & *alii*, 2017b) ou as contribuições de estudos geo-estratigráficos no Abrigo del Molino (Álvarez-Alonso & *alii*, 2016) concluíram que não existem ocupações Neandertais registadas na região após 42000 BP. Actualmente, as evidências publicadas sugerem um modelo de fuga das populações do centro para as regiões costeiras no final do Paleolítico Médio como resposta às prováveis condições ambientais adversas. As datações para a presença dos últimos Neandertais no centro da Península correlacionam-se com os estudos ambientais que indicam uma descida de temperaturas médias principalmente nas zonas de maior altitude a Norte da Serra de Guadarrama em finais do MIS 3 (Karampaglidis, 2014; Carrasco & *alii*, 2017).



Figura 1 – Sítios com ocupação Neandertal no centro da Península Ibérica. 1- Pinilla del Valle (Madrid); 2 – Abrigo del Molino (Segóvia); 3- Jarama VI (Madrid); 4 – Peña Cabra (Guadalajara); 5 – Cueva de los Casares (Guadalajara); 6 – El Cañaveral (Madrid).

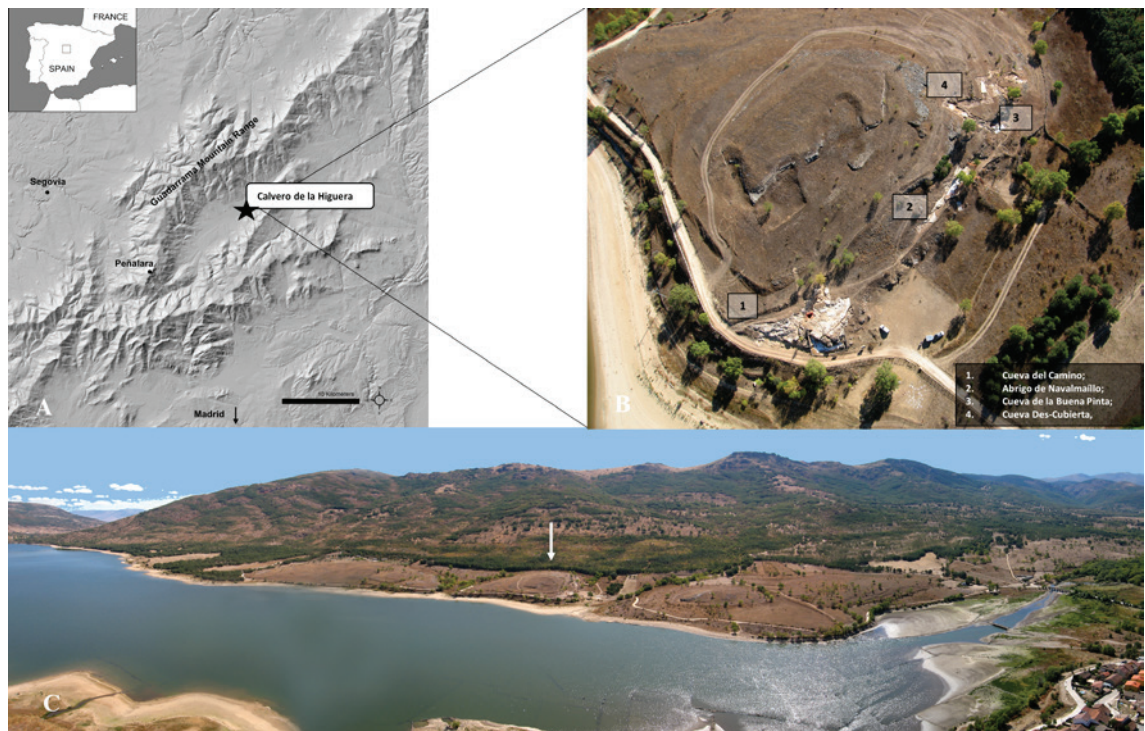


Figura 2 – A: Localização do Calvero de la Higuera no vale do rio Lozoya. B: sítios arqueológicos situados no Calvero de la Higuera. 1 – Cueva del Camino; 2 – Abrigo de Navalmaillo; 3 – Cueva de la Buena Pinta; 4 – Cueva Des-cubierta. C: Posição do Calvero de la Higuera na paisagem transformada pela construção da barragem do Lozoya e albufeira de Pinilla na década de 80.

3.1. Pinilla del Valle

Os sítios arqueológicos de Pinilla del Valle localizam-se a norte da cidade de Madrid (Espanha), na Comunidade Autónoma de mesmo nome, nas margens do rio Lozoya no Parque Nacional da Serra de Guadarrama. Trata-se de um complexo arqueológico (Figura 2) situado numa colina cársica denominada Calvero de la Higuera, composta por dolomitos

do Cretácico Superior com cerca de 3,5 hectares de área a 1100 metros de altitude (Pérez-González & *alii*, 2010). Até ao momento foram registadas três grutas e um abrigo onde se regista a presença Neandertal em diferentes contextos e cronologias (Tabela 1) que revelam a sua importância para o estudo da ocupação do centro peninsular entre o MIS 5 e MIS 3 (Baquedano & *alii*, 2014, 2015).

	Tipo de sítio	Datação	Método de datação	Nível arqueológico	Referência
Abrigo de Navalmaillo	Abrigo	71 685 ± 5.082	TL	Nível F	Arsuaga & <i>alii</i> , 2011
		77 230 ± 6.016	TL	Nível F	Arsuaga & <i>alii</i> , 2011
Cueva del Camino	Gruta	90 961 ± 7881	TL	Nível 5	Pérez-González & <i>alii</i> , 2010
		91 600 ± 8100	TL	Nível 8	Pérez-González & <i>alii</i> , 2011
		94400 ± 20600	AAR	Nível 5	Torres & <i>alii</i> , 2014
		74 500 ± 6300	TL	Sector Sul	Pérez-González & <i>alii</i> , 2012

Tabela 1 – Níveis datados com ocupação Neandertal em Pinilla del Valle (Madrid – Espanha). Métodos de datação: TL = Termoluminescência; C14 = Carbono14; AAR = Racemização de aminoácidos.

	Tipo de sítio	Datação	Método de datação	Nível arqueológico	Referência
Cueva de la Buena Pinta	Gruta	5740–5600 cal BP	C14	Nível 1	Pérez-González & <i>alii</i> , 2010
		61.5 ± 5.3 ka BP	TL	Nível 2	Laplana & <i>alii</i> , 2016
		63451 ± 5509 BP	TL	Nível 3	Pérez-González & <i>alii</i> , 2010
		63.4 ± 5.5 ka BP	TL	Nível 3	Laplana & <i>alii</i> , 2016
		60.5 ± 5.0 ka BP	TL	Nível 5 (superior)	Laplana & <i>alii</i> , 2016
		61.6 ± 5.1 ka BP	TL	Nível 5 (inferior)	Laplana & <i>alii</i> , 2016

Tabela 1 (continuação) – Níveis datados com ocupação Neandertal em Pinilla del Valle (Madrid – Espanha). Métodos de datação: TL = Termoluminescência; C14 = Carbono14; AAR = Racemização de aminoácidos.

3.1.1. Cueva del Camino

Cueva del Camino foi o primeiro sítio a ser descoberto em 1979 aquando da abertura do caminho de acesso à construção da Barragem do Lozoya (Alfárez Delgado & *alii*, 1982) que proporcionou um corte estratigráfico da entrada da gruta, revelando a presença de fauna extinta. As primeiras escavações resultaram na descoberta de um conjunto importante de fauna do Plistocénico (Arsuaga & *alii* 2010) e dois molares de *Homo neandertalensis* (Delgado & Garrido, 1992; Arsuaga & *alii*, 2010). Desde 2002 e até 2009, a nova equipa de investigadores examinou o material das escavações da década de 80 e realizou novas sondagens e datações (Tabela 1). A forte erosão por processos fluviais e flutuações climáticas a partir do MIS 4 até ao Holoceno provocaram o colapso do tecto da Cueva del Camino que selou os níveis arqueológicos (Pérez-González & *alii*, 2010). Os estudos mais recentes confirmam a importância da coleção faunística mais completa na Península Ibérica para a reconstrução ambiental do MIS 5 (Arsuaga & *alii*, 2012; Álvarez-Lao & *alii*, 2013; Blain & *alii*, 2014), a antiguidade da ocupação humana no vale do rio Lozoya (Arsuaga & *alii*, 2010) e a competição pela ocupação do espaço entre humanos e *Crocota crocuta* (Arsuaga & *alii*, 2011).

3.1.2. Abrigo de Navalmaíllo

O Abrigo de Navalmaíllo foi descoberto em 2002 e encontra-se a cerca de 8 metros acima do leito de Navalmaíllo, um afluente do rio Lozoya. Trata-se de um abrigo rochoso com uma área de cerca de 300 m² onde a escavação actual cobre cerca de 60m². O Nível F corresponde ao principal nível de ocupação Neandertal, selado e parcialmente preservado

pelo colapso da cornija do abrigo. De acordo com as datações por termoluminescência, o Nível F situa-se durante o MIS 5a-MIS4 (Tabela 1). A indústria lítica corresponde a 60% do material arqueológico e os restantes 40% a fauna. Destaca-se ainda as evidências de uso de fogo (Huguet *et alii* 2010; Baquedano *et alii* 2011-2012; Gómez Soler, 2018). Os herbívoros correspondem a elementos de tamanho médio a grande e os táxones mais abundantes estão representados por *bovinae*, *cervidae* e *lagomorpha*. Alguns dos exemplares encontram-se queimados e com marcas de corte (Arriaza & *alii*, 2015; Moclán & *alii*, 2018) e fraturas a fresco que indicam o consumo de carne e aproveitamento de tutano (Herránz, 2017). A indústria lítica caracteriza-se pela intensa utilização do quartzo (80%) com produtos tendencialmente de pequenas dimensões (Márquez & *alii*, 2013, 2016). Além do quartzo, são exploradas outras matérias-primas disponíveis localmente em proporções menores como pórfiros (2%) e quartzito (2%) (Abrunhosa & *alii*, 2014). O cherte corresponde a cerca de 10% do conjunto lítico e a sua provável origem encontra-se em estudo (Abrunhosa & *alii*, 2017a, 2020).

3.1.3. Cueva de la Buena Pinta

A Cueva de la Buena Pinta é uma gruta com entrada a poucos metros a SW do Abrigo de Navalmaíllo composta por um amplo vestíbulo e um corredor com cerca de 10 metros de extensão. Foi descoberta em 2003 e trata-se de uma cavidade usada principalmente como covil de hienas. As datações dos níveis 1 a 5 (tabela 1) colocam o sítio entre o MIS 4 e início do MIS3 (Laplana & *alii*, 2016). As alterações na macrofauna indicam a actividade de grandes

carnívoros, possivelmente hienas que alternariam a ocupação da cavidade pontualmente com grupos humanos, como são exemplo as marcas de corte presentes na fauna do nível 23, a presença dispersa de líticos semelhantes às tipologias presentes no Abrigo de Navalmaíllo com maior densidade nos níveis 5 e 23 e dois molares de *Homo neanderthalensis* encontrados no Nível 3 (Huguet & alii, 2010; Arsuaga & alii, 2011; Baquedano & alii, 2012). É especialmente importante o conjunto de microfauna, destacando-se a presença de *Microtus oeconomus*, *Microtus gregalis* e *Chionomys nivalis* (Laplana & alii, 2013, 2015, 2016; Blain & alii, 2014) Madrid, Spain. Juntamente com os estudos palinológicos (Ruiz Zapata & alii, 2008) e os restantes dados paleontológicos, a Cueva de la Buena Pinta tem fornecido dados consideráveis para a reconstrução paleoambiental do vale, em particular sobre as flutuações climáticas neste ambiente montanhoso durante o final do MIS 5 e inícios do MIS 4, correspondentes à transição entre os Níveis 5 a 7 (Blain & alii, 2014).

3.1.4. Cueva Des-Cubierta

A Cueva Des-Cubierta foi descoberta no ano de 2009 e desde então tem sido alvo de campanhas arqueológicas. Trata-se de um sistema cársico colapsado que foi ocupado em diversos momentos por grupos Neandertais. Por ser o sítio descoberto mais recentemente, o conjunto de dados publicados é ainda escasso e espera-se que num futuro próximo sejam comunicadas datações e resultados de estudos em curso (Baquedano *et alii* 2016). De entre as temáticas gerais que percorrem todos os sítios do complexo arqueológico de Pinilla del Valle, referidas anteriormente (estudo de tecnologia lítica, tafonomia, geomorfologia e formação de sítios, entre outros), estão também em estudo a distribuição espacial do conjunto de materiais arqueológicos (Villaescusa Fernández, 2018) e o uso de fogo pelos Neandertais (Gómez Soler, 2018).

4. MATÉRIAS-PRIMAS LÍTICAS DE PINILLA DEL VALLE – O QUARTZO COMO MATÉRIA-PRIMA PRINCIPAL

Os dados quanto ao uso e exploração das matérias-primas líticas nos sítios de Pinilla del Valle aqui apresentados são de carácter preliminar e encontram-se em fase de estudo (Abrunhosa & alii, 2017a).

Os sítios do Calvero de la Higuera apresentam um conjunto de características que os distinguem de outras áreas ocupadas entre o Plistoceno Médio e Final na Península Ibérica: 1) têm uma posição geográfica central onde a maioria dos sítios conhecidos da mesma cronologia estão localizados ao longo da costa; 2) possuem uma grande variedade de matérias-primas líticas; 3) há um uso de quartzo (cerca de 80% do conjunto lítico) com tendência para utensílios versáteis, de pequenas dimensões e intensamente utilizados, como demonstraram as análises de uso e desgaste (Márquez & alii, 2013, 2016); 4) diversidade de sítios e ambientes de ocupação (gruta e abrigo) no mesmo contexto geológico com aparentes usos distintos durante um longo período de tempo (Tabela 1).

Relativamente às matérias-primas, o quartzo é o material mais explorado em todos os sítios arqueológicos do complexo do Calvero de la Higuera. É também o recurso pétreo mais comum na Serra de Guadarrama e por consequência, no vale do rio Lozoya. Estima-se de momento que cerca de 95% das rochas presentes no conjunto lítico de Pinilla del Valle sejam de origem local, encontrando-se os afloramentos ou filões a uma distância média de 5km em linha recta dos sítios arqueológicos. No entanto, há que ter em conta o acesso a estes materiais que pode ser condicionado pela altitude, vegetação e, dependendo do momento climático, por outras condições ambientais como maior caudal das linhas de água ou presença de massas de gelo. O mesmo vale é rico em linhas de água secundárias que transportam as matérias-primas da sua posição primária para as proximidades dos sítios arqueológicos. Os materiais recolhidos em posição secundária neste contexto correspondem a meno-

res custos energéticos de aquisição e redução do tempo gasto no abastecimento de material talhável o que tem especial importância em ambientes montanhosos como é o caso da Serra de Guadarrama. Pelos motivos indicados, a maioria dos materiais, ainda que de origem local terão sido recolhidos em posição secundária.

As questões levantam-se relativamente à viabilidade da exploração intensiva do quartzo num contexto adaptativo e de sobrevivência. Tradicionalmente, o quartzo tem sido considerado um material de menor qualidade. É uma das rochas mais comuns na superfície da Terra, em numerosos contextos geológicos, e pode aparecer em muitas cores e hábitos cristalinos diferentes. Os padrões de fratura podem variar entre concoidal e irregular. Tais características têm sido, no entanto, associadas a uma tecnologia arcaica devido à sua aparência informal e à dificuldade em associar os seus padrões à tipologia estabelecida. A conclusão usual é que o quartzo macrocristalino granular é usado para preencher a escassez de outras variedades criptocristalinas associadas a melhores características de talhe e uma maior qualidade das arestas de corte.

Para entender qual a economia de exploração dos recursos pétreos pelos Neandertais no centro da Península Ibérica, tendo como caso de estudo os sítios arqueológicos de Pinilla del Valle, foi desenhado um projecto de investigação que pretende responder às questões ligadas 1) à origem das matérias primas, 2) às estratégias de exploração de recursos e mobilidade na paisagem, 3) o como e porquê do uso intensivo do quartzo e por último 4) o entendimento dos processos de adaptação tecnológica.

Para responder a algumas questões, recorreu-se a novas ferramentas da Era Digital. Os projectos DIY – *Do It Yourself* – têm aumentado nos últimos anos devido ao acesso a ferramentas editáveis de uso livre. Neste contexto, para a realização das prospecções na Serra de Guadarrama foi realizada uma aplicação de telemóvel para sistema Android – *ArcheoSurvey - Raw Materials Edition* (Abrunhosa & *alii*, 2017b). Esta reúne várias funcionalidades já existentes num smartphone comum, com a qual é

possível realizar uma base de dados de locais prospectados e amostras recolhidas *on-the-go* a custos muito reduzidos.

Paralelamente, queríamos entender se havia alguma desvantagem no desempenho do quartzo quando comparado com outros materiais comumente usados no Paleolítico Médio da Península Ibérica como o quartzito e o sílex. Para perceber se estamos ou não perante um processo de adaptação a qualquer tipo de restrição que pode estar presente durante o uso do quartzo recorreu-se à Arqueologia Experimental. Foram realizados projectos de talhe experimental de quartzo do vale do Lozoya (Abrunhosa & *alii*, 2018) e testes de variabilidade de resistência de lascas de diferentes matérias-primas (Abrunhosa & *alii*, 2019). Estes trabalhos foram apresentados recentemente em congressos e encontram-se em fase de publicação.

5. CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS DE FUTURO

O estudo do aprovisionamento de matérias-primas líticas no centro da Península Ibérica é um tema de investigação que carece ainda de dados devido à recente alteração de paradigma de um centro montanhoso desertificado durante o Paleolítico Médio para o reconhecimento de uma ocupação continua deste o MIS 5 ao MIS 3. Neste contexto, de entre o pequeno conjunto de sítios conhecidos na actualidade, os sítios localizados no Calvero de la Higuera são de grande importância para entender a ocupação do território Neandertal, as estratégias de exploração da paisagem, a exploração de recursos e as suas capacidades cognitivas.

O vale do rio Lozoya apresenta todos os recursos necessários a baixo custo para o estabelecimento de grupos Neandertais de forma mais ou menos intensiva, mas sempre continuada como o comprovam as diferentes datações e potências arqueológicas dos vários sítios concentrados no Calvero de la Higuera. Dispunham de água fresca, local de abrigo, diferentes fontes de alimentação e recursos líticos exploráveis. O estudo em curso sugere que

estamos perante uma adaptação tecnológica às características mecânicas de diferentes materiais. Estudos interdisciplinares apoiados em projetos experimentais com dados comparáveis e replicáveis, juntamente com a determinação das áreas fonte de materiais líticos talháveis explorados pelos grupos Neandertais que ocuparam Pinilla del Valle permitirão uma primeira aproximação ao conhecimento dos padrões de mobilidade e processos de adaptação no centro da Península Ibérica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o apoio e orientação do Professor Doutor Nuno Bicho (UAlg) e do Doutor Enrique Baquedano (MAR). Este trabalho é possível graças à Bolsa de Doutoramento (SFRH/BD/110511/2015) concedida pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia e ao apoio de uma Dissertation Fieldwork Grant financiada pela Wenner-Gren Foundation para o projecto “Raw Material Procurement Strategies from Pinilla del Valle’s Neanderthals”. Obrigada especialmente a todas as pessoas que fazem parte da Equipa de Investigação de Pinilla del Valle e aos Doutores Telmo Pereira, M. A. Bustillo e José Manuel Maíllo-Fernández que auxiliaram nas diferentes fases de trabalho de campo e laboratório.

BIBLIOGRAFIA

ABRUNHOSA, Ana, BUSTILLO, Maria Ángeles, PEREIRA, Telmo, MÁRQUEZ, Belén, PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo, ARSUAGA, Juan Luis, BAQUEDANO, Enrique (2020) – Petrographic and SEM-EDX characterization of Mousterian white/beige chert tools from the Navalmaíllo rock shelter (Madrid, Spain). *Geoarchaeology*. In press. DOI: 10.1002/geoa.21811

ABRUNHOSA, Ana, PEREIRA, Telmo, MÁRQUEZ, Belén, BAQUEDANO, Enrique, ARSUAGA, Juan Luis, PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo (2019) – Understanding Neanderthal technological adaptation at Navalmaíllo Rock Shelter (Spain) by measuring lithic raw materials performance variability. *Archaeological and Anthropological Sciences*. 1(11) 5949-5962. doi: 10.1007/s12520-019-00826-3

ABRUNHOSA, Ana, MÁRQUEZ, Belén, MAÍLLO-FERNANDEZ, José-Manuel; MARTÍN-PEREA, David Manuel; ARSUAGA, Juan Luis; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; BAQUEDANO, Enrique (2018) – What does size mean? Searching for reasons for small tools in

Navalmaíllo Rock Shelter by experimenting with quartz knapping from the Lozoya river valley (Madrid, Spain). Comunicação oral: Session XVI-5. The search of small tools by Neanderthals populations in Western Europe. 18th UISPP – Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques – World Congress – 4 a 9 junho. Université Sorbonne. Paris.

ABRUNHOSA, Ana; BAQUEDANO, Enrique; MÁRQUEZ, Belén; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; ARSUAGA, Juan Luis (2017a) – Neanderthal raw material procurement strategies Spatial analysis of lithic resources available in the Lozoya river valley (Madrid-Spain). Poster. 6th Annual Meeting of the European Society for the Study of Human Evolution. Leiden, The Netherlands.

ABRUNHOSA, Ana; CASCALHEIRA, JOÃO; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; ARSUAGA, Juan Luis; BAQUEDANO, Enrique; (2017b) – The use of digital mobile technologies for geoarchaeological survey: the example of the Pinilla del Valle raw material project. In JENNINGS, Benjamin; GAFFNEY, Christopher; SPARROW, Thomas; GAFFNEY, Sue, eds. – *AP2017: 12th International Conference of Archaeological Prospection*. 12th-16th September 2017: University of Bradford. Archeopress, pp. 1-4. ISBN: 978178491 6770.

ABRUNHOSA, Ana; MÁRQUEZ, Belén; BAQUEDANO, Enrique; BICHO, Nuno; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; ARSUAGA, Juan Luis (2014) – Raw Material Study of the Mousterian Lithic Assemblage of Navalmaíllo Rockshelter (Pinilla Del Valle, Spain): preliminary results. *Estudios do Quaternário*. 11(4): 19-25.

ALCARAZ-CASTAÑO, Manuel; ALCOLEA-GONZÁLEZ, Javier; KEHL, Martin; ALBERT, Rosa-María; BAENA-PREYSLER, Javier; de BALBÍN-BEHRMANN, Rodrigo; CUARTERO, Felipe; CUENCA-BESCÓS, Gloria; JIMÉNEZ-BARREDO, Fernando, LÓPEZ-SAÉZ, José-Antonio; PIQUÉ, Raquel; RODRÍGUEZ-ANTÓN, David; YRAVEDRA, José; WENIGER, Gerd-Christian (2017a) – A context for the last Neanderthals of interior Iberia: Los Casares cave revisited. *PLoS One*. 12: 1-54. doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0180823>.

ALCARAZ-CASTAÑO, Manuel; ALCOLEA-GONZÁLEZ, Javier, WENIGER, Gerd-Christian; BAENA-PREYSLER, Javier; de BALBÍN-BEHRMANN, Rodrigo; CUARTERO, Felipe; KEHL, Martin; LÓPEZ-SAÉZ, José-Antonio; PIQUÉ, Raquel; YRAVEDRA, José (2016) – Neanderthal adaptations in Central Iberia: a multi-proxy investigation of the Middle Paleolithic site of Peña Cabra, Guadalajara, Spain. In: *Proceedings of the European Society for the Study of Human Evolution: Pecha Kucha Presentation*. Session VI. 5th ESHE, Madrid.

ALCARAZ-CASTAÑO, Manuel; LÓPEZ-RECIO, MARIO; TAPIAS, Fernando; CUARTERO, Felipe; BAENA-PREYSLER, Javier; RUIZ-ZAPATA, Blanca; MORÍN, Jorge; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; SANTONJA, Manuel (2017b) – The human settlement of Central Iberia during MIS 2: New technological, chronological and environmental data from the Solutrean. *Quaternary International*. 431: 104-124. doi: 10.1016/j.quaint.2015.06.069.

- ALCARAZ-CASTAÑO, Manuel; WENIGER, Gerd-Christian (2016) – Testing population hiatuses in the Last Pleistocene of Central Iberia: a geoarchaeological approach. Poster. *57th Annual Meeting of the Hugo Obermaier-Gesellschaft*. pp. 7-11 Abril, 2015. Heidenheim, Germany.
- ALFÉREZ, F.; MOLERO, G.; MALDONADO, E.; BUSTOS, V.; BREA P.; BUITRAGO, A.M. (1982) – Descubrimiento del primer yacimiento cuaternario (Riss-Würm) de vertebrados con restos humanos en la provincia de Madrid (Pinilla del Valle). *COLPA, Coloquios Paleontología*, 37: 15-32. Editorial Universidad Complutense, Madrid.
- ALFEREZ, F.; ROLDÁN, B. (1992) – Un molar humano Anteneandental con patología traumática procedente del yacimiento cuaternario de Pinilla del Valle (Madrid). *MUNIBE (Antropología – Arkeologia)*. 8: 183-188.
- ÁLVAREZ-ALONSO, D.; ANDRÉS-HERRERO, M.; DÍEZ-HERRERO, A.; MEDIALDEA, A.; ROJO-HERNÁNDEZ, J. (2016) – Neanderthal settlement in Central Iberia: Geo-archaeological research in Abrigo del Molino site, MIS 3 (Segovia, Iberian Peninsula). *Quaternary International*, 474: 85-97. doi: 10.1016/j.quaint.2016.05.027.
- ÁLVAREZ-ALONSO, D.; ANDRÉS-HERRERO, M.; DÍEZ-HERRERO, A.; ROJO-HERNÁNDEZ, J. (2014) – El abrigo del molino (Segovia, España). Un nuevo yacimiento musteriense en el interior de la Península Ibérica. *Actas de las III Jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero*, 2013, 3: 17-29.
- ÁLVAREZ-LAO, Diego J.; ARSUAGA, Juan Luis; BAQUEDANO, Enrique; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo (2013) – Last Interglacial (MIS 5) ungulate assemblage from the Central Iberian Peninsula: The Camino Cave (Pinilla del Valle, Madrid, Spain). *PALAEOPalaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*. 374: 327-337. doi: 10.1016/j.palaeo.2013.01.025.
- ANDREEVA, P.; STEFANOVA, E.; GUROVA, G. (2014) – Chert Raw materials and Artefacts from NE Bulgaria: A Combined Petrographic and LA-ICPMS study. *Journal of Lithic Studies*. 1(2): 25-45.
- ARRIAZA, M.C.; HUGUET, R.; LAPLANA, C.; PÉREZ-GONZÁLEZ, A.; ARSUAGA, J. L.; BAQUEDANO, E. (2015) – Lagomorph predation represented in a middle Palaeolithic level of the Navalmaíllo Rock Shelter site (Pinilla del Valle, Spain), as inferred via a new use of classical taphonomic criteria. *Quaternary International*. 436 (Part A):294-306. doi: 10.1016/j.quaint.2015.03.040.
- ARRIZABALAGA, Alvaro; CALVO, Aitor; ELORRIETA, Irantzu; TAPIA, Jesús; TARRIÑO, Andoni (2014) – Where to and what for?: Mobility patterns and the management of lithic resources by Gravettian hunter-gatherers in the Western Pyrenees. *Journal of Anthropological Research*. 70: 233-261. doi: 10.3998/jar.0521004.0070.204.
- ARSUAGA, Juan Luis; BAQUEDANO, Enrique; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; SALA, Nohemi; GARCÍA, Núria; ÁLVAREZ-LAO, Diego; LAPLANA, César; HUGUET, Rosa; SEVILLA, Paloma; BLAIN, Hugues-Alexandre; QUAM, Rolf; RUIZ ZAPATA, María Blanca; SALA, Pilar; GIL GARCÍA, María José; UZQUIANO, Paloma; PANTOJA, Ana (2010) – El yacimiento kárstico del Pleistoceno Superior de la Cueva del Camino en el Calvero de la Higuera (Pinilla del Valle, Madrid). In Actas de la 1ª Reunión de científicos sobre cubiles de hiena (y otros grandes carnívoros) en los yacimientos arqueológicos de la Península Ibérica. *Zona arqueológica*. Museo Arqueológico Regional: Alcalá de Henares. 13: 348-368.
- ARSUAGA, Juan Luis; BAQUEDANO, Enrique; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; SALA, Nohemi; QUAM, Rolf; RODRÍGUEZ, Laura; GARCÍA, Rebeca; GARCÍA, Nuria; ÁLVAREZ-LAO, Diego; LAPLANA, César; HUGUET, Rosa; SEVILLA, Paloma; MALDONADO, Enrique; BLAIN, Hugues-Alexandre; RUIZ ZAPATA, María Blanca; SALA, Pilar; GIL GARCÍA, María José; UZQUIANO, Paloma; PANTOJA, Ana; MÁRQUEZ, Belén (2012) – Understanding the ancient habitats of the last-interglacial (late MIS 5) Neanderthals of central Iberia: Paleoenvironmental and taphonomic evidence from the Cueva del Camino (Spain) site. *Quaternary International*. 275:55–75. doi: 10.1016/j.quaint.2012.04.019.
- ARSUAGA, Juan Luis; BAQUEDANO, Enrique; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo (2011) - Neanderthal and Carnivores occupation in Pinilla del Valle sites (Community of Madrid, Spain). In: Oosterbeek, L.; Fidalgo, C. eds. – *Proceedings of the XV World Congress UISPP: Lisbon, 4-9 September 2006*, BAR International. Archaeopress, pp. 4-9.
- AUBRY, Thierry (2005) – Étude de l’approvisionnement en matières premières lithiques d’ensembles archéologiques: Remarques méthodologiques et terminologiques. In: VIALOU, D.; RENAULT-MISKOVSKY, J. eds. – *Comportements des hommes du Paléolithique moyen et supérieur en Europe: territoires et milieux*, Actes du Colloque du G.D.R. 1945 du CNRS (Paris, 8-9 January 2003). ERAUL, Liège, pp. 87-99.
- AUBRY, Thierry; MANGADO, J.; FULLOLA, J.M.; ROSALL, L.; SAMPAIO, J. D. (2004) – The raw material procurement at the Upper Palaeolithic settlements of the Côa Valley (Portugal): new data concerning modes of resource exploitation in Iberia. In SMYNTYNA, O. V. ed. – *The Use of Living Space in Prehistory: Papers from a session held at the European Association of Archaeologists Sixth Annual Meeting in Lisbon 2000*. Oxford: Archaeopress (BAR International Series; 1224), pp. 37-50.
- BAENA-PREYSLER, Javier; POLO, José; BÁREZ-CUETO, Sérgio; CUARTERO, Felipe; ROCA, Marta; LÁZARO LÁZARO, Ana; NEBOT, Ana; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; PÉREZ, Teresa; RUS, Inmaculada; RUBIO, Daniel; MARTÍN-PUIG, Diego; MANZANO, Carmen; GONZÁLEZ, Iván; MÁRQUEZ, Raúl (2008) – Tecnología musteriense en la región madrileña: un discurso enfrentado entre valles y páramos de la Meseta sur. *Treballs d’Arqueologia*. 14: 249-278.

- BAQUEDANO, Enrique; MÁRQUEZ, Belén; LAPLANA, César; ARSUAGA, Juan Luis; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo (2014) – Los Yacimientos arqueológicos de Pinilla del Valle (Madrid, España). In SALA RAMOS, Robert; CARBONELL i ROURA, Eudald; BERMÚDEZ DE CASTRO, José María; ARSUAGA, Juan Luis (coord.) – *Los cazadores recolectores del Plesitoceno y del Holoceno en Iberia y el Estrecho Gibraltar un estado actual del Conocimiento del registro Arqueológico*. pp. 577-585. ISBN: 978-84-92681-85-3.
- BAQUEDANO, Enrique; MÁRQUEZ, Belén; LAPLANA, César; Gómez, Juan; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; ARSUAGA, Juan Luis (2015) – Creación y musealización del Parque Arqueológico del Calvero de la Higuera (Pinilla del Valle, Comunidad de Madrid), en el Valle Alto del Lozoya: El Valle de los Neandertales. *Espacio Tiempo y Forma...* 8: 55-179. doi: <http://dx.doi.org/10.5944/etfi.8.2015.15604>.
- BAQUEDANO, Enrique; MÁRQUEZ, Belén; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; MOSQUERA, Marina; HUGUET, Rosa; ESPINOSA, Juan A.; SÁNCHEZ-ROMERO, Laura; PANERA, Joaquín; ARSUAGA, Juan Luis (2012) – Neandertales en el valle del Lozoya: los yacimientos paleolíticos del Calvero de la Higuera (Pinilla del Valle, Madrid). *Mainake*. 33: 83-100. ISSN: 0212-078-X.
- BAQUEDANO, Enrique; MÁRQUEZ, Belén; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; MOSQUERA, Marina; HUGUET, Rosa; ESPINOSA, Jose Antonio; SÁNCHEZ-ROMERO, Laura; PANERA, Joaquín; ARSUAGA, Juan Luis (2011-2012) – Neandertales en el Valle del Lozoya: los yacimientos paleolíticos del Calvero de la Higuera (Pinilla del Valle, Madrid), Neandertales en Iberia: Últimos avances en la investigación del Paleolítico Medio Ibérico. *Mainake XXXIII*: 83-100.
- BICHO, Nuno; CARVALHO, António F.; GONZÁLEZ-SAINZ, Cesar; SANCHIDRIÁN, Jose Luis; VILLAVARDE, Valentín; STRAUSS, Lawrence G. (2007) – The Upper Paleolithic Rock Art of Iberia The Upper Paleolithic Rock Art of Iberia. *Journal of Archaeological Method and Theory*. 14: 81-151. doi: [10.1007/s10816-007-9025-5](https://doi.org/10.1007/s10816-007-9025-5).
- BIRÓ, K.T. (2008) – Comparative Raw Material Collections in Support of Petroarchaeological Studies: an Overview. *Papers in honour of Viola T. Dobosi*. pp. 225-244.
- BIRÓ, K.T.; DOBOSI, V.T. (1991) – *LITHOTHECA II: comparative raw material collection of the Hungarian National Museum*. Hungarian National Museum. Budapest. pp. 268.
- BLAIN, Hugues-Alexandre; LAPLANA, César; SAVILLA, Paloma; ARSUAGA, Juan Luis; BAQUEDANO, Enrique; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo (2014) – MIS 5/4 transition in a mountain environment: Herpetofaunal assemblages from Cueva del Camino, central Spain. *Boreas*. 43: 107-120. doi: [10.1111/bor.12024](https://doi.org/10.1111/bor.12024).
- CARRASCO Rosa M.; PEDRAZA, Javier de; WILLENBRING, Jane K.; KARAMPAGLIDIS, Theodoros; SOTERES, Rodrigo L.; MARTÍN-DUQUE, José F. (2017) – Morfología glaciar del Macizo de Los Pelados-El Nevero (Parque Nacional de la Sierra de Guadarrama). Nueva interpretación y cronología. *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural: Sección Geología*. 110: 46-66.
- CRANDELL, Otis (2009) – Romanian Lithotheque Project: Knappable stone resources in the Mureş Valley, Romania. *Studia Universitatis Babeş-Bolyai, Geologia. Special Issue MAEGS*. 16: 79-80.
- DE LA TORRE, Ignacio; MARTÍNEZ-MORENO, JORGE; MORA, Rafael (2013) – Change and Stasis in the Iberian Middle Paleolithic. *Current Anthropology. Current Anthropology. Special Issue: Alternative Pathways to Complexity: Evolutionary Trajectories in the Middle Paleolithic and Middle Stone Age (December 2013)*. 54 (S8): S320-S336. doi: [10.1086/673861](https://doi.org/10.1086/673861).
- DE LA TORRE, M.; LE BOURDONNEC, F.-X.; GRATUZE, B.; DOMINGO, R.; GARCÍA-SIMÓN, L. M.; MONTES, L.; MAZO, C.; UTRILLA, P. (2017) – Applying ED-XRF and LA-ICP-MS to geochemically characterize chert. The case of the Central-Eastern Pre-Pyrenean lacustrine cherts and their presence in the Magdalenian of NE Iberia. *Journal of Archaeological Science: Reports*. 13: 88-98.
- EKSHAIN, Ravid; MALINSKY-BULLER, Ariel; ILANI, Shimon; SEGAL, Irina; HOVERS, Erella (2014) – Raw material exploitation around the middle paleolithic site of 'EinQashish. *Quaternary International*. 331:248-266. doi: [10.1016/j.quaint.2013.07.025](https://doi.org/10.1016/j.quaint.2013.07.025)
- EREN, Metin I.; LYCETT, Stephen J.; PATTEN, Robert J.; BUCHANAN, Briggs; PARGETER, Justin; O'BRIEN, Michael J. (2016) – Test, Model, and Method Validation: The Role of Experimental Stone Artifact Replication in Hypothesis-driven Archaeology. *Ethnoarchaeology*. 8(2):103-136. doi: [10.1080/19442890.2016.1213972](https://doi.org/10.1080/19442890.2016.1213972).
- EREN, Metin I.; LYCETT, Stephen J.; ROOS, Christopher I.; SAMPSON, C. Garth (2011) – Toolstone constraints on knapping skill: Levallois reduction with two different raw materials. *Journal of Archaeological Science*. 38: 2731-2739. doi: [10.1016/j.jas.2011.06.011](https://doi.org/10.1016/j.jas.2011.06.011).
- FERNANDES, PAUL; RAYNAL, Jean-Paul; MONCEL Marie-Hélène (2008) – Middle Palaeolithic raw material gathering territories and human mobility in the southern Massif Central, France: first results from a petro-archaeological study on flint. *Journal of Archaeological Science*. 35:2357-2370. doi: [10.1016/j.jas.2008.02.012](https://doi.org/10.1016/j.jas.2008.02.012).
- FERNÁNDEZ PERIS, Josep; BARCIELA GONZÁLEZ, Virginia; BLASCO LÓPEZ, Ruth; CUARTERO MONTEAGUDO, Felipe; SAÑUDO DIE, Pablo (2008) – El Paleolítico Medio en el territorio valenciano y la variabilidad tecno-económica de la Cova del Bolomor. *Treballs d'Arqueologia*. 14: 141-169.

- FINLAYSON, CLIVE; GILES PACHECO, Francisco; RODRÍGUEZ-VIDAL, Joaquín; FA, Darren A.; GUTIERREZ LÓPEZ, José María; SANTIAGO PÉREZ, Antonio; FINLAYSON, Geraldine; ALLUE, Ethel; BAENA-PREYSLER, Javier; CÁCERES, Isabel; CARRIÓN, José S.; FERNÁNDEZ JALVO, Yolanda; GLEED-OWEN, Christopher P.; JIMENEZ ESPEJO, Francisco; LÓPEZ, Pilar; LÓPEZ SAÉZ, José António; RIQUELME CANTAL, José António; SÁNCHEZ MARCO, António; GILES GUZMAN, Francisco; BROWN, Kimberly; FUENTES, Noemí; VALARINO, Claire A.; VILLALPANDO, António; STRINGER, Christopher B.; MARTINEZ RUIZ, Francisca; SAKAMOTO, Tatsuhiro (2006) – Late survival of Neanderthals at the southernmost extreme of Europe. *Nature*. 443 (7113): 850-853. doi: 10.1038/nature05195.
- GENESTE, Jean-Michel (1985) – *Analyse Lithique d'industries moustériennes du Périgord: une approche technologique du comportement des groupes Humains au Paleolithique Moyen*. Tese de Doutoramento. Université de Bordeaux I.
- GENESTE, Jean-Miche (1991) – L'approvisionnement en matieres premieres dans les systemes de production lithique: La dimension spatiale de la technologie. *Treballs d'Arqueologia*. 1: 15-18.
- GÓMEZ SOLER, Sandra (2018) – *Presencia de fuego en la Cueva Des-Cubierta (Pinilla del Valle, Madrid): evidencias de su utilización en un yacimiento del paleolítico medio en el interior peninsular*. Dissertação de Mestrado. Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- GOODALE, Nathan; ANDREFSKY, William (2015) – *Lithic Technological Systems and Evolutionary Theory*. Cambridge University Press. pp. 297. ISBN: 9788578110796.
- HERRÁNZ, Darío (2017) – Análisis zooarqueológico y tafonómico del nivel C del Abrigo de Navalmaillo (Pinilla del Valle, Madrid). Dissertação para obtenção do grau de Mestre. Universidad Rovira i Virgili, Tarragona, Espanha.
- HISCOCK, Peter (2009) – Reduction, Recycling, and Raw Material Procurement in Western Arnhem Land, Australia. Chapter 6. In ADAMS, Brian; BLADES, Brooke S. (Ed). *Lithic Materials and Paleolithic Societies*. Blackwell Publishing Lda. pp. 78-93. doi: 10.1002/9781444311976.ch6.
- HUGUET, Rosa; ARSUAGA, Juan Luis; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; ARRIAZA, Mari Carmen; SALA BURGOS, M. Teresa N.; LAPLANA, César; SEVILLA, Paloma; GARCÍA, Núria; ÁLVAREZ-LAO, Diego; BLAIN, Hugues Alexandre; BAQUEDANO, Enrique (2010) – Homínidos y hienas en el Calvero de la Higuera (Pinilla del Valle, Madrid) durante el Pleistoceno superior. Resultados preliminares. In Actas de la 1ª Reunión de científicos sobre cubiles de hiena (y otros grandes carnívoros) en los yacimientos arqueológicos de la Península Ibérica. *Zona arqueológica*. Museo Arqueológico Regional: Alcalá de Henares. 13: 445-458. ISBN 978-84-451-3318-7.
- KARAMPAGLIDIS, Theodoros (2014) – *La Evolución Geomorfológica de la Cuenca de Drenaje del Río Lozoya (Comunidad de Madrid, España)*. Tese para a obtenção do grau de Doutor. Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Ciencias Geológicas.
- KEHL, Martin; BUROW, Christoph; HILGERS, Alexandra; NAVAZO, Marta; PASTOORS, Andreas; WENIGER, Gerd-Christian; WOOD, Rachel; JORDÁ PARDO, Jesús F. (2013) – Late Neanderthals at Jarama VI (central Iberia)? *Quaternary Research*. 80: 218-234. doi: 10.1016/j.yqres.2013.06.010.
- KNUTSSON, Helena; KNUTSSON, Kjel; MOLIN, Fredrik; ZETTERLUND, Peter (2016) – From flint to quartz: Organization of lithic technology in relation to raw material availability during the pioneer process of Scandinavia. *Quaternary International*. 424: 32-57. doi: 10.1016/j.quaint.2015.10.062.
- LAPLANA, César; BLAIN, Hugues Alexandre; SEVILLA, Paloma; ARSUAGA, Juan Luis; BAQUEDANO, Enrique; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo (2013) – Un assemblage de petits vertébrés hautement diversifié de la fin du MIS 5 dans un environnement montagnard au centre de l'Espagne (Cueva del Camino, Pinilla del Valle, Comunidad Autónoma de Madrid). *Quaternaire*. 24: 207-216.
- LAPLANA, César; SEVILLA, Paloma; ARSUAGA, Juan Luis; ARRIAZA, Mari Carmen; BAQUEDANO, Enrique; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; LÓPEZ-MARTÍNEZ, Nieves (2015) – How far into Europe did pikas (lagomorpha: Ochotonidae) go during the pleistocene? New evidence from central iberia. *PLoS One*. 10: 1-17. doi: 10.1371/journal.pone.0140513.
- LAPLANA, César; SEVILLA, Paloma; BLAIN, Hugues Alexandre; ARRIAZA, Mari Carmen; ARSUAGA, Juan Luis; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; BAQUEDANO, Enrique (2016) – Cold-climate rodent indicators for the Late Pleistocene of Central Iberia: New data from the Buena Pinta Cave (Pinilla del Valle, Madrid Region, Spain). *Comptes Rendus – Palevol*. 15: 696-706. doi: 10.1016/j.crpv.2015.05.010.
- LIRITZIS, Ioannis; ZACHARIAS, Nikolaos (2011) – X-Ray Fluorescence Spectrometry (XRF) in Geoarchaeology Portable XRF of Archaeological Artifacts: Current Research, Potentials and Limitations. Chapter 6. In SHACKLEY, M. Steven (ed) *X-Ray Fluorescence Spectrometry (XRF) in Geoarchaeology*. Springer Science+Business Media. pp. 109-142 doi: 10.1007/978-1-4419-6886-9.
- LOMBERA-HERMIDA, Arturo de (2008) – Quartz morphostructural groups and their mechanical implications. *Annali dell'Università degli Studi di Ferrara Museologia Scientifica e Naturalistica*. Special Volume. ISSN 1824-2707.
- MANNINEN, Mikael A., KNUTSSON, Kjel (2014) - Lithic raw material diversification as an adaptive strategy - Technology, mobility, and site structure in Late Mesolithic northernmost Europe. *Journal*

of *Anthropological Archaeology*. 33:84–98. DOI 10.1016/j.jaa.2013.12.001.

MARKS, Anthony E.; SHOKER, Jeff; ZILHÃO, João (1991) – Raw Material Usage in the Paleolithic: The Effects of Local Availability on Selection and Economy. *Raw Mater Economy among Prehistoric Hunter-Gatherers. Publications in Anthropology*. 19: 127-140.

MÁRQUEZ, Belén; BAQUEDANO, Enrique; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; ARSUAGA, Juan Luis (2016) – Microwear analysis of Mousterian quartz tools from the Navalmaillo Rock Shelter (Pinilla del Valle, Madrid, Spain). *Quaternary International*. 424:84–97. doi: 10.1016/j.quaint.2015.08.052

MÁRQUEZ, Belén; MOSQUERA, Marina; BAQUEDANO, Enrique; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; PANERA, Joaquín; ESPINOSA, Juan A. (2013) – Evidence of a Neanderthal-Made Quartz-Based Technology At Navalmaillo Rockshelter. *Journal of Anthropological Research*. 69 (3): 373-395. doi:10.3998/jar.0521004.0069.306.

MCDONNELL, R. D.; KARS, H.; JANSEN, B. H. (1997) – Petrography and Geochemistry of Flint from Six Neolithic Sources in Southern Limburg (The Netherlands) and Northern Belgium. In RAMOS-MILLÁN, A., BUSTILLO, M. A. (eds.). *Siliceous Rocks and Culture*. Granada. pp. 371-384.

MOCLÁN, Abel; HUGUET, Rosa; MÁRQUEZ, Belén; DOMÍNGUEZ-RODRIGO, Manuel; GÓMEZ-MIGUELSANZ, Cristina; VERGÉS, Josep M.; LAPLANA, César; ARSUAGA, Juan Luis, PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; BAQUEDANO, Enrique (2018) – Cut marks made with quartz tools: An experimental framework for understanding cut mark morphology, and its use at the Middle Palaeolithic site of the Navalmaillo Rock Shelter (Pinilla del Valle, Madrid, Spain). *Quaternary International*. 493: 1-18. doi: 10.1016/j.quaint.2018.09.033.

NIETO-MÁRQUEZ, Irene Ortiz; BAENA-PREYSLER, Javier (2016) – Did stones speak about people? Flint catchment and Neanderthal behavior from Area 3 (Cañaveral, Madrid – Spain). *Quaternary International*. 435 (Part A): 144-163. doi: 10.1016/j.quaint.2016.01.019.

PARGETER, Justin; DE LA PEÑA, Paloma; EREN, Metin I. (2018) – Assessing raw material’s role in bipolar and freehand miniaturized flake shape, technological structure, and fragmentation rates. *Archaeological and Anthropological Sciences*. doi: 10.1007/s12520-018-0647-1.

PEREIRA, Telmo; BENEDETTI, Mike M. (2013) – A model for raw material management as a response to local and global environmental constraints. *Quaternary International*. 318: 19-32. doi: 10.1016/j.quaint.2013.04.011.

PEREIRA, Telmo; MARREIROS, João; MARTINS, R; PAIXÃO, Eduardo (2017) – Mechanical experiments to test quartzite vs chert edge reduction. In: PEREIRA, Telmo; TERRADAS, Xavier; BICHO, Nuno (eds) *The Exploitation of Raw Materials in Prehistory*. Cambridge Scholars Publishing. pp. 613-626.

PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo, KARAMPAGLIDIS, Theodoros; ARSUAGA, Juan Luis; BAQUEDANO, Enrique; BÁREZ, Sergio; GÓMEZ, Juan José; PANERA, Joaquín; MÁRQUEZ, Belén; LAPLANA, César; MOSQUERA, Marina; HUGUET, Rosa; SALA, Pilar; ARRIAZA, Mari Carmen; BENITO, Alfonso; ARACIL, Enrique; MALDONADO, Enrique (2010) – Aproximación geomorfológica a los yacimientos del Pleistoceno Superior del Calvero de la Higuera en el Valle Alto del Lozoya (Sistema Central Español, Madrid). In *Actas de la 1ª Reunión de científicos sobre cubiles de hiena (y otros grandes carnívoros) en los yacimientos arqueológicos de la Península Ibérica. Zona arqueológica*. Museo Arqueológico Regional: Alcalá de Henares. 13: 403-420.

RIOS-GARAZAR, Joseba; EIXEA, Aleix; VILLAVARDE, Valentín (2015) – Ramification of lithic production and the search of small tools in Iberian Peninsula Middle Paleolithic. *Quaternary International*. 361:188–199. doi: 10.1016/j.quaint.2014.07.025.

RISSETTO, John D (2005) – Using lithic procurement strategies to define Magdalenian hunter-gatherer mobility patterns in the Asón Valley of Eastern Cantabria, Spain. In *Actas do IV Congreso de Arqueologia Peninsular*. pp. 481-492.

RUIZ ZAPATA, M. B.; GÓMEZ GONZÁLEZ, C.; GIL GARCÍA, M. J.; PÉREZ-GONZÁLEZ, A.; LÓPEZ-SAÉX, J. A.; ARSUAGA, J. L.; BAQUEDANO, E. (2008) – Evolución de la vegetación durante el Pleistoceno Superior y el Holoceno en el Valle Alto del río Lozoya. Yacimiento arqueopaleontológico de la cueva de la Buena Pinta (Pinilla del Valle, Sistema Central Español). *Geogaceta*. 44: 83-86.

SÁNCHEZ, Marta; REY, Mar; RODRÍGUEZ, Núria; CASADO, Azucena; MEDINA, Bárbara; MANGADO, Xavier (2014) – The LithicUB project: A virtual lithotheque of siliceous rocks at the University of Barcelona. *Journal of Lithic Studies*. 1 (1): 281-292. doi: 10.2218/jls.v1i1.756.

TEHRANI, Jamshid J; RIEDE, Felix (2008) – Towards an archaeology of pedagogy: learning, teaching and the generation of material culture traditions. *World Archaeology*. 40: 316-331. doi: 10.1080/00438240802261267.

TIKOT, Robert H. (2016) – Using Nondestructive Portable X-ray Fluorescence Spectrometers on Stone, Ceramics, Metals, and Other Materials in Museums: Advantages and Limitations. *Applied Spectroscopy*. 70 (1): 42-56. doi: 10.1177/0003702815616745.

TURQ, Alain (2005) – Réflexions méthodologiques sur les études de matières premières lithiques. *PALEO: Revue d’archéologie Pré-historique*. 17: 111-132.

TURQ, Alain (2003) – *De la matière première lithique à la mise au jour de l’objet archéologique: propositions pour une meilleure exploitation du potentiel informatif du matériel lithique illustrées par quelques exemples du Paléolithique aquitain*. Mémoire pour obtenir une Habilitation à diriger des Recherches. Université de Perpignan.

VIDAL-CORDASCO, M.; MATEOS, A.; PRADO-NÓVOA, O.; TERRADILLOS-BERNAL, M.; RODRÍGUEZ, J. (2017) – Shorter arms count: The energetic costs of raw material catchment in a new experimental approach at Sierra de Atapuerca. *Quaternary International*. 433: 179-188. doi: 10.1016/j.quaint.2015.10.012

VILLAESCUSA FERNÁNDEZ, Lucía (2018) – *Una propuesta de registro microespacial en la excavación de yacimientos arqueológicos*. Dissertação de Mestrado. Universidad Autónoma de Madrid, Espanha.

GROUND STONE TOOLS: ANÁLISE FUNCIONAL QUANTITATIVA À ESCALA MACRO E MICROSCÓPICA

Eduardo Paixão^{1,2}, João Marreiros^{1,2}

¹ Laboratory for Traceology and Controlled Experiments (TraCEr), MONREPOS – Archaeological Research Centre and Museum for Human Behavioural Evolution. RGZM. Alemanha / paixao@rgzm.de

² ICArEHB – Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour, Universidade do Algarve, Portugal

Resumo

A investigação em *Ground Stone Tools* (GST) ao longo dos últimos anos, têm demonstrado a sua importância para o estudo da evolução do comportamento humano, tanto ao nível tecnológico como ao nível das estratégias na exploração de recursos.

O registo arqueológico, mostra que estes materiais não são restritos no espaço nem no tempo e podem preservar evidências de variadas actividades, destacando-se assim importância destes materiais para o conhecimento das dinâmicas humanas, tanto ao nível geográfico como diacrónico.

Aqui pretende-se, através de um programa experimental, contribuir para dois desafios metodológicos inerentes ao estudo destes materiais: a) identificação e b) caracterização funcional.

Apresenta-se uma abordagem tecnológica e funcional multi-escala de alta resolução (macro e micro), utilizando ferramentas de análise 3D, para explorar a formação de marcas de impacto em quartzito e grauvaque. Os métodos fazem parte de um projeto de doutoramento em curso, que explora GST do Paleolítico Médio no Levante Mediterrâneo.

Palavras-chave: Ground stone tools, Análise funcional, Experimentação, Análise tridimensional (3D).

Abstract

Studies on Ground Stone Tools (GST) during the last year have been demonstrated their importance for the understanding of human evolution processes, both in term of technology and strategy of resources exploitation.

The archaeological record shows that these tools are not restricted to a specific period or region and can preserve evidence of several activities. This aspect highlights the importance of these materials when comparing human dynamics across different geography and time.

Through the development of an experimental program, this study aims to contribute for two major methodological challenges related with the study of GST: a) identification and b) functional characterization.

Here we present a methodological approach based high-resolution multi-scale analyses (macro and micro), that by using 3D technology tools, explores a formation of impact marks in quartzite and greywacke. The presented methods are part of an ongoing PhD project, that explore GST in the Middle Paleolithic of the Levant.

Keywords: Ground stone tools, Functional analysis, Experimentation, Three-dimensional analysis.

1. INTRODUÇÃO

O que são *Ground Stone Tools* e qual a sua importância no estudo da evolução do comportamento humano?

Por definição, são incluídos neste grupo artefactual, todos os materiais líticos que tenham sido primariamente manufacturados através de mecanismos de abrasão, polimento, ou impacto, ou que eles próprios tenham sido usados para actividade de abrasão, polimentos ou impacto (Adams, 2014). Dentro deste grupo, que é bastante abrangente, aglomerando muitos tipos de actividades, é contudo possível fazer uma sub divisão em três categorias principais: 1) utensílios de processamento, 2) utensílios de produção e 3) elementos simbólicos.

Nos utensílios de processamento incluímos o conjunto de materiais que foram utilizados para processar produtos através de mecanismos de moagem e/ou impactos, tais com moventes e dormentes. Neste grupo estão incluídos materiais de processamento de elementos vegetais (e.g. produção de farinhas), animais (e.g. extração de tutano) e mineiras (e.g. produção de pigmentos). Nos utensílios de produção, incluímos o conjunto de utensílios que foram utilizados na produção de outros utensílios, tais como percutores, ou bigornas utilizadas para o talhe bipolar. A importância do estudo destes materiais para o estudo das comunidades pré-históricas, pode ser justificada por três aspectos principais inerentes a estes materiais: a) as GST têm sido registadas em grande parte da diacronia pré-histórica, b) as GST aparecem no registo arqueológico de uma forma geograficamente muito abrangente e c) este tipo de tecnologia pode ser utilizado para um conjunto alargado de actividades associadas a vários aspectos fundamentais da vida humana (e.g. subsistência, tecnologia, simbolismo).

Recentemente vários investigadores têm vindo a demonstrar o elevado potencial de informação que é possível extrair destes artefactos, revelando que estas peças (e.g. bigornas, percutores, dormentes entre muitas outras) são muitas vezes caracterizadas pela presença de marcas macro e microscópicas,

resultado das várias actividades praticadas pelas comunidades humanas no passado (e.g. Adams, 2002 and 2014; Dubreuil, 2014; Geeske, 2010; Aranguren, 2014; Hayes, 2015; De La Torre & Mora, 2010; Zupancich *et al.*, 2019; Revedin *et al.*, 2010; Pop *et al.*, 2018; Goren-Inbar *et al.*, 2015). Os aspectos indicados reforçam o valor científico destes materiais para comparações de inúmeros padrões do comportamento humano em diferentes contextos arqueológicos no tempo como no espaço.

Nas últimas décadas, paralelamente ao amadurecimento dos estudos tecno-tipológicos, a análise de indústrias líticas ficou marcada pelo desenvolvimento de metodologias auxiliares, como a traceologia e a análise microscópica de resíduos orgânico e inorgânicos, tornando possível agora observar nestes materiais evidências antes “invisíveis” (e.g. Gibaja, 2007; Langelans, 2010; Wadley *et al.*, 2004; Fullagar, 2012; Marreiros *et al.*, 2015).

Embora o estudo funcional destes materiais tenha evoluído significativamente ao longo dos anos, a abordagem analítica na maioria dos casos é puramente qualitativa e descritiva. Deste modo a comparação entre marcas está sempre sujeita a um elevado grau de subjectividade. De modo a reduzir a subjectividade na análise, este projeto defende a importância de combinar a análise qualitativa com análise quantitativa. Desta forma, ao mesmo tempo que procuramos descrever os elementos observados, o estudo tem como objectivo transformar essas observações em dados numéricos suscetíveis de comparações mais objectivas e testáveis.

Recentemente graças ao desenvolvimento das tecnologias de microscopia e de equipamentos de modelação 3D, torna-se cada vez mais acessível aplicar técnicas de análise quantitativa que reduzem significativamente a subjectividade na análise funcional dos artefactos, tal como tem vindo a ser demonstrado por vários investigadores nos últimos anos (e.g. Borel, 2014; Evans, 2014; Benito-Calvo, 2015). Este artigo procura reforçar o potencial da aplicação de uma abordagem metodológica que combine diferentes escalas de análise e recursos de quantificação, utilizando modelação 3D e análise microscópica.

Deste modo, neste artigo são apresentados os vários passos de análise focando a aplicação de técnicas de análise 3D a aplicação de microscopia digital. Para a análise foram utilizadas duas peças experimentais (grauvaque e quartzito). Embora apresentando uma abordagem preliminar, este trabalho procura contribuir para a caracterização das principais diferenças na formação de marcas de uso entre diferentes matérias primas.

A metodologia de análise apresentada faz parte de um projeto de doutoramento que incide no estudo de *Ground Stone Tools* provenientes de contextos do Paleolítico Médio do Levante Mediterrâneo (ca. 250- 47 KaBP) (Paixão *et al.*, 2018).

2. MÉTODOS E MATERIAIS

2.1. Materiais

Conforme acima mencionado, este projeto apresenta uma abordagem metodológica que assenta em dois princípios fundamentais: a) análise funcional em multi-escala e b) análise quantitativa. Para esta análise foram selecionadas duas peças de diferentes matérias primas, um seixo de grauvaque (GV) e um bloco quartzito (QZ). Estas matérias primas foram selecionadas por serem significativamente distintas no que toca às suas principais propriedades mecânicas, nomeadamente ao nível da sua própria formação geológica, desta forma procuramos tes-

tar ambas a matérias realizando a mesma actividade (Figura 1).

2.2. Experimentação

A actividade experimental consistiu no talhe bipolar de sílex durante 20 minutos. A peças foram preparadas previamente de forma a que uma parte da peça estivesse protegida das alterações geradas pela actividade. Deste modo uma parte da peça foi envolvida em plástico e ficou isenta de qualquer impacto durante a actividade. Esta proteção parcial da peça teve com objectivo preservar a integridade de uma parte da superfície da peça que forma a tornar possível a posterior comparação directa entre a zona activa e inactiva da peça.

A experimentação manual embora não permita controlar com precisão as variáveis envolvidas no processo, é importante como uma primeira abordagem. Este tipo de experimentação vai permitir ao analista compreender as principais características dos materiais ajudando assim a desenhar o segundo passo que serão a experimentação laboratorial em ambiente controlado. A experimentação laboratorial é fundamental para dois aspectos fundamentais: a) poder trabalhar as variáveis de forma independente e assim analisar quais os fenómenos que terão maior influencia nas alterações constatadas nos artefactos, e b) permitir a repetibilidade das experiência com elevada precisão.

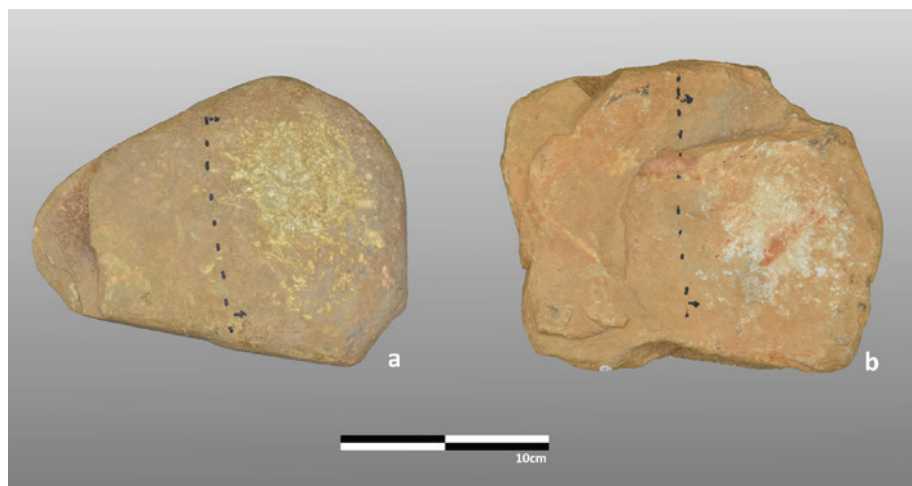


Figura 1 – Foto do materiais analisados: a) Peça em Grauvaque b) Peça em Quartzito.

A experimentação apresentada neste trabalho é o primeiro passo de um plano experimental mais vasto em desenvolvimento, que futuramente irá utilizar sistemas mecânicos para controlar e monitorizar os elementos envolvidos nas varias actividades (Paixão *et al.*, 2018).

2.3. Análise dos dados

A análise dos materiais combina, descrição das matérias-primas, morfometria e análise funcional. O primeiro passo é a descrição das matérias primas, nomeadamente a cor, o tipo de grão, a densidade e a dureza (valores obtidos com: Proceq Equotip 550 Leeb C). Foram realizadas dez medições de dureza por cada peça, de forma a calcular o desvio padrão dos valores.

A análise morfométrica é realizada através de modelos 3D, onde foram medidos os valores para o comprimentos (eixo mais longo), a largura, a espessura e o volume. A análise funcional dos materiais, utiliza uma abordagem multi-escala dividida em três fases principais que combinam a observação qualitativa com a caracterização quantitativa dos traços presente nos materiais.

O objectivo é partir de uma análise macro e gradualmente progredir nos aumentos de observação. Deste modo a análise parte de uma inicial caracterização geral a olho nu, seguindo para o scan 3D do matérias, microscopia de baixos aumentos e por ultimo microscopia de altos aumentos.

A primeira fase de análise é meramente qualitativa, procurando através a observação a olho nu em combinação com observações através de lupa binocular (ZEISS SteREO Discovery.V8) fazer uma descrição geral da peça e do estado dos matérias do ponto de vista das marcas de uso.

A segunda fase é o scan 3D dos materiais, com recurso a um scan (AICON smartSCAN-HE R8 FOV M-450). Através desta tecnologia é possível fazer um registo 3D de alta precisão das características morfométricas dos materiais, tal como observar e medir as principais alterações na topografia dos materiais ao nível macro mapeando a superfície. Deste modo esta fase representa os primeiros pas-

sos da análise quantitativa.

E terceira fase de análise passa pela utilização de microscopia digital a diferentes escalas com recurso ao microscópio digital (ZEISS Smartzoom 5, 1.6x e 5x). Com este equipamento é possível começar uma caracterização mais detalhada das marcas de uso observando e registando as suas principais características, tal como os seus padrões de distribuição e registo 3D microtopográfico que permitirá medir os valores inerentes à textura/rugosidade da superfície.

Todos os dados e análises aqui apresentadas foram computadorizadas com recurso ao software QGIS v.3.2.3 (www.qgis.org, plugin Raster Terrain Analysis e R.v.3.51 (<https://cran.r-project.org>), utilizando as bibliotecas *ggplot2*, *rgdal*, *raster*, *rasterVis*, *lattice*, *sp* e *viridisLite* (o *script* está disponível quando solicitado aos autores) (Tabela 1).

A análise da micro textura das superfícies de ambas as peças, foi efectuada com recurso ao freeware Gwyddion v.2.51 (<http://gwyddion.net>), através do qual os seguintes parâmetros ISO para análise de superfícies foram usados: *Ra*, *arithmetical mean deviation of the assessed profile*, *Rq*, *root mean squared*.

3. RESULTADOS

3.1. Matérias Primas

A peça em quartzito apresenta um cor cinzenta alaranjada (MUNSELL: 5YR 6/4), grão médio e uma dureza média de 732 HLC e uma densidade de 2.6 gramas por cm³. Por sua vez, a peça em grauvaque apresenta um cor cinzenta acastanhada (MUNSELL:10YR 4/2), um grão médio, uma dureza média de 649 HLC e uma densidade de 2.5 gramas por cm³ (Figura 2 e Tabela 2).

3.2. Morfometria

A peça em quartzito tem comprimento de 153.17 mm, uma largura de 130.34 mm, um espessura de 59.25 mm, e um volume total de 900.3 cm³. A peça de grauvaque tem comprimento de 163.08 mm, uma largura de 113.80 mm, um espessura de 46.44 mm, e um volume total de 537.7 cm³ (Figura 3).

Método	Equipamento	Software	Especificações
Teste de Dureza	Proceq Equotip 550 Leeb C	Proceq	valores em HLC
Scan 3D	AICON smartSCAN-HE R8	Optocat	M-450
Morfometria	AICON smartSCAN-HE R8	meshlab	Computação de dados geométricos
Microtopografia	ZEISS Smartzoom 5	Rstudio	ISO: Ra, Rq
Macro	ZEISS SteREO Discovery.V8; ZEISS Smartzoom 5	ZEISS Smartzoom 5	Objectiva 1.6x
Micro	ZEISS Smartzoom 5	ZEISS Smartzoom 5	Objectiva 5x

Tabela 1 – Equipamentos.

Referência	GV	QZ
Matéria-Prima	Grauvaque	Quartzito
Categoria	Bigorna	Bigorna
Comprimento	163.08 mm	153.17 mm
Largura	113.80 mm	130.34 mm
Espessura	46.44 mm	59.25 mm
Peso	1385.4 g	2354.0 g
Volume	537.762 cm ³	900.372 cm ³
Dureza Média	649 HLC	732 HLC
Densidade	2.5 g/cm ²	2.6 g/cm ²

Tabela 2 – Tabela geral.

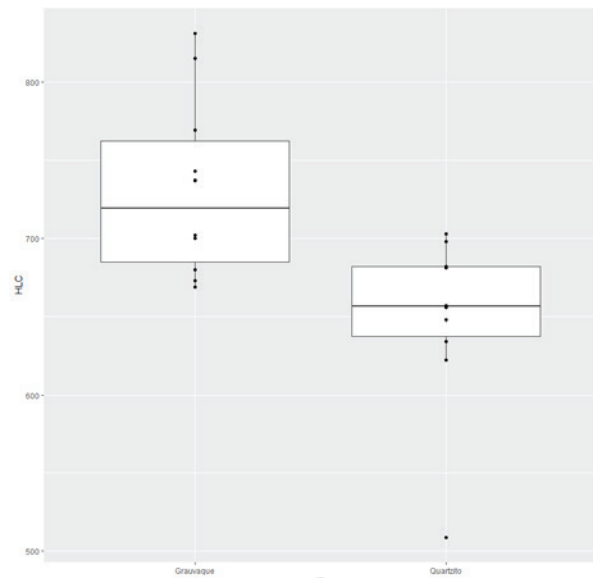


Figura 2 – Valores da dureza dos materiais (HLC).

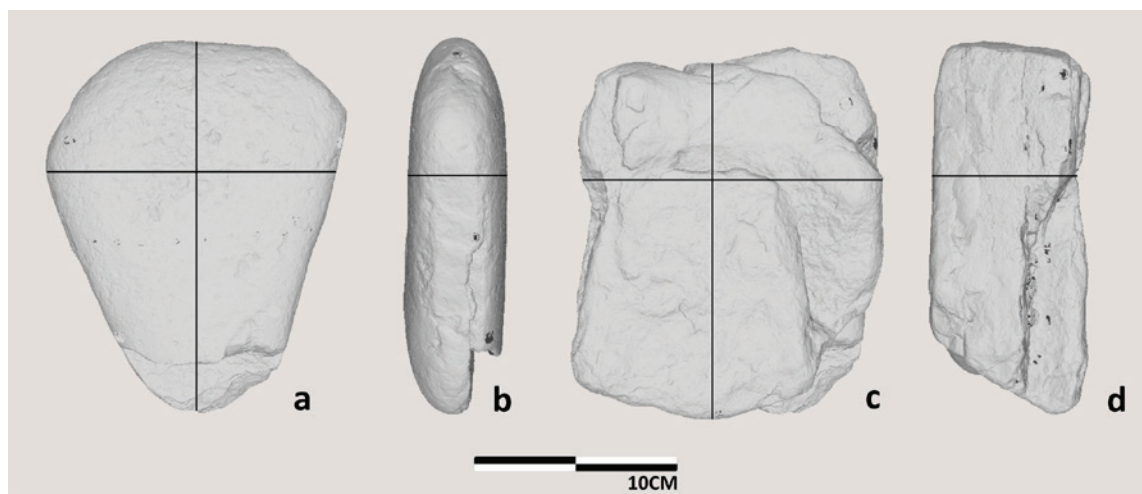


Figura 3 – Scan 3D dos materiais com a indicação esquemática para análise morfométrica: a) plano da peça de Grauvaque com as linhas das medidas de comprimento e largura b) perfil da peça em Grauvaque com linha a marcar a espessura c) plano da peça em Quartzito com as linhas das medidas de comprimento e largura d) perfil da peça em Quartzito com linha a marcar a espessura.

3.3. Análise Funcional

3.3.1. Análise macroscópica

Do ponto de vista macroscópico é possível claramente identificar as áreas activas em ambas as matérias primas, as marcas de impacto são claramente visíveis tanto devido às depressões dos pontos de impacto, como através de uma alteração ao nível cromático nas áreas utilizadas. Através da lupa binocular é possível observar fragmentação de cristais em ambas as matérias-primas. Embora a intensidade

de fragmentação seja diferentes quando comparando as duas matérias-primas, o que se pode prender com os diferentes níveis de dureza e densidade das próprias rochas, a diferença entre área usada e área não usada dentro da mesma matéria-prima é visualmente evidente e quantificável através de modelos tridimensionais para as superfícies em questão. Neste estudos os modelos tridimensionais explorados e analisados através de metodologias de sistema de informação geográfica, revelam uma clara distinção dentro e entre matérias-primas (Figura 4).

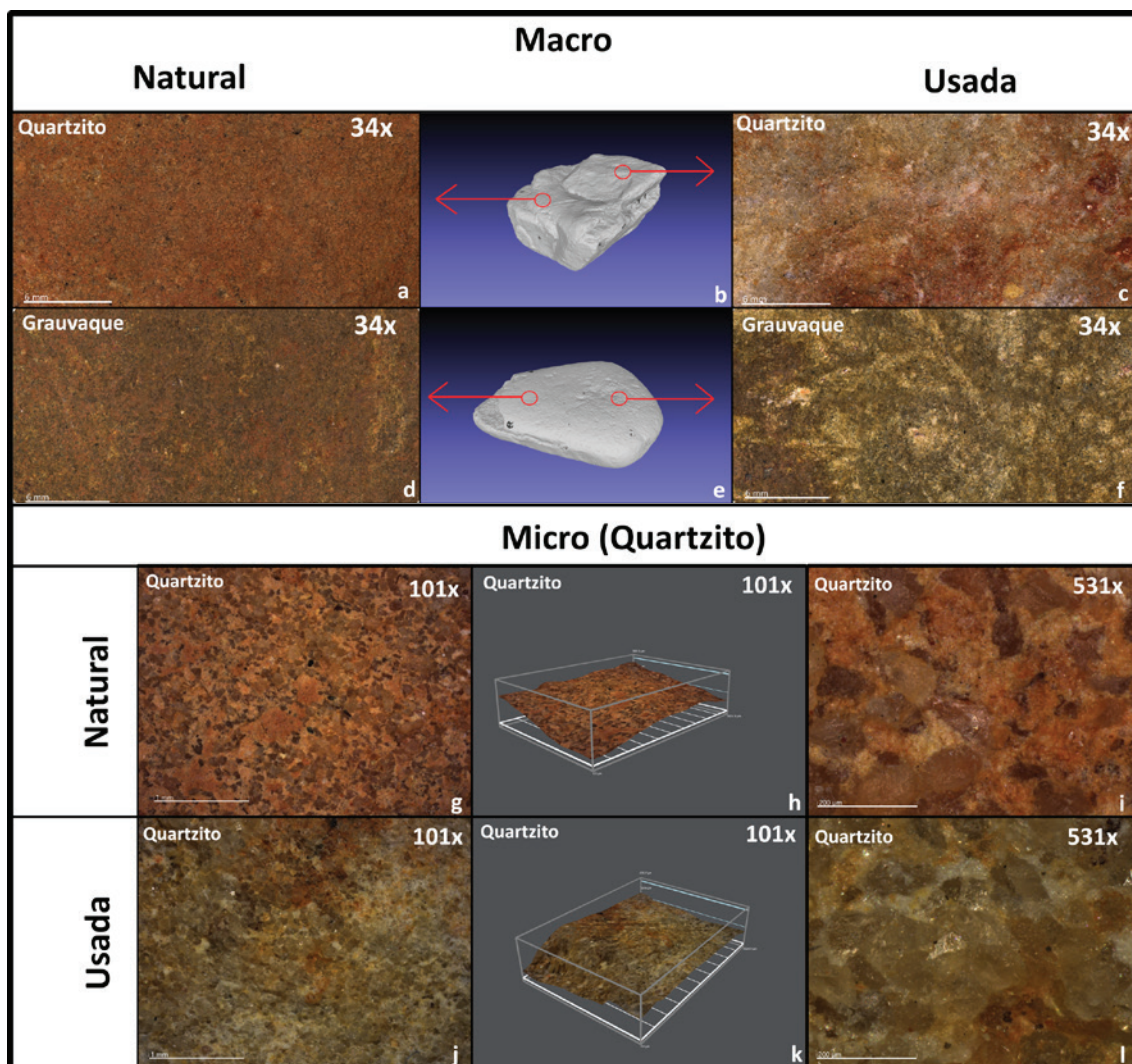


Figura 4A – Imagens de microscópio digital: a) área não usada da peça em quartzito a 34x; b) Scan 3D da peça em quartzito; c) área usada da peça em quartzito a 34x; d) área não usada da peça em grauvaque a 34x; e) Scan 3D da peça em grauvaque; f) área usada da peça em grauvaque a 34x; g) área não usada da peça em quartzito a 101x; h) 3D de área não usada da peça em quartzito a 101x; i) área não usada da peça em quartzito a 531x; j) área usada da peça em quartzito a 101x; k) 3D de área usada da peça em quartzito a 101x; l) área usada da peça em quartzito a 531x.

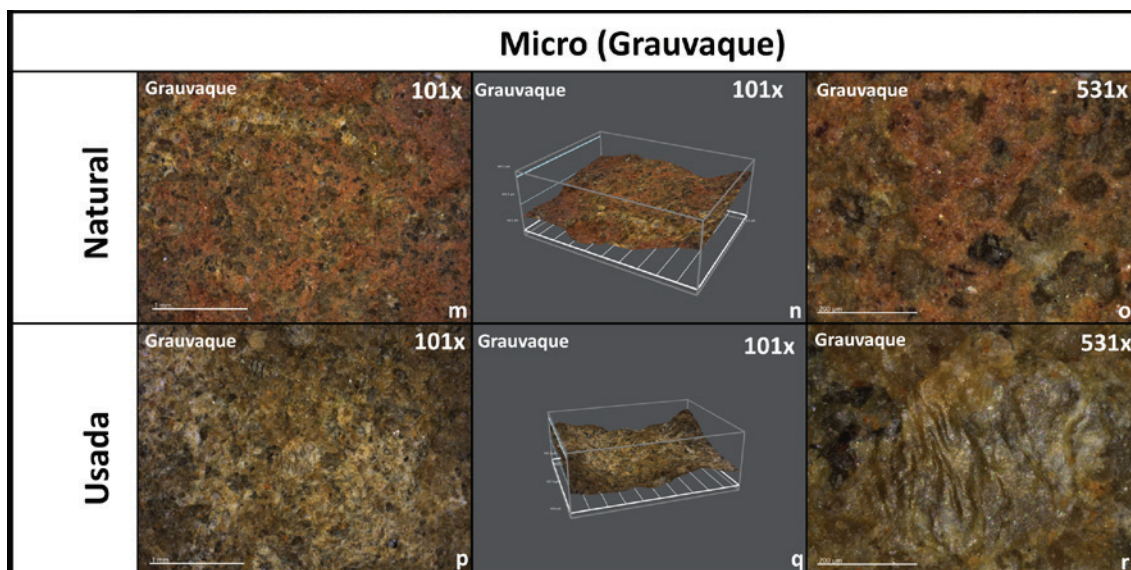


Figura 4 B – Imagens de microscópio digital: m) área não usada da peça em grauvaque a 101x; n) 3D de área não usada da peça em grauvaque a 101x; o) área não usada da peça em grauvaque a 531x; p) área usada da peça em grauvaque a 101x; q) 3D de área usada da peça em grauvaque a 101x; r) área usada da peça em grauvaque a 531x.

3.3.2. Análise microscópica

Microscopicamente é possível verificar claramente a diferença entre a área activa e inactiva em ambas as peças, sendo possível verificar uma intensa fragmentação dos cristais nas áreas activas. No caso da peça em grauvaque as marcas de impactos causaram alterações mais profundas ao nível topográfico, como pode ser observado na imagem 3D a 101x. No que respeita às alterações ao invés da textura é possível verificar que a peça em grauvaque apresenta uma maior diferença entre a rugosidade da parte

usada em comparação com a superfície natural. Na peça em grauvaque temos valores de $R_q=101.9$ e $R_a=71.74$ na área não usada e valores de $R_q=110.9$ e $R_a=111.1$ na área usada. Enquanto da peça em quartzito temos valores de $R_q=75.37$ e $R_a=75.886$ na área não usada e valores de $R_q=59.16$ e $R_a=59.633$ na área usada. Os valores apresentados foram obtidos através dos modelos 3D com recurso ao freeware disponível em: <http://gwyddion.net/download.php> (Figuras 5, 6, 7, 8, 9 e Tabela 3).

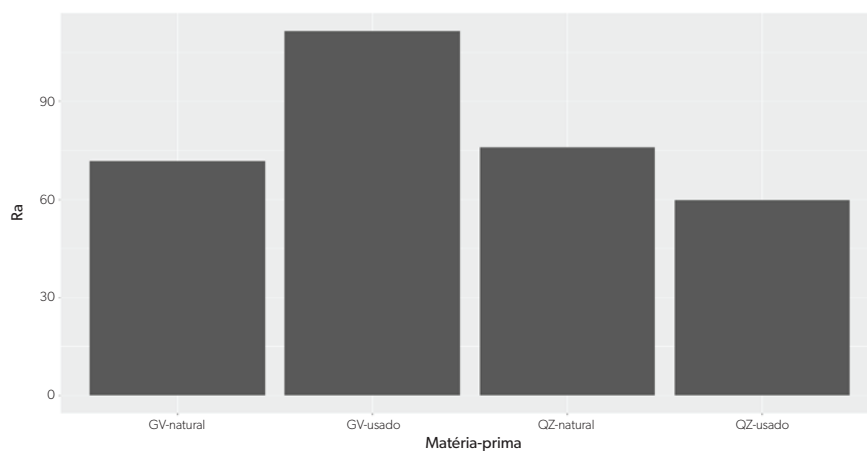


Figura 5 – Valores de Ra por matéria-prima (R e ggplot2)31x.

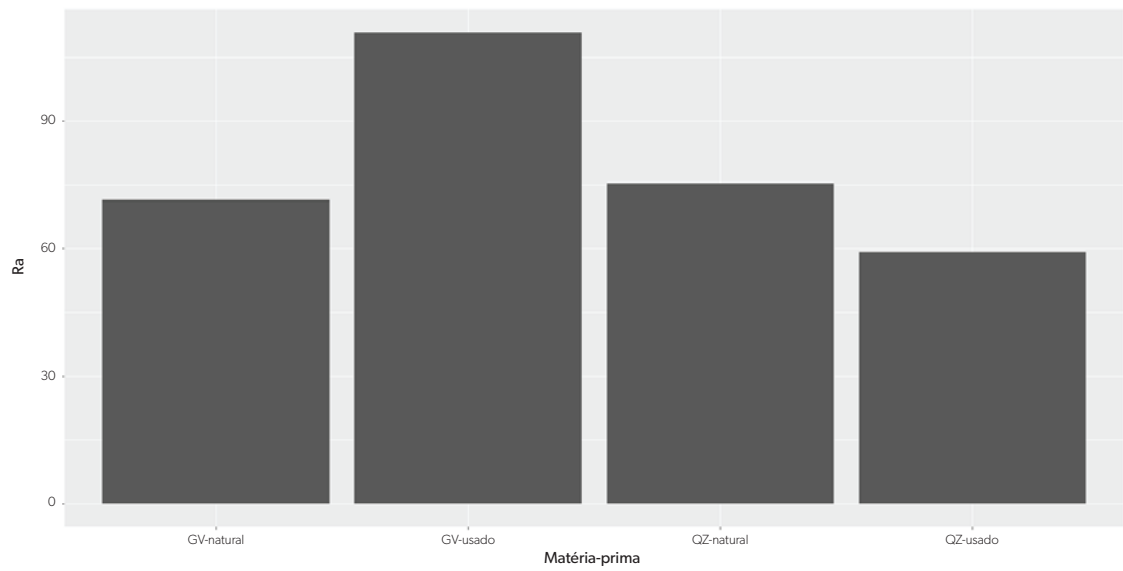


Figura 6 – Valores de Rq por matéria-prima (R e ggplot2).

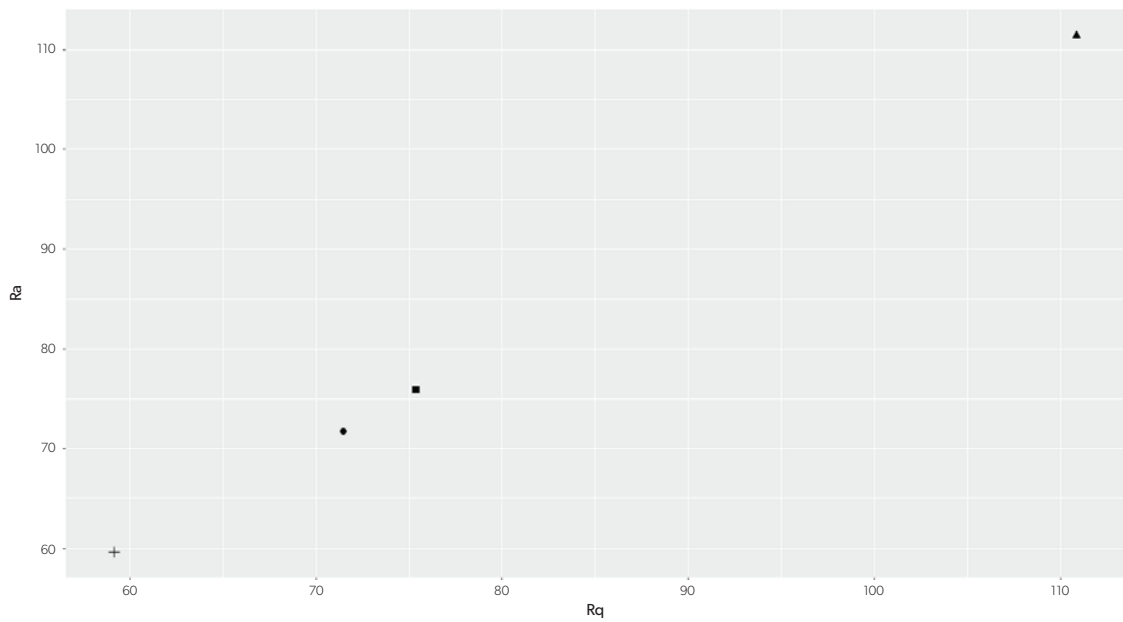


Figura 7 – Valores de Ra e Rq por matéria-prima (R e ggplot2).

Matéria-prima

- GV-natural
- ▲ GV-usado
- QZ-natural
- + QZ-usado

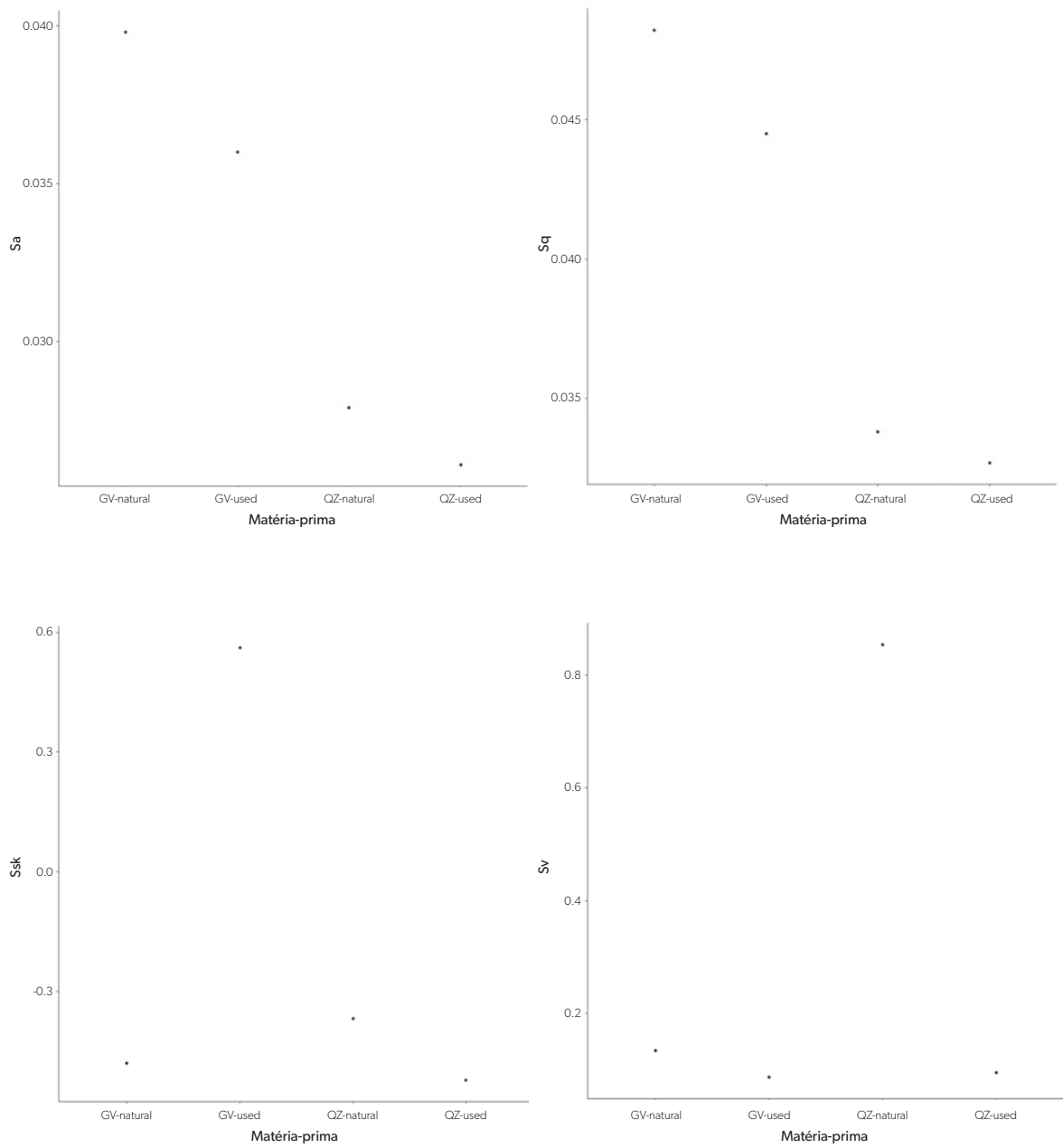


Figura 8 – Valores de Sa, Sq, Ssk e Sv por matéria-prima (R e ggplot2).

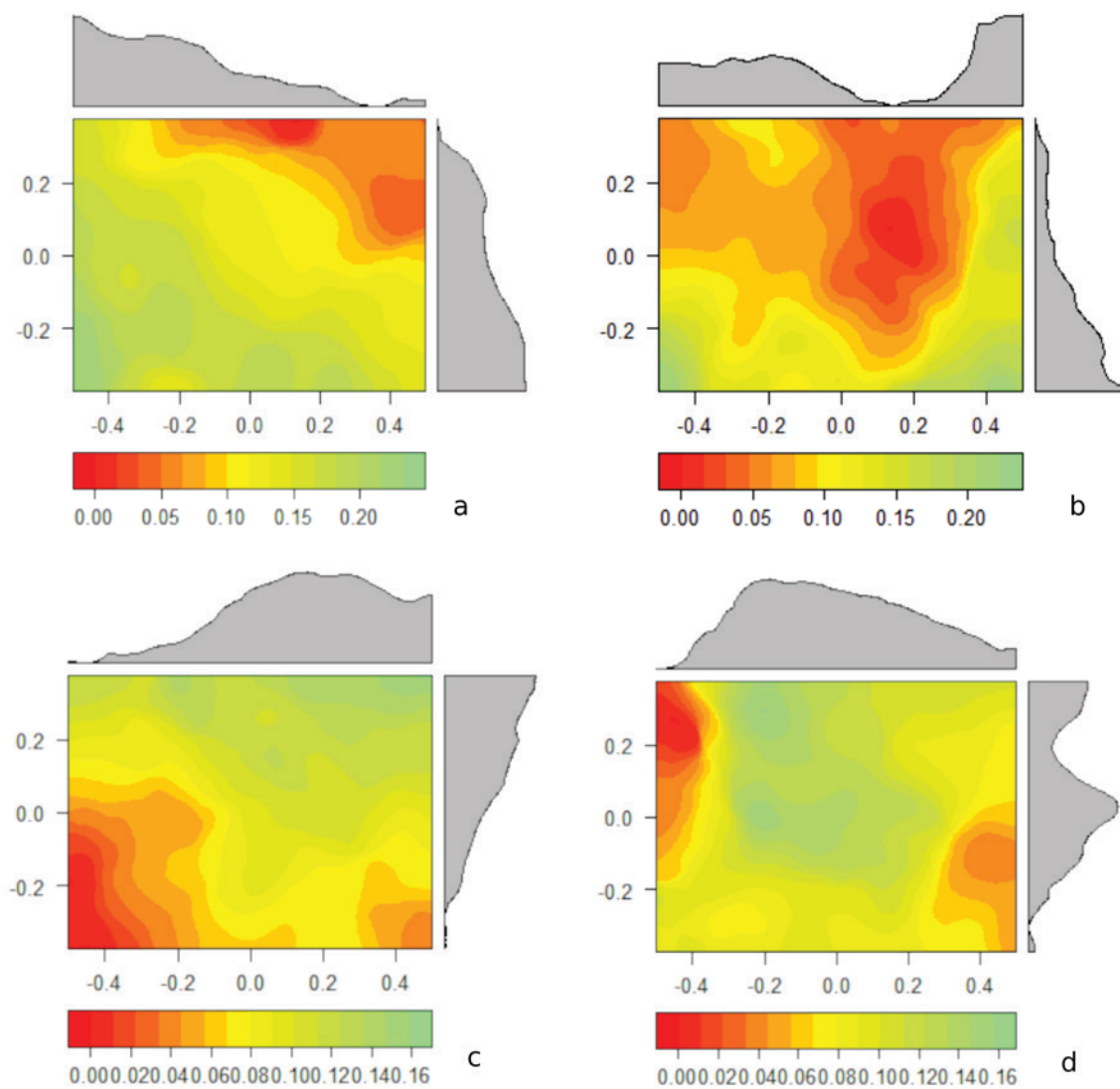


Figura 9 – Modelo de elevação digital (DEM) usando raster library em R. Ilustração a cores da microtopografia: a) área não usada da peça em grauaque; b) área usada da peça em grauaque; c) área não usada da peça em quartzito; d) área usada da peça em quartzito.

ID	Rq	Ra	Rsk	Rku	Highest Peak	Lowest Valley	total height
GV-área não usada-surface-101x-5x-3d	71,486	71,74	0,99	0,996	71,598	71,118	142,716
GV-Exp3-área usada-surface-101x-5x-3d	110,86	111,399	1,003	1	111,094	110,66	221,754
QZ-Exp15-área não usada-surface-101x-5x-3d	75,373	75,886	1,001	1,004	75,674	75,338	151,012
QZ-Exp15-área usada-surface-101x-5x-3d	59,159	59,633	1	1,003	59,315	58,994	118,309

Tabela 3 – Valores da textura.

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Focado nos objectivos acima mencionados, o presente artigo procura abordar algumas das principais problemáticas inerentes ao estudo funcional de GST, apresentando um *workflow* analítico que aborda estes materiais de forma não só qualitativa mas também quantitativa. Embora este caso de estudo seja preliminar foi possível verificar alguns aspectos que ajudarão a desenvolver os passos seguintes ao nível da experimentação, nomeadamente, foi possível observar que o talhe bipolar, mesmo em pouco tempo de actividade, deixa marcas bastante notórias tanto no quartzito como no grauaque. O grauaque demonstra marcas de impacto mais profundas que o quartzito. Este aspecto pode ter como uma das explicações o facto da própria matéria prima apresentar valores de dureza mais brandos comparativamente com o quartzito, tal como valores de densidade ligeiramente menores. Ao analisarmos as alterações ao nível da rugosidade é possível verificar que é no grauaque que a actividade causa maiores alterações.

Estes aspectos embora à primeira vista possam parecer óbvios, merecem ser testados e quantificados. Naturalmente os dados aqui apresentados não são suficientes para explicar em detalhe a formação de traços em ambas as matérias primas. Para isso é necessário que mais testes experimentais sejam realizados alargando a amostra, e procurando executar as actividades de forma a controlar um maior número de variáveis. Contudo estes testes preliminares são fundamentais para perceber as principais características dos materiais, e ajudar a configurar os passos experimentais seguintes.

A abordagem metodológica apresentada neste trabalho pode ser aplicada a este tipo de materiais independentemente da sua cronologia ou localização geográfica. A combinação de diferentes escalas de análise em combinação com tecnologia de modelação 3D é de grande eficácia para a caracterização de *Ground Stone Tools*. Este método de análise permite reduzir a subjectividade na análise deste tipo de artefactos.

Porem para uma análise funcional pormenorizada deste tipo de materiais seja possível, é necessário que vastos programas experimentais continuem a ser desenvolvidos, testando diferentes materiais sobre varias matérias primas. Com um bom suporte experimental e um método de análise que permita uma comparação eficaz entre materiais, será possível extrair informações deste tipo de materiais, de grande valor para o estudo do comportamento humano. Dado o vasto leque de possibilidades funcionais das *Ground Stone Tools*, é possível contribuir com informação de extrema relevância para varias áreas do estudo da Pré-história, nomeadamente, tecnologia, subsistência e comportamento simbólico.

AGRADECIMENTOS

Os autores gostaria de agradecer à secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, pelo convite à participação no colóquio "*Millennials em Arqueologia: novas metodologias, novas problemáticas*".

BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, Jenny L. (2002) – *Ground Stone Analysis: A technological approach*. The University of Utah press.
- ADAMS, Jenny L. (2014) – Ground stone use-wear analysis: a review of terminology and experimental methods. *Journal of Archaeological Science* 48, 129 e 138.
- ARANGUREN, Biancamaria; CAVULLI, Fabio; D'ORAZIO, Massimo; GRIMALDI, Stefano; LONGO, Laura; REVEDIN, Anna; SANTANIELLO, Fabio (2014) – Territorial exploitation in the Tyrrhenian Gravettian Italy: The case-study of Bilancino (Tuscany). *Quaternary International*, 1 e 10.
- BENITO-CALVO, A.; CARVALHO, S.; ARROYO, A.; MATSUZAWA, T.; & DE LATORRE, I. (2015) – First GIS Analysis of Modern Stone Tools Used by Wild Chimpanzees (*Pan troglodytes verus*) in Bossou, Guinea, West Africa. *PLoS ONE*, 10(3). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0121613>
- BOREL, Antony; OLLÉ, Andreu; VERGÈS, Josep; SALA, Robert (2013) – Scanning Electron and Optical Light Microscopy: two complementary approaches for the understanding and interpretation of usewear and residues on stone tools. *Journal of Archaeological*, 1-14.

- DUBREUIL, Laure; SAVAGE, Daniel (2014) – Ground stones: a synthesis of the use-wear approach *Journal of Archaeological Science* 48, 139-153.
- EVANS, Adrian; MACDONALD, Danielle; GIUSCA, Claudiu; LEACH, Richard (2014) New method development in prehistoric stone tool research: Evaluating use duration and data analysis protocols. *Micron* 65, 69-75.
- FULLAGAR, Richard; LIU, Li; BESTEL, Sheahan; JONES, Duncan; GE, Wei; WILSON, Anthony; and ZHAI, Shaodong (2012) – Stone tool-use experiments to determine the function of grinding stones and denticulate sickles. *Bulletin of the Indo-Pacific Prehistory Association* 32.
- GEESKE, Langejans. (2010) – Discerning use-related micro-residues on tools: Testing the multi-stranded approach for archaeological studies. *Journal of Archaeological Science*, 1 e 16.
- GEESKE, Langejans. (2010) – Remains of the day-preservation of organic micro-residues on stone tools. *Journal of Archaeological Science* 37, 971-985.
- GOREN-INBAR, N.; SHARON, G.; ALPERSON-AFIL, N.; & HERZLINGER, G. (2015) – A new type of anvil in the acheulian of gesher benot ya'aqov, Israel. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, 370(1682). <https://doi.org/10.1098/rstb.2014.0353>
- HAYES, Elspeth, (2015) – *What was ground?: a functional analysis of grinding stones from Madjedbebe and Lake Mungo, Australia*, Doctor of Philosophy thesis, School of Earth and Environmental Sciences, University of Wollongong.
- GIBAJA BAO, Juan. (2007) – Estudios de traceología y funcionalidad. *Praxis archaeologica*. Associação Portuguesa de Arqueólogos, 2: 49-74.
- MARREIROS, João; GIBAJA BAO, Juan; BICHO, Nuno., eds. (2015) – *Use-Wear and Residue Analysis in Archaeology*. Springer.
- PAIXAO, Eduardo; MARREIROS, João; MALINSKY-BULLER, Ariel; GNEISINGER, Walter (2018) – Ground breaking technologies in the Middle Paleolithic of the Levant: High resolution functional analyses of Ground Stones Tools. *8th Annual ESHE Meeting*. Faro, Portugal.
- POP, E.; CHARALAMPOPOULOS, D.; ARPS, C. S.; VERBAAS, A.; ROEBROEKS, W.; GAUDZINSKI-WINDHEUSER, S.; & LANGEJANS, G. (2018) – Middle Palaeolithic Percussive Tools from the Last Interglacial Site Neumark-Nord 2/2 (Germany) and the Visibility of Such Tools in the Archaeological Record. *Journal of Paleolithic Archaeology*, 1(2), 81–106. <https://doi.org/10.1007/s41982-018-0008-8>
- REVEDIN, A.; ARANGUREN, B.; BECATTINI, R.; LONGO, L.; MARCONI, E.; LIPPI, M. M.; SKAKUN, N.; SINITSYN, A.; SPIRIDONOVA, E.; & SVOBODAH, J. (2010) – Thirty thousand-year-old evidence of plant food processing. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 107(44), 18815–18819. <https://doi.org/10.1073/pnas.1006993107>
- TORRE, I. de la; & MORA, R. (2010) – A technological analysis of non-flaked stone tools in Olduvai Beds I & II. Stressing the relevance of percussion activities in the African Lower Pleistocene. *SAMRA, Numéro spécial*, 13–34. <https://journals.openedition.org/paleo/1877>
- WADLEY, Lyn; LOMBARD, Marlize; WILLIAMSON, Bonny (2004) – The first residue analysis blind tests: results and lessons learnt. *Journal of Archaeological Science* 31, 1491 e 1501.
- ZUPANCICH, A.; MUTRI, G.; CARICOLA, I.; CARRA, M. L.; RADINI, A.; & CRISTIANI, E. (2019) – The application of 3D modeling and spatial analysis in the study of groundstones used in wild plants processing. *Archaeological and Anthropological Sciences*, 11(9), 4801-4827. <https://doi.org/10.1007/s12520-019-00824-5>

CADEIAS OPERATÓRIAS DO PALEOLÍTICO MÉDIO DA BACIA DO ARNEIRO, NISA, PORTUGAL

Nelson A. C. Almeida

Direcção Regional de Cultura do Alentejo, Extensão do Crato (Rua 5 de Outubro, n.º 33 - 7430-137 Crato, Portugal) /
Universidade de Évora, CHAIA | Arqueologia / nelson.almeida@cultura-alentejo.gov.pt

Resumo

Em 2006 iniciaram-se as primeiras sondagens arqueológicas nas estações do Paleolítico médio da bacia do Arneiro, freguesia de Santana, Nisa. Foram intervencionados três sítios com idades díspares que englobam, no seu conjunto, todo este período. A proximidade geográfica entre os sítios Pegos do tejo 2, Azinhal e Tapada do Montinho permitiu levar a cabo uma análise longitudinal da indústria lítica durante o Paleolítico médio. O estudo da indústria lítica recolhida permitiu, por um lado, evidenciar homogeneidades técnicas que vão prevalecer ao longo deste período e, por outro, tirar algumas conclusões das cadeias operatórias utilizadas, dos produtos pretendidos, das alterações e variações que as diferenciam.

Palavras-chave: Cadeias operatórias, Paleolítico Médio, Moustierense, Datações, Tejo.

Abstract

The first archaeological excavation in the Middle Palaeolithic cluster of the Arneiro basin (Santana, Nisa) started in 2006. Three sites dating from the beginning, the middle and the end of this period were excavated. The geographical proximity between Pegos do Tejo 2, Azinhal and Tapada do Montinho allow a longitudinal analysis of the lithic industry along the middle Palaeolithic. This study had confirmed some homogeneity that was maintained; achieve some conclusions about the *chaines operatoires* employed, the pretended products and the alterations and variations that separate them.

Keywords: *Chaines Operatoires*, Middle Palaeolithic, Mousterian, Datations, Tagus River.

1. INTRODUÇÃO

Ao abrigo do projeto de investigação *Pré-história Antiga no Nordeste Alentejano* (PHANA) realizou-se na área das Portas de Rodão, no complexo do Arneiro, concelho de Nisa, um conjunto de intervenções arqueológicas com vista a clarificar o potencial desta zona relativamente a ocupações paleolíticas (Almeida *et al*, 2008; Almeida, 2011; Almeida *et al*, 2011 e Almeida, 2014). Aqui, numa área de 3 x 3 km, perto da aldeia de Monte do Arneiro, foram localizados quinze sítios cronologicamente atribuídos à Pré-história. Três destes sítios foram alvo de escavação arqueológica e adscritos tecno-tipologicamente e, posteriormente por datações de OSL, ao Paleolítico médio. O resultado destas intervenções permitiu recolher um conjunto considerável de informações sobre várias facetas da vida das comunidades humanas que frequentaram esta área durante cerca de 110 milénios. Neste artigo serão apresentados os resultados relativos à indústria lítica das estações dos Pegos do Tejo 2, Azinhal e Tapada do Montinho. Estas estações de ar livre partilham um mesmo contexto geográfico, geológico e biótico circunscrito e por isso muito similar. As indústrias líticas recolhidos nestes três sítios vão refletir esta proximidade mas também revelar algumas disparidades cuja origem foge aos contextos atrás referidos.

2. AS ESTAÇÕES

As estações de ar livre dos Pegos do Tejo 2, Azinhal e Tapada do Montinho compartilham entre si uma proximidade geográfica, no interior da Bacia de Abatimento do Arneiro (Figura 1). No entanto, distinguem-se pela sua inserção geomorfológica.

2.1. Pegos do Tejo

A estação de Pegos do Tejo 2 localiza-se a apenas 100 metros da atual margem esquerda do Tejo. Esta estação situa-se numa zona definida geomorfológicamente como terraço T4 deste troço do rio Tejo. Este terraço é composto por sedimentos depositados entre 280ka e 150 ka (Cunha *et al*, 2017).

A abertura de um caminho, embora tenha destruído parte da estação, permitiu a identificação de alguns materiais líticos no corte. A escavação realizada na estação dos Pegos do Tejo 2 permitiu identificar um nível de arqueológico bem conservado situado cerca de 2 metros abaixo da atual superfície.

A primeira datação desta ocupação realizou-se com recurso a metodologia por OSL sobre os sedimentos da camada 4 acima do nível arqueológico. Obteve-se uma datação de 135 ± 21 ka (Cunha *et al*, 2012; Almeida, 2014) mas novas datações realizadas através de metodologias de IIRS (Cunha *et al*, 2017) atiram o topo do T4 para cerca de 150 Ka. O nível arqueológico fica estratigraficamente situado a cerca de 2 metros de profundidade da superfície atual do topo do terraço T4.

2.2. Azinhal

A estação de ar livre do Azinhal diverge geomorfológicamente da anterior ocupação. Neste caso foi escolhida, pela comunidade que aqui deixou vestígios materiais uma plataforma situada numa zona mais alta da bacia do Arneiro, pouco propícia a influências fluviais caracterizando-se a sua sedimentologia por depósitos coluvionares e, possivelmente, eólicos. Em 2003, durante a campanha de prospeção, foi detetado um nível de seixos com material arqueológico no corte realizado aquando da abertura da estrada que liga o cemitério com as povoações do Monte do Duque e Monte do Arneiro. A prospeção realizada na plataforma do Azinhal indicia uma área de dispersão de material com cerca de 5000 m².

A datação desta ocupação realizou-se com recurso ao método de OSL sobre os sedimentos da GFU 2 imediatamente acima do nível arqueológico. O protocolo utilizado foi idêntico ao protocolo desenvolvido na estação dos Pegos do Tejo 2. Obteve-se uma datação apresentando um resultado de 61 ± 7 Ka (GLL código 050302), recorrendo ao método de OSL (Almeida, 2014).

2.3. Tapada do Montinho.

A estação da Tapada do Montinho estende-se por

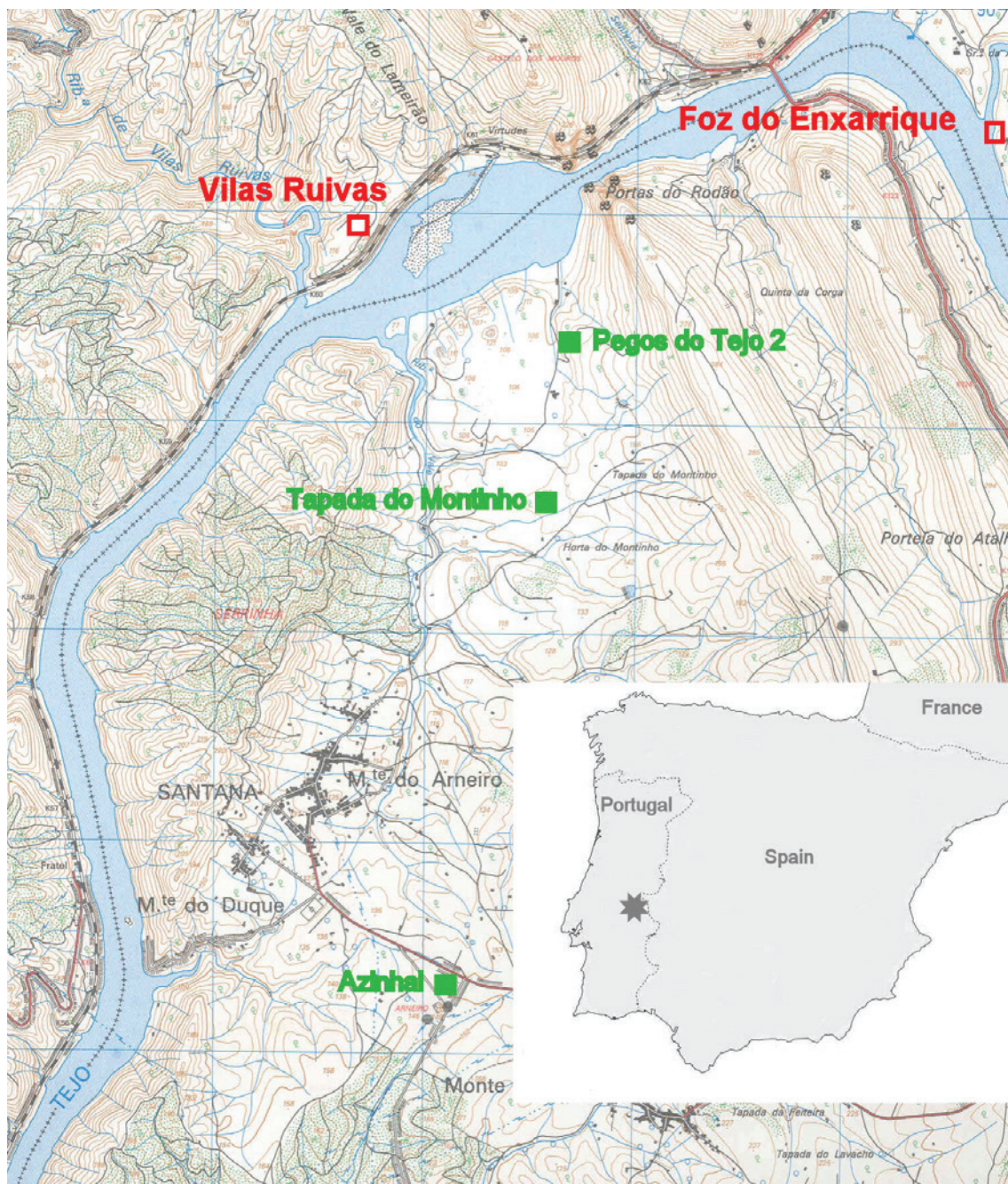


Figura 1 – Localização do Complexo Paleolítico do Arneiro no mapa geral da Península ibérica e identificação das estações arqueológicas referidas no texto na C.M.P 1:25000 n.º 315.

cerca de 2,5 hectares de uma plataforma, situada na margem direita da ribeira do Vale, que se desenvolve no sentido Este/Oeste. A sua proximidade a este pequeno curso de água não influenciou, em termos geomorfológicos e sedimentares, a génese

desta estação assenta em processos de deposição coluvionares e eólicos. Os trabalhos realizados até à data nesta plataforma permitiram verificar que esta foi ocupada em vários momentos da Pré-história, desde o Paleolítico médio até ao Neolítico antigo.

Devido às condições desta jazida não foi possível conseguir datações para o estrato arqueológico através dos métodos correntes de datação por OSL. Por uma feliz coincidência, resultante dos contatos estabelecidos com o laboratório Risø da Dinamarca, foi possível tentar uma nova abordagem através da datação dos seixos presentes nesse nível (Sohbati *et al*, 2012). Este novo método conseguiu determinar dois episódios de exposição ao sol. O primeiro, que deverá corresponder à ocupação do Paleolítico médio, aconteceu há cerca de 45 Ka. Por volta de 20 Ka o topo do nível arqueológico foi exposto novamente ao sol durante um período que poderá ter variado entre alguns dias e alguns meses. A camada 3, situada imediatamente abaixo do nível paleolítico foi datada, pelo método de datação OSL em sedimentos, em 51 ± 5 Ka (Sohbati *et al*, 2012).

3. A INDÚSTRIA LÍTICA

3.1. Pressupostos teóricos

Quando o estudo de uma coleção arqueológica, constituída por indústria lítica, se baseia nos princípios de cadeia operatória, a análise da matéria-prima pode trazer à superfície todo um conjunto considerável de informações que, recorrendo a outra abordagem metodológica, passariam despercebidos. Através desta abordagem, são importantes os fatores como o tipo de suporte utilizado, de onde provêm, que rochas são selecionadas e que tipo de percutor é utilizado.

A análise das indústrias líticas aqui apresentada baseia-se no conceito das cadeias operatórias. Este conceito foi inicialmente introduzido por André Leroi-Gourhan em 1964 (Leroi-Gourhan, 1990) como forma de estudar os comportamentos inerentes à produção de cultura material. Embora tenha sido apresentado por um pré-historiador, devido a sua abrangência este conceito foi adotado por etnógrafos, historiadores das ciências e claro, arqueólogos (Tostevin, 2011). Os métodos a utilizar nesta tese assentam principalmente na análise da indústria lítica recolhida durante as escavações. Os artefactos são considerados os resultados do encadeamento de

operações mentais de gestos técnicos com o objetivo de satisfazer uma necessidade (imediate ou não) seguindo um projeto preexistente (Perlés, 1990).

O conceito de cadeia operatória permite uma representação ordenada e hierarquizada do processo de talhe lítico que culmina no fabrico de utensílios líticos. As principais etapas deste processo são a aquisição da matéria-prima, a preparação da produção, a produção propriamente ditas e o retoque (Tixier *et al*, 1980, Geneste, 1985, Pelegrin *et al*, 1988). A primeira utilidade da cadeia operatória é o estudo da origem das matérias-primas, e permitir uma definição temporal de um processo separando as etapas, sequências de gestos ou gestos isolados (Geneste, 1991). De um ponto de vista cognitivo, o conceito de cadeia operativa assume a produção lítica como sendo primeiro um projeto cognitivo que depois se traduz num esquema conceptual, concretizado através de gestos operacionais (Inizian *et al*, 1995). Embora sendo ainda influenciados por fatores humanos e naturais, é a constância ou recorrência destes gestos que permitem defini-los como intencionais (Sorressi e Geneste, 2011).

Embora a necessidade de se criarem definições tipológicas melhor estruturadas para o Paleolítico médio e Paleolítico inferior, já estejam subjacentes ao trabalho de François Bordes (Bordes, 1961). A adoção do conceito de cadeia operatória às indústrias líticas do Paleolítico médio e Paleolítico inferior foi, principalmente, fruto dos trabalhos de colegas e de antigos estudantes de Texier e Inizian. Foram surgindo, primeiro, trabalhos académicos (Geneste, 1985, Boëda, 1986) que depois se generalizaram na bibliografia destes períodos (Boëda, 1993 e Boëda, 1994). A consolidação da divulgação internacional do método das cadeias operatórias surgiu em 1995 com a obra de Dibble e Bar-Yosef (Dibble e Bar-Yosef, 1995).

A recorrência a este método das *Chaines Operatoires* não implica que não se tenha em atenção outras metodologias existentes sobre a análise de indústrias líticas. Uma dessas outras aproximações corresponde ao Sistema Lógico Analítico, cujo objetivo é conseguir mecanismos de descrição ana-

líticos mais coerentes introduzido por Carbonell (Carbonell *et al*, 1983). Este sistema baseia-se principalmente na tipologia analítica de George Laplace, na perspectiva analítica e sistémica de D.L. Clarke e na lógica histórica de E. P. Thompson. Nos anos 90 do século passado este sistema de análise é revisto e são inseridos novos conceitos (Carbonell *et al*, 1992; Mosquera, 1995; Vaquero, 1997; Rodriguez, 1997). Para esta corrente, a tecnologia não é um artefacto mas sim um processo de produção, pelo que se deve distinguir os segmentos que constituem a cadeia operativa e como estes se articulam ao longo da sequência de talhe. Adinâmica negativo/positivo, para esta corrente, é a base da estruturação temporal do processo operativo. Desse modo, e resumindo, esta segmentação da cadeia operatória distingue-se entre bases positivas, caso o objeto em análise seja a base de onde se extraíram lascas, e bases negativas, essas mesmas lascas. Quando essas bases positivas são por sua vez alvo de novos levantamentos passam a ser bases negativas, mas neste caso de segunda geração e os levantamentos resultantes, bases positivas também elas de segunda geração.

3.2. Pegos do Tejo 2

3.2.1. Caracterização da indústria lítica

A escavação dos Pegos do Tejo 2 resultou na exumação de um total de 464 peças (± 60 peças por m^2), que permite caracterizá-la como uma indústria sobre lasca. Desse conjunto realizou-se uma triagem, selecionando as peças que mais dados poderiam trazer para uma melhor compreensão dos processos de produção da utensilagem lítica.

No sítio dos Pegos do Tejo 2 verifica-se uma predisposição para o recurso a matéria-prima que se apresenta em placas, de origem autóctone, em detrimento de seixos de rio, abundantes nos terços do Tejo. Estas placas correspondem a fragmentos de quartzito que se vão desprendendo gradualmente das cristas quartzíticas Ordovícicas. À medida que vão sendo arrastados pelos depósitos de vertente, vão sendo alterados superficialmente

por processos químicos e mecânicos. Este tipo de suporte apresenta a grande vantagem de apresentar superfícies planas e geometria paralelepípedica, o que facilita uma primeira abordagem à massa a debitar. Quanto ao tipo de rocha utilizado verifica-se, na sequência do que foi dito em relação à origem, uma supremacia do recurso ao quartzito (93%). Este facto é facilmente perceptível quando analisamos as características físicas do quartzito. Este apresenta-se homogéneo, de grão fino, sem fraturas, o que autoriza um vasto leque de técnicas de talhe. O recurso a outro tipo de rochas é residual, sobressaindo mesmo assim o quartzo como segunda escolha.

A observação macroscópica de toda a coleção permitiu verificar que a maior parte do conjunto talhado estava num estado que se pode considerar fresco (92%). O material que se apresenta patinado representa 7% da população, existindo uma percentagem residual que se pode definir, em termos de estado de conservação, como rolado.

Como já foi referido anteriormente, a indústria lítica recolhida na estação dos Pegos do Tejo 2 corresponde a uma indústria cujo objetivo era a produção de lascas, que seriam, posteriormente, alvo de processos de retoque ou usadas em bruto. De facto, dentro da população estudada, o subconjunto das lascas é o mais representado, correspondendo a 78 % da população (N=236). Os núcleos e os percutores representam a restante coleção, somando, respectivamente, 14% e 5% do total.

3.2.2. Análise diacrítica dos núcleos

O núcleo Acheulense recolhido nos Pegos do Tejo 2 (Figura 2, nº 1) foi analisado de forma a se compreender o seu esquema operatório. A matéria-prima utilizada foi um bloco paralelepípedico de quartzito. O talhe inicia-se diretamente sobre uma face cortical sendo unidirecional. Neste exemplar são visíveis quatro levantamentos sendo o primeiro realizado um levantamento numa das extremidades do núcleo, seguindo-se uma outra na extremidade oposta. A terceira lasca, que deverá corresponder ao formato pretendido, consegue-se aplicando o impacto do percutor na mesma plataforma, que ser-

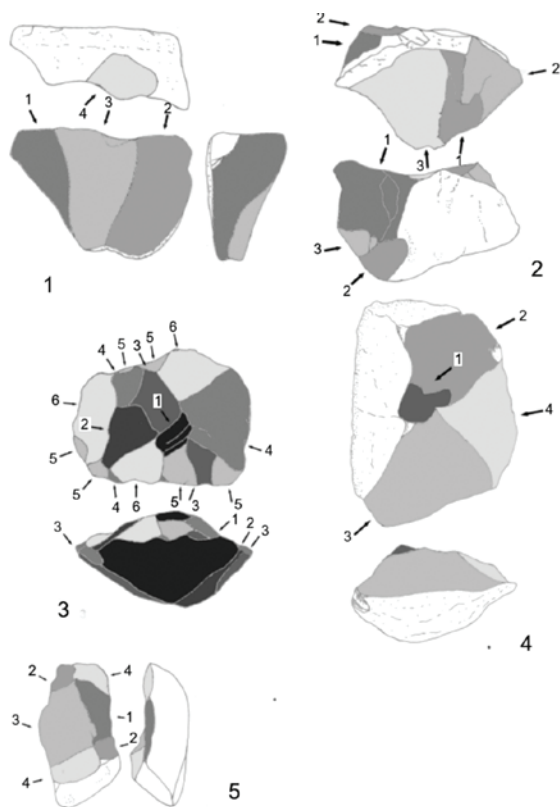


Figura 2 – Esquema diacrítico dos núcleos recolhidos na estação dos Pegos do Tejo 2. N.º 1 Núcleo Acheulense M4 13; N.º 2: núcleo oportunístico L2 17; N.º 3: núcleo discoíde M3 51; N.º 4: núcleo Levallois recolhido no corte; N.º 5: núcleo bipolar L3 10.

ve de talão, aproximadamente entre as duas lascas retiradas anteriormente. A lasca daqui resultante será de forma alongada, espessa e terá uma nervura central na face dorsal, correspondendo à zona de contacto das duas lascas anteriores. Existe um quarto levantamento, paralelo à plataforma de percussão, mas que não teve continuação.

Outro núcleo presente na coleção dos Pegos do Tejo 2 foi classificado como oportunístico, sobre bordo de seixo (Figura 2, n.º 2). Também é produzido a partir de um bloco de quartzito autóctone. Neste caso, a cadeia operatória inicia-se como no caso do núcleo Acheulense apresentado anteriormente. A debitage começa sobre plataforma cortical, levantando três a quatro lascas. Porém como o núcleo passa a ser visto como uma massa, a posição do núcleo é alterada e começa-se a talhar uma nova face

do volume aproveitando os negativos dos levantamentos anteriores como plataforma de percussão dos novos levantamentos. Este processo é realizado em três faces originando núcleos de forma prismática. As lascas resultantes desta debitage apresentam um formato alongado com a largura máxima da peça a aparecer no terço distal, embora exista alguma variabilidade nos suportes resultantes.

Ainda nos núcleos identificados nesta estação, o exemplar apresentado na figura 2, n.º 3 corresponde a um bloco de quartzito com uma forma mais globulosa. Esta forma indica algum transporte pela encosta da crista quartzítica, que lhe limou as arestas. Aproveitando uma superfície fraturada naturalmente, realizaram-se três levantamentos centrípetos sendo o terceiro levantamento realizado em posição central em relação aos dois anteriores. Na zona central do núcleo é visível parte de um levantamento anterior. As lascas resultantes da debitage apresentam um formato alongado com a largura máxima da peça a aparecer no terço distal.

A peça que levou à identificação da estação dos Pegos do Tejo 2 é um núcleo *Levallois* típico recolhido no corte da estrada numa zona que corresponde, após implantação da quadrícula, ao quadrado L2 (Figura n.º 2, n.º 4). Mais uma vez foi utilizado o quartzito da zona, cuja forma inicial não é possível identificar devido ao estado avançado de debitage do núcleo. Trata-se de um núcleo *Levallois* centrípeto recorrente, cujo objetivo é a obtenção de lascas predeterminadas, de tipo *Levallois*. Neste núcleo, o impacto que deveria resultar nessa lasca (levantamento 6 na vista superior) não foi aplicado com força suficiente, resultando numa lasca curta. Neste caso a preparação do núcleo começa com a remoção de lascas nas faces laterais do núcleo (vista lateral, levantamentos 1, 2 e 3). Posteriormente são realizados levantamentos na face superior, aproveitando como plataformas de percussão o negativo das lascas de preparação das faces laterais. Estes levantamentos com um ângulo de cerca de 30°, pretendem criar na zona central desta superfície uma zona mais elevada, facetada pelos levantamentos que lhe deram forma. Finalmente seria aplicado um

impacto junto ao eixo longitudinal da face superior com o objetivo de retirar uma lasca apresentando um gume em todo o perímetro da peça.

Por fim, o núcleo bipolar (Figura 2, n.º 5), de pequenas dimensões, apresenta como matéria-prima utilizada um bloco paralelepípedo de quartzito. Como nalguns núcleos anteriores, também não apresenta preparação da plataforma de percussão, recorrendo a superfícies corticais. A orientação dos levantamentos é perpendicular ao eixo maior do núcleo, resultando em suportes curtos. Neste caso são removidas pequenas lascas de forma alternada, resultando as lascas centrais mais largas do que as removidas nas extremidades do núcleo.

3.2.3. Descrição tecno-tipológica da indústria lítica

A análise do material lítico revelou a presença de diversos tipos de lascas, cuja morfologia está intimamente relacionada com os processos que lhes deram origem. A presença de lascas *Levallois* (Figura n.º 3, n.º 2 e 3; Figura n.º 4, n.º 2) não causou espanto uma vez que a primeira peça identificada nesta estação correspondeu a um núcleo *Levallois* (Figura 2, n.º 3). Algumas destas lascas apresentaram uma forma alongada (Figura n.º 3, n.º 1 e 2), outras (Figura 4, n.º 1, 2 e 3) foram utilizadas como lascas não retocadas (*Brut de débitage*). O diagnóstico de uso destas lascas foi realizado por observação macroscópica, pelo que deverá ser um diagnóstico condicional enquanto não for confirmado, ou infirmado, por observação microscópica.

Entre os suportes que sofreram alterações após a sua extração do núcleo, sobressaem aquelas que se transformaram em raspadeiras, denticulados e entalhes. As raspadeiras presentes nesta coleção podem ser frontais (Figura n.º 3, n.º 2 e 3), laterais (Figura n.º 3, n.º 2 e 3) e convergentes. De realçar a identificação de raspadeiras realizadas sobre acidentes de *Siret* (Figura n.º 3, n.º 6 e 8). Nesta estação os entalhes representaram a alteração contabilizada em maior número. Durante a escavação recolheram-se entalhes variados, tanto nas peculiaridades dos suportes como na forma de obtenção

técnica dos referidos entalhes (Figura n.º 3, n.º 1, 2 e 6, Figura n.º 4, n.º 7, 9, 10, 11 e 13).

No que diz respeito aos denticulados, embora menos numerosos que os entalhes, marcam presença notória na coleção (Figura n.º 3, n.º 3 e 7, Figura n.º 4, n.º 8). Identificaram-se duas facas de dorso, uma com dorso cortical (Figura n.º 3, n.º 9) e outra com dorso abatido por retoque abrupto convergente (Figura n.º 4, n.º 12).

No conjunto lítico recolhido nos Pegos do Tejo dois há ainda a referir a existência de um biface patinado reutilizado como raspadeira.

3.3. Azinhal

3.3.1. Caracterização da indústria lítica

No sítio do azinhal verifica-se que o suporte utilizado maioritariamente para a debitage é a placa. Estas placas correspondem a fragmentos de quartzito que se vão desprendendo gradualmente das cristas quartzíticas Ordovícicas. No entanto, recorreu-se também a uma grande percentagem de seixos rolados para fabricar as ferramentas pretendidas nesta estação. A este número de seixos deverá ainda ser adicionado parte do material que não foi possível determinar e que constitui cerca de 33% do conjunto. No que a origem da matéria-prima diz respeito verifica-se que a percentagem de matéria-prima autóctone representa cerca de 67 % da população estudada. O conjunto de rochas com origem externa representa 24 % da indústria lítica exumada no sítio do azinhal. Não foi possível definir a origem a cerca de 9% do total da amostra. Quanto ao tipo de matéria-prima utilizado domina o recurso ao quartzito com 62% das peças recolhidas a serem talhadas neste tipo de rocha. O quartzo e o cristal de rocha aparecem em segundo e terceiro lugares na escolha dos talhadores do Azinhal com, respetivamente, 29% e 7% do total. O sílex é utilizado de forma residual representando 2% da população. A indústria lítica recolhida na estação do Azinhal corresponde a uma indústria cujo objetivo era a produção de lascas. Essas lascas seriam, posteriormente, alvo de processos de retoque ou usadas em bruto. De fac-



Figura 3 – Indústria Lítica dos Pegos do Tejo 2 – utensílios sobre lasca: 1 – raspadeira e entalhe; 2 – entalhe frontal; 3 – denticulado; 4 – raspadeira frontal; 5 – furador; 6 e 8 – raspadeira sobre acidente de Siret; 7 – denticulado lateral; 9 – “couteau à dos”.

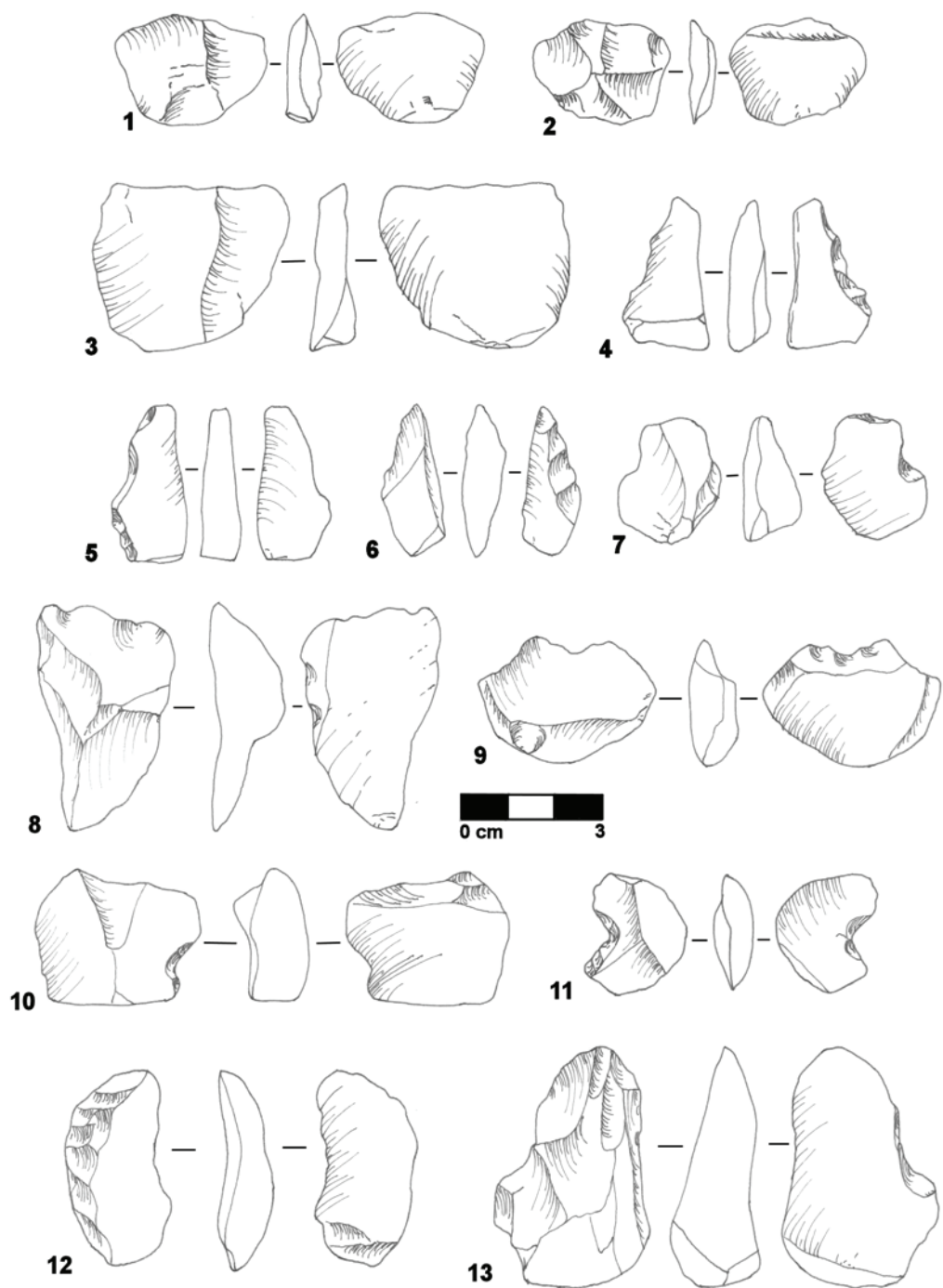


Figura 4 – Indústria Lítica dos Pegos do Tejo 2 – utensílios sobre lasca: 1 e 3 – lascas; 2 – lasca Levallois; 4, 5 e 6 – denticulados sobre acidentes de Siret; 7, 10, 11 e 13 – entalhes laterais; 8 – denticulado; 9 – entalhe frontal; 12 – *couteau à dos*.

to, dentro da população estudada, o subconjunto das lascas é o mais representado, correspondendo a 87 % da população (N=154).

3.3.2. Análise diacrítica dos núcleos

Um dos núcleos presente na coleção do azinhal foi classificado como oportunístico sobre bordo de seixo (Figura 5, n.º 1). A matéria-prima a que se recorreu correspondeu a um bloco de quartzito autóctone. A cadeia operatória começa com a remoção de uma lasca de grandes dimensões numa das faces da placa. Nesta mesma face são depois retiradas lascas paralelas entre si e perpendiculares ao eixo do primeiro levantamento. O núcleo é sobre posteriormente uma rotação de 90%, iniciando-se uma nova sequência de remoção de lascas utilizando como talão os negativos dos levantamentos realizados na outra face do núcleo. Estes levantamentos são centrípetos mas com origem (talão) sempre localizada nos negativos dos levantamentos anteriores realizados na outra face. Neste caso a debitage resumiu-se a duas faces, ficando sempre partes corticais ou fraturas naturais, no núcleo, iniciando-se o processo de talhe, algumas vezes, numa destas fraturas. As lascas obtidas através desta debitage apresentam um formato mais curto e mais largo, embora exista alguma variabilidade nos suportes resultantes.

O núcleo apresentado na figura 5, n.º 4, teve por base um seixo de quartzo leitoso de pequena dimensão, de origem fluvial. A debitage apresentada é discóide, tendo sido realizado um conjunto de seis levantamentos centrípetos em apenas numa das faces do seixo. O início da cadeia operatória poderá ter sido iniciada com um levantamento lateral que ainda se observa na face lateral do núcleo. Realizaram-se três levantamentos centrípetos sendo o terceiro levantamento realizado em posição central em relação aos dois anteriores. Na zona central do núcleo é visível parte de um levantamento anterior. As lascas resultantes deste tipo de debitage apresentam-se mais compridas que largas mas sempre de pequeno formato, devido às dimensões da matéria-prima.

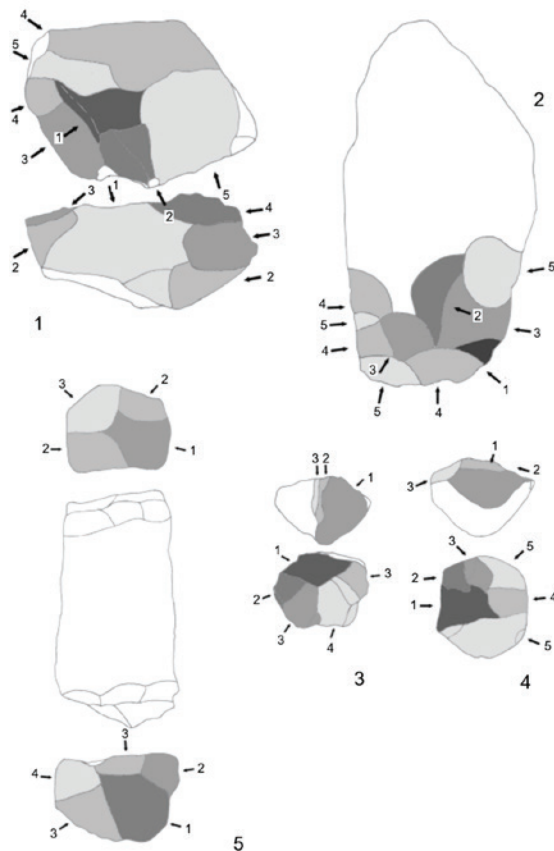


Figura 5 – Esquemas diacríticos – 1: núcleo G26 79; 2: WA26 34 3: WA26 30; 4: núcleo K27 17; 5: núcleo M26 51.

Ainda nos núcleos discóides identificados nesta estação, o exemplar apresentado na figura 5, n.º 3 corresponde a um bloco de quartzo hialino de filão com uma forma paralelepípedica. Como no exemplo anterior, o talhe inicia-se com um levantamento lateral, que depois é aproveitado como talão do primeiro levantamento da face superior. A cadeia operatória segue com um conjunto de levantamentos centrípetos. As lascas resultantes da debitage apresentam um formato variado.

Finalmente nos núcleos identificados nesta estação, o exemplar apresentado na figura 5 n.º 5 corresponde a uma placa de quartzito de forma alongada. Esta base é talhada nas duas extremidades através de levantamentos centrípetos. Aproveitando uma superfície cortical, realizaram-se, numa das faces quatro levantamentos centrípetos enquanto na face oposta foram retirados cinco lascas. Neste

caso não houve qualquer preparação do talão. As lascas resultantes deste núcleo de bitagem apresentam uma relativa homogeneidade opondo um talão cortical a um gume em arco de círculo.

O maior núcleo recolhido no Azinhal teve por base meio seixo de quartzito de grandes dimensões (Figura 5, n.º2). Embora pareça, à primeira vista, apresentar uma de bitagem muito semelhante ao núcleo apresentado anteriormente difere, na verdade, em alguns pontos importantes. As semelhanças com o caso anterior assentam no facto de se ter preferido uma das extremidades do seixo, porém apenas foi talhado uma das extremidades e a de bitagem não é centrípeta apenas se limitando ao perímetro cortical presente na peça. Aproveitando uma superfície cortical, realizaram-se todo um conjunto de levantamentos que se iniciaram sempre em zona cortical. As lascas resultantes desta de bitagem apresentam uma relativa homogeneidade formal, embora apresentem diferenças em tipo de dimensões, opondo um talão cortical a um gume em arco de círculo.

3.3.3. Descrição tecno-tipológica da indústria lítica

Em termos tecno-tipológicos a indústria do Azinhal é uma indústria sobre lasca.

A análise do material lítico revelou a presença de diversos tipos de lascas, cuja morfologia está intimamente relacionada com os processos que lhes deram origem.

A matéria-prima a que se recorreu nesta estação, pequenos núcleos de quartzito e quartzito hialino, também vai influenciar o formato final da indústria produzida. Embora não tenha sido identificado nenhum núcleo *Levallois* durante a escavação (foram recolhidos durante a prospeção de superfície), foram recolhidas lascas *Levallois* que atestam este modo de de bitagem na estação (Figura 6, n.º 1 a 5, Figura 7, n.º 4, 5, 7 e 8).

Nesta estação, identificou-se um tipo de raspadeira que constitui o utensílio mais recorrente. Este tipo de raspadeira caracteriza-se pelo adelgaçamento da zona proximal, nalguns casos realizado

por retoque abrupto (Figura 6, n.º 1 e 8), noutros casos por um ou mais levantamentos paralelos ao eixo da peça (Figura 7, n.º 3) ou ainda, aproveitando lascas já com esse estreitamento após a sua remoção do núcleo. Estes utensílios deveriam ser usados, hipoteticamente, como raspadeiras frontais.

Dentro do universo das raspadeiras identificaram-se ainda alguns elementos realizados sobre lascas de maiores dimensões (Figura 8, n.º 3, 5 e 6) e que deverão corresponder a raspadeiras laterais. Uma das lascas alongadas recolhidas nesta estação também apresenta a remoção do talão, realizada através de levantamentos paralelos no bolbo de percussão (Figura 7, n.º 3). Esta estação revelou mais alguns suportes alongados, nomeadamente 2 lâminas *Levallois* (Figura 7, n.º 1 e 2) sendo a primeira alvo de retoque lateral que a transformou em raspadeira lateral. Um dos achados mais curiosos do Azinhal corresponde a 2 fragmentos proximais de lascas (Figura 8, n.º 1 e 2) com talão retocado em pedúnculo.

A indústria lítica do Azinhal apresenta, além de cadeias operatórias típicas do Paleolítico médio como acima se referiu, todo um conjunto de núcleos e utensílios de tipo comumente atribuídos ao Paleolítico superior, foram identificados núcleos para lamelas (Figura n.º 9, n.º 4), um furador (Figura 7, n.º 8) e um buril (Figura 6, n.º 7). Os núcleos para lamelas são elaborados em quartzito leitoso e quartzito hialino. Outra característica da indústria do Azinhal consiste no aproveitamento de lascas tanto em quartzito como em quartzito das quais se vão extrair esquirolas ou lascas de pequena dimensão, aproveitando principalmente o talão dessas mesmas lascas. Além da indústria sobre lascas, a coleção recolhida nesta estação conta com a presença de dois bifaces de tipo Micoquense (Figura 9, n.º 1 e 2). Estes bifaces, de ponta arredondada e estreitamento no último terço distal, apresentam um talão espesso e cortical.

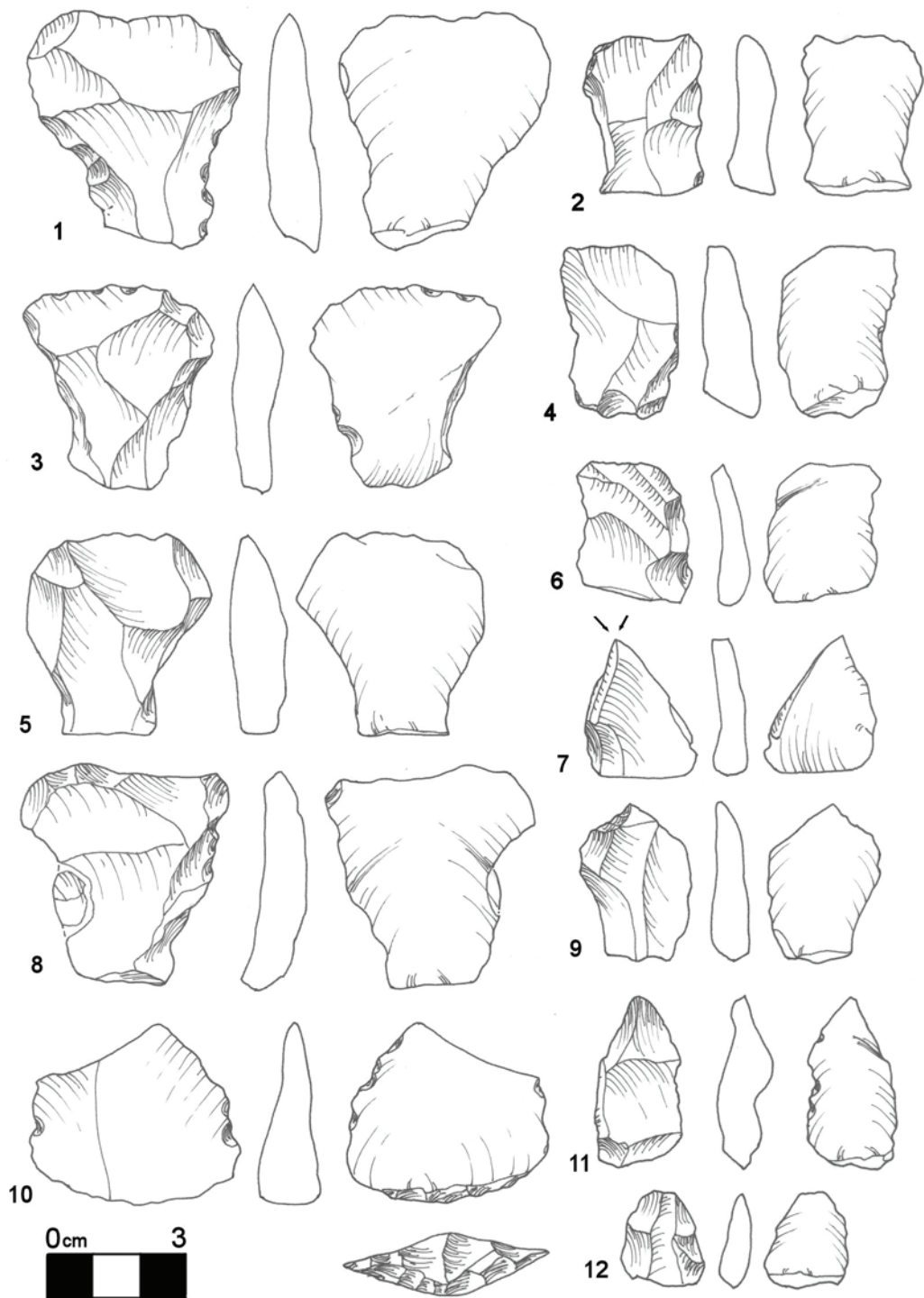


Figura 6 – Indústria lítica do Azinhal – utensílios sobre lasca: 1, 3, 5 e 8 – raspadeiras frontais; 2 e 4 – lascas Levallois; 6, 9 e 12 – lascas; 7 – buril; 10 – lasca com talão facetado; 9 e 11 – raspadeiras laterais. 9 e 12 em quartzo.

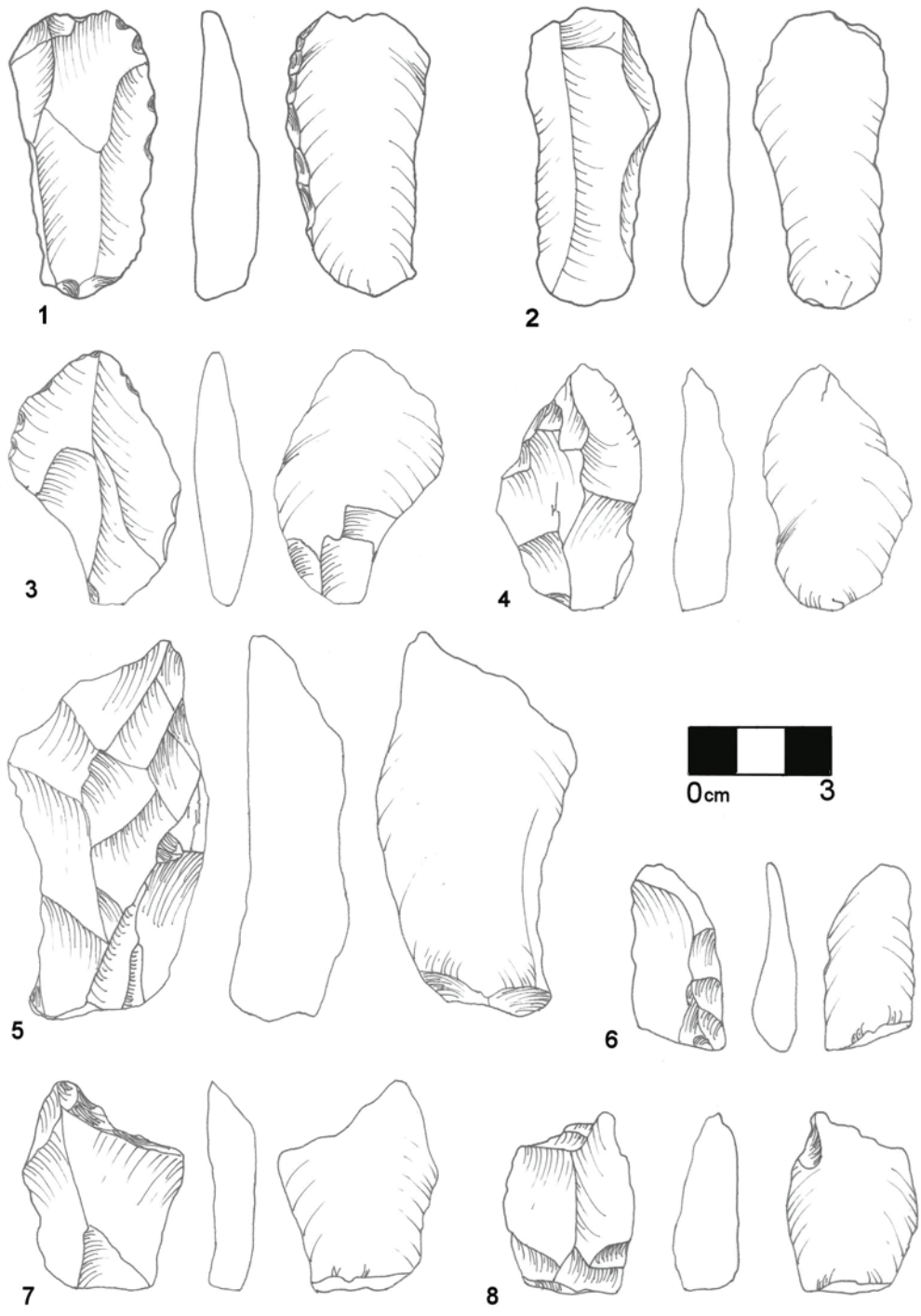


Figura 7 – Indústria Lítica do Azinhal – utensílios sobre lasca: 1 – raspadeira lateral sobre lâmina Levallois; 2 – lâmina Levallois; 3 – lasca com adelgaçamento do talão; 4 e 5 – lasca Levallois; 6 – faca de dorso; 7 – raspadeira frontal; 8 – furador. Quartzito.

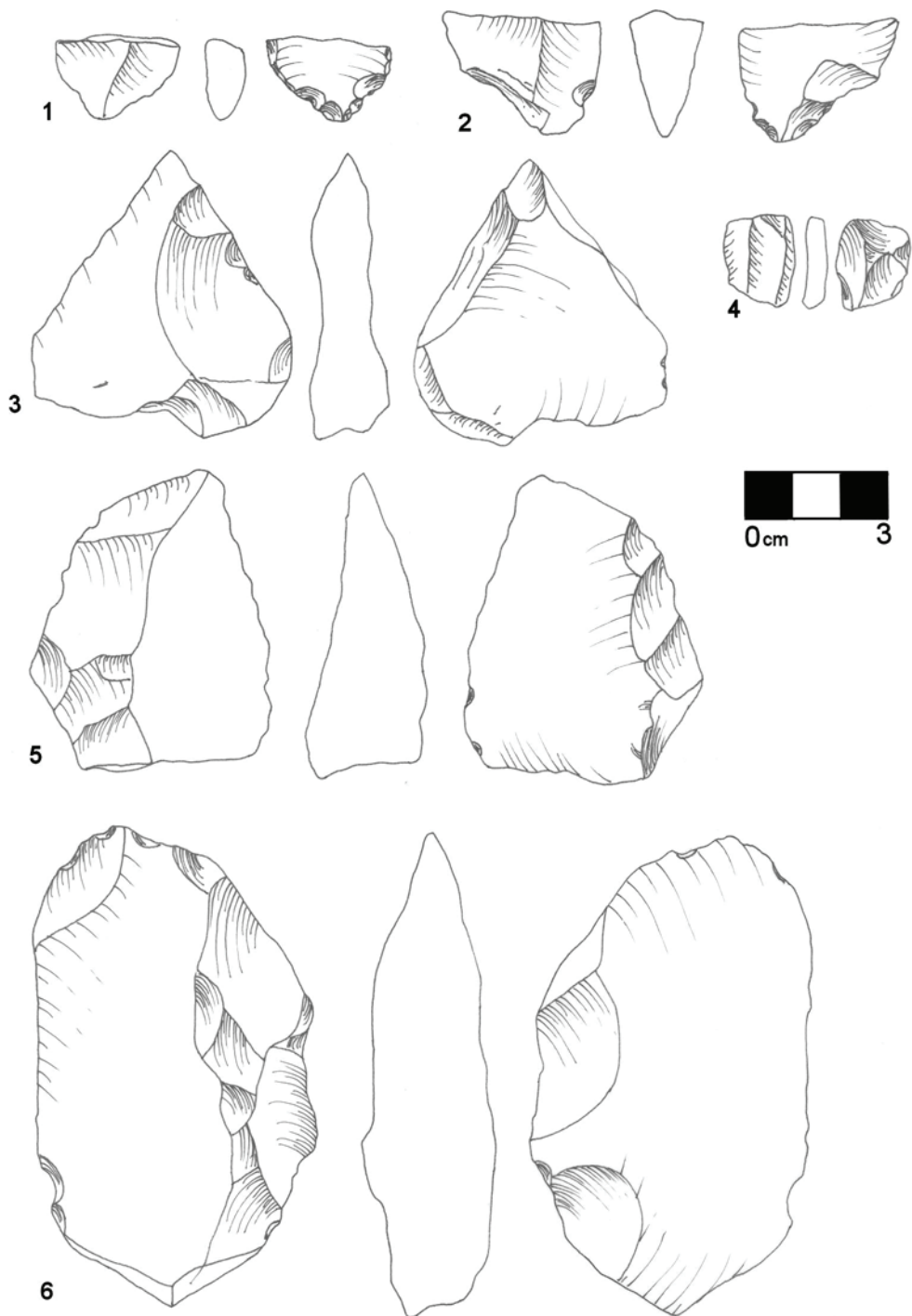


Figura 8 – Indústria lítica do Azinhal – utensílios sobre lasca: 1 e 2 – fragmentos de lascas com o talão retocado em pedúnculo; 2 – lasca Levallois; 3, 5 e 6 – raspadeiras laterais; 4 – lasca em quartzo hialino.

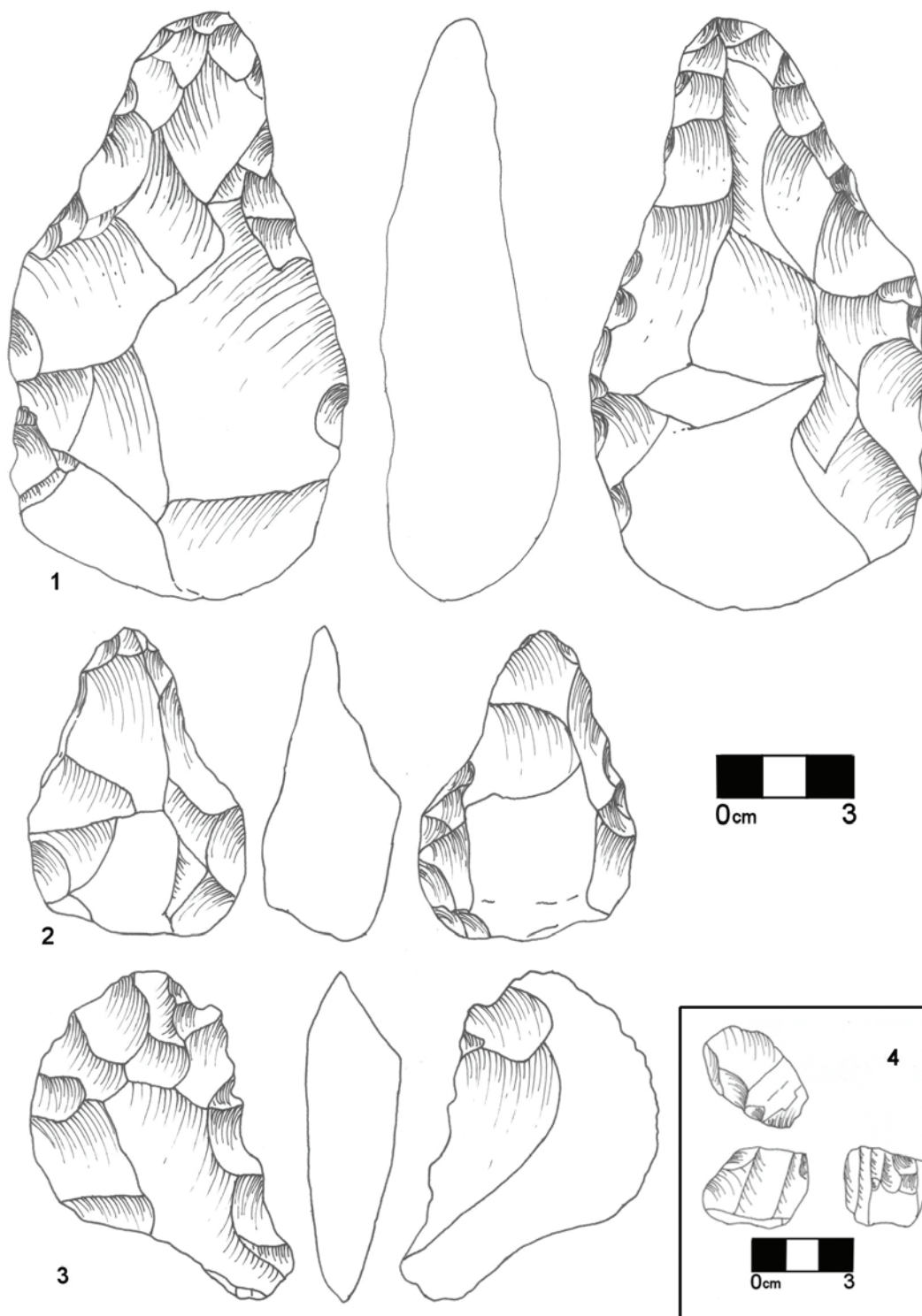


Figura 9 – Indústria Lítica do Azinhal: 1 e 2 – bifaces Micoquenses; 3 – denticulado sobre lasca. Quartzito; 4 – Núcleo para lamelas em quartzo hialino.

3.4. Tapada do Montinho

3.4.1. Caracterização da indústria lítica

A observação macroscópica de toda a coleção permitiu verificar logo no início a existência de um diferente grau de pátina entre as peças analisadas. Algum do material (n=41, 12%) apresentava-se patinado enquanto a maior parte da coleção (n=315, 88%) estava num estado que se pode considerar fresco. Apenas se irá analisar esta última.

Em termos de matéria-prima predomina o quartzo (82%) seguido do sílex (11%) e quartzo (6%). O arenito também marca presença mas aparece muito residualmente (1%). No que diz respeito à proveniência da matéria-prima observada na série fresca da Tapada do Montinho, verifica-se que a origem local predomina com um total de 70% do material talhado a ser proveniente das cristas quartzíticas das Portas de Ródão. A matéria-prima com origem externa representa cerca de 29% do total. Para algum material (residual, 1%) não foi possível definir a origem da matéria-prima. A indústria lítica recolhida na estação dos Pegos do Tejo 2 corresponde a uma indústria cujo objetivo era a produção de lascas. Essas lascas seriam, posteriormente, alvo de processos de retoque ou usadas em bruto. De facto, dentro da população estudada, o subconjunto das lascas é o mais representado, correspondendo a 84 % da população (N=265).

3.4.2. Análise diacrítica dos núcleos

No conjunto da indústria lítica fresca, pode realçar-se a presença de 18 núcleos que nos dão uma ideia dos processos de produção lascas. Desses, irão ser analisados mais pormenorizadamente cinco. O primeiro núcleo analisado em relação à sequência de gestos técnicos que lhe deram origem corresponde a um núcleo *Levallois* típico recolhido no quadrado M41 (Figura 10, n.º 2). Mais uma vez foi utilizado o quartzo da zona, cuja forma inicial não é possível identificar devido ao estado avançado de debitage do núcleo. Trata-se de um núcleo *Levallois* centrípeto recorrente cujo objetivo é a obtenção de lascas predeterminadas, *Levallois*. Neste caso a

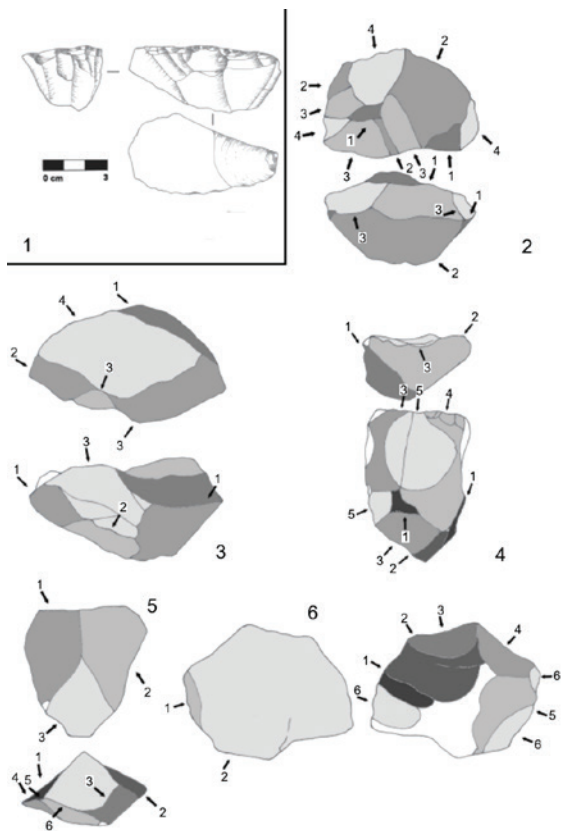


Figura 10 – 1 – núcleo para esquirolas, ou “raspadeira” tipo Quina; 2 a 6 – Esquemas diacríticos- 2 núcleo M41 06; 3 – núcleo M41 07; 4 – núcleo M41 10; 5 – núcleo N37 21; 6 – núcleo O40 41.

preparação do núcleo começa com a remoção de lascas nas faces laterais do núcleo (vista lateral, levantamentos 1 e 2). Posteriormente são realizados levantamentos na face superior, aproveitando como plataformas de percussão o negativo das lascas de preparação das faces laterais. Estes levantamentos com um ângulo de cerca de 30 °, pretendem criar na zona central desta superfície uma zona mais elevada, facetada pelos levantamentos que lhe deram forma. Finalmente seria aplicado um impacto junto ao eixo longitudinal da face superior com o objetivo de retirar uma lasca apresentando um gume em todo o perímetro da peça. As lascas resultantes destas operações apresentam formatos variados.

Um dos núcleos presente na coleção do azinhal foi classificado como de tipo Quina (Figura 10, n.º 3). A matéria-prima a que se recorreu correspondeu a um bloco de quartzo autóctone, onde estão pre-

sente fraturas naturais. A cadeia operatória começa com a remoção de uma lasca de grandes dimensões numa das faces da placa. Seguiu-se mais um levantamento na outra extremidade dessa mesma face. Ainda neste lado seguiu-se um levantamento retirado na zona central na zona de intersecção dos dois levantamentos anteriores. A debitagem passou, depois, para uma face perpendicular, onde foram retirados dois levantamentos, paralelos no sentido de percussão, em cada extremidade desta face. Curiosamente, após a remoção destas duas lascas foi tentado um quarto levantamento (n.º 3) na face trabalhada anteriormente mas que não correu bem, originando várias fraturas na peça. Finalmente o talhador regressou à segunda superfície de talhe e retirou uma lasca na zona central, na zona de intersecção das duas lascas retiradas anteriormente.

Neste caso a debitagem resumiu-se a duas faces, ficando sempre partes corticais ou fraturas naturais, no núcleo. Algumas vezes o processo de talhe inicia-se numa destas fraturas naturais. As lascas resultantes desta debitagem apresentam um formato mais curto e mais largo, embora exista alguma variabilidade nos suportes resultantes.

O núcleo M41 10 (Figura 10, n.º 4) é um núcleo *Levallois* atípico. Mais uma vez foi utilizado o quartzito da zona, na forma de uma placa. Trata-se de um núcleo *Levallois* atípico porque não apresenta uma preparação do núcleo seguindo os “*cânones clássicos*”. A escolha da base utilizada teve em conta o formato da placa de quartzito que já apresentava lados oblíquos. Desse modo, o talhador não realizou qualquer preparação nas faces laterais do núcleo, existindo apenas uma preparação da face superior e da face que serviria de talão para a remoção da lasca *Levallois* pretendida. Essa preparação tinha como objetivo a produção de uma lasca *Levallois* que aliás ainda está presente no núcleo (Figura 10, n.º 4, levantamento 5, sentido Norte/Sul). Realmente a preparação da face superior do núcleo não conseguiu dar relevo à zona central do núcleo, o que associado à falha na aplicação da força de percussão, resultou na impossibilidade da remoção da lasca *Levallois* final. Devido a este acidente, o núcleo foi aban-

donado, chegando até hoje com esta lasca na sua posição original. As lascas resultantes deste núcleo tem vários formatos mas correspondem a passos intermediários na cadeia operatória que tem como objetivo a obtenção de uma lasca *Levallois* típica.

O núcleo cujo esquema diacrítico se apresenta de seguida corresponde a um núcleo sobre lasca para obtenção de pontas *Levallois*. A matéria-prima utilizada corresponde ao quartzito autóctone de grão fino. Recorrendo, como base, a uma lasca espessa com uma crista dorsal bem centrada (Figura 10, n.º 5) iniciou-se uma preparação minuciosa do talão. Para isso realizaram três levantamentos (n.º 3, 4 e 5, desenho inferior). Por alguma razão este processo correu mal e o que devia resultar numa ponta *Levallois* resultou numa ponta pseudo-*Levallois* uma vez que o eixo de percussão está desfasado do eixo da lasca que lhe deu origem.

O último núcleo analisado corresponde a outro núcleo *Levallois* (Figura 10, n.º 6). Desta vez a matéria-prima não é autóctone. A base para este núcleo foi um seixo rolado de quartzito castanho. Este núcleo apresenta-se numa fase de debitagem muito avançada, encontrando-se esgotado. A cadeia operatória iniciou-se com a remoção do córtex do seixo através de sucessivos levantamentos centrípetos. Posteriormente foi removida uma lasca na superfície superior do núcleo abarcando toda esta superfície.

3.4.3. Descrição tecno-tipológica da indústria lítica

A indústria fresca da Tapada do Montinho apresenta alguma diversidade de produtos acabados. Nesta estação recolheram-se vários tipos de lascas, nomeadamente lascas *Kombewa* (Figura 11, n.º 1, 3 e 5) e lascas *Levallois* (Figura 11, n.º 2, 4 e 7) Algumas dessas lascas foram utilizadas como raspadeiras (Figura 11, n.º 6 e 8), tendo em atenção os estigmas de uso. Outros elementos lascares apresentam entalhes, dois dos quais clactonenses (Figura 11, n.º 9, p. ex.). As lascas *Kombewa* fazem a sua primeira aparição no registo do Paleolítico médio da Bacia do Arneiro, nesta estação. Duas delas (Figura 11, n.º 1 e 3) divergem, pelas suas dimensões do restante

registro arqueológico da Tapada do Montinho. São maiores que o resto das lascas e dos núcleos representados na coleção. Esta diferença pode indicar que terão sido trazidas para o sítio como produto já acabado. A favor desta possibilidade, existe ainda

o reavivamento patente no exemplar 3 da figura 11. A terceira lasca *Kombewa*, mais modesta em dimensões já enquadra melhor no material debitado na Tapada do Montinho. Nesta estação verifica-se um incremento do uso de sílex como matéria-prima,

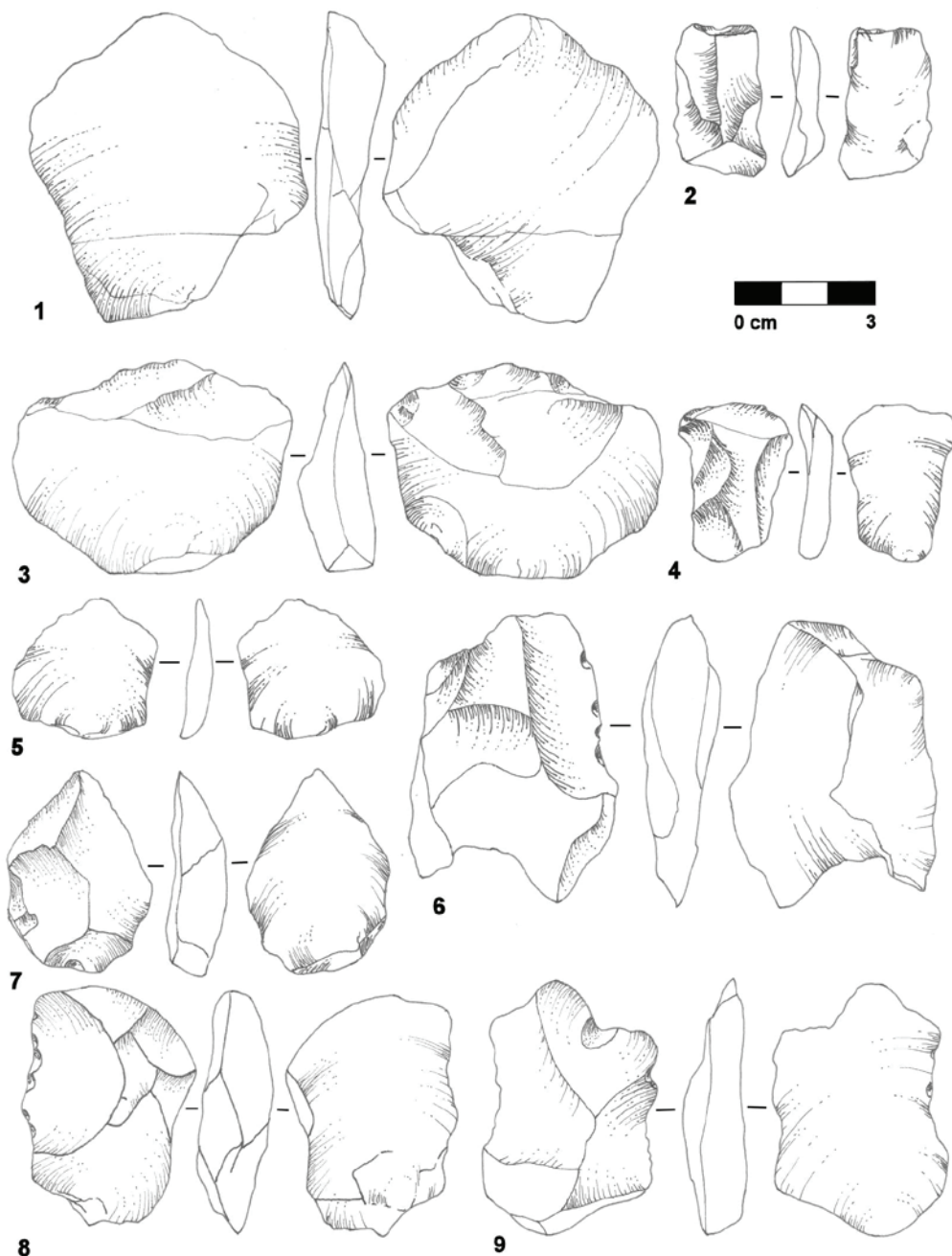


Figura 11 – Indústria da série fresca da Tapada do Montinho, em quartzito salvo indicação contrária: 1, 3 e 5 – Lascas *Kombewa*, apresentando a n.º 3 reavivamento; 2 – Lasca *Levallois* em sílex; 4 e 7 – Lascas *Levallois*; 6 e 8 – Raspadeiras laterais; 9 – Ferramenta dupla raspadeira e entalhe.

tendo-se registado uma lasca *Levallois* no espólio estudado (Figura 11, n.º 2). Como indício da presença de outro método de talhe usado na estação da Tapada do Montinho, registou-se a presença de uma lasca resultante de talhe discoíde com talão facetado (Figura 12, n.º 2). As lascas representadas na

fig. 12 com os números 8, 9 e 10 resultam de uma mesma sequência de debitage cujo objetivo é a produção de suportes alongados. A associação destas três lascas prende-se com características cromáticas do quartzito empregue e que é único nestas três peças.

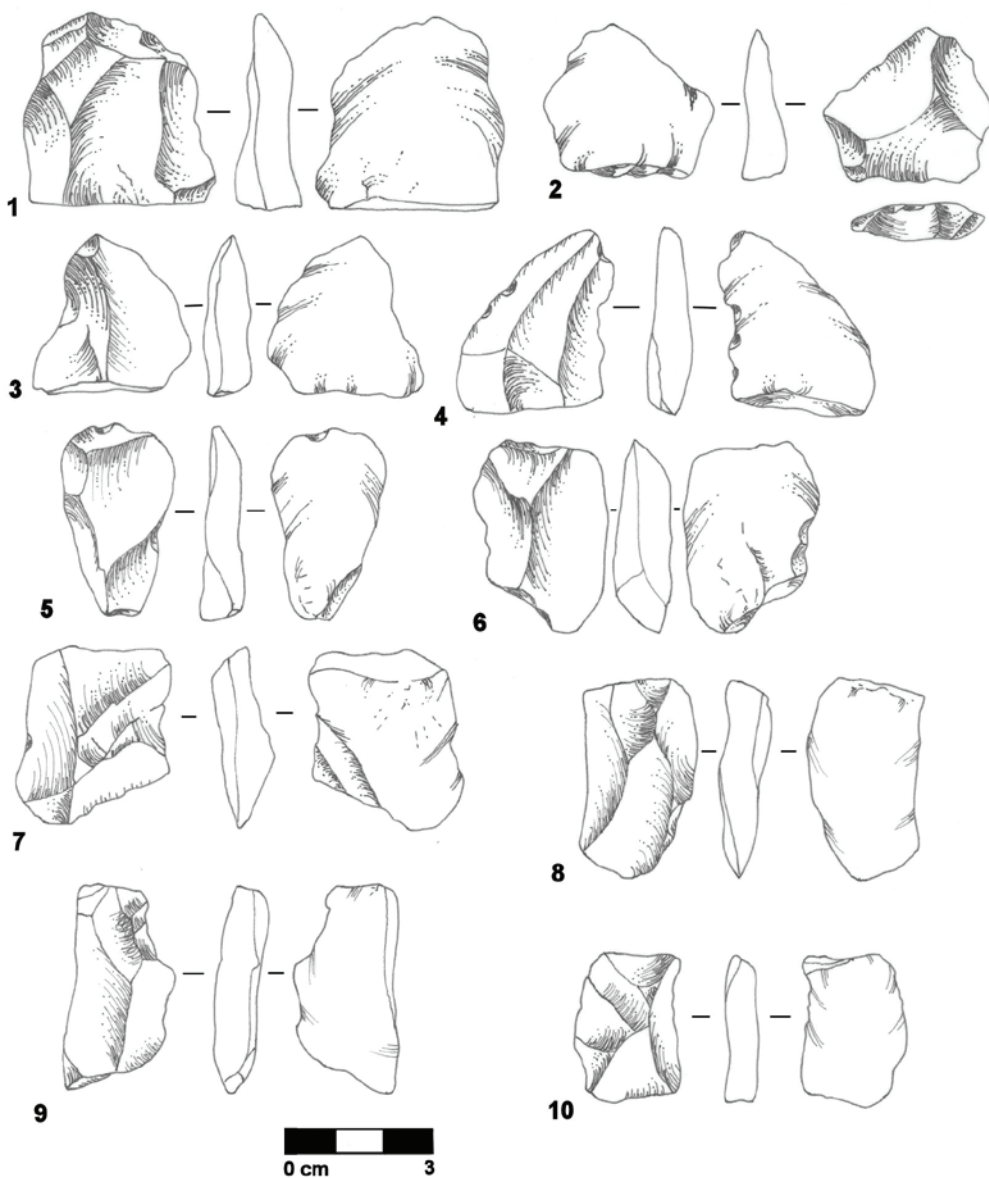


Figura 12 – Indústria da série fresca da Tapada do Montinho, em quartzito: 1, 8, 9 e 10 – Lascas resultante de talhe oportunístico, sendo a n.º 1 uma raspadeira lateral; 2 – Lasca resultante de talhe discoíde com talão facetado; 3 – Entalhe clactonense; 4 – raspadeira convergente; 5 – Denticulado frontal; 6 – Entalhe; 7 – Lasca *Levallois*.

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Os dados retirados do estudo das colecções líticas das estações dos Pegos do Tejo 2, Azinhal e Tapada do Montinho permitem apresentar novos dados e verificar hipóteses antigas.

As datações obtidas para a estação dos Pegos do Tejo 2 indicam a existência de indústrias Moustierenses no Pleistocénico médio final em Portugal. Estes dados vão ao encontro de alguns dados existentes para a Península Ibérica anteriormente referidos (Santonja e Pérez-González, 2001, Marks *et al*, 2002 e Arrizabalaga, 2006).

Assumia-se um prolongamento até ao Pleistoceno Superior de indústrias com uma componente bifacial, inserida no grupo das indústrias ditas “Micoquenses”. De facto não aparece na bacia do Arneiro este tipo de continuação das indústrias bifaciais. Verifica-se, na estação dos Pegos do Tejo 2 uma ausência de bifaces. O biface que aqui foi recolhido é reutilizado, servindo de raspador nesta segunda fase de uso. A indústria deste conjunto não apresenta qualquer característica de talhe bifacial. Na estação do Azinhal verifica-se um reaparecimento da presença de bifaces, estes sim de tipo Micoquense, na coleção lítica recolhida. Este fenómeno deve ser interpretado como um retorno a um método de talhe que foi abandonado e depois retomado. Este fenómeno não parece ser de cariz regional mas corresponde sim a um fenómeno que se estende ao resto da Península Ibérica, com o Vasconense, em toda a Europa, com o fenómeno *bout coupé* em Inglaterra, do Moustierense de Tradição Acheulense do Sul de França e do Micoquense da Europa de Leste propriamente dito.

Confirma-se uma ocupação humana datada do Würm antigo na Bacia do Arneiro e no território português. Os factos apontam para uma longa presença de comunidades humanas durante o Paleolítico médio em Portugal.

Como já se referiu acima, a composição técnica e tipológica dos conjuntos líticos do Paleolítico médio é heterogénea. Heterogénea no sentido em que se identifica variabilidade no registo arqueológico

relacionada com a funcionalidade do sítio. A grande percentagem de utensílios verificada na estação dos Pegos do Tejo 2 diverge dos outros dois sítios, Tapada do Montinho e Azinhal, indiciando uma maior duração da ocupação, com outras funcionalidades.

A ocupação humana da bacia do Arneiro vem confirmar a utilização preferencial de matérias-primas existentes nas envolventes mais próximas das estações. Esta matéria-prima foi trabalhada de forma mais expedita mas também apresenta cadeias operatórias mais complexas dentro do mesmo espectro lítico. A existência de matéria-prima local em grandes percentagens, na área alvo deste estudo, não pode ser só visto como uma tendência de utilização de rochas que estão disponíveis no imediato. O quartzito da Portas de Rodão apresenta características ótimas para a debitação. A implantação das ocupações humanas durante o Paleolítico médio nesta região não terá sido ditada pela possibilidade de aprovisionamento de matéria-prima de boa qualidade?

Experiências de talhe realizadas no âmbito deste trabalho permitiram verificar que existem duas razões para a preferência do quartzito originado nas cristas quartzíticas ao revés do quartzito que se pode recolher nos terraços do Tejo. O primeiro tem a ver com o formato, apresentando-se o quartzito das cristas em blocos ortogonais, divergindo das formas ovaladas dos seixos. O trabalho de formação é facilitado podendo-se iniciar a debitação, nalguns casos, sem qualquer trabalho de formatação da massa a debitar. Por outro lado, esta matéria-prima não sofre um transporte tão intenso como os seixos dos terraços, apresentando um córtex menos desenvolvido e mais fácil de trabalhar.

Sobressai, ainda, o caso do Azinhal, estação na mesma situação de proximidade ao quartzito que as ocupações dos Pegos do Tejo 2 e Azinhal, onde se utilizou outro tipo de rocha, o quartzo, em percentagens significativas. Como já se disse acima, existem ainda indicações de transporte de matéria-prima em distâncias superiores, pelos dados que se inferiram no Arneiro, ligadas ao transporte de

bases semi-preparadas, prontas a debitar em caso de necessidade.

A utilização de várias matérias-primas não está diretamente relacionada com o tratamento tipológico e técnico de que serão alvo. A grande variedade de soluções técnicas repertoriadas, para a mesma matéria-prima, nos sítios investigados, indicia que não será o tipo de rocha a determinar o tipo de cadeia operatória que se irá aplicar a determinado volume. Mas esse volume pode interferir, devido principalmente às suas dimensões, nas cadeias operatórias a que recorre o talhador para produzir as ferramentas pretendidas. Isso é evidente no caso do Azinhal, onde os volumes de base em quartzo leitoso e hialino são de menores dimensões, obrigando a cadeias operatórias centrípetas ou discóides. O quartzo apresenta gumes mais cortantes mas menos resistentes o que o tornam ideal para corte de maior precisão.

Os índices de utensílios retocados devem ser analisados com cuidado, uma vez que a necessidade de retocar gumes de produtos de talhe apenas se justifica em determinados tipos de matéria-prima. Os produtos de talhe em quartzito, quando apresentam alguma espessura, dispensam qualquer tipo de retoque. O retoque pode ser visto como uma necessidade de reavivar um utensílio resultante da matéria-prima utilizada (sílex por exemplo) ou do sistema operatório escolhido (debitagem laminar por exemplo). O retoque que se observa nas estações do Paleolítico médio da bacia do Arneiro corresponde, maioritariamente, à elaboração de dorsos.

Existe, isso sim, um predomínio de gumes denticulados e de entalhes na indústria lítica dos sítios investigados neste trabalho, sendo particularmente alto na estação dos Pegos do Tejo 2.

No que à origem das indústrias pré-würmianas do Paleolítico médio diz respeito, o sítio dos Pegos do Tejo 2 vem trazer um conjunto de novos dados. Torna-se claro a existência de uma indústria sobre lascas, no final do Pleistoceno médio final, com presença de talhe *Levallois*, talhe discóide, e talhe oportunístico, sem bifaces. Esta indústria não apresenta afinidades com outros conjuntos arqueológi-

cos mais antigos, como as do Vale do Forno, onde o cariz acheulense da indústria lítica se encontra ainda bem vincado.

A existência de tipos de utensílios específicos na estação do Azinhal parece seguir uma tendência à escala europeia, associada a um período cronológico particular, cuja associação climática deverá ser melhor investigada.

Observou-se, na estação da Tapada do Montinho o aparecimento de cadeias operativas de tipo Kombewa e incremento de cadeias operativas de tipo Quina, com a respetiva microlitização do espólio lascar, associado a este último tipo de talhe.

A ideia que sobressai quando se observam as indústrias do Paleolítico médio da Bacia do Arneiro é de um fio condutor ao longo do período, de um modelo de produção lítica baseado na produção de lascas a partir de núcleos de tipo *Levallois*, à volta do qual se vão adotar soluções técnicas que visam a produção imediata dos suportes pretendidos. As dimensões destes suportes vão variar em relação ao que é predefinido pelo talhador e noutros casos ao que os volumes iniciais de matéria-prima permitem. De qualquer modo, e mesmo no último caso, como se verificou no Azinhal, a objetividade de quem talha é a pedra basilar que se encontra na base das cadeias operatórias desenvolvidas. Por detrás desta objetividade poderá estar uma necessidade específica de suportes para desempenhar determinada tarefa especializada ou de utensílios realizados uma rocha específica. Os novos dados não permitem uma progressão cronológica, no Paleolítico médio, no sentido de uma utilização de técnicas mais "complexas" nos sítios mais antigos, para técnicas mais expeditas, nos mais recentes, como adiantado por Raposo (1993).

O que acima foi apresentado revela que as comunidades humanas, que viveram na Bacia do Arneiro desde o final do Estádio isotópico 6 ao Estádio isotópico 3, conseguiram adaptar-se ao meio em que se movimentavam e aos recursos de que dispunham, alterando a sua panóplia tipo-tecnológica consoante as necessidades com que se deparavam. Este diversificado conhecimento técnico reflete

também diferentes processos funcionais, certamente relacionadas com as diferentes atividades realizadas em cada uma das estações estudadas.

O aparecimento da tecnologia *Levallois* não constituiu uma simples modificação na produção de lascas, mas representou, isso sim, uma parte de um conjunto mais amplo de alterações comportamentais que incluem o uso reiterado do fogo, a manipulação de pigmentos, o domínio de ferramentas compostas e estratégias de caça mais elaboradas. Determinar a cronologia do aparecimento deste melhoramento tecnológico é crucial para perceber quando estas novas adaptações sociais ocorreram e como se relacionam com outros comportamentos considerados simbólicos nos períodos posteriores.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Nelson; DEPREZ, S. e De DAPPER, M. (2008) – The Palaeolithic occupation of the Northeastern of Alentejo (Portugal): a geoarchaeological approach. In: *Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*, Bueno-Ramirez, P., BarrosoBermejo, R. e Balbín-Berhmann, R. eds., BAR International Series 1765, pp. 19-26.
- ALMEIDA, Nelson (2011) – New data from the Arneiro/Nisa Palaeolithic cluster (Portugal): The Middle Palaeolithic occupations of Pegos do Tejo 2 and Tapada do Montinho. In: *From the Origins: The Pre-history of the Inner Tagus Region*, P. Bueno-Ramirez, E. Cerrillo Cuenca e A Gonzalez Cordeiro Eds., BAR International Series 2219, pp. 29-38.
- ALMEIDA, Nelson; CARVALHO, Vânia e AVELEIRA, Augusto (2011) – Primeiros dados sobre a Pré-história antiga no Nordeste alentejano. *Arqueologia do norte alentejano – Comunicações das 3.^{as} Jornadas*, Carneiro, A, Rocha, L, Morgado, P. e Oliveira, J. eds. Lisboa Edições Colibri/C.M. Fronteira, pp. 35-43.
- ALMEIDA, Nelson (2014) – *O Paleolítico médio das Portas de Ródão, a margem esquerda (Nisa, Portugal): Contributo para a sua caracterização cronoestratigráfica*. Dissertação de Doutoramento em Pré-história. Escola de Ciências Sociais e Humanas. Universidade de Évora.
- ARRIZABALAGA, A. (2006) – Las primeras ocupaciones humanas en el Pirineo Occidental y Montes Vascos. Un estado de la cuestión en 2005. *Munibe (Antropologia-Arkeologia)*, 57/2, pp. 53-70.
- BOËDA, Eric (1986) – *Approche technologique du concept Levallois et évaluation de son champs d'application: étude de trois gisement saaliens et weichséliens de la France septentrionale*. Tese de doutoramento da Universidade de Paris X-Nanterre.
- BOËDA, Eric (1993) – Le débitage Discoïde et le débitage Levallois récurrent centripète. *Bulletin de la Société Préhistorique Française* 90(6), pp. 392-404.
- BOËDA, Eric (1994) – Le concept Levallois : variabilité des méthodes. *Monographie du CRA*, Paris, CNRS éd.
- CARBONELL, E.; GUILBAUD, M. y MORA, R. (1983) – Utilización de la lógica analítica para el estudio de tecno-complejos a cantos tallados. *Cahier noir*, 1, pp. 3-64.
- CARBONELL, E.; MOSQUERA, M.; OLLÉ, A.; RODRÍGUEZ, X. P.; SALA, R.; VAQUERO, M. y VERGÈS, J. M. (1992) – New Elements of the Logical Analytic System. *Cahier noir*, 6, pp. 3-6.
- CUNHA, P. P.; ALMEIDA, Nelson; AUBRY, Thierry; MARTINS, A. A.; MURRAY, A. S.; BUYLAERT J. P.; SOHBATI, R.; RAPOSO, Luis e ROCHA, Leonor, (2012) – Pleistocene sedimentary and human occupation records in the Arneiro depression (Lower Tejo River, central eastern Portugal). *Geomorphology Special Issue – Quaternary river terraces*. Vol. 165-166, pp. 78-90.
- CUNHA, P.P.; CURA, Sara; CUNHA RIBEIRO, João Pedro da; FIGUEIREDO, Silvério; MARTINS, A. A.; RAPOSO, Luis; PEREIRA, Telmo; ALMEIDA, Nelson (2017) – As indústrias do Paleolítico Inferior e Médio associadas ao Terraço T4 do Baixo Tejo (Portugal central); Arquivos da mais antiga ocupação humana no oeste da Ibéria, com ca. 340 ka a 155 ka, *Journal of Lithic Studies*, vol. 4, n. 3, pp. 27-56.
- DIBBLE, Harold L.; BAR-YOSEF, O. (1995) – *The Definition and Interpretation of Levallois Technology*. Prehistory Press.
- GENESTE, J.-M. (1985) – *Analyse Lithique d'Industries Moustériennes du Périgord: une Approche Technologique du Comportement des Groupes Humains au Paléolithique Moyen*. These de Doutoramento, Université de Bordeaux I.
- GENESTE, J.-M. (1991) – Systèmes techniques de production lithique: variations technoéconomiques dans les processus de réalisation des outillages paléolithiques. *Techniques et culture*, 17-18, pp. 1-35.
- INIZAN, M.-L., REDURON-BALLINGER, M., ROCHE, Helene e TIXIER, Jean-Pierre (1995) – *Préhistoire de la Pierre Taillée – t. 4: Technologie de la pierre taillée*. CREP, Meudon.
- LEROI-GOURAN, André (1990) – *O gesto e a palavra: técnica e linguagem*. Lisboa: Ed. 70.
- MARKS, A. E.; BRUGAL, J.-PH.; CHABAI, V. P.; MONIGAL, K.; GOLDBERG, P.; HOCKETT, B.; PEMAN, E.; ELORZA M. e MALLOL C. (2002) – Le gisement pléistocène moyen de Galeria

Pesada (Estrémadura, Portugal): premiers résultats. *PALEO*, 14, pp. 77-100.

MOSQUERA, M. (1995) – *Procesos técnicos y variabilidad en la industria lítica del Plesitoceno medio de la Meseta: Sierra de Atapuerca, Torralba, Ambrona y Aridos*. Tese de doutoramento, Departamento de Prehistoria, Universidad Complutense.

PELEGRIN, J.; KARLIN, C e BODU, P. (1988) – Chaines Operatoires: un Outil pour le Préhistorien. In: *Technologie Préhistorique*, Texier, J. edi., Notes et Monographies Techniques du CRA, n° 25. Edition du CNRS, pp. 55-62.

PERLÉS, C. (1990) – L'outillage de pierre taillée néolithique en Grèce: approvisionnement et exploitation des matières premières. *Bulletin de correspondance hellénique*. 114, 1, pp. 1-42.

RAPOSO, Luis (1993) – O Paleolítico Médio. *O quaternário em Portugal, problemas e perspectivas*. Colibri, Lisboa, pp. 147-161.

RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, X. P. (1997) – *Sistemas Técnicos de Produção Lítica del Pleistoceno inferior y medio de la Península*.

NOVOS DADOS PARA A COMPREENSÃO DA OCUPAÇÃO HUMANA NA FONTE SANTA (TORRES NOVAS)

Luís Gomes

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / l.gomes@campus.ul.pt

Resumo

O sítio da Fonte Santa é incontornável no estudo das sociedades do Paleolítico Superior Inicial da Península Ibérica. Trabalhos realizados na década de 1990 permitiram adiantar modelos de ocupação e produção artefactual a partir dos quais foi definido o tecnocomplexo Fontesantense. Com o intuito de consolidar e ampliar a informação disponível, estes modelos são testados através de metodologias complementares – remontagens físicas, extensão da análise lítica e distribuição espacial. Os resultados permitem observar a introdução de matéria-prima de origem local/regional, convertida no sítio em utensílios domésticos e de caça através de processos de rentabilização e esgotamento da matéria-prima, e a existência de duas áreas de actividade segregadas, organizadas em torno de zonas de combustão e entre as quais a actividade humana promoveu a circulação de material

Palavras-chave: Paleolítico Superior Inicial, Tecnologia Lítica, Análise Espacial, Remontagens Líticas, Fontesantense.

Abstract

The site of Fonte Santa is fundamental for the understanding of the Early Upper Palaeolithic societies of Iberian Peninsula. Studies developed in the 1990s established models of settlement and artefact production from which the Fontesantian technocomplex was defined. Building-up on that work, these models are tested using complementary methodological approaches: lithic refitting, more in-depth lithic technological analysis, and spatial distribution. The results point towards the introduction of raw-materials from a local/regional origin, transformed on the site into domestic and hunting tools through processes of optimization and exhaustion of the raw-materials. They further allow the definition of two segregated activity areas organized around central hearths between which materials circulated due to human agency.

Keywords: Early Upper Palaeolithic, Lithic Technology, Spatial Analysis, Lithic Refits, Fontesantian.

1. INTRODUÇÃO

Na década de 1990, a caracterização tecnológica dos conjuntos da Fonte Santa e Casal do Felipe levou à definição do tecnocomplexo Fontessantense, fenómeno cultural do Gravettense e restrito, até à data, à Estremadura portuguesa (Zilhão, 1997). Dadas as limitações dos dados cronométricos provenientes da Fonte Santa (Zilhão, 1997: vol. 2, 148-149), os quais, em conjunto com as características tecnológicas do material, apenas permitem enquadrar este sítio no Paleolítico Superior Inicial (Zilhão, 2014), tal atribuição cronológica assenta em paralelos tipológicos (Zilhão, 1997: vol. 1, 191-192), e em padrões de localização geográfica dos referidos sítios (Aubry, Zilhão, Almeida, 2007; Zilhão, 1997). Ainda que uma caracterização crono-cultural definitiva continue dependente da identificação de conjuntos artefactuais análogos em relação directa com datações absolutas precisas e/ou com sequências estratigráficas com limites coerentes (Aubry, Zilhão, Almeida, 2007: 68), uma mais sólida compreensão do fenómeno cultural pode ser alcançada através da identificação de padrões tafonómicos, tecnológicos e espaciais que complementem os resultados publicados em 1997. Dadas as limitações de contexto do conjunto de Casal do Felipe (Zilhão, 1997: Voll, 243-244), é no sítio da Fonte Santa que estes padrões podem fornecer informação de relevo em relação aos comportamentos tecnológicos e, principalmente, de ocupação do espaço.

2. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

O sítio da Fonte Santa (39° 28' 47" Norte; 39° 30' 42" Oeste) localiza-se numa plataforma aplanada junto à Ribeira do Serradinho, afluente do Rio Almonda, na freguesia de São Salvador, concelho de Torres Novas (Figuras 1a e 1b). Trabalhos de escavação realizados em 1989 e 1990 permitiram identificar um nível arqueológico com 15cm de espessura correspondente a um paleossolo (Camada 3) integrado numa sequência coluvionar plistocénica, de matriz arenosa, assente num terraço fluvial (Figura 1c). O sedimento

do nível arqueológico foi datado por termoluminescência, fornecendo datas que, para uma probabilidade de 95,4%, cobrem o intervalo 28 100 – 49 600 BP. A maioria do material recolhido provém desta camada, e está concentrado em duas áreas espacialmente segregadas (Área de 1989 e Área de 1990, Figura 1d). Foi ainda recolhido material em áreas fortemente afectadas por trabalhos agrícolas (Zonas Z1 e Z2, Figura 1d). A superficialidade do depósito arqueológico, as suas características sedimentares e a evidência de perturbação agrícola inibiram a identificação de matéria orgânica plistocénica e explicam a intrusão de um reduzido número de materiais de cronologia pós-paleolítica (Zilhão, 1990, 1991, 1997).

Entre 1993 e 1995, o conjunto foi caracterizado por via da remontagem mental e da análise de atributos tecno-tipológicos (Quelhas, 1992; Zilhão, 1997), o que permitiu notar a homogeneidade do material recolhido nas diferentes áreas de intervenção e validar as duas concentrações identificadas em escavação. A partir destes resultados foi definido o sistema tecnológico associado à ocupação do sítio e observada a presença de materiais descartados em todas as fases da cadeia-operatória do sílex, as quais podem ser resumidas em:

- 1) Introdução dos blocos no sítio e conformação dos mesmos em núcleos prismáticos, sem recurso à técnica de crista, com conversão dos produtos semi-corticais em raspadeiras, entalhes e denticulados;
- 2) Debitagem sequencial de lâminas e lamelas a partir de núcleos prismáticos, sendo os produtos de largura compreendida entre 15mm e 10mm, sem córtex, de secção trapezoidal e pouco espessos convertidos em pontas de Casal do Felipe (vejam-se os exemplos 1 a 6 da figura 2), as quais constituem um tipo específico de armaduras de zagaia (Zilhão, 1997: Voll, 195-196), e as lâminas de maior dimensão convertidas em raspadeiras;
- 3) Esgotamento dos núcleos prismáticos, com recurso a múltiplos planos de percussão e/ou superfícies de debitage, e talhe bipolar de peças esquiroladas tendo em vista a obtenção de barbelas líticas.

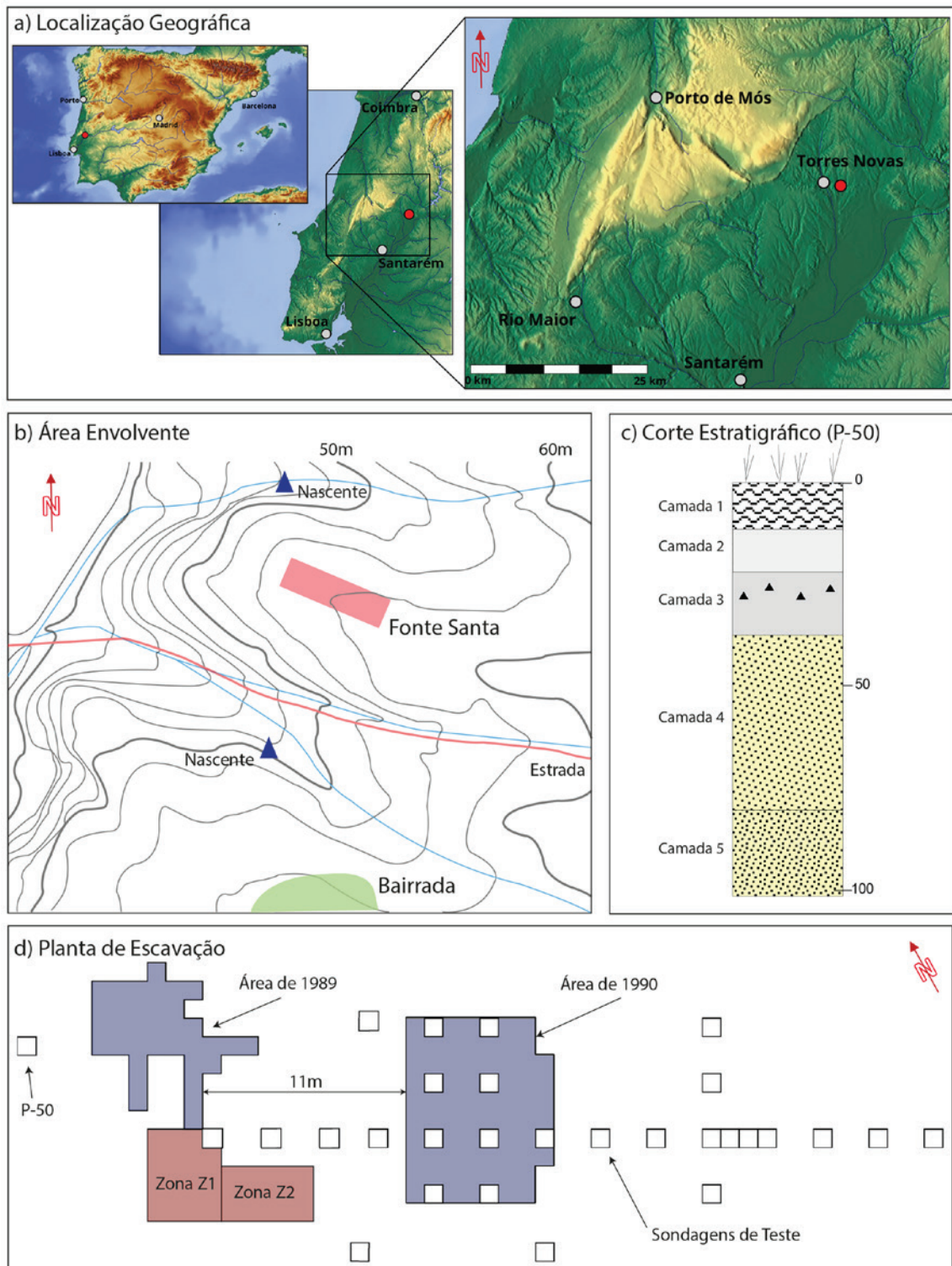


Figura 1 – Sítio da Fonte Santa: a) Localização da Fonte Santa na Península Ibérica; b) Localização da Fonte Santa e do sítio Magdalenense da Bairrada, na carta cadastral do Concelho de Torres Novas, (1:2000, com redução de 70%); c) Esquema da sequência estratigráfica; d) Planta de escavação. Nota: b), c) e d) adaptadas de Zilhão (1997: VolIII, 166-167).

3. QUESTÕES EM ABERTO E HIPÓTESES DE TRABALHO

Os resultados obtidos no início da década de 1990 foram suficientes para a caracterização do tecno-complexo, mas desde logo se revelou necessária a execução de remontagens físicas que permitissem corroborar os modelos propostos. Trabalhos desenvolvidos em 1999 e no final da década de 2000 forneceram dados preliminares neste sentido (Fourment, 1999; Pereira, 2010), no entanto nunca foi realizada uma análise conjunta dos mesmos. Com o intuito de colmatar este problema, os resultados das diferentes fases foram integrados numa leitura con-

junta, tendo sido ampliado o *corpus* de dados disponíveis. Os resultados foram interpretados em função de questões previamente definidas relativas aos modelos tecno-económicos e de formação do sítio.

3.1. Questões relativas ao modelo tecno-económico

A caracterização tecnológica realizada na década de 1990 não permitiu esclarecer momentos específicos da economia da pedra, nomeadamente no que toca às estratégias de gestão do sílex nas fases inicial e final da cadeia-operatória, pelo que as remontagens físicas eram fundamentais para complementar o método da remontagem mental.

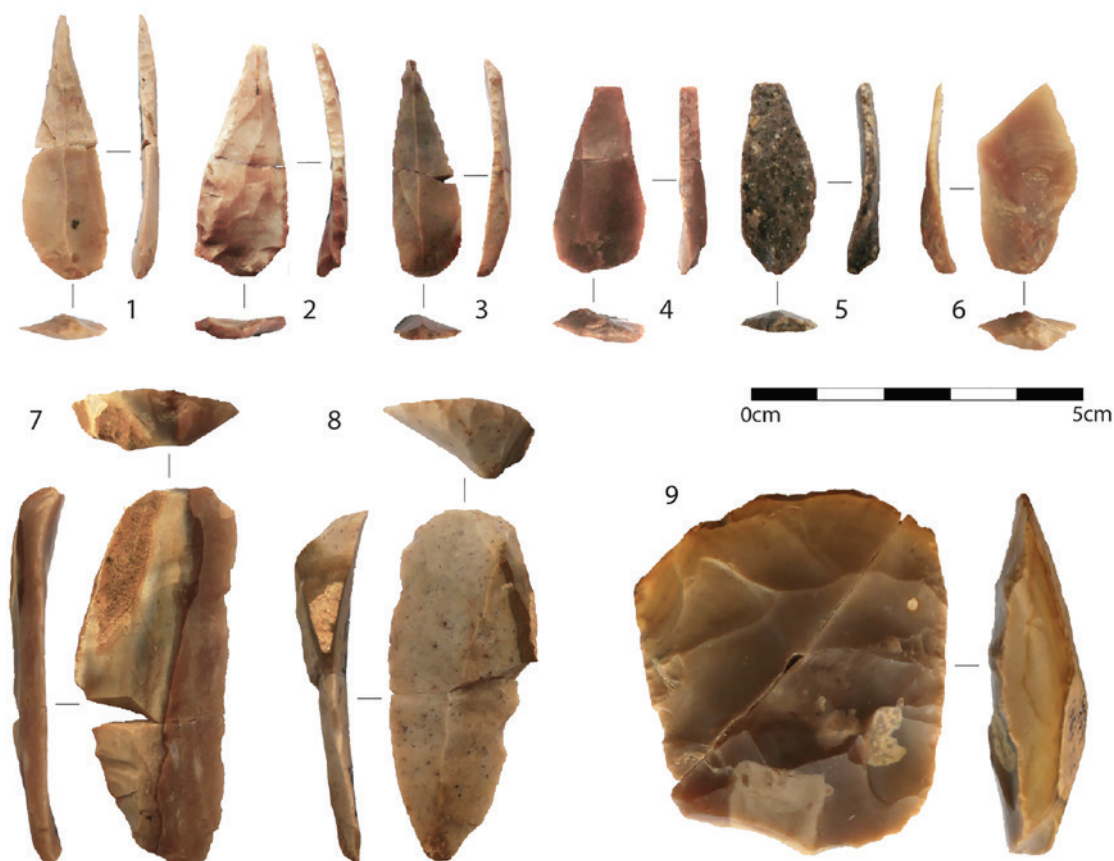


Figura 2 – Tipos característicos da Fonte Santa e respectivas remontagens de fractura: 1-4) Pontal de Casal do Felipe; 5) Ponta de Casal do Felipe em sílex do oxfordiano (não remontada); 6) Ponta de Casal do Felipe elaborada sobre lâmina extraída de face ventral de lasca (não remontada); 7-8) raspadeiras sobre lâmina com retoque lateral; 9) núcleo prismático achatado.

Era também necessário considerar questões relativas ao aprovisionamento e exploração do sílex. Análises petrográficas preliminares, realizadas na Fonte Santa (Zilhão, 1997; Shokler, 2007), e exaustivas, realizadas em sítios paleolíticos geograficamente próximos (Aubry & *alii*, 2016; Daura & *alii*, 2018; Gameiro, 2012; Marks, Shokler, Zilhão, 1991; Matias, 2016), apenas identificaram o recurso a fontes de matéria-prima disponíveis no âmbito regional, independentemente da cronologia ou das especificidades funcionais, tecnológicas e culturais. A classificação da totalidade da coleção por tipos de sílex era fundamental para sistematizar estes resultados. Paralelamente, importava aferir se diferentes tipos de sílex eram explorados segundo uma ou várias cadeias operatórias, e se estas estão completas.

3.2. Questões relativas ao modelo de formação do sítio

A partir dos trabalhos realizados na década de 1990, as concentrações correspondentes às Áreas de 1989 e 1990 foram consideradas como de origem antrópica e dissociadas de gestos de manutenção exaustiva (segundo os conceitos propostos por: Binford, 1978; Schiffer, 1972; Wandsnider, 1996), tendo sido cada uma formada num momento de ocupação singular do sítio. Embora uma conclusão definitiva necessite de alargamento da escavação, esta hipótese é a mais plausível, dada a ausência de estrangimentos de ocupação do espaço (Baales, 2001; Binford, 1978a, 1978b; Bodu, Debout, Bignon, 2006; Bodu *et alii*, 2006; Leroi-Gourhan, Brézillon, 1972). Partindo desta premissa, procurou-se realizar uma análise exaustiva dos padrões de distribuição do material lítico e interpretar os mesmos em função dos comportamentos que estão na sua origem.

Em primeiro lugar, importava compreender se cada concentração corresponde a:

- 1) Uma área de actividade multifuncional em que a dispersão é artificialmente condicionada por uma estrutura antrópica, visível através da distribuição bimodal dos vestígios no eixo centro-periferia da concentração (Nigst, Antl-Weiser,

2012; Stappert, 1989), dada a ausência de indicadores materiais evidentes como os observados em Closeau ou Pincevent (Bodu, Debout, Bignon, 2006; Bodu *et alii*, 2006; Leroi-Gourhan, Brézillon, 1972);

- 2) Duas ou mais áreas de actividade distintas a nível funcional e fundidas por processos sin-deposicionais, o que implica que para algumas categorias tecnológicas/económicas se observe uma distribuição significativamente descentrada em relação às demais (Carr, 1984);
- 3) Uma área de actividade multifuncional em que a dispersão não é artificialmente condicionada, podendo a mesma reflectir ou não gestos de manutenção expeditos evidenciados por uma zona de queda e uma zona de arremesso (Binford, 1978, 1979; Stevenson, 1991), visíveis através de uma elevada frequência de peças de maior dimensão na periferia da concentração (Stappert, 1989).

Em segundo lugar, importava aferir a presença de vestígios de estruturas de combustão latentes (Leroi-Gourhan, Brézillon, 1972). Ainda que nenhuma estrutura tenha sido identificada no terreno e que a perturbação pós-deposicional tenha inibido a correlação entre carvão e a actividade humana coeva da ocupação paleolítica, é expectável que a actividade humana se encontre organizada em torno das mesmas. A sua presença é comprovada se a distribuição de material queimado, principalmente de esquirolas, apresentar uma marcada concentração (Alperson-Afil, Richter, Goren-Inbar, 2007; Leesch & *alii*, 2010).

Finalmente, colocava-se a questão de saber se as Áreas de 1989 e 1990 refletem um ou distintos momentos de ocupação do sítio. Demonstrada a existência de remontagens inter-área que não sejam justificadas por processos pós-deposicionais, a hipótese de formação das duas concentrações num mesmo momento é válida se a posição do material remontado revelar deslocações em ambos os sentidos (Almeida, 2000; Baales, 2001; Bodu, Debout, Bignon, 2006; Gamble, 1999; Stevenson, 1991).

4. MATERIAIS E METODOLOGIA

4.1. Análise de atributos tecnológicos e tafonómicos

A revisão global e sistemática da colecção (n= 15.727) seguiu uma metodologia de análise alicerçada nos métodos e resultados do estudo anterior, com consideração de variáveis tecnológicas e tafonómicas adicionais. O material foi classificado em função da categoria tecno-económica, matéria-prima, tipo de suporte, estado de fragmentação, presença de marcas de fogo (no caso do sílex) e frequência de córtex. Sempre que possível, o material foi integrado na lista-tipo do Paleolítico Superior português (Zilhão, 1997: Voll, 33-34). Foi registado o valor de massa (erro de 0,01g) e, quando disponíveis, valores de comprimento, largura e espessura (erro de 0,01mm).

Para os produtos de debitage, retocados ou não, foi realizada uma análise do talão, dos negativos da superfície dorsal, e, no caso das lâminas e lamelas, da morfologia dos bordos e dos perfis longitudinal e transversal. Os núcleos foram classificados segundo Brézillon (1968) e Zilhão (1997), tendo sido ainda incluídas as classes “raspadeira espessa”, “buril” e “peça esquirolada”, seguindo os resultados publicados em 1997. Sempre que possível, foi registado o comprimento do último levantamento de cada núcleo.

O material em sílex foi sujeito a uma triagem exaustiva segundo os grandes grupos petrográficos identificados na Estremadura Portuguesa (Matias, 2012; Aubry, Mangado, Sampario, 2009; Aubry, Mangado, Matias, 2014). Não foi utilizado nenhum instrumento de ampliação, pelo que o enquadramento dos resultados obtidos em modelos regionais ou macrorregionais deve ser visto como uma primeira aproximação.

4.2. Análise da distribuição espacial

Foram considerados três níveis de aproximação à dispersão espacial do conjunto artefactual: composição das amostras recolhidas em cada área de concentração de material; dispersão horizontal dos

artefactos no interior das áreas de 1989 e 1990, tomando como unidades de análise as quadrículas de 1m²; e distribuição vertical do conjunto recolhido na Área de 1989, tomando como unidades de análise as camadas e níveis artificiais de escavação. Em função destas unidades de análise espacial, foram aferidas e interpretadas as frequências de categorias tecno-económicas e tipológicas, tipos de matéria-prima, valores de massa, estado de fragmentação e número de peças em sílex com marcas de fogo. Na análise da dispersão horizontal no interior das Áreas de 1989 e 1990 apenas foram considerados os grupos que apresentassem uma frequência de peças superior a cinco por quadrado em pelo menos um caso. Manuportes, fragmentos inclassificáveis e esquirolas foram excluídos da maioria dos mapas, já que são susceptíveis de enviesar significativamente as contagens, nos últimos dois casos, e os valores de massa, no primeiro caso (Zilhão & *alii*, 2017).

4.3. Remontagens

O método das remontagens constitui um dos principais instrumentos analíticos para a compreensão dos sistemas líticos e comportamentais da Pré-história, fornecendo informação relevante relativa aos processos deposicionais e pós-deposicionais e aos gestos técnicos associados à produção artefactual (Almeida, 1995, 2008; Almeida, Araújo, Aubry, 2003; Almeida & *alii*, 2007; Cziesla, 1987; Deschamps, Zilhão, 2018; Hoffman, 1981; Villa, 1982), sendo assim fundamental no presente estudo. Dada a dimensão do conjunto, as remontagens foram realizadas sobre elementos tecnológica, métrica e petrograficamente selecionados, em três fases: remontagens exploratórias, tecnológicas e de fractura, do material em quartzito; remontagens sistemáticas, de fractura, de lâminas e lamelas brutas e retocadas; remontagens tecnológicas do material em sílex, de carácter sistemático para os tipos de sílex de menor frequência na colecção. Em cada fase o material foi triado seguindo critérios petrográficos e tecno-tipológicos (Tixier, 2012). As remontagens foram descritas detalhadamente.

Para cada tipo de matéria-prima foi calculado o

Índice de Sucesso (IS) (Cziesla, 1987; Bordes, 2012; Gravina & alii, 2018; Bachelierie, 2011):

$$\text{Índice de Sucesso} = \frac{(\text{número de peças remontadas})}{(\text{número de peças consideradas})}$$

Para o conjunto das lâminas e lamelas, retocadas ou não, foi igualmente calculado o Índice de Remontagem de Fratura (IF) (Bordes, 2012; Gravina & alii, 2018):

$$\frac{\text{Índice de Remontagem de Fratura}}{\text{Índice de Remontagem de Fratura}} = \frac{(\text{número de conexões obtidas})}{(\text{número de ligações testadas})}$$

sendo o número de ligações testadas igual a $(A \times B) + (A \times C) + (B \times C) + (B \times (B-1))$, considerando: **A** = número de fragmentos proximais; **B** = número de fragmentos mesiais; **C** = número de fragmentos distais.

Todas as remontagens foram distribuídas no espaço através da projecção das conexões em função do núcleo, sempre que possível, considerando a localização aproximada de cada peça no centro do respectivo quadrado. Foram ainda tidas em conta a distância estimada e a orientação aproximada de cada conexão (Este-Oeste, Nordeste-Sudoeste, Norte-Sul e Noroeste-Sudeste).

5. RESULTADOS

5.1. Características tecnológicas e tafonómicas

O conjunto é dominado por material em sílex, quartzo e quartzito, sendo vestigial a frequência de cristal de rocha, quartzo fumado, calcário, lidito, basalto e matérias-primas indeterminadas (Figura 3a).

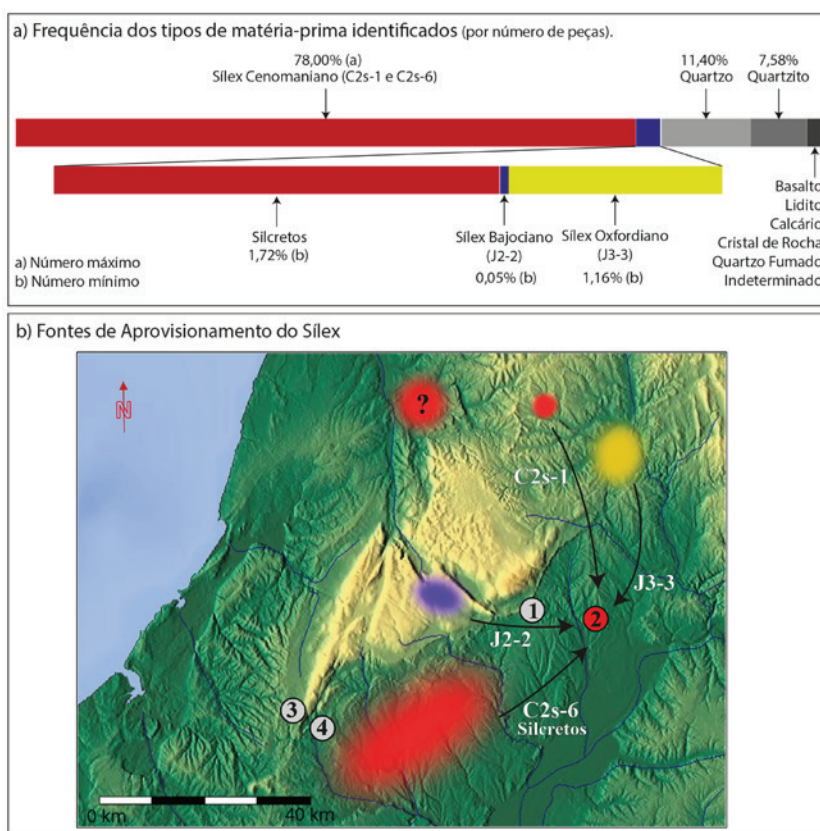


Figura 3 – a) Frequência dos tipos de matéria-prima identificados; b) Fontes de aprovisionamento do sílex utilizado na Fonte Santa e localização das outras jazidas paleolíticas onde o mesmo padrão de aprovisionamento foi identificado (referência em texto): 1) Nascente do Almonda (Gruta da Aroeira, Gruta da Oliveira, Lapa dos Coelhos); 2) Fonte Santa; 3) Terra do Manuel; 4) Cabeço de Porto Marinho. Adaptado de Matias (2012: 125).

Os produtos de debitage não retocados (n=8231) e as esquirolas (n=5497) compõem a maioria da colecção. Foram integradas 910 peças na lista-tipo do Paleolítico Superior português, 170 das quais correspondem, tecnologicamente, a núcleos, os quais, por conseguinte, são, no total, 547. O conjunto apresenta ainda uma frequência significativa de elementos de manutenção de núcleos prismáticos (n=71). Os números de elementos de preparação de núcleos prismáticos (cristas) e de manuseio são reduzidos (n=10 e n=5, respectivamente).

5.1.1. Sílex

No conjunto do sílex, foram identificados apenas tipos provenientes do Maciço Calcário Estremenho e da bacia sedimentar do Baixo Tejo (Figura 3a, 3b). A maioria do material foi elaborado em sílex do Cenomaniano Superior, mas também se utilizaram sílex do Jurássico Superior (Oxfordiano) e do Jurássico Médio (Bajociano-Batoniano), e silcretos cenozóicos. Não foram observadas diferenças significativas nas características tecno-tipológicas dos diferentes tipos de sílex.

O conjunto dos núcleos em sílex é dominado por núcleos prismáticos, com um ou mais planos de percussão, e por peças esquiroladas. No caso dos núcleos prismáticos, foram registadas diferenças métricas estatisticamente significativas, relacionadas com o estado de exaustão antes do abandono (Zilhão, 1997:VolIII,151). À excepção dos núcleos para lâminas, a maioria dos volumes foram descartados após a remoção de produtos de comprimento compreendido entre os 15mm e os 25mm.

Ainda que o número de lascas e fragmentos de lasca em sílex seja substancialmente elevado, o sistema tecnológico está orientado para a produção de produtos alongados de largura compreendida em torno dos 12mm (Figura 4b). As medidas das lâminas obtidas em diferentes fases da exploração dos núcleos variam em função da redução destes últimos, apresentando as lâminas sem córtex e de secção trapezoidal valores de largura e espessura menores e índices de abrasão e talão labiado mais elevados. Tanto nas lâminas e lamelas como nas

lascas dominam as peças com negativos de orientação uni ou bidireccional, mas a frequência de lascas com dorso ou talão cortical é mais elevada.

Os utensílios-tipo em sílex constituem a quase totalidade do material retocado na Fonte Santa (95,00%). O índice laminar/lamelar é substancialmente elevado para todos os grupos tipológicos à excepção da utensilagem comum. Os atributos tecnológicos associados à fase plena da debitage de produtos alongados (ausência de córtex, secção trapezoidal e largura reduzida) apresentam frequências mais elevadas nos grupos das pontas e da utensilagem lamelar, ao passo que os grupos das raspadeiras e dos utensílios comuns sobre lâmina apresentam atributos tecnológicos reportados a fases anteriores. No caso das lascas, o grupo da utensilagem comum apresenta dimensões bastante superiores ao das raspadeiras, reflectindo igualmente uma selectividade nos suportes sujeitos a configuração. As lascas retocadas com comprimento inferior a 30mm são vestigiais.

Mais de 32% das peças em sílex apresentam marcas de fogo. A incidência deste parâmetro é bastante variável considerando diferentes categorias tecno-económicas, atingindo valores superiores a 43% no conjunto das esquirolas (Figura 4c). O índice de fragmentação é também elevado, havendo menos de 9% de produtos alongados inteiros.

5.1.2. Quartzo e Quartzito

O número de utensílios elaborados nestas matérias-primas é reduzido e corresponde maioritariamente a entalhes, denticulados ou a peças de retoque marginal, descontínuo ou atípico. Os núcleos elaborados em quartzito atestam o recurso a estratégias de debitage centrípeta ou unidireccionais de produtos de grande/média dimensão, característica igualmente evidente nos produtos de debitage recolhidos no sítio, em que dominam os anversos corticais, ou com negativos unidireccionais ou centrípetos, sendo praticamente nula a preparação do talão. No caso do quartzo, observam-se igualmente padrões relativos a debitage centrípeta ou unidireccional dos volumes, mas os números de

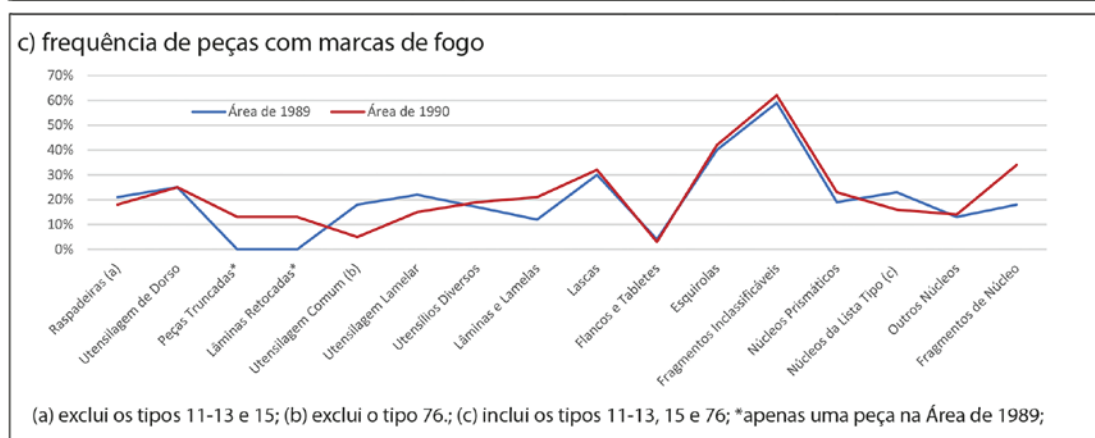
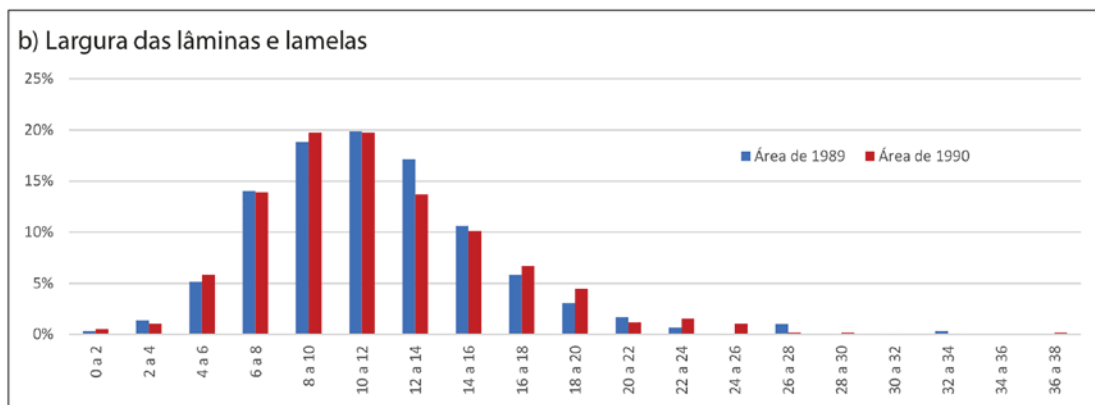
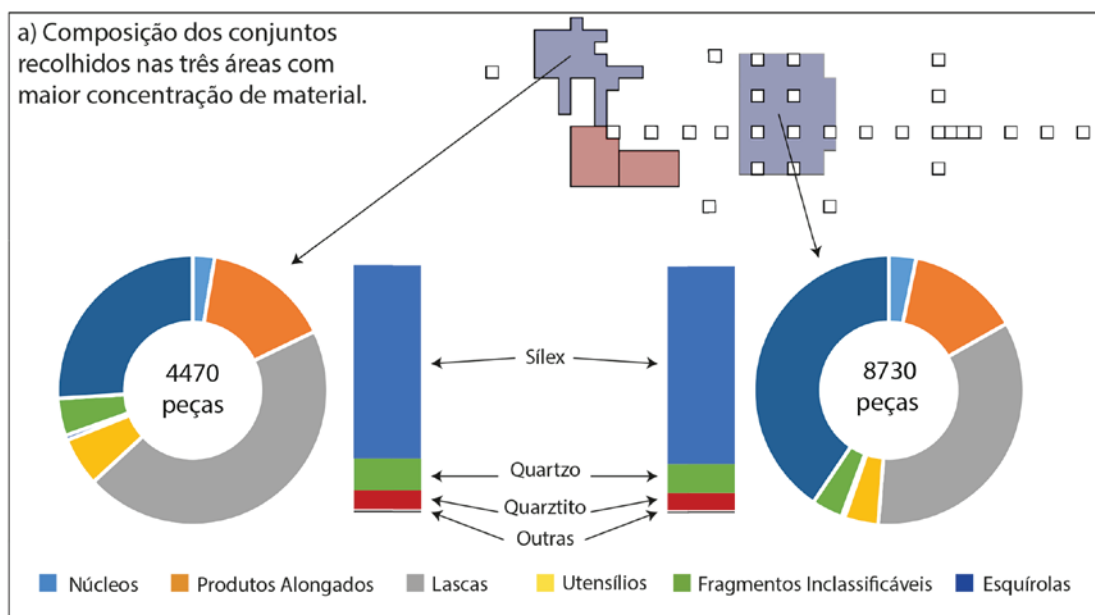


Figura 4 – Comparação dos conjuntos recolhidos nas Áreas de 1989 e 1990: a) Número de peças e classificação por categoria tecno-económica e matéria-prima (nota: a frequência de elementos de preparação e manutenção do núcleo e de manuportes é inferior a 1% em ambos os casos); b) Comparação da largura das lâminas e lamelas em sílex; c) Frequência relativa de peças em sílex com marcas de fogo por classe tecno-económica ou tipológica.



Figura 5 – Mapas de distribuição do material na Área de 1990: a) Total de peças excluindo esquirolas, fragmentos inclassificáveis e manuportes (max=242, K-25); b) Total de esquirolas em sílex (max=132, J-25); c) Esquirolas de sílex com marcas de fogo (max=52, J-25); d) Massa total do material em sílex (max=803,51 gramas, J-26); e) Material em quartzo, excluindo esquirolas, fragmentos inclassificáveis e manuportes (max=23, M-23); f) Material em quartzito excluindo esquirolas, fragmentos inclassificáveis e manuportes (max=16, N-25); g) Núcleos e fragmentos de núcleo, incluindo peças esquiroladas, buris e raspadeiras espessas (max=15, L-25); h) Lâminas e lamelas brutas (max=61, K-25); i) Utensílios, excluindo peças esquiroladas, buris e raspadeiras espessas (max=25, K-25). Nota: o tamanho das bolhas é proporcional ao valor máximo em cada mapa.

pequenas lascas, de núcleos esgotados e de peças esquiroladas são também bastante elevados, evidenciando uma recorrente exaustão da matéria-prima que se aproxima da estratégia de exploração do sílex.

5.2. Distribuição espacial do conjunto

A distribuição das variáveis tecnológicas e tafonómicas nas diversas áreas de escavação não revelou diferenças substanciais em nenhum dos parâmetros (Figura 4a). A única diferença significativa prende-se com a elevada frequência de esquirolas na Área de 1990, fenómeno relacionado com o menor investimento na recolha de material de menor dimensão na campanha de 1989.

Aproximadamente 94% do material provem da camada 3, principalmente dos níveis artificiais 1 e 2. Esta camada inclui todos os utensílios e a larga maioria dos núcleos recolhidos em escavação. O material recolhido nas camadas 1, 2 e 4 é de reduzida dimensão, ascendendo o número de esquirolas a quase 50%.

Dentro da Área de 1990 é visível uma marcada concentração de material nos quadrados J-L/24-26, com valor máximo em K-25 e com uma redução praticamente constante em direcção ao limite de escavação (Figuras 5a e 5d). A distribuição das diferentes categorias tecno-económicas (Figuras 5g-i) não revelou qualquer diferença significativa, sendo apenas visíveis ligeiros desvios em relação ao padrão geral, nomeadamente uma concentração me-

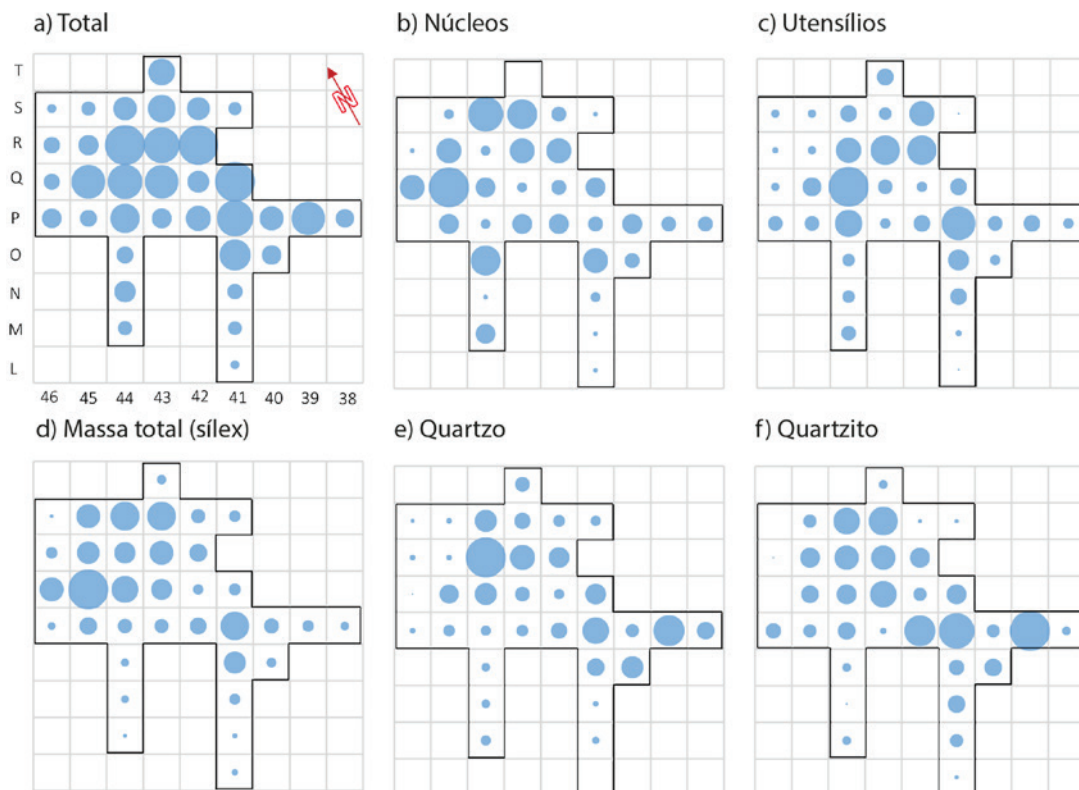


Figura 6 – Mapas de distribuição do material na Área de 1989, excluindo esquirolas, fragmentos inclassificáveis e manuportes: a) Total de peças (max=206, R-44); b) Núcleos e fragmentos de núcleo, incluindo peças esquiroladas, buris e raspadeiras espessas (max=8, Q-45); c) Utensílios, excluindo peças esquiroladas, buris e raspadeiras espessas (max=19, Q-44); d) Massa total do material em sílex (max=694,41 gramas, Q-45); e) Material em quartzo, (max=27, R-44); f) Material em quartzito (max=18, P-39). O tamanho das bolhas em cada mapa é proporcional ao valor máximo.

nos pronunciada dos núcleos.

Na distribuição do quartzo (Figura 5e) e quartzo (Figura 5f) o padrão observado não é tão marcado. No primeiro caso, ainda que o material se encontre concentrado na zona centro-sul da área escavada e apresente uma redução progressiva em direcção ao limite de escavação, o pico de frequência regista-se em M23. No segundo caso, não é visível qualquer concentração.

Na distribuição das esquirolas (Figura 5b), são notórias anomalias nos extremos norte e este da escavação. A distribuição do sílex com marcas de fogo apresenta também uma marcada concentração em torno dos quadrados J-L/24-26, sendo a mesma mais pronunciada se forem consideradas apenas as esquirolas queimadas (Figura 5c).

Na Área de 1989, a reduzida extensão escavada e a recolha não sistemática de esquirolas de menor dimensão impossibilitam uma abordagem semelhante à realizada para a Área de 1990. No entanto, é também visível uma concentração de material no centro da área escavada, e o seu decréscimo em direcção à periferia (Figuras 6a e 6d). Nos quadrados Q41 e R42, o número de peças corresponde, na sua larga maioria, a fragmentos. As distribuições por tipo de matéria-prima (Figuras 6e-f) ou categoria tecno-económica (Figuras 6b-c) não diferem deste padrão.

5.3. Remontagens

No conjunto dos trabalhos realizados ao longo de diferentes momentos foram remontadas 208 peças, perfazendo um total de 40 remontagens de fractura e 51 remontagens tecnológicas, o que, considerando a amostra testada ($n=5892$), se traduz num IS de 0,0353. Este valor deve ser tido como mínimo dado que as remontagens não assumiram um carácter exaustivo para toda a colecção. Os valores obtidos para as remontagens em sílex oxfordiano (IS=0,1359) e silcretos (IS=0,1734) apresentam um IS próximo do real, dado que as remontagens destes grupos foram sistemáticas e que não foram observadas diferenças na exploração dos diferentes tipos de sílex.

Das 40 remontagens de fractura, 17 correspondem a colagens entre dois fragmentos de produtos alongados (retocados ou não), o que reflecte um IS de 0,0151 e um IR de $1,04 \times 10^{-5}$. Considerando apenas as remontagens de produtos alongados obtidas para a Área de 1990 (onde a recolha foi mais exaustiva e a área escavada maior), o IS sobe para 0,0186 e o IR para $2,41 \times 10^{-5}$ (se forem considerados apenas os fragmentos de lâmina, estes valores sobem para 0,0338 e $8,8 \times 10^{-5}$, respectivamente).

Das 51 remontagens tecnológicas, a maioria ($n=37$) corresponde a conexões entre apenas duas peças, e só nove unidades de remontagem apresentam conexões entre quatro ou mais peças, nunca excedendo as seis. Não foi possível reconstituir sequências tecnológicas longas, mas foi possível obter informação relativa a etapas específicas da economia do sílex.

5.3.1. Características tecnológicas das remontagens

Várias remontagens permitem reconstituir gestos associados ao aproveitamento de lascas de grande/média dimensão como núcleos. A remontagem da figura 7-7 reflecte o reaproveitamento como núcleo sobre lasca de uma lasca de conformação de núcleo prismático. A figura 7-4 demonstra um núcleo bipolar elaborado sobre lasca de grande dimensão. A remontagem da figura 7-2 é um claro exemplo de fragmentação do bloco original em volumes angulosos mais pequenos. Todavia, não foi possível identificar nenhum fragmento pertencente a este bloco que tivesse sido reaproveitado como núcleo.

As reconstituições mais completas da fase plena de debitage estão expostas nas figuras 7-6 e 7-3. A primeira demonstra a extracção de vários produtos alongados antes da extracção de um elemento de manutenção do núcleo; a segunda permite observar a exploração sequencial de duas superfícies de debitage opostas, cada uma afecta a um plano de percussão específico, evidenciando cuidado na gestão do volume de sílex.

Finalmente, duas remontagens (figuras 7-5 e 7-1) evidenciam gestos específicos de fases finais de ex-

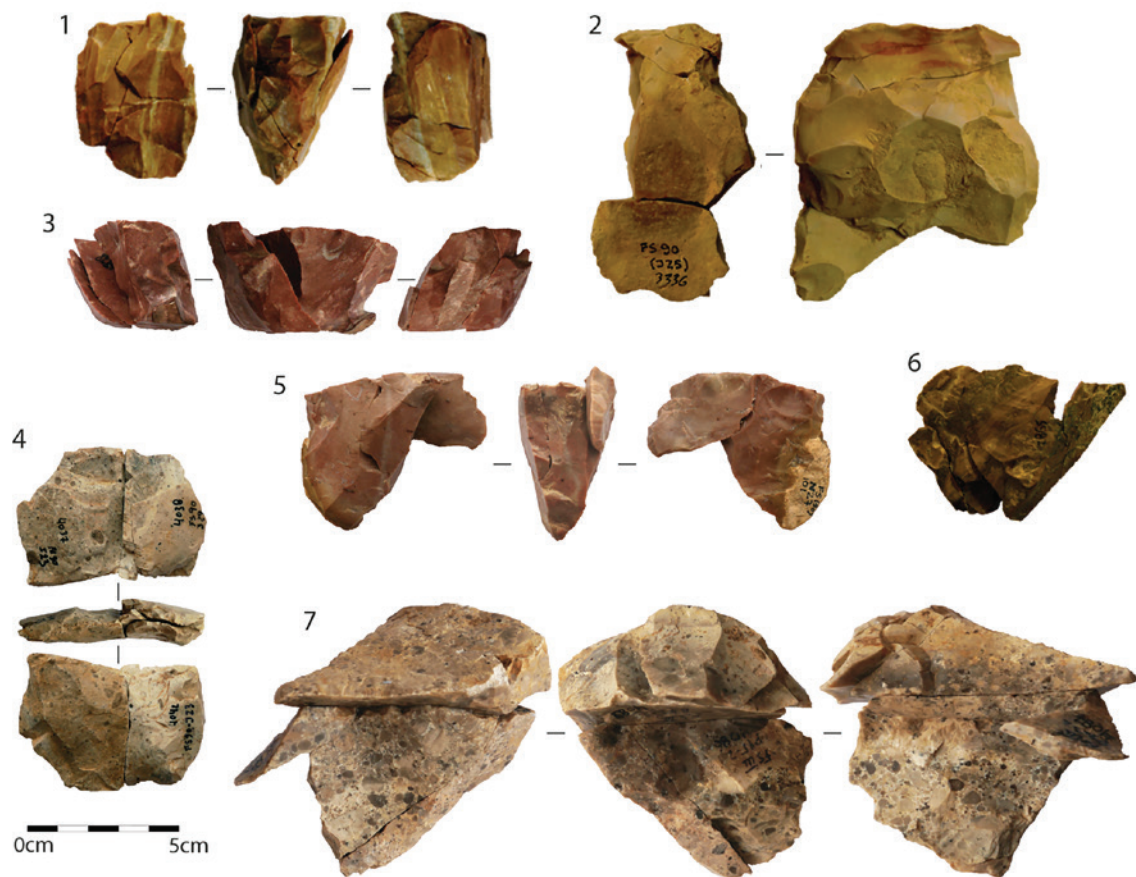


Figura 7 – Exemplos de remontagens tecnológicas em sílex.

ploração dos núcleos prismáticos: a primeira denota o descarte de um volume relativamente grande após a extracção de uma lâmina com ressalto; a segunda permite observar o abandono da exploração de produtos alongados e a posterior extracção de pequenas lascas com recurso a múltiplos planos de percussão, um dos quais é criado após a extracção de uma pequena tablete.

As remontagens em quartzito e lidito fornecem pouca informação relativa aos processos tecnológicos associados à sua exploração.

5.3.2. Distribuição espacial das remontagens

A maioria das remontagens foi realizada com material proveniente da Área de 1989, Área de 1990 e Zona Z1. A distribuição das remontagens no interior das Áreas de 1989 (26 conexões; $IS=0,0246$)

e 1990 (80 conexões; $IS=0,0408$) segue o padrão de dispersão da totalidade do material. A maioria das conexões ocorre entre peças do mesmo quadrado ou de quadrados adjacentes, e cerca de 75% das peças remontadas não distam mais de dois quadrados entre si (Figura 8). Este decréscimo do sucesso em função do aumento da distância é independente do tipo de remontagem (de fractura ou tecnológica), da matéria-prima ou da categoria tecno-económica. A orientação das conexões não revela qualquer sentido preferencial.

Foram identificadas cinco remontagens tecnológicas com conexões entre áreas, perfazendo um total de 5,78% das 121 conexões obtidas sobre o total da amostra testada. A maioria das conexões ocorrem entre peças de volume e massa semelhante. Nos dois casos em que tal não se verifica, uma

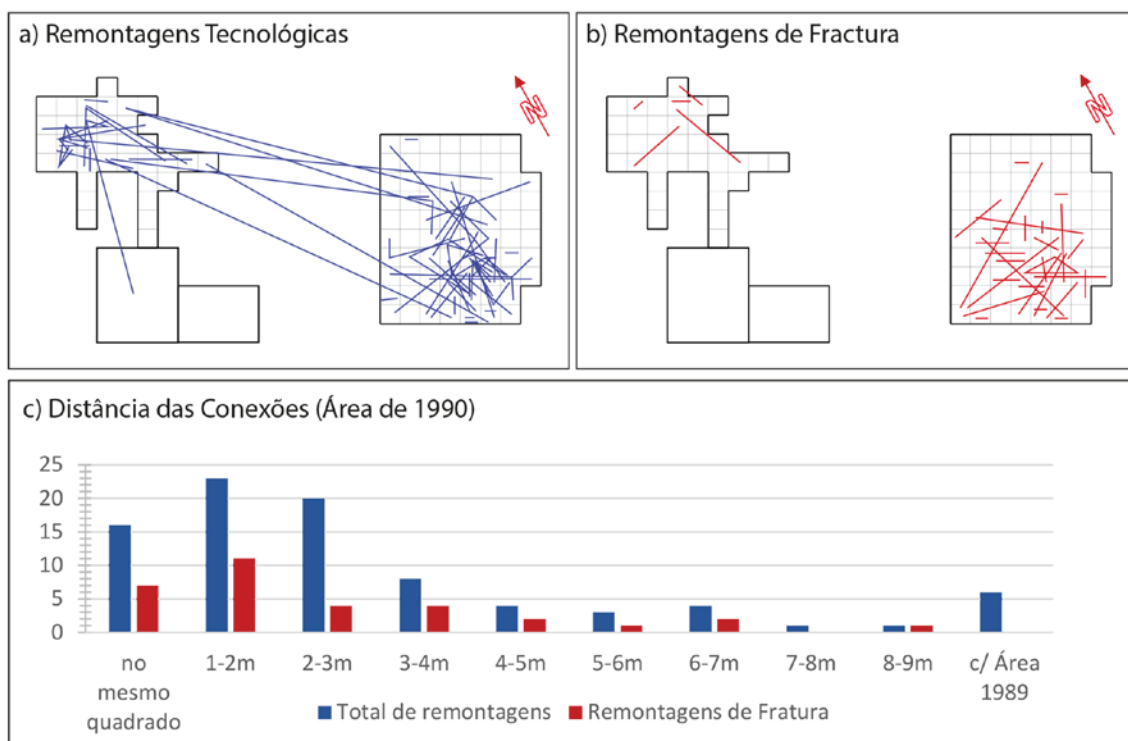


Figura 8 – Distribuição espacial das conexões entre material remontado: a) Distribuição aproximada das remontagens tecnológicas; b) Distribuição aproximada das remontagens de fractura; c) Distância aproximada das remontagens da Área de 1990.

apresenta o núcleo na Área de 1990 e outra na Área de 1989. Nas unidades de remontagem com mais de duas peças, é notória a proximidade do conjunto numa das áreas, em oposição à peça deslocada para a outra. Dado que as sequências remontadas são, na sua maioria, relativamente curtas (apenas com duas ou três peças), fenómenos de reaproveitamento ou fraccionamento da exploração dos respectivos volumes podem justificar o transporte tanto no sentido da Área de 1989 para a Área de 1990 como no inverso.

Apenas num caso (Figura 7-1) é evidente que a exploração do bloco ocorreu na Área de 1990 e que uma peça foi posteriormente transportada para a Área de 1989. Trata-se de um núcleo prismático esgotado (com valor de massa de 39,99g) no qual foram remontadas três pequenas lascas (2,32g; 0,67g; 1,79g) e uma tablette (10,22g), tendo esta última sido obtida após a remoção de duas lascas e imediatamente antes da remoção da terceira las-

ca. Tanto as lascas como o núcleo foram recolhidos numa zona de 9m² da Área de 1990, onde o núcleo terá provavelmente sido explorado (quadrados N-L/24-26), ao passo que a tablette foi recolhida na Área de 1989.

6. DISCUSSÃO

6.1. Modelo de Formação do Sítio

Os dados obtidos confirmam a integridade dos conjuntos provenientes das áreas de maior concentração de material: a composição e distribuição dos diferentes parâmetros analisados é, em traços gerais, semelhante, e as conexões das remontagens corroboram o padrão de distribuição geral, com poucas peças remontadas na periferia da área escavada e com várias conexões de curta distância. Os fenómenos de transporte pós-deposicional identificados – nomeadamente a migração vertical e o escorrimo no sentido da vertente (visível na distri-

buição de esqúírolas da Área de 1990) – afectaram essencialmente o material de pequena dimensão.

Nos conjuntos em que as remontagens tecnológicas foram sistemáticas, o IS obtido é relativamente elevado. O reduzido número de peças por unidade de remontagem parece assim derivar da exaustão da matéria-prima por processos de reutilização/reaproveitamento, do fraccionamento dos blocos em volumes pequenos, e/ou de sequências de debitage curtas. O IS das remontagens de fractura de produtos alongados é relativamente baixo quando comparado com exemplos dos primeiros momentos do Paleolítico Superior Inicial do ocidente europeu (Bachelier & *alii*, 2007; Bordes, 2006, 2012; Gravina & *alii*, 2018), mas aproxima-se, por exemplo, dos valores observados no sítio gravetense de La Picardie (Klaric & *alii*, 2018).

Dado que as diferentes categorias consideradas seguem padrões de dispersão semelhantes, não é possível observar, dentro de cada concentração, uma segregação espacial de diferentes fases da cadeia operatória, da exploração das diferentes matérias-primas, ou de áreas de descarte de diferentes utensílios. Adicionalmente, as remontagens são mais frequentes na zona de maior concentração de material, o que não é compatível com a hipótese de aí se subsumirem duas ou mais áreas de actividade de natureza semelhante. As ligeiras variações observadas na distribuição do material de maior e de menor dimensão (ex.: núcleos e lamelas, respectivamente) também não são suficientes para inferir gestos de manutenção ou limpeza do espaço de actividade. Apesar das referidas limitações, considerando os picos na frequência de peças queimadas como indicadores de estruturas de combustão latentes, e que as estruturas de combustão funcionam como focos da actividade humana, o padrão é consentâneo com a interpretação das Áreas de 1989 e 1990 como representando ocupações singulares, organizadas em torno de uma lareira central.

Ainda que em número reduzido, as remontagens inter-área parecem reflectir fenómenos de transporte intencional por acção humana. São várias as observações que justificam esta inferên-

cia. Por um lado, os processos de transporte pós-deposicional do material no sentido da vertente aparentam ser de curto alcance. Por outro, há material de elevada massa/volume recolhido na Área de 1989 que foi remontado com material de igual ou menor dimensão na área de 1990 (e vice-versa). Finalmente, nos conjuntos com mais de duas peças, o material remontado encontra-se relativamente próximo, à excepção da peça deslocada para a outra área. Como tal, processos de triagem dimensional de natureza pós-deposicional não podem explicar as remontagens inter-área. Tão-pouco se vê que essa explicação possa residir em fenómenos sin-deposicionais, já que as peças de uma área se encontram a distância considerável do limite periférico da outra e que as remontagens intra-área de longa distância são em número vestigial.

Ainda que os dados obtidos comprovem a circulação antropogénica de material entre áreas, o reduzido número de casos é insuficiente para validar uma hipótese de ocupação contemporânea das mesmas. É apenas possível confirmar, através do caso referido no ponto 5.3.2., que a concentração da Área de 1989 é formada num momento de ocupação da plataforma que não pode ser anterior ao da formação da concentração da Área de 1990.

6.2. Modelo Tecno-Económico

Os resultados preliminares relativos ao aprovisionamento de matérias-primas apontam para um padrão em tudo idêntico ao identificado nos diversos sítios de cronologia paleolítica próximos à Fonte Santa para os quais dispomos de análises pormenorizadas. Esses dados sugerem que a exploração dos diferentes tipos de matérias-primas não se encontra directamente condicionada por factores tecnológicos ou ecológicos. A par da aptidão para o talhe (Matias, 2012), o factor decisivo na selecção da matéria-prima é a proximidade das fontes (Matias, 2012; Aubry & *alii*, 2016; Aubry & *alii*, 2015; Zilhão, 1997), e a Fonte Santa não constitui excepção à regra. Os dados derivados da análise tecnológica indicam ainda que os diferentes tipos de sílex são explorados de forma semelhante.

Apesar de não ter sido possível reconstituir por via da remontagem grandes sequências de exploração do sílex, o exercício permitiu corroborar o modelo proposto na década de 1990. As reconstituições obtidas permitem observar a introdução de volumes de grande dimensão (Figura 9-1) e, por vezes, a sua subdivisão em volumes angulosos de pequena dimensão. Várias remontagens evidenciam o aproveitamento de lascas de grande/média dimensão (Figura 9-7), frequentemente corticais, não só como utensílios de fundo comum (Figura 9-8) mas também como núcleos de diversos tipos, num modelo semelhante ao observado em Vale de Porcos (Aubry, Almeida, Neves, 2006; Zilhão,

1997, 2006), o que justifica a elevada frequência de peças esquiroladas (Figura 9-6) e de núcleos prismáticos achatados (Figura 9-5). Os núcleos prismáticos são geralmente explorados de modo a rentabilizar a matéria-prima, gerando, numa fase inicial (Figura 9-2), lâminas espessas e largas (Figura 9-9) que seriam frequentemente convertidas em raspadeiras (Figura 9-10), e, numa fase plena (Figura 9-3), lâminas achatadas e curtas ou grandes lamelas (Figura 9-11) que seriam frequentemente convertidas em pontas de Casal do Felipe (Figura 9-12). As remontagens confirmam ainda a mudança da superfície de debitage e o recurso a múltiplos planos de percussão na fase final da vida útil dos núcleos

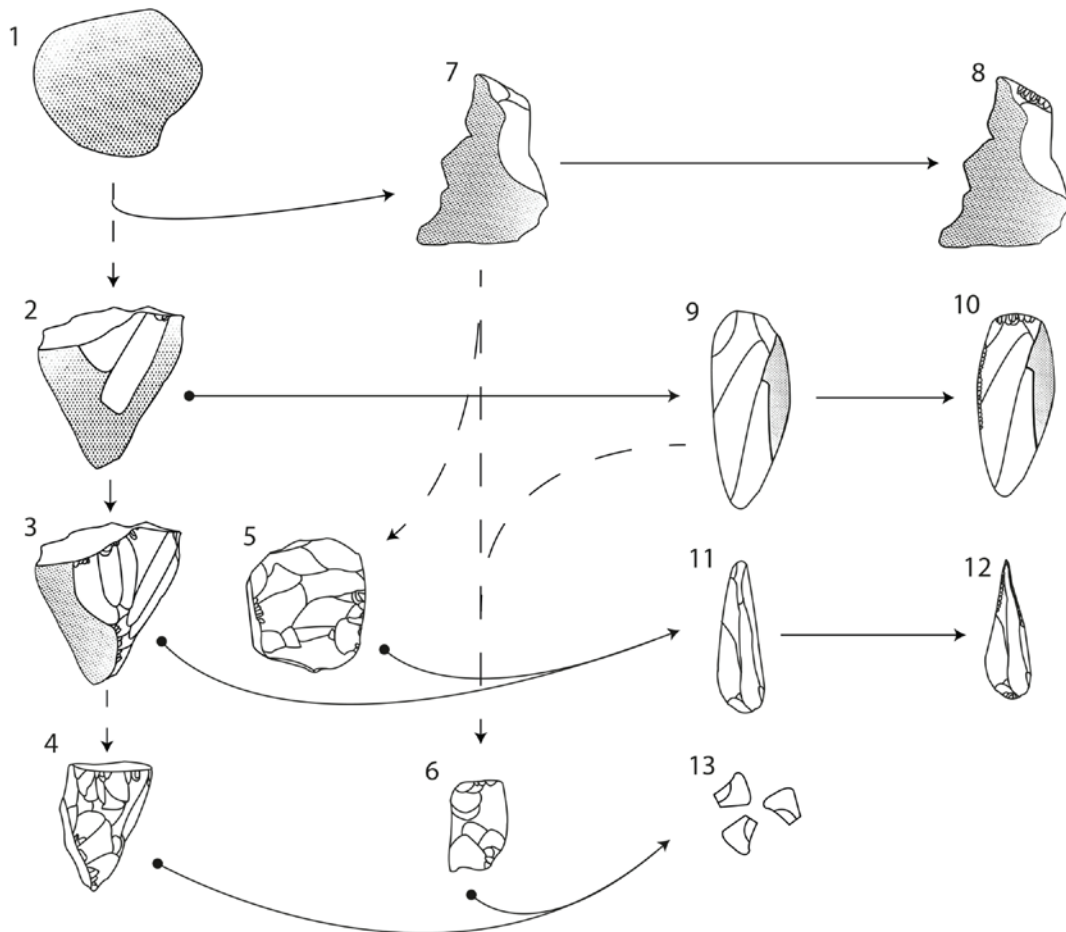


Figura 9 – Esquema da cadeia-operatória do sílex: 1) Nódulo virgem ou testado; 2) Núcleo Prismático em fase inicial de exploração; 3) Núcleo Prismático em fase plena de exploração; 4) Núcleo Prismático esgotado; 5) Núcleo Prismático Achatado; 6) Peça Esquirolada; 7) Lasca de média dimensão; 8) Raspadeira sobre lasca; 9) Lâmina espessa ou cortical; 10) Raspadeira sobre lâmina com retoque lateral; 11) Lâmina fina, de secção trapezoidal; 12) Ponta de Casal do Felipe; 13) Pequenas lascas ou esquirolas.

prismáticos (Figura 9-4), tendo em vista a produção de pequenas lascas.

7. CONCLUSÃO

Os resultados obtidos permitiram ampliar e consolidar os modelos propostos relativos à formação do sítio da Fonte Santa e às estratégias de gestão dos recursos líticos dos grupos humanos que o habitaram, contribuindo assim para uma compreensão mais sólida do Fontessantense. Só a realização de novas escavações arqueológicas, seja no sítio da Fonte Santa, para aproximar a área escavada à provável extensão da ocupação humana, seja em novos sítios, para delimitar cronologicamente o período cultural, poderá trazer progresso substancial ao estudo desta questão.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto ARQUEOLOGIA E EVOLUÇÃO DOS PRIMEIROS HUMANOS NA FACHADA ATLÂNTICA DA PENÍNSULA IBÉRICA (PTDC/HAR-ARQ/30413/2017).

Um agradecimento a todos os que trabalharam sobre o sítio da Fonte Santa e a todos os que apoiaram a execução da dissertação de mestrado que permitiu elaborar este trabalho. A referida dissertação pode ser consultada no repositório da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (URL: <http://hdl.handle.net/10451/38149>).

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Francisco (1995) – O Método das Remontagens Líticas: Enquadramento Teórico e Aplicações. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*, 3, pp. 1-40.

ALMEIDA, Francisco (2000) – The terminal Gravettian of Portuguese estremadura: technological variability of the lithic industries. Tese de Doutoramento – Southern Methodist University.

ALMEIDA, Francisco, ARAÚJO, Ana Cristina, AUBRY, Thierry (2003) – Paleotecnologia Lítica: dos objectos aos comportamentos. In – *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Mul-*

tidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 29), pp. 299-349.

ALMEIDA, Francisco, BRUGAL, J. P., ZILHÃO, João, PLISSON, H. (2007) – An upper palaeolithic Pompeii: technology, subsistence and paleoethnography at Lapa do Anecrial. In – *From the Mediterranean basin to the Portuguese shore: Papers in Honor of Anthony Marks. Atas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, 14-19 September 2004*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica 07), pp. 119-139.

ALMEIDA, Francisco (2008) – Big Puzzles, Short Stories: advantages of refitting for micro-scale spacial analysis of lithic scatters from Gravettian occupations in Portuguese Estremadura. In – *Space and Time: Which Synchronies, Which Synchronies, Which Scales? / Typology vs. Technology*. Oxford, Reino Unido: Archaeopress (BAR International Series, 1831), pp. 69-79.

ALPERSON-AFIL, Nira, RICHTER, Daniel, GOREN-INBAR, Naama (2007) – Phantom Hearths and the Use of Fire at Gesher Benot Ya'aqov, Israel. *PaleoAnthropology*.

AUBRY, Thierry, ALMEIDA, Francisco, NEVES, Maria João (2006) – The Middle-to-Upper Paleolithic transition in Portugal: an Aurignacian phase or not? In – *Towards a Definition of the Aurignacian*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 45), pp. 93-100.

AUBRY, Thierry, ZILHÃO, João, ALMEIDA, Francisco (2007) – À propos de la variabilité technique et culturelle de l'entité gravettienne au Portugal: Bilan des dernières découvertes et perspectives de recherche. *Paleo*, 19, p. 53-72.

AUBRY, Thierry, MANGADO LLACH, Javier, SAMPAIO, Jorge D. (2009). – Os artefactos: reconstituição da funcionalidade e da dinâmica de formação dos sítios. In – *200 Séculos de História Do Vale Do Coa: Incursões Na Vida Quotidiana Dos Caçadores-Artistas Do Paleolítico*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 25), pp. 131-169.

AUBRY, Thierry, MANGADO LLACH, Javier, MATIAS, Henrique, (2014) – Matérias-primas das ferramentas em pedra lascada da Pré-história do Centro e Nordeste de Portugal. In DINIS, Pedro, GOMES, Alberto, MONTEIRO RODRIGUES, Sérgio, eds. – *Proveniência de materiais geológicos: abordagens sobre o Quaternário de Portugal*. Coimbra: Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário, pp. 165-192.

AUBRY, Thierry, LUÍS, Luís, MANGADO LLACH, Javier, MATIAS, Henrique (2015) – Adaptation to resources and environments during the Last Glacial Maximum by hunter-gatherer societies in Atlantic Europe. *Journal of Anthropological Research*, 71, pp. 523-544.

- AUBRY, Thierry, GAMEIRO, Cristina, MANGADO LLACH, Javier., LUÍS, Luis, MATIAS, Henrique, PEREIRO, Tiago (2016) – Upper Palaeolithic lithic raw material sourcing in Central and Northern Portugal as an aid to reconstructing hunter-gatherer societies. *Journal of Lithic Studies*, 3.
- BAALES, Michael (2001) – From Lithics to Spatial and Social Organization: Interpreting the Lithic Distribution and Raw Material Composition at the Final Palaeolithic Site of Kettig (Central Rhineland, Germany). *Journal of Archaeological Science*, 28, pp. 127-141.
- BACHELLERIE, François (2011) – Quelle unité pour le Châtelperronien? Apport de l'analyse taphonomique et techno-économique des industries lithiques de trois gisements aquitains de plein air: le Basté, Bidart (Pyrénées-Atlantiques) et Canaule II (Dordogne). Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Bordeaux I.
- BACHELLERIE, François, BORDES, Jean-Guillaume, MORALA, André, PELEGRIN, Jacques (2007) – Etude typo-technologique et spatiale de remontages lithiques de Canaule II, site Châtelperronien de plein-air en Bergeracois (Creysse, Dordogne). *Paleo*, 19, pp. 259-280.
- BINFORD, Lewis R (1978a) – Dimensional Analysis of Behaviour and Site Structure: Learning from an Eskimo Hunting Stand. *American Antiquity*, 43, pp. 330-361.
- BINFORD, Lewis R. (1978b) – Nunamiut Ethnoarchaeology. Nova lorque: Academic Press.
- BINFORD, Lewis R. (1979) – Organization and formation processes: looking at curated technologies. *Journal of Anthropological Research*, 35, pp. 255-273.
- BODU, Pierre, DEBOUT, Grégory, BIGNON, Olivier (2006a) – Variabilité des habitudes tardiglaciaires dans le Bassin parisien: l'organisation spatiale et sociale de l'Azilien ancien du Closeau. *Bulletin de la Société préhistorique française*, 103, pp. 711-728.
- BODU, Pierre, JULIEN, Michele, VALENTIN, Boris, DEBOUT, Grégory (2006b) – Un dernier hiver à Pincevent: les Magdaléniens du niveau IVO. *Gallia Préhistoire*, 48.
- BORDES, Jean-Guillaume (2006) – News from the West: a reevaluation of the classical Aurignacian sequence of the Périgord In – *Towards a Definition of the Aurignacian*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 45), pp. 93-100.
- BORDES, Jean-Guillaume (2012) – La séquence aurignacienne de Caminade revisitée: l'apport des raccords d'intérêt stratigraphique. *Paléo*, 12, pp. 387-407.
- BRÉZILLON, Michel (1968) – *La dénomination des objets de pierre taillée. Matériaux pour un vocabulaire des préhistoriens de langue française. Gallia Préhistoire (Ive Supplément)*. Paris, Franca: Centre National de la Recherche Scientifique.
- CARR, Christopher (1984) – The Nature of Organization of Intrasite Archaeological Records and Spatial Analytic Approaches to Their Investigation. In: Schiffer, M. B. ed. – *Advances in Archaeological Method and Theory, Volume 7*. New York, USA: Academic Press, pp. 103-222.
- CZIESLA, Erwin (1987) – L'analyse des raccords ou le concept du dynamisme en préhistoire. *Bulletin la Société Préhistorique Luxembourgeoise*, 9, pp. 77-111.
- DAURA, Joan, SANZ, Montserrat, DESCHAMPS, Marianne, MATIAS, Henrique, IGREJA, Marina, VILLAESCUSA, Lucia, GÓMEZ, Sandra, RUBIO, Angel, SOUTO, Pedro, RODRIGUES, Filipa, ZILHÃO, João (2018) – A 400,000-year-old Acheulean assemblage associated with the Aroeira-3 human cranium (Gruta da Aroeira, Almonda karst system, Portugal). *Comptes Rendus Palevol*, 17, pp. 594-615
- DESCHAMPS, Marianne, ZILHÃO, João (2018) – Assessing site formation and assemblage integrity through stone tool refitting at Gruta da Oliveira (Almonda karst system, Torres Novas, Portugal): A Middle Paleolithic case study. *PLoS ONE*, 13.
- FOURMENT, Nathalie (1999) – *Compte-Rendu de Mission (France-Portugal): Project no 205 AO "Technologie des Industries du paléolithique Supérieur"*. Não Publicado.
- GAMBLE, Clive (1999) – *The Palaeolithic Societies of Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GAMEIRO, Cristina (2012) – *La variabilité régionale des industries lithiques de la fin du Paléolithique supérieur au Portugal*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Paris I.
- GRAVINA, Brad, BACHELLERIE, François, CAUX, Solène, DISCAMPS, Emmanuel, FAIVRE, Jean-Philippe, GALLAND, Aline, MICHEL, A., TEYSSANDIER, Nicholas, BORDES, Jean-Guillaume (2018) – No Reliable Evidence for a Neanderthal-Châtelperronian Association at La Roche-à-Pierrot, Saint-Césaire. *Scientific Reports* 8.
- HOFMAN, Jack (1981) – The Refitting of Chipped-Stone Artefacts as an Analytical and Interpretive Tool. *Current Anthropology*, 22, pp. 691-693.
- KLARIC, Laurent, BERTRAN, Pascal, DUMARÇAY, Gaele, LIARD, Morgane (2018) – A long and winding road: Towards a paleo-ethnographic interpretation of the middle-Gravettian site of la Picardie (Indre-et-Loire, France). *Quaternary International*, 498, pp. 51-68.
- LEESCH, Denise, BULLINGER, J., CATTIN, Marie-Isabelle., MÜLLER, Werner, PLUMETTAZ, Nicole (2010) – Hearths and hearth-related

- activities in Magdalenian open-air sites: the case studies of Champréveyres and Monruz (Switzerland) and their relevance to an understanding of Upper Paleolithic site structure. In: POLTOWICZ-BOBAK, Marta, BOBAK, Dariusz, eds. – *The Magdalenian in Central Europe. New finds and concepts*. Rzeszów, Polónia: Fundacja Rzeszowskiego Ośrodka Archeologicznego, pp. 53-69.
- LEROI-GOURHAN, André, BRÉZILLON, Michel. (1972) – *Fouilles de Pincevent: essai d'analyse ethnographique d'un habitat magdalénien. (La section 36). Gallia Préhistoire (VIIe supplément)*. Paris, França: Centre National de la Recherche Scientifique.
- MARKS, Anthony E., SHOKLER, Jeff, ZILHÃO, João (1991) – *Raw Material Usage in the Palaeolithic. The Effects of Local Availability on Selection and Economy. Publications in Anthropology*, 19, pp. 127-140.
- MATIAS, Henrique (2012) – *O Aproveitamento de Matérias-primas Líticas na Gruta da Oliveira (Torres Novas)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa.
- MATIAS, Henrique (2016) – Raw material sourcing in the Middle Palaeolithic site of Gruta da Oliveira (Central Limestone Massif, Estremadura, Portugal). *Journal of Lithic Studies*, 3:2.
- NIGST, P.R., ANTL-WEISER, W. (2012) – Les structures d'occupation gravettiennes en Europe centrale: Le cas de Grub/Kranawetberg, Autriche. *L'Anthropologie*, 116, pp. 639-664.
- PEREIRA, Telmo (2010) – *A exploração do quartzo na Faixa Atlântica Peninsular no Final do Plistocénico*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Algarve.
- QUELHAS, Ana (1992) – *A estação do Gravetense da Fonte Santa (Torres Novas): caracterização tipológica e estudo da distribuição espacial*. Não Publicado.
- SCHIFFER, Michael B. (1972) – Archaeological Context and Systemic Context. *American Antiquity*, 37, p. 156-165.
- SHOKLER, Jeff (2007). – Hunter-Gatherer Movement in Portuguese Upper Palaeolithic: Archaeological Results of a Regional Lithic Sourcing Project. In *From the Mediterranean basin to the Portuguese shore: Papers in Honor of Anthony Marks: Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, 14-19 September 2004*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica 07), pp. 141-161.
- STAPPERT, D. (1989) – The Ring and Sector Method: Intrasite Spatial Analysis of Stone Age Sites, With Special Reference to Pincevent. *Palaeohistoria*, 31, pp. 1-57.
- STEVENSON, Mark (1991) – Beyond the Formation of Hearth-Associated Artefact Assemblages. In: Kroll, E. M., Price, T. D., eds. – *The Interpretation of Archaeological Spatial Patter*. Nova Iorque: Springer, pp. 266-299.
- TIXIER, Jacques (2012) – *A Method for the Study of Stone Tools*. Luxemburgo: Centre national de recherche archéologique / Musée national d'histoire et d'art.
- VILLA, Paola (1982) – Conjoinable Pieces and Site Formation Processes. *American Antiquity*, 47, pp. 276-290.
- WANDSNIDER, LuAnn (1996) – Describing and comparing archaeological spatial structures. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 3, pp. 319-384.
- ZILHÃO, João (1990) – *Fonte Santa: Relatório dos trabalhos realizados em 1989*. Não Publicado.
- ZILHÃO, João (1991) – *Fonte Santa: Relatório dos trabalhos realizados em 1990*. Não Publicado.
- ZILHÃO, João (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri.
- ZILHÃO, João (2006) – The Aurignacian of Portugal: A Reappraisal. In *Miscelánea en homenaje a Victoria Cabrera*. Madrid: Museo Arqueológico Regional (Zona Arqueológica; 7), pp. 372-395.
- ZILHÃO, João (2014) – The Upper Palaeolithic of Europe. In RENFREW, Colin, BAHN, Paul, eds. – *The Cambridge World Prehistory. Volume 3. West and Central Asia and Europe*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, pp. 1753-1785.
- ZILHÃO, João, ANESIN, Daniela, AUBRY, Thierry, BADAL, Ernestina, CABANES, Dan, KEHL, Martin., KLASSEN, Nicole, LUCENA, Armando, MARTÍN-LERMA, Ignácio, MARTÍNEZ, Susana, MATIAS, Henrique, SUSINI, Davide, STEIER, Peter, WILD, Eva M., ANGELUCCI, Diego, VILLAVERDE, Valentín, ZAPATA, Josefina (2017) – Precise dating of the Middleto-Upper Paleolithic transition in Murcia (Spain) supports late Neandertal persistence in Iberia. *Helyon*, 3 (11).

CONTEXTOS DE DESCOBERTA E DESAFIOS DO ESTUDO DOS SÍTIOS PRÉ-HISTÓRICOS DO APROVEITAMENTO HIDROELÉTRICO DE RIBEIRADIO-ERMIDA

Sérgio Gomes¹, Lurdes Oliveira², Cristina Gameiro³, Carmen Manzano⁴, Alicia Ameijenda⁵, Bárbara Costa⁶, Sérgio Monteiro-Rodrigues⁷, Alberto Gomes⁸, Thierry Aubry⁹, Henrique Matias¹⁰

¹ CEAACP – Universidade de Coimbra / sergio.gomes@uc.pt

² Arqueologia e Património Lda. / CEAACP – Universidade de Coimbra / lurdes.cunhaoliveira@gmail.com

³ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / gameiro.cristina@gmail.com

⁴ Arqueologia e Património Lda / cmanzano.molina@gmail.com

⁵ Arqueologia e Património Lda. / aameijenda.iglesias@gmail.com

⁶ Arqueologia e Património Lda / pcosta.barbara@gmail.com

⁷ CITCEM – Faculdade de Letras da Universidade do Porto / sergiomonteirod Rodrigues@gmail.com

⁸ CEGOT – Faculdade de Letras da Universidade do Porto / albgomes@gmail.com

⁹ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Fundação Cõa Parque / thierryaubry@arte-coa.pt

¹⁰ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / hamatias@gmail.com

Resumo

Este artigo pretende dar a conhecer o contexto de descoberta de três sítios pré-históricos identificados no âmbito da construção do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida: Rôdo, Vau e Bispeira 8; e apresentar, em traços gerais, a diacronia da sua ocupação. A área onde se localizam estes sítios correspondia, até 2014, a um vazio de pesquisa que condicionou o planeamento dos trabalhos de arqueologia preventiva, desafiando as equipas que se encontravam a executar os trabalhos, e a comunidade de arqueólogos em geral, a encontrar estratégias para ultrapassar tais constrangimentos. Deste esforço resultou um reforço do potencial patrimonial do vale do Vouga e um contributo para o conhecimento da sequência cronológico-cultural da pré-história regional.

Palavras-chave: Arqueologia preventiva, Comunidade de arqueólogo/as, Vale do Vouga, Pré-história.

Abstract

This article aims to discuss the conditions under which have been studied a group of three prehistoric sites located in the Middle Vouga river – Rôdo, Vau and Bispeira 8 – and present a brief synthesis regarding the diachrony of each site. These sites were identified during the final phase of the construction of the Ribeiradio-Ermida dam, a project located in a “deserted area” concerning prehistoric research. This absence of research has conditioned the planning of preventive archaeology, challenging the teams that were developing the archaeological work, and the community of archaeologists in general, to find strategies to overcome such constraints. From such efforts resulted an update of Vouga’s valley heritage and a contribution to the knowledge of the regional prehistoric chrono-cultural sequence.

Keywords: Preventive Archaeology, Archaeologists community, Vouga valley, Prehistory.

1. INTRODUÇÃO

Os trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural desenvolvidos no âmbito da construção do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida permitiram a identificação e escavação de três estações arqueológicas: Rôdo (CNS 34832 – Couto de Esteves, Sever do Vouga, Aveiro), Vau (CNS 36762) e Bispeira 8 (CNS 36766 – São João da Serra, Oliveira de Frades, Viseu). Estas três estações de ar livre, localizadas no Médio Vouga, testemunham a ocupação do território durante o Paleolítico Superior e a Pré-história Recente. A sua identificação constituiu uma novidade a uma escala regional, uma vez que não eram conhecidas estações paleolíticas nesta área do vale do Vouga. A par disto, a uma escala supra-regional, estes sítios encontram-se localizados entre duas das mais importantes áreas de estudo do Paleolítico em território português – a Estremadura e o Vale do Côa – inscrevendo-se, assim, enquanto estações que permitem alargar as possibilidades de compreender as estratégias de mobilidade das comunidades de caçadores-recolectores que habitaram o ocidente da Península Ibérica durante o Paleolítico Superior. Os contextos articuláveis com a Pré-história Recente são também relevantes porque, a nível local, contribuem para documentar as estratégias de ocupação do território associadas aos monumentos megalíticos e aos sítios de arte rupestre. Neste artigo, serão abordados dois tópicos relativos ao processo de intervenção e estudo destas três estações: será discutido o contexto em que foram identificadas as estações; e será apresentada uma síntese dos principais resultados dos estudos até agora desenvolvidos.

Relativamente ao processo em que foram identificadas, intervencionadas e têm vindo a ser estudadas estas estações, problematizaremos os limites e possibilidade de agirmos enquanto agentes sociais – com a especificidade de sermos arqueólogos – dando ênfase aos desafios em que tal condição nos coloca. Neste sentido, será apresentada uma breve síntese do modo como foi sendo desenvolvido o estudo da Pré-história entre os finais do século

XIX e durante o século XX no vale do Vouga. Com este exercício, pretende-se, fundamentalmente, contribuir para a compreensão de um “vazio de pesquisa” que se foi formando ao longo do tempo e que marcaria o contexto de descoberta destas estações. Com efeito, a falta de informação sobre a região acabaria por condicionar um programa de minimização de impactes no qual não estavam reunidas as condições para uma identificação atempada das estações, potenciando um conflito de interesses entre diferentes actores que conformam a cena arqueológica. Um conflito de interesses que perturba expectativas e práticas, mas que, enquanto tal, pode constituir-se como oportunidade para desafiar as espirais de exclusão e inclusão com que se pratica arqueologia. Um conflito de interesses que, fazendo mobilizar pessoas e recursos, tem de ser gerido no sentido de alargar as possibilidades com as quais desenvolvemos a pesquisa arqueológica e nos afirmamos enquanto comunidade.

2. A ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA NO VALE DO VOUGA: BREVE SÍNTESE HISTORIOGRÁFICA

O vale do Vouga localiza-se nas Beiras, uma região que, na segunda metade do século XIX, viria a chamar a atenção da comunidade científica portuguesa por constituir um território que era necessário conhecer e integrar numa política de administração e gestão do território nacional. A expedição científica à Serra da Estrela, organizada pela Sociedade de Geografia, em 1881, é uma iniciativa que expressa este projeto político e social. Nesta expedição, que a Sociedade de Geografia equacionou enquanto um projeto pluridisciplinar e abrangente, o reconhecimento arqueológico ficou a cargo de Martins Sarmento, que viu neste desafio a possibilidade de expandir os seus trabalhos sobre a etnogénese do povo português, alargando a sua escala de análise a esta geografia mítica do imaginário português (Fabião 2011). Apesar do seu entusiasmo, Martins Sarmento (1990 [1883]) reconhece que

As investigações a que procedemos, e as informa-

ções que obtivemos dos práticos, autorizam-nos a estabelecer, até provas em contrário, que no coração da Serra da Estrela não há antiguidades a procurar. As preocupações literárias, que fariam crer o mais inacessível dos Hermínios habitado pelos nossos antepassados, os lusitanos, têm de desvanecer-se perante a realidade dos factos (ibid.: 4).

Na Serra da Estrela, Martins Sarmento não encontra o que estava à espera, porém, no seu percurso pelas Beiras não deixa de registar inúmeros exemplos de vestígios arqueológicos, que atestam o potencial da região. Um potencial que, anos antes, já havia sido mencionado por Pereira da Costa na sua obra *Noções sobre o estado prehistorico da Terra e do Homem seguidas da descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal*, de 1868. Neste sentido, no relatório da expedição, Martins Sarmento alerta para a necessidade de se continuar o estudo, demonstrando a abundância de vestígios *entre outeiros e cabeços, planícies e vales...* renovando, assim, o interesse pela região. Este interesse e reconhecimento da importância das Beiras seria consolidado com as pesquisas de Leite de Vasconcellos. Esta figura central da história da arqueologia portuguesa desenvolveu incursões de exploração arqueológica em diferentes áreas de Portugal, tomando notas de carácter etnográfico e arqueológico, procedendo a escavações e recolhendo artefactos destinados ao Museu Etnológico Português (Fabião 2011). Foi neste âmbito que, durante a década de noventa do século XIX e as primeiras décadas do século XX, fez várias viagens e explorações com destino às Beiras (Vasconcellos 1898, 1904, 1905, 1912, 1913, por exemplo), contribuindo para o conhecimento da pré-história da região e suscitando também o interesse de investigadores locais. A este propósito, já na década de 1930, Alberto Souto (1938) escreveria:

As Talhadas e o Arestal são as serras mais próximas da Ria e do Baixo-Vouga, são as mais vouguenses das montanhas que separam a Beira Alta da Beira-Mar... Criei afeição a essas serras desde menino...

Os seus recessos e as suas particularidades foram para mim sempre uma sedução. Procurei-lhe os mistérios; desvendei-lhe alguns. A descoberta da sua arte rupestre e a publicação de elementos importantes e pouco conhecidos da sua geologia e da sua pré-história têm sido das melhores satisfações do meu espírito (ibid.: 5).

Durante a primeira metade do século XX, Alberto Souto viria a centrar-se no estudo do Médio e Baixo Vouga (Souto 1938, 1939, por exemplo), a par de Amorim Girão, que se centrou no estudo do Médio Vouga, e José Coelho, cujo trabalho se focou, fundamentalmente, no Alto Vouga. Os trabalhos de José Coelho (1912, 1921, 1925) e Amorim Girão (1921, 1921/22, 1923/24, 1925) centraram-se preferencialmente no estudo da Pré-história Recente, contribuindo para o conhecimento de diferentes espaços tumulares e de manifestações de arte rupestre. No caso de Alberto Souto, para além dos seus trabalhos no âmbito da Pré-história Recente, é de destacar a sua preocupação com a Pré-história Antiga. Com efeito, em 1939, publicou o artigo “A geologia do quaternário e o homem do vale do Cértima”, no qual discute a importância da estação da Mealhada, que tinha sido mencionada por Carlos Ribeiro em 1879 no Congresso Internacional de Geologia em Paris. Esta estação foi escavada em 1879 e 1880 sob a orientação de Nery Delgado e, posteriormente, continuou a ser estudada por Joaquim Fontes que, procedendo ao estudo da coleção existente no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, recupera e analisa a documentação existente sobre as condições de jazida e os trabalhos realizados na estação. A recuperação destes dados levou Alberto Souto a investir o seu esforço no reconhecimento deste período cronológico na área do Baixo Vouga e, ao mesmo tempo, a considerar que tal esforço não é suficiente

por falta de meios financeiros e de coadjuvação técnica em perfurações, sondagens e escavações que se não fazem com exames superficiais e de boa vontade, mas com aparelhagem, pessoal, tempo e dinheiro (Souto 1939: 57).

Entre os anos 50 e 70 do século XX, os trabalhos no vale do Vouga são continuados por outros investigadores. F. Russel Cortês (1948) estuda a estação de Carvoeiro do Vouga, registando a ocorrência de materiais paleolíticos. Luís Albuquerque e Castro (1959, 1966; Castro, Ferreira e Viana 1957a, 1957b, 1959; por exemplo), Dom Domingos Pinho de Brandão (1957, 1963, p.e.) e Celso Tavares da Silva (1947, 1978, 1980, 1985, p.e.) continuam a estudar a região, apresentando novas estações que contribuem para a caracterização do fenómeno megalítico e da arte rupestre. Celso Tavares da Silva escava também o Castro de Baiões (Silva 1979) e, em articulação com Philine Kalb (1974/77, 1978, 1980, 1990/92, p.e.), chamaria a atenção para o potencial da região para o estudo da Idade do Bronze. Todo o trabalho destes investigadores seria desenvolvido após o 25 de abril de 1974, designadamente atra-

vés dos múltiplos projetos de diferentes docentes, estudantes e investigadores das Universidades de Coimbra, Lisboa, Porto e Minho. O desenvolvimento destes projetos contribuiria de forma decisiva para o conhecimento da Pré-história Recente do vale do Vouga, inserindo-a na escala mais ampla da região das Beiras. Porém, no que diz respeito ao estudo da Pré-história Antiga tal não aconteceu. Com efeito, há apenas a destacar o desenvolvimento de dois projetos: o projeto “Paleoecologia da Caça-Recolecção no Baixo Mondego”, dirigido por Helena Moura e com a participação de Maria João Neves, Miguel Almeida e Thierry Aubry; e um pré-projecto individual de doutoramento de João Pedro Cunha-Ribeiro (1999, 1992-1993, 1984) sobre o Paleolítico Inferior do Vale do Vouga, que acabaria por não ser desenvolvido por razões semelhantes às que Alberto Souto enumerou cinquenta anos antes.

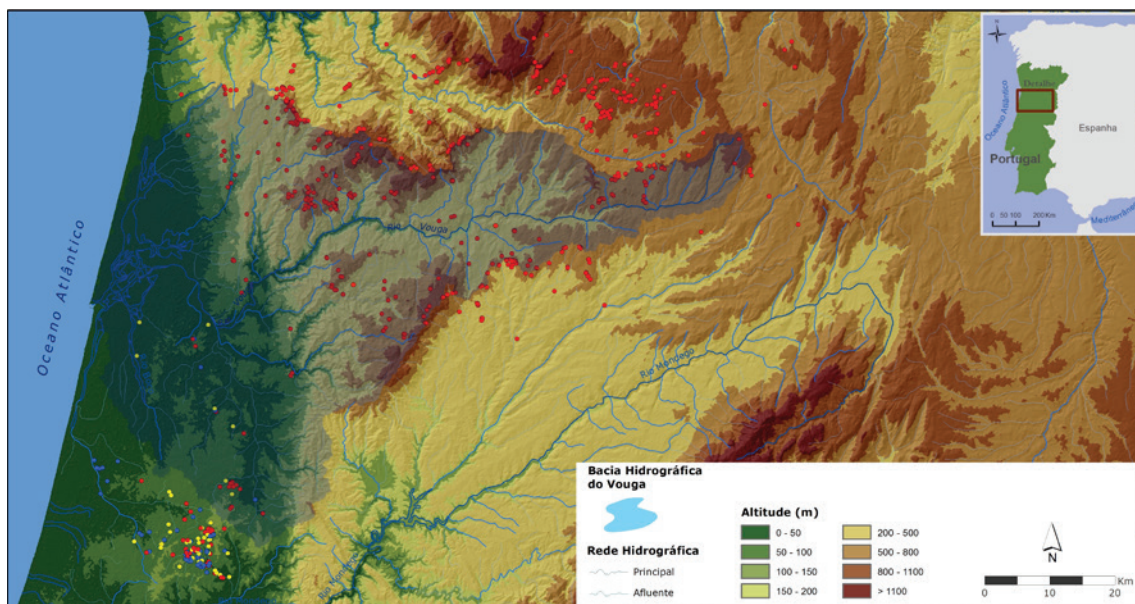


Figura 1 – Sítios pré-histórico do vale do Vouga. Mapa elaborado por Cláudia Manuel: Fonte: Mapa de localização da Península Ibérica – projecção WGS84 UTM Zona 29; Diva-GIS | Mapa principal: projecção WGS84 UTM Zona 29, MDT Aster 30 m, Rede Hidrográfica do Atlas do Ambiente, sítios arqueológicos com base na consulta do Endovélico Sistema de Informação e Gestão Arqueológica (DGPC). Legenda: Amarelo – Pré-história Antiga; Vermelho – Pré-história Recente; Azul – Pré-história Indeterminado.

Neste mapa (Figura 1) encontra-se representado o conjunto de sítios pré-históricos inventariados nos concelhos da bacia hidrográfica do Vale do Vouga, até 2014. Esta imagem é, de certo modo, repre-

sentativa do resultado dos trabalhos de pesquisa que acabamos de apresentar; é representativa das suas possibilidades e dos seus limites. Nas possibilidades, é de salientar a importância do estudo do

megalitismo e da arte rupestre, que permitiu cartografar as especificidades regionais desta tradição arquitetónica e artística da Pré-história Recente. Este estudo abriu a possibilidade de valorização dos monumentos e a sua inserção nas estratégias de desenvolvimento territorial. Porém, se é inegável a importância destes monumentos, o seu estudo acabaria por absorver quase todo o esforço dos arqueólogos que trabalharam na região. Desta tendência para fixar o estudo nestas construções acabaria por resultar um empobrecimento do conhecimento de estações de outra natureza e de outros períodos pré-históricos. Esta orientação da pesquisa acabaria também por criar uma assimetria ao nível local no que diz respeito ao conhecimento do potencial arqueológico. Com efeito, observando o mapa, é visível o vazio de informação que se instala na zona de vale; os pontos das estações arqueológicas concentram-se nas serras, ou seja, nos locais onde preferencialmente foram construídos os monumentos megalíticos. Desta forma, entre as possibilidades que se foram abrindo com os trabalhos arqueológicos desenvolvidos entre os finais do século XIX e os inícios do XXI, foi-se gerando um vazio de pesquisa – um vazio de conhecimento – que constitui um dos limites da pesquisa; um limite da pesquisa especialmente relevante no que diz respeito ao papel que os arqueólogos podem ter em matérias de ordenamento territorial e políticas de desenvolvimento local.

Este vazio de pesquisa viria a ter consequências no modo como foram geridos os trabalhos de minimização de impacto patrimonial na execução do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida. Um vazio de pesquisa que a breve história dos trabalhos arqueológicos que acabamos de delinear nos ajuda a compreender, mas que não o justifica. Com efeito, este vazio de pesquisa, que é igual a tantos outros que existem no território, é fundamentalmente uma consequência das condições de subfinanciamento com que se desenvolve a investigação no âmbito das humanidades e das ciências sociais em Portugal. É um vazio que, não obstante as múltiplas explicações que podem ser

consideradas, está relacionado com o resultado do subfinanciamento do estudo do património arqueológico. Um vazio que é também uma consequência da orientação de uma política patrimonial cada vez mais centrada na rentabilização turística dos recursos em detrimento da investigação. Este vazio de pesquisa é, então, um vazio de investimento e um vazio de interesses. É um vazio que faz parte da cena arqueológica; um vazio onde tudo pode acontecer.

3. UM VAZIO DE PESQUISA, UMA BARRAGEM E VÁRIOS INTERESSES

Na avaliação patrimonial elaborada durante o Estudo de Impacte Ambiental foi proposto que, durante a execução do projeto, se procedesse ao acompanhamento arqueológico. Foi graças a esta medida de minimização que foi salvaguardada a presença da arqueologia em obra (Gameiro 2018; Gameiro e Dimuccio 2019). Neste caso, foi a equipa da empresa Omniknos que garantiu estes trabalhos, permitindo a identificação dos sítios do Rôdo (Pereiro 2014a) e do Vau (Pereiro 2014b) numa fase quase final da obra. Esta descoberta tardia dos sítios fez com que o tempo necessário para a escavação dos sítios criasse alguns desajustamentos na fase de conclusão do empreendimento. Face a esta situação houve um apoio por parte da comunidade dos arqueólogos para se proceder à sua escavação. Durante o verão de 2014, as várias notícias sobre o assunto tornaram públicos os achados¹ e serviram de pressão para garantir a execução dos trabalhos, numa fase em que a construção da barragem não permitia controlar a submersão das áreas onde se localizavam as estações. Esta pressão social, ou a amplificação das vozes na demonstração da relevância das estações arqueológicas, contribuiu para

¹ A este propósito, é de consultar, por exemplo:
<https://www.publico.pt/2014/08/11/local/noticia/barragem-de-ribeiradio-vai-alagar-vestigios-excepcionais-do-paleolitico-1665858?page=-1#/0>
<https://www.publico.pt/2014/08/26/local/noticia/arqueologos-acusam-edp-de-comprometer-registo-dos-achados-paleoliticos-em-sever-do-vouga-1667594>

a consolidação da negociação do processo entre a DGPC com a EDP. Uma negociação que resultou no reforço das equipas e na diversificação do tipo de trabalhos até então desenvolvidos. Com efeito, foram efetuados trabalhos de prospeção complementares, dos quais resultou a identificação da Bispeira 8 (Matias 2015), por exemplo. No mesmo quadro de reformulação das medidas de minimização inicialmente previstas, foi financiado um conjunto de análises necessárias à caracterização paleoambiental das estações (Oliveira & Tereso 2020 – este volume), o estudo das coleções artefactuais provenientes das escavações (ver Manzano *et al* 2020 e Gameiro *et al* 2020 – neste volume) e a publicação dos resultados obtidos. A par disto, a EDP comprometeu-se também a articular-se com as entidades locais no sentido de garantir que o espólio e os registos das escavações tivessem condições de reserva. Note-se que tudo isto foi feito no sentido de assegurar que a construção da barragem de Ribeiradio-Ermida cumprisse o seu propósito: o de contribuir para o desenvolvimento local e a valorização dos seus recursos, entre os quais se encontravam estes vestígios arqueológicos. Neste contexto, é preciso ver que a pressão por parte da comunidade de arqueólogos teve como objetivo contribuir para que a EDP desempenhasse o seu papel enquanto promotor de uma obra que visava o desenvolvimento socioeconómico do país. Houve, neste sentido, um conflito de interesses que era necessário para que o projeto de Ribeiradio-Ermida fosse cumprido em todas as suas valências.

Para alargar a compreensão deste conflito de interesses e o seu papel na prática arqueológica, proponho que o tentemos perspetivar a partir do modelo de desenvolvimento do projeto sociocultural da Modernidade esboçado por Boaventura Sousa Santos (1994). De acordo com este sociólogo, o mundo em que vivemos é o produto de um processo histórico iniciado durante a Época Moderna e desenvolvido, fundamentalmente, durante o século XIX, no qual as dinâmicas sociais, políticas, económicas e culturais confluem na emergência de diferentes “princípios” e “lógicas de racionalidade”,

cujas congregações conformam os pilares do projeto da modernidade: o pilar da regulação; e o pilar da emancipação (ibid.: 69-73). O pilar da regulação é constituído pelos princípios do Estado, do Mercado e da Comunidade. Estes três princípios têm como objetivo regular os conflitos que podem emergir entre diferentes indivíduos. O Estado, enquanto unidade que representa a congregação de indivíduos, atua, por exemplo, através dos poderes legislativo, executivo e judiciário. O Mercado, com as suas dinâmicas de competitividade, intensificação e interação, desenvolve diferentes relações e vai gerindo o interesse e o acesso a recursos. E a Comunidade, por sua vez, através de sentimentos de pertença e afinidade, acaba por atuar no sentido de gerir as relações individuais. A par destes princípios de regulação, durante a Modernidade configuram-se também três tipos de lógica de racionalidade que visam a emancipação dos indivíduos. Cada uma destas racionalidades encontra-se regionalizada em áreas de atuação: a racionalidade moral-prática privilegia um pensamento baseado na ética e no direito; a racionalidade estético-expressiva singulariza-se nas artes e nas literaturas; e, por fim, a racionalidade cognitivo-instrumental especializa-se na produção do conhecimento através da ciência e da técnica.

Na especificação destes domínios de atuação, as lógicas de racionalidade do pilar de emancipação tendem a estabelecer uma relação de preferência com os princípios do pilar de regulação (ibid.). A racionalidade moral prática liga-se ao Estado, articulando-se com a sua exclusividade em assuntos de direito para permitir a juridificação das diferentes atividades/experiências dos indivíduos; é desta articulação que se estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural. A racionalidade cognitivo-instrumental privilegia a sua relação com o princípio de Mercado, reforçando os binómios ciência/produção e conhecimento/aplicabilidade, animando as possibilidades de controle/transformação do mundo em função de interesses particulares de mercado(s); é nesta conjugação que a arqueologia, enquanto disciplina científica, se afirma no mercado através

das empresas de arqueologia, por exemplo. A racionalidade estético-expressivo encontra-se preferencialmente ligada ao princípio de Comunidade, permitindo que a exploração das expressividades individuais e coletivas seja uma estratégia de composição identitária, com a qual se institui fenômenos de contemplação coletiva que reforçam o elo social comunitário; a Associação dos Arqueólogos Portugueses é um exemplo deste modo como a arqueologia pode gerar uma comunidade com uma subjetividade/expressividade em comum e, a partir da qual, se organizam no sentido de defender os valores que a conformam.

Porém, como nos alerta Boaventura Sousa Santos, no processo de constituição da modernidade esta coordenação dos pilares e das lógicas de racionalidade possibilitou um desregulamento e hierarquia da importância e das áreas de atuação de cada uma delas. Ao longo do século XX, o princípio de Mercado ascende hegemonicamente ao topo desta hierarquia, acabando por condicionar o desenvolvimento das dinâmicas de regulação e de emancipação dos outros princípios e lógicas. É este peso do Mercado que explica as condições de subfinanciamento da pesquisa em ciências humanas e sociais e é este peso de mercado que condiciona a pesquisa arqueológica no sentido da sua rentabilização no mercado turístico, por exemplo.

No caso de Ribeiradio-Ermida houve um esforço para contrariar esta hierarquia. O princípio de Comunidade, e a lógica identitária que a acompanha, atuam no sentido de assegurar que o projeto fosse desenvolvido em todas as suas valências, designadamente no que diz respeito à integração dos recursos patrimoniais enquanto elementos que participam nas estratégias de desenvolvimento local. A comunidade arqueológica entrou em conflito com uma dinâmica hegemónica, fazendo uso de diferentes tipos de racionalidade: da racionalidade cognitivo-instrumental da ciência arqueológica para demonstrar a importância dos vestígios; da racionalidade moral-prática para se defender em termos jurídicos da necessidade das intervenções arqueológicas; e da racionalidade estético-expressiva, de-

monstrando que era possível transformar o conhecimento científico num património comum com o qual as comunidades poderiam refazer as suas dinâmicas identitárias.

Em Ribeiradio-Ermida, houve um esforço para refazer o rumo onde um vazio de pesquisa inicial nos tinha colocado. Um rumo, cuja delimitação foi feito com o apoio da comunidade. Um pilar que, expressando-se em nomes individuais e em nomes de associações, criou o conflito necessário de modo a reunir as condições para que o trabalho se desenvolvesse. Neste conflito, a pesquisa acabaria por beneficiar de uma “racionalidade do diálogo”. Uma racionalidade que, do vazio de pesquisa, foi abrindo possibilidades para cada um dos intervenientes; e foi alargando as possibilidades dos acontecimentos num vazio que, gradualmente, se transforma num outro espaço. É neste “espaço ainda vazio” que se encontraram as equipas que desenvolveram os trabalhos de campo e a equipa que se estava a formar em torno do projecto Paleorescue; uma equipa que se queria constituída em função da heterogeneidade que compõe a comunidade arqueológica e, com essa heterogeneidade, trabalhar no sentido de reconfigurar outros tantos vazios que se formam numa comunidade que tem necessariamente de se ir ajustando face aos desafios que se vão impondo à prática arqueológica (Gameiro 2018; Gameiro e Dimuccio 2019).

O Paleorescue é um projecto que procura a criação de sinergias e o reforço de competências de arqueólogos a trabalhar em contextos de arqueologia preventiva. No âmbito dos seus objetivos, é de salientar a criação de um modelo preditivo, visando contrariar vazios de pesquisa e a identificação mais célere de estações arqueológicas. Simultaneamente, procura promover o estudo e a complementaridade de análises de sítios previamente intervencionados, como é o caso das estações de Ribeiradio-Ermida, que serão brevemente apresentadas no próximo ponto. Deve também ser salientado que a avaliação positiva, por parte de um júri internacional, e a atribuição de financiamento, num concurso competitivo, expressam o reconhecimento

to da pertinência da cooperação que subjaz à sua dinâmica e objetivos gerais. Ou seja, é o reconhecimento da necessidade de se desenvolver uma prática de articulação de diferentes interesses, e dos conflitos que lhes são inerentes, no sentido da promoção da coesão da comunidade de arqueólogos.

4. RÔDO, VAU E BISPEIRA 8: BREVE APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

O Rôdo, o Vau e a Bispeira 8 localizam-se na metade direita da bacia hidrográfica do rio Vouga (Figuras 2a e 2b). O Rôdo corresponde a uma superfície globalmente aplanada, inclinada no sentido do leito

atual do rio (Figura 3). O Vau, por sua vez, localiza-se na margem esquerda do vale do rio Teixeira, um dos afluentes do Vouga, num meandro onde se situa a praia fluvial que dá nome à estação (Figura 4). Nestes dois casos, as plataformas onde se localizam as estações foram formadas num processo de encaixe do rio, do qual resultaram níveis de terraço, sobre os quais se depositaram níveis de coluvião, onde se concentram os vestígios arqueológicos. No caso da Bispeira 8, a situação é diferente. É um sítio localizada a uma cota mais elevada, onde não foram identificados níveis de terraço, apenas um conjunto de depósitos de coluvião que cobrem o afloramento granítico (Figura 5).

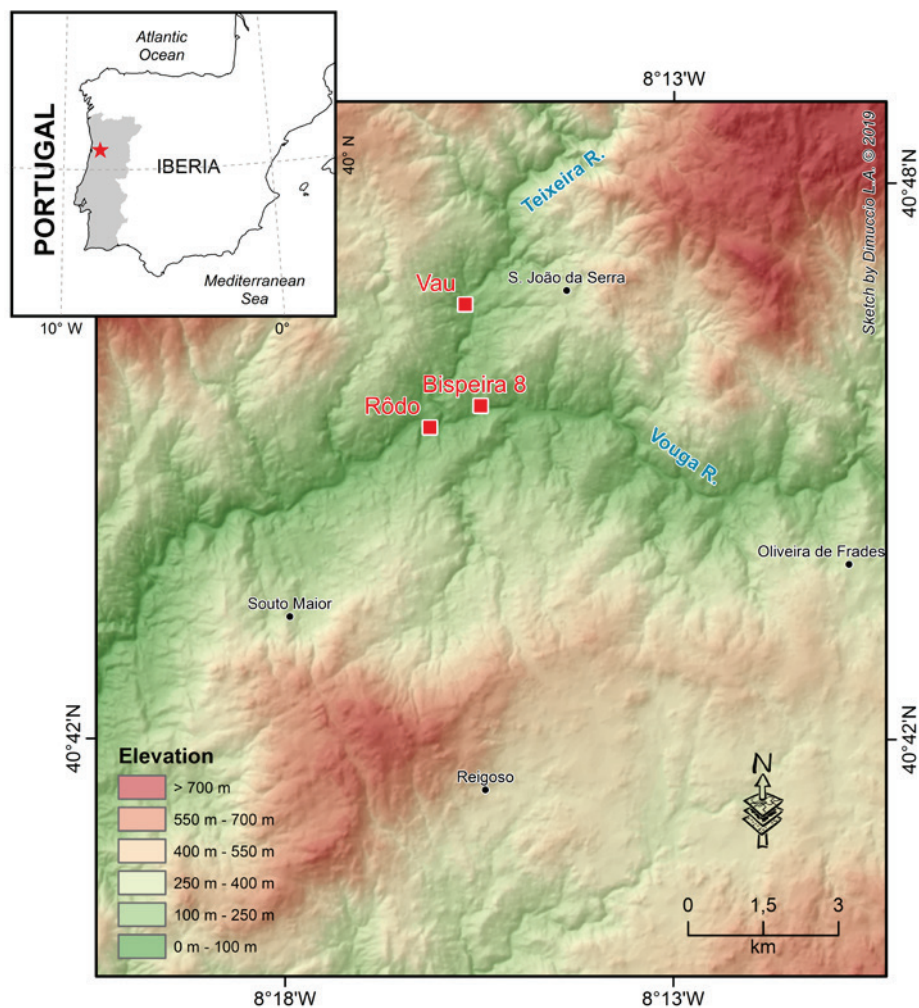


Figura 2a – Localização das estações: Rôdo, Bispeira 8 e Vau. Mapa elaborado por Luca Dimuccio (CEGOT – UC).

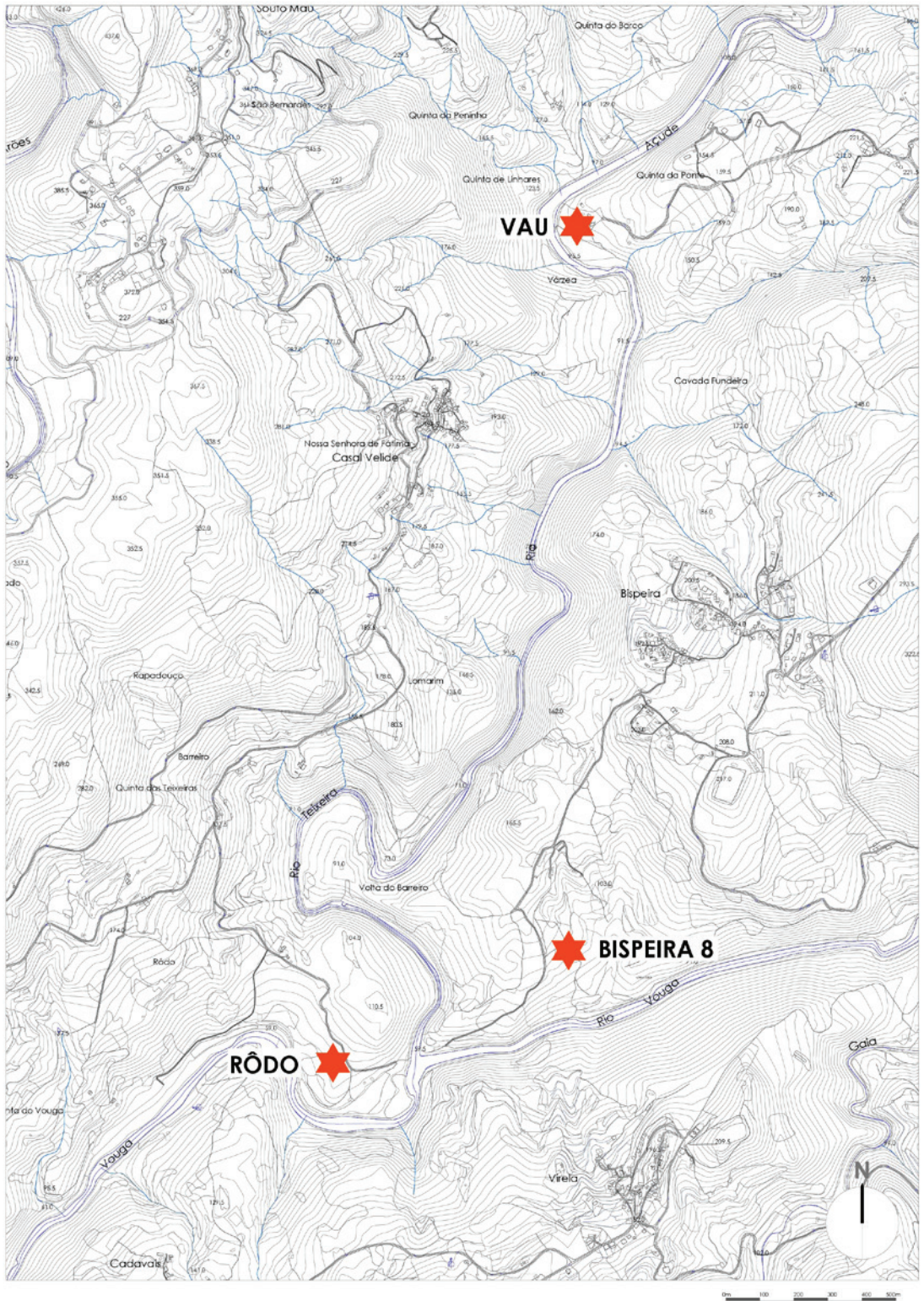


Figura 2b – Localização das estações: Rôdo, Bispeira 8 e Vau. Adaptado das CMP N.º 165 e 176 por Rui Oliveira (Arqueologia e Património Lda.).



Figura 3 – Rôdo: vista geral da área de intervenção (o nível da água do rio está já alterado pela construção da barragem).



Figura 4 – Vau: vista geral da área de intervenção.



Figura 5 – Bispeira 8: vista geral da área de intervenção (o nível da água do rio está já alterado pela construção da barragem).



Figura 6 – Rôdo: progressão dos trabalhos de escavação de uma estrutura pétreia.



Figura 7 – Rôdo: vista geral de uma área de concentração de aglomerados e alinhamentos pétreos, que podem corresponder a vestígios de estruturas muito perturbados.

Os trabalhos de escavação realizados no Rôdo (Pereiro 2014a; Ameijenda, Manzano e Gomes 2016), nos quais se procedeu à escavação em área e à realização de sanjas, permitiram a definição de uma superfície aplanada onde se localizavam vestígios de empedrados, alguns dos quais parecem corresponder a estruturas de combustão, que teriam sido usadas no âmbito de uma ocupação sazonal por comunidades pré-históricas (Figuras 6 e 7). A análise das indústrias líticas em associação com estes vestígios permitiu identificar conjuntos artefactuais que remetem para uma longa diacronia de ocupação da plataforma. Por um lado, existe um conjunto, onde se destaca a indústria lítica em sílex, com características enquadráveis no Magdalenense, com alguns elementos que permitem reconhecer uma continuidade da ocupação durante o Azilense (para mais informação, ver Gameiro et al 2020 – neste volume). Por outro lado, a presença residual de debitage laminar e de alguns fragmentos de cerâmica manual

sugere uma ocupação do espaço durante a Pré-história Recente. Note-se que estes últimos elementos não apresentam uma expressão estratigráfica nítida, sendo necessário desenvolver o estudo para tentar delimitar melhor a expressão espacial destes elementos e, assim, tentar delimitar o modo como se teria processado a ocupação desta plataforma.

No Vau, o estudo até agora desenvolvido permite-nos equacionar também diferentes momentos de ocupação (Pereiro 2014b; Ameijenda et al 2015). Os níveis mais recentes dizem respeito a uma estrutura pétreo de planta sub-circular (Figura 8, individualizada como Estrutura 3), à qual parece estar associado um conjunto de fragmentos cerâmicos, cujas características morfo-técnicas são articuláveis com a Idade do Bronze regional. Estes vestígios sobrepõem-se a uma superfície na qual foram identificadas seis pequenas estruturas em covacho. Apesar de ocorrerem ao mesmo nível altimétrico, as estruturas distribuem-se por dois depósitos distin-



Figura 8 – Vau: estrutura 3 em associação com fragmentos cerâmicos que remetem para a ocupação da plataforma durante a Pré-história Recente (Idade do Bronze).



Figura 9 – Vau: vista geral da UE 003, onde foram identificadas duas estruturas de combustão em covacho, cuja datação remete para ocupação da plataforma durante meados do 4.º Milénio AC.



Figura 10 – Vau: vista geral da UE 013 na qual foram identificados quatro aglomerados pétreos circunscritos a pequenos covachos, que teriam sido usados como estruturas de combustão). Uma das estruturas apresenta datações semelhantes às estruturas apresentadas na figura anterior, as outras três apresentam datações entre o 9.º e o 6.º Milénio AC.



Figura 11 – Vau: vista geral do topo do nível onde se concentram os vestígios de cronologia pleistocénica. É visível um conjunto de alinhamentos pétreos, que ocorrem em diferentes níveis do depósito, que podem corresponder a vestígios de estruturas.

tos, as UE's 003 e 013 (Figuras 9 e 10)². Na UE 003, foram identificadas duas estruturas (Estruturas 1 e 2) com covachos bem definidos e enchimentos constituídos por níveis de carvão associados a níveis pétreos; as datações absolutas realizadas nestes dois contextos remetem para meados do 4.º Milénio AC. Na UE 013, foram identificadas quatro estruturas: uma delas (Estrutura 4) apresenta características morfológicas e datações absolutas semelhantes às identificadas na UE 003; as outras três (Estruturas 5, 6 e 7) correspondem a aglomerados pétreos, envolvidos num depósito com muito carvão, que se encontravam circunscritos a covachos pouco pronunciados, cuja datação absoluta remete um intervalo de tempo compreendido entre o 9.º e o 6.º Milénio AC³. Por último, há também a destacar um depósito que embala um conjunto artefactual lítico, associado a níveis pétreos (Figura 11), que testemunham a ocupação do espaço durante o Paleolítico Superior, nomeadamente, durante o Magdalenense Final e o Gravettense (para mais informação ver Manzano *et al.* 2020 e Gameiro *et al.* 2020 – neste volume); em associação a este contexto estratigráfico foi também recolhida uma plaqueta de xisto gravada (para mais informação, ver Santos 2017).

² A relação estratigráfica entre estas duas UE's não era muito nítida. Com efeito, são depósitos que, em termos de matriz, são muito semelhantes, diferenciando-se por apresentarem cores distintas: o depósito UE 003, localizado no Sector Norte, é amarelo de tonalidade castanha e o depósito UE 013, localizado no Sector Sul, é castanho escuro. Durante a sua escavação, a interface entre estes depósitos era muito difusa não tendo sido possível definir uma relação de posterioridade/anterioridade entre eles.

³ Na avaliação destes contextos, que ocorrem no topo da sequência estratigráfica, deve ser considerada a complexidade dos processos de formação e alteração do registo a que foram sujeitos. Assim, se, por um lado, é de salientar a coerência morfológica e dos resultados das datações das Estruturas 1, 2 e 4, que remetem para a ocupação da plataforma nos meados do 4.º milénio, deve ser também considerado que a sua associação a um solo de ocupação não é evidente, dado que estes níveis iniciais se encontram profundamente alterados. No caso das estruturas 5, 6 e 7, estas limitações do registo arqueológico são ainda mais condicionantes na sistematização da sequência de ocupação pré-histórica da plataforma. Com efeito, refira-se que estas estruturas apresentam um carácter residual, cuja interpretação nos conduz a uma leitura dos resultados das datações como uma ida máxima e mínima para o seu abandono.

No âmbito do estudo da Bispeira 8 foi possível reconhecer duas realidades distintas (Matias 2015, Costa *et al.* 2015). Uma diz respeito a um conjunto artefactual, constituído por elementos líticos e cerâmicos, que se encontravam embalados num depósito de vertente que se estendia pela área intervencionada; é um conjunto de elementos que se encontra remobilizado, nos quais é possível reconhecer artefactos que remetem para a ocupação pré-histórica. Após a remoção deste depósito, foi identificado, ao nível do substrato rochoso, um conjunto de quatro estruturas em negativo: duas delas (Figura 12), as estruturas 1 e 2, apresentam um morfologia idêntica e um conjunto artefactual exclusivamente constituído por indústria lítica sobre seixo – a datação absoluta dos seus enchimentos remete para uma ocupação tardiglaciária; as outras duas, as estruturas 3 e 4, apresentam morfologias distintas e, no seu enchimento, a componente artefactual era vestigial apresentando fragmentos cerâmicos e líticos; a sua datação absoluta remete para os finais do 4.º Milénio AC.

Os vestígios das ocupações do Paleolítico Superior destas estações contribuem para colmatar o “vazio de investigação” em que se encontrava o estudo deste período cronológico na região. Com efeito, até à data, os dados disponíveis eram provenientes de estações de uma zona mais litoral (Almeida *et al.* 2006; Aubry *et al.* 2011, p.e.). Note-se que estas estações se localizam entre duas das regiões mais importantes para o estudo desta cronologia, a Estremadura e o Vale do Côa, contribuindo para compreender a sua relação (veja-se Aubry *et al.* 2016, a propósito do aprovisionamento de matérias-primas). Simultaneamente, os vestígios da ocupação destes sítios durante a Pré-história Recente contribuem para o conhecimento da sequência cronológico-cultural da região (ver a síntese de Vilaça e Cunha-Ribeiro 2008; e também Bettencourt 2010; Cruz 2001; Santos 2008; Silva 2000; Vilaça 1995, 2009; Tereso *et al.* 2016, p.e.). Em termos locais, a pesquisa tem estado focada essencialmente no estudo do megalitismo (Carvalho 2013; Silva 1994, 1997a, p.e.), de contextos tumulares da



Figura 12 – Bispeira 8: vista aérea da área de intervenção. O rectângulo à direita corresponde à localização das estruturas 1 e 2; o rectângulo à esquerda diz respeito à localização das estruturas 3 e 4.

Idade do Bronze (Sá 2014, p.e.) da arte rupestre e arte megalítica (Alves 2003, 2013; Alves e Carvalho 2017; Santos et al 2010/11; Silva 1985; Silva 1997b, p.e.) e da metalurgia (Bottaini e Rodrigues 2011; Cruz et al. 2014, p.e.). Deste modo, estes sítios de ar livre e localizados em zonas de vale, contribuem para o conhecimento de outras estratégias de apropriação do território no processo de consolidação do sistema agro-pastoril.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos até agora realizados nestas estações contribuíram para o conhecimento do Paleolítico Superior do Vouga e também para o conhecimen-

to de outras estratégias de ocupação do espaço na região durante a Pré-história Recente, cujo estudo, como vimos, se encontrava polarizado, fundamentalmente, em torno do megalitismo e da arte rupestre. A propósito do valor patrimonial e identitário destas estações, refira-se que o Museu de Sever de Vouga integra no seu discurso a estação do Rôdo, sendo um espaço de mediação local para a consolidação do conhecimento sobre o Paleolítico. Regressando ao título do artigo, designadamente à expressão “contextos de descoberta e desafios do estudo” é de enfatizar a questão do papel do conflito e do princípio de comunidade, referido por Boaventura de Sousa Santos (1994) sobre o projeto sociocultural da modernidade em que vivemos. Com

efeito, conflito e comunidade podem ser entendidos como pilares de qualquer atividade de pesquisa por duas razões. A primeira é que não há pesquisa sem conflito, porque a investigação começa sempre num conflito com uma zona de desconhecimento que queremos transgredir; e o conflito permanece porque a transgressão leva a zonas de (des)conforto e arenas de confronto necessárias para que sejam reunidas as condições para se fazer investigação. A segunda razão é que não conseguimos fazer isto sozinhos, e daí a importância do princípio de comunidade e do papel que nela podemos ter ao promover uma transgressão. Nesta transgressão é necessário procurar além da linearidade das lógicas das racionalidades da modernidade e promover uma política de inclusão; de procura de alternativas e de reforço da própria comunidade.

AGRADECIMENTOS

A redação do artigo enquadra-se no âmbito do projeto O Paleolítico Superior e a Arqueologia Preventiva em Portugal: desafios e oportunidades (PTDC/HAR-ARQ/30779/2017), financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, IP.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Miguel; DIMUCCIO, Luca; AUBRY, Thierry; NEVES, Maria João; CUNHA, Lúcio (2006) – Enquadramento geomorfológico e crono-cultural do sítio arqueológico de Gândara do Outil 1. *Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos*, 3: 205-210.

ALVES, Lara Bacelar (2003) – *The Movement of Signs: Post-glacial rock art in north-western Iberia*. (2 vols). Dissertação de Doutoramento (PhD). Universidade de Reading. Reading.

ALVES, Lara Bacelar (2013) – Arte rupestre no concelho de Sever do Vouga: A Arte, a Terra e o Tempo. In Eon, Indústrias Criativas, Lda. (coord.), *Genius Loci. O Espírito do Lugar*. Sever do Vouga, Câmara Municipal de Sever do Vouga: 77-101.

ALVES, Lara Bacelar, CARVALHO, Pedro Sobral (2017) – A arte megalítica da mamoa 1 do taco (Albergaria-a-Velha, Aveiro). Novos resultados. In J.M. Arnaud, A. Martins (eds.), *Arqueologia em*

Portugal 2017 – Estado da Questão. Lisboa, Associação de Arqueólogos Portugueses: 1021-1035.

AMEIJENDA, Alicia; GOMES, Sérgio; MANZANO, Carmen; OLIVEIRA, Lurdes (2015) – *Relatório Final. Aproveitamento hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida. Intervenção Vau (ocorrência patrimonial n.º 214)*. Arqueologia & Património Lda.

AMEIJENDA, Alicia; MANZANO, Carmen; GOMES, Sérgio (2016) – *Relatório Final. Aproveitamento hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida. Intervenção Rôdo (ocorrência patrimonial n.º 156)*. Arqueologia & Património Lda.

AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca; ALMEIDA, Miguel; NEVES, Maria João; ANGELUCCIE, Diego; CUNHA, Lúcio (2011) – Palaeoenvironmental forcing during the Middle – Upper Palaeolithic transition in central-western Portugal. *Quaternary Research*, 75 (1): 66-79.

AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; MANGADO LLACH, Javier; LUÍS, Luís; MATIAS, Henrique; & PEREIRO, Tiago (2016) – Upper Palaeolithic lithic raw material sourcing in Central and Northern Portugal as an aid to reconstructing hunter-gatherer societies. *Journal of Lithic Studies*, 3 (2). <https://doi.org/10.2218/jls.v3i2.1436>

BETTENCOURT, Ana M.S. (2010) – La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: una análisis a partir de las prácticas funerárias. *Trabajos de Prehistoria*, 67 (1): 139-173.

BOTTAINI, Carlo; RODRIGUES, Alexandre (2011) – O conjunto de metais de Vila Cova de Perrinho, Vale de Cambra: caracterização química e reavaliação dos contextos. *Oppidum*, 5: 27-39.

BRANDÃO, Domingos Pinho (1957) – O fenómeno megalítico em terras de Arouca. *Defesa de Arouca*, n.º 102, de 4-5-1957.

BRANDÃO, Domingos Pinho (1963) – Achado da época do Bronze de Vila Cova de Perrinho – Vale de Cambra. *Lucerna. Cadernos de Arqueologia do Centro de Estudos Humanísticos*, 3: 114-118.

CARVALHO, Pedro Sobral (2013) – Pré-história. Os senhores das montanhas. In Eon, Indústrias Criativas, Lda. (coord.), *Genius Loci. O Espírito do Lugar*. Sever do Vouga, Câmara Municipal de Sever do Vouga: 42-65.

CASTRO, Luís Albuquerque (1966) – L'Art mégalithique au Portugal. In *Atti del VI Congresso Internazionale delle Scienze Preistoriche e Protostoriche: Sezioni V-VIII. Roma, 29 Agosto a 3 Setembro de 1962. International Union of Prehistoric and Proto-historic Sciences, G.C. Sansoni, Firenze*. 3ºvol. pp. 370-374, est. CLXIV. Separata.

CASTRO, Luís Albuquerque (1959) – A arte megalítica e as escritas ideográficas. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional*

- de *Arqueologia*, 1.º vol., pp. 251-259. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- CASTRO, Luís Albuquerque; FERREIRA, Octávio Veiga (1959) – Protecção e conservação do dólmen pintado de Antelas. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, 1.º vol. 243-249. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- CASTRO, Luís Albuquerque; FERREIRA, Octávio Veiga; VIANA, Abel (1957b) – O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 38: 325-346, XI est.
- CASTRO, Luís Albuquerque; FERREIRA, Octávio Veiga; VIANA, Abel (1957a) – Acerca dos Monumentos Dolménicos da Bacia do Vouga. In *Actas do 23.º Congresso luso-espanhol para o progresso das ciencias*. Coimbra; Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Separata do 8.º vol.
- COELHO, José (1912) – *A prèistória e o seu ensino: mamaltar do vale de farchas: I estudos prèistóricos*. Famalicão: Minerva.
- COELHO, José (1921) – *Policromia Megalítica: II estudos prèistóricos*. Viseu: Tipografia Popular. Viseu.
- COELHO, José (1925) – *A Necrópole do Paranho: III estudos prèistóricos*. Viseu: Tipografia Popular.
- COSTA, Bárbara; MANZANO, Carmen; OLIVEIRA, Lurdes, SANTO, Rui; GOMES, Sérgio, (2015) – *Relatório Final. Aproveitamento hidroeléctrico de Ribeiradio-Ermida. Intervenção Bispeira 8 (ocorrência patrimonial n.º 246)*. Arqueologia & Património Lda.
- COSTA, F. A. Pereira da (1868) – *Noções sobre o estado prehistorico da Terra e do Homem seguidas da descrição de alguns dolmíns ou antas de Portugal*. Lisboa: Typografia da Academia.
- CRUZ, Carlos; BETTENCOURT, Ana M.S; COMENDADOR REY, Beatriz; RODRIGUES, Alexandre (2014) – Achados metálicos do Vouga e do baixo-Mondego (Centro de Portugal): contributos para a sua contextualização e interpretação. In: A. Bettencourt, B. Comendador Rey, H. Sampaio e E. Sá (eds), *Corpos e metais na fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*. Braga, APEQ: 147-159.
- CRUZ, DOMINGOS (2001) – *O Alto Paiva: megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História recente*. Dissertação de Doutoramento. FLUC. Coimbra.
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (1984) – *Levantamento das formações quaternárias da bacia inferior do Vouga com interesse arqueológico*. Relatório policopiado enviado ao Instituto Português do Património Cultural (I.P.P.C.), Porto, p. 15.
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (1992-1993) – Contribuição para o estudo do Paleolítico do vale do rio Lis no seu contexto crono-estratigráfico. *Portugália*, Nova Série, 13-14: 7-137.
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (1999) – *O Acheulense no Centro de Portugal: o vale do Lis. Contribuição para uma abordagem tecno-tipológica das suas indústrias líticas e problemática do seu contexto cronoestratigráfico*. Dissertação de Doutoramento apresentada à FLUL.
- FABIÃO, Carlos (2011) – *Uma história da arqueologia portuguesa*. Lisboa: Edições CTT.
- GAMEIRO, Cristina (2018) – Upper Paleolithic and preventive Archaeology in Portugal: challenges and opportunities. *Raport*, 13 (Preventive Archeology in Europe: Current Problems) 203-207.
- GAMEIRO, C.; MANZANO, C.; COSTA, B.; AMEIJENDA; A.; GOMES, S.; MONTEIRO-RODRIGUES, S.; GOMES, A.; AUBRY, T.; MATIAS, H. (2020) – Contributos para a caracterização do período tardiglaciar no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8, *Arqueologia & História – Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. 70, Ano associativo 2018, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp: 149-171.
- GAMEIRO, Cristina; DIMUCCIO, Luca (2019) – O Paleolítico Superior e a Arqueologia Preventiva em Portugal: desafios e oportunidades, *Al-madan online*, 22 (tomo 3): 55-60.
- GIRÃO, A. Amorim (1921) – *Antiguidades pré-históricas de Lafões: contribuição para o estudo da arqueologia de Portugal. Memórias e Notícias N.º 2*. Coimbra: Museu mineralógico e geológico da Universidade de Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- GIRÃO, A. Amorim (1921/1922) – Monumentos préhistóricos do Concelho de Viseu. *O Arqueólogo Português*, 1ª série, 25: 183-189.
- GIRÃO, A. Amorim (1923/1924) – Monumentos préhistóricos do Concelho de Viseu. (Cont). *O Arqueólogo Português*, 1ª série, 26: 282-288.
- GIRÃO, A. Amorim (1925) – *Arte rupestre em Portugal: (Beira Alta)*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- KALB, Philine (1974-77) – Uma data de C. 14 para o Bronze Atlântico. *O Arqueólogo Português*, 3.ª série, 7-9: 141-144.
- KALB, Philine (1978) – Senhora da Guia, Baiões. Die Ausgrabung 1977 auf einer Hobensiedlung der Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Madrider Mitteilungen*, 19: 112-138.
- KALB, Philine (1980a) – Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Germania*, 58: 25-59.

- KALB, Philine (1990-1992) – As xorcas de ouro do Castro Senhora da Guia, Baiões. *O Arqueólogo Português*, 4.ª série, 8-10: 259-276.
- MANZANO, C.; GAMEIRO, C.; GOMES, S.; COSTA, B.; AMEIJENDA, A.; MONTEIRO-RODRIGUES, S.; GOMES, A.; Aubry, T.; Matias, H. (2020) – A indústria lítica do Gravettense Médio do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares, *Arqueologia & História – Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. 70, Ano associativo 2018, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp: 117-133.
- MATIAS, Henrique (2015) – Relatório Final. Diagnóstico Arqueológico no sítio N.º 246 – Bispeira 8. Omniknos – Arqueologia, Valorização do Património e da Cultura, Lda.
- OLIVEIRA, Cláudia; TERESO, João (2020) – Dinâmicas de vegetação no final do pleistocénico e início do holocénico no atual território português, *Arqueologia & História – Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. 70, Ano associativo 2018, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp: 135-148.
- PEREIRO, Tiago (2014a) – *Relatório Final. Diagnóstico Arqueológico no sítio N.º 156 – Rôdo*. Omniknos – Arqueologia, Valorização do Património e da Cultura, Lda.
- PEREIRO, Tiago (2014b). *Relatório Final. Diagnóstico Arqueológico no sítio N.º 214 – Vau*. Omniknos – Arqueologia, Valorização do Património e da Cultura, Lda.
- RUSSEL CORTEZ, F. (1946) – A indústria paleolítica de Carvoeiro do Vouga. Subsídios para o estudo das formações post-pliocénicas do Vouga. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 11 (3-4): 357-359.
- SÁ, Edite (2014) – *Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na Serra da Freita (Centro-Norte de Portugal)*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho. Braga.
- SANTOS, A. T. (2017) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Universidade do Porto [Tese de Doutoramento policopiada].
- SANTOS, André T. (2008) – *Uma abordagem hermenêutica-fenomenológica à arte rupestre da Beira Alta: o caso do Fial (Tondela, Viseu)*. Estudos Pré-históricos, 13. Viseu: CEPBA.
- SANTOS, Boaventura Sousa (1994) – O Social e o Político na transição pós-moderna. In Boaventura Sousa Santos (autor), *Pela mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 69-101.
- SANTOS, Boaventura Sousa (1994) – O Social e o Político na transição pós-moderna. In Boaventura Sousa Santos (autor), *Pela mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 69-101.
- SANTOS, Filipe; PERPÉTUO, João; SANTOS, André; GOMES, Luís Filipe Coutinho (2010/11) – O Dólmen 2 de Chão Redondo (Sever do Vouga, Aveiro): um monumento com iconografias. Resultados dos trabalhos de escavação e restauro. *Portugália*, XXXI-XXXII: 5-41.
- SARMENTO, F. M. (1883) – Expedição científica à Serra da Estrela em 1881 – Relatório da Secção de Arqueologia. In F. M. Sarmiento (autor), *Dispersos*, pp. 129-152. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa – Imprensa Nacional.
- SILVA, Celso Tavares (1947) – Vestígios pré-históricos de Beiteiros. I: A Laja das Cocas. *Beira Alta*, 6: 291-230.
- SILVA, Celso Tavares (1978) – Gravuras rupestres inéditas da Beira Alta. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, pp. 167-196. Lisboa: AAP.
- SILVA, Celso Tavares (1979) – O castro de Baiões (S. Pedro do Sul). *Beira Alta*, 38 (3): 509-531.
- SILVA, Celso Tavares (1980) – As gravuras rupestres da Lufinha – Dois motivos labirínticos na região de Viseu. In *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 2.º vol., pp. 155-169. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- SILVA, Celso Tavares (1985) – A arte rupestre da região do Vouga e a problemática da sua cronologia. In *Conferência Internacional Os Portugueses e o Mundo. Porto, 4 a 7 de Junho de 1985*, 6.º vol., pp. 179-197. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- SILVA, Fernando A. P. (1994) – Túmulos do Centro-Norte Litoral. Prolegómenos a uma periodização. *Trabalhos de Arqueologia da EAM [Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego]*, 2: 9-33.
- SILVA, Fernando A. P. (1997a) – Problemática em torno do megalitismo do Centro-Norte Litoral de Portugal. In: A. Rodríguez Casal (ed.), *Actas do Colóquio Internacional O Neolítico Atlântico e as orixes do Megalitismo. Santiago de Compostela, 1 a 6 de abril de 1996*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela: 635-656.
- SILVA, Fernando A. P. (1997b) – A Arte Megalítica da bacia do Médio e Baixo Vouga. *Brigantium. Actas do III Colóquio Internacional de Arte Megalítico – A Coruña*, 10: 123-148.
- SILVA, Fernando A.P. (2000) – A estação Epipaleolítica-Mesolítica do Cabeço Branco (Portinho, Oiã, Oliveira do Bairro, Aveiro)”. *Arqueologia*, 25: 79-88.
- SOUTO, Alberto (1938) – Arqueologia pré-histórica do distrito de Aveiro. *Arte Rupestre. As insculpturas do arestal e o problema das combinações circulares e espiraloides do noroeste peninsular*. *Arquivo do Distrito de Aveiro*, 16, pp. 5-19.

SOUTO, Alberto (1939) – A geologia do quaternário e o homem do vale do Cértima. *Arquivo do Distrito de Aveiro*, 17, pp. 49-58.

TERESO, João Pedro; BETTENCOURT, Ana M.S; RAMIL-REGO, Pablo; TEIRA-BRIÓN, Andrés; LÓPEZ-DÓRIGA, Inés; LIMA, António; ALMEIDA, Rubim (2016) – Agriculture in NW Iberia during the Bronze Age: A review of archaeobotanical data. *Journal of Archaeological Science: Reports*, 10: 44-58 DOI: 10.1016/j.jasrep.2016.07.011

VASCONCELLOS, José Leite (1898) – Dolmen de Espírito-Santo d’Arca (Beira-Alta). *O Arqueólogo Português*, 1.ª série, 4: 338-339.

VASCONCELLOS, José Leite (1904) – Archeologia prehistorica da Beira: I – Dolmen da Cunha-Baixa). *O Arqueólogo Português*, 1ª série, 9: 303-308.

VASCONCELLOS, José Leite (1905) – Antiguidades prehistoricas da Beira: III – Orca da Carvalhinha: IV – Notícia de duas orcas. *O Arqueólogo Português*, 1.ª série, 10: 312-313.

VASCONCELLOS, José Leite (1912) – Mâmoas de Albergaria a Velha. *O Arqueólogo Português*, 1ª série, 17: 71-73.

VASCONCELLOS, José Leite (1913) – Antiguidades prehistoricas da Beira: V – Orca dos Palheiros: VI – Orca da Fonte do Alcaide: VII – Orca de Gandufe VIII – Orca de Alcafache: IX – Val d’Anta. *O Arqueólogo Português*, 1.ª série, 18: 77-81.

VILAÇA, Raquel (1995) – *Aspetos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Trabalhos de Arqueologia. N.º 9. Lisboa: Instituto Português de do Património Arquitetónico e Arqueológico.

VILAÇA, Raquel (2009) – *Através das Beiras. Pré-História e Proto-História*. Coimbra: Palimage.

VILAÇA, Raquel; CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (2007) – *Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira Litoral / From the earliest human occupations to the Romans’ arrival to the Beira Litoral*. Territórios da Pré-história em Portugal, vol. 4, Arkeos – Perspectivas em diálogo 23 (edição português/inglês). Tomar: Arkeos.

A INDÚSTRIA LÍTICA DO GRAVETTENSE MÉDIO DO VAU (MÉDIO VOUGA): APRESENTAÇÃO DE DADOS PRELIMINARES

Carmen Manzano¹, Cristina Gameiro², Sérgio Gomes³, Bárbara Costa⁴, Alicia Ameijenda⁵, Sérgio Monteiro-Rodrigues⁶, Alberto Gomes⁷, Thierry Aubry⁸, Henrique Matias⁹

¹ Arqueologia e Património Lda / cmanzano.molina@gmail.com

² UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / cristina.gameiro@edu.ulisboa.pt

³ CEAACP – Universidade de Coimbra / sergioalexandregomes@gmail.com

⁴ Arqueologia e Património Lda / pcosta.barbara@gmail.com

⁵ Arqueologia e Património Lda / aameijenda.iglesias@gmail.com

⁶ CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto / sergiomonteirod Rodrigues@gmail.com

⁷ CEGOT – Faculdade de Letras da Universidade do Porto / albgomes@gmail.com

⁸ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Fundação Côa Parque / thierryaubry@arte-coa.pt

⁹ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / hamatias@gmail.com

Resumo

Neste artigo são apresentados dados relativos ao nível de base da sequência sedimentar escavada no sítio do Vau, no âmbito da construção do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida. Após uma breve apresentação da localização, estratigrafia e trabalhos de escavação, será efetuada uma descrição dos principais aspetos da tipo-tecnologia lítica, identificando as fases de aprovisionamento, produção, transformação e abandono dos artefactos. A realização de remontagens líticas permitiu complementar os dados tecnológicos. A identificação e escavação deste sítio arqueológico possibilitou a obtenção de novos elementos para a caracterização de uma fase do Gravettense Médio, pouco conhecida no território português, como o provam os escassos paralelos na Estremadura e nos vales dos rios Côa e Sabor.

Palavras-chave: Vale do Vouga, Indústria lítica, Gravettense.

Abstract

This article focuses on data from the lower levels of the stratigraphic sequence identified at Vau, a Prehistoric site excavated in the scope of the Ribeiradio-Ermida dam project (middle Vouga). After a brief presentation of site location, stratigraphic sequence and excavation work, the main aspects of lithic technology are presented: raw materials sourcing, tool production, transformation and abandonment. Lithic refitting revealed additional technology data. Identification and excavation of this archaeological site provided new elements for the characterization of the Middle Gravettian phase, poorly known in Portuguese territory, as shown by the scarce parallels from Estremadura, Côa and Sabor river valleys.

Keywords: Vouga Valley, Lithic assemblages, Gravettian.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo são abordados os níveis de ocupação do Gravettense da estação arqueológica do Vau (CNS 36762 – São João da Serra, Oliveira de Frades, Viseu), cuja identificação ocorreu durante os trabalhos desenvolvidos a propósito do impacte patrimonial do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida (Pereiro 2014; Ameijenda & *alii*, 2015). No Ponto 2, é apresentada em linhas gerais a sequência estratigráfica da estação, no sentido de contextualizar os vestígios em análise. A este propósito, saliente-se as inúmeras condicionantes à progressão dos trabalhos (ver Gomes & *alii*, neste volume). Com efeito, não tendo sido possível escavar integralmente a plataforma onde se localizavam os vestígios, foram desenvolvidos trabalhos de escavação no sentido de obter leituras horizontais e verticais que permitissem edificar uma imagem diacrónica da ocupação humana. No Ponto 3 será efetuada uma descrição dos principais aspetos da tipo-tecnologia lítica, identificando as fases de aprovisionamento, produção, transformação e abandono dos artefactos. Serão também apresentadas as remontagens líticas realizadas que, para além de complementar os dados tecnológicos, serviram, igualmente, para avaliar a integridade dos depósitos e do conjunto artefactual exumado, bem como para aferir os processos de formação dos níveis sedimentares. Por último, será dada ênfase aos dados preliminares que remetem a ocupação do Vau durante o Gravettense. Como se verá, a escavação deste sítio arqueológico permitiu obter novos elementos para a caracterização de uma fase do Gravettense Médio pouco conhecida no território português.

2. OS CONTEXTOS DE OCUPAÇÃO PLEISTOCÉNICOS DO VAU

2.1. A sequência estratigráfica

O Vau encontra-se implantado no setor convexo de um meandro da margem esquerda do rio Teixeira, afluente do rio Vouga (Figura 1). Neste meandro do Teixeira, a margem direita é tendencialmente

abrupta, contrastando com a margem esquerda, que apresenta uma sucessão de plataformas em escadaria, correspondendo a terraços fluviais entalhados no substrato granítico. Esta configuração da margem esquerda permitiu a formação da praia fluvial que dá nome à estação. Os vestígios arqueológicos concentram-se numa plataforma imediatamente acima ao atual curso do rio. Nesta plataforma, concentram-se depósitos cuja génese está associada a dinâmicas fluviais e de vertente. A propósito destes últimos depósitos, é de referir a existência de uma pequena bacia localizada a uma cota superior, que controla os fluxos de sedimentos das vertentes em direção à plataforma.

Os processos geomorfológicos acima referidos expressam-se na estratigrafia da plataforma, designadamente na sua variabilidade lateral, tendo-nos levado a considerar dois setores (Figura 2). No Setor Sul, a maioria dos vestígios arqueológicos (estruturas, conjuntos líticos e cerâmicos) ocorre nos depósitos associados à dinâmica de vertentes, documentando diferentes períodos de ocupação da plataforma durante o Holoceno (ver Gomes & *alii*, neste volume). No Setor Norte, a situação é distinta. Após a escavação de um nível com contextos cuja datação radiocarbónica remete para o 4.º Milénio a.C. (a UE 003 e as Estruturas 1 e 2), foi identificada a UE 005, que consiste num depósito areno-siltoso, de coloração castanha-amarelada, com uma espessura máxima superior a um metro, que assenta diretamente em níveis de cascalheira. A realização da Sanja 3 (Figura 3), permitiu verificar que o depósito perde expressão estratigráfica em direção a Sul, encontrando-se erodido pelas dinâmicas de vertente. A análise da indústria lítica permitiu também a sua individualização face aos depósitos de vertente do Setor Sul porque, como veremos, ao contrário do material proveniente desses contextos, que sugerem distintos períodos da Pré-história Recente (Gomes *ibid.*), a UE 005 apresenta uma indústria lítica articulável com ocupações de diferentes períodos do Paleolítico Superior. No próximo subponto, procede-se ao desenvolvimento da caracterização deste depósito.

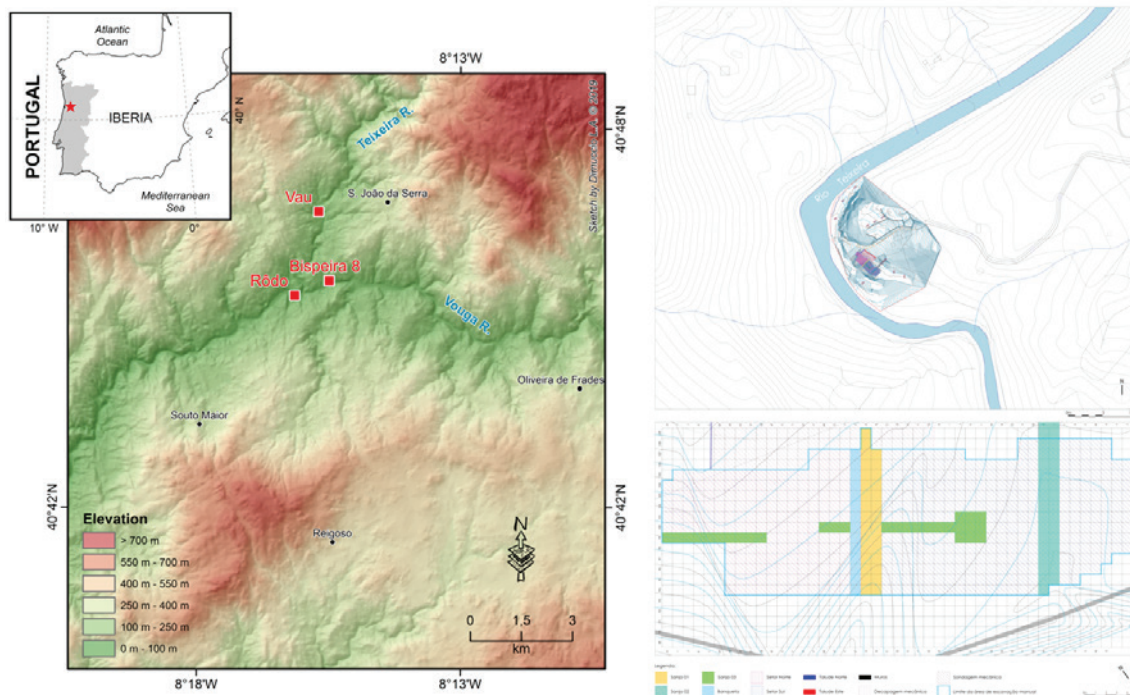


Figura 1 – Localização do Vau e planta da área de intervenção.

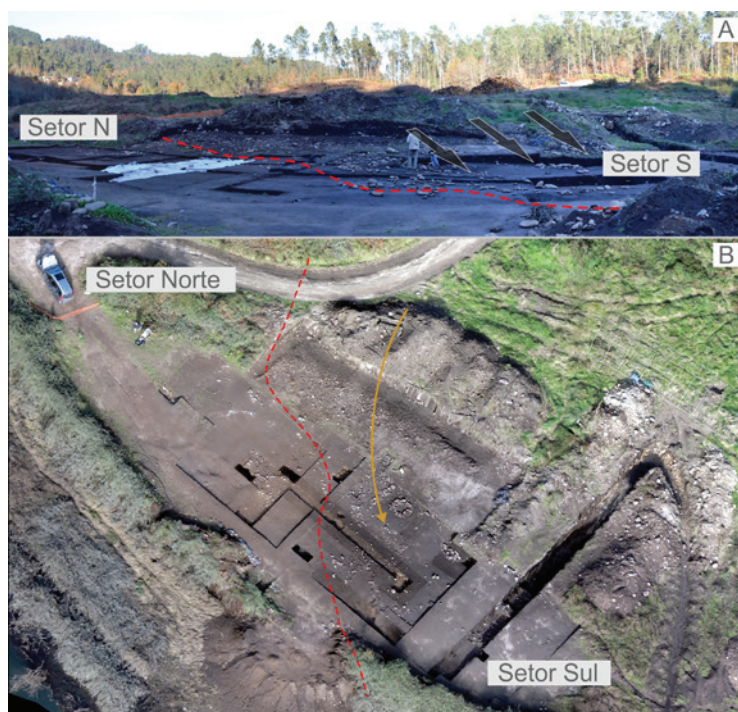


Figura 2 – A individualização dos dois sectores com sequências sedimentares distintas: A) vista panorâmica para leste; B) vista aérea. As linhas vermelhas a tracejado correspondem aproximadamente ao limite entre os sectores Norte e Sul. O Setor Sul apresenta fluxos de detritos (*debris flow*) e fluxos lamacentos (*mud flow*), que assentam sobre a cascalheira do terraço fluvial, nos quais se concentram os contextos de ocupação holocénicos. No Setor Norte, a ação dos fluxos não é tão expressiva, cobrindo, aparentemente, depósitos de finos de inundação onde se conservaram os vestígios de ocupação pleistocénica.



Figura 3 – Vista geral da Sanja 3. No Setor Sul (em primeiro plano) é possível observar o modo como os depósitos de vertente (de cor castanha escura) cobrem os depósitos fluviais (de cor castanha amarelada). No Setor Norte (em segundo plano), estes últimos depósitos ocorrem a uma cota mais elevada, estando mais preservados que no Setor Sul.

2.2. A UE 005

No Sector Norte, após a remoção do depósito superficial (UE 001), definiu-se o topo da UE 003 e a UE 005. Estes dois depósitos apresentavam uma matriz areno-siltosa idêntica, tendo sido individualizados considerando a tonalidade mais escura da UE 003 e uma maior presença de elementos pétreos na UE 005, designadamente no canto nordeste do setor. No processo de escavação da UE 003 foi possível averiguar que correspondia a um depósito com diferentes graus de preservação. No lado superior do setor, foram identificadas duas estruturas de combustão (cuja datação remete para o 4.º Milénio a.C., como anteriormente referido). Porém, o lado inferior apresentava marcas da pá de uma retroescavadora que documentam a perturbação do depósito em época recente. Esta perturbação pode estar associada à exploração agrícola da plataforma e a um eventual arranjo do terreno, que teria afetado o topo da sequência estratigráfica. A continuação da escavação da UE 003 permitiu definir concentrações de grandes seixos rolados que caracterizam a UE 005 (Figuras 4 e 5). Alguns destes seixos poderão



Figura 4 – Vista geral do Setor Norte: níveis pétreos do topo da UE 005. Note-se que no talude que define a plataforma (em segundo plano) é possível observar a presença de depósitos coluvionares (*debris e mud flows*) semelhantes aos do Setor Sul, que se desenvolveriam para a área de escavação. A sua ausência nesta área pode estar relacionada com trabalhos recentes de arranjo do terreno, durante os quais foram perturbados os contextos do topo da sequência estratigráfica.

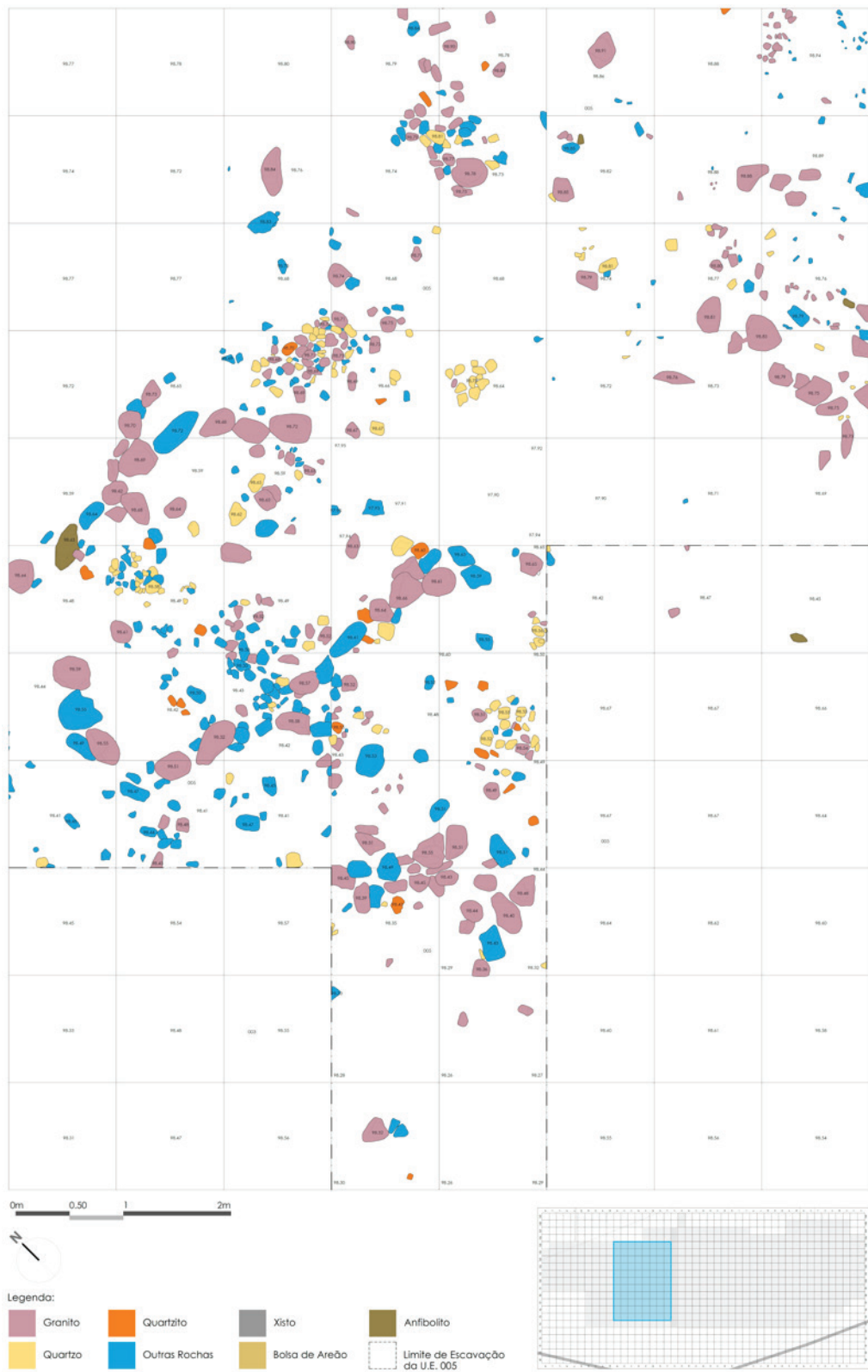


Figura 5 – Planta dos níveis pétreos do topo da UE 005.

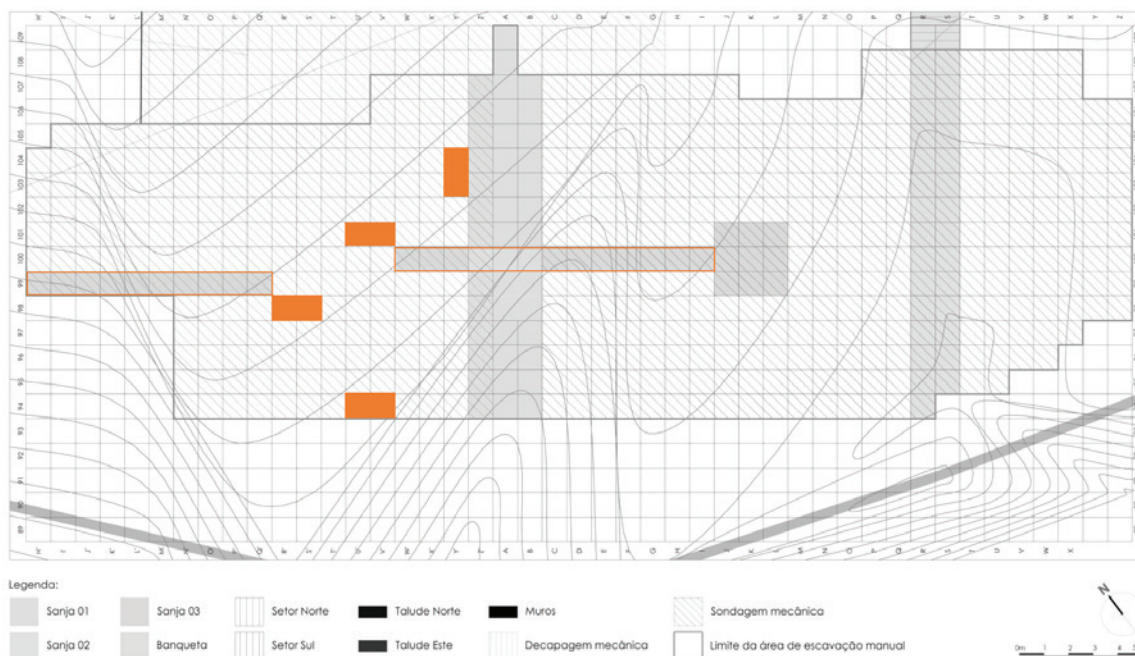


Figura 6 – Localização das sondagens de caracterização da UE 005 (retângulos a laranja) e da Sanja 3 (retângulos a laranja sem preenchimento).

ser provenientes do desmantelamento do nível de terraço tendo sido remobilizados por processos de coluvionamento. Outros, porém, corresponderão a *manuports* utilizados para a construção de estruturas, como sugerem os alinhamentos definidos pelos blocos de maiores dimensões (Figura 5). Refira-se que estes elementos pétreos não apresentam marcas de termo-alteração que remetam para a sua utilização em estruturas de combustão, nem foram identificados vestígios vegetais ou faunísticos queimados em relação direta com estas evidências pétreas.

Como foi já referido, a UE 005 corresponde a um depósito extenso, que se desenvolve por quase toda a área intervencionada. As condições em que se desenvolveram os trabalhos não permitiram a sua escavação integral, tendo-se procedido apenas à escavação do seu topo em parte do Setor Norte (Figura 3) e à realização de quatro sondagens para se obter uma leitura vertical do seu desenvolvimento (Figura 6). Estas sondagens mostraram que o depósito tem uma espessura máxima superior a 1 m e apresenta um aspeto maciço. Todavia, nos perfis são visíveis seixos rolados de grandes dimensões,

isolados ou formando aglomerados, que se distribuem segundo planos horizontais, separados entre si por camadas relativamente espessas de sedimento arenoso fino (Figuras 7 e 8). Tais características sugerem processos sedimentogenéticos em que se verifica uma alternância entre fenómenos de acreção resultantes de episódios de inundação e fenómenos erosivos com pontual acumulação de material grosseiro proveniente de terraços implantados a cotas mais elevadas (coluviões). A realização da Sanja 3 (Figuras 3 e 6) permitiu verificar que, no Setor Sul, a UE 005 perde possança, encontrando-se afetada pelo ravinamento associado à bacia de drenagem anteriormente referida. Mesmo tendo uma expressão vestigial, o depósito continua a fornecer material lítico talhado em bom estado de preservação, sendo de salientar que, na interface com os depósitos detríticos de vertente, foi exumada uma plaqueta com gravuras (Santos, 2019).

Apesar dos processos erosivos que ciclicamente a truncaram, a UE 005 conservou importantes vestígios de ocupação humana, documentados quer pelos aglomerados pétreos que podem cor-



Figuras 7 e 8 – Exemplos de níveis pétreos nos diferentes NA's da UE 005 na sondagem realizada nas quadrículas R'/S'98.

responder a diferentes tipos de estruturas, quer pelo conjunto lítico constituído por 4053 peças. Nas sondagens realizadas no Setor Norte, foi possível verificar que o material lítico se distribuía verticalmente por todo o depósito, com uma tendência para diminuir nos níveis estratigráficos inferiores (Figuras 8 a 10). Outra tendência verificada é a diminuição de artefactos nas sondagens mais próximas da extremidade este da plataforma. Com efeito, as sondagens localizadas nas quadrículas R'/S'98 e U'V'94 forneceram 409 e 468 peças,

respetivamente; em contraste, a sondagem localizada nas quadrículas U'/V'101 permitiu identificar 288 peças; na sondagem realizada nas quadrículas Y'104/105, na qual o depósito evidencia uma menor espessura (cerca de 50 cm), apenas foram exumadas 13 peças. Esta distribuição pode estar relacionada com a dinâmica de ocupação humana da plataforma e/ou com os processos que participaram na formação destes contextos. Trata-se de uma questão para a qual não se dispõe de resposta devido à reduzida área escavada.

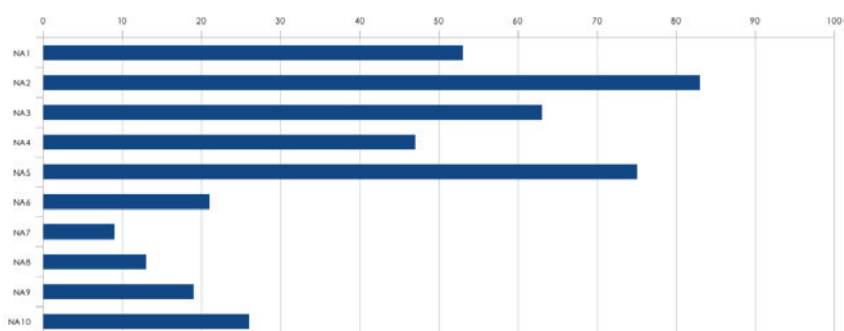


Figura 9 – Distribuição vertical dos elementos artefactuais na UE 005 nas quadrículas U'/V'94 (409 peças/10,15% da amostra).

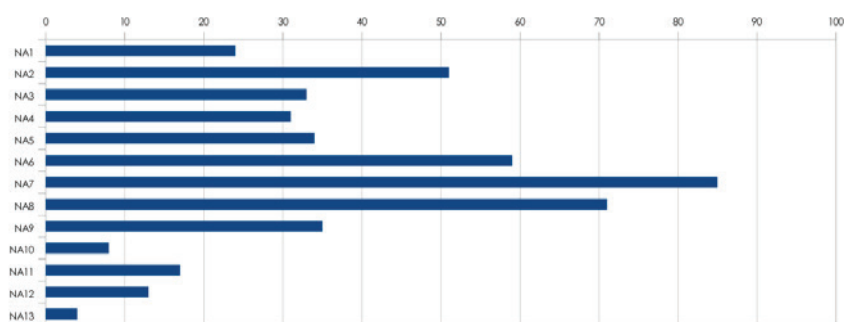


Figura 10 – Distribuição vertical dos elementos artefactuais nas UE's 005 nas quadrículas R'/S'98 (468 peças/11,62% da amostra).

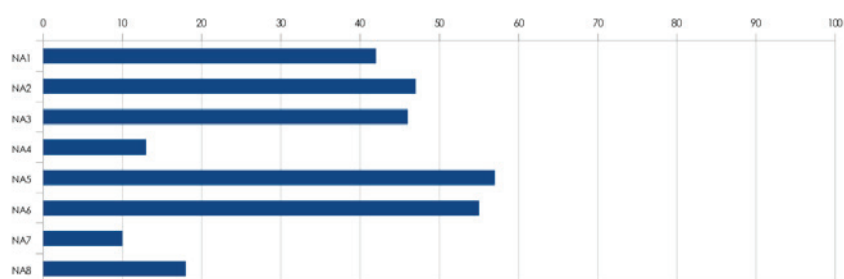


Figura 11 – Distribuição vertical dos elementos artefactuais na UE 005 nas quadrículas U'/V'101 (288 peças/ 7,15% da amostra).

2.2.1. Cronologia do depósito

UE/NA	Amostra	ICA ID	Material datado	Idade convencional	Idade calibrada (2σ)
UE 005 R'98/2.º NA	Vau15	17C/0813	Leguminosae	9680 +/- 40 BP	Cal 9260 – 9120 BC (72.2%) Cal 9010 – 8920 BC (20.2%) Cal 8900 – 8860 BC (3.0%)
UE 005 R'98/5.º NA	Vau9	16C/0314	<i>Arbutus unedo</i>	6170 +/- 30 BP	Cal 5220 – 5030 BC
UE 005 R'98/10.º NA	Vau16	17C/0814	<i>Erica australis/</i> <i>arborea</i>	24930 +/- 80 BP	Cal 27300 – 26740 BC

Tabela 1 – Datações obtidas no depósito UE 005.

Apesar da ausência de vestígios botânicos em associação a um contexto bem definido, foram recolhidos alguns carvões que foram usados para datação radiocarbónica. Nos resultados obtidos (Tabela 1), é de salientar que, por um lado, as datações do topo do depósito são mais recentes que os períodos sugeridos pela componente lítica, sendo também de referir que a datação do 2.º NA é mais antiga do que a do 5.º NA; por outro lado, a amostra Vau16, recolhida no 10.º NA da quadrícula R'98, é correlacionável com a tipologia de armaduras presente no conjunto lítico proveniente da UE 005, remetendo para o Gravettense. Esta associação, que concorre na proposta de periodização da diacronia de ocupação humana pleistocénica desta plataforma, será desenvolvida no próximo ponto.

3. INDÚSTRIA LÍTICA

3.1. Características gerais do conjunto lítico

O conjunto lítico recuperado na UE 005 do sítio arqueológico do Vau é constituído por cerca de quatro mil peças. A observação da Tabela 2 permite verificar que as silicificações e o quartzo correspondem às matérias-primas mais utilizadas, que as lascas são o tipo de suporte mais numeroso e que o índice de transformação pelo retoque é baixo: apenas 76 utensílios. Apesar do reduzido número de núcleos, a existência de esquirolas e de inúmeros restos de talhe permite confirmar a prática do talhe na área da plataforma. A maioria destes artefactos (51%) foi produzida utilizando rochas que genericamente designamos silicificações, que no caso em apreço

Tipo de artefacto	Silicificações	Quartzo	Quartzito	Outras	TOTAL
Núcleos	18	49	2	7	76
Lascas	991	1183	48	65	2287
Suportes alongados	224	75	1		300
Esquirolas	70	30			100
Restos de talhe	701	495	13	1	1210
Fragmentos		4			4
Utensílios	47	28		1	76
TOTAL	2051	1865	64	73	4053

Tabela 2 – Inventário geral, por matéria-prima e classe tecnológica, dos materiais líticos recolhidos na UE 005. Os dados da tabela baseiam-se nos elementos apresentados no relatório de escavação, simplificando as categorias e introduzindo alterações decorrentes da continuação do estudo.

incluem o sílex e os silcretos (Figura 12). O quartzo, sob a forma de seixo rolado, de fragmentos provenientes de filão ou sob a forma de cristais está representado por 46% dos artefactos. Outras rochas de grão grosseiro e o quartzito representam, respetivamente, 2% e 1% do total do conjunto.

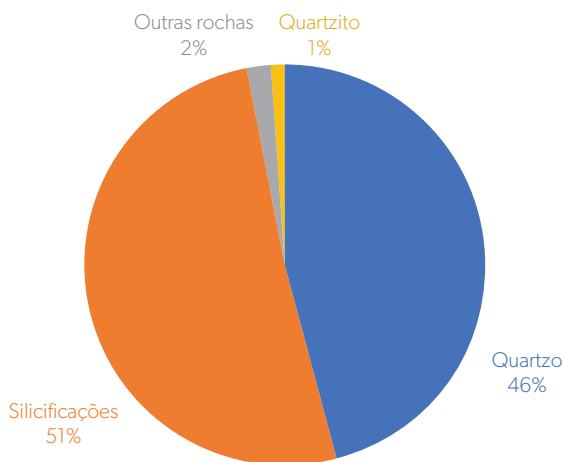


Figura 12 – Quantificação percentual das matérias-primas líticas utilizadas na indústria exumada na UE005 (utilizando o número total de peças).

3.2. Aproveitamento das matérias-primas líticas

O quartzo e o quartzito são geralmente considerados matérias-primas locais uma vez que estão sempre disponíveis, sob a forma de seixo, em depósitos detríticos. O quartzo foi utilizado, sob a forma de seixo, de fragmentos provenientes de filão ou sob a forma de cristais. Todos os tipos de quartzo podem ser de proveniência local¹. Os afloramentos de quartzito existem a cerca de 10km do Vau e esta matéria-prima é pouco frequente nos terraços do Vouga/Teixeira, motivo que justifica a existência de apenas 1% de peças produzidas utilizando esta matéria-prima. Outras rochas de grão grosseiro² estão disponíveis nos terraços do rio Vouga e,

¹ Note-se, porém, que seria necessário empreender prospeção direcionada para a identificação da proveniência dos Cristais de Rocha, já que estes podem ser de origem local ou regional.

² Neste grupo genericamente designado por outras rochas de grão grosseiro estão presentes rochas vulcânicas como o micro-gabro ou rochas metamórficas como o anfibolito.

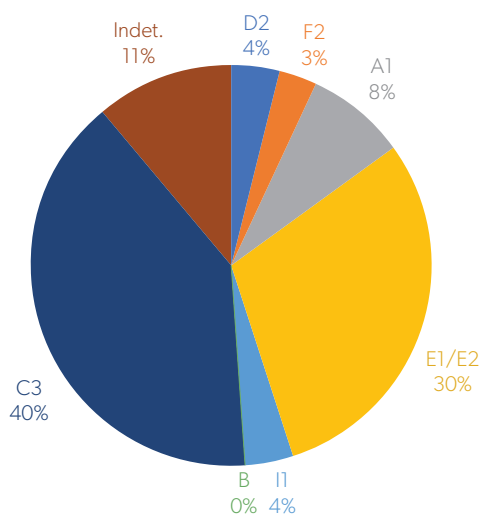


Figura 13 – Percentagem de utilização das silicificações da UE005 (cálculo utilizando o peso das peças).

Tipo	Descrição	Proveniência
A1	Sílex vermelho marmoreado do Hettangiano	Anadia
B	Sílex brechóide do Hettangiano/Sinemuriano	Coimbra
C3	Sílex cinzento e castanho do Bajociano/Batoniano	Outil / Ançã
D2	Sílex preto ou cinzento mosqueado do Oxfordiano	Nabão
E1/E2	Sílex castanho avermelhado do Cenomaniano	Estremadura
F2	Silcreto preto translúcido do Paleogénico	Facho
II	Silcreto azoico indiferenciado	?

Tabela 3 – Descrição abreviada das silicificações identificadas com menção ao código utilizado e à localização das fontes de aprovisionamento conhecidas.

ocasionalmente, foram utilizadas para produção de artefactos líticos.

O sílex e o silcreto foram sistematicamente observadas à lupa binocular (Olympus SZ51) com diferentes ampliações (4-40x), e a comparação com amostras geológicas, baseadas na cor, mineralogia, estrutura sedimentar, porosidade, conteúdo detrítico e fósilífero permitiu identificar os locais poten-

ciais de aprovisionamento (Mangado Llach, 2002; Aubry, 2009; Aubry & *alii*, 2012, 2014, 2016). Estas silicificações estão disponíveis a mais de 30km de distância deste sítio arqueológico e, portanto, são consideradas matérias-primas alóctones. Não foi possível determinar a proveniência de cerca de 11% das matérias-primas (Figura 13 e Tabela 3). O sílex do Bajociano (C3), disponível em Ançã (60km para Sul), constituiu a silicificação mais utilizada (40%), seguindo-se o sílex do Cenomaniano (E1/E2), disponível na Estremadura (150 km para Sul), representado em 30% das peças e o sílex do Hettangiano (A1), presente em Anadia (a cerca de 40km para Sul), presente em 8% dos materiais. Em percentagens mais reduzidas estão representados o sílex do oxfordiano (D2), presente no vale do rio Nabão (150km Sul); o silcreto azoico indiferenciado (I1), cuja proveniência resta indeterminada; o sílex do Paleogénico (F2), disponível perto da Figueira da Foz e o sílex brechóide do Hettangiano (B), proveniente da região de Coimbra.

3.3. Produção, transformação e utilização da utensilagem lítica

3.3.1. Debitagem em quartzito e outras rochas de grão grosseiro

A cadeia operatória identificada na exploração do quartzito e das rochas vulcânicas de grão grosseiro documenta a debitage expedida de matérias-primas de origem local. A utilização de ambas as matérias-primas, não parece obedecer a uma seleção preferencial de seixos com uma determinada morfologia. Os seixos são geralmente explorados unifacialmente, sem preparação do plano de percussão, com vista à produção de lascas. Apenas foi recuperado um denticulado numa rocha indeterminada de grão grosseiro, comprovando que a maioria das lascas, produzidas nestas matérias-primas, podem ter sido utilizadas em bruto sem necessidade de retoque. No caso da remontagem apresentada na Figura 14 podemos observar a união dorso-ventral de 4 lascas e uma fratura de Siret (Tixier, Inizan & Roche,

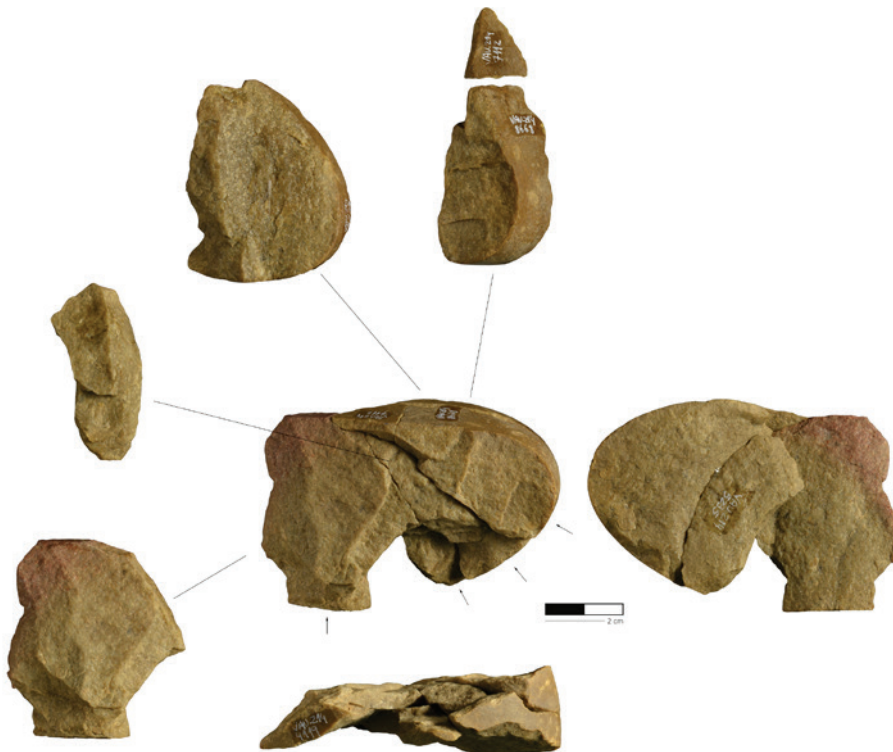


Figura 14 – Remontagem de 4 lascas em quartzito recuperadas na UE005 do Vau. Fotografia de Carmen Manzano/Arqueologia & Património.

1980). Trata-se de produtos corticais resultantes de uma exploração unifacial de um seixo rolado, originando produtos de tipo «gomo de laranja» ou facas de dorso natural (Cotterell & Kamminga, 1987).

3.3.2. Debitagem em quartzo

Em quartzo está documentada a produção de lascas (Figura 15), de lamelas e, provavelmente, de pequenas esquirolas. Em geral, os seixos de quartzo foram utilizados para a produção de lascas e apenas um foi utilizado para a obtenção de lamelas. No que concerne ao quartzo filoniano, foi maioritariamente utilizado para produzir lascas (65% dos núcleos), mas está igualmente presente a produção de lamelas e de esquirolas. A produção de lascas pode ser classificada como expedita, uma vez que a maioria dos núcleos são considerados «Indeterminável» quanto ao tipo de estratégia. Os planos de percussão são maioritariamente corticais ou constituídos por planos de clivagem próprios desta matéria-prima. A utilização de debitage bipolar sobre bigorna foi igualmente identificada. As lascas de quartzo foram transformadas em raspadeira (seis exemplares, por

ex. Figura 16), em utensílios do fundo comum (três entalhes e três denticulados) ou utilizadas como volume inicial para a produção de lamelas (núcleos tipo raspadeira carenada). Apesar da debitage lamelar estar atestada pela presença de um número muito significativo de núcleos lamelares em quartzo, apenas foram identificadas 15 lamelas inteiras, nenhuma delas retocada. A análise da indústria em quartzo hialino permitiu documentar a produção de lascas, sendo de destacar que pequenos cristais de rocha foram utilizados para debitar lamelas. Nestes casos apenas os planos de percussão são preparados (conferindo-lhe uma inclinação de 45°) e as arestas do cristal são utilizadas para guiar a debitage. Cerca de 11 núcleos em quartzo hialino foram explorados recorrendo à debitage bipolar sobre bigorna ou de «tipo peça esquirolada». A ausência de lamelas retocadas permite avançar com a hipótese de uma utilização em bruto de pequenas lascas ou esquirolas produzidas através de debitage bipolar sobre bigorna (Aubry & alii, 1998; Gameiro, 2009; Klaric, 2009) ou de uma seleção e exportação de suportes a retocar e utilizar noutra local.



Figura 15 – Remontagem de 2 lascas em quartzo recuperadas na UE005 do Vau. Fotografia de Carmen Manzano/Arqueologia & Património.



Figura 16 – Raspadeira em quartzo recuperada na UE005 do Vau. Fotografia Pedro Maia e Rui Oliveira / Arqueologia & Património.

3.3.3. Debitagem em sílex e silcrete

O sílex e o silcrete foram utilizados preferencialmente para a produção de lamelas, no entanto, a existência de núcleos para lascas permite supor a existência de duas cadeias operatórias distintas: uma para produção de lamelas e outra para a produção de lascas. Alguns suportes alongados podem ser classificados como lâminas, contudo, a presença de córtex, a existência de secção triangular e a existência de remontagens (Figura 17) permitem concluir que, provavelmente, estes suportes testemunham uma fase inicial da debitage lamelar. Não existem evidências de uma produção, autónoma, direccionada para a produção de lâminas. Tal como documentado para outras matérias-primas, a produção de lascas é efetuada recorrendo a estratégias expeditas, frequentemente unipolares (Figura 18) ou, mais raramente, centrípetas. A percentagem de transformação destas lascas pelo retoque é muito reduzida, pois apenas 17 utensílios foram identificados: quatro raspadeiras, dois buris, dois denticulados, um entalhe, um raspador e sete fragmentos de peça retocada.

Foram identificados alguns núcleos com produção lamelar exclusiva: de tipo prismático, sobre lasca (cinco tipo raspadeira em sílex cenomaniano e três tipo buril, dois em sílex cenomaniano e outro em sílex bajociano). Alguns destes volumes foram explorados para a produção pequenas lascas recorrendo à técnica da debitage bipolar sobre bigorna ou tipo peça esquirolada, em fase final da debitage. A utensilagem lamelar (30 exemplares) representa quase 40% do total. Esta elevada percentagem permite-nos vislumbrar uma das intenções da debitage: a produção de suportes lamelares transformados em lamelas de dorso, microgravettes ou pontas de Gravette (Figura 19). A presença de vestígios de face inferior (documentando uma exploração sobre aresta de lasca) foi reconhecida em pelo menos quatro exemplares.



Figura 17 – Remontagem de suportes alongados, em fase inicial de debitage (parcialmente cortical), em sílex bajociano (C3). Fotografia Carmen Manzano / Arqueologia & Património.



Figura 18 – Remontagem de uma sequência de debitage e respectivo núcleo em sílex oxfordiano (D2/D3). Fotografia Carmen Manzano / Arqueologia & Património.



Figura 19 – Ponta de La Gravette em sílex bajojociano (C3). Fotografia de Carmen Manzano / Arqueologia & Património. Tratamento gráfico de José Paulo Ruas.

3.4. Discussão

Podemos concluir que a exploração das matérias-primas é alóctone uma vez que a maioria das fontes de matéria-prima está situada a mais de 30km. Comparativamente ao identificado nas unidades estratigráficas no topo da sequência (Gameiro & *alii*, 2018; Gameiro & *alii*, neste volume), nestes níveis existe um predomínio de matérias-primas siliciosas. Este facto parece indicar um maior investimento destes grupos humanos, em termos de tempo e de esforço, nas tarefas de procura e aprovisionamento de recursos líticos com maior aptidão ao talhe. Na verdade, o sílex mais próximo (A1), disponível em Anadia, a cerca de 40km, não foi o mais explorado e tal facto pode ser explicado pela existência de fissuras que resultam numa fraca aptidão ao talhe deste tipo de sílex. O sílex do Bajociano (C3), disponível na região de Ança, a mais de 60km para Sul e o sílex do Cenomaniano (E1/E2), disponível a cerca de 150km para Sul, são os tipos mais explorados; tal opção pode ser explicada pela excelente aptidão ao talhe destes tipos de matéria-prima. A presença (3%) de silcreto do Facho (F2), disponível perto da Figueira da Foz, indicia um circuito de aprovisionamento que engloba uma zona mais

próxima do litoral, no baixo Mondego. Comparativamente ao verificado nos sítios do Vale do Côa, e do Vale do Sabor, onde a percentagem de sílex e silcreto é sistematicamente inferior a 2% do total das matérias-primas, nos sítios Vale do Vouga esta percentagem é sempre superior (Gameiro & Aubry, no prelo). Os dados do nível de base do Vau, mostram uma maior percentagem de sílex e silcreto e a sua comparação com as ocupações mais recentes deste sítio é semelhante ao padrão identificado no sítio da Cardina (Vale do Côa), onde, ao longo da mesma sequência estratigráfica, se verificou uma diminuição da percentagem de uso do sílex e do silcreto desde o Paleolítico superior antigo até ao Tardiglacial (Aubry & *alii*, 2016).

A utilização do quartzito, quartzo e rochas vulcânicas ou metamórficas de grão grosseiro para a produção expedita de lascas, aproveitando a morfologia natural dos seixos, sem investimento na preparação dos volumes e através de debitage unipolar ou centrípeta coexiste durante todo o Paleolítico Superior e, portanto, não é diagnóstica (Zilhão, 1997; Gameiro, 2012). Os esquemas de produção lamelar identificados perduram durante todo o Magdalenense. No entanto, a tipologia das armaduras líticas, so-

bretudo a identificação de uma ponta de *La Gravette* (Figura 19) e de outros fragmentos de microgravettes possibilitou uma atribuição cronológica quase imediata ao Gravettense. A obtenção de uma data de radiocarbono (VAU16 – Tabela 1) de 27300 – 26740 calBC (2σ) corroborou esta primeira atribuição.

A ponta de *La Gravette* recolhida no Vau apresenta paralelos com um exemplar recolhido base da camada 2f da Buraca Escura (Aubry, Zilhão & Almeida, 2007; Aubry & *alii*, 2010) e podemos encontrar semelhanças, ao nível dos esquemas de produção de suportes e da reduzida transformação em utensílios, com os sítios arqueológicos de Vale Comprido Cruzamento (com uma data TL de 27 900+ -2200); Vale Comprido Barraca e Estrada da Azinheira, todos situados na Estremadura (Zilhão, 1997). A presença de Pontas de *La Gravette* no Covão, Fontainhas e Furninha (Zilhão, 1997), apesar da escassa informação quanto ao contexto, também é de mencionar. A gruta do Caldeirão e o Abrigo do Lagar Velho apresentam datações de radiocarbono para esta fase, mas não foi recolhido material lítico diagnóstico na área escavada (Aubry, Zilhão & Almeida, 2007). Paralelamente, no Vale do Côa, a camada 3 da Olga Grande 4 apresenta, igualmente, vários tipos de ponta de dorso numa fase anterior à fase caracterizada por uma grande quantidade de microgravettes e lamelas de dorso marginal (Aubry, 1998; Aubry, Zilhão & Almeida, 2007). Na Foz do Medal, Vale do Sabor, foi recuperada uma ponta de *La Gravette* atípica (ou inacabada) pois o dorso não afeta a totalidade do bordo e não foi efetuado o retoque inverso na base (Gaspar & *alii*, 2016). Também neste sítio, a matéria-prima mais utilizada é o quartzo, o índice de transformação em utensílios é muito baixo, as lâminas são raras e não há evidência de esquemas de produção das mesmas. Foi igualmente documentada uma produção intencional de lascas de pequena dimensão e de lamelas, estas últimas, produzidas em quartzo hialino e silicificações locais e alóctones, utilizando núcleos prismáticos, núcleos sobre lasca (apesar da reduzida utilização de carenados) e debitagem bipolar sobre bigorna (Gaspar & *alii*, 2016).

Em suma, as características gerais deste conjunto artefactual lítico do Vau, nomeadamente o tipo de suportes pretendidos, a quase ausência de utensilagem formal e a importância da debitagem bipolar sobre bigorna encontram paralelos com o que já descrevemos para o Gravettense médio. A importância do quartzo, nomeadamente dos cristais de quartzo e a tecnologia de debitagem, aproximam-se bastante do documentado no Vale do Côa e no Vale do Sabor. A gestão das matérias-primas e a inclusão de materiais disponíveis a mais 150 km implica contactos para Sul, com a Estremadura.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo preliminar permitiu sistematizar um conjunto de dados que contribuem para a caracterização do médio Vouga durante a Pré-história. Apesar dos constrangimentos e dos limites do trabalho de campo realizado no âmbito da minimização de impactos decorrentes da construção da Barragem de Ribeiradio-Ermida, foi possível averiguar a existência de contextos estratigráficos relacionados com diferentes períodos do Paleolítico Superior. Note-se que o Vau é uma estação de ar livre, apresentando um contexto de formação em que concorreram diferentes fenómenos erosivos e que foi afetada por trabalhos agrícolas até períodos recentes. Neste sentido, alguns dos contextos arqueológicos não apresentam um grau de resolução imediato, sendo necessário colocar hipóteses interpretativas para fazer sentido de uma realidade que se apresenta difusa. O estudo até agora desenvolvido tem, deste modo, como objetivo re-avaliar os resultados obtidos na escavação em função de uma sistematização que valoriza a diacronia do sítio e o estabelecimento de fases de ocupação que contribuam para a compreensão dos diferentes processos históricos que ocorreram entre o Paleolítico Superior e a Pré-história Recente. Neste texto foram apresentados os resultados preliminares da análise de um conjunto de evidências que indiciam a ocupação da plataforma no Gravettense médio. Tal ocupação encontra-se preservada num depósito que se desenvolve

por toda a área intervencionada, apresentando diferentes graus de afetação, e no qual ocorrem conglomerados pétreos que podem corresponder a vestígios da estruturação espacial associada a uma ocupação sazonal da plataforma. Para este depósito, foi valorizada a obtenção da datação por radiocarbono (VAU16) de 27300 – 26740 calBC (2 σ) no sentido de contextualizar um conjunto lítico com características associáveis ao período cronológico em questão.

O estudo da coleção lítica do depósito referido anteriormente e a sua comparação com outras provenientes de sítios/contextos coevos localizados no Alto Douro (Vale do Côa e Vale do Sabor) e na Estremadura, permitiu verificar algumas afinidades no que diz respeito à produção, transformação e utilização da utensilagem lítica. A este propósito, é de salientar, por um lado, a identificação de circuitos de aprovisionamento de silicificações que implicam um quadro de mobilidade abrangendo fontes de matérias-primas localizadas próximas do litoral e mais a de 150 km para sul (vale do Nabão, por exemplo). Este quadro de mobilidade e a elevada frequência de utilização deste tipo de matérias-primas é condizente com a proposta da sua inserção no âmbito do Gravettense, encontrando paralelos em estações do vale do Côa. Por outro lado, a tipologia de armaduras (uma ponta *La Gravette*, microgravettes e lamelas de dorso, por exemplo) presente neste conjunto é também sugestiva do mesmo período crono-cultural, encontrando paralelos em sítios do Alto Douro e da Estremadura. Tendo em consideração os resultados obtidos até agora, pretende-se continuar a desenvolver a análise deste conjunto. Neste sentido, espera-se que a sistematização e contextualização dos dados obtidos através das remontagens parcialmente apresentadas possibilite avançar na caracterização do sistema técnico lítico e da sequência estratigráfica da estação. Este desenvolvimento da reavaliação dos resultados da intervenção permitirá, então, compreender melhor a ocupação do Vau no Gravettense Médio.

AGRADECIMENTOS

O trabalho relativo à proveniência das matérias-primas, foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto O Paleolítico Superior e a Arqueologia Preventiva em Portugal: desafios e oportunidades (PTDC/HAR-ARQ/30779/2017).

BIBLIOGRAFIA

AMEIJENDA, Alicia, GOMES, Sérgio, MANZANO, Carmen, OLIVEIRA, Lurdes (2015) – *Relatório Final. Aproveitamento hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida. Intervenção Vau (ocorrência patrimonial n.º 214)*. Arqueologia & Património Lda.

AUBRY, Thierry (1998) – Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1: 1, pp. 239-257.

AUBRY, Thierry (ed.) (2009) – *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa:IGESPAR (Trabalhos de Arqueologia 52).

AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca; ALMEIDA, Miguel; NEVES, Maria João; ANGELUCCI, Diego; CUNHA, Lúcio (2010) – Palaeoenvironmental forcing during the Middle-Upper Palaeolithic transition in central-western Portugal. *Quaternary Research*. Doi:10.1016/j.yqres.2010.11.002.

AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; MANGADO LLACH, Javier; LUÍS, Luís; MATIAS, Henrique; PEREIRO, Tiago (2016) – Upper Palaeolithic lithic raw material sourcing in Central and Northern Portugal as an aid to reconstructing hunter-gatherer societies. *Journal of Lithic Studies* 3(2). doi:10.2218/jls.v3i2.1436

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; MANGADO LLACH, Javier; MATIAS, Henrique (2012) – We will be known by the tracks we leave behind: Exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal). *Journal of Anthropological Archaeology* 31(4). pp. 528–550.

AUBRY, Thierry; MANGADO LLACH, Javier; MATIAS, Henrique (2014) – Matérias-primas das ferramentas em pedra lascada da Pré-história do Centro e Nordeste de Portugal. In DINIS, P.; GOMES, A.; MONTEIRO-RODRIGUES, S. – *Proveniências de Materiais Geológicos*, Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário. p. 165-192.

AUBRY, Thierry; ZILHÃO, João; ALMEIDA, Francisco; FONTUGNE, Miguel (1998) – Production d'armatures microlithiques pendant le Paléolithique supérieur et le Mésolithique au Portugal. *Actas del II Congresso de Arqueologia Peninsular, Zamora*, pp. 259-272.

- AUBRY, Thierry; ZILHÃO, João; ALMEIDA, Francisco (2007) – À propòs de la variabilité technique et culturelle de l'entité gravettienne au Portugal: bilan des dernières découvertes et perspectives de recherche. *Paleo* (19), pp. 51-70.
- COTTERELL, Brian & KAMMINGA, Johan (1987) – The formation of flakes. *Antiquity*, vol. 52, nº4, pp. 675-708.
- GAMEIRO, Cristina; MANZANO, Carmen; COSTA, Bárbara; AMEIJENDA; Alicia; GOMES, Sérgio; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio; GOMES, Alberto; AUBRY, Thierry; MATIAS, Henrique (2020) – Contributos para a caracterização do período tardiglaciário no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8. *Arqueologia & História – Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. 70, Ano associativo 2018, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 149-171.
- GAMEIRO, Cristina (2009) – Utensílios e suportes microlíticos do Magdalenense final no Vale do Côa: o exemplo da U.E. 4 do Fariseu. In AUBRY, T. (ed.), *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR (Trabalhos de Arqueologia, vol. 52), pp. 256-268.
- GAMEIRO, Cristina (2012) – *La variabilité régionale des industries lithiques de la fin du Paléolithique Supérieur au Portugal*. [Tese de Doutoramento, Université de Paris I- Panthéon-Sorbonne. Exemplar policopiado].
- GAMEIRO, Cristina & AUBRY, Thierry (No prelo) – Rôdo, Vau e Bispeira 8: integração crono-cultural, enquadramento regional e contextualização no quadro do Paleolítico Superior Peninsular. In G. Branco, P. Abranches e F. Telles (eds), *Monografia dos trabalhos de minimização do impacte patrimonial do Aproveitamento Hidroeléctrico de Ribeiradio-Ermida*, pp. 660-667.
- GAMEIRO, Cristina; GOMES, Sérgio; MANZANO, Carmen; COSTA, Bárbara; AMEIJENDA, A.; OLIVEIRA, Lurdes; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio; GOMES, Alberto; OLIVEIRA, Cláudia; TERESO, J.; MATIAS, H.; AUBRY, T. (2018) – The Pleistocene-Holocene transition: new data from the sites of Rôdo, Vau and Bispeira 8 (Vouga valley, Portugal). Poster apresentado no 8th *Annual Meeting of the European Society for the study of Human Evolution*, Faro 13-15, setembro de 2018.
- GASPAR, Rita; FERREIRA, João; CARRONDO, Joana; SILVA, Maria João (2016) – Open-air Gravettian lithic assemblages from Northeast Portugal: the Foz do Medal site (Sabor valley). *Quaternary International*, 406, pp. 44-64.
- GOMES, Sérgio; OLIVEIRA, Lurdes; GAMEIRO, Cristina; MANZANO, Carmen; COSTA, Bárbara; AMEIJENDA; Alicia; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio; GOMES, Alberto; AUBRY, Thierry; MATIAS, Henrique (2020) – Contextos de descoberta e desafios do estudo dos sítios pré-históricos do empreendimento hidroeléctrico de Ribeiradio-Ermida. *Arqueologia & História – Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. 70, Ano associativo 2018, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 97-115.
- KLARIC, Laurent (2009) – Les systèmes de production de supports d'armatures et leur place dans la gestion de ressources lithiques: une voie privilégiée pour la compréhension des sociétés gravettiennes de la Vallée du Côa. In AUBRY, T. ed. – *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR (Trabalhos de Arqueologia 52), pp. 247-256.
- MANGADO LLACH, Javier (2002) – *La Caracterización y el Aprovechamiento de los Recursos Abióticos en la Prehistoria de Cataluña: Las Materias Primas Silíceas del Paleolítico Superior Final y el Epipaleolítico*. Universidade de Barcelona [Tese de doutoramento policopiada].
- PEREIRO, Tiago (2014) – *Relatório Final. Diagnóstico Arqueológico no sítio N.º 214 – Vau*. Omniknos – Arqueologia, Valorização do Património e da Cultura, Lda.
- SANTOS, André Tomás (2019) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro a margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Associação dos Arqueólogos Portugueses: Lisboa.
- TIXIER, Jacques; INIZAN, Marie Louise; ROCHE, Helene (1980) – *Pré-histoire de la pierre taillée: terminologie et technologie*. CREP, Paris.
- ZILHÃO, João (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. Ed. Colibri, Lisboa.

DINÂMICAS DE VEGETAÇÃO NO FINAL DO PLEISTOCÊNICO E INÍCIO DO HOLOCÊNICO NO ATUAL TERRITÓRIO PORTUGUÊS

Cláudia Oliveira¹, João Pedro Tereso²

¹ InBIO – Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva, Laboratório Associado / CIBIO – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, Universidade do Porto / Faculdade de Ciências, Universidade do Porto / claudia.oliveira1991@gmail.com

² InBIO – Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva, Laboratório Associado / CIBIO – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, Universidade do Porto / UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / MHNC – UP – Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto / jptereso@gmail.com

Resumo

A transição do Pleistocénico para o Holocénico correspondeu a um período de fortes flutuações climáticas com grande impacto na paisagem e o estudo do registo paleoecológico para este período é crucial para conhecermos como se estabeleceram e evoluíram as condições do atual interglaciar.

Apresenta-se, aqui, uma síntese dos dados palinológicos e antracológicos disponíveis para o atual território de Portugal continental, para o período entre 14 000 cal BP e 10 500 cal BP, enquadrando-os sucintamente nas fases que o antecederam e sucederam. A informação disponível torna clara a relação entre alterações climáticas e evolução da vegetação, verificando-se uma expansão de formações florestais temperadas ou termófilas – variando regionalmente – nas fases quentes e a tendência inversa nas fases mais frias, com a posterior estabilização no Holocénico.

Palavras-chave: Interglaciar, Holocénico, Paleoecologia, Portugal.

Abstract

The transition from the Pleistocene to the Holocene was a period of strong climatic fluctuations with great impact in the landscape, making the study of its paleoecological records crucial to understand how the conditions of the current interglacial period established and evolved.

Focusing on the palynological and anthracological data available, a synthesis is presented for continental Portugal in the period between 14 000 cal BP and 10 500 cal BP. To assure a broader integration of these data, previous and following phases are briefly addressed. The available information show that there is a clear relation between climate evolution and changes in vegetation. There is an expansion of temperate or thermophilous woodlands – varying regionally – in the warm phases, and the reverse in the colder periods, followed by a stabilization in the Holocene.

Keywords: Interglacial, Holocene, Palaeoecology, Portugal.

1. INTRODUÇÃO

A transição do Pleistocénico para o Holocénico, um período situado entre c. 14 000 e 10 500 cal BP, foi marcada por alguma instabilidade climática, resultante de uma sucessão de fases quentes e frias, mais ou menos prolongadas (Rasmussen & *alli*, 2006). O início do Holocénico – o atual interglaciar – viria a marcar o final deste período de transição onde a estabilização climática persiste, de uma forma geral, até aos dias de hoje. As flutuações climáticas verificadas após o Último Máximo Glaciar podem agrupar-se em três fases frias, designadas por Dryas (I, II e III), e fases quentes como o Bølling e o Allerød (Pérez-Obiol & Julià, 1994). A severidade das alterações climáticas destas fases variou consideravelmente no espaço, dependendo da latitude, altitude e vários fatores de índole regional ou local (Schenk & *alli* 2018).

A distribuição dos seres vivos encontra-se bastante condicionada por fatores climáticos, não sendo as plantas uma exceção (Lomolino, Riddle & Whittaker, 2016). Como tal, a vegetação reflete, num espetro macrotemporal, as variações climáticas sendo mesmo estas, na ausência de ações antrópicas evidentes, o principal fator de alterações na composição da vegetação (Muñoz-Sobrino & *alli*, 2005). Como tal, o estudo da vegetação e da sua evolução ao longo do tempo tem servido de *proxy* paleoambiental, de um modo geral, mas também paleoclimático (Davis & *alli*, 2003).

As análises polínicas, propícias a abordagens espacialmente e cronologicamente amplas são fonte primordial de informação acerca das dinâmicas de vegetação do passado e da tentativa da sua compreensão, conectando-se com dados paleoclimáticos, assim como com informações referentes às ocupações humanas, resultantes de estudos arqueológicos e históricos. As séries palinológicas obtidas em ambientes não antropizados ou com pouca antropização, em contextos sedimentares pobres em oxigénio com maior potencial de preservação de matéria orgânica, tais como turfeiras ou lagoas, poderão permitir a obtenção de dados com elevado valor informativo, para a caracteri-

zação da evolução da paisagem na área em torno do local de captação (Mateus, Queiroz & van Leeuwaarden, 2003). Embora a amplitude espacial dos dados registados numa sequência polínica esteja intimamente ligada às características de dispersão do pólen dos diferentes táxones, estes devem assumir um carácter regional, ainda que fortemente condicionado pelas condições locais (Mateus, Queiroz & van Leeuwaarden, 2003; Carrión & *alli*, 2010). A interpretação dos dados das sequências polínicas deve ser feita de forma cautelosa e criteriosa, não se podendo entender acriticamente as frequências polínicas como se refletissem proporcionalmente a composição taxonómica das diferentes unidades de vegetação existentes na região. Ainda assim, apesar de algumas restrições, o estudo de sequências polínicas é o melhor método de caracterização e evolução da vegetação do passado.

Além das evidências polínicas, os estudos de caracterização da vegetação podem ainda beneficiar da incorporação de dados provenientes de estudos de macrorrestos vegetais (e.g. Nelle, Dreibrodt & Dannath, 2010). O estudo de madeiras, frutos e sementes recuperados em sítios arqueológicos oferece dados complementares face às análises polínicas. Sendo estes vestígios usualmente resultantes de ações humanas diretas, traduzem a exploração de recursos num espaço mais imediato, assumindo um carácter local.

O estudo combinado destes vestígios da vegetação do passado tem o potencial de fornecer informações relevantes não só para contextualizar as ocupações humanas, mas também para compreender grandes dinâmicas ecológicas. Assim sendo, pretende-se aqui apresentar, de forma muito sucinta, o registo arqueobotânico para a fase de transição do Pleistocénico para o Holocénico. Encontrando-nos agora num contexto de fortes alterações a este nível, a compreensão das variações na distribuição da biodiversidade ao longo do atual período interglaciar fornece uma profundidade histórica desejável para fazer face a futuros desafios.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Tratando-se de uma publicação de síntese de dados, a metodologia seguida comporta algumas particularidades. Neste estudo, foram usados dados já publicados por outros autores, dispersos por diversas publicações, estabelecendo-se como limite cronológico o intervalo de tempo entre 14 000 e 10 500 cal BP. Este inclui os momentos finais do Pleistocénico – Magdalénense superior e final, coincidindo com o Bølling, seguido do Dryas II, do Allerød e o Dryas III – e os momentos iniciais do Holocénico, que ter-se-á iniciado em c. 11 500 cal BP, onde se verifica o estabelecimento de condições interglaciares. Sempre que necessário, os dados deste período foram comparados com os momentos imediatamente anteriores e posteriores e serão igualmente apresentados alguns dados inéditos.

Optou-se pela primazia na utilização de dados palinológicos continentais por apresentarem, por oposição às sequências oceânicas, um significado geográfico mais circunscrito, dentro das limitações, a este nível, características da palinologia, relacionadas com a dispersão e deposição de pólen (*vide* Mateus, Queiroz & van Leeuwen, 2003). Por outro lado, esta escolha condiciona a construção de uma síntese ampla, para a qual necessitaríamos uma boa distribuição geográfica das sequências pelo território, de forma a caracterizá-lo na sua diversidade.

As sequências utilizadas para a caracterização das dinâmicas das comunidades vegetais no período de transição do Pleistocénico-Holocénico são: Lagoa do Marinho, Chã das Lameiras, Rôdo, Lagoa do Golfo, Lagoa de Santo André, CM5 Beliche e o conjunto das sequências obtidas na Serra da Estrela (*vide infra*).

No noroeste do território, a Lagoa do Marinho situa-se num contexto (bio)geográfico contínuo com a Galiza, onde a integração com outros dados regionais, torna mais robusta a caracterização da região. Assim, a Lagoa do Marinho, situada no maciço montanhoso da Peneda-Gerês, a 1150 m de altitude, compreende um conjunto de depósitos de origem glacial. Do ponto de vista biogeográfico,

este depósito localiza-se, atualmente, na região eurossilberiana com marcada influência atlântica, com verões suaves e invernos chuvosos e ausência de períodos de seca estival. A partir da sequência obtida foram realizadas três datações cujos extremos se situam entre 11180+400 BP (11943 – 10134 cal BC a 2σ) e 7500+70 BP (6463 – 6233 cal BC a 2σ ; a sequência cobre também todo o Holocénico médio e final, ainda que não tenham sido obtidas datações na metade superior da coluna sedimentar). A região noroeste do território (onde pode também englobar-se a Galiza) apresenta uma grande homogeneidade nas condições climáticas pelo que os dados obtidos na análise da sequência da Lagoa do Marinho tornam-se indicados para caracterizar a região.

A sequência obtida na região do Alto Paiva, mais concretamente num solo com características turfosas – Chã das Lameiras – permitiu conjugar o estudo polínico com a análise de macrorrestos carbonizados (López-Sáez, Figueiral & Cruz, 2017). Chã das Lameiras apresenta-se como uma zona turfosa (ou lameiro) com cerca de 50 ha de área a 950 m de altitude situada na Serra da Nave, na Beira Alta. A sequência, com 2 m de profundidade, foi analisada recorrendo a 61 amostras de 2 cm³ ao longo do perfil. Com base na análise do perfil obtido, a sequência foi dividida em cinco unidades de acordo com as características morfológicas e estratigráficas. Estas fases serão mais detalhadamente exploradas sob o ponto de vista paleoflorístico na secção seguinte. A datação da sequência foi feita com recurso a oito amostras de carvão onde foi observada coerência cronológica. Assim, a sequência cobre um intervalo balizado entre 11700 a 950 anos cal BC tendo sido formada desde o final do Pleistocénico. O estudo desta sequência permite, assim, complementar os estudos existentes para a região da Serra da Estrela (van der Knaap & van Leeuwen, 1997).

Também no sítio do Rôdo (Sever do Vouga) foi possível realizar um estudo palinológico e pedoantracológico. As análises polínicas, realizadas por Randi Danielsen e Patrícia Mendes, assim como o estudo antracológico, ao cargo dos autores do pre-

sente texto, encontram-se em fase de publicação (Oliveira & *alli*, em prep.). O Rôdo corresponde a um paleossolo com cerca de 33 cm de profundidade, a c. 70 m de altitude. Foram obtidas quatro datações para este perfil sugerindo que o depósito em questão ter-se-á formado num amplo período, entre 20 000 e 12 000 cal BP. A existência de incoerências na distribuição das datações pelo perfil pode resultar de perturbações que impossibilitam uma leitura fina dos dados.

Na Serra da Estrela foram obtidas oito sequências (van der Knaap e van Leeuwen, 1997) distanciadas, no máximo, 6 km entre si. O clima da região, fortemente relacionado com a altitude, é de carácter oceânico-mediterrâneo, com elevada precipitação, com invernos frios e verões suaves. As altitudes das sequências estudadas variam entre os 1409 m e os 1845 m. Apesar da diversidade de perfis recolhidos, a análise debruçou-se, sobretudo, sobre a recolha efetuada no Charco da Candieira que, estudada com maior detalhe, foi oportunamente complementada com informações das outras fontes. O Charco da Candieira apresenta-se como um pequeno lago glacial com cerca de 100 m de diâmetro, situado a 1409 m de altitude, preenchido com cerca de 50 cm de água no inverno e totalmente seco no verão. A sequência obtida apresenta uma cronologia balizada entre 13890 ± 220 e 9660 ± 139 anos cal BP, correspondendo, respetivamente, a datações realizadas nos intervalos 11,90-12,015 m e 7,25-7,345 m.

O conjunto de análises levadas a cabo por Paula Queiroz (Queiroz, 1999) em lagoas no noroeste alentejano permite apenas englobar neste trabalho os perfis obtidos na Lagoa do Golfo (Lagoa do Golfo 1 e Lagoa do Golfo 2) onde as datações radiocarbono recuam até ao início do Holocénico. As datações foram apenas efetuadas no perfil “Lagoa do Golfo 1” e a cronologia para a sequência “Lagoa do Golfo 2” foi inferida através da análise das fases de sedimentação (ex: diferenciação de coloração, composição da camada). A datação da camada mais profunda de Lagoa do Golfo 1 (comprimento = 1 m) apontou para o início do Holocé-

nico e através da comparação de fases semelhantes foi determinado que o perfil “Lagoa do Golfo 2” (comprimento = 1,20 m) teria uma fase mais antiga, correspondente ao Tardiglacial. Assim, o conjunto dos perfis permite obter informação para o Tardiglacial e para o Holocénico inicial. Sob o ponto de vista biogeográfico, a área encontra-se na região mediterrânica com invernos temperados e verões amenos com forte influência litoral. As características do solo da região, juntamente com o clima, têm uma forte influência na formação destes arquivos. De cariz marcadamente arenoso, o solo é bastante permeável o que impossibilita o alagamento de forma contínua. No caso específico desta lagoa, a existência de uma matriz argilosa subjacente retém alguma água permitindo a ocorrência de um ambiente pantanoso e turfoso essencial para a formação dos perfis pois o pólen (e outros elementos orgânicos) são facilmente danificados por processos de oxidação. A formação deste tipo de habitats está, também, fortemente dependente da pluviosidade uma vez que a fraca rede hidrográfica não contribui para o transporte e acumulação de sedimentos nestes contextos.

No sudoeste do território, também na costa alentejana, a sequência recolhida na Lagoa de Santo André forneceu mais dados para a caracterização do território durante o período de transição. A Lagoa de Santo André (Santiago do Cacém, Setúbal) é uma lagoa costeira situada na metade meridional da baía Tróia-Sines onde, a 2,743 m de altitude, foi obtida uma sequência com 25,45 m (Freitas & *alli*, 2003) e foram estudadas 65 amostras (Santos & Goñi, 2003). O intervalo temporal compreendido varia entre 14160 ± 60 e 1620 ± 40 anos BP a 1σ . O processo de sedimentação testemunhou a ocorrência de diversas fases onde, na fase pré-holocénica, o aporte de sedimentos provinha de meteorização e erosão de redes de escoamento adjacentes à lagoa e onde a linha de costa era mais distante comparativamente à atualidade. Na fase seguinte, já no decurso do Holocénico, a área foi invadida pelo mar tornando-se num ambiente marinho pouco profundo sem que, no entanto, o aporte

de sedimentos terrestres tivesse cessado. Ao longo do tempo a lagoa sofreu diversos processos de erosão, invasão marinha e formação de barreiras entre esta e o mar, assim como alternância entre ocorrência de água salobra e doce. Naturalmente ou induzidos pelo ser humano, estes processos mantêm-se até à atualidade. Juntamente com os dados obtidos para o litoral norte-alentejano, a caracterização da faixa costeira sudoeste permite obter uma imagem bastante completa das dinâmicas vegetacionais no intervalo temporal em discussão.

A sequência recuperada no estuário do rio Beliche, afluente do Guadiana (Fletcher, Boski & Moura, 2007), localiza-se a 10 km da foz deste e a cerca de 600 m do seu leito principal, numa zona de sapal afetada pelas marés vivas da primavera. Atualmente, em termos climáticos, a região algarvia classifica-se como mediterrânica com verões quentes e secos e invernos suaves. No entanto, as planícies do vale do Guadiana enquadram-se, mais concretamente, na zona termomediterrânica com influência oceânica, seca e com baixa precipitação anual (zona que se estende por cerca de 50 km, desde a costa). A análise da sequência CM5 Beliche distribuiu-se pelo estudo de 51 amostras com uma resolução temporal de cerca de 230 anos. A cronologia da sequência foi obtida através de datações radiocarbono com recurso a conchas e madeira. Foram realizadas nove datações (onde uma foi excluída) que variam entre 12860 – 13030 e 3130 – 3350 anos BP calibrado a 2σ . A diversidade observada na sequência sugere que o pólen recuperado teve quer origem local quer origem regional, nomeadamente, na zona terminal da bacia hidrográfica do Guadiana. Tendo em consideração as evidências observadas (e mais detalhadamente exploradas na secção seguinte), CM5 Beliche traduz a diversidade da região terminal do rio Guadiana, notavelmente a zona estuarina. Apesar de se tratar de um importante arquivo das dinâmicas vegetacionais, o estudo de sequências em regiões estuarinas acarreta algumas limitações para a compreensão e discussão dos dados obtidos. Entre outras, a dificuldade em restringir as áreas de captação de pólen relacionadas com as

diversas vias de transporte que poderão contribuir para o conjunto polínico observado tais como a via fluvial, aérea ou proveniente das marés ou pela remobilização de sedimento levados a cabo pelas movimentações fluviais ou marítimas. Tendo em conta algumas das limitações, aconselha-se a leitura e interpretação destes dados com a devida cautela.

Os perfis englobados nesta síntese percorrem ambientes distintos, porém complementares entre si. Assim, a região eurossiberiana está representada pela Lagoa do Marinho na Serra do Gerês; o centro interior do território compreende a zona de média montanha da Serra da Estrela com as suas particularidades e completada com o aporte de informação de Chã das Lameiras; através das lagoas do Golfo e de Santo André, é possível obter uma panorâmica geral para a faixa litoral alentejana e, por fim, a sequência da confluência entre a ribeira de Beliche e o rio Guadiana (CM5 Beliche) proporciona uma caracterização para a fachada sul do território.

Além dos diversos dados obtidos através das sequências realizadas em território continental existem, também, outros obtidos ao largo da costa atlântica (e.g. Roucoux, Abreu & Tzesakis, 2005). Estas sequências compreendem deposições de sedimentos com uma expressão regional cuja área de captação se estende ao largo de bacias hidrográficas. Assim, a informação obtida pelo estudo destas sequências cobre uma extensão de território alargada e cujas particularidades e especificidades de cada região, pertinentes para esta caracterização, não se adequam ao objetivo deste trabalho.

Os dados polínicos, muito relevantes na caracterização paleopaisagística foram complementados, sempre que justificado, com a incorporação de dados de restos vegetais carbonizados. A ausência de dados para a região litoral centro é colmatada pela obtenção de informação através dos macrorrestos carbonizados (Figura 1), ainda que a informação fornecida seja de natureza distinta daquela obtida pelas sequências polínicas e interpretável de forma diferente. Os carvões, recolhidos em contextos arqueológicos, sugerem a presença local das espécies identificadas, mas estes, como resultado de

uma atividade antrópica, refletem gestos de seres humanos e eventualmente fenómenos de seleção cuja extensão é difícil de comprovar (Thery-Parisot, Chabal & Chravzev, 2010). Assim, a sua inclusão deve ser feita de forma cautelosa, tendo em consideração estas condicionantes.

Os dados antracológicos para o período em questão advêm de quatro sítios arqueológicos e duas sequências sedimentares naturais. Estas últimas, Chã das Lameiras e Rôdo, foram já mencionadas anteriormente. Além do pequeno número de sítios, o número de fragmentos analisado é escasso e a publicação de resultados carece de importante informação complementar como, por exemplo, dados que permitam caracterizar os contextos de proveniência, métodos de recolha, volume de amostras, entre outros.

Dois destes sítios encontram-se no maciço calcário. A Lapa do Picareiro (Alcanena) é uma cavidade localizada a 540 m de altitude na serra d'Aire. Foi realizado um estudo antracológico por Sandra Jezik tendo sido divulgados resultados preliminares (Bicho & alli, 2003). A ausência de dados quantificados e escassez de caracterização dos conjuntos torna estes dados pouco relevantes para este estudo. O Cabeço do Porto Marinho (Rio Maior) é um sítio de ar livre localizado a c. 85 m de altitude, com 1146 carvões e um fragmento de pinha analisados de 4 níveis magdalenenses, além de carvões do nível Gravetense (Zilhão & alli, 1995). Foram obtidas datações de radiocarbono que apontam para estas cronologias. No entanto, não é fornecida informação detalhada acerca dos contextos de recolha, nomeadamente se se tratam de carvões concentrados ou dispersos.

Junto ao rio Vouga foram, recentemente, interencionados dois sítios de ar livre cujos estudos arqueobotânicos estão em fase de publicação. Em Bispeira 8 (Oliveira de Frades), foram recolhidas 72 amostras de cerca de 10 L, em contextos do final do Pleistocénico e do Holocénico médio. Na cronologia deste estudo, enquadram-se duas fossas, com datações da primeira metade do 14.º milénio cal BP. Tratam-se, muito provavelmente, de deposições se-

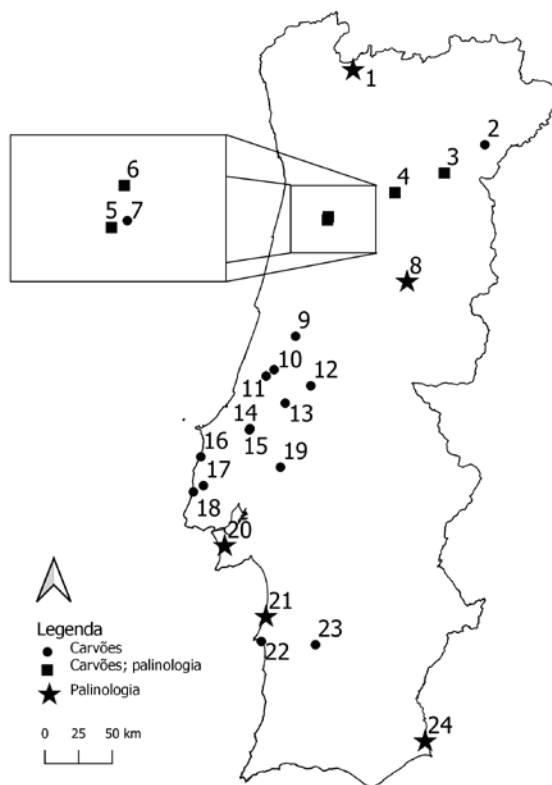


Figura 1 – Localização dos sítios mencionados no texto. 1 – Lagoa do Marinho; 2 – Foz do Medal; 3 – Prazo; 4 – Chã das Lameiras; 5 – Rôdo; 6 – Vau; 7 – Bispeira; 8 – Serra da Estrela; 9 – Buraca Escura; 10 – Lagar Velho, 11 – Cruz da Areia; 12 – Gruta do Caldeirão; 13 – Lapa do Picareiro; 14 – Cabeço do Porto Marinho; 15 – Areeiro 3; 16 – Ponta da Vigia; 17 – Cova da Baleia; 18 S. Julião; 19 – Muge; 20; Lagoa do Golfo; 21 – Lagoa de Santo André; 22 – Vale Marim; 23 – Gaspeia; 24 – CM5 Beliche.

cundárias. No Vau (Oliveira de Frades), foram recolhidas 289 amostras de cerca de 10 L que cobrem várias cronologias do Holocénico. Da cronologia deste estudo, contamos com uma estrutura de combustão com duas datações que apontam para uma cronologia de meados/início da segunda metade do 10.º milénio cal BP.

Os dados da Lapa do Anecrial (Porto de Mós) não serão tidos em conta, considerando as dúvidas acerca da cronologia dos carvões da camada superior deste sítio, supostamente do Tardiglacial, sobre os quais foi obtida uma datação de radiocarbono de época moderna/contemporânea (Almeida & alli, 2007). Procedeu-se de igual forma no que se refere aos carvões do Abrigo da Pena d'Água

(Torres Novas) [dados antracológicos em Figueiral (1998), dados estratigráficos em Carvalho (1998)].

Este estudo inclui referências a jazidas não referidas neste apartado metodológico. Estes contextos, de cronologias anteriores ou posteriores ao intervalo de tempo de 14 000 – 10 500 BP, serão sucintamente abordados, em especial para ajudar ao enquadramento do período em análise em dinâmicas mais latas. Remetemos a sua caracterização detalhada para a bibliografia respetiva.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados palinológicos disponíveis para o atual território português permitem a caracterização extensiva das dinâmicas de vegetação mais relevantes ao longo da diacronia deste trabalho. Considerando a atual quantidade de sequências originárias de contextos não antropizados e a sua distribuição em Portugal continental (*vide* Materiais e métodos) estas serão usadas de forma a fornecer uma caracterização geral dos principais padrões na história da vegetação.

a) Antecedentes

Os dados palinológicos referentes a períodos mais antigos foram recuperados, para o Dryas I, na Lagoa do Marinho, onde se verificou a ocorrência de baixos valores de pólen arbóreo (*Quercus* de folha caduca e *Pinus sylvestris*) e, por oposição, elevados valores de táxones arbustivos e herbáceos como *Erica* (urzes), Poaceae (= Gramineae – gramíneas) e *Artemisia*. Esta composição corresponderia, assim, à presença de uma vegetação aberta de altitude (Ramil-Rego & *alli*, 1998). O local de captação encontra-se em altitude, não possibilitando a existência de dados para as regiões mais baixas.

A análise palinológica no sítio do Rôdo permitiu caracterizar, de forma genérica, um largo período entre 20000 e 12000 cal BP. A paisagem sugerida pela análise dos dados seria caracterizada pela ocorrência de herbáceas como Poaceae e Asteraaceae (= Compositae) com presença de *Pinus* (pinheiros) e *Quercus* (carvalhos). Nesta sequência, foram igualmente obtidos dados antracológicos

que permitiram identificar alguns táxones com mais detalhe taxonómico. Assim, os dados antracológicos sugerem que a espécie de pinheiro representada polinicamente é predominantemente *Pinus sylvestris* (pinheiro-de-casquinha) (a madeira desta espécie não se distingue da de *Pinus nigra*, mas considerando a distribuição atual desta última, não é expectável a sua presença no ocidente peninsular), sendo *Pinus pinaster/pinea* (pinheiro-bravo/pinheiro-manso) raro. Os carvões de *Quercus* são de táxones de folha caduca. Curiosamente, os carvões de urzes são frequentes, contrastando com os dados polínicos. Apesar dos problemas cronológicos e estratigráficos inerentes a esta sequência sedimentar, que potencialmente juntam micro- e macrorrestos vegetais de períodos climáticos distintos, é possível que, mesmo que localizada junto ao rio Vouga, por isso longe da Lagoa do Marinho e em altitudes consideravelmente mais baixas, a sequência do Rôdo traduza igualmente uma paisagem aberta, ainda assim com alguma vegetação arbórea característica de períodos frios.

Além dos dados palinológicos e pedoantracológicos, existem dados antracológicos que permitem uma complementaridade na caracterização dos fenómenos ocorridos durante este período mais antigo, do Pleniglacial e Dryas I. Para a região da Estremadura, os dados utilizados provêm da Gruta do Caldeirão (Badal García & *alli*, 2013), do Lagar Velho (Zilhão & Trinkhaus (eds), 2002), do Cabeço do Porto Marinho (1) (Zilhão & *alli*, 1998) e da Buraca Escura (Aubry & *alli*, 2001). O espectro antracológico é dominado pela presença de urzes e leguminosas arbustivas (Fabaceae = Leguminosae) representando mais de 50% da diversidade observada. Os carvalhos surgem de forma residual enquanto a ocorrência de *Pinus* é ubíqua com *Pinus pinaster/pinea* no Cabeço do Porto Marinho e Rôdo (*vide supra*) e *Pinus sylvestris* em todos os contextos. Destaca-se, também a coocorrência de *Pinus* com diferentes táxones arbustivos onde este surge com *Erica arborea* (urze-branca; Cabeço do Porto Marinho e Lagar Velho) ou Fabaceae (Rôdo, Lagar Velho e Buraca Escura).

b) Bølling – Dryas II – Allerød

A transição do Pleistocénico para o Holocénico foi marcada por uma série de oscilações climáticas onde fases frias e quentes se foram alternando até à estabilização que deu início a este último período. Geralmente, nesta fase, ocorre um incremento na frequência de pólen arbóreo, quase sempre *Quercus* de folha caduca (ou carvalhos caducifólios). Com a sucessão de períodos quentes e mais frios entre 14 000 BP e 12 500 BP, a vegetação respondeu de acordo com essas oscilações. Na Lagoa do Marinho (Gerês) (Figura 2), numa primeira fase, ocorreu um aumento abrupto de *Quercus* de folha caduca contrapondo com valores residuais de *P. sylvestris* seguido por um comportamento inverso da vegetação arbórea com aumento de *P. sylvestris* e diminuição de *Quercus* de folha caduca. Na Chã das Lameiras – e apenas para o Allerød – verificou-se um desenvolvimento do coberto florestal

onde táxones como *P. sylvestris*, *Betula* (bidoeiro) e *Quercus* de folha caduca predominam. Aliado a isto, a presença de táxones xerofíticos como *Juniperus* (zimbros), *Artemisia*, *Chenopodiaceae* e *Helianthemum* indiciam o carácter mais benigno das condições climáticas. Na Serra da Estrela (e com influência da altitude) assistiu-se a uma expansão da vegetação junto ao local de captação, testemunhada pela diferença brusca observada no diagrama polínico. O expectável aumento de temperatura e precipitação nesta fase levou à expansão de *Quercus* cuja curva de crescimento foi ligeiramente interrompida, juntamente com *Pinus* e *Betula* que poderá ter resultado do surgimento de uma curta fase fria – o Dryas II. Apesar da ocorrência de uma fase mais fria, o aumento da extensão do estrato arbóreo não cessou, mas verificou-se, junto do local de captação de pólen, um declínio substancial de *Poaceae* resultante da expansão de *Betula* e *Erica*.

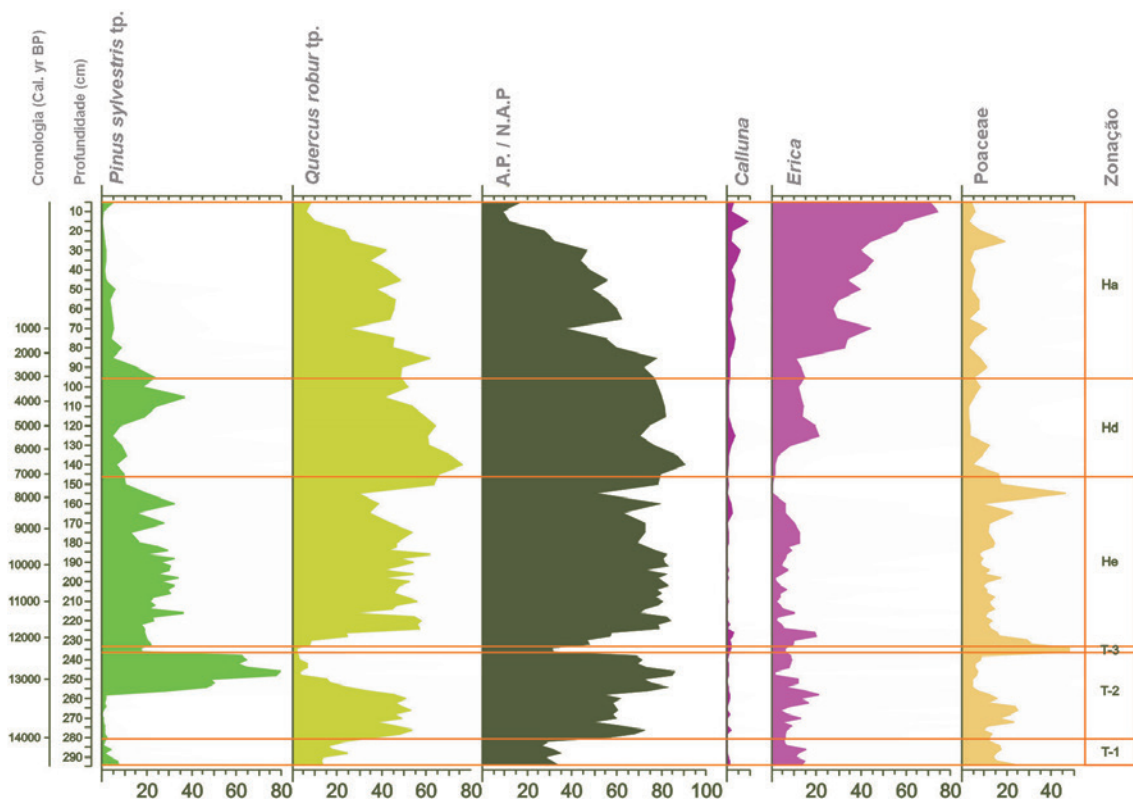


Figura 2 – Lagoa de Marinho (Serra do Gerês, Altitude 1150 m): diagrama polínico simplificado [adaptado de Ramil & alli (2011)]. Análises de C. Muñoz Sobrino e P. Ramil Rego.

No caso da Lagoa do Golfo, no noroeste alentejano, continua a verificar-se a expansão de carvalhos caducifólios e diversos taxa higrófilos e mesófilos como *Salix* (salgueiros), *Alnus* (amieiros) e *Corylus* (aveleiras) (Queiroz, 1999). Destaca-se que, na sequência localizada mais a sul na área de estudo – CM5 Beliche – táxones termomediterrânicos esclerófitos como *Olea* (oliveira/zambujeiro), *Pistacia* (provavelmente *Pistacia lentiscus* – lentisco) e *Phillyrea* (aderno) continuam ausentes (Fletcher, Boski & Moura, 2007) enquanto o domínio de *Quercus* de folha caduca se mantém de acordo com as sequências supra expostas. Na sequência da Lagoa de Santo André, surgem diferenças relativamente aos padrões observados até aqui onde os pinheiros continuam a expandir e dominar nos diagramas polínicos conjuntamente com um estrato arbustivo dominado por Ericaceae (Santos & Goñi, 2003).

Os dados antracológicos para esta fase restringem-se a duas estruturas negativas de tipo fossa escavadas em Bispeira 8, junto ao rio Vouga. O espectro antracológico era dominado por *Quercus* de folha caduca aos quais se seguiram as leguminosas arbustivas e as urzes. Ainda foi possível observar a ocorrência de estevas (*Cistus* spp.), pinheiro-bravo e pinheiro-de-casquinha. Este conjunto antracológico parece refletir uma relativa amenidade evidenciada pela dominância dos carvalhos, ainda que com a persistência de *Pinus sylvestris*. Deve ter-se em consideração, porém, que estamos perante deposições secundárias e que embora estas sejam usualmente as mais adequadas para análises de âmbito paleoecológico, o facto de o conjunto analisado advir unicamente de duas estruturas exige cautelas na sua apreciação. Assim, não é possível avaliar se o conjunto antracológico é representativo da vegetação que existiria na envolveria deste sítio arqueológico.

Em suma, durante o Bølling-Allerød houve, geralmente, uma marcada expansão das florestas dominadas maioritariamente por carvalhos caducifólios em resposta à melhoria das condições climáticas desde as sequências mais setentrionais às mais meridionais com ligeiras interrupções nesta tendência quando do Dryas II.

c) Dryas III

Após as sucessivas flutuações climáticas ocorridas na sequência Bølling-Dryas II-Allerød, inicia-se uma fase marcadamente fria que perdurará por mais de um milénio.

O Dryas III (Dryas recente) está, também, testemunhado nas diversas sequências analisadas. Na Lagoa do Marinho, após a tendência de expansão verificada nas fases anteriores verifica-se uma queda abrupta nos valores de *P. sylvestris*. Inversamente, a frequência de Poaceae sobe abruptamente enquanto os valores de *Quercus* se mantêm baixos. As dinâmicas verificadas na Serra da Estrela espelham o carácter único das sequências aqui recuperadas onde é possível deslindar as alterações que ocorreram quer em altitude quer nas encostas, segundo a interpretação de van der Knaap e van Leeuwen (1997). Os dados sugerem declínio de *Quercus* e *Fraxinus* (freixo) a baixa altitude. Verifica-se a mesma tendência com *Betula* e *Salix* e o aumento de Poaceae, Asteraceae e demais herbáceas sugere a expansão de formações abertas que substitui a vegetação arbustiva e arbórea da fase anterior. Após uma fase de erosão bem marcada verifica-se o declínio de *Quercus* e *Betula* e acentua-se presença de vegetação pioneira como *Pinus* e diversas herbáceas. Na Chã das Lameiras, à queda abrupta da frequência de *Quercus* de folha caduca alia-se um predomínio de herbáceas (e.g. Poaceae) e plantas xerófitas. Destaca-se, também, o contributo do estudo dos macrorrestos carbonizados para a deteção da presença local de Fabaceae praticamente indetetável na palinologia devido à dificuldade de dispersão do pólen das espécies desta família (dispersão do tipo entomófilo, i.e., realizada por insetos; López-Saez, Figueiral & Cruz, 2017). Na Lagoa do Golfo, a frequência dos táxones mesófilos e higrófilos diminuiu consideravelmente (e.g. *Alnus*, *Salix*, *Quercus* de folha caduca, *Erica scoparia*) com o simultâneo aumento da frequência de *Pinus*. *Pinus* também continua presente na Lagoa de Santo André mas, devido a hiatos de sedimentação, apenas foi recuperada uma amostra para este período. Para a sequência do estuário do Guadiana – cerca de 12

900 cal BP – verificou-se uma diminuição considerável da frequência de *Quercus* (de cerca de 37% para 10%) e, em simultâneo, um aumento de *Pinus* e espécies xerofíticas.

Os dados das análises antracológicas revelaram, no Cabeço do Porto Marinho (para o Magdalenense final), a presença de *Pinus* conjuntamente com vegetação arbustiva onde se incluem alguns indicadores de termicidade como *Olea europaea* e *Arbutus unedo* (medronheiro) que sugere a sua subsistência na região (Zilhão & *alli*, 1995). Na vizinha Lapa do Picareiro, a presença de alguns de táxones como *Pinus sylvestris*, *Quercus* e *Olea* e espécies ripícolas como *Populus* (choupos) e *Salix* foi, também, registada (Bicho & *alli*, 2003).

d) Holocénico inicial

Os dados paleobotânicos são mais frequentes e distribuídos pelo território para o Holocénico (inicial e médio) do que para as fases anteriores. O início do Holocénico é marcado por novas e abruptas mudanças na vegetação em resposta a novas melhorias climáticas após a fase fria resultante do Dryas III. De norte a sul do território, ocorreu uma significativa expansão de *Quercus*. A norte do Tejo e no noroeste do território, o pólen de *Quercus* tornara-se largamente dominante, refletindo o estabelecimento das formações florestais de carvalhos caducifólios holocénicos (Ramil-Rego & *alli*, 1998) que ainda hoje fazem parte integrante das paisagens observadas nesta região, constituindo a vegetação climática na maior parte deste território (Costa & *alli*, 1998). As sequências muito detalhadas da Serra da Estrela sugerem uma rápida expansão dos carvalhais a baixas altitudes. A sua expansão a altitudes mais elevadas poderá ter demorado vários séculos até alcançar os locais de captação polínica estudados (van der Knaap & van Leeuwen, 1997). A presença de *Betula* também se destaca onde seria parte de uma formação vegetal aberta. Verificou-se, também a presença de táxones higrófilos junto ao local de captação como *Betula*, *Salix* e *Frangula alnus* (sanguinho-de-água). Percorrendo a sequência ao longo das fases iniciais do Holocénico, verifica-se

que a frequência de *Quercus* aumenta enquanto a frequência de *Betula* se aproxima de mínimos do Dryas III. Esta combinação de dados reflete um sinal climático da situação que ocorre nas proximidades do local de captação. Com o aumento da temperatura, as formações de *Quercus* começam a ascender na encosta, substituindo as formações de *Betula* aí presentes. Por seu turno, devido à pressão exercida pelos carvalhos, os bidoeiros restringem a sua área de distribuição a locais mais húmidos. Aqui, a expansão de urzais foi lenta enquanto na Chã das Lameiras ocorreu uma expansão das formações arbustivas de leguminosas e um decréscimo de *P. sylvestris* (López-Sáez, Figueiral & Cruz, 2017). Não muito distante, mas num contexto de vale, no sítio do Vau, uma das estruturas de combustão estudadas evidenciou uma presença significativa de carvões tanto de táxones arbóreos como arbustivos, com predomínio de carvões de *Quercus* de folha caduca, Fabaceae, *Erica arborea/australis* e *Pinus pinaster*. Ainda que este conjunto possa resultar de um evento esporádico, devemos salientar a diversidade de táxones aí recolhidos (12 táxones que traduzem um mínimo de 8 espécies), manifestamente escasso para uma caracterização paleopaisagística, mas significativo quando estamos perante uma só estrutura de combustão, que poderá representar um ou poucos momentos de uso.

A ausência de dados polínicos para a área litoral-centro do território referente ao início do Holocénico restringe a caracterização paleoecológica, limitando-a à informação fornecida pelos dados antracológicos. Por conseguinte, as análises realizadas em contextos mesolíticos [e.g. Cova da Baleia; Sousa & *alli* (2018)] da região, posteriores ao período aqui em análise, evidenciaram a presença local de táxones termófilos tais como carvalhos perenifólios, zambujeiro/oliveira e medronheiro [e.g. Figueiral (1998), Sousa & *alli* (2018)]. As gimnospérmicas, onde se englobam os pinheiros, já não são dominantes no registo antracológico sem, no entanto, deixarem de ser ubíquas nos contextos em análise. Excetua-se deste padrão, os sítios da Ponta da Vigia (van Leeuwarden & Queiroz, 2003) e Cruz da

Areia (Pereiro 2013). Verifica-se, ainda, a presença de *P. sylvestris* em Areeiro 3 (Figueiral & Carcaillet, 2005) e S. Julião (Queiroz & van Leeuwaarden, 2004), nas fases iniciais do Holocénico. Globalmente, as sequências meridionais documentam, ainda, elevados valores de *Pinus* mas ocorre uma substituição de *P. sylvestris* por *P. pinaster* (Queiroz, 1999) e a expansão quer de *Quercus* de folha caduca quer de táxones mediterrânicos como *Quercus* de folha perene, *Olea* ou *Pistacia*. A presença de *P. sylvestris* durante o Holocénico médio na região escontra-se testemunhada pela presença de carvões desta espécie em Vale Marim (Soares & Silva, 2018) e nos concheiros de Muge (Monteiro, 2018).

Mais a sul, e por oposição aos períodos quentes do Último Período Glaciar, os carvalhos perenífolios apresentam-se mais relevantes na sequência de CM5 Beliche sendo, até, mais abundantes do que os carvalhos caducifolios (Fletcher, Boski & Moura, 2007). A vegetação seria composta, assim, por um mosaico de floresta, arbustos perenífolios e elementos de charneca e deu-se a expansão de táxones termomediterrânicos como *Olea*, *Pistacia* e *Phillyrea*. De uma forma geral, os dados antracológicos sugerem a abundância de táxones mediterrânicos como *Juniperus* e *Olea* [Rocha das Gaivotas (Figueiral & Carvalho, 2006)], *Pinus* entre os quais *P. pinaster* [Gaspeia (Tereso & Queiroz, 2006), Vale Marim (Soares & Silva, 2018), Cabeço da Amoreira (Monteiro, 2018)] e *P. pinea* [Vale Marim (Soares e Silva 2018)].

Apesar da tendencial melhoria climática que se verificou após o final do Dryas III, surge documentado na sequência de CM5 Beliche e nos dados da Chã das Lameiras uma fase curta e fria que tem sido designada de Evento 8.2. Este acontecimento espelhou-se na vegetação de forma suave onde se verificou um ligeiro declínio nas formações florestais e arbustivas em Chã das Lameiras a que se seguiu uma fase de forte recuperação das mesmas. Por sua vez, na zona do Guadiana deu-se, também, um curto declínio da floresta (ex: carvalhos e pinheiros) mas a vegetação arbustiva expandiu-se e o aumento de táxones arbustivos sugere um período marcado

por fenómenos de aridez, ou seja, frio e seco. Nos contextos estudados pela antracologia para este período não é possível aferir tendências e padrões de frequência. Assim, a presença de *P. sylvestris* é recorrente sem, no entanto, ser predominante como acontece em Vale Marim onde *P. pinea* é o táxon maioritário (Soares & Silva, 2018). Por seu turno, em Muge, surgem espécies mediterrânicas como *Pistacia* e *Arbutus* (Monteiro, 2018) e a grande diversidade observada em S. Julião (Queiroz & van Leeuwaarden, 2004) permite supor que esta fase não foi suficientemente longa para que a vegetação respondesse de acordo com as novas condições. Após esta fase verifica-se, um pouco por todo o território uma expansão generalizada das florestas, interrompida, em tempos mais recentes, pela exploração mais intensa dos recursos lenhosos e pelas novas práticas de subsistência desenvolvidas a partir do Neolítico pelos seres humanos.

No nordeste do território, atualmente com clima marcadamente mediterrânico, os dados existentes remetem para uma fase imediatamente posterior ao período aqui em análise. Os únicos dados palinológicos advêm de um sítio arqueológico – o Prazo (Monteiro-Rodrigues, Figueiral & López-Sáez, 2006) – e não de uma sequência natural com boas condições de preservação polínica. Não fazendo aqui a avaliação crítica necessária aos estudos arqueopalinológicos, convém salientar que as datações obtidas em níveis Mesolíticos e Neolíticos do Prazo testemunham a complexidade estratigráfica do sítio e tornam evidente a existência de perturbações, resultando em datas erróneas, ou seja, datações obtidas sobre material vegetal ou animal que não são coerentes com a realidade arqueológica registada (Monteiro-Rodrigues, 2012). Feita esta ressalva, é de referir que o estudo disponível refere que os dados arqueopalinológicos do Prazo datam de meados do 10.º milénio cal BP em diante e sugerem uma dominância de carvalhos caducifolios, valores elevados de *Olea* e *Pistacia* (muito provavelmente *Pistacia terebinthus* – cornalheira) entre outros táxones termófilos arbustivos (Monteiro-Rodrigues, Figueiral & López-Sáez, 2006). Os tipos polínico e

antracológico referentes a *Quercus* de folha caduca incluem espécies marcescentes como *Quercus faginea* (carvalho-cerquinho), perfeitamente adaptadas a climas mediterrânicos. Na análise antracológica realizada ao material recolhido no Prazo foram identificados vestígios de carvalhos caducifólios e perenifólios assim como fragmentos de pinheiro-bravo/manso e medronheiro, entre outros. No entanto, esta análise foi efetuada sobre um número limitado de fragmentos não permitindo, assim, uma análise mais detalhada. No sítio da Foz do Medal (Mogadouro), apesar da ausência de estudos palinológicos, os dados provenientes das fases mesolíticas revelaram a presença de carvalhos perenifólios, pinheiro-bravo e freixo, entre outros (dados inéditos). Apesar do seu carácter higrófilo, a presença de freixo nestes contextos tendencialmente mediterrânicos não é surpreendente, uma vez que o sítio se situava muito próximo de cursos de água, nomeadamente, a ribeira do Medal e o rio Sabor.

A caracterização genérica do Holocénico inicial permite aferir que se verificou uma rápida expansão das formações florestais (normalmente dominadas por carvalhos) mas, também, deve ter-se em consideração a sua composição diferencial ao longo do território e a sua dependência face às condições e história ecológicas de cada região.

4. CONCLUSÕES

As sequências palinológicas de Portugal continental documentam as respostas da vegetação às diversas flutuações climáticas do Último Período Glaciar e início do Holocénico. Além da expansão e retração das áreas de formações florestais e as alterações à sua composição, todas estas dinâmicas também refletem os dados disponíveis, que variam ao longo do território. Nestes períodos, a pressão antrópica teve um fraco impacto sobre os recursos e sobre as dinâmicas ecológicas. As formações de carvalhos caducifólios expandem, na maioria das sequências, nas fases cálidas do Último Período Glaciar e decrescem nos períodos frios onde, por oposição, as formações de pinheiros ou, mesmo de herbáceas,

encontrar-se-iam vastamente distribuídas. No sudoeste, os pinheiros apresentam-se como o grupo maioritário na transição Pleistocénico-Holocénico onde a sua percentagem variou entre pinheiro-de-casquinha e pinheiro-bravo sendo que, este último, expandir-se-ia nas fases mais quentes. A expansão de táxones termófilos está intimamente ligada a condicionantes relacionadas com a localização dos contextos. No período pós-glaciar, a expansão de flora termófila de cariz mediterrânico torna-se evidente em resposta às novas condições climáticas. No entanto, a presença meridional de pinheiro-de-casquinha merece nota e vai persistindo ao longo deste período. A extensa e rápida expansão das formações florestais no início do Holocénico está intimamente relacionada com a existência de refúgios ao longo do território durante as fases mais frias tal como documentado pelos dados polínicos e antracológicos.

De um ponto de vista metodológico, este trabalho evidencia a pertinente e importante complementaridade de estudos paleobotânicos focados em diferentes tipos de vestígios. As sequências palinológicas fornecem dados de índole regional complementados com estudos de macrorrestos vegetais, por vezes com mais detalhe taxonómico e com potencial de representar táxones com menor capacidade de dispersão polínica. Tal verifica-se, por exemplo, em Chã das Lameiras. Salientamos, porém, a escassez de amostras provenientes de níveis fiáveis de jazidas arqueológicas, que permitam não só obter mais dados de índole local, mas também compreender estratégias de utilização de recursos vegetais por parte dos últimos caçadores-recolectores do ocidente peninsular.

BIBLIOGRAFIA

AUBRY, Thierry; BRUGAL, Jean-Philip; CHAUVIÈRE, F. X.; FIGUERAL, Isabel; MOURA, M. H., & PLISSON, Hugues (2001) – Modalités d'occupations au Paléolithique supérieur dans la grotte de Buraca Escura (Redinha, Pombal, Portugal). *Revista portuguesa de Arqueologia*, 4:2, pp. 19-46.

ALMEIDA, Francisco; BRUGAL, Jean-Philip; ZILHÃO, João; PLISSON, Hugues (2007) – An Upper Paleolithic Pompeii: Tech-

- nology, Subsistence and Paleoethnography at Lapa do Anecrial, in: Bicho, N. (Ed.), *From the Mediterranean basin to the Atlantic shore: Papers in Honor of Anthony Marks*. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 14 a 19 de setembro de 2004). *Promontoria Monográfica 07*. Universidade do Algarve, Faro, pp. 119-139.
- BADAL GARCÍA, Ernestina; CARRIÓN, Yolanda; FIGUEIRAL, Isabel; RODRIGUEZ-ARIZA, María Oliva (2013) – Pinares y enebrales. El paisaje solutrense en Iberia. *Espacio Tiempo y Forma. Serie I, Prehistoria y Arqueología*, 1:5, pp. 259-271.
- BICHO, Nuno; HAWS, Jonathan; HOCKETT, Bryan; MARKOVA, Anastasia, BELCHER, William (2003) – Paleocologia e ocupação humana da Lapa do Picareiro: resultados preliminares. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6:2, pp. 49-81.
- CARRIÓN, Yolanda; KAAL, Joeri; LÓPEZ-SÁEZ, José António; LÓPEZ-MERINO, Lourdes; MARTÍNEZ-CORTIZAS, António (2010) – Holocene vegetation changes in NW Iberia revealed by anthracological and palynological records from a colluvial soil. *The Holocene*, 20, pp. 53-66.
- CARVALHO, António Faustino (1998) – O Abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados dos trabalhos de 1992-1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1:2, pp. 39-72.
- COSTA, José Carlos; AGUIAR, Carlos; CAPELO, Jorge; LOUSÃ, Mário; & NETO, Carlos (1998) – *Biogeografia de Portugal continental*. Quercetea 0. pp. 5-55.
- DAVIS, Basil A.; BREWER, Simon; STEVENSON, Anthony C.; GUIOT, Joel (2003) – The temperature of Europe during the Holocene reconstructed from pollen data. *Quaternary science reviews*, 22:15-17, pp. 1701-1716.
- FIGUEIRAL, Isabel (1998) – O abrigo da Pena d'Água (Torres Novas): a contribuição da Antracologia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1:2, pp. 73-79.
- FIGUEIRAL, Isabel; CARCAILLET, Christopher (2005) – A review of Late Pleistocene and Holocene biogeography of highland Mediterranean pines (*Pinus* type *sylvestris*) in Portugal, based on wood charcoal. *Quaternary Science Reviews* 24.23-24: pp. 2466-2476.
- FIGUEIRAL, Isabel; CARVALHO, António Faustino (2006) – Rocha das Gaivotas e Vale Boi: os restos vegetais carbonizados, vestígios da vegetação meso-neolítica. *Promontória* 4, pp. 81-91.
- FLETCHER, William J.; BOSKI, Tomasz; MOURA, Delminda (2007) – Palynological evidence for environmental and climatic change in the lower Guadiana valley, Portugal, during the last 13 000 years. *The Holocene* 17, pp. 481-494.
- FREITAS, Maria da Conceição; ANDRADE, César; ROCHA, Fernando; TASSINARI, Colombo; MUNHÁ, José Manuel; CRUCES, Anabela; VIDINHA, Jesus; MARQUES DA SILVA, Carlos (2003) – Lateglacial and Holocene environmental changes in Portuguese coastal lagoons 1: the sedimentological and geochemical records of the Santo André coastal area. *The Holocene*, 13(3), 433-446. <https://doi.org/10.1191/0959683603hl636rp>
- LOMOLINO, Mark V.; RIDDLE, Brett R.; WHITTAKER, Robert J. (2016) – *Biogeography: biological diversity across space and time*. Fifth edition. Oxford University Press.
- LÓPEZ-SÁEZ, José António; FIGUEIRAL, Isabel; CRUZ, Domingos (2017) – Palaeoenvironmental and vegetation dynamics in Serra da Nave (Alto Paiva, Beira Alta, Portugal) during the Late Pleistocene and the Holocene. *Estudos Pré-Históricos* 17, Atas da mesa-redonda "A Pré-história e a Proto-história no Centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro". Mangualde, 26 – 27 November 2011, pp. 11-23.
- MATEUS, José; QUEIROZ, Paula; VAN LEEUWARDEN, Wim (2003) – O Laboratório de Paleocologia e Arqueobotânica – uma visita guiada aos seus programas, linhas de trabalho e perspectivas, in: Mateus, J., Moreno-Garcia, M. (Eds.), *Paleocologia Humana e Arqueociências*. Um programa multidisciplinar para a arqueologia sob a tutela da Cultura IPA, Lisboa, pp. 106-188.
- MONTEIRO, Patrícia (2018) – Economia de recolheção da madeira para combustível dos últimos caçadores-recolectores de Muge: estudo antracológico dos concheiros mesolíticos do Cabeço da Amoreira e Cabeço da Arruda (Santarém, Portugal). Tese de doutoramento. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Universidade do Algarve. 242 pp.
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2012) – Novas datações pelo Carbono 14 para as ocupações holocénicas do Prazo (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa, Norte de Portugal). *Estudos do Quaternário* 8, pp. 22-37.
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio; FIGUEIRAL, Isabel; LÓPEZ-SÁEZ, José António (2006) – Indicadores paleoambientais e estratégias de subsistência no sítio pré-histórico do Prazo (Freixo de Numão – Vila Nova de Foz Côa – Norte de Portugal), III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior – Debates no Vale do Côa. ACDR de Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Coa, pp. 96-119.
- MUÑOZ-SOBRINO, Castor; RAMIL-REGO, Pablo; GÓMEZ-ORELLANA, Luís; DÍAZ VARELA, Ramón Alberto (2005) – Palynological data on major Holocene climatic events in NW Iberia. *Boreas* 34, pp. 381-400.
- NELLE, Oliver; DREIBRODT, Stefan; DANNATH, Yasmin (2010) – Combining pollen and charcoal: evaluating Holocene veg-

- etation composition and dynamics. *Journal of Archaeological Science*, 37:9, pp. 2126-2135.
- PEREIRO, Tiago (2013) – O sítio mesolítico antigo da Cruz da Areia: uma abordagem (geo) arqueológica. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geologia. Universidade de Lisboa. 125 pp.
- PÉREZ-OBÍOL, Ramon; JULIÀ, Ramon (1994) – Climatic change on the Iberian Peninsula recorded in a 30,000-yr pollen record from Lake Banyoles. *Quaternary Research*, 41:1, pp. 91-98.
- QUEIROZ, Paula (1999) – Ecologia Histórica da Paisagem do Noroeste Alentejano. Tese de Doutoramento em Biologia. Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa. 438 pp.
- QUEIROZ, Paula; VAN LEEUWARDEN, Wim (2004) – Estudos de Arqueobotânica no Concheiro de São Julião (Maфра), in: Sousa, A. (Ed.), *São Julião. Núcleo C do Concheiro Pré-histórico*. Câmara Municipal de Maфра, Maфра, pp. 118-134.
- RAMIL-REGO, Pablo; GÓMEZ-ORELLANA, Luís; MUÑOZ-SOBRINO, Castor; TERESO, João (2011) – Dinâmica natural e transformação antrópica das florestas do noroeste ibérico, in: Tereso, J., Honrado, J., Pinto, A.T., Rego, F.C. (Eds.), *Florestas do Norte de Portugal. História, Ecologia e Desafios de gestão*. InBio – Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva, Porto.
- RAMIL-REGO, Pablo; MUÑOZ-SOBRINO, Castor; RODRÍGUEZ-GUITIÁN, Manuel; GÓMEZ-ORELLANA, Luís (1998) - Differences in the vegetation of the North Iberian Peninsula during the last 16,000 years. *Plant Ecology* 138, pp. 41-62.
- RASMUSSEN, Sune Olander; ANDRESEN, Katrine Krogh; SVENSSON, Anders M.; STEFFENSEN, Jørgen Peder; VINTHER, Bo Møllersøe; CLAUSEN, Henrik Brink; SIGGARD-ANDERSEN, M.-L.; JOHNSEN, Sigfus Johann; LARSEN, Lars Berg; DAHL-JENSEN, Dorthe; BIGLER, M.; RÖTHLISBERGER, Regine; FISCHER, H.; GOTO-AZUMA, K.; HANSSON M. E. & RUTH, Urs (2006) – A new Greenland ice core chronology for the last glacial termination. *Journal of Geophysical Research: Atmospheres*, 111: D6, pp. 1-15.
- ROUCOUX, Katherine, ABREU, Lúcia., SHACKLETON, Nicholas & TZESAKIS, P. Chronis (2005) – The response of NW Iberian vegetation to North Atlantic climate oscillations during the last 65 kyr. *Quaternary Science Reviews*, 24, pp. 1637-1653.
- SANTOS, Luísa; GOÑI, María (2003) – Lateglacial and Holocene environmental changes in Portuguese coastal lagoons 3: vegetation history of the Santo Andre coastal area. *The Holocene*, 13:3 pp. 459-464.
- SCHENK, Frederik; VÄLIRANTA, Minna; MUSCHITIELLO, Francesco; TARASOV, Lev; HEIKKILÄ, Maija; BJÖRCK, Svante; BRANDEFELT, Jenny; JOHANSSON, Arne V.; NÄSLUND, Jens-Ove; WOHLFARTH, Barbara (2018) – Warm summers during the Younger Dryas cold reversal. *Nature Communications* 9, pp. 1634.
- SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (2018) – Living in the southwest Portuguese coast during the Late Mesolithic: The case study of Vale Marim I. *Journal of Archaeological Science: Reports*. 18, pp. 1011-1025.
- SOUSA, Ana Catarina, GIBAJA BAO, Juan; MAZZUCO, Niccolo; MIRANDA, Marta; TERESO, João Pedro; OLIVEIRA, Cláudia; GONÇALVES, Vítor S. (2018) – Clay combustion structures in early Mesolithic at Cova da Baleia (Maфра, Portugal): Approaches to their functionality. *Journal of Archaeological Science: Reports* 18, pp. 984-999.
- TERESO, João Pedro; QUEIROZ, Paula Fernanda (2006) – Estudos Antracológicos no Sítio arqueológico da Gaspeia (Alvalade do Sado). Trabalhos do CIPA. Lisboa: CIPA – IPA. 102.
- THÉRY-PARISOT, Isabelle; CHABAL, Lucie; CHRZAVZEZ, Julia (2010) Anthracology and taphonomy, from wood gathering to charcoal analysis. A review of the taphonomic processes modifying charcoal assemblages, in archaeological contexts. *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology* 291, pp. 142-153.
- VAN DER KNAAP, Willem; VAN LEEUWEN, Jacqueline (1995) – Holocene vegetation succession and degradation as responses to climatic change and human activity in the Serra de Estrela, Portugal. *Review of Palaeobotany and Palynology* 89, pp. 153-211.
- VAN DER KNAAP, Willem; VAN LEEUWEN, Jacqueline (1997) – Late Glacial and early Holocene vegetation succession, altitudinal vegetation zonation, and climatic change in the Serra da Estrela, Portugal. *Review of Palaeobotany and Palynology* 97, 239-285.
- VAN LEEUWARDEN, Wim; QUEIROZ, Paula (2003) – Estudos de Arqueobotânica no sítio da Ponta da Vigia (Torres Vedras). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 6, pp. 79-81.
- ZILHÃO, João; MARKS, Anthony E.; FERRING, C. Reid; BICHO, Nuno; FIGUEIRAL, Isabel (1995) – The Upper Paleolithic of the Rio Maior basin (Portugal) – Preliminary results of a 1987-1993 Portuguese-American research project. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35: 4, pp. 69-82.
- ZILHÃO, João; TRINKAUS, Erik, eds. (2002) – Portrait of the artist as a child: the Gravettian human skeleton from the Abrigo do Lagar Velho – its archaeological context. *Trabalhos de Arqueologia* 22, pp. 92-111.

CONTRIBUTOS PARA A CARACTERIZAÇÃO DO PERÍODO TARDIGLACIAR NO MÉDIO VOUGA: A INDÚSTRIA LÍTICA DO RÔDO, VAU E BISPEIRA 8

Cristina Gameiro¹, Carmen Manzano², Barbara Costa³, Alicia Ameijenda⁴,
Sérgio Gomes⁵, Sérgio Monteiro-Rodrigues⁶, Alberto Gomes⁷, Thierry Aubry⁸,
Henrique Matias⁹

¹ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / cristina.gameiro@edu.ulisboa.pt

² Arqueologia e Património Lda / cmanzano.molina@gmail.com

³ Arqueologia e Património Lda / pcosta.barbara@gmail.com

⁴ Arqueologia e Património Lda / aameijenda.iglesias@gmail.com

⁵ CEAACP – Universidade de Coimbra / sergioalexandregomes@gmail.com

⁶ CITCEM; DCTP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto / sergio.fossil@gmail.com

⁷ CEGOT – Faculdade de Letras da Universidade do Porto / albgomes@gmail.com

⁸ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Fundação Côa Parque / thierryaubry@arte-coa.pt

⁹ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / hamatias@gmail.com

Resumo

A identificação recente, no Vale do Vouga, de três sítios de habitat com amplo espectro de ocupação diacrónica durante o final do Paleolítico Superior, constitui uma preciosa achega para a definição da sequência crono-cultural do Paleolítico Superior em Portugal. Apresentamos uma análise sintética das modalidades de produção, transformação e utilização da utensilagem lítica recuperada no Rôdo, Vau e Bispeira 8, procedendo-se também à sua comparação com os sítios análogos da Estremadura portuguesa e do Vale do Côa para afinar a integração crono-cultural das distintas ocupações humanas identificadas.

Palavras-chave: Paleolítico Superior, Magdalenense, Tardiglacial, Tecnologia lítica.

Abstract

The recent identification of three late Upper Palaeolithic sites in the Vouga valley is a valuable contribution to the definition of the Upper Palaeolithic chronostratigraphy in Portugal. This article presents a synthetic analysis of raw material procurement modalities, blank production, transformation and use of the lithic tools recovered at the Rôdo, Vau and Bispeira 8 sites. The results will be compared with data from analogous sites of Estremadura and the Côa Valley, in order to fine-tune the chrono-cultural attribution of the different human occupations identified at the three sites.

Keywords: Upper Palaeolithic, Magdalenian, Tardiglacial, Lithic technology.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo serão apresentados os contextos atribuíveis ao Magdalenense identificados nos sítios arqueológicos do Rôdo (CNS 34832 – Couto Esteves, Sever do Vouga, Aveiro), do Vau (CNS 36762 - São João da Serra, Oliveira de Frades, Viseu) e da Bispeira 8 (CNS 36766 – São João da Serra, Oliveira de Frades, Viseu). A identificação destes sítios resultou dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos a propósito do impacte patrimonial do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida (ver Gomes & *alii*, e Manzano & *alii*, neste volume). Nos Pontos 2, 3 e 4, são apresentados os conjuntos artefactuais, tendo em atenção os seus contextos de proveniência, e avaliados os limites e possibilidades das bases empíricas em análise. Considerando o período cronológico em apreço, os dados do Rôdo serão apresentados de forma mais exaustiva. Esta apresentação servirá de base a um exercício de comparação entre os três sítios, no sentido de salientar os principais aspetos relacionados com a ocupação humana durante o Tardiglacial. Por fim, tendo como ponto de referência os sítios análogos da Estremadura portuguesa e do Vale do Côa, serão destacadas as particularidades dos sítios do Vouga, enfatizando a importância destes novos elementos para a caracterização deste período em território português e delineando estratégias de análise futura.

2. RÔDO

2.1. Contextos de proveniência das indústria lítica e características gerais dos conjuntos em análise

A escavação do sítio arqueológico do Rôdo (Gomes & *alii*, 2020) permitiu recolher quase trinta mil peças líticas. Excluindo fragmentos e termoclastos, contabiliza-se um total de 23 650 artefactos para a soma das duas unidades estratigráficas mais expressivas: a UE003 e a UE006. A UE003 foi individualizada após a remoção dos depósitos superficiais, desenvolvendo-se por toda a área intervencionada. No decurso da sua escavação, foi possível registar a

sua profunda afectação pelo denso coberto vegetal que se desenvolvia nesta plataforma e por canais de ravinamento. É também de salientar a identificação de marcas de antigos caminhos, designadamente na parte superior da plataforma junto ao atual estradão que dava acesso à praia fluvial. Apesar de muito alterado, este depósito, com uma espessura entre 10 a 20 cm, embalava um numeroso conjunto artefactual lítico (Tabela 1) que, embora remobilizado, está bem preservado. A remoção da UE003, permitiu a definição de um depósito de matriz areno-argilosa de cor castanha amarelada (UE006) no topo do qual se encontravam concentrações pétreas, algumas das quais articuláveis com a ocupação pré-histórica da plataforma. No conjunto de observações que a escavação parcial (através de sanjas e sondagens) desta realidade permitiu recolher, é de destacar os seguintes aspetos: o depósito parece desenvolver-se por quase toda a área da plataforma; a sua espessura varia entre 20 a 60 cm, aumentando gradualmente em direção à base da plataforma; os Níveis Artificiais (NA's) superiores definidos em escavação apresentam concentrações pétreas que podem corresponder a vestígios da ocupação humana muito alterados; o conjunto artefactual lítico estava distribuído verticalmente, verificando-se uma diminuição gradual da sua frequência em direção à base. De um modo geral, estes depósitos apresentam vestígios que, apesar de perturbados, estão em associação com indústria lítica que permite a sua articulação com o período cronológico em discussão.

A Tabela 1 é relativa ao inventário geral dos conjuntos provenientes das UE's 003 e 006, na sua leitura é de salientar diferentes pontos. O conjunto recolhido na UE003 é mais numeroso do que o equivalente recuperado na UE006, facto que pode ser explicado pela diferença de área escavada em cada uma das unidades estratigráficas. O quartzo é a matéria-prima mais explorada (74-81% do total) e as lascas constituem o tipo de suporte mais numeroso (>90%). Paralelamente, podemos verificar que o índice de transformação pelo retoque é baixo: apenas 272 utensílios na UE003 e 193 utensílios na

UE006. O número considerável de núcleos, a existência de esquirolas e de inúmeros restos de talhe em todas as matérias-primas permite confirmar a realização de talhe neste local. O quartzo está presente sob a forma de seixo, de fragmentos de filão, sob a forma de cristais e sob a forma de quartzo fu-

mado: 74% na UE003 e 81% na UE006 (Figura 1 e Figura 2). Sílex, silcreto e microquartzo hidrotermal estão representadas por 11% na UE003 e por 6% na UE006. O quartzito foi utilizado em 5% das peças e outras rochas de grão grosseiro constituem 10% (UE003) ou 6% (UE006) do total da amostra.

Tipo de artefacto	Silicificações		Quartzo		Quartzito		Outras*		TOTAL	
	UE003	UE006	UE003	UE006	UE003	UE006	UE003	UE006	UE003	UE006
Núcleos	64	34	198	186	128	49	101	64	491	333
Lascas	724	240	4773	3004	860	161	843	412	7200	3817
Suportes alongados	299	150	112	135	–	–	–	–	411	285
Esquirolas	82	39	58	62	4	3	6	–	150	104
Restos de talhe	437	104	5407	1946	41	23	138	61	6023	2134
Fragmentos	13	–	3628	744	354	16	1703	99	5698	859
Termoclastos	2	–	733	84	43	6	325	49	1103	139
Utensílios	144	58	66	44	29	67	28	24	272	193
TOTAL	1765	625	14970	6205	1459	325	3144	709	21343	7864

Tabela 1 – Inventário geral, por matéria-prima e classe tecnológica, dos materiais líticos recolhidos nas UE003 e UE006. Os dados apresentados baseiam-se nos elementos apresentados no relatório de escavação, simplificando as categorias e introduzindo alterações decorrentes da continuação do estudo. *Inclui matérias-primas classificadas como anfíbolito, micro-gabro, granito, xisto, lutite e calcário.

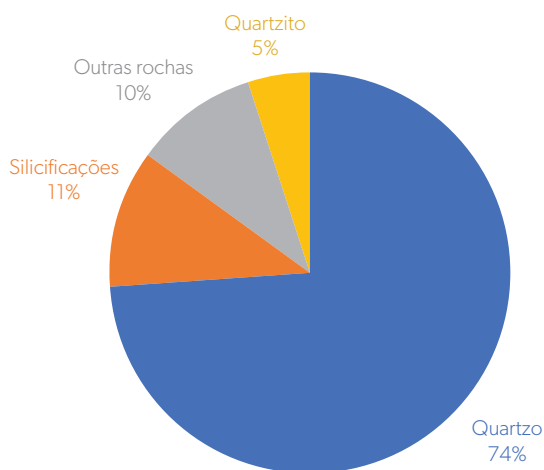


Figura 1 – Percentagem de utilização das matérias-primas da UE003 (utilizando o número total de peças).

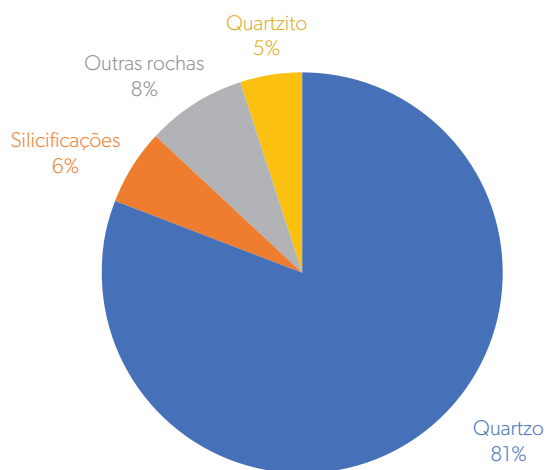


Figura 2 – Percentagem de utilização das matérias-primas da UE006 (utilizando o número total de peças).

2.2. Aproveitamento das matérias-primas

O quartzo, o quartzito e outras rochas de grão grosseiro são consideradas matérias-primas locais e, estão geralmente disponíveis, sob a forma de seixo, em depósitos de origem detrítica, nos terraços do rio Vouga. Note-se, porém, que será necessário empreender prospeção direcionada para a identificação da proveniência dos Cristais de Rocha, já que estes podem ser de origem local ou regional. O sílex, silcreto e microquartzo hidrotermal foram sistematicamente observadas à lupa binocular (Olympus

SZ51) com diferentes ampliações (4-40x), e a comparação com amostras geológicas, baseadas na cor, mineralogia, estrutura sedimentar, porosidade, conteúdo detrítico e fossilífero permitiu identificar os locais potenciais de aproveitamento (Mangado Llach, 2002; Aubry, 2009; Aubry & alii, 2012, 2014, 2016). A análise destas silicificações permitiu concluir que são matérias-primas disponíveis a mais de 30km de distância, tendo sido consideradas matérias-primas alóctones (Figura 3, Figura 4 e Tabela 2).

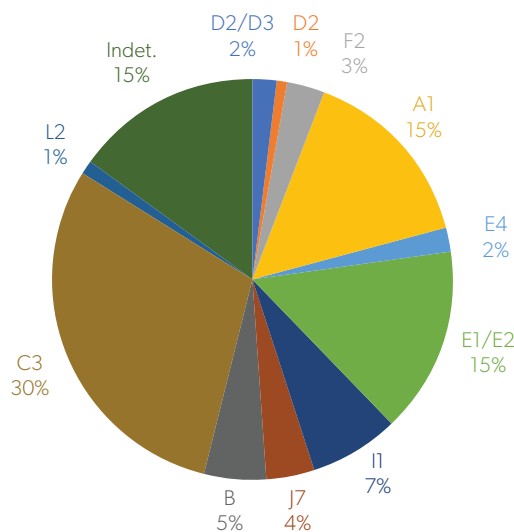


Figura 3 – Percentagem de utilização das silicificações da UE003 (utilizando o peso das peças).

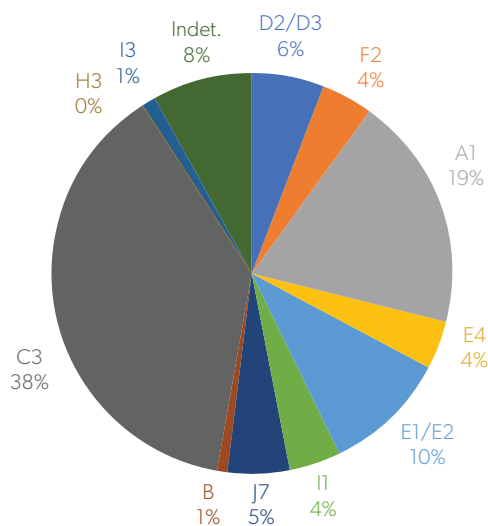


Figura 4 – Percentagem de utilização das silicificações da UE006 (utilizando o peso das peças).

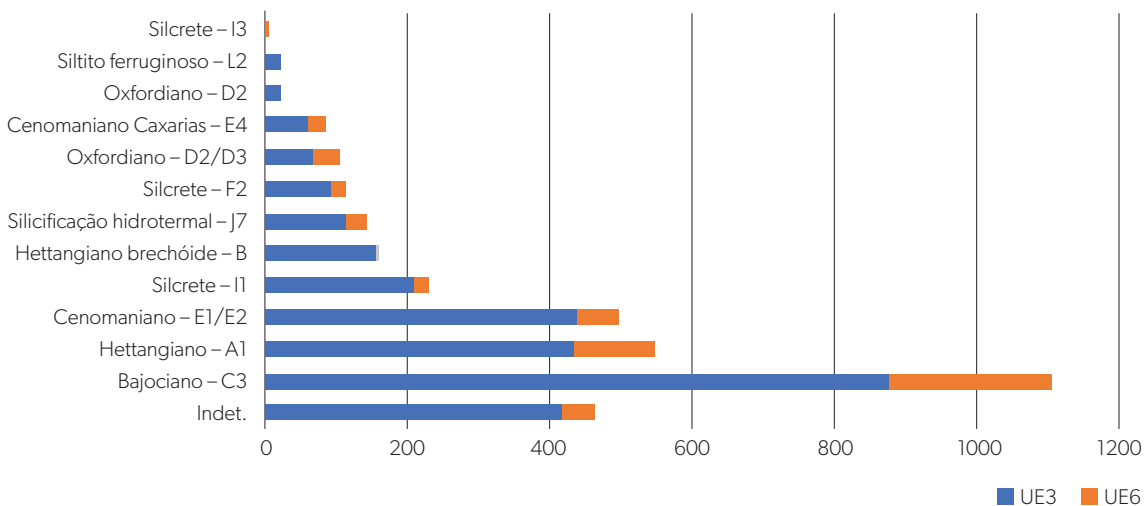


Figura 5 – Comparação da utilização das silicificações na UE003 e UE006 (utilizando o peso das peças).

Tipo	Descrição	Proveniência
A1	Sílex vermelho marmoreado do Hettangiano	Anadia
B	Sílex brechóide do Hettangiano/Sinemuriano	Coimbra
C3	Sílex cinzento e castanho do Bajociano/Batoniano	Outil / Ançã
D2/D3	Sílex preto ou cinzento mosqueado do Oxfordiano	Nabão
E1/2/3	Sílex castanho avermelhado do Cenomaniano	Estremadura
E4	Sílex castanho avermelhado com bandas ou mosqueado do Cenomaniano	Caxarias
F2	Silcreto preto translúcido do Paleogénico	Facho
H3	Silcreto sub-opaco e brechóide do Cretácico	Buçaco
I1	Silcreto azoico indiferenciado	?
I3	Silcreto creme opacoossilífero do Miocénico	Valladolid?
J7	Microquartzo hidrotermal / creme / cinza / calcedónia hidrotermal	Beira Alta?
L2	Siltito ferruginoso castanho	Beira Alta ou Estremadura

Tabela 2 – Descrição abreviada das silicificações identificadas com menção ao código utilizado e à localização das fontes de aprovisionamento conhecidas.

Não foi possível determinar a proveniência de 15% das matérias-primas da UE003 e de 8% das matérias-primas da UE006 (Figura 3 e Figura 4). O sílex do Bajociano (C3), disponível em Ançã (60km para Sul), constitui a silicificação mais utilizada (30% na UE003 e 38% na UE006), seguindo-se o sílex do Hettangiano (A1), presente em Anadia (a cerca de 40km para Sul), presente em 15% (UE003) ou 19% (UE006) dos materiais. O sílex do Cenomaniano (E1/E2), disponível na Estremadura (150 km para Sul), representado em 15% na UE003 e em 10% das peças na UE006. De salientar que a variante desta matéria-prima, disponível em Caxarias (E4), foi identificada nas duas unidades estratigráficas: 2% na UE003 e 4% na UE006. O sílex do Oxfordiano (D2/D3), presente no vale do rio Nabão (150km Sul) está presente em 6% das peças na UE006 e em 3% no caso da UE003. A par destas matérias-primas com uma expressão percentual mais significativa, foram também identificados: silcreto azoico indiferenciado (I1), cuja proveniência resta indeterminada; silcreto miocénico (I3), provavelmente de Valladolid¹; sílex do Paleogénico (F2), disponível perto da Figueira da Foz e o

sílex brechóide do Hettangiano (B), proveniente da região de Coimbra; siltito ferruginoso (L2) e microquartzo hidrotermal (J7), provavelmente de origem regional mas, até à data, apenas são conhecidos afloramentos na Beira Alta² (Tabela 2). No que diz respeito à distribuição da diversidade de silicificações por UE, refira-se que, com exceção do silcreto miocénico (I3) e do siltito ferruginoso (L2), todas as outras matérias-primas estão representadas nos dois depósitos (Figura 5).

2.3. Produção, transformação e utilização da utensilagem lítica da UE003

2.3.1. Debitagem em quartzito e rochas vulcânicas de grão grosseiro

O quartzito e as rochas vulcânicas ou metamórficas de grão grosseiro foram utilizados para a obtenção expedita de lascas e para o fabrico de macro-utensílios. Os núcleos evidenciam estratégias de debitagem simples e adaptadas à morfologia natural dos volumes. Seixos frequentemente

¹ Esta identificação precisa de ser confirmada (esta peça está representada na Fig.11-A).

² Esta matéria-prima foi já identificada em depósitos cretácicos (posição secundária) e é possível a sua presença nos calcários mesozóicos de Cantanhede.

achatados, disponíveis nas imediações do sítio, foram explorados unifacialmente e unipolarmente, recorrendo a percussão direta com percutor duro. É provável que algumas das lascas recuperadas resultem das operações de configuração dos macro-utensílios. A maioria dos utensílios em rocha metamórfica, vulcânica (9% do total) e quartzito (10% do total) são seixos afeiçoados e as lascas re-

tocadas são raras. Observando a Figura 6-A podemos identificar um ângulo $< 45^\circ$ evidenciando um gume robusto e um pico triédrico na Figura 6-C. A Figura 6-B representa um seixo utilizado como bigorna: as marcas de percussão testemunham, muito provavelmente, a utilização da estratégia de talhe bipolar para obtenção de pequenos suportes (pequenas lascas ou esquirolas).



Figura 6 – Materiais em Rocha de grão grosseiro (indeterminada) da UE003: A – seixo talhado; B – seixo utilizado como bigorna; C – pico triédrico. Fotografias Carmen Manzano / Arqueologia & Património.

2.3.2. Debitagem em quartzo

O quartzo é a matéria-prima mais explorada (74% do total), no entanto, apenas 21% dos utensílios foram produzidos nesta matéria-prima: raspadeiras, raspadores e lascas com retoque atípico são os ti-

pos mais comuns. A maioria do quartzo explorado é proveniente de fragmentos de filão e os diedros naturais são, frequentemente, utilizadas para iniciar a debitage (Figura 7-A). Esta opção técnica não obriga a uma preparação dos volumes. De salientar que alguns volumes parecem ter sido apenas testados e

abandonados, provavelmente devido à fraca aptidão ao talhe da matéria-prima: clivagens que originam, frequentemente, ressaltos (Figura 7-A). A grande quantidade de restos de talhe, 5407 exemplares, assim como a percentagem de esquirolas (comparando com as esquirolas noutras matérias-primas) podem estar relacionadas com as características físicas do quartzo, matéria-prima mais propícia a fraturar durante o talhe (Bracco, 1997; Bracco & Morel, 1998).

Para além de uma produção intencional de lascas existiu, igualmente, uma produção de suportes lamelares: 28 núcleos para lamelas e 45 lamelas em

quartzo. As estratégias de produção lamelar identificadas são: debitagem bipolar sobre bigorna (Figura 7-A e C); debitagem sobre aresta de lasca (Figura 7-B) e um núcleo piramidal, evidenciando uma exploração giratória contínua de toda a superfície do volume (Figura 7-D). A utilização de debitagem bipolar sobre bigorna pode indicar a produção de intencional de pequenas lascas.

Em quartzo hialino foram identificadas 579 peças, registando-se a utilização de estratégias de debitagem mais elaboradas. As lascas ocorrem em número superior (235), verificando-se um com-

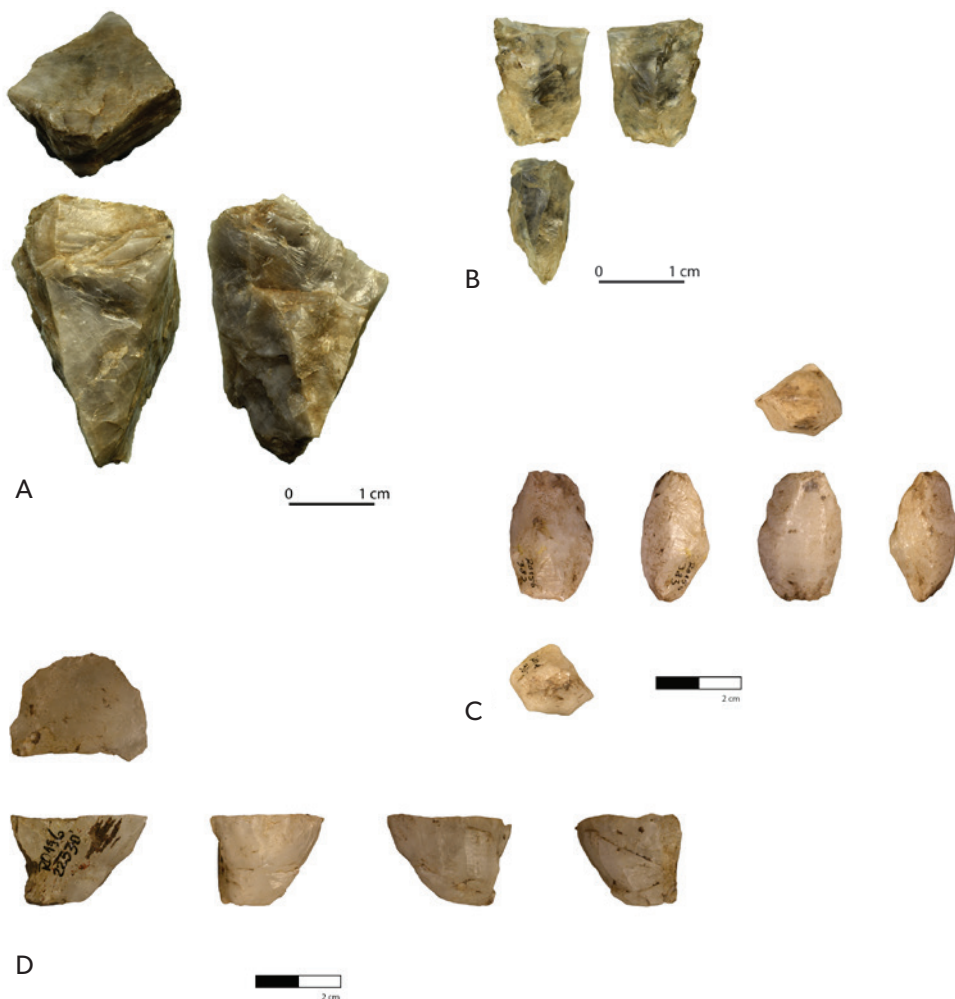


Figura 7 – Materiais em quartzo da UE003: A – peça esquirolada / núcleo bipolar sobre bigorna; B – núcleo sobre lasca para a produção de suportes lamelares, com dois planos de percussão sucessivos cruzados e evidenciando muitos ressaltos (talhador inexperiente?); C – Núcleo bipolar sobre quartzo; D – Núcleo prismático para produção de lamelas em quartzo. Fotografias Carmen Manzano & Rui Oliveira / Arqueologia & Património.

primento médio de 1,5cm, que documenta a produção intencional de pequenas lascas/esquírolas sobretudo sobre debitage bipolar sobre bigorna. De um total de 72 lamelas identificadas, apenas 20 estão completas e apenas um exemplar foi alvo de retoque. No que diz respeito a utensílios, regista-se a presença de lascas retocadas (12 peças), duas raspadores, três raspadeiras (uma das quais nucleiforme) e uma lamela com retoque marginal.

2.3.3. Debitagem utilizando silicificações

Sílex, silcreto e microquartzo hidrotermal representam apenas 11% das matérias-primas utilizadas. No entanto, a estratégia de produção de suportes lamelares e o tipo de utensilagem produzida sugere um investimento mais cuidado destas matérias-primas alóctones.

A produção autónoma de lascas está documentada em sete núcleos (de tipo indeterminado, de teste ou unipolar unifacial) e em 724 lascas, a maioria fraturadas, sem córtex e sempre com dimensões médias < 5cm. Os restos de talhe representam 25% da indústria (415 peças) e a maioria apresentam dimensões < 1cm. Provavelmente, podem estar relacionados com a utilização da debitage bipolar sobre bigorna, já que esta estratégia permite a produção de pequenas lascas e uma rentabilização da matéria-prima.

A maioria dos núcleos (41 exemplares) foram utilizados para a produção de lamelas e a utilização de núcleos sobre lasca (tipo buril: Figura 8-A ou raspadeira: Figura 8-C) é a estratégia mais comum, identificada em 11 núcleos. Os núcleos sobre lasca são tendencialmente mais estreitos e compridos e apresentam reduzidas dimensões. Os restantes núcleos lamelares são indeterminados (normalmente apresentam-se fragmentados) ou unificiais unipolares, por vezes com progressão semi-giratória da debitage (Figura 8-F). Dois exemplares sobre bigorna terão produzido pequenas lascas e lamelas (Figura 8-B). Foram recuperados 304 suportes alongados (lâminas e lamelas), a maioria de plena debitage, pois apenas nove apresentam vestígios de córtex. A utensilagem lamelar é sobretudo compos-

ta por fragmentos de lamelas de dorso, sendo difícil reconstituir a morfologia e morfometria das peças (Figura 8-E). O conjunto inclui uma ponta Azilense ou de dorso curvo em sílex bajociano (Figura 8-D).

É de salientar que, neste conjunto artefactual, foram identificadas cerca de 24 peças com vestígios de tratamento térmico, assim como fragmentos de lâminas de sílex cenomaniano de Caxarias, com módulo atribuível ao Neo-Calcolítico. Em relação a este contexto, relembramos os dados conhecidos sobre a exploração do sílex de Caxarias documentado por oficinas de talhe datadas da pré-história recente e publicados por Zilhão (1994) ou Forenbaher (1998, 1999, 2006). Estes elementos devem ser considerados em articulação com um conjunto, pouco numeroso, de fragmentos de cerâmicas manuais. Porém, note-se que não é possível estabelecer uma correlação entre estes diferentes elementos com um contexto estratigráfico preciso. De qualquer modo, são sugestivos de uma continuada ocupação desta área do Vale do Vouga; uma ocupação da pré-história recente que se encontra também registada no Vau e na Bispeira 8.

2.4. Produção, transformação e utilização da utensilagem lítica da UE006

2.4.1. Debitagem em quartzito e rochas vulcânicas de grão grosseiro

No total dos utensílios da UE006 há uma percentagem elevada de macro-utensílios sobre seixo em quartzito (30) e em rocha metamórfica ou vulcânica (22), constituindo cerca de 25% do total da utensilagem recolhida nesta unidade estratigráfica (Figura 9-A). Nestas matérias-primas, a produção de lascas é feita segundo esquemas de produção expeditos, frequentemente unificiais e unipolares. No entanto, existem alguns casos de exploração centrípeta ou mesmo de tipo *Levallois* (Figura 9-B). Lascas de retoque atípico, entalhes, denticulados, raspadores e raspadeiras foram igualmente produzidos nestas matérias-primas.



Figura 8 – Materiais em sílex da UE003: A – Núcleo sobre lasca ou de tipo buril para produção de lamelas em sílex; B – peça esquiro-lada / núcleo bipolar em sílex cenomaniiano; C – Núcleo sobre lasca ou de tipo raspadeira para produção de lamelas em sílex cenomaniiano; D – Ponta Azilense/de dorso curvo em sílex bajociano; E – Fragmento de lamela de dorso marginal em sílex cenomaniiano; F – Núcleo prismático para produção de lamelas em sílex bajociano. Fotografias Carmen Manzano / Arqueologia & Património.

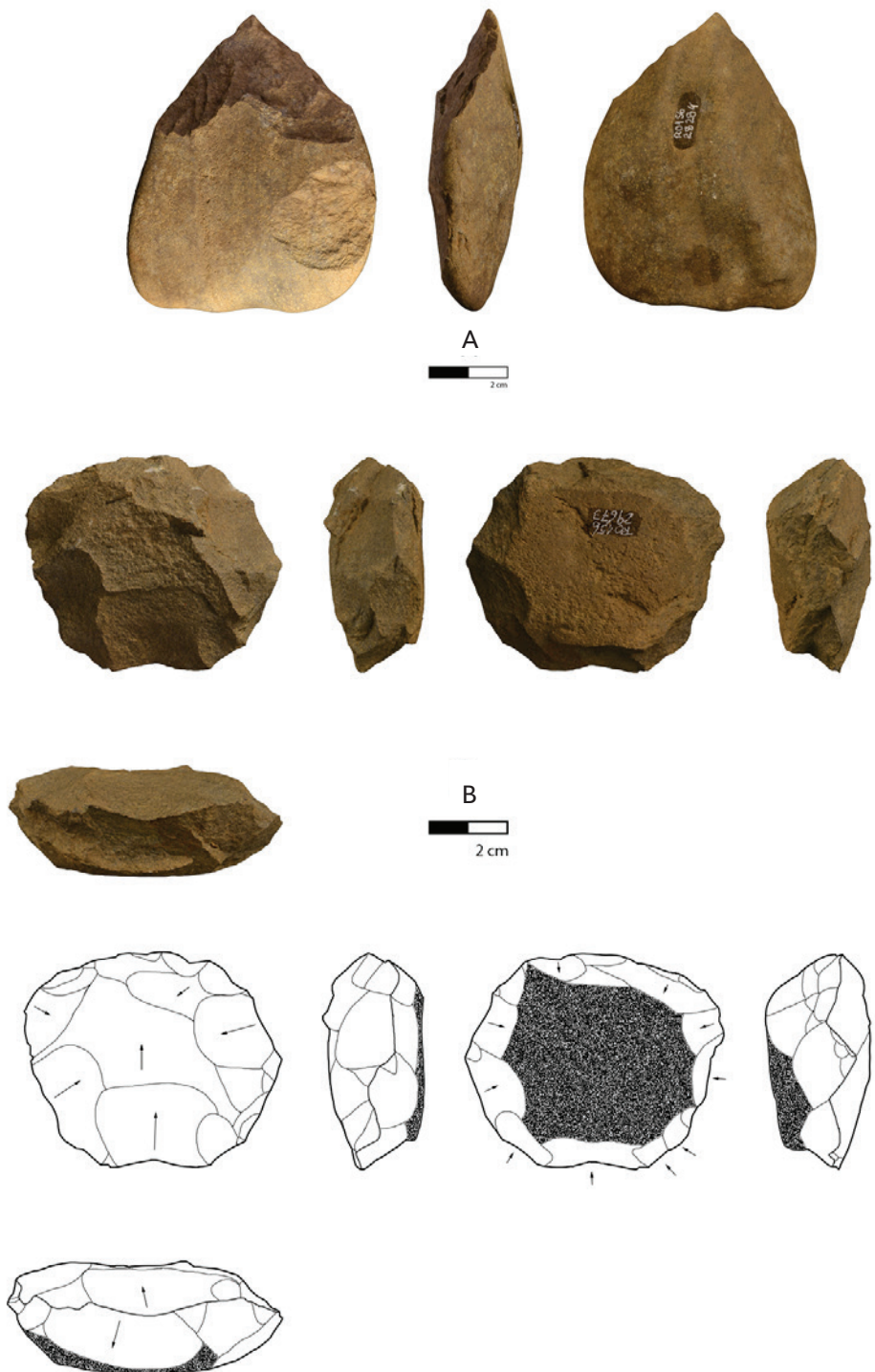


Figura 9 – Materiais da UE006: A – pico sobre seixo em quartzito e B – núcleo *Levallois* em rocha de grão grosseiro (indeterminada).

2.4.2. Debitagem em quartzo

Com exceção de alguns macro-utensílios, a utilização em quartzo é efetuada sobre lasca: dominam os utensílios de fundo comum (raspadores e entalhes), as raspadeiras e as lascas ou fragmentos com retoque atípico (Figura 10-A e B). Na Figura 11-A podemos observar um exemplo de um núcleo *Levallois* em quartzo, no entanto, o exemplar apresenta algum rolamento e existe a possibilidade de se tratar de material re-depositado a partir do desmantelamento de níveis de ocupação mais antigos.

Alguns núcleos foram utilizados para a produção de pequenas lascas, sobretudo utilizando a debitage bipolar sobre bigorna (Figura 11-B). Apenas sete núcleos em quartzo apresentam negativos de

debitagem lamelar, o conjunto que inclui os produtos alongados é composto por 60 exemplares, no entanto, apenas dois exemplares estão retocados: uma lamela de dorso e uma lamela retocada.

O quartzo hialino foi maioritariamente utilizado para a debitage de suportes lamelares: de um total de 19 núcleos, 11 foram utilizados para produzir lamelas. Foram recuperadas 78 lamelas; no entanto, apenas 17 peças estão inteiras. Este facto poderá ter relação com a ocorrência de fraturas durante a produção por utilização de debitage bipolar. As 141 lascas identificadas são todas de reduzidas dimensões: 1,3cm de comprimento em média. Apenas três núcleos produziram exclusivamente lascas e dois foram utilizados para produzir lascas e lamelas.

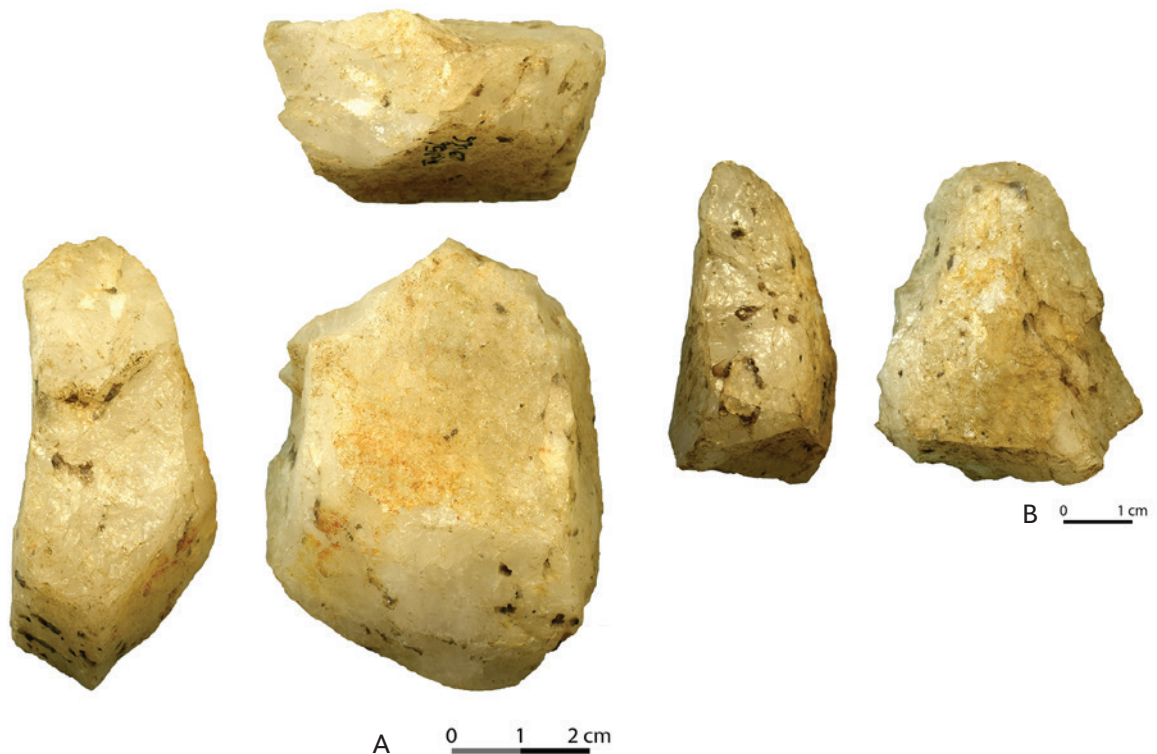


Figura 10 – Materiais em quartzo da UE006: A – raspadeira sobre lasca; B – denticulado ou núcleo sobre lasca para a produção de pequenas lascas. Fotografias Rui Oliveira / Arqueologia & Património.

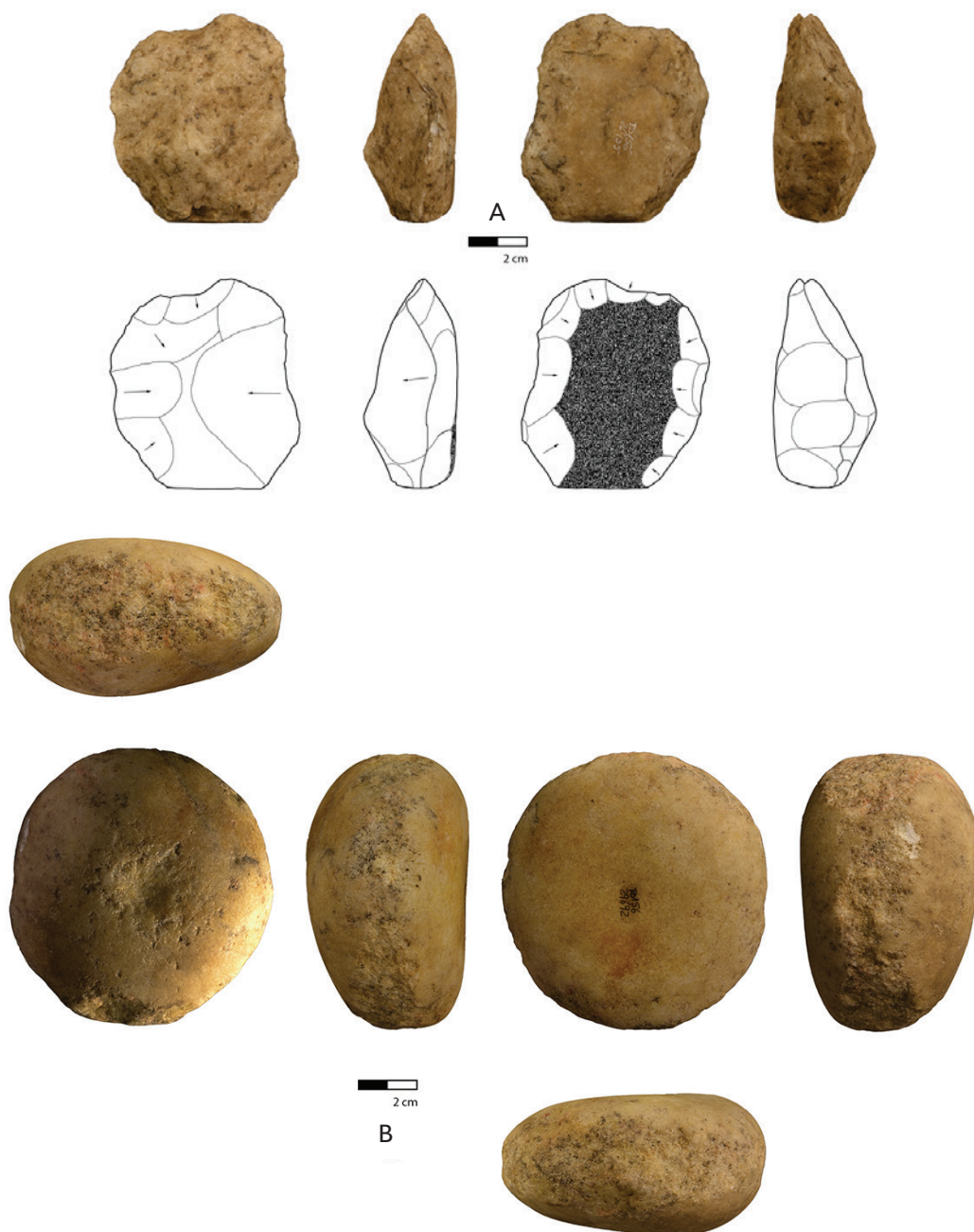


Figura 11 – Materiais em quartzo da UE006: núcleo *Levallois*; seixo de quartzo utilizado como percutor-bigorna. Fotografias Rui Oliveira / Arqueologia & Património.

2.4.3. Debitagem em sílex e silcrete

Existe uma debitage orientada para a produção de lascas (267 exemplares e dois núcleos) com dimensões médias inferiores a 1,5cm de comprimento. Há um investimento na debitage lamelar com

estratégias de debitage mais cuidadas, recorrendo a percutor brando: 14 núcleos exclusivamente lamelares e oito com negativos lasca e lamela. A existência de peças esquiroladas pode ser observada na Figura 12-A, por exemplo. Neste caso trata-se de

uma peça pouco espessa e, parece mais provável, que se trate de uma peça intermédia, tipo cunha, e não um núcleo bipolar (Le Brun Ricalens, 2006). Foram identificadas 153 lamelas, das quais apenas 48

estão inteiras. Somente cinco fragmentos de lamelas retocadas constam deste conjunto, um dos quais corresponde ao fragmento de ponta representado na Figura 12-B.



Figura 12 – Materiais em sílex e silcrete UE006: A – Peça esquirolada em silcrete miocénico (I3), provavelmente da região de Valladolid (Espanha); B – Fragmento de ponta dorso em sílex bajociano. Fotografias Carmen Manzano / Arqueologia & Património.

3. VAU

Os materiais recuperados na UE005 do Vau permitem estabelecer argumentos que confirmam uma ocupação do sítio durante o Gravettense (Manzano & alii, 2020). Para além desta ocupação, há também elementos que permitem colocar hipótese da utilização da plataforma por parte de comunidades humanas durante o Tardiglacial. Na análise da sequência estratigráfica não foi possível identificar, de modo inequívoco, uma realidade contextual/estratigráfica que expresse este período de ocupação. Com efeito, a par da dificuldade de leitura do topo da sequência devido ao carácter difuso das interfaces dos depósitos, a sua perturbação recente também alerta para a necessidade de cautela no equacionamento de diferentes fases de ocupação (Gomes & alii, 2020). A propósito do grau de preservação do topo da sequência, deve ser salientado o registo de várias remontagens inter-estratigráficas, que sugerem perturbações pós-deposicionais que conduziram à mistura de materiais com diferentes

cronologias em algumas áreas do sítio, sobretudo entre a UE's 003 e 005. Ou seja, entre o depósito considerado no estudo sobre o Gravettense (UE005) e o depósito que o cobre (UE003). De um ponto de vista geral da estação, estas duas UE's congregam a maioria dos vestígios que podem ser articulados com a ocupação tardiglacial, pelo que serão os contextos privilegiados nesta análise. No desenvolvimento desta hipótese, optamos por não fazer uma abordagem quantitativa, preferindo incidir em determinados aspetos que nos permitam a sua problematização.

As características genéricas da indústria lítica proveniente das UE's 003 e 005, e a ocorrência frequente de lamelas de dorso e microgravettes também durante o Magdalenense da Estremadura (Zilhão, 1995; Gameiro, 2012), constituem um dos aspetos que nos leva a considerar a hipótese deste sítio ter conhecido uma breve ocupação durante o Tardiglacial. Por sua vez, as estratégias de produção de suportes lamelares, recorrendo a núcleos prismáticos e a núcleos sobre lasca (tipo raspadeira ou buril), e



Figura 13 – Materiais em sílex e silcrete: A – Possível ponta de *Teyjat* ou *Ahrensburg* em sílex do bajociano; B – 3 segmentos de círculo em sílex bajociano; C – Trapézio em sílex cenomaniense; D – lamela de dorso duplo em sílex bajociano e lamela de dorso marginal em sílex cenomaniense. Fotografias Carmen Manzano / Arqueologia & Património.

a debitação bipolar sobre bigorna, para a rentabilização da matéria-prima a partir da produção de pequenas lascas ou esquirolas, mantêm-se durante o Gravettense e o Magdalenense (Zilhão, 1997; Aubry & alii, 1998; Gameiro, 2012; Gameiro, Aubry & Almeida, 2013). Neste sentido, é de referir que no Vau a utensilagem lamelar não constitui um conjunto muito numeroso e a maioria dos exemplares está fragmentado, tornando mais difícil uma simples separação tipológica (Figura 12-D). Porém, se é certo que estas indefinições não permitem avançar na con-

solidação da hipótese, já a presença de uma provável ponta de *Teyjat* ou de *Ahrensburg*³ (Figura 13-A) é bem sugestiva de contextos datados do Dryas III.

No conjunto das datações disponíveis para as UE's 003 e 005, a existência de algumas datas em torno de 9 000 BP pode reforçar a ocupação em

³ A existência de apenas um exemplar não permite concluir se se trata de uma peça atípica, por exemplo, resultante de um reaproveitamento na sequência de um acidente de talhe durante o fabrico de uma Gravette ou de uma peça atribuível a um contexto de ocupação datado do Tardiglacial.

torno do final do Pleistocénico. Porém, também poderá servir de alegação a favor de uma ocupação do local durante o Mesolítico antigo devido à presença de micrólitos geométricos (em sílex bajociano – Figura 13-B) provenientes da UE003. Contudo, pelo que podemos observar, a maioria dos crescentes ou segmentos de círculo apresenta tratamento térmico. Até à data, esta técnica só foi identificada em contextos contemporâneos ou posteriores ao Neolítico antigo. Ou seja, tais elementos podem ser relativos a momentos posteriores de ocupação da plataforma. O módulo utilizado para produzir um trapézio em sílex cenomaniano (Figura 13-C), recolhido na UE002⁴, é uma lâmina e, nesta UE, foi igualmente identificado um núcleo e duas lamelas finas e regulares, em sílex bajociano, debitados por percussão indireta, e uma ponta de seta em, sílex bajociano, a que se juntam fragmentos de cerâmica manual, reforçando a existência de uma ocupação

⁴ Este depósito desenvolve-se, fundamentalmente, no Setor Sul (Gomes & alii, 2020 e Manzano & alii, 2020).

humana de cronologia neolítica. A mesma tipologia de micrólitos tem sido identificada nos monumentos megalíticos da região (Silva, 1997). Deste modo, as datas em torno de 9 000 BP podem também ser consideradas para corroborar a hipótese de uma ocupação tardiglaciar da plataforma.

4. BISPEIRA 8

Neste sítio arqueológico apenas foram recolhidos 715 artefactos líticos e, deste total, apenas constam 19 utensílios retocados. A maioria das peças (338) foi recolhida na UE002, unidade estratigráfica interpretada como um coluvião que cobre as estruturas em negativo. Nas estruturas em negativo datadas do pleistocénico (Estruturas 1 e 2) não foram recuperados artefactos em matérias-primas alóctones nem utensílios retocados (Gomes & alii, 2020).

As matérias-primas locais, nomeadamente o quartzo e o quartzito, constituem a totalidade dos artefactos recuperados nas UE004 (Est. 1) e UE005 (Est.2).

Tipo de sílex	UE	Esquirola	Lasca	Lasca parcialmente cortical	Lasca cortical	Lamela	Lâmina	Fragmento	Utensílio	Núcleo	TOTAL	Peso (gr.)
C3	19		4					1			5	9,4
C3	20	1	4			2					7	2,5
C3	21					1					1	0,3
C3	1001										1	0,1
C3	Sup.									1	1	18
C3	3		1					1			2	2,8
C3	2	15	12		7	10	2	4	3		53	35
E1	2									1	1	6,8
A1	2	20	3	2		1		2			28	16
Ind. Queimado		10	3					2	1	1	17	16
Indeterminável	2	1									1	0,1
TOTAL		48	27	2	7	14	2	10	4	3	117	107

Tabela 3 – Bispeira 8: Inventário por classe tecnológica e tipo de materia-prima de acordo com a descrição e códigos apresentados na Tabela 2.

Apenas na UE002, UE003, UE19, UE20; UE21 e UE1001 foram recuperados artefactos em sílex, perfazendo um total de 117 peças (Tabela 3). Desse total, um número significativo de peças (17 = 14, 5%) encontra-se queimado e não foi possível proceder à identificação da sua proveniência (Figura 14 e Figura 15). A existência de uma percentagem de esquirolas em sílex do Hetangiano (20%) e sílex do Bajociano (15%) na UE002 significa a existência de talhe no local, destas matérias-primas, e a sua presença numa unidade estratigráfica interpretada como coluvião implica um transporte a curta distância. De entre o material recuperado na UE002, foi igualmente identificado tratamento térmico em 5 peças em sílex Bajociano, remetendo, portanto, para uma cronologia Holocénica, consentânea com

a existência de cerâmica. Contudo, não podemos excluir a hipótese das raspadeiras (um exemplar unguiforme e um exemplar espesso), uma lamela de dorso duplo em sílex bajociano, e três núcleos bipolares sobre bigorna (um em sílex cenomaniano, um em sílex bajociano e um indeterminado queimado) estarem relacionados com a ocupação do local, provavelmente durante o Magdalenense final.

Na Estrutura 1 (UE004) apenas foram recolhidas duas lascas de quartzito. Na Estrutura 2 (UE005) foi recuperado um núcleo para lascas em quartzito, um núcleo para lascas em quartzo, duas lascas de quartzo e uma lasca de quartzito. De um ponto de vista tecnológico, estamos perante esquemas de debitação expedita de lascas como pode ser observado nos materiais das Figuras 15 e 16.

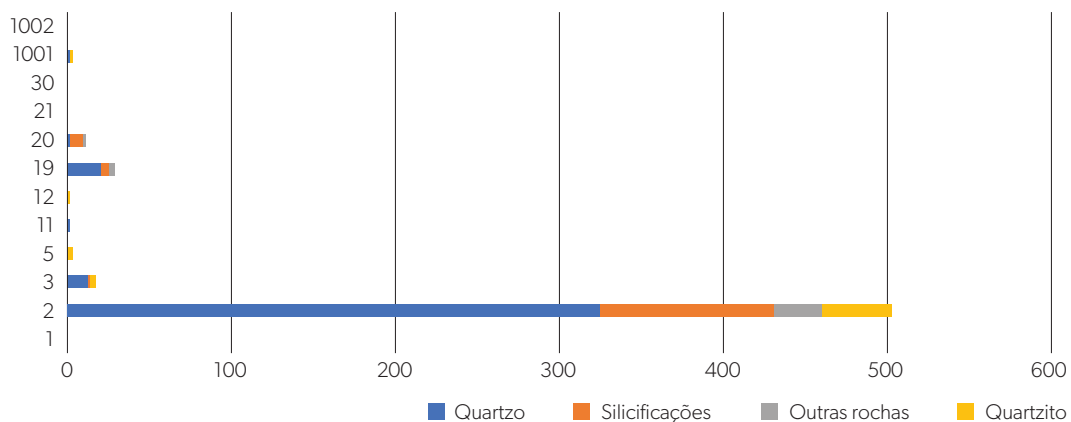


Figura 14 – Bispeira 8: distribuição dos principais grupos de matérias-primas (nº de peças) pelas unidades estratigráficas identificadas.

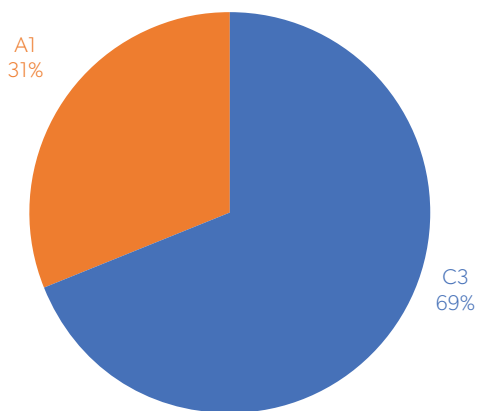


Figura 15 – Bispeira 8: tipos de silicificações identificados na UE002.



Figura 16 – Bispeira 8: Núcleo para lascas / macro-utensilagem em rocha de grão grosseiro (indeterminada). Fotografias: Carmen Manzano / Arqueologia & Património.



Figura 17 – Bispeira 8: Núcleo para lascas / macro-utensilagem em rocha de grão grosseiro (indeterminada). Fotografias: Carmen Manzano / Arqueologia & Património.

5. DISCUSSÃO

De um ponto de vista geológico, o Vale do Vouga situa-se no Maciço Hercínico Ibérico, mas nas imediações do limite septentrional da Bacia Meso-Cenozoica Lusitaniana e de algumas das suas fontes de sílex. Todos os conjuntos em apreço são compostos maioritariamente por quartzo. Nesta região, todas os sítios arqueológicos estão situados a mais de 30km das fontes de sílex e, portanto, este tipo de matéria-prima é considerado alóctone. Na Figura 18 podemos observar a utilização das silicificações nos

três sítios. O sítio com mais variabilidade de matérias-primas utilizadas é o Rôdo. O número reduzido de materiais recolhidos na Bispeira 8 permitiu apenas a identificação de dois tipos de silicificações. O sílex do Bajociano (C3), disponível na região de Ança, a mais de 60km para Sul, é sempre o tipo de sílex mais explorado. O sílex do Hetangiano (A1) pode ser obtido a cerca de 40km (Anadia) e, apesar de ser a fonte de aprovisionamento mais próxima não foi tão utilizado, provavelmente, devido à presença de fissuras, que resultam numa má aptidão ao talhe. A elevada percentagem de sílex do Cenomaniano

(E1/E2), disponível a cerca de 150km para Sul, pode ser explicada pela excelente aptidão ao talhe que o torna uma matéria-prima preferencial para produção de suportes lamelares. O sílex do Cenomaniano de Caxarias (E4) está igualmente representado no Rôdo. A identificação de sílex do Oxfordiano (D2/D3) no Rôdo e no Vau pressupõe circulação no Vale do Nabão, a 150km para Sul. A presença de silcreto do Facho (F2), disponível perto da Figueira da Foz, indica a frequentação de uma zona mais próxima do litoral, no baixo Mondego. Uma peça esquirolada (Figura 12-A), recuperada na UE006 do Rôdo, parece ter sido produzida recorrendo a um silcreto com

restos fósseis que indicam uma formação num ambiente lacustre do Miocénico (I3). Foram descritos silcretos lacustres com estas características e conteúdo na região de Valladolid (Fuentes Prieto & *alii*, 2014). Esta classificação e origem a mais de 300km necessita de confirmação, mas a utilização desta matéria-prima já foi evidenciada nos conjuntos líticos do Vale do Côa (Mangado Llach, 2002; Aubry & *alii*, 2016). É provável que, tanto as silificações hidrotermais do tipo J7 como o siltito ferruginoso L2, estejam disponíveis em afloramentos mais próximos do Vale do Vouga⁵ mas, de momento, apenas conhecemos afloramentos destes materiais na Beira Alta.

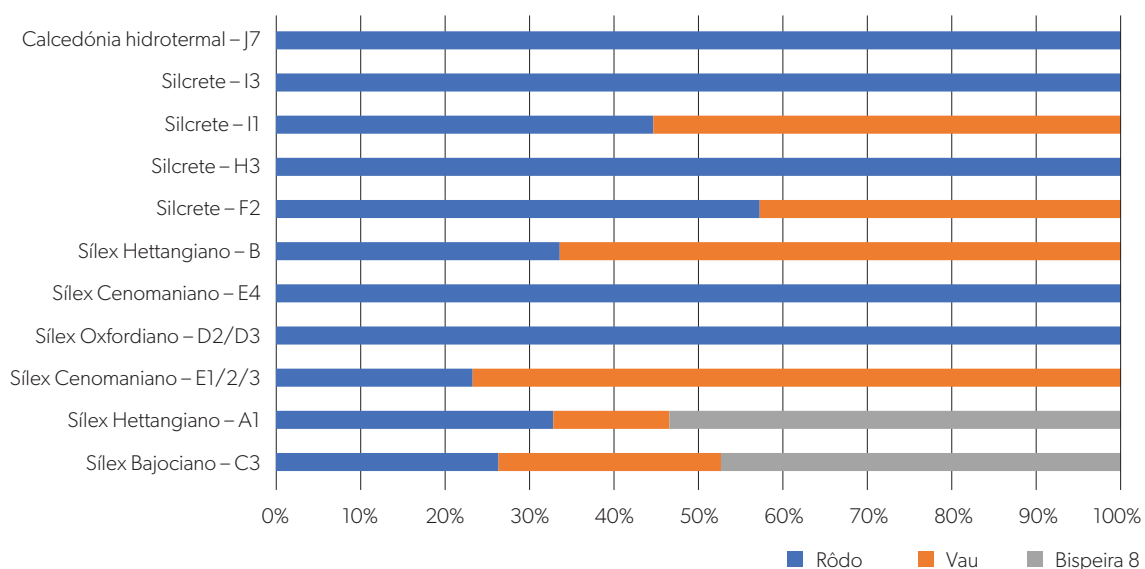


Figura 18 – Proporção da utilização das diferentes silificações nos três sítios arqueológicos do Vale do Vouga (Nota: no caso do Rôdo foi considerado o material proveniente da UE006 e para o Vau, apenas foi considerado o material proveniente da UE003).

O faseamento crono-cultural do Magdalenenense tem sido definido com base na tipologia das armaduras. Genericamente, este tecno-complexo, caracteriza-se por uma indústria orientada na produção de lascas e lamelas, pela ausência de uma debitage laminar, pela miniaturização da utensilagem e pelo aproveitamento exaustivo das matérias-primas. O objetivo principal da debitage é a produção de lamelas e as armaduras apresentam uma tipologia diversificada. Os modos de debitage destes suportes baseiam-se em esquemas de

produção cuidados, ainda que simples, sem investimento de preparação e manutenção e tirando partido das morfologias iniciais dos volumes. Como já foi possível descrever, algumas destas características estão presentes nestes três sítios arqueológicos (Tabela 4).

⁵ No âmbito do projecto PALEORESCUE (PTDC/HAR-ARQ/30779/2017) será empreendida uma prospeção direccionada para a identificação deste tipo de matérias-primas na região.

	Rôdo UE003 / UE006	Vau UE003 / UE005	Bispeira 8 UE4 / UE5
Tipo- -tecnologia	<ul style="list-style-type: none"> Utilização sistemática de núcleos sobre lasca: «tipo raspadeira» ou «tipo buril» e debitagem bipolar sobre bigorna Lamelas de dorso marginal Ponta de dorso curvo Micrólitos geométricos 	<ul style="list-style-type: none"> Alguns esquemas de produção apresentam semelhanças com os presentes no Rôdo Algumas dúvidas em função da perturbação do topo da sequência sedimentar Ponta de <i>Teyjat</i> ou de <i>Ahrensburg</i>; microgravettes? Micrólitos geométricos 	<ul style="list-style-type: none"> Conjunto artefactual muito reduzido e incharacterístico Episódio de curta duração?
Datações radiométricas	13 880 – 13 430 Cal BC ~9 000 Cal BC	9 260 – 9 120 Cal BC	11 760 – 11 720 Cal BC 11 680 – 11 430 Cal BC
Atribuição crono-cultural	<ul style="list-style-type: none"> Magdalenense médio/superior? Magdalenense Final Azilense 	<ul style="list-style-type: none"> Magdalenense médio/superior? Mesolítico antigo 	<ul style="list-style-type: none"> Magdalenense Final

Tabela 4 – Síntese comparativa das características das ocupações datadas dos tardiglacial do Rôdo, Vau e Bispeira 8.

No caso do Rôdo, podemos ainda acrescentar o baixo índice de transformação em utensílios; a expressiva percentagem de utensilagem comum (lascas de retoque atípico, entalhes, denticulados e raspadores) e macro-utensílios; a importância da debitagem sobre aresta de lasca (tipo buril ou raspadeira carenada) como estratégia para produzir suportes lamelares; e a presença de debitagem bipolar para a produção de lamelas e/ou pequenas lascas. A utensilagem lamelar é pouco característica e a maioria encontra-se fragmentada, não sendo possível reconstituir a morfologia e morfometria das peças. No entanto, não foram identificadas microgravettes. A data de radiocarbono obtida para o NA1 da UE 006, 13 050 ±40 BP (15 832-15 383 cal BP) enquadra-se na cronologia definida para o final do Magdalenense médio (ainda mal caracterizado em Portugal) ou para o início do Magdalenense superior. No entanto, a tipologia das lamelas de dorso marginal é coerente com o que conhecemos para o Magdalenense final. As características tipo-tecnológicas do Magdalenense final sobrepõem-se parcialmente às existentes durante o Magda-

lenense superior: numerosos utensílios de fundo comum, juntamente com raspadeiras unguiformes e aliadas à presença de uma variabilidade da utensilagem lamelar e debitagem sobre aresta de lasca (raspadeiras carenadas e buris). Por essa razão, e na ausência de uma análise espacial, não podemos descartar a hipótese de uma ocupação mais antiga, numa zona bem delimitada da plataforma e associada à data de 13 050 ±40 BP (15 832-15 383 cal BP).

Recentemente foi defendida a utilização do termo Azilense para as ocupações do Dryas III do Vale do Côa (Aubry & *alii*, 2017), ou seja, para o equivalente designado por Magdalenense final fácies Carneira (Zilhão, 1997). A identificação na UE003 do Rôdo de uma ponta de dorso curvo ou ponta Azilense (Figura 8-D) e de alguns pequenos segmentos/lamelas de dorso curvo pode ser interpretada como elemento para supor a continuidade da utilização deste espaço durante o Azilense recente.

A perduração dos caracteres tecno-culturais comuns dificulta a integração crono-cultural de um conjunto lítico, reduzido e não diagnóstico, como o recolhido na Bispeira 8. É possível que parte dos

materiais recolhidos na UE002 (coluvião de cobertura) seja de cronológica pleistocénica, nomeadamente: as raspadeiras (uma unguiforme e outra raspadeira espessa), a lamela de dorso duplo em sílex Bajociano (C3) e os núcleos bipolares sobre bigorna (um em sílex do Cenomaniano, um em sílex do Bajociano e outro em sílex não identificável por estar queimado). O material recolhido, nas duas estruturas em negativo, com datas Pleistocénicas (Estrutura 1 – 13 709 cal BP e Estrutura 2 – 14 4045-13 735 cal BP) é constituído por: duas lascas de quartzito (UE004) e um núcleo para lascas em quartzito, um núcleo para lascas em quartzo, duas lascas de quartzo e uma lasca de quartzito (UE005). A informação tecnológica e cultural é muito reduzida. Estes elementos apenas permitem inferir o padrão e funcionalidade da ocupação, uma vez que, muito provavelmente, estes materiais documentam a utilização expeditiva de matérias primas locais no quadro de uma ocupação de curta duração durante a cronologia atribuível ao Magdalenense Final.

Como já anteriormente referimos, não podemos descartar a hipótese de no sítio arqueológico do Vau ter ocorrido uma breve ocupação durante o Tardiglaciário. Algumas lamelas de dorso marginal, algumas das microgravettes e uma peça atípica, com um incipiente pedúnculo, interpretada como uma ponta de *Teyjat* ou de *Ahrensburg*, isso sugerem. A ausência de armaduras típicas do Azilense (a saber, pontas de dorso curvo ou pontas azilenses) ou do Laboriense (pontas de *Malaurie*), que coexistem em contextos contemporâneos das pontas de *Teyjat* ou *Ahrensburg*, deixa a questão em aberto.

6. CONCLUSÕES E PERSPETIVAS FUTURAS

O conjunto de matérias-primas identificadas nos sítios do Vouga remete para uma área de aprovisionamento que engloba a Estremadura. É possível também que, no caso do Rôdo, estejam presentes silicificações provenientes da Beira Alta (L2 e J7) e, a eventual presença de silcreto lacustre da formação de Paramos (Miocénico), expande esta área de aprovisionamento de silicificações à região de Valla-

dolid. Confirmando-se estas hipóteses, é de destacar que o padrão de mobilidade registado no conjunto das três estações é próximo do identificado nos sítios do Vale do Côa (Mangado Llach, 2002; Aubry & Mangado Llach, 2003, 2006; Aubry, Mangado Llach & Sampaio, 2009; Aubry & *alii*, 2004, 2016). No entanto, se nos sítios do Vale do Côa, e do Vale do Sabor (Gaspar & *alii*, 2016), a percentagem de sílex e silcreto é sistematicamente inferior a 2% do total das matérias-primas, nos sítios do Vale do Vouga esta percentagem é sempre superior a 6%. Os dados do nível de base do Vau, mostram uma maior percentagem de sílex e silcreto (Manzano & *alii*, neste volume) e a sua comparação com ocupações mais recentes do Vau, Rôdo e Bispeira 8 é semelhante ao padrão identificado no sítio da Cardina (Vale do Côa), onde, ao longo da mesma sequência estratigráfica, se verificou uma diminuição da percentagem de uso do sílex e do silcreto desde o Paleolítico superior antigo até ao Tardiglaciário (Aubry & *alii*, 2016). Face a esta profusa rede de abastecimento de matérias-primas, é de considerar que os sítios do Vouga estariam inseridos numa rizomática rede de circulação de pessoas, bens materiais e ideias que se teria desenvolvido desde a Meseta espanhola à Estremadura portuguesa, na qual os sítios de arte rupestre do Vale do Côa poderiam ter funcionado como polo de agregação (Santos, 2019). No cenário social de reunião proporcionado pela arte do Côa, pode admitir-se a troca de matérias-primas, o que explica a sua disseminação a escalas supra-regionais. Também neste contexto de negociação, é de considerar a possibilidade de o Vale do Vouga, localizado entre o Côa e a Estremadura, ter sido utilizado como um dos itinerários no quadro da mobilidade supra-regional destas comunidades. Em suma, a análise das fontes de aprovisionamento de matérias-primas é indicativa de um quadro de relações supra-regionais que sugere um elevado grau de complexidade social e territorial, cuja discussão excede os propósitos deste texto.

No Rôdo, a utensilagem lamelar é pouco característica e a maioria encontra-se fragmentada, mas, não foram identificadas microgravettes. A julgar

pela sua presença na camada 4 da Lapa dos Coelhoos (Almeida & *alii*, 2004; Gameiro, 2012; Gameiro, Davis & Almeida, 2017; Gameiro, 2018), as microgravettes, estarão presentes pelo menos durante o Magdalenense superior. No sítio arqueológico do Olival Fechado (Alcobaça) está documentada uma produção de pontas de dorso ou microgravettes, que coexistem com lamelas de dorso marginal, cujos suportes são obtidos a partir de núcleos sobre lasca, de tipo buril (Silva, 2003). Os materiais da UE006, podem ser atribuídos ao Magdalenense final, provavelmente enquadráveis na fácies Rossio do Cabo, denominada por J. Zilhão (1997). Esta fase foi identificada no Rossio do Cabo, Pinhal da Carneira, C3 da Lapa dos Coelhoos (Almeida & *alii*, 2004; Gameiro, 2012) e Camada F da Lapa do Picaireiro (Bicho & *alii*, 2000; Bicho & Haws, 2012). As pontas de dorso curvo, ou pontas Azilenses (como a recuperada na UE003 do Rôdo) estão já presentes nos Alpes e no Jura antes de 12 900 cal BP e os pequenos segmentos típicos do Laboriense aparecem antes de 12 500 cal BP no SW da França e durante a segunda metade do GS1 em Ruien na Bélgica, no locus 25 do Closeau, por exemplo (Mével, 2017). Em Portugal a definição cronológica possível é ainda incipiente, mas estas peças parecem aparecer em contextos posteriores ao início do Dryas III (Aubry & *alii*, 2017).

Nos sítios do Vale do Vouga, comparativamente aos situados no Vale do Côa, podemos identificar algumas semelhanças com os materiais da camada 4 do Fariseu e da base da camada 3 da Quinta da Barca Sul, onde também está documentada a utilização de cristais de rocha. Nos contextos do Vale do Côa, a debitage sobre aresta de lasca nunca foi identificada com a mesma proporção de outros sítios situados na Estremadura portuguesa (Gameiro, 2012; Gameiro, Aubry & Almeida, 2013). Este facto pode ter relação com o tipo de matérias-primas utilizadas (sobretudo quartzo), mas provavelmente poderá ser explicado pela exaustão dos volumes, que frequentemente terminam em debitage bipolar sobre bigorna, sendo difícil antever outro tipo de estratégia de debitage utilizada numa fase an-

terior (núcleo prismático ou debitage sobre aresta de lasca por exemplo).

No âmbito de trabalhos de arqueologia preventiva levados a cabo na região de Leiria foram identificados dois sítios de ar livre atribuídos à fase final do Magdalenense ou ao Epipaleolítico: Cortes e Telheiro da Barreira (Andrade, Matias & Garcia; 2010-2011). A inexistência de datações absolutas, a juntar ao facto de se tratar de pequenos conjuntos líticos, não permite uma atribuição cronológica segura, mas o padrão de ocupação do território, mais uma vez, indica permanências curtas, tal como o verificado para o sítio da Bispeira 8.

Algumas lamelas de dorso marginal, algumas das microgravettes e uma peça atípica, com um incipiente pedúnculo, interpretada como uma ponta de *Teyjat* ou de *Ahrensburg* sugerem uma breve ocupação durante o Tardiglacial no Vau. Em França estas peças perduram em contextos do Pré-boreal, onde coexistem com pontas de Malaurie e de Blanchères, por exemplo, em La Fosse (Naudinot & Jacquier, 2009). As microgravettes existem em contextos do Magdalenense Superior na fachada atlântica da península Ibérica (Zilhão, 1997; Gameiro, 2012), mas também estão presentes no Epimagdalenense do Mediterrâneo Ibérico (Roman, 2015).

A identificação e escavação destes três sítios arqueológicos, situados no Vale do Vouga, permitiu obter novos elementos para uma melhor documentação das fases finais do Paleolítico (Magdalenense superior/final e Azilense). Apresentámos uma panorâmica geral que materializa uma primeira abordagem a estes sítios. Será necessário completar o trabalho de prospeção por forma a esclarecer questões em aberto relativamente às fontes de matérias-primas. Futuramente será oportuno proceder a uma análise cuidada da repartição horizontal e vertical dos vestígios líticos lascados ou alterados termicamente e dos outros elementos pétreos para averiguar a existência de algumas áreas com uma melhor preservação. Apenas foram empreendidos esforços para efetuar remontagens líticas sistemáticas na coleção do Vau e a análise destes dados está em curso. A dimensão da área escavada e a quanti-

dade de material lítico recolhido no Rôdo e no Vau justificam um trabalho de análise espacial mais detalhado, que não foi ainda possível desenvolver.

AGRADECIMENTOS

O trabalho relativo à proveniência das matérias-primas, foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto O Paleolítico Superior e a Arqueologia Preventiva em Portugal: desafios e oportunidades (PTDC/HAR-ARQ/30779/2017).

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Francisco; ANGELUCCI, Diego; GAMEIRO, Cristina; CORREIA, José; PEREIRA, Teresa (2004) – Novos dados para o Paleolítico Superior final da Estremadura Portuguesa: resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos de 1997-2003 na Lapa dos Coelhos (Casais Martanes, Torres Novas). *Promontoria*. Faro. 2:2, pp.157-192.
- ANDRADE, Marco; MATIAS, Henrique; GARCIA, Maria (2010-2011) – Under Pressure. Remontagens de pedra lascada no contexto de intervenções de emergência: o exemplo dos sítios do Tardiglaciar na área de Leiria. *Arqueologia & História*. Lisboa. 62-63, pp.39-50.
- AUBRY, Thierry (ed.) (2009) – *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa:IGESPAR (Trabalhos de Arqueologia 52).
- AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; MANGADO LLACH, Javier; LUÍS, Luís; MATIAS, Henrique; PEREIRO, Tiago (2016) – Upper Palaeolithic lithic raw material sourcing in Central and Northern Portugal as an aid to reconstructing hunter-gatherer societies. *Journal of Lithic Studies* 3(2). doi:10.2218/jls.v3i2.1436
- AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; SANTOS, André; LUÍS, Luís (2017) – Existe azilense em Portugal? Novos dados sobre o Tardiglaciar e o Pré-Boreal no Vale do Côa. In ARNAUD, A.-MARTINS, A. (Coord.) – *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp.403-418.
- AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; MANGADO LLACH, Javier; MATIAS, Henrique (2012) – We will be known by the tracks we leave behind: Exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal). *Journal of Anthropological Archaeology* 31(4). pp. 528-550.
- AUBRY, Thierry; MANGADO LLACH, Javier; MATIAS, Henrique (2014) – Matérias-primas das ferramentas em pedra lascada da Pré-história do Centro e Nordeste de Portugal. In DINIS, P.; GOMES, A.; MONTEIRO-RODRIGUES, S. – *Proveniências de Materiais Geológicos*, Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário. pp. 165-192.
- AUBRY Thierry; MANGADO LLACH, Javier; FULLOLA, Jose Maria; ROSSEL, Louis; SAMPAIO, Jorge (2004) – The raw material procurement at the Upper Palaeolithic settlements of the Côa Valley (Portugal); new data concerning modes of resource exploitation in Iberia. The Use of Living Space in Prehistory, papers from a session at the E.A.A. 6th Annual Meeting, Lisbon 10-17 September 2000, B.A.R. International Series 1224, pp. 37-50.
- AUBRY, Thierry & MANGADO LLACH, Javier (2003) – Modalidades de aprovisionamento em matérias-primas líticas nos sítios do Paleolítico Superior do Vale do Côa: dos dados à interpretação. In MATEUS, José.; MORENO-GARCIA, Marta (eds) – *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da cultura*. Lisboa: IPA (Trabalhos de Arqueologia 29), pp. 340-342.
- AUBRY, Thierry & MANGADO LLACH, Javier (2006) – The Côa Valley (Portugal). From lithic raw materials characterization to the reconstruction of settlement patterns during the Upper Palaeolithic. In: BRESSY, C., BURKE, A. ; CHALARD, P.; MARTIN, H. dir. – *Notions de territoire et de mobilité. Exemples de l'Europe et des premières nations en Amérique du Nord avant le contact européen*. Actes de sessions présentées au X^e congrès annuel de l'E.A.A. (Lyon, 8-11-09-2004). Liège: ERAUL (116), pp. 41-49.
- AUBRY, Thierry; MANGADO LLACH, Javier; SAMPAIO, Jorge (2009) – Estudo do aprovisionamento em matérias-primas. In AUBRY, Thierry (ed.) – *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa:IGESPAR (Trabalhos de Arqueologia 52), pp. 131-169.
- AUBRY, Thierry; ZILHÃO, João; ALMEIDA, Francisco; FONTUGNE, Miguel (1998) – Production d'armatures microlithiques pendant le Paléolithique supérieur et le Mésolithique au Portugal. *Actas del II Congreso de Arqueologia Peninsular, Zamora*, pp. 259-272.
- BICHO, Nuno & HAWS, Jonathan (2012) – The Magdalenian in central and southern Portugal: Human ecology at the end of the Pleistocene, *Quaternary International* 272-273, pp. 6-16.
- BICHO, Nuno; HOCKETT, Brian; HAWS, Jonathan; BELCHER, William (2000) – Hunter-gatherer subsistence at the end of the Pleistocene: preliminary results from Picareiro cave, Central Portugal. *Antiquity*, pp. 500-506.
- BRACCO, Jean-Pierre (1997) – L'utilisation du Quartz au Paléolithique Supérieur: quelques réflexions techno-économiques. *Préhistoire et Anthropologie Méditerranéennes*. 6, pp. 285-288.
- BRACCO, Jean-Pierre; MOREL, Philippe (1998) – Outillage en quartz et boucherie au Paléolithique supérieur: quelques observations expérimentales. In *Économie Préhistorique: les com-*

portements de subsistance au Paléolithique. XVIII^e Rencontres internationales d'Archéologie et d'Histoire d'Antibes. Sophia Antipolis: Éditions APDCA, pp. 387-395.

FUERTES PRIETO, Natividad; NEIRA-CAMPOS, Ana; FERNÁNDEZ-MARTÍNEZ, Esperanza; GÓMEZ-FERNÁNDEZ, Fernando & ALONSO-HERRERO, Eduardo (2014) – “Mucientes chert” in the Northern Iberian Plateau (Spain). *Journal of Lithic Studies*, 1(1), p. 117-135. doi:10.2218/jls.v1i1.785.

FORENBAHER, Staso (1998) – Production and exchange during the Portuguese Chalcolithic: the case of bifacial flaked stone industries. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 55:2, pp. 55-71.

FORENBAHER, Staso (1999) – *Production and exchange of bifacial flaked stone artifacts during the Portuguese Chalcolithic*. Oxford: Archaeopress.

FORENBAHER, Staso (2006) – Lithic production at Casas de Baixo and the prismatic blades of the Portuguese Neolithic. In BICHO, N. (ed.) – From the Mediterranean Basin to the Portuguese Atlantic Shore: papers in honor of Anthony Marks. *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 231-244.

GAMEIRO, Cristina (2012) – *La variabilité régionale des industries lithiques de la fin du Paléolithique Supérieur au Portugal*. [Tese de Doutoramento, Université de Paris I – Panthéon-Sorbonne. Exemplar policopiado].

GAMEIRO, Cristina (2018) – A tecnologia lítica do fim do Tardiglacial no Centro de Portugal: o exemplo do Abrigo 1 de Vale de Covões (Soure), *Ophiussa*, Lisboa, 2. pp. 5-24.

GAMEIRO, Cristina; AUBRY, Thierry; ALMEIDA, Francisco (2013) – A variabilidade regional das indústrias líticas do final do Paleolítico Superior em Portugal. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (Coord.) – *Arqueologia em Portugal – 150 anos*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 277-287.

GAMEIRO, Cristina; DAVIS, Simon; ALMEIDA, Francisco (2017) – A sequência estratigráfica da lapa dos coelhos: funcionalidade e subsistência ao longo do pleistocénico superior no sopé na serra de aire (Portugal). In ARNAUD, José.; MARTINS, Andrea (Coord.) – *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 357-374.

GASPAR, Rita; FERREIRA, João; CARRONDO, Joana; SILVA, Maria João (2016) – The use of quartz during the Upper Paleolithic and Early Mesolithic in Sabor valley (NW Iberia): The Foz do Medal case. *Quaternary International*, 424, pp. 98-112.

GOMES, Sérgio; OLIVEIRA, Lurdes; GAMEIRO, Cristina; MANZANO, Carmen; COSTA, Bárbara; AMEIJENDA; Alicia; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio; GOMES, Alberto; AUBRY, Thierry; MATIAS, Henrique (2020) – Contextos de descoberta e desafios do estudo dos sítios pré-históricos do empreendimento hidro-

eléctrico de Ribeiradio-Ermida, *Arqueologia & História – Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. 70, Lisboa, pp. 97-115.

LE BRUN-RICALES, Foni (2006) – Les pièces esquillées: état des connaissances après un siècle de reconnaissance. *Paleo*, 18, pp. 95-114.

MANGADO LLACH, Javier (2002) – La Caracterización y el Aprovechamiento de los Recursos Abióticos en la Prehistoria de Catalunya: Las Materias Primas Silíceas del Paleolítico Superior Final y el Epipaleolítico. Universidad de Barcelona [Tese de doutoramento policopiada].

MANZANO, Carmen; GAMEIRO, Cristina; GOMES, Sérgio; COSTA, Bárbara; AMEIJENDA; Alicia; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio; GOMES, Alberto; AUBRY, Thierry; MATIAS, Henrique (2020) – A indústria lítica do Gravettense Médio do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares, *Arqueologia & História – Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. 70, Lisboa, pp. 117-133.

MEVEL, Ludovic (2017) – *Des sociétés en mouvement : évolution des sociétés magdaléniennes et aziliennes des Alpes du Nord françaises*. CTHS éditions:Paris.

NAUDINOT, Nicolas & JACQUIER, Jérémie (2009) – Un site tardiglaciaire en place à La Fosse (Villiers-Charlemagne, Mayenne): premiers résultats et implications chrono-culturelles. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 106 (1), pp. 145-158.

ROMAN, Dídac (2015) – La tecnología lítica durante el Magdaleniense en la vertiente Mediterránea de la península Ibérica, *Journal of Lithic Studies*, 2:2. doi:10.2218/jls.v2i2.1422

SANTOS, André Tomás (2019) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Monografias AAP, vol. 10, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

SILVA, Carlos (2003) – *O Olival Fechado no contexto peninsular*. Universidade de Lisboa [Tese de Mestrado policopiada].

SILVA, Fernando Augusto Pereira da (1997) – A Arte Mega lítica da bacia do Médio e Baixo Vouga, *Brigantium (Actas do III Colóquio Internacional de Arte Megalítica)*, A Coruña. 10, pp. 123-148.

Zilhão, João (1994) – A oficina de talhe neo-calcolítica de Casas de Baixo (Caxarias, Vila Nova de Ourém). *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M. Revista Anual da Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego*, 2. pp. 35-46.

ZILHÃO, João (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. Ed. Colibri, Lisboa.

ENSAIANDO INTERPRETAÇÕES PARA A ARTE DE TRANSIÇÃO DO VALE DO SABOR

Sofia Soares de Figueiredo^{1,2,3}, Pedro Xavier¹

¹ Lab2PT – Laboratório de Paisagens, Património e Território – Universidade do Minho, Portugal / sofia.csf@gmail.com

² Laboratório Hércules – Universidade de Évora, Portugal

³ Área de Prehistória – Universidade de Alcalá, Espanha

Resumo

No Vale do Sabor foram revelados inúmeros sítios com grafismos rupestres, adstritos a diferentes cronologias, desde o Paleolítico Superior até ao período Contemporâneo. Dentro dos vários motivos individualizados e caracterizados, detetou-se um conjunto específico que poderá ser atribuído ao período cronológico da transição entre o Pleistocénico e o Holocénico. O conjunto distribui-se por seis rochas dividindo-se em dois grupos. Um primeiro relativo a motivos realizados mediante a incisão fina e, um segundo, onde as figuras foram executadas através da picotagem. Se relativamente ao primeiro grupo temos alguma segurança da sua inserção cronológica no período de transição, o segundo apresenta mais dúvidas. Neste artigo pretendemos descrever as seis rochas, focando posteriormente algumas problemáticas e questões de cronologia.

Palavras-chave: Arte rupestre, Epipaleolítico, Mesolítico, Vale do Sabor, Nordeste de Portugal.

Abstract

In the Sabor valley a large number of rock art sites were discovered, with chronologies ranging from the Upper Palaeolithic till the Contemporary period. Among the many individualized and characterized motifs, a specific set was detected and ascribed to the chronological period of the transition between the Pleistocene and the Holocene. The set of figures can be found in six rocks and divided into two groups. A first group concerns motifs produced through thin incision and, a second group is composed by pecked figures. If regarding the first group we are secure of its chronology, the second group presents more doubts. In this article we aim to describe the six rocks, then focusing their wider problematic and chronology.

Keywords: Rock art, Epipaleolithic, Mesolithic, Sabor valley, Northeast Portugal.

1. INTRODUÇÃO

Em Portugal, investigações sobre grafismos rupestres inseridos cronologicamente no período de transição entre o Pleistocénico e o Holocénico, bem como das primeiras fases deste último, encontram-se ainda por desenvolver de forma sistemática e aprofundada. Nos poucos estudos que se debruçam sobre as expressões rupestres deste período, elas ou são entendidas como o prolongamento final da arte do Paleolítico Superior ou, como o início da arte do Neolítico. Isto é, os motivos são analisados na sua relação com momentos cronológicos anteriores ou, na sua ligação com momentos posteriores, faltando abordagens mais contextuais.

O objetivo deste artigo é dar a conhecer um conjunto de seis rochas gravadas, detetadas no vale do rio Sabor, no Nordeste Transmontano, que poderão ser inseridas no período de transição ou em momentos posteriores, enquadrados no Mesolítico. Os trabalhos foram realizados no contexto da arqueologia de emergência, tendo seguido o Plano de Salvaguarda do Património no âmbito do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor. As seis rochas aqui tratadas foram alvo de levantamentos fotográficos, gráficos, topográficos e, nalguns casos, levantamentos por fotogrametria e Laser Scan.

Para a análise realizada, foram tidos em consideração os motivos figurados e as suas características, a técnica empregue na sua construção, o tipo de painel e rocha onde se encontram bem como a sua localização na paisagem. Após a caracterização e descrição dos grafismos rupestres do vale do Sabor, procuramos estabelecer paralelos com motivos semelhantes do território português, onde se reconhece o Côa como referência fundamental. Para além do Côa, também o vale do Tejo assume uma grande importância, dadas as semelhanças entre os motivos picotados do Sabor e da arte tagana.

Este artigo encontra-se organizado em cinco pontos, referindo-se o primeiro à Introdução. Segue-se um ponto onde procuramos definir os conceitos usados ao longo do trabalho, bem como traçar uma breve historiografia do tema. Num terceiro

momento descrevemos as seis rochas do vale do Sabor, objeto de análise deste trabalho, bem como as metodologias empregues no seu levantamento e descrição. Num quarto ponto apresentamos os resultados do nosso estudo, empreendendo ainda uma discussão sobre os mesmos. Por fim, num último ponto, apresentamos as conclusões possíveis.

2. DEFINIÇÃO DE CONCEITOS E BREVE HISTORIOGRAFIA DO TEMA

Um dos principais problemas com os quais nos deparamos no estudo da transição entre o Pleistocénico e o Holocénico prende-se com alguma confusão terminológica e, também por vezes, cronológica. Relativamente a este último parâmetro, se até recentemente se poderia assumir a data de 10.000 BP (Bicho, 2006, p. 215), atualmente, e levando em consideração todos os indicadores paleoclimáticos, existe uma ampla aceitação da data de 11.600 cal BP (García-Moreiras *et al.*, 2019; Ripoll López *et al.*, 2014, p. 48-57; Walker *et al.*, 2009).

Relativamente à terminologia que se refere à realidade arqueológica situada entre o Magdalense – considerado de forma inequívoca como a última fase do Paleolítico Superior – e o início do Neolítico, foram usados, ao longo da história da investigação na Península Ibérica, uma multiplicidade de termos ligados aos marcos sociais, políticos, ideológicos e institucionais onde as investigações se inseriram (Gallego Lletjós, 2013, p. 77, p. 437). Assim, multiplicaram-se as designações, entre as quais se contam o Mesolítico, o Epipaleolítico, o Tardiglacial, o Pós-Paleolítico ou, ainda, termos que aludem a entidades cronoculturais locais tais como o Tardenoide, o Asturiense, o Azilense, o Sauveterrense, entre outros. Existe, por conseguinte, ainda hoje uma grande ambiguidade e confusão terminológica, onde raramente os investigadores que se debruçam sobre o tema tornam explícitos os critérios selecionados para as designações usadas.

Tentando contrariar esta tendência, sem no entanto querermos aprofundar a nossa postura teórica dada a natureza de “ensaio” deste trabalho, por

questões de clareza de discurso e de forma a definir alguns limites, seguimos o seguinte sistema terminológico: uso do termo Mesolítico no seu sentido amplo, para referir todos os desenvolvimentos culturais do princípio do Holocénico e prévios às primeiras evidências neolíticas, restringindo o uso da designação de Epipaleolítico às evidências do Tardiglaciário, posteriores ao Magdalenense (Epipaleolítico em sentido restrito) (Gallego Lletjós, 2013, p. 436).

O conceito de Mesolítico foi introduzido por Hodder Westropp, na segunda metade do século XIX, para definir o período entre o Paleolítico e o Neolítico, a partir do quadro cronológico estabelecido por Lubbock (e.g., Westropp, 1872). Não obstante, a sua aceitação e adoção só se consolidou no início do século XX. Foi também no início do século XX que surgiu o termo Epipaleolítico, com origem nos estudos escandinavos de Pré-História, tendo sido a partir dos anos cinquenta adotado pela escola francesa (Gallego Lletjós, 2013, p.77).

Independentemente da terminologia usada, e até muito recentemente, este período foi entendido como uma fase de decadência, definindo-se em termos negativos como um intervalo temporal onde não existiam as manifestações artísticas do paleolítico superior, não existia a cerâmica ou a domesticação do Neolítico e, não se encontrava a indústria óssea do Paleolítico.

Em Portugal, e ao contrário da maioria das regiões peninsulares, a descoberta dos concheiros de Muge no século XIX, suscitou um grande interesse por parte dos pré-historiadores, tornando-se Portugal numa das principais áreas de estudo do Mesolítico europeu (Cardoso, 2007, p. 151). No entanto, a pesquisa até aos anos 80 do século XX centrou-se exclusivamente no fenómeno dos grandes concheiros do Tejo-Muge e, posteriormente, nos do Sado, limitando-se muito a investigação em termos espaciais e temporais (Gallego Lletjós, 2013, p. 393). Ainda de acordo com Araújo, (2016, p. 10), no que se refere ao Mesolítico português (ca 11500 – ca 7000 cal BP), houve um maior investimento no conhecimento do Mesolítico recente (ca 8300 – ca 7000 cal BP), associado às comunidades que ante-

cederam os primeiros pastores e agricultores, que na investigação do Mesolítico antigo (ca 8300 – ca 7000 cal BP), considerado muitas vezes como um mero prolongamento do modo de vida paleolítico em tempos pós-glaciares. Não obstante, e de acordo com a mesma autora (*idem, ibidem*), as respostas culturais dadas pelas comunidades Mesolíticas justificam uma separação clara dos tempos Paleolíticos.

No que concerne os estudos de grafismos rupestres do Epipaleolítico e Mesolítico, se até finais do século XX era defendido um *hiatos* rupestre para este período na Península Ibérica (e.g., Jordá, 1984), a partir sobretudo dos inícios dos anos 90 e com maior vigor ainda no século XXI, surgiram diversos trabalhos que vieram contrariar a imagem deste vazio. Destes, destacam-se os trabalhos de Bueno Ramirez e colaboradores na Península Ibérica (e.g., Bueno Ramírez, 2016; Bueno Ramírez, Balbín Behrmann, & Alcolea González, 2008; Bueno Ramírez, Balbín Behrmann, & Barroso Bermejo, 2012) e, em Portugal, os trabalhos de Gomes e Baptista (Baptista, 1999, 2009, Gomes, 2002, 2010), bem como, mais recentemente, os nossos e os de Sanches e Teixeira para o Nordeste transmontano (e.g. Figueiredo, 2017; Figueiredo *et al.*, 2016; Figueiredo *et al.*, 2014; Sanches & Teixeira, 2014; Teixeira, 2016; Teixeira & Sanches, 2017) e, os de Santos e coautores para a área do Vale do Côa (e.g. Aubry *et al.* 2017; Santos, 2017; Santos *et al.*, 2018). Não obstante, e tal como já foi referido para outros estudos focados no Mesolítico, também no estudo dos grafismos rupestres as investigações tendem a ligar os grafismos a um prolongamento do Paleolítico ou, a um antecedente do Neolítico. A ambiguidade terminológica usada pela maioria dos autores, onde por vezes nos incluímos, dificulta também a construção de um quadro claro.

3. AS ROCHAS DO VALE DO SABOR

O vale do rio Sabor localiza-se no Nordeste de Trás-os-Montes, no distrito de Bragança, correndo de Norte para Sul. Para montante, o vale apresenta grandes desníveis, na ordem dos 800 metros, entre

o rio Sabor e os planaltos que dominam a paisagem. Para jusante, e já no seu troço final, o rio encaixa-se no vale da Vilariça, indo desaguar na margem direita do rio Douro. Entre 2010 e 2015, com a construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor, foram realizados vários trabalhos arqueológicos que puseram a descoberto vestígios de ocupação humana do vale desde o paleolítico até ao período contemporâneo. (e.g. Dordio *et al.*, 2015).

No contexto destes trabalhos, foram identificados e estudados grafismos gravados, distribuídos por seis rochas que se poderão enquadrar no Epipaleolítico e Mesolítico. Uma vez que a sua descrição e estudo aprofundado se encontram disponíveis em diferentes relatórios bem como em vários artigos ou livros publicados (e.g. Figueiredo, 2017; Figueiredo *et al.*, 2016, 2014; Silva, Xavier, & Figueiredo, 2016; Teixeira, 2016), iremos de seguida fazer uma breve descrição dos mesmos. As três primeiras rochas descritas referem-se aos motivos incisos e, as três últimas, às figuras picotadas.

3.1. A Rocha 7 de Pedra de Asma

A Rocha de Pedra de Asma 7 localiza-se na margem direita da Ribeira de Pedra de Asma, afluente da margem esquerda do Rio Sabor. Neste tramo, o vale deste pequeno curso de água caracteriza-se pelas encostas bastante acentuadas, dificultando o acesso à rocha gravada. O afloramento em xisto, a pouca distância do leito da ribeira, não se destaca na paisagem face às demais rochas (Figueiredo *et al.*, 2016, 2014).

Na zona central da rocha observa-se uma pequena área semi-protegida, onde se encontram os três painéis gravados. No âmbito deste trabalho, centramos atenções no denominado painel A, o qual concentra um total de vinte motivos. A superfície é vertical e plana, ainda que bastante fissurada, orientada a Noroeste.

Foram identificados três momentos de gravação, dois dos quais associados a tempos históricos e, um terceiro, remetendo para uma cronologia pré-histórica. Nas gravações mais recentes, predomina a temática alfabética, efetuada através de incisão

ténue. Relativamente às representações mais antigas, e ainda que prevaleçam as não-figurativas formadas por conjuntos de traços dispersos em várias direções efetuadas através de incisão fina, ganha particular preponderância a gravação de um capríneo (*Capra pyrenaica*), enquadrado cronologicamente no Epipaleolítico.

É de destacar o seu esbatido formalismo naturalista e o emprego da incisão de traço múltiplo, para o preenchimento do corpo, de morfologia fusiforme (linhas horizontais), como para o da cabeça (linhas verticais). As suas dimensões são diminutas, contando com 7,69 de comprimento por 10,68 de largura (Figura 1).

3.2. A Rocha 11 de Pedra de Asma

A rocha de Pedra de Asma 11 posiciona-se na mesma encosta e margem que a Rocha de Pedra de Asma 7, ainda que um pouco mais a jusante, sensivelmente a meia-encosta. Apresenta como dimensões 68,2 cm de comprimento, 45,6 cm de largura e 26,0 cm de profundidade.

Tal como no caso anterior, é uma zona de difícil acessibilidade, resultante do declive bastante pronunciado da encosta. O único painel gravado registado nesta fraga de xisto encontra-se também numa área semi-protegida, de inclinação sub-horizontal. A sua morfologia é plana e globalmente lisa. Tanto o painel como os motivos caracterizam-se pelas suas pequenas dimensões, aspeto que dificulta o reconhecimento das representações.

O dispositivo iconográfico é composto por cinco motivos, três de tipologia linear e dois escalariformes (Figura 2). Ainda que conhecidos pela sua diacronia, estes tipos de representações encontram-se no contexto de arte ao ar-livre, como por exemplo no vale do Côa, associados a motivos zoomórficos das fases finais do Magdalenense (e.g. Baptista, 2009), podendo, dessa forma, ser contemporâneos do zoomorfo da primeira fase de gravação da Rocha de Pedra de Asma 7.

A única técnica de execução presente é a incisão, profunda, com uma pátina acentuada. As dimensões são pouco expressivas, sendo 33 cm de

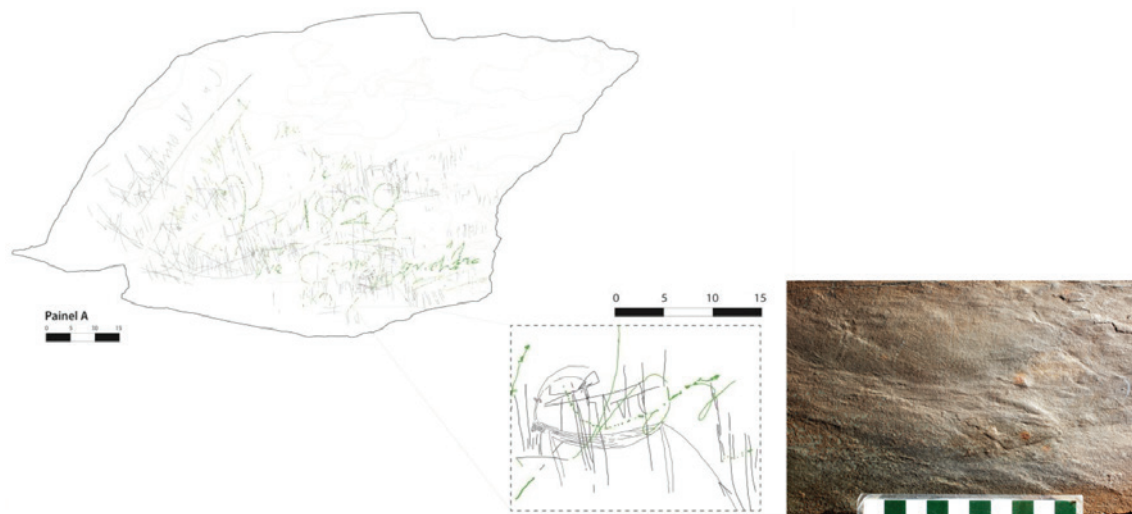


Figura 1 – Levantamento gráfico e fotográfico do zoomorfo Rocha de Pedra de Asma 7.



Figura 2 – Levantamento gráfico e fotográfico do painel e motivos da Rocha de Pedra de Asma 11. As setas assinalam os dois escalariformes.

comprimento por 20 cm de largura para o escalariforme que constitui o Motivo 3 e de 6,25 cm de comprimento por 15,83 cm de largura para o seu semelhante materializado no Motivo 4.

3.3. Rocha da Ponte do Sabor

Ainda no apartado de rochas onde a técnica de incisão se assume como dominante ou mesmo exclusiva, refere-se agora a Rocha da Ponte do Sabor. É uma rocha em xisto, na margem esquerda do Rio Sabor, em local próximo tanto da confluência com a Ribeira da Vilarça, bem como com a própria desembocadura no Rio Douro. Caracteriza-se ainda pela sua proximidade para com o leito do rio e pela sua fácil acessibilidade. A sua superfície está

orientada para Oeste. O afloramento é facilmente identificável, dada a escassez de outros exemplares nas imediações.

Nesta rocha identificaram-se dois painéis, A e B, com superfícies planas, regulares e de inclinação sub-vertical. O painel A contém cinco motivos, compostos por conjuntos de linhas diagonais, verticais e até paralelas, executadas através de incisão fina, profunda. As dimensões das representações enquadram-se entre os 3,5 cm e os 31 cm de comprimento e os 2,5 cm e os 33 cm de largura. O painel B, com 119 cm de comprimento por 36 cm de largura, contempla três motivos (Figura 3). Os motivos 2 e 3 são idênticos às representações do painel anterior; quanto ao motivo 1, a organização

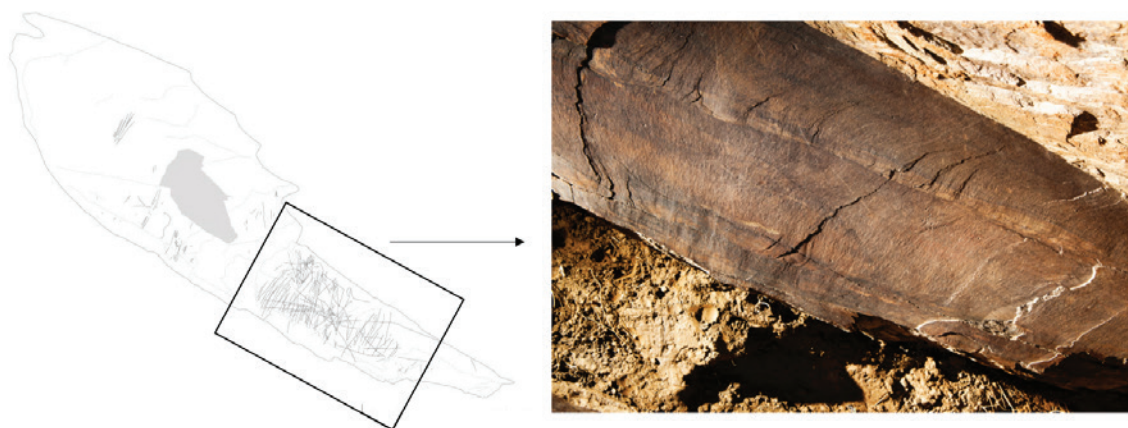


Figura 3 – Levantamento gráfico e fotográfico do Painel B da Rocha Ponte do Sabor.

e disposição dos traços sugerem uma morfologia animalista, com características esquematizadas e formalistas, as quais poderão indicar uma cronologia dentro dos limites temporais do Epipaleolítico. Apresenta pequenas dimensões: 36 cm de comprimento por 66 cm de largura.

Apesar da maioria dos motivos serem abstratos e lineares, a técnica empregue na realização das gravuras bem como a organização dos motivos, apresenta um certo ar de família com as rochas anteriormente descritas para a Ribeira de Pedra de Asma.

3.4. Rocha de Santo Antão da Barca

A rocha de Santo Antão da Barca foi identificada na margem direita do Rio Sabor, defronte do Terraço do Medal, integrando-se numa área com diversos afloramentos xistosos. Posiciona-se junto ao rio, numa antiga zona de passagem do rio, conhecido como o Vau das Laranjeiras, a uma cota bastante baixa e facilmente submersa em fases de subida do caudal. A identificação do afloramento gravado e o seu acesso não apresentam dificuldades – desde que o nível do rio se encontre a uma cota baixa –, facilitados pelas consideráveis dimensões da rocha.

Foram aqui identificados seis painéis gravados, de inclinação sub-vertical, orientados para jusante e nos quais se registaram um total de 29 motivos, entre as quais 5 representações zoomórficas e 24 não-figurativos, essencialmente picotados (dispersos ou em grupo) e covinhas.

Relativamente aos zoomorfos, que corresponderão a corços ou cervas, representados em perspetiva lateral e orientados para montante do rio, distribuem-se por dois painéis, A e C. No painel C, verificam-se quatro das cinco representações animalistas, sendo que três se organizam num pequeno grupo, provavelmente matriarcal, composto por fêmea adulta, a sua filha e neta ou filha do ano anterior (Figura 4). Destes, há uma figuração que se destaca pela concentração do picotado no interior do corpo na zona do ventre, conferindo profundidade e volumetria e sugerindo a representação de uma fêmea em período de gestação. Aceitando esta composição como um grupo de fêmeas em período de gestação, e uma vez que as crias nascem entre Maio e Junho, estas representações reportam a um episódio primaveril. As restantes duas representações zoomórficas encontram-se isoladas, sendo que, no caso do painel A, poderá tratar-se de um jovem macho, tendo em conta a figuração das hastes.

As suas dimensões alternam entre os 20 a 25 cm de comprimento e os 8 a 12 cm de largura. Como mencionado, as representações zoomórficas estão associadas a grupos de picotados; por sua vez, as covinhas registam-se de maneira mais isolada, nos painéis D, E e F (Figueiredo *et al.*, 2016, 2014; Silva *et al.*, 2016).

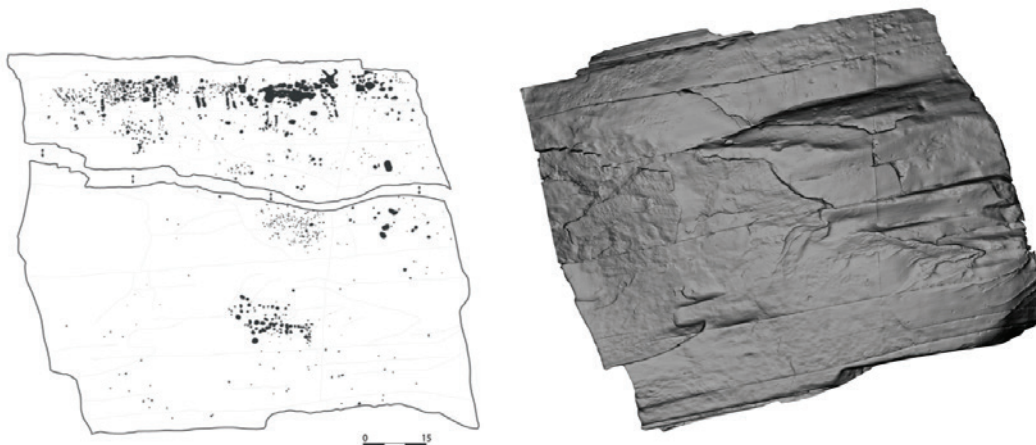


Figura 4 – Levantamento gráfico e Tridimensional por Luz Estruturada e Fotogrametria da Rocha de Santo Antão da Barca.

3.5. Rocha do Veadado do Cabeço do Aguilhão

Um pouco mais a jusante do curso do Rio Sabor, também na margem direita, encontra-se a Rocha do Veadado do Cabeço do Aguilhão. Situa-se perto do leito do rio, sujeita à submersão em fases de maior caudal, ainda que numa incidência menor que a Rocha de Santo Antão da Barca. A identificação da rocha e sobretudo do painel, é facilitada pela sua coloração avermelhada, resultante da oxidação da sua superfície xistosa. Este é de inclinação vertical,

orientado a Sudeste, isto é, para montante do curso do rio. A rocha não revela grandes obstáculos no seu acesso.

Foram aqui identificados seis motivos, sendo que, aquele que é merecedor de um maior destaque se reporta a um veado macho, tendo em conta a representação da armação. Foi representado em perfil, com alguns membros em perspetiva, com as patas e a cornadura bem desenvolvidas, típicas de um macho adulto (Figura 5). Algumas caracte-

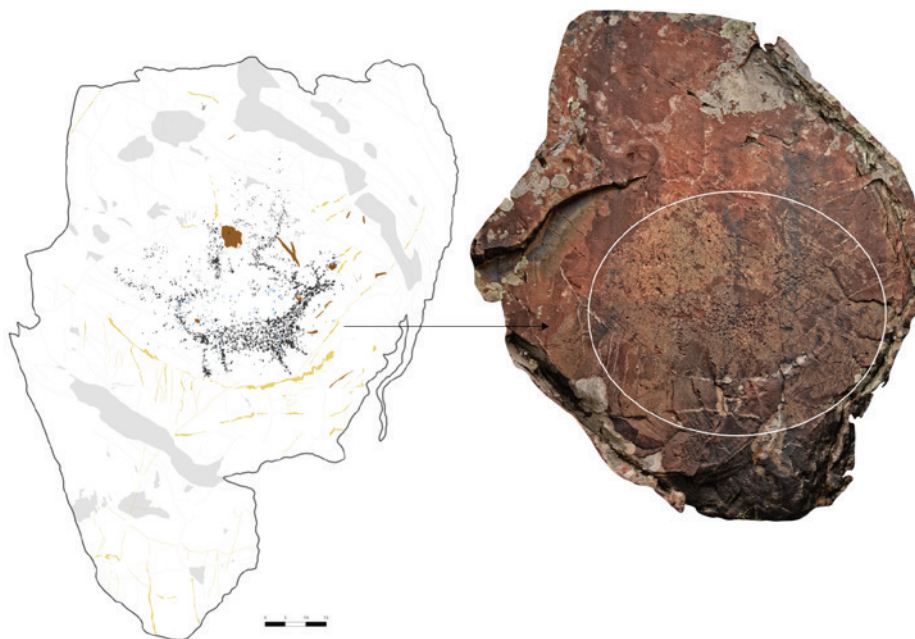


Figura 5 – Levantamento gráfico e Tridimensional por Varrimento Laser Tridimensional e Fotogrametria do Veadado do Cabeço do Aguilhão.

rísticas, tais como um denso picotado na zona do pescoço, patas dianteiras e focinho, a cauda direcionada para cima, o focinho e o pescoço esticado, juntamente com o tamanho da armadura, indiciam uma representação no período da brama, fase de pré-acasalamento entre o fim do Verão e o início do Outono, onde os veados, assumindo uma postura agressiva e de desafio perante os outros machos, constituem e defendem os seus haréns (Figueiredo *et al.*, 2016, 2014; Silva, Xavier, & Figueiredo, 2016). Os restantes cinco motivos são manchas de picotados situados acima do grafismo animalista.

3.6. Abrigo da Parada

Por fim, uma curta referência ao Abrigo da Parada, situado num ponto mais remoto e isolado que os dois afloramentos anteriores. Localiza-se na margem direita do Rio Sabor, a pouca distância do leito, no sopé de uma encosta extremamente íngreme, tornando o acesso bastante custoso.

Além do conjunto de registos afetos à arte rupestre, teve lugar neste abrigo uma escavação arqueológica, uma vez que a base do abrigo se encontrava parcialmente coberta de sedimentos. Ainda que o objetivo principal deste trabalho não tinha sido atingido – a recuperação de evidências que providenciassem uma contextualização cronocultural do dispositivo iconográfico – permitiram a identificação de mais grafismos, nomeadamente covinhas e incisões fusiformes. Assim, no total, foram aqui identificados um total de oito painéis. Entre covinhas, incisões fusiformes e conjuntos de picotados, foram também identificados 6 zoomorfos, entre os quais três capríneos, dois cervídeos e um indeterminado (Teixeira, 2016). Os zoomorfos foram registados nos painéis 2 e 3, situados numa zona mais interior, correspondendo ao limite nordeste do abrigo, em duas superfícies sub-verticais, altamente fraturadas. Os motivos, integralmente executados por picotagem, não assumem grandes dimensões, atingindo um máximo de 30 cm de comprimento. Os restantes painéis apresentam conjuntos de incisões fusiformes e covinhas, com maior representatividade destas últimas e, no painel 5,

um conjunto de incisões, provavelmente de cronologia histórica.

As gravuras animalistas foram enquadrados no Epipaleolítico, apontando como paralelos os conjuntos de Santo Antão da Barca e o Veado do Cabeço do Aguilhão, bem como, as gravuras do grupo II da sequência cronológica defendida por Mário Varela Gomes para a arte do Vale do Tejo. Um dos argumentos para defender esta hipótese prende-se com a circunstância de se encontrarem somente gravados, no capítulo dos zoomorfos, caprídeos e cervídeos, precisamente as duas espécies mais presentes no Epipaleolítico Tagano (Teixeira, 2016, p. 58).

4. METODOLOGIAS

Relativamente às metodologias empregues no levantamento e estudo das rochas apresentadas neste artigo, todas seguiram as diretrizes descritas no Plano de Salvaguarda do Património, documento orientador dos trabalhos desenvolvidos no Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor. O levantamento do Abrigo da Parada foi da responsabilidade de Joana Teixeira, encontrando-se as metodologias empregues no seu levantamento descritas em artigo próprio (Teixeira, 2016). Para as restantes rochas, seguiram-se os procedimentos abaixo descritos.

O registo gráfico foi realizado por decalque direto, de acordo com o estipulado no Plano de Salvaguarda do Património. Nesse sentido, foi aplicado plástico polivinílico transparente nos painéis historiados e decalcados todos os seus componentes (contornos, fissuras, gravuras, etc.), com recurso a canetas de acetato de distintas espessuras e colorações, obtendo-se assim um registo à escala de 1:1. Os plásticos foram, após o decalque digitalizados e todo o trabalho posterior foi realizado com os *softwares Adobe Photoshop e Adobe Illustrator*.

O registo topográfico foi realizado por uma equipa de topografia através de Estação Total e GPS. Os trabalhos compreenderam o levantamento do afloramento de arte rupestre, bem como da respetiva área envolvente. Posteriormente, os dados

foram trabalhados no *software AutoCAD*, sendo apresentados à escala 1:100, tanto em versão planimétrica, como em perfil.

O registo fotográfico foi executado em formato digital com uma resolução superior a 10 megapixels. Nos trabalhos de campo, os levantamentos realizaram-se com o auxílio de iluminação artificial, mais especificamente através de um conjunto de pequenos flashes externos à câmara fotográfica, sincronizados por sistema *wireless*. Desta maneira, obtiveram-se esquemas de luz rasante, os quais permitiram destacar certas particularidades dos painéis gravados. Além dos painéis e respetivos motivos, foi também fotografada a envolvente das rochas.

A edição fotográfica subsequente foi desenvolvida no *software no Adobe Photoshop*.

Das rochas mencionadas neste trabalho, três foram objeto de registo por digitalização 3D, nomeadamente a Rocha de Santo da Barca, o Veado do Cabeço do Aguilhão e o Abrigo de Parada, tendo este último ficado a cargo de Hugo Pires (Teixeira, 2016, p. 62). Para as rochas de Santo Antão da Barca e do Veado do Cabeço do Aguilhão, foram aplicados dois sistemas de varrimento, a saber: o Sistema de Varrimento por Luz Estruturada e Fotogrametria e o Sistema de Varrimento Laser Tridimensional e Fotogrametria. O primeiro utiliza um conjunto de câmaras associadas a uma projeção de padrões de luz projetada por um sensor ativo a um objeto. Através deste sistema é possível alcançar uma geometria 3D muito rigorosa, acrescentada com a obtenção de informação cromática de grande resolução. Estes levantamentos foram realizados através do *scanner* 3D PT-M1600 e a informação processada no *software QTSculptor*.

Quanto ao segundo sistema, o varrimento faz-se através de um feixe laser, emitido pelo sensor intitulado de *laser scanner*. Este dispõe de uma cabeça monitorizada rotativa que, combinada com um espelho também rotativo, permite medições angulares bastante precisas. Neste sistema foi ainda aplicado o sensor passivo de cor de uma câmara digital reflex Nikon 3D, do qual resultou um sistema fotogramétrico terrestre de grande acuidade.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas rochas apresentadas, é evidente a existência de dois grupos distintos. Por um lado, rochas mais afastadas e de difícil acesso com gravuras incisivas de pequena dimensão e, por outro, gravuras mais próximas do leito do rio, de fácil acesso com motivos picotados de maiores dimensões.

Relativamente ao primeiro grupo, materializado pelas três primeiras rochas acima descritas e caracterizado, sobretudo, a partir da representação zoomórfica da Rocha 7 de Pedra de Asma, é no vale do Côa que encontramos os paralelos estilística e geograficamente mais próximos. Referimos nos às figuras incisivas que compõe a Fase 4 do ciclo artístico do vale do Côa, conforme definido por Santos (Aubry *et al.*, 2017; Santos, 2017). Dentro destas, são de assinalar as presentes nas placas de xisto da UE4 da estação arqueológica do Fariseu, datada entre 12.000 e 10.000 PB (Santos, 2012, p. 43). Tratam-se de grafismos figurativos com uma grande homogeneidade, onde se encontram representados preferencialmente cervídeos, mas, também, alguns caprídeos. Caracterizam-se pelo geometrismo das formas, pelo regular preenchimento interno dos corpos, pela ausência de detalhes anatómicos e por dispor, pelo menos, de um par de patas em perfil biangular (Aubry *et al.*, 2017, p. 407; Santos *et al.*, 2018, p. 50).

No que concerne o segundo grupo, a sua concentração no vale do Côa parece diminuir, tanto em número de motivos representados bem como nos núcleos onde figuram, estendendo-se geograficamente para norte e sul do país, tornando-se a suas características mais heterogéneas que no grupo anterior. Assim, é no vale do Tejo que motivos semelhantes assumem uma frequência verdadeiramente expressiva (Gomes, 2010). Mas antes de seguir nessa direção, importa referir a Canada do Inferno no vale do Côa, estação que parece reunir o maior número de animais picotados estilisticamente semelhantes aos por nós tratados, em rochas como a 3, 4, 5, 33, 34 ou 36 (Baptista & Gomes, 1998; Santos, 2017).

Relativamente ao vale do Tejo, a arte da transição integra o Período I, enquanto definido por Gomes, no designado Estilo subnaturalista (Gomes, 2007, 2010). As estações onde este grupo se encontra melhor representado são Fratel, Cachão do Algarve e Lomba da Barca (Gomes, 2010, p. 186). O período I caracteriza-se por representar motivos zoomorfos, maioritariamente cervídeos e caprídeos, com grandes corpos segmentados ou atravessados pela designada “linha de vida” (Gomes, 2010, p. 481). O período II, semi-naturalista constitui o estilo estilizado-estático, e integra-se já em termos cronológicos no Mesolítico e na sua transição para o Neolítico. De acordo com Gomes (Gomes, 2010, p. 484), e tal como no período anterior, encontram-se gravados cervídeos e caprídeos, mas neste caso de dimensões inferiores, com corpos representados em perfil, geometrizados de forma subrectangular ou ovalada, sendo atravessados por várias linhas ou totalmente preenchidos por picotagem.

Voltando para norte, nomeadamente para a região de Trás-os-Montes, revela-se ainda de grande interesse o Abrigo do Passadeiro, dada a representação subnaturalista do veado picotado aí presente, com o corpo segmentado interiormente pelas “linhas de vida” (Sanches & Teixeira, 2014, p. 64).

Regressando ao vale do Sabor e ao ponto de partida desta discussão, pensamos então estar perante dois grupos distintos de gravuras, afigurando-se de grande interesse tanto as suas convergências como divergências. São convergentes os temas figurados e, nalguns casos, os convencionalismos estilísticos. São divergentes as técnicas de gravação, as dimensões e a localização na paisagem. Assim, parece-nos pertinente questionar a contemporaneidade destas manifestações bem como a que grupos humanos se deve a sua presença.

Na sua definição cronológica, vimos já que o grupo de gravuras incisas se encontra melhor delimitado que o segundo, o grupo dos picotados, onde as cronologias são mais amplas. Se no Côa, estudos recentes tem vindo a sugerir uma mesma classe para as figuras estriadas e os grafismos picotados (Santos *et al.*, 2018, p. 57), enquadrando

ambos no período de transição, no Tejo, os cervídeos picotados com características mais ou menos naturalistas integram os períodos I, II e III, entre o Epipaleolítico e o Neolítico pleno (Gomes, 2010, p. 487). Relativamente ao vale do Sabor, e nos vários trabalhos que temos dedicado ao tema (Figueiredo, 2013; Figueiredo *et al.*, 2016, 2014; Silva, Xavier, & Figueiredo, 2016), assumimos que nos é mais fácil uma atribuição cronológica restrita ao Epipaleolítica para as três rochas do primeiro grupo com figuras incisas, que para o segundo grupo com as figuras picotadas. Isso é de resto patente nos discursos que fomos construindo sobre as rochas do Veado do Cabeço do Aguilhão e Santo Antão da Barca, onde as cronologias adstritas resvalam sempre entre o Epipaleolítico e o Neolítico, pendendo para cronologias mais antigas ou recentes dependendo do principal autor do trabalho e da temática abordada. No caso do Abrigo da Parada, as gravuras aí representadas são interpretadas como Epipaleolíticas (Teixeira, 2016, p. 58), ainda que o conceito não esteja bem clarificado podendo, por exemplo, ter sido usado num sentido amplo para fazer referência a todo o período cronológico entre o final do Tardiglacial e o início do Neolítico (e.g. Gallego Lletjós, 2013, p. 435).

A dificuldade (ou facilidade) em identificar semelhanças entre motivos não é decerto estranha a quem quer que trabalhe com grafismos rupestres, sendo que diferentes autores (com diferentes olhos) produzem distintas analogias entre motivos. Assim, e a título de exemplo, podemos mencionar as pinturas da Faia, no vale do Côa, nomeadamente nas rochas 1 e 3, onde alguns autores lhes sublinham as semelhanças com os motivos estriados Tardiglaciares (Santos *et al.*, 2018, p. 56), outros veem as suas parecenças com a arte pintada megalítica (Gomes, 2002, p. 177). Esta questão é de resto, também ela muito interessante, uma vez que adicionando as figuras pintadas às estriadas e às picotadas, este mundo se complexifica ainda mais. Na nossa análise aos cervídeos das rochas do Veado do Cabeço do Aguilhão e Santo Antão da Barca, conseguimos reconhecer semelhanças com as representações

pintadas do Forno da Velha, da Fraga d'Áia e da Orca dos Juncais, estas duas últimas datadas entre o V e III milénio a. C. (Sanches, 2009). Mas, estabelecemos também paralelos com a arte do vale do Tejo, nomeadamente das figurações adstritas ao Período II e III, relativos ao Mesolítico e Neolítico. No estudo empreendido por Sanches e Teixeira no Abrigo do Passadeiro, o veado aí representado foi afastado dos zoomorfos pintados dos monumentos megalíticos da Beira Alta (Sanches & Teixeira, 2014, p. 68), conectando-se antes com as figurações do Período I do vale do Tejo, sendo a representação do Cachão do Algarve Cal60 um excelente exemplo (Gomes, 2007, p. 94).

Pelo que atrás expusemos, e de forma a afinar as cronologias, pensamos que o grupo de figuras picotadas carece de uma melhor caracterização, que leve em conta não só os convencionalismos estilísticos mas, também, as dimensões dos motivos, as suas associações, as características dos suportes e as suas relações com a paisagem.

As figuras estriadas, apresentam, por exemplo, dimensões bastante inferiores às figuras picotadas. Este fator poderia estar ligado à visibilidade ou ao acesso que se pretendia que as gravuras tivessem. Também interessantes são as suas relações tanto de ausência como de presença com outras tipologias de motivos. Assim, para além das relações estabelecidas com motivos pintados, será também importante aferir as suas ligações com figuras antropomorfas, bem como com outros motivos de carácter mais abstrato, como os motivos circulares (presentes no Abrigo de Parada e na rocha de Santo Antão da Barca) ou com os fusiformes também designados de "unhadas do diabo". Relativamente a estes últimos motivos, ainda que a sua inserção cronológica dentro do período Epipaleolítico ou Mesolítico seja possível (Sanches & Teixeira, 2013, 2014; Teixeira, 2016; Teixeira & Sanches, 2017), pensamos que ela deverá ser uma exceção, sendo que, neste momento, a maioria dos dados aponta para cronologias entre a pré-história recente e a proto-história. Foram exumadas placas com gravuras fusiformes no sítio fortificado da Idade do Ferro do Castelinho

(Xavier *et al.*, 2014, p. 92), bem como em níveis com a mesma cronologia da Fonte do Milho (S. S. Figueiredo, Larrazabal Galarza, & Silva, no prelo). Da pré-história recente destaca-se a peça exumada em Castanheiro de Vento (Vale, 2012).

Para além destes parâmetros, também os suportes e sobretudo a sua relação com a paisagem nos parecem elementos chave para uma melhor compreensão deste grupo. De acordo com Gomes (Gomes, 2010, p. 487), por exemplo, no Período III da arte do Tejo, procuravam-se suportes mais próximos do rio e, sobretudo, locais de confluência de linhas de água ou cachões, tal como acontece nas rochas do Veado do Cabeço do Aguilhão e Santo Antão da Barca.

Assumindo o carácter de ensaio deste trabalho, e face ao que foi exposto, parece-nos seguro afirmar que grafismos rupestres relativos ao período da transição ou Epipaleolítico, estão representados no vale do Sabor através do grupo de figuras incisadas abordadas. Relativamente às figuras picotadas, e faltando estudos mais aprofundados, podemos aceitar o seu início numa fase Epipaleolítica, ainda que nos pareça mais plausível uma cronologia Mesolítica.

6. CONCLUSÃO

Neste artigo foram abordados os grafismos rupestres relativos ao período cronológico da transição entre o Pleistocénico e o Holocénico no vale do Sabor. Nos estudos aí empreendidos, foram identificadas seis rochas, divididas em dois grupos, correspondendo o primeiro a gravuras incisadas e o segundo a gravuras picotadas. A atribuição cronológica Epipaleolítica para o primeiro grupo parece-nos mais segura que para o segundo. Neste sentido, e assumindo o carácter de ensaio deste artigo, propusemos um conjunto de análises futuras de forma a melhor determinar cronologias, tentando ultrapassar a atribuição de datações demasiado amplas para os motivos picotados. Apesar dos importantes trabalhos que se tem dedicado ao tema, sobretudo na última década, pensamos faltarem ainda elementos de análise arqueológica que se alarguem para

além dos convencionalismos estilísticos. Um desses elementos é o estudo de contextos arqueológicos enquadráveis neste período sendo que, no vale do Sabor, o terraço do Medal e os seus níveis Epipaleolíticos e Mesolíticos, atualmente em estudo pela investigadora Rita Gaspar, poderão abrir portas para discursos que se esperam mais sustentados.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Ana Cristina (2016) – Antes do afagar a terra: quando o território era então mesolítico. Monografias AAP, vol. 2, pp. 9-24.

AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; SANTOS, André; LUÍS, Luís (2017) – Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o Tardiglaciar e o Pré-Boreal no Vale do Côa. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., eds. – *Arqueologia em Portugal: 2017 – Estado da Questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 403-418.

BAPTISTA, António Martinho (1999) – *No tempo sem tempo: a arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Instituto Português de Arqueologia.

BAPTISTA, António Martinho (2009) – *O Paradigma Perdido: O Vale do Côa e a Arte Paleolítica de Ar Livre em Portugal*. Edições Afrontamento e Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BAPTISTA, António Martinho; GOMES, Mário Varela (1998) – Arte Rupestre. In ZILHÃO, J. ed. – *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*, Ministério da Cultura, pp. 212-406.

BICHO, Nuno (2006) – *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: Edições 70.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (2016) – La fuerza del pasado. *Lecturas Actuales. ARPI 04 Extra: Homenaje a Rodrigo de Balbín Behrmann, 04* (Homenaje a Rodrigo de Balbín Behrmann), pp. 78-94.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de; ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. (2008) – Estilo V en el ámbito del Duero: Cazadores finiglaciares en Siega Verde (Salamanca). In BALBÍN BEHRMANN, R. ed. – *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa: actas*. Junta de Castilla e León: Consejería de Cultura y Turismo, pp. 259-286.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de; BARROSO BERMEJO, R. (2012) – La frontera ideológica: graffias postglaciares ibéricas. *Trabalhos de Arqueologia, 54* (1ª Mesa Redonda Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo, SANCHES, M. J. (coord.)), pp. 139-160.

CARDOSO, João Luís (2007) – *Pré-história de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.

DORDIO, Paulo; GASPAR, Rita; SASTRE, J.; PEREIRA, Sérgio; SANTOS, F.; FIGUEIREDO, Sofia Soares. (2015) – O Plano de Salvaguarda do Património do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor. *Côavisão: Economia, Ciência e Cultura, 17*, pp. 132-169.

FIGUEIREDO, Sofia Soares (2013) – *A arte esquemática do Nordeste Transmontano: contextos e linguagens*. Universidade do Minho.

FIGUEIREDO, Sofia Soares (2017) – *A Arte Esquemática do Nordeste Transmontano: Contextos e Linguagens*. Monografias AAP, vol. 5. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

FIGUEIREDO, Sofia Soares; LARRAZABAL GALARZA, J.; SILVA, A. – *Iron age rock art in the western Douro basin: images and contexts*. No prelo.

FIGUEIREDO, Sofia Soares; XAVIER, Pedro; NEVES, Dário; MACIEL, J.; NOBRE, Luís; GARCÍA, I. D. (2016) – Illustrating the Sabor Valley (Trás-os-Montes, Portugal): rock art and its long-term diachrony since the Upper Palaeolithic until the Iron Age. In R. FÁBREGAS VALCARCE, R.; RODRÍGUEZ RELLÁN, C. eds. – *Public Images, Private Readings: Multi-Perspective Approaches to the Post-Palaeolithic Rock Art. Proceedings of the XVII UISPP World Congress, Vol. 5*, Archaeopress Archeology, pp. 17-28.

FIGUEIREDO, Sofia Soares; XAVIER, Pedro; SILVA, Andreia; NEVES, Dário; DOMÍNGUEZ GARCÍA, Isabel (2014) – The Holocene Transition and Post-Palaeolithic Rock Art from the Sabor Valley (Trás-os-Montes, Portugal). In MEDINA-ALCAIDE, M. Á.; ROMERO ALONSO, A. J.; RUIZ-MÁRQUEZ, R. M.; SANCHIDRIÁN TORTI, J. L. eds. – *Sobre rocas y huesos: las sociedades prehistóricas y sus manifestaciones plásticas*, pp. 192-203.

GALLEGO LLETJÓS, N. (2013) – *El Mesolítico en la Península Ibérica. Historia crítica de la investigación y estado actual del conocimiento*. Universidad Complutense de Madrid.

GARCÍA-MOREIRAS, I.; DELGADO, C.; MARTÍNEZ-CARREÑO, N.; GARCÍA-GIL, S.; MUÑOZ SOBRINO, C. (2019) – Climate and vegetation changes in coastal ecosystems during the Middle Pleniglacial and the early Holocene: Two multi-proxy, high-resolution records from Ría de Vigo (NW Iberia). *Global and Planetary Change, 176* (March), pp. 100-122.

GOMES, Mário Varela (2002) – Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século. *Arqueologia e História, 54* (Arqueologia 2000 Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal), pp. 139-194.

- GOMES, Mário Varela (2007) – Os períodos iniciais da arte do Vale do Tejo (Paleolítico e Epipaleolítico). *Cuadernos de Arte Rupestre*, 4, pp. 81-116.
- GOMES, Mário Varela (2010) – *Arte Pupestre do Vale do Tejo: Um ciclo Artístico-Cultural Pré e proto-Histórico*. Universidade Nova de Lisboa.
- JORDÁ, F. (1984) – Algunas consideraciones sobre los problemas del arte rupestre del area centroccidental lusoespanola. *Portugália, Nova Série, IV, V*, pp. 89-95.
- RIPOLL LÓPEZ, S.; ROBERTO BÁRCENA, J.; JORDÁ PARDO, J. F.; MAÍLLO FERNÁNDEZ, J. M.; MUÑOZ IBÁÑEZ, F. X.; QUESADA LÓPEZ, J. M. (2014) – *Prehistoria I: Las primetas etapas de la Humanidad (2a)*. Madrid: Editorial Universitaria Ramón Areces.
- SANCHES, Maria de Jesus (2009) – Arte dos dólmenes do noroeste da Península Ibérica: uma revisão analítica. *Portugália, XXIX-XXX*, pp. 5-42.
- SANCHES, Maria de Jesus; TEIXEIRA, Joana Castro (2013) – An Interpretative approach to “Devil Claw” carvings: the case of river Tua mouth rock shelter (Alijó, Trás-os-Montes, Northeast Portugal). In *XXV Valcamonica Symposium: Art as a source of History, 20-26 de Setembro*. Capo di Ponte: Centro Camuno di Studi Preistorici, pp. 59-68.
- SANCHES, Maria de Jesus; TEIXEIRA, Joana Castro (2014) – O Abrigo Do Passadeiro, Palaçoulo (Miranda Do Douro). Um Caso De Estudo De Gravuras Rupestres Dos Inícios Do Holocénico no Nordeste De Portugal. *Portugália, Nova Série, 35*, pp. 61-75.
- SANTOS, André Tomás (2012) – Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito da superação de uma persistente dicotomia conceptual. In SANCHES, M. J. ed. – *Trabalhos de Arqueologia 54. 1a Mesa Redonda Artes rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo*, DGPC, pp. 39-67.
- SANTOS, André Tomás (2017) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Universidade do Porto.
- SANTOS, André Tomás; AUBRY, Thierry; BARBOSA, A. F.; GARCÍA-DÍEZ, Marcos; SAMPAIO, Jorge D. (2018) – O Final do Ciclo Gráfico paleolítico do Vale do Coa: a Arte Móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa). *Portugália, Nova Série, 39*, pp. 5-96.
- SILVA, Andreia; XAVIER, Pedro; FIGUEIREDO, Sofia Soares (2016) – A simbologia dos Veados na Pré-História Recente do Nordeste Transmontano: Formas Pintadas e Gravadas. In CORDEIRO MACENLLE, R; VÁZQUEZ MARTÍNEZ, A. eds. – *Estudos de Arqueoloxía, Prehistoria e Historia Antiga: Achega dos Novos Investigadores*. EINIACA, Santiago de Compostela: Andavira Editora, pp. 53-59.
- TEIXEIRA, Joana Castro (2016) – O Abrigo de Parada, um sítio de arte rupestre do Vale do Sabor (Alfândega da Fé, Bragança, Trás-os-Montes). In SANCHES, M. J.; CRUZ, D. J. eds. – *Estudos Pré-Históricos Vol. XVIII. Actas da II Mesa Redonda. Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: Estudo, Conservação e Musealização de Maciços Rochosos e Monumentos Funerários*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 41-70.
- TEIXEIRA, Joana Castro; SANCHES, Maria de Jesus (2017) – O abrigo rupestre da foz do Tua no contexto da Arte Paleolítica e Pós-Paleolítica e Pós-peleolítica no Noroeste da Península Ibérica. *Portugalia, 38*, pp. 9-48.
- VALE, Ana M. (2012) – *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma colina monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*. Universidade do Porto.
- WALKER, M.; JOHNSEN, S. J.; OLANDER, S.; POPP, T.; STEFFENSEN, J. P.; GIBBARD, P., SCHWANDER, J. (2009) – Formal definition and dating of the GSSP (Global Stratotype Section and Point) for the base of the Holocene using Greenland NGRIP ice core, and selected auxiliar records. *Journal of Quaternary Science, 24 (1)*, pp. 3-17.
- WESTROPP, H. M. (1872) – *Prehistoric Phases*. London.
- XAVIER, Pedro; CRISTO ROPERÓ, A.; MACIEL, J.; FIGUEIREDO, Sofia Soares (2014) – Do ver ao compreender as as gravuras “fusiformes” do vale do Sabor. In HONARDO CASTRO, J.; BREZMES ECRIBANO, M. A.; TEJEIRO PIZARRO, A.; RODRÍGUEZ MONTERRUBIO, O. eds. – *II Jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero: Del Neolítico a la Antigüedad Tardía*. Glyphos Publicaciones, pp. 87-98.

O POVOAMENTO HUMANO DURANTE O TARDIGLACIAR NA BACIA DO GUADIANA: REVISÃO DOS DADOS

Cristina Gameiro¹, Francisco Almeida²

¹ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / cristina.gameiro@edu.ulisboa.pt

² Taungurung Land and Waters Council, Victoria, Australia / falmeida@taungurung.com.au

Resumo

No âmbito do plano de minimização de impactes da Barragem do Alqueva foram identificados e escavados os sítios da Malhada do Mercador ISW, do Monte da Ribeira 9, Chancudo 3 e Monte Roncanito 21. Apesar da ausência de datações absolutas a análise tecnológica da indústria lítica permitiu uma atribuição cronológica ao Tardiglaciário e/ou a uma fase inicial do Holocénico. A utilização maioritária de matérias-primas locais confere um aspecto incomum à indústria lítica, maioritariamente macrolítica. No contexto actual, de identificação recente de sítios arqueológicos coevos (nos vales do rio Sabor e do rio Vouga por ex.) ou do avanço dos trabalhos no vale do Côa, áreas igualmente desprovidas de sílex, apresentamos e revemos as principais características destes conjuntos artefactuais.

Palavras-chave: Guadiana, Pleistocénico, Tardiglaciário, Indústria lítica.

Abstract

The archaeological sites of Malhada do Mercador, Monte da Ribeira 9, Chancudo 3 and Monte Roncanito 21 were identified and excavated in the scope of the Alqueva Dam archaeological salvage plan, between 1998 and 2000. In spite of an absence of radiometric dating, the technological analysis of the lithic assemblages allowed for an attribution of the occupations to the Tardiglacial or an initial phase of the Holocene. The dominance of local non-siliceous raw materials concurs to the uncharacteristic aspect of the industry, mostly macrolithic. Having into consideration the recent identification of roughly contemporary contexts (in Sabor and Vouga valleys) and also some of the current re-interpretations for the Coa valley chronological sequence, we discuss the materials collected during the Alqueva project.

Keywords: Guadiana, Pleistocene, Tardiglacial, Lithic industry.

1. INTRODUÇÃO

A existência de um povoamento pleistocénico da região Sudeste de Portugal foi tardiamente confirmada. Tal como o verificado na região do Vale do Côa, também a zona da bacia do Guadiana permaneceu praticamente inexplorada até à apresentação de um projecto de construção de uma barragem: a barragem do Alqueva¹.

Sobretudo graças a trabalhos de Arqueologia preventiva, noutras regiões do país, tem aumentado a identificação de sítios arqueológicos com ocupações do Paleolítico Superior. São disso exemplo as descobertas nos vales dos rios Sabor e Vouga, que, contribuíram para a diminuição dos «desertos» de povoamento humano durante o Pleistocénico no território, actualmente, português. Paralelamente, têm sido continuados trabalhos de investigação no Vale do Côa e nas regiões da Estremadura e Algarve. O aumento dos dados disponíveis, os avanços no estudo da arte paleolítica do Vale do Côa (Santos, 2019) e uma maior resolução da sequência crono-estratigráfica do final do Paleolítico Superior permitiu identificar uma fase atribuível ao Azilense recente (Aubry & *alii*, 2017).

À luz destes elementos parece-nos justificável rever os contextos da Bacia do Guadiana atribuídos ao Magdalenense, nomeadamente os sítios do Monte da Ribeira 9 e da Malhada do Mercador ISW, publicados em 2013 (Almeida & *alii*, 2013). Uma vez que os dados sobre a estratigrafia e quantificação do material lítico destes dois sítios já foram publicados apresentaremos apenas uma síntese qualitativa com elementos necessários à discussão que aqui pretendemos expor. Será recapitulada a História da Investigação nesta região uma vez que nos parece útil relembrar as implicações que os avanços e re-cuos do projecto de construção da barragem tive-

¹ Idealizada nos anos cinquenta, como parte do *Plano de Rega do Alentejo*, projectada durante os anos sessenta, a sua construção só foi iniciada em 1976. Contudo, a obra seria suspensa em 1979, por motivos económicos, e só foi retomada em 1996. A conclusão da barragem, que originou um dos maiores lagos artificiais da Europa (250 km²), ocorreu em 2002.

ram na obtenção de dados sobre a ocupação deste território no passado. Apresentaremos uma revisão dos dados sobre os sítios Magdalenenses da Bacia do Guadiana, problematizando as evidências sobre a cronologia destas ocupações e avançando com a possibilidade da existência de povoamento durante o Azilense nesta área geográfica.

2. HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO

Até 1998, no Alentejo interior, apenas dois sítios arqueológicos tinham cronologia paleolítica confirmada: Monte da Fainha, atribuído ao Solutrense (Zilhão, 1997) e a Gruta do Escoural, com níveis de ocupação do Paleolítico Médio e arte do Paleolítico Superior (Araújo & Lejeune, 1995; Otte & Silva, 1996). Para além destes sítios intervencionados em época moderna, existiam registos de recolhas de superfície avulsas realizadas na bacia do Guadiana. Em 1916, H. Breuil², em missão na Estremadura Espanhola, deslocou-se a Portugal, para visitar um abrigo rupestre na zona fronteiriça (Abrigos da Esperança, Arronches) e acabou por recolher várias peças líticas³ nos terraços do Caia, um afluente do Guadiana (Silva, 1999). Na sequência destes trabalhos, L. Barradas (1929 & 1939) empreende novas prospecções nos terraços quaternários situados na confluência do Caia e do Guadiana e, já na década de quarenta, A. Viana e M. Feio⁴ retomam a prospecção arqueológica da bacia do Guadiana (Silva, 1999). Numa área a jusante da zona a inundar, entre a foz do Ardila (Moura) e Vila Real de Santo António (foz do Guadiana), Abel Viana recolhe material líti-

² Na sequência desta incursão em território português foi tomado por espião e detido pelas autoridades portuguesas. Terá sido Leite de Vasconcelos, director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, a confirmar por escrito a sua identidade. Permaneceu detido, esperando a carta de Lisboa mas conseguiu a simpatia dos guardas que o acompanharam em passeios pela região. Esses «passeios» terão resultado na publicação de dois artigos (Breuil, 1917, 1920).

³ «*coup de poing en quartzite*» (Breuil, 1920).

⁴ Geólogo que caracterizou os terraços quaternários do Guadiana a jusante da Ribeira de Ardila (Silva, 1999).

co «do acheulense e do languedocense, podendo algumas peças ainda que raras, reputar-se abbevillenses» (Viana, 1945, p.15; Viana, 1947; Varandas & Gomes, 2017). Outras recolhas de superfície foram sendo efectuadas na região Sul (Paço & Leal, 1962; Breuil, Ribeiro & Zbyszewski, 1943) mas a posição cronológica e o estatuto cultural, das indústrias macrolíticas identificadas, nunca foi definida com precisão. Podemos, portanto, afirmar que o nosso conhecimento sobre o povoamento pleistocénico desta região era quase inexistente até ao momento inicial dos trabalhos relacionados com a construção da barragem. Durante os cinquenta anos, que mediaram o projecto inicial e a inauguração da barragem, os trabalhos arqueológicos na região foram sendo impulsionados, ou abandonados, consoante o avanço ou o interregno das obras.

As primeiras prospecções motivadas pela construção da barragem, ainda que sem enquadramento institucional, tiveram lugar em 1975 e foram conduzidas por um grupo de estudantes de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, membros do G.E.P.P.⁵ Em 1979, Jorge Pinho Monteiro⁶, elaborou um projecto intitulado «*Estudos de Impacto do Empreendimento de Alqueva no domínio da Arqueologia*» e, entre outros alertas, chamou à atenção para a possível afectação de terraços com indústrias paleolíticas como um dos futuros impactos da obra (Silva, 1999). Durante o início dos anos oitenta a condução dos trabalhos relacionados com a arqueologia do Alqueva foi delegada ao Serviço Regional de Arqueologia do Sul, no âmbito das tarefas do recém-criado I.P.C.C. (Instituto Português do Património Cultural). O primeiro estudo de impacte ambiental, assim denominado, foi realizado entre 1984-86 sob a direcção de C. Tavares da Silva e J. Soares. Entre 1988-91 os trabalhos do Projecto Ar-

queológico do Alqueva prosseguiram novamente sob alçada do I.P.C.C. mas, entre 1991 e 1994, ocorre um novo interregno dos trabalhos. Em 1994, e por exigência da Comunidade Europeia, novo estudo de Impacte Ambiental é realizado⁷ (Silva, 1999).

O resultado das prospecções, recolhas de superfície e escavações de todos os projectos mencionados foram compilados num *Quadro Geral de Referência*, pela E.D.I.A. (Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva): empresa promotora da construção da barragem (EDIA, 1996). Este inventário foi apresentado e discutido publicamente num colóquio em Moura em 1996 e de onde saiu o *Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico* (EDIA, 1997). No âmbito deste *Plano de Minimização* a identificação e o estudo das ocupações pleistocénicas da área total de afectação da albufeira da barragem (designado por Bloco 1) foram atribuídos a uma equipa do NEPHA-STEAS⁸, dirigida por um dos signatários (Francisco Almeida). As prospecções anteriores referiam alguns sítios caracterizados pelo predomínio de indústrias macrolíticas elaboradas maioritariamente sobre quartzito, e cujo «*posicionamento cronológico era tradicionalmente evitado através da conveniente, genérica e abrangente designação de Languedocense*» (Almeida, 2013).

Os trabalhos de campo decorreram entre Março de 1998 e Fevereiro de 2002 e tiveram como objectivos: «*a realocação e caracterização tafonómica dos sítios do Quadro Geral de Referência (EDIA, 1996); prospecção e realização de sondagens em contextos geomorfológicos propícios à preservação de acumulações sedimentares pleistocénicas, escavação em área de sítios com estratigrafia conservada, tratamento e estudo preliminar dos artefactos recolhidos*» (Almeida, Araújo & Cunha-Ribeiro, 2002, p. 95).

⁵ Grupo de Estudo do Paleolítico Português. Seguindo a sugestão de J. M. Arnaud as prospecções foram orientadas no sentido da identificação de sítios paleolíticos em terraços elevados. O sítio do Xêrez de Baixo, que servirá para sequenciar o *Languedocense* (Raposo & Silva, 1980/81) será identificado durante estes trabalhos.

⁶ Arqueólogo e docente no Instituto Universitário de Évora.

⁷ A parte relativa à Arqueologia será coordenada por C. Tavares da Silva, João Cardoso e Juan Javier Navascués.

⁸ Equipa resultante da junção de duas associações sem fins lucrativos: Núcleo de Estudos de Pré-história Antiga da Faculdade de Letras (da Universidade de Lisboa) e Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia.

O estudo integral e detalhado das colecções líticas decorreu na segunda fase de trabalhos (2003-2007), igualmente sob a coordenação de Francisco Almeida. Os resultados obtidos foram já publicados no âmbito de artigos científicos (Almeida *et al.*, 1999; Araújo & Almeida, 2003, 2007; Almeida, Araújo & Cunha-Ribeiro, 2002; Ribeiro & Cura 2004, Angelucci, 2006, 2013), trabalhos académicos (Cura, 2003; Carrondo, 2006; Pereira, 2010) e na monografia final (Almeida, 2013). O trabalho efectuado permitiu o estudo de mais de 80 sítios arqueológicos dos quais dez foram atribuídos ao Paleolítico Superior e/ou Epipaleolítico: Retorta, Chancudos 1, 2 e 3, Monte da Ribeira 9, Malhada do Mercador 1-SW, Luz 2, Monte Roncanito 21 e 22 e Monte Anastácio 10. Há que reconhecer, no entanto, que para alguns a classificação é incerta (Luz 2 ou Monte Roncanito 22) e outros apresentam conjuntos artefactuais muito reduzidos (Retorta ou Monte do Anastácio). O sítio da Malhada do Mercador 1-SW, situado numa plataforma elevada do Guadiana e o sítio do Monte da Ribeira 9, situado na Ribeira do Alcarache (um afluente do Guadiana), como quase todos os sítios intervencionados na região, apresentavam problemas de integridade estratigráfica, mas foram escavados em área (> 40m²) e os conjuntos líticos recolhidos são numerosos (Almeida & *alii*, 2013).

3. OS SÍTIOS MAGDALENENSES DA BACIA DO GUADIANA: REVISÃO DOS DADOS

O estudo dos materiais líticos e a sua comparação com a sequência cultural identificada para a Estremadura (Zilhão, 1997): permitiu a atribuição de pelo menos dois sítios ao Magdalenense: Monte da Ribeira 9 (Mourão) e Malhada do Mercador ISW (Mourão) (Gameiro, 2012; Almeida & *alii*, 2013). As ocupações humanas de Chancudo 3 e Monte Roncanito 21 foram interpretados como datando de final do Tardiglaciário, ou início do Holocénico, mas o aspeto fruste da indústria lítica não permitiu conclusões seguras.

3.1. Enquadramento regional

Na Bacia hidrográfica do Guadiana os períodos de seca alternam com inundações torrenciais, facto que explica a erosão de formações sedimentares de baixa altitude e a conservação de sítios apenas em plataformas aluvionares ou coluvionares elevadas.

As ocupações do Paleolítico Superior encontravam-se preservadas apenas nas plataformas aluvionares ou coluvionares dos principais afluentes do Guadiana. As formações de baixa altitude, nas margens do Guadiana, terão sido erodidas por cheias torrenciais típicas desta bacia hídrica. A juntar a este facto, as plataformas com condições para a preservação de sedimentos, foram intensivamente agricultadas, originando palimpsestos difíceis de destrinçar: o mesmo pacote sedimentar contém frequentemente artefactos de vários períodos cronológicos: pedra lascada e cerâmicas da pré-história recente ou mesmo proto-históricas. Em alguns dos sítios identificados foram recolhidos conjuntos líticos reduzidos, facto que levou à sua inclusão do grupo de sítios de cronologia indeterminada (Almeida, Araújo & Cunha-Ribeiro, 2002; Almeida, 2013).

Para além destas limitações geomorfológicas podemos acrescentar a ausência de conservação de matéria-orgânica⁹. O substrato xistoso da região origina solos ácidos que não permitem a conservação de vestígios faunísticos e de macro-restos vegetais. Este facto, não permite conclusões sobre a dieta alimentar das populações humanas, torna mais difícil a reconstituição paleoambiental e impossível a realização de datações absolutas. A ausência total de datações radiométricas (para os sítios do Paleolítico Superior desta região) constitui um dos principais problemas na definição de uma sequência crono-cultural regional.

A rara utilização do sílex (sempre < de 2% do total de matérias-primas), condicionou o comportamento humano no passado e os conjuntos líticos recolhidos são compostos, na sua maioria, por quartzito e quartzo locais. Estas matérias-primas per-

⁹ O sítio da Barca do Xerez de Baixo representa uma excepção (Araújo & Almeida, 2013).

fazem mais de 90% das matérias-primas originando indústrias incaracterísticas. Tal prática está igualmente documentada nos sítios pleistocénicos do Vale do Côa (Aubry, 2009) e é fácil compreender que o

carácter fruste das indústrias torne mais difícil a sua comparação com a sequência crono-cultural estabelecida para a Estremadura (Zilhão, 1997).

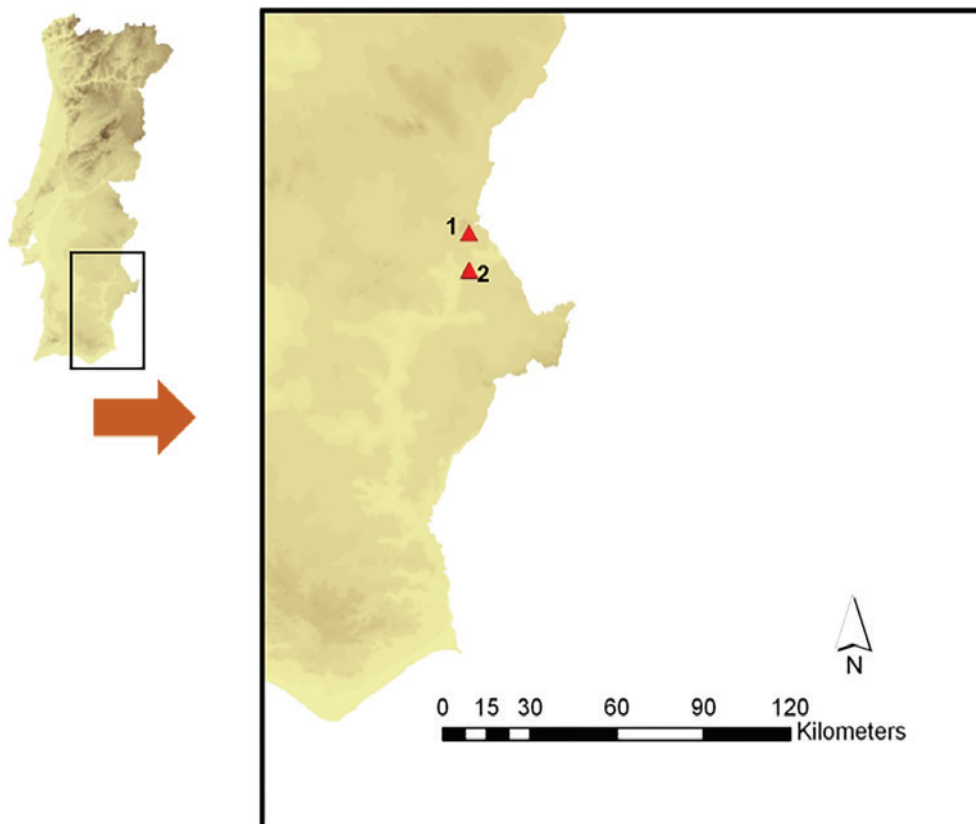


Figura 1 – Localização dos sítios arqueológicos: 1 – Malhada do Mercador ISW; 2 – Monte da Ribeira 9.

3.2. O Monte da Ribeira 9

O sítio do Monte da Ribeira 9, localiza-se a 124m de altitude numa plataforma na margem direita da ribeira do Alcarrache, afluente do rio Guadiana. Foi escavada uma área total de 45m², tendo sido recuperado um conjunto lítico composto por 13 793 exemplares. A existência de filões de quartzo nas imediações justifica a representação com 73% do total desta matéria prima. O sílex apenas está representado com apenas 1,57% do total das matérias-primas utilizadas; mas, o lidito, uma rocha local de grão fino, corresponde a 4,44%. Não está documentada uma produção laminar e as lascas constituem a maioria do tipo de suporte produzi-

do. A produção de lascas é expedita, sem investimento de conformação dos volumes e maioritariamente unipolar. A sua transformação em entalhes, denticulados e lascas retocadas constitui a maioria dos utensílios (Figura 2 nº28 e 29). O grupo das raspadeiras é pouco expressivo (14%). A utensilagem lamelar constitui 19% do total dos utensílios e é maioritariamente constituída por fragmentos de lamela de dorso em sílex. A produção lamelar é cuidada e foi possível identificar 2 modalidades de exploração das superfícies de debitage: exploração convergente originando núcleos piramidais e uma exploração paralela originando núcleos com superfícies de debitage retangulares (Figura 3).

Apesar dos núcleos evidenciarem uma produção lamelar em quartzo não foram identificadas lamelas retocadas nesta matéria prima. A existência de microgravettes (Figura 2 nº 25) e lamelas de dorso de tendência rectangular (Figura 2 nº 2-24) foi considerada um arcaísmo que poderá permitir a inclusão deste sítio numa fase mais antiga, provavelmente do

Magdalenense antigo ou superior (Gameiro, 2012; Gameiro, Aubry & Almeida, 2013). Com os elementos disponíveis é difícil justificar a presença do Trapézio (Figura 2 nº 26), expectável apenas em contextos mais tardios. Contudo, não podemos excluir a hipótese de se tratar uma peça que testemunhe uma ocupação deste local durante o Mesolítico.

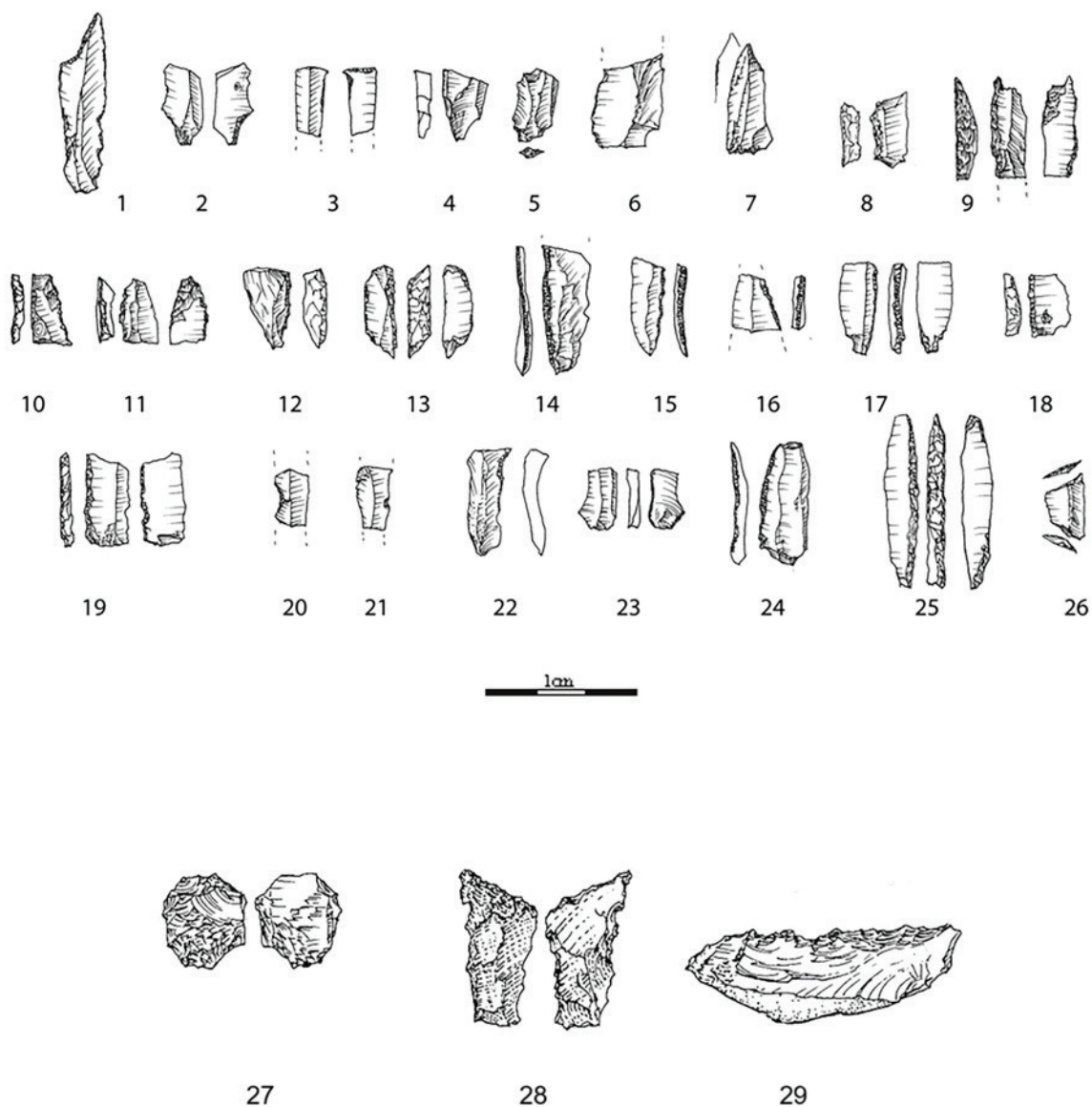


Figura 2 – Monte da Ribeira 9: 1-23 – sílex e matérias-primas indeterminadas. 1- ponta com truncatura oblíqua; 2-24 – fragmentos de lamela de dorso; 25 – microgravette; 26 – trapézio; 27 – peça esquirolada; 28 e 29 – denticulados. Desenhos de Katherine Monigal.

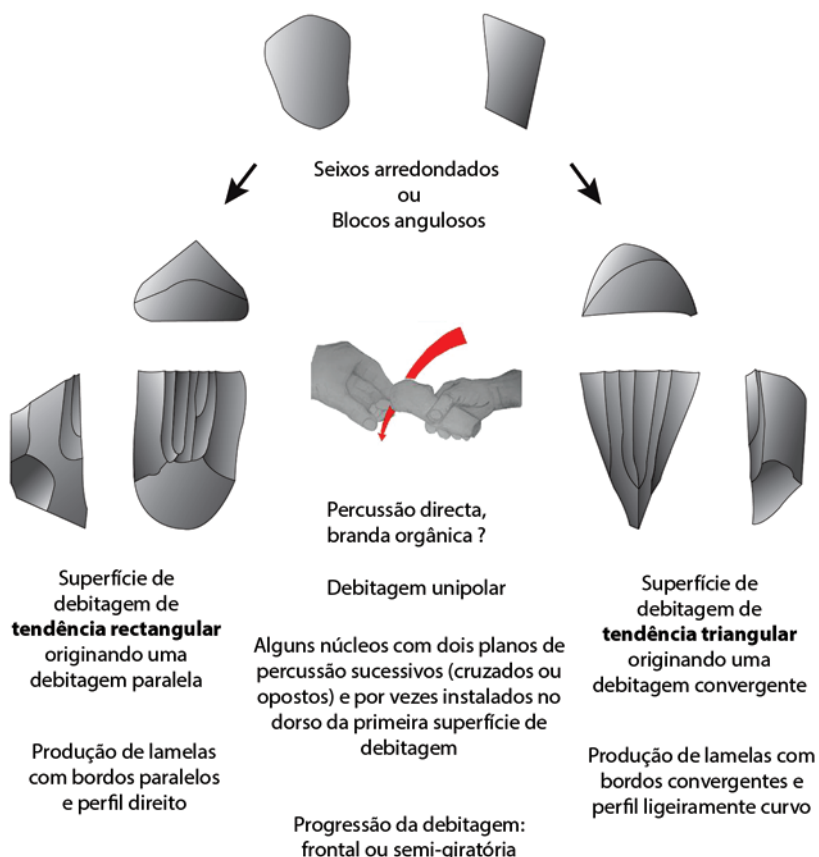


Figura 3 – Representação dos esquemas operatórios de produção lamelar no Monte da Ribeira 9. Desenho esquemático C. Gameiro & M. Costa.

3.3. A Malhada do Mercador ISW

O sítio da Malhada do Mercador ISW situa-se a 120m de altitude numa plataforma situada na margem esquerda do rio Guadiana e, numa área escavada de 47m², foram recolhidas 19 388 peças. Apesar da identificação de UE distintas, na área escavada em área, o contexto é interpretado como contemporâneo e as diferenças estratigráficas resultam das intervenções agrícolas recentes. A soma dos materiais em quartzo e quartzito perfaz 90% do total, distribuindo-se equitativamente por estas matérias primas com, respetivamente, 45% e 46%. Cerca de 33% da utensilagem é constituída por utensílios do fundo comum (entalhes, denticulados e raspadores) e as raspadeiras constituem cerca de 18% dos utensílios. As lascas em quartzo e quartzito são o tipo de suporte mais numeroso e são obtidas através de métodos expeditos, unipolares, tirando par-

tido da morfologia dos volumes: seixos achatados são explorados a partir da espessura, produzindo lascas curtas e sempre com parcialmente corticais e seixos mais globulosos são explorados a partir dos seus diedros naturais, originando lascas de maior dimensão (Figura 4). O grupo da utensilagem lamelar representa 20% do total e estes suportes são produzidos em sílex, quartzo e outras materiais primas indeterminadas, mas de grão fino. Os núcleos sobre lasca são raros e a debitage bipolar sobre bigorna, sobretudo em quartzo, é frequente. Não há uma produção intencional de lâminas. A ocorrência de trapézios, lamelas de Areiro, lamelas de dorso marginal e uma ponta de *Malaurie* (Figura 5 nº 15) conduziram a uma atribuição ao Magdalenesense Final, *fácies Carneira* (Zilhão, 1997). No entanto, tendo em conta os dados recentes do Vale do Côa (Aubry & alii, 2017; Santos, 2019) e a consequente

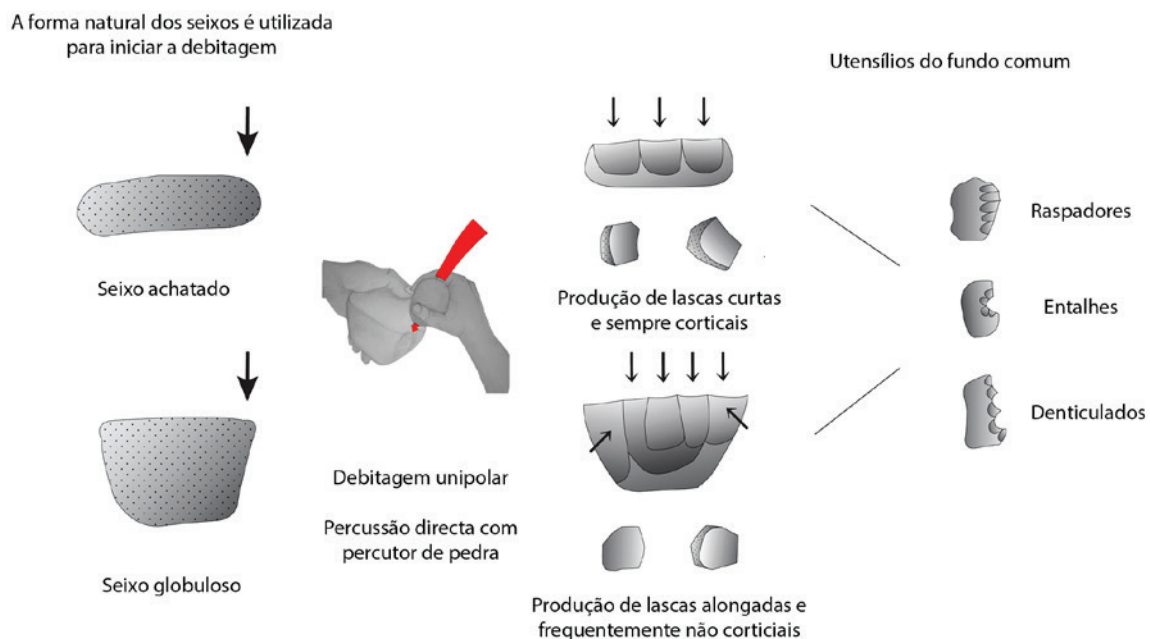


Figura 4 – Representação gráfica dos dois principais esquemas de produção de lascas de quartzito na Malhada do Mercador 1SW. (Desenho C. Gameiro & M. Costa).

proposta para a utilização da classificação Azilense para sítios apresentando indústrias semelhantes, a ocupação humana da Malhada do Mercador 1SW pode ser considerada Azilense.

3.4. Comparação com Chancudo 3 e Monte Roncanito 21

Os sítios de Chancudo 3 e Monte Roncanito 21 apresentam algumas características tipológicas semelhantes aos sítios considerados Magdalenenses (a tipologia das raspadeiras, por exemplo). Contudo, no Monte do Roncanito 21 a tecnologia da debitação em quartzito, aproxima-se mais da descrita para o sítio da Barca do Xerez (situado numa plataforma sobranceira ao Guadiana) atribuído ao Mesolítico Antigo e datado por radiocarbono entre 7800 e 7200 cal BC (Araújo & Almeida, 2003, 2007, 2008, 2013; Araújo, 2016). A ausência de datações absolutas não autoriza conclusões sólidas, mas podemos, no entanto, avançar 2 hipóteses: a) estamos perante contextos contemporâneos e as diferenças observadas têm explicação funcional ou b) estas diferenças têm um significado cronológico e o Monte Roncanito 21 documenta uma

fase anterior ao Mesolítico Antigo, provavelmente já holocénica, mas com perduração de elementos tecnológicos tradicionalmente paleolíticos (Gameiro, 2012; Almeida & alii, 2013).

4. DISCUSSÃO: EXISTIU UM POVOAMENTO DURANTE O TARDIGLACIAR NA BACIA DO GUADIANA?

Como referimos, nesta região, previamente aos trabalhos arqueológicos relacionados com a construção da barragem de Alqueva, tinham sido efectuadas apenas algumas recolhas de material lítico e até 1998 todos os sítios apresentando indústria macrolítica tinham sido etiquetados de *Languedocenses*. Apenas no âmbito do *Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico* (EDIA, 1997) foi delineado um projecto orientado para a identificação e o estudo das ocupações pleistocénicas da área total de afectação da albufeira da barragem. Os dois conjuntos líticos que apresentámos previamente (Malhada do Mercador 1SW e Monte da Ribeira 9) foram intervencionados no âmbito desse projecto. Ambos se situam em zonas aplanadas,

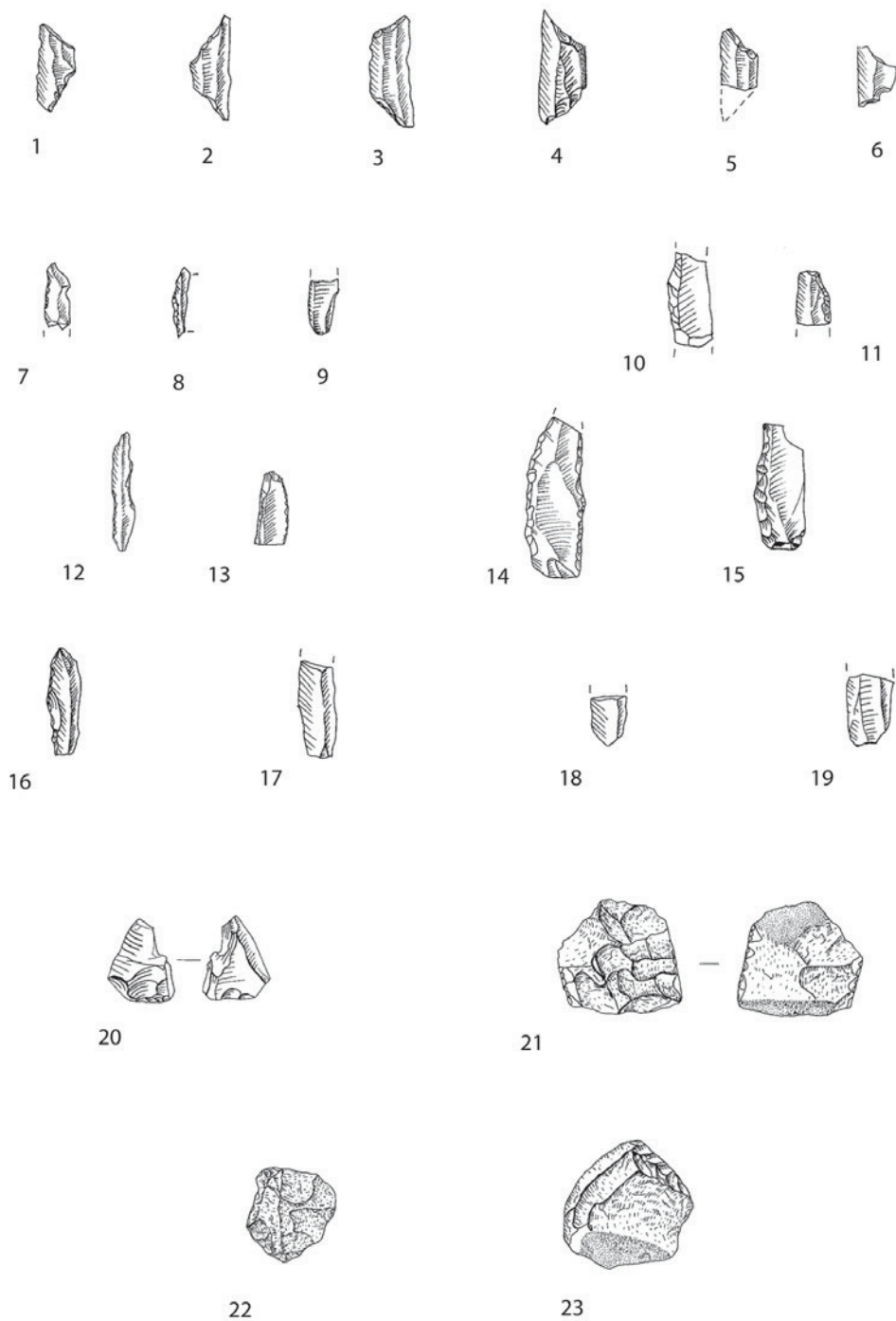


Figura 5 – Malhada do Mercador 1-SW, UE0 e UE1 (nº12) 1,7,8,10,11,12,13,14,16,17,18,20 – sílex; 2,3,4,6,9,15,19 – matérias-primas indeterminadas; 5 – xisto; 21,22,23 – quartzo. 1,2,3,4,5,6 – trapézios; 7,8,9,12 – lamelas de Areeiro; 10,11 – fragmentos de lamelas de dorso; 13 – lamela com entalhe; 14 – lamela de dorso giboso; 15 – Ponta de *Malaurie*; 16,17,18,19 – lamelas de dorso marginal; 20,21,22 – peças esquírolas 23 – raspadeira afocinhada. Desenhos de Ana Palma.

junto a linhas de água (Guadiana e Alcarrache) na proximidade de matéria-prima¹⁰ e apresentam um conjunto lítico com elementos tipo-tecnológicos concordantes com uma atribuição cronológica pleistocénica. Contudo, as alterações pós-deposicionais sofridas, o tipo de utensílios recolhidos (maioritariamente em quartzito e quartzo), a ausência de fauna e a inexistência de estudos petrográficos tornam impossível caracterizar, em detalhe, a circulação de matérias-primas e a funcionalidade destes sítios arqueológicos. A diversidade das classes de utensílios representadas aponta para ocupações não especializadas¹¹ (acampamento residencial temporário?) mas na ausência de dados complementares (análise faunística e traceológica) apenas hipóteses podem ser alvitadas. A única problematização possível diz respeito ao posicionamento cronológico destas ocupações humanas.

A ausência de preservação de matéria orgânica impossibilitou a realização de datações pelo método do radiocarbono e não foi possível recorrer a outros métodos de datação absoluta. Exceptuando a UE2 da Malhada do Mercador as restantes unidades estratigráficas, onde foram recolhidos artefactos líticos, foram fortemente alteradas por fenómenos pós-deposicionais. A UE1 da Malhada do Mercador terá sido truncada por lavras recentes mas os materiais provenientes desta unidade estratigráfica provêm de contexto selado. A existência de cerâmica moderna e pré-histórica entre os materiais recolhidos na UE0 da Malhada do Mercador torna evidente a existência de contaminações recentes. No entanto, deslindar possíveis misturas relativamente aos artefactos líticos afirma-se menos imediato. A localização do sítio da Malhada do Mercador T-SW, situa-

¹⁰ Cascalheira sobranceira ao sítio, no caso da Malhada do Mercador T-SW e filões de quartzo no caso do Monte da Ribeira 9.

¹¹ O número elevado de lamelas fracturadas em sílex (alocótono) pode ser relacionado com um episódio de reparação de armamento de caça. Alguns micro-levantamentos burinantes e fracturas em «*plume*» diagnósticas da utilização como projétil de caça (Christensen & Valentin; 2004), foram identificados sobre 4 fragmentos de lamelas de dorso: duas da Malhada do Mercador e duas do Monte da Ribeira (Gameiro, 2012).

do numa plataforma sobranceira a um afloramento de um terraço elevado do Guadiana, terá motivado a frequência e a ocupação daquele espaço com vista ao aprovisionamento em matéria-prima durante toda a pré-história. A cerâmica recolhida deverá ser de cronologia neo-calcolítica, período bem representado nos sítios arqueológicos da região¹². Tendo em conta este elemento, podemos considerar homogéneo o numeroso conjunto lítico recolhido? A identificação de estigmas de percussão indirecta em dois núcleos provenientes de recolhas de superfície obrigou à sua exclusão do conjunto estudado. Algumas lamelas¹³ podem ter relação com este tipo de produção. Estes núcleos e lamelas podem perfeitamente ter relação com o conjunto cerâmico recolhido. A tipologia dos seis trapézios recolhidos e o facto de serem sempre produzidos em rochas locais (xisto ou outras silicificações indeterminadas) colocam igualmente alguns problemas de integração cronológica. Estes podem ter relação com uma ocupação holocénica (mesolítica ou neolítica) do local, mas têm sido incluídos na panóplia de utensílios atribuíveis a uma fase final do Magdalenense na Estremadura (Bicho, 2000; Zilhão, 1997).

Ainda mais problemática é a cronologia da numerosa componente macrolítica da indústria. A ausência neste conjunto de método *levallois* e talhe discoide, identificados na região, nos sítios de Porto Meirinho 1 (Carrondo, 2006) e Sapateiros 2 (Cura, 2003) atribuídos ao Paleolítico Médio, pode ser um argumento para recusar uma cronologia antiga para estas peças¹⁴. No entanto, nos sítios atribuídos ao Paleolítico Médio nem todo o talhe é discoide ou efectuado segundo método *levallois*.

Neste contexto, e tendo em conta a historiografia regional, é imperativo abordar a problemática rela-

¹² Nomeadamente os monumentos funerários: antas e *tholoi*, motivaram trabalhos arqueológicos na região desde os anos cinquenta (Gonçalves, 1992 por exemplo).

¹³ Cerca de seis exemplares apresentam estigmas que podem indicar percussão indirecta.

¹⁴ Estas poderiam ser originárias do desmantelamento, por erosão, de níveis antigos conservados no terraço sobranceiro ao sítio.

cionada com o Languedocense. Esta denominação foi aplicada por H. Breuil na classificação de conjuntos líticos macrolíticos pleistocénicos (e posteriormente vistos como holocénicos). Tradicionalmente incluía seixos truncados, seixos achatados talhados, *coup-de-poing* atípicos, discos e pesos de rede. O Ancorense, com picos proto-asturienses, constituiria uma variante regional localizada no litoral Norte (Minho) e o Mirense, com um tipo de machados característicos, representaria as indústrias situadas no litoral Sul (Alentejo) (Carvalho, 2007; Raposo, 1986, 1994, 1997; Silva, 1994). Estes materiais, sempre alvo de recolhas de superfície e nunca provenientes da escavação de sítios estratificados, foram mais tarde vistos como fazendo parte de uma tradição cultural própria mantida durante uma ampla cronologia (Zbyszewski, Penalva & Cardoso, 1979). Já no âmbito dos trabalhos relacionados com a barragem do Alqueva¹⁵ a escavação do sítio do Xerez de Baixo permitiu a L. Raposo e A.C. Silva (1980/81; 1984) enquadrar estratigraficamente a indústria macrolítica recolhida, definir a lista tipo da utensilagem característica¹⁶ (incluindo análise morfotécnica) e confirmar uma cronologia exclusivamente holocénica para estas indústrias que se localizariam no litoral e nos vales dos grandes rios (Tejo, Caia, Guadiana) (Raposo & Silva, 1984). Contudo, a continuação dos trabalhos relativos à construção da barragem, possibilitou a realização de mais escavações neste local confirmando que a estratigrafia do local estava afectada por remeximentos pós-deposicionais e que os materiais seriam essencialmente neolíticos (Gonçalves, 2002).

Ironicamente, os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da barragem de Alqueva, permitiram a identificação de um sítio com abundante indústria macrolítica, preservação de estruturas e conservação de fauna: a Barca do Xerez de Baixo. Este contexto foi datado pelo radiocarbono entre

¹⁵ Prospecções realizadas pelo G.E.P.P. em 1979.

¹⁶ Várias tipologias de seixo unifacial, biface, *coup-de-poing*, disco, machado, pico ou proto-pico, peso de rede etc. (Cf. Raposo & Silva, 1984).

7 800 e 7 200 cal BC e a análise da fauna permitiu identificar um local de processamento de carcaças de auroques, cavalos e veados (Almeida & *alii*, 1999; Araújo & Almeida, 2003, 2007, 2008, 2013; Angelucci, 2006; Araújo & Almeida, 2013; Araújo, 2016).

Actualmente não é possível aceitar a utilização do termo Languedocense, como correspondente a um período cronológico ou a uma entidade cultural, mas sim como um conjunto de indústrias resultantes de um esquema tecnológico expedito, condicionado pela matéria-prima local (quartzito) e provavelmente motivado por imperativos funcionais: processamento de carcaças animais? (Araújo & Almeida, 2013; Carvalho, 2007; Gonçalves, 2002; Pereira, 2010).

Na verdade, a utilização do quartzito é comum a todo o Paleolítico Superior português (Zilhão, 1997). Para J. Zilhão esta utilização, de uma matéria-prima ubíqua em todo o território, seria uma forma de economizar sílex. A utilização desta matéria-prima na produção expedita de lascas a partir de seixos torná-la-ia tecnologicamente menos distintiva. Recentemente T. Pereira procedeu a uma abordagem diacrónica (Paleolítico Superior e Epipaleolítico) e comparativa da componente em quartzito das indústrias líticas de vários sítios arqueológicos localizados em ambientes geológicos distintos (Estremadura, Bacia do Guadiana e Algarve) e concluiu que há uma continuidade da generalidade das estratégias de obtenção de lascas (Pereira, 2010). Este autor é da opinião que o uso do quartzito integra um sistema onde há complementaridade de matérias-primas e que as suas características físicas o tornam um elemento preferencial de uso nas tarefas de processamento/desmanche de carcaças animais. A presença de percentagens elevadas de quartzito pode ter uma explicação funcional (Pereira, 2010, pp. 350).

A produção de lascas em quartzito e a transformação destas em utensílios de fundo-comum é frequente nas colecções magdalenenses portuguesas. Na UE3 da Lapa dos Coelhoos, a menos de 5km de fontes de aprovisionamento em sílex, este tipo de produção representa 19% da indústria (Gameiro, 2003; Gameiro, Aubry & Almeida, 2008; Gamei-

ro, Davis & Almeida, 2017; Almeida & *alii*, 2004). No sítio do Fariseu (Vale do Côa) situado longe de fontes de sílex, o quartzito representa 13% das matérias-primas utilizadas (Aubry, 2009) e, também aqui, alguns seixos afeiçãoados foram identificados. Recentemente, no Vale do Vouga, foram identificados sítios com ocupação humana durante o Tardiglacial e, nestes sítios, a componente macrolítica, utilizando quartzito ou rochas vulcânicas de grão grosseiro, está significativamente representada (Gameiro & *alii*, 2018; Gameiro & *alii* neste volume). No Rôdo estes materiais constituem cerca de 15% do total da indústria lítica e na Bispeira 8, com datações absolutas correspondentes ao Magdalenense Final, apenas foram recolhidos seixos afeiçãoados/núcleos para lascas e lascas em quartzo e quartzito (Gameiro & *alii*, 2018; Gameiro & *alii* neste volume).

Tendo em conta estes dados, consideramos legítimo fazer a ressalva que parte da indústria macrolítica da UE0 da Malhada do Mercador pode pertencer a uma ocupação humana de cronologia mesolítica ou mesmo neolítica. No entanto, estas estratégias de debitage, adaptadas à forma do seixo, estão igualmente documentadas em sítios magdalenenses datados por métodos absolutos (¹⁴C e TL). Por outro lado, na UE1 (*in situ* geológico) e apesar do número diminuto de peças recolhidas (988) foi documentada a mesma utilização do quartzito: a maioria dos 18 núcleos identificados apresenta a debitage preferencial de seixos achatados seguindo uma progressão frontal: estratégia dominante no conjunto de materiais da UE0. Na UE1 a par com esta indústria macrolítica encontramos a versão leptolítica claramente paleolítica: raspadeiras, buris e utensilagem lamelar autorizando uma atribuição cronológica ao Azilense da totalidade dos materiais da UE1 e provavelmente da grande maioria das peças recolhidas na UE0. A identificação na UE2 de um fragmento de lamela de dorso com retoque inverso na base semelhante às microgravettes identificadas no Monte da Ribeira 9 pode sugerir uma ocupação gravettense, mas estas peças estão igualmente presentes em contextos magdalenenses da Estremadura (Zilhão, 1997; Bicho, 2000;

Gameiro, 2012; Gameiro, Aubry & Almeida, 2013).

O conjunto de materiais líticos recolhidos no Monte da Ribeira 9 apresenta menos problemas de integridade da amostra. Numa fase intermédia de estudo chegámos a colocar a hipótese de estarmos perante uma mistura de materiais gravettenses e mesolíticos (Gameiro, 2012) mas, actualmente, tal parece-nos pouco verosímil. A ausência de datações absolutas e a escassez de dados existentes para este período na região tornam arriscada qualquer atribuição cronológica, no entanto as características gerais da indústria podem corresponder a um conjunto homogéneo que poderá datar do Magdalenense antigo ou superior.

5. CONCLUSÃO

Tendo em conta as características gerais da indústria lítica recuperada no Monte da Ribeira 9 e no sítio da Malhada do Mercador ISW: miniaturização da utensilagem, ausência de produção laminar, utensilagem sobre lasca e lamela, percentagem elevada de utensilagem do fundo comum, variabilidade e tipo de modalidades de produção lamelar e a tipologia das lamelas retocadas podemos confirmar a existência de um povoamento datado do Tardiglacial no vale do Guadiana. A utilização maioritária de matérias-primas locais (> 90% = quartzo e quartzito) origina colecções de aspecto fruste, com grande percentagem de utensilagem comum e especificidades regionais. Contudo, observamos a manutenção de elementos estruturantes, ao nível das modalidades de produção e transformação de suportes lamelares, presentes não só nos sítios da Estremadura (Zilhão, 1997) mas também na utilização frequente da debitage bipolar sobre bigorna, elemento omnipresente nos sítios do Vale do Côa (Aubry & *alii*, 1998; Aubry, 2009; Aubry & *alii*, 2017), Vale do Sabor (Gaspar, 2016) e Vale do Vouga (Gameiro & *alii*, 2018). Para além dos sítios aqui apresentados também os sítios de Chancudo 1, Chancudo 2 e dos Chancudo 3 foram preliminarmente atribuídos a uma fase recente do Paleolítico Superior (Almeida & *alii*, 2013). Os dados existentes parecem apontar

para a existência de uma ocupação durante o Magdalenense antigo ou superior no Monte da Ribeira 9; durante o Azilense na Malhada do Mercador ISW, em final do Pleistocénico ou numa fase inicial do Holocénico no Chancudo 3 e no Monte Roncanito 21 e do Mesolítico Antigo na Barca do Xerez. A con-

tinuação dos trabalhos em regiões limítrofes poderá trazer elementos que reforcem, ou não, a cronologia avançada (através da obtenção de datações absolutas), possibilitar dados sobre a subsistência das populações (análise faunística) e a funcionalidade das ocupações humanas.

Fase crono-cultural	Sítios Arqueológicos	Características tecnológicas
Magdalenense Antigo / Superior	Monte da Ribeira 9	Núcleos de tendência rectangular e núcleos de tendência triangular Lamelas de dorso de tendência rectangular Microgravettes Macro-utensilagem e utensilagem fundo comum numerosa
Magdalenense Final / Azilense?	Malhada do Mercador ISW	Debitagem bipolar sobre bigorna frequente Ponta de <i>Malaurie</i> Trapézios Macro-utensilagem e utensilagem fundo comum numerosa
Pleistocénico Final / Holocénico inicial?	Chancudo 3 Monte Roncanito 21	Raspadeiras Macro-utensilagem e utensilagem fundo comum numerosa
Mesolítico Antigo	Barca do Xerez	Macro-utensilagem / debitage de lascas com rara ou inexistente transformação

Tabela 1 – Quadro síntese das características das várias fases da transição Pleistocénico-Holocénico e sítios correspondentes.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Francisco (coord.) (2013) – *Testemunhos do Paleolítico no Regolho do Alqueva. Resultados do Bloco 1 do Plano de Minimização de Impactes*. EDIA: Beja.
- ALMEIDA, Francisco; GAMEIRO, Cristina; PEREIRA, Teresa; QUELHAS, Ana (2013) – O Paleolítico Superior In ALMEIDA, Francisco (dir.) – *Testemunhos do Paleolítico no Regolho de Alqueva. Resultados do Bloco 1 do Plano de Minimização de impactes sobre o Património Arqueológico*, Beja:EDIA, pp. 93-178.
- ALMEIDA, Francisco; ARAÚJO, Ana Cristina; CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (2002) – Contribuição para o estudo do Paleolítico no Alentejo interior: resultados preliminares do Bloco B1 do Plano de Minimização de Impactes da Barragem de Alqueva. *Almadan*. 2ª Série, nº 11, pp. 94-98.
- ALMEIDA, Francisco; MAURÍCIO, João; SOUTO, Pedro; VALENTE, Maria João (1999) – Novas perspectivas para o estudo do Epipaleolítico do interior alentejano: notícia preliminar sobre a descoberta do sítio arqueológico da Barca do Xerez de Baixo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2 (1), pp. 25-38.
- ANGELUCCI, Diego (2006) – Micromorphological observation on some samples from the prehistoric site of Barca do Xerez de Baixo (Reguengos de Monsaraz, Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9 (1), pp. 5-19.
- ANGELUCCI, Diego (2013) – Geoarqueologia do sítio da Barca do Xerez de Baixo In ARAÚJO, Ana Cristina; ALMEIDA, Francisco (coord.) – *Barca do Xerez de Baixo. Um testemunho invulgar das últimas comunidades de caçadores-recolectores do Alentejo Interior*. Bloco B1 do Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico. EDIA: Beja.

- ARAÚJO, Ana Cristina (2016) – *Une histoire des premières communautés mésolithiques au Portugal*. BAR.
- ARAÚJO, Ana Cristina; ALMEIDA, Francisco (2003) – Barca do Xerez. Balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (1), pp. 17-67.
- ARAÚJO, Ana Cristina; ALMEIDA, Francisco (2007) – Inland Insights into the Macrolithic Puzzle: the case of Barca do Xerez de Baixo. In *From the Mediterranean basin to the Portuguese Atlantic shore: papers in honor of Anthony Marks*. (IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, Setembro de 2004). Faro: Universidade do Algarve. (Promontoria Monográfica 07).
- ARAÚJO, Ana Cristina; ALMEIDA, Francisco (2013) – *Barca do Xerez de Baixo. Um testemunho invulgar das últimas comunidades de caçadores-recolectores do Alentejo Interior*. Bloco B1 do Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico. EDIA:Beja.
- ARAÚJO, Ana Cristina; ALMEIDA, Francisco (2008) – L'apport de la méthode des remontages dans l'évaluation des processus de formation et d'altération des dépôts archéologiques: le cas de Barca do Xerez de Baixo (Portugal). In *Actas XV Congrès de l'Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques*. Lisboa, Setembro de 2006.
- ARAÚJO, Ana Cristina, LEJEUNE, Marylise (1995) – *Gruta do Escoural: Necrópole Neolítica e Arte Paleolítica*. Trabalhos de Arqueologia 8. Lisboa. IPPAR.
- AUBRY, Thierry (ed.) (2009) – *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Trabalhos de Arqueologia, vol. 52, IGESPAR. Lisboa.
- AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; SANTOS, André; LUÍS, Luís (2017) – Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o Tardiglacial e o Pré-Boreal no vale do côa. In Arnaud, J. M.; Martins, A. (eds) – *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 403-418.
- AUBRY, Thierry; ZILHÃO, João; ALMEIDA, Francisco; FONTUGNE, Miguel (1998) – Production d'armatures microlithiques pendant le Paléolithique supérieur et le Mésolithique au Portugal. In *Actas del II Congresso de Arqueologia Peninsular (Zamora, Septiembre de 1996). Tomo I – Paleolítico y Epipaleolítico*, Fundación Rei Afonso Henriques, Zamora. pp. 259-272.
- BARRADAS, Luís (1929) – Paleolítico de Elvas. *O Arqueólogo Português*, 27, pp. 182-183.
- BARRADAS, Luís (1939) – Estações Paleolíticas do Caia Inferior. *Brotéria*, vol. XXVII, fasc. 2.
- BICHO, Nuno (2000) – *Technological change in the final upper Palaeolithic of Rio Maior*, ARKEOS 8, Tomar.
- BREUIL, Henri (1917) – *Glans Paléolithiques anciennes dans le Bassin du Guadiana*. L'Anthropologie. Paris. 28: 1-2, pp. 1-19.
- BREUIL, Henri (1920) – La station paléolithique ancienne d'Arnonches. *O Arqueólogo Português*. XXIV, Lisboa. pp. 47-55.
- BREUIL, Henri; RIBEIRO, Orlando; ZBYSZEWSKI, Georges (1943) – *Les plages quaternaires et les industries préhistoriques du littoral de l'Alentejo entre Sines et Vila Nova de Milfontes*. In Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências. Porto. 8, pp. 48-62.
- CARRONDO, Joana (2006) – *Análise tecnológica do sítio de Porto Meirinho*. Instituto Politécnico de Tomar / Universidade do Alto Douro e Trás-os-Montes, [Tese de Mestrado policopiada].
- CARVALHO, António Faustino (2007) – Ossos, pedras e isótopos. Contribuições para o estudo de dois temas da Pré-História do Sul de Portugal. *Vípasca Arqueologia e História*, nº2, 2ª série, pp. 8-15.
- CHISTENSEN, Marianne; VALENTIN, Boris (2004) – «Armatures de projectiles et outils: de la production à l'abandon». In PIGEOT, N. (Ed.) – *Les derniers Magdaléniens d'Étiolles. Perspectives culturelles et paléohistoriques (L'unité d'habitation Q31)*, CNRS éditions, Paris, pp. 107-160.
- CURA, Sara (2003) – *Matières-premières et variabilité technologique au Paléolithique Moyen Portugais: l'exemple du site de Sapateiros 2 (Baixo Alentejo, Portugal)*. Diplôme d'études approfondies. Tese policopiada. Paris: Université de Paris 1, Panthéon Sorbonne.
- EDIA (1996) – *Património arqueológico no Regolfo de Alqueva*. Quadro Geral de Referência. Beja: Edia.
- EDIA (1997) – *Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico*. Beja: Edia.
- GAMEIRO, Cristina (2012) – *La variabilité régionale des industries lithiques de la fin du Paléolithique Supérieur au Portugal*. Université de Paris I – Panthéon-Sorbonne [Tese de Doutoramento. Exemplar policopiado].
- GAMEIRO, Cristina; AUBRY, Thierry; ALMEIDA, Francisco (2008) – L'exploitation des matières premières au Magdalénien Final en Estremadura portugaise : données des sites de Lapa dos Coelhos et de l'Abri dos Covões. In AUBRY, T.; ALMEIDA, F.; ARAÚJO, A. C.; TIFFAGOM, M. (ed.) – *Espace et temps: Quelles diachronies, quelles synchronies, quelles échelles? Proceedings of the UISPP meeting (4-9 Setembro, Lisboa, 2006)*. BAR International Series 1831. Oxford, pp. 57-67.
- GAMEIRO, Cristina; AUBRY, Thierry; ALMEIDA, Francisco (2013) – A variabilidade regional das indústrias líticas do final do Paleolítico Superior em Portugal. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C.; (Coords.) *Arqueologia em Portugal – 150 anos*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 277-287.

- GAMEIRO, Cristina; DAVIS, Simon; ALMEIDA, Francisco (2017) – A sequência estratigráfica da lapa dos coelhos: funcionalidade e subsistência ao longo do pleistocénico superior no sopé na serra de aire (Portugal). In Arnaud, J. M.; Martins, A. (eds) – Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da questão, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 357-374.
- GAMEIRO, Cristina; GOMES, Sérgio; MANZANO, Carmen; COSTA, Bárbara; AMEIJENDA, Alicia; OLIVEIRA, Lurdes; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio; GOMES, Alberto; OLIVEIRA, Cláudia; TERESO, João; MATIAS, Henrique; AUBRY, Thierry – (2018) *The Pleistocene-Holocene transition: new data from the sites of Rôdo, Vau and Bispeira 8 (Vouga valley, Portugal)*. Poster 8th Annual Meeting of the European Society for the study of Human Evolution, <https://docplayer.net/87563946-European-society-for-the-study-of-human-evolution.html>, p. 94.
- GAMEIRO, Cristina; MANZANO, Carmen; COSTA, Bárbara; AMEIJENDA, Alicia; GOMES, Sérgio; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio; GOMES, Alberto; AUBRY, Thierry; MATIAS, Henrique – (2020) – Contributos para a caracterização do período tardiglaciário no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8. *Arqueologia & História – Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. 70, Lisboa, pp. 149-171.
- GASPAR, Rita (2009) – *Estudo petroarqueológico da utilidade da indústria lítica do sítio arqueológico Lajinha 8 (Évora, Portugal)*. *Análise de proveniências*. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, [Tese de Mestrado policopiada].
- GASPAR, Rita; FERREIRA, João; CARRONDO, Joana; SILVA, Maria João (2016) – The use of quartz during the Upper Paleolithic and Early Mesolithic in Sabor Valley (NW Iberia): The Foz do Medal case. *Quaternary International*, 424, pp. 98-112.
- GASPAR, Rita; PEDRO, Jorge; MATA, João (2009) – Estudo arqueopetrográfico da utilidade da indústria lítica do sítio neolítico Lajinha 8 (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 12. Número 1, pp. 19-33.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (2002) – Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:2, pp. 153-189.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (1992) – *Revendo as Antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica (Cadernos da UNIARQ 2).
- OTTE, Marcel; SILVA, António Carlos (1996) – *Recherches préhistoriques à la grotte d'Escoural, Portugal*. Liège, ERAUL 1996.
- PAÇO, Afonso Do; LEAL, Joaquim (1962) – *Estação paleolítica da ponte do Guadiana. em Mourão. Brotéria*. Lisboa. 75: 6, pp. 535-539.
- PEREIRA, Telmo (2010) – *A exploração do quartzo durante o Paleolítico Superior na facha atlântica peninsular*. Faro: Faculdade de ciências humanas e sociais / Universidade do Algarve, [Tese de Doutoramento. Exemplar policopiado].
- RAPOSO, Luís (1986) – Mustierense, Mustiero-Languedocense ou Languedocense. *Arqueologia*. Porto. 14, pp. 13-21.
- RAPOSO, Luís (1994) – O sítio de Palheirões do Alegria e a “questão do Mirensense”. In J. M. CAMPOS; J. A. PÉREZ; F. GÓMEZ (eds.) – *Arqueología en el Entorno del Bajo Guadiana*. Huelva. pp. 55-69.
- RAPOSO, Luís (1997) – O Mirensense e os machados mirenses. Algumas reflexões em voz alta. *Setúbal Arqueológica*. 11-12, pp. 109-120.
- RAPOSO, Luís & SILVA, António Carlos (1980/81) – A estação “languedocense” do Xeréz de Baixo, Guadiana. *Setúbal Arqueológica* 6-7, pp. 47-84.
- RAPOSO, Luís & SILVA, António Carlos (1984) – O Languedocense: ensaio de caracterização morfológica e tipológica. *O Arqueólogo Português*. IV-2, pp. 87-166.
- RIBEIRO, João Pedro & CURA, Sara (2004) – A jazida paleolítica de Sapateiros 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7 (2), pp. 5-26.
- SANTOS, André Tomás (2019) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Associação dos Arqueólogos Portugueses: Lisboa.
- SILVA, António Carlos (1994) – Problemática das “indústrias macrolíticas” do Guadiana. In CAMPOS, J. M.; PÉREZ, J. A.; GÓMEZ, F., eds. – *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidad, pp. 71-90.
- SILVA, António Carlos (1999) – *Salvamento arqueológico no Guadiana*. Memórias d’Odiana – Estudos Arqueológicos do Alqueva, Empresa de Desenvolvimento e Estruturas do Alqueva, Beja.
- STEA, (1999) – *Bloco B1 do plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico*. [Relatório de escavação inédito – Instituto Português de Arqueologia (IPA)], Lisboa.
- VARANDA, Alexandre & GOMES, Luís (2017) – As indústrias paleolíticas do Baixo Guadiana: perspetivas para uma investigação futura a partir das recolhas de Abel Viana. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. (Coords) – Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 341-355.
- VIANA, Abel (1945) – Paleolítico do Baixo Alentejo. Vale do Guadiana, *Brotéria*, Vol. XL, Fasc.2, Lisboa.
- VIANA, Abel (1947) – Paleolítico do Guadiana. *Arquivo de Beja*, 2, pp. 355-391; 3, pp. 364-411; 4, pp. 115-147.

ZBYZEWSKI, Georges; PENALVA, Carlos; CARDOSO, Luís (1979)
– Indústrias pré-históricas nas praias actuais da costa norte da
Foz do Tejo. *Serviços Geológicos de Portugal*, 65, Lisboa, pp.
239-251.

ZILHÃO, João (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura
Portuguesa*. Lisboa: Ed. Colibri.

ARTIGOS

ARTEFACTOS CILÍNDRICOS DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO – A COLECÇÃO DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO (LISBOA)

Andrea Martins¹, César Neves², Mariana Diniz³, José Morais Arnaud⁴

¹ UNIARQ – Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa / FCT / Associação dos Arqueólogos Portugueses / andrea.arte@gmail.com

² Associação dos Arqueólogos Portugueses / UNIARQ – Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa / cesar.neves@arqueologos.pt

³ UNIARQ – Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa / Associação dos Arqueólogos Portugueses / m.diniz@fl.ul.pt

⁴ Associação dos Arqueólogos Portugueses / jemarnaud@gmail.com

Resumo

Os artefactos cilíndricos de calcário, tradicionalmente designados por ídolos cilíndricos, surgem em numerosos contextos funerários e habitacionais do sudoeste da Península Ibérica, ao longo do Calcolítico. Na sua maioria são artefactos de calcário, afeiçãoados e polidos, de formato cilíndrico, podendo apresentar incisões decorativas nas zonas mesial e distal compostas pelas denominadas “tatuagens faciais” e olhos, e, nos exemplares mais elaborados, representação de pestanas, sobrancelhas, cabelo ou triângulo púbico.

Durante as três décadas de escavações no povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro foram recolhidas largas dezenas destes artefactos ideotécnicos, estando actualmente a grande maioria depositada no Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa.

Apresenta-se neste artigo uma primeira abordagem ao estudo desta colecção, composta por 93 exemplares, descrevendo-se parâmetros técnicos, tipológicos e iconográficos.

Palavras-chave: Vila Nova de São Pedro, Cilindros de calcário, “Ídolos cilíndricos”, Calcolítico.

Abstract

The limestone cylindrical artefacts, traditionally called “cylindrical idols”, appear in several funerary and settlement contexts in the Southwest of the Iberia, during the Chalcolithic. Most of them are limestone artifacts and, according to their morphology, they are mostly cylindrical, totally polished, creating smooth surfaces. Some of these objects are decorated at the distal area with filiform incisions composed by the so-called “facial tattoos” and eyes, and, in the more elaborated examples, representation of eyelashes, eyebrows, hair or pubic triangle.

Dozens of these ideotechnical artefacts were collected during the archaeological excavations that took place in the Chalcolithic settlement of Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal), from 1937 to 1967, directed by Afonso do Paço. The majority of the archaeological remains recovered are currently deposited in the Archaeological Carmo Museum (Lisbon). This paper presents a first approach to the study of this particular collection (93 elements), analyzing technical, typological and iconographic issues.

Keywords: Vila Nova de São Pedro, Limestone cylindrical idols, Ideotechnical artefacts, Chalcolithic.

1. O CONJUNTO DE ARTEFACTOS CILÍNDRICOS E AS CAMPANHAS DE AFONSO DO PAÇO (1937-1967)

O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal) (Figura 1), foi escavado durante 31 anos, entre 1937 e 1967, por Eugénio Jalhay (até 1950) e Afonso do Paço, tendo sido recolhidos milhares de artefactos arqueológicos, a maioria dos quais depositados no Museu Arqueológico do Carmo (Arnaud e Gonçalves, 1995; Arnaud, 2005), sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

A metodologia utilizada nestas 31 campanhas de escavação, que de forma sistemática e contínua removeram todo o sedimento entre o interior do “reduito central” e a “segunda” linha de muralha, impedem uma correcta percepção da sequência estratigráfica não permitindo a contextualização dos materiais arqueológicos então recolhidos. No âmbito do projecto VNSP3000 (Arnaud *et al*, 2017) tem sido realizada a revisão da extensa bibliografia então

produzida permitindo a identificação de proveniência de alguns destes materiais arqueológicos, que surgem publicados individualmente. Entre 1939 e 1958, Afonso do Paço, em colaboração com diversos investigadores, publicou de forma extensiva os resultados de cada campanha, sendo a 20ª, que decorreu em 1956, a última a ser publicada sob a forma de relatório (Arnaud e Gonçalves, 1990; Paço, 1958). Das campanhas entre 1957 e 1965, existem relatórios muito sucintos entregues à Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), que já não apresentam a descrição e enumeração de materiais recolhidos, sendo inexistentes os relatórios das duas últimas campanhas – a 30ª e 31ª, de 1966 e 1967 – seguramente devido ao estado de saúde muito debilitado em que Afonso do Paço se encontrava (Ribeiro e Cardoso, 2013: 45). Estas publicações, que apresentam listagens de materiais e registos gráficos ou fotográficos, bem como estudos complementares realizados por outros investigadores, permitem realizar um trabalho de identificação



Figura 1 – Povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro.

de artefactos, enquadrando-os em determinado ano de escavações e local específico do povoado.

No entanto, o enquadramento na sequência estratigráfica do povoado encontra-se muito condicionado, limitado à própria referência a apenas três níveis ou estratos, tradicionalmente aceites pela comunidade científica, sobretudo após as publicações de Paço e E. Sangmeister (1956) – ou seja, Vila Nova I, Vila Nova II e Vila Nova III – estratigrafia revista por Savory (1970), adicionando subdivisões e criando o período IV. Esta periodização foi durante bastante tempo considerada como a base da classificação crono-cultural do Calcolítico da Estremadura e Sul de Portugal, constituindo a totalidade das parcas observações estratigráficas publicadas por A. Paço como elementos contextuais dos artefactos arqueológicos.

Nesse sentido, não sendo possível definir a proveniência dos materiais em contextos fechados, associações ou deposições seguras, não se pode também afirmar que estes são materiais totalmente descontextualizados, pois encontram-se referidos genericamente como provenientes de determinado nível estratigráfico. Os mais recentes trabalhos

(Martins *et al*, 2019), têm confirmado a ocupação permanente deste sítio arqueológico durante o III milénio AC, sendo que a presença de artefactos como machados de cobre e bronze, pontas de seta pedunculadas e punhais nos remete para um momento terminal do sítio já no Bronze inicial, com uma ocupação esporádica (Arnaud e Gonçalves, 1995; Soares, 2005).

Os artefactos depositados no Museu Arqueológico do Carmo (MAC), permitem-nos, hoje, a realização de estudos por categorias artefactuais, utilizando novas tecnologias de análise e abordagens transdisciplinares que possibilitam obter dados que podem ser relacionados com informação proveniente de outros contextos culturais.

Numa primeira fase, produzir um *corpus* sistemático que proporcione o conhecimento exaustivo de toda a realidade artefactual recolhida neste povoado calcolítico constitui um propósito do projecto VN3000. O presente trabalho insere-se neste objectivo sendo dedicado a uma categoria artefactual identificada desde os primeiros trabalhos de campo, e que conta, no MAC, com 93 exemplares (Figura 2).



Figura 2 – Conjunto de artefactos cilíndricos expostos na Sala 1 do Museu Arqueológico do Carmo.

Logo em 1937, na primeira campanha efectuada por Eugénio Jalhay e A. Paço (Paço e Jalhay, 1939) foram recolhidos numerosos cilindros de calcário, a maioria dos quais lisos e apenas um de grande dimensão com representação das denominadas *tatuagens faciais*¹.

Além dos exemplares em calcário identificaram-se, também, alguns em cristal de rocha (quartzo hialino) e um em cerâmica, sendo este o único cilindro, com representação de tatuagens faciais e olhos, executado neste tipo de material².

Em 1937 e 1938, foi escavada uma área a Sul-Sudoeste do morro central – como é definida a elevação que corresponderá à muralha interior –, entre a “primeira” e a “segunda” linha de muralha, estando as possíveis estruturas aí identificadas muito afectadas pelos trabalhos agrícolas. Sobre a campanha de 1938, Eugénio Jalhay refere, no relatório entregue à Direcção da AAP, que nas duas sondagens efectuadas foram recolhidos 13 cilindros de calcário³. Nas campanhas seguintes – 1939, 1940, 1941 – continuam a surgir este tipo de artefactos (Paço e Jalhay, 1942), sendo referido que na 6ª campanha (1942), cuja área de intervenção se localizou a Sul-Sudeste do morro central, foram recolhidos numerosos cilindros de calcário, alguns dos quais com decoração, destacando um deles com três linhas laterais e representação de olhos⁴ (Figura 3). Os cilindros de calcário surgem em pontos diversos da área em escavação, estando muitos deles fracturados. Nesta 6ª campanha, foi aberta uma vala na muralha, utilizada posteriormente para passagem das vagonetas desde o interior do “reduto central”, estando referida a existência de fundos de cabana nesta área exterior à “primeira” linha de muralha (Paço e Jalhay, 1943).

¹ Corresponde ao artefacto inventariado com o nº 64.

² Este artefacto faz parte do espólio de VNSP depositado no Museu Municipal Hipólito Cabaço (Alenquer).

³ Relatório consultado no Arquivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

⁴ Corresponde ao artefacto inventariado com o nº 60.

A escavação na área do denominado “reduto central” iniciou-se em 1944, prosseguindo de maneira contínua entre 1946 e 1952, graças à colocação do sistema de vagonetas que permitia a remoção dos abundantes blocos pétreos e de sedimento para o exterior. Encontram-se referenciadas estruturas nesta área central do povoado, como “silos”, “cinzeiros”, “muretes”, um “barreiro”, a famosa “cisterna” ou o icónico, mas improvável, “forno de cerâmica”, tendo sido recolhidos milhares de artefactos arqueológicos de numerosas categorias tipológicas. Os objectos cilíndricos de calcário continuam a ser mencionados, juntamente com placas de xisto, objectos em osso, líticos, cerâmica campaniforme, cadinhos e abundante fauna mamalógica e restos antracológicos (Paço, 1954).

As sucintas descrições da seqüência estratigráfica existente nesta área específica do povoado referem duas camadas de cinzas ou terras negras com muitas pedras, intercaladas por um nível de argamassas com sedimento amarelado, surgindo diversos “cinzeiros” com grande concentração de materiais. Os artefactos cilíndricos são referidos nas descrições das camadas superiores, teoricamente mais recentes, onde surgem cerâmicas campaniformes e metais (Paço, 1954), sendo ainda referido que na campanha de 1951 surgiram bastantes exemplares junto da entrada calcolítica para o reduto central (Paço e Costa Arthur, 1952; Paço, 1958).

As campanhas seguintes (17ª, 18ª, 19ª, 20ª) foram dedicadas à escavação e definição das muralhas, nomeadamente dos vários cubelos semi-circulares que constituem a primeira linha de muralha, sendo, por isso, menos abundantes os materiais arqueológicos. Na campanha de 1954, é identificada, a Norte, a “terceira”, e mais externa, linha de muralha, tendo sido recolhida cerâmica campaniforme e dois cilindros decorados⁵ (Paço, 1958). Durante a década seguinte, Afonso do Paço entregou relatórios sucintos à DGEMN, não apresentando listagens de materiais como era seu hábito (Ribeiro e Cardoso,

⁵ Um destes artefactos corresponderá ao inventariado com o nº 62.

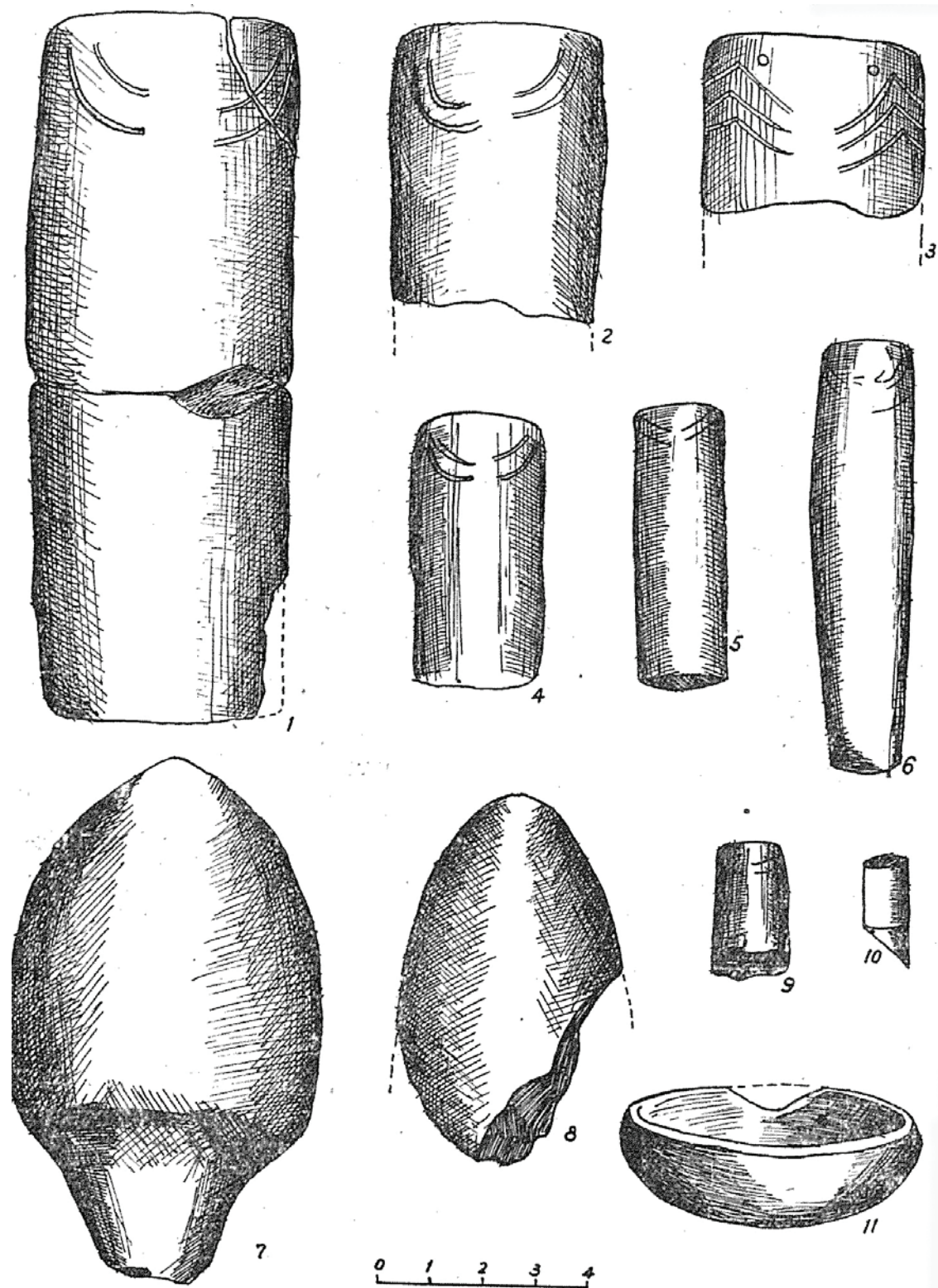


Figura 3 – Estampa apresentada por E. Jalhay e A. Paço em 1945 visualizando-se diversos cilindros de calcário com representação das tatuagens faciais (Jalhay e Paço, 1945).

2013), sendo de crer que a quantidade de artefactos recolhidos fosse diminuta, resultado também de campanhas localizadas em áreas que já teriam sido intervencionadas nas décadas anteriores.

Alguns dos elementos cilíndricos referidos nestas publicações fazem parte do conjunto de materiais depositados no Museu Municipal Hipólito Cabaço, em Alenquer, sendo que se desconhece a existência deste tipo de artefacto em outras instituições da mesma natureza ou em colecções particulares.

Sobre as escavações ocorridas na década de 80, em Vila Nova de São Pedro não estão publicados os materiais arqueológicos, sendo por isso, indefinida a presença de artefactos cilíndricos nas áreas então intervencionadas (Gonçalves, 1994).

Nas últimas 3 campanhas realizadas em VNSP, já no âmbito do projecto VN3000 – 2017, 2018 e 2019 – onde se realizaram sondagens, em áreas opostas ao longo da “segunda” linha de muralha, não foi identificada qualquer elemento desta categoria artefactual (Martins *et al*, 2019).

2. OS EXEMPLARES DEPOSITADOS NO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO

No Museu Arqueológico do Carmo encontram-se depositados 93 artefactos classificados como cilíndricos, estando 32 expostos na Sala 1 e os restantes nas reservas do MAC/AAP.

2.1. Matéria-Prima

Tradicionalmente esta tipologia artefactual é caracterizada pela preponderância do calcário porém, tal como podemos constatar nesta colecção de VN3000, esta matéria-prima não é exclusiva (Gráfico 1).

Neste conjunto específico, 80% dos artefactos, ou seja, 74 exemplares, são executados em calcário, provavelmente de proveniência local, uma vez que Vila Nova de São Pedro encontra-se em substrato geológico constituído por calcários do Miocénico - Pontiano. A área específica onde se implanta o sítio corresponde aos calcários, grés e argilas com *Hipparion gracile* de Azambujeira, mais especificamente aos Calcários de Almoester, com moluscos

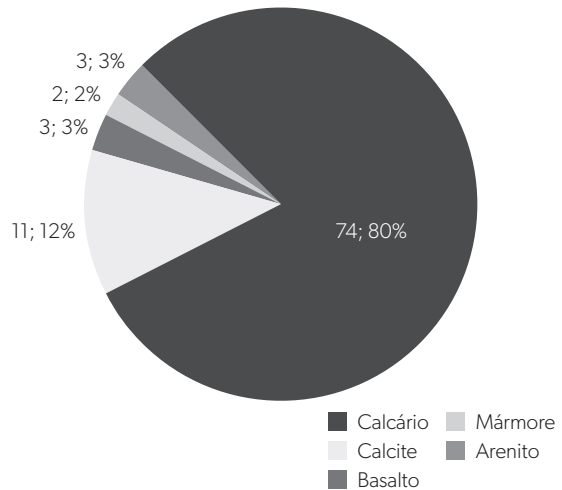


Gráfico 1 – Matéria-prima dos artefactos cilíndricos MAC.

terrestres e moluscos de água doce (Zbyszewski, 1953). Além desta provável proveniência, os grandes maciços calcários da Serra de Montejunto, a 15km, e da Serra de Aire e Candeeiros, a 30km permitem o fácil aprovisionamento desta matéria-prima⁶.

Directamente relacionado com o calcário, encontra-se a segunda matéria-prima mais abundante, a calcite que está presente em 11 exemplares, sendo um deles um geode (inventário -19). A identificação e caracterização da elevação onde se encontra o povoado como um pequeno sistema cársico (Martins *et al*, 2019), permite-nos propor uma proveniência igualmente local para a calcite, de matriz mais ou menos cristalina, factor que poderá ter funcionado como atractivo para a sua escolha. Esta matéria-prima permite um fácil polimento, obtendo-se por vezes faces mais planas, possivelmente em resultado de fracturas ou da estrutura cristalina da matéria-prima.

Mais residuais são outras matérias-primas, de proveniência mais distante, como os dois exemplares de mármore – provavelmente da área do anti-clinal de Estremoz, a cerca de 120km de distância de VN3000.

⁶ Alguns destes artefactos têm sido analisados no âmbito do projecto (BRR_585_IP) – “The pre-historical symbolic artefacts from Vila Nova de São Pedro, Portugal: Fingerprinting a production center (SYMOLART), de responsabilidade científica de Ana Luísa Rodrigues (Post-doc researcher at IST/C2TN), financiado por H 2020-CHARISMA, aguardando-se os resultados finais.



Figura 4 – Artefactos cilíndricos de diversas matérias-primas: 1 – Calcite/geóde (Inv.19); 2 – Calcite (Inv.46); 3 – Mármore (Inv.31); 4 – Arenito (Inv.36); 5 – Basalto (Inv.69); 6 e 7 – Calcário (Inv.76 e 54).

A uma distância mais curta de VNSP (cerca de 20-30 km), surgem formações onde poderão ter sido recolhidas outras matérias-primas utilizadas na produção destes artefactos, como o basalto e arenito. A Norte, a Formação de Portela da Teira, o denominado Basalto de Rio Maior, e a Sul, o Complexo Vulcânico de Lisboa apresentam-se como possíveis locais de proveniência do basalto, matéria-prima de três artefactos cilíndricos. Relativamente a outros três cilindros de arenito, a análise macroscópica sugere que se trata de arenito paleogénico provavelmente da área de Assentiz (Rio Maior)⁷ (Figura 4).

⁷ A análise macroscópica às matérias-primas foi realizada por Nuno Pimentel e Patrícia Jordão (FCUL), a quem agradecemos.

2.2. Estado de conservação

A grande maioria – 73 – dos artefactos cilíndricos desta colecção encontram-se fracturados, sendo que 44 correspondem a secções mesiais estando, por isso, classificados como indeterminados (Gráfico 2).

As fracturas apresentam ponto de impacto de plano oblíquo. Alguns cilindros mostram a superfície fracturada sem polimento ou qualquer tipo de tratamento posterior, porém em outros a fractura encontra-se bastante polida, revelando ser uma fractura antiga, trabalhada para reaproveitamento da peça. Em três exemplares (números 33, 50 e 78 do Inventário) verificamos que foram usados numa segunda fase como percutores (Figura 5 – nº 1 e Figura 13 – nº 2). Estes foram desbastados, e mostram diversos pontos de impacto.

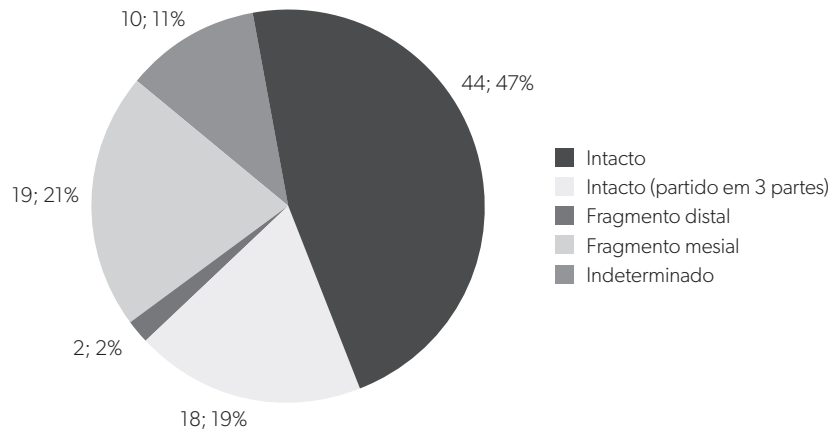


Gráfico 2 – Estado de conservação dos artefactos cilíndricos do MAC



Figura 5 – Estado de conservação: 1 – Reutilização como percutor (Inv.33); 2 – Fragmento indeterminado (Inv.48); 3 – Fracturado em três partes (Inv.44) e 4 – Inteiro (Inv.59).

As fracturas recentes observadas em quatro cilindros (números 25, 46, 48 e 49) foram provavelmente efectuadas durante a escavação do sítio arqueológico, sendo que em dois deles (número 25 e 46) é possível efectuar a reconstituição dos fragmentos, revelando-nos que foram recolhidos e identificados no campo.

A morfologia conservada em 19 exemplares permitiu a sua classificação como fragmento distal, quer pelo formato plano e mais afunilado característico da área de topo dos cilindros, quer, principalmente, pela presença de linhas incisadas que constituem a decoração destes artefactos.

Totalmente intactos encontram-se 18 artefactos,

mostrando as superfícies completamente polidas (Figura 6). O cilindro nº74, de reduzida dimensão e com decoração de tatuagens faciais, mostra o topo e a base afeiçoados e polidos, revelando-nos o reaproveitamento e reutilização do artefacto (Figura 7 – nº1).

Apesar de nenhum dos artefactos estar num estado carbonizado, 17 deles mostram vestígios parciais da acção directa de fogo. Mais uma vez, a ausência de informação sobre os contextos de uso/abandono destas peças torna menos clara a origem – natural ou antrópica – dos processos de fragmentação destas peças.

2.3. Tipologia e morfologia

A tradicional designação desta tipologia de artefactos advém da sua morfologia cilíndrica. No entanto, existem algumas variações que resultam de condicionantes da matéria-prima, da técnica de execução, bem como de uma acção/intenção predefinida pelo executante que poderá levar a uma classificação funcional e interpretativa distinta no interior deste conjunto (Gráfico 3).

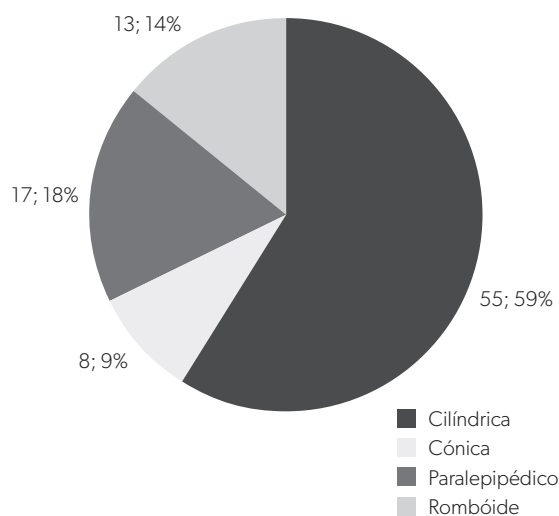


Gráfico 3 – Tipologia e forma dos artefactos cilíndricos do MAC.

Artefactos cilíndricos

No conjunto analisado a maioria dos artefactos – 59% – apresenta uma morfologia cilíndrica, com diversas dimensões, variando entre 3 a 17cm de comprimento e entre 1 a 7cm de diâmetro, em exemplares com-

pletos. Os topos do cilindro são planos, com alguns a apresentarem pequenas fracturas nos bordos, mas permitindo a disposição na vertical do artefacto.

Artefactos rombóides e paralepipédicos

As morfologias rombóide (14%) e paralepipédica (18%), observáveis principalmente na secção dos artefactos, serão resultado do método de execução. O polimento diferencial de um dos lados condiciona, por vezes aleatoriamente, o formato final da peça sendo difícil (e talvez desnecessário) o retoque até atingir uma secção perfeitamente circular. O ligeiro estrangulamento a meio observável em alguns artefactos será também resultado da abrasão e polimento em superfície com maior atrito.

Artefactos cónicos

Relativamente aos oito artefactos de tipologia cónica, estes caracterizam-se por apresentarem a extremidade distal afunilada, em forma de cone, sendo apenas a base proximal que permite a sua disposição na vertical (Figura 6 – nº 1). Estes artefactos não apresentam decoração, sendo frequentemente apenas polidos.

Dimensões

Foram medidas nestas peças, fundamentalmente cilíndricas, duas dimensões: altura – numa leitura obtida nas peças intactas e nos fragmentos com altura conservada; espessura – lidas nas peças com diâmetro conservado. Os resultados permitiram a classificação destes elementos em 3 grupos fundamentais (Grandes, Médios e Pequenos).

– Altura medida em 20 exemplares:

Grandes – nenhum exemplar acima de 20 cm;

Médios – 4 exemplares entre 10 e 19,9 cm;

Pequenos – 16 exemplares abaixo de 10 cm;

– Quanto à espessura, lida em 93 exemplares:

Grandes – 12 exemplares, com diâmetro superior a 5cm;

Médios – 63 exemplares, com diâmetro entre 2 e 4,9cm;

Pequenos – 18 exemplares, com diâmetro abaixo de 2 cm;”

2.4. Decoração

Do conjunto de artefactos cilíndricos depositados no MAC, a grande maioria (71 %) não apresenta decoração, estando apenas decorados 27 exemplares (Gráfico 4).

Esta decoração é realizada por incisão, com utensílio pontiagudo, mostrando o traço contornos regulares (Figura 14). Em três exemplares (números 73, 75 e 77), surgem pequenos traços filiformes irregulares junto das incisões que poderão representar traços preparatórios ou tentativas da execução do traço inciso (Figura 7 – nº 6 e Figura 8 – nº 1).

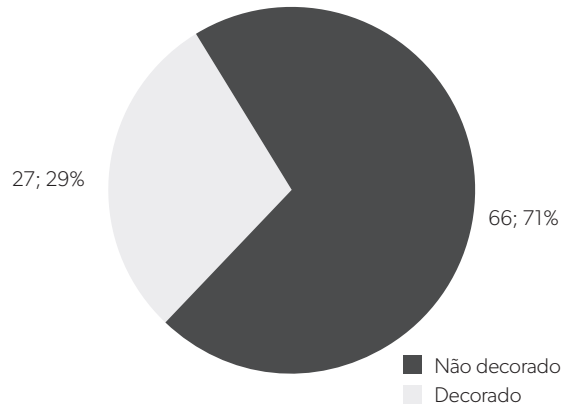


Gráfico 4 – Artefactos cilíndricos do MAC – decoração.

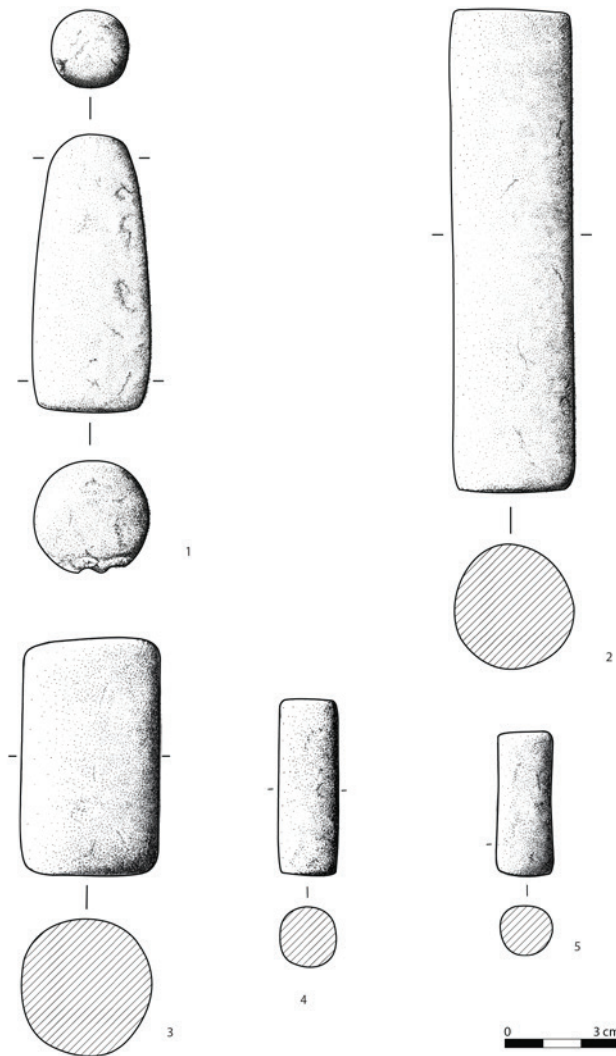


Figura 6 – Artefactos cilíndricos de calcário inteiros (Inv.54, 59, 80, 82 e 71). Desenhos de César Neves.

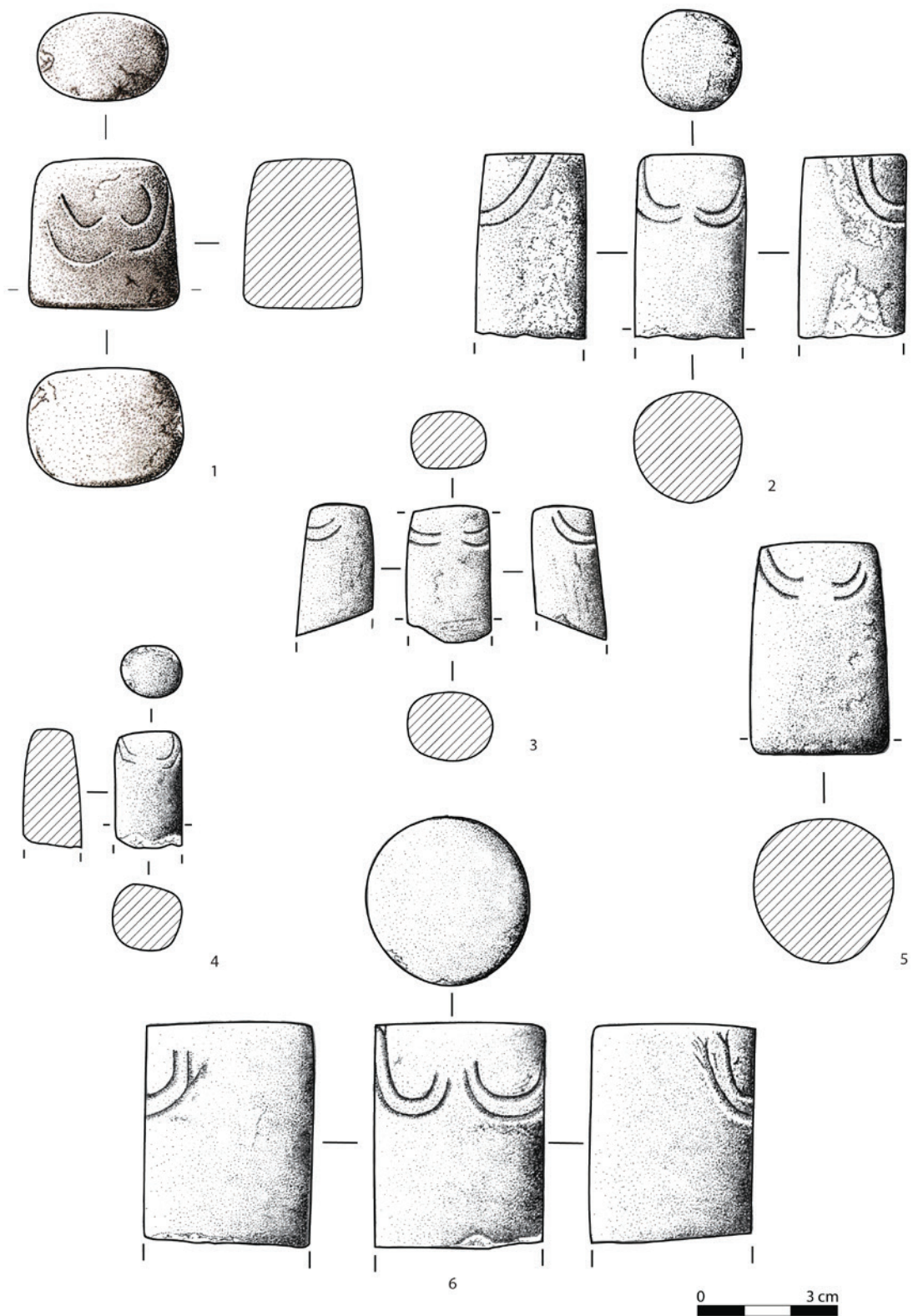


Figura 7 – Cilindros de calcário com decoração de tatuagens faciais: 1 -Inv.74; 2 - Inv. 85; 3 - Inv.84; 4 - Inv.83; 5 - Inv. 81 e 6 - Inv. 75. Desenhos de César Neves.

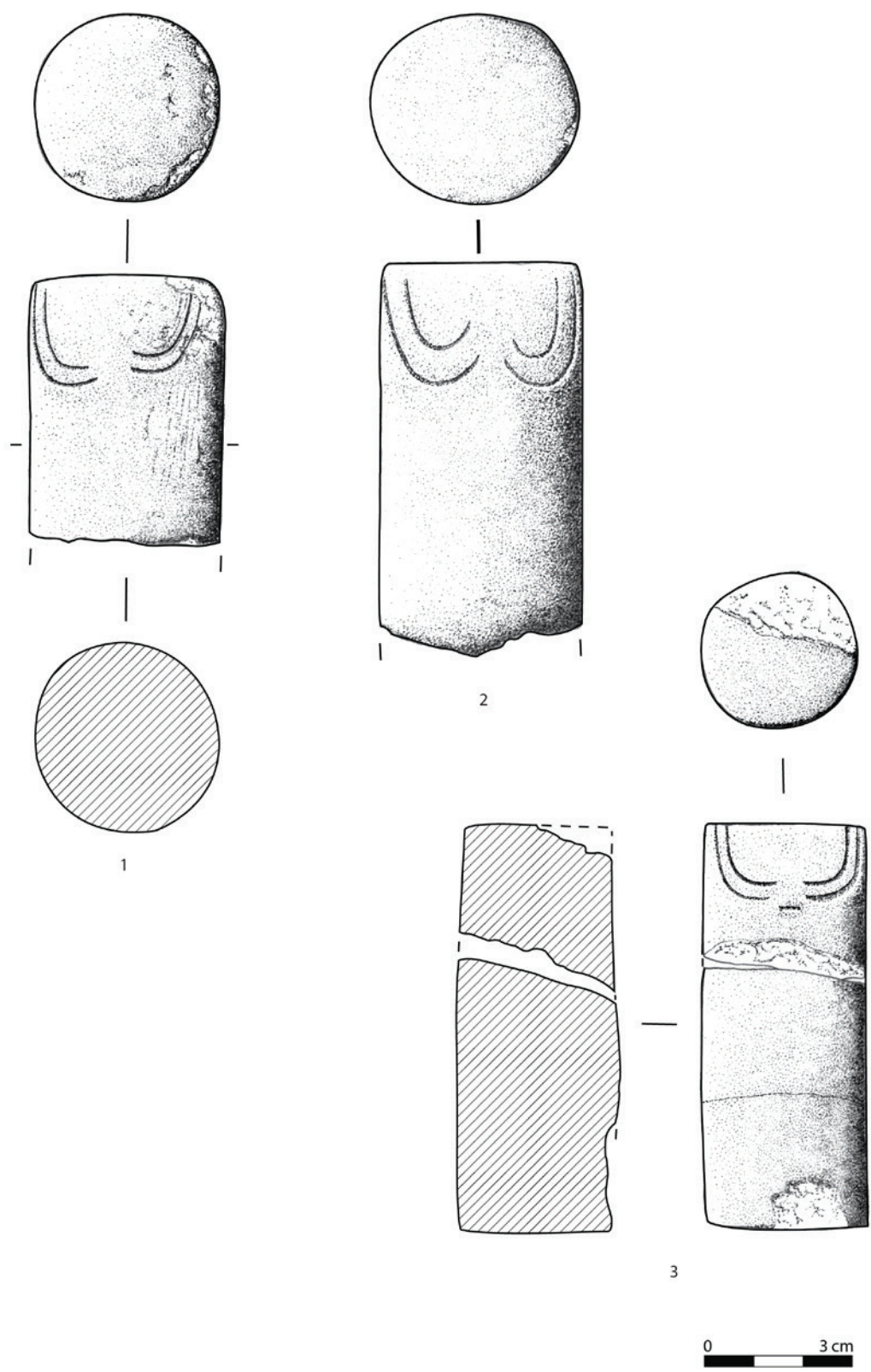


Figura 8 – Cilindros de calcário com decoração de tatuagens faciais: 1 – Inv.77; 2 – Inv. 79 e 3 – Inv. 35. Desenhos de César Neves.

Tatuagens faciais

Os elementos decorativos são esquemáticos, sendo formados por traços lineares regulares, que se iniciam no topo do cilindro, em forma de linha semi-curva até uma zona central. Surgem em conjunto de duas linhas paralelas, arrancando da parte distal até à área frontal, mas sem união das linhas.

Podem apresentar uma maior curvatura na área frontal formando um semi-círculo aberto, criando na peça – uma face frontal e uma face dorsal (Figura 9). Estas representações são tradicionalmente classificadas como tatuagens faciais (Figuras 7 a 14), reconhecendo um carácter antropomórfico a estas peças cilíndricas.

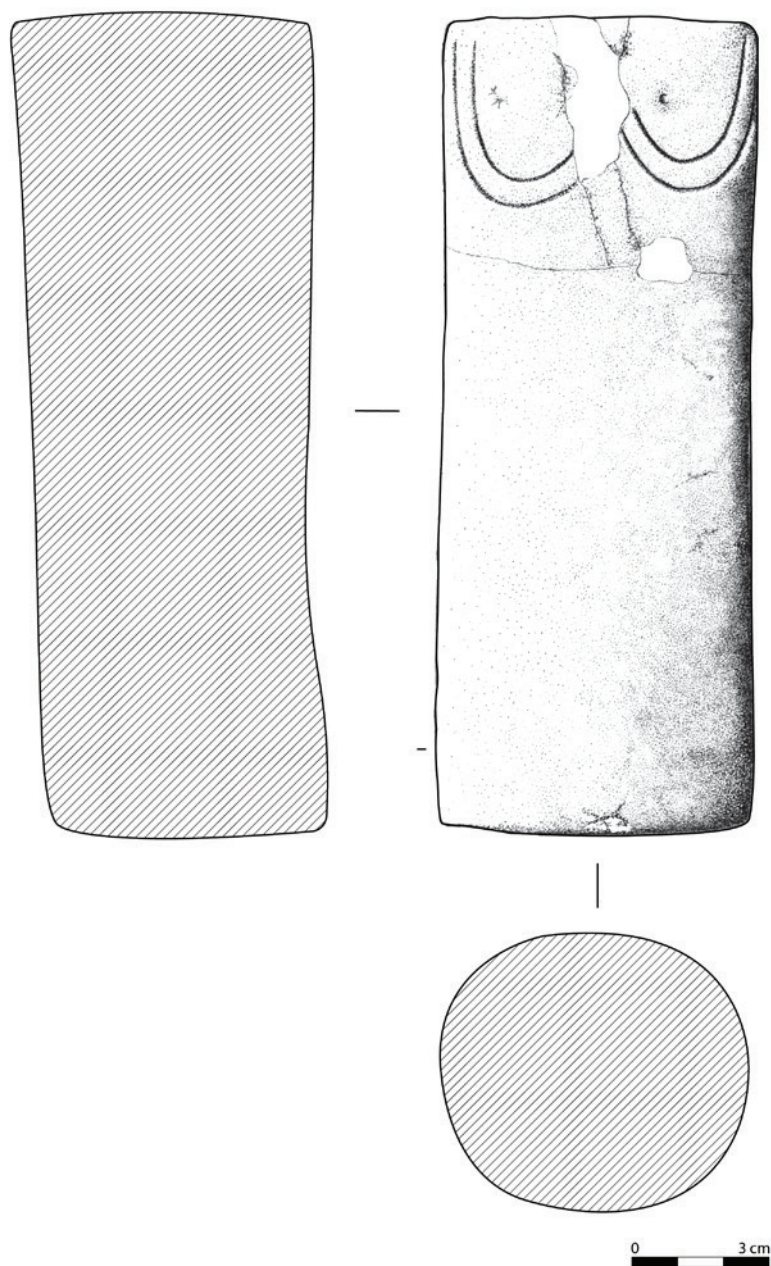


Figura 9 – Artefacto cilíndrico com decoração de tatuagens faciais e representação de olhos – Inv. 62. Desenhos de César Neves.

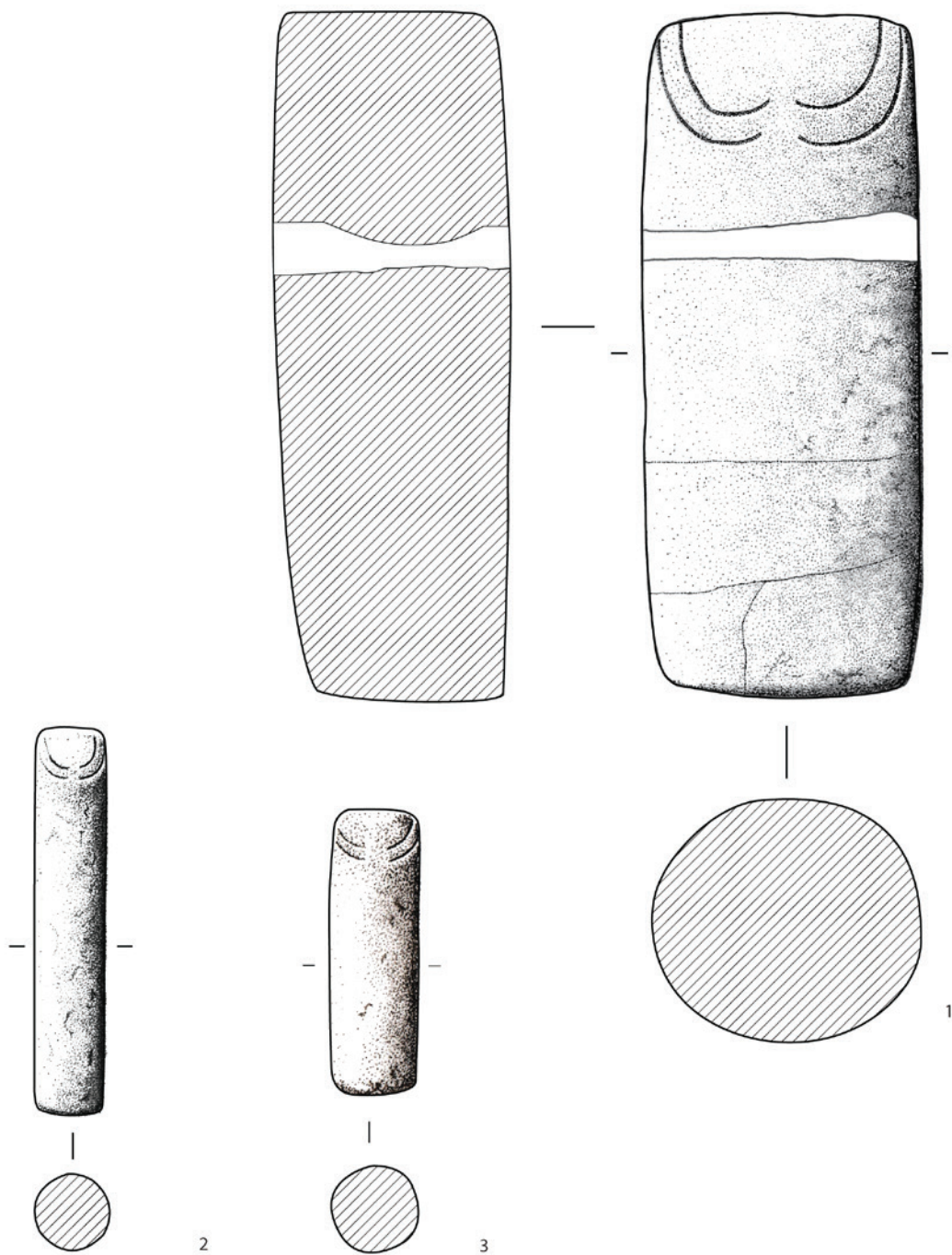


Figura 10 – Artefactos cilíndricos de perfil completo com decoração de tatuagens faciais: 1 – Inv. 44; 2 – Inv. 76 e 3 – Inv. 65. Desenhos de César Neves.

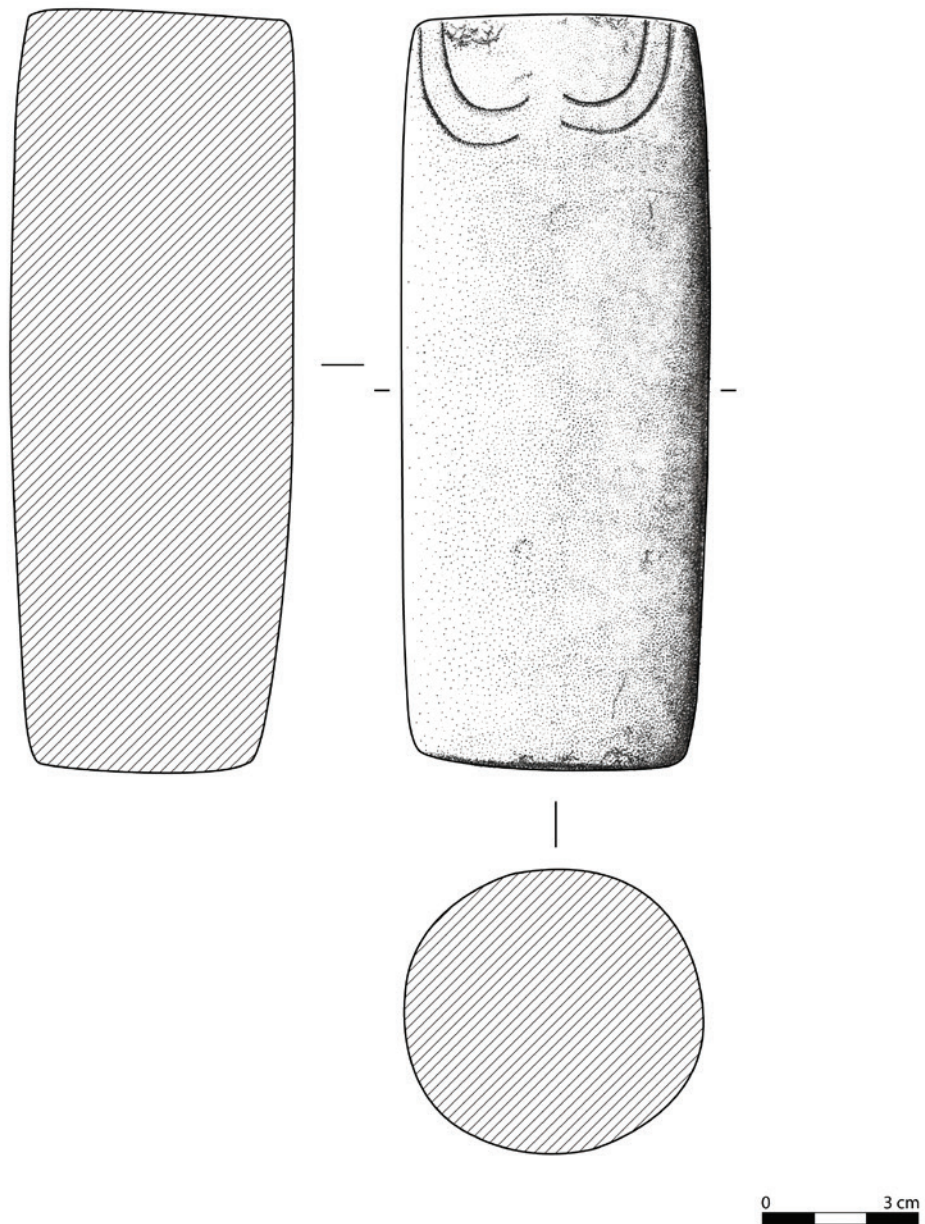


Figura 11 – Artefacto cilíndrico de grande dimensão que mostra decoração com tatuagens faciais: Inv. 64. Desenhos de César Neves.

O exemplar nº 60 (Figura 12 – nº 2) mostra três traços laterais paralelos entre si, de formato linha quebrada com curvatura frontal.

Olhos

Uma particularidade presente em cinco artefactos (números 60, 62, 63, 68 e 72), é a existência de duas pequenas depressões na área frontal, centra-

das com as linhas laterais e executadas por incisão, sendo interpretadas como representação de olhos (Figuras 9, 12 e 13 – nº 1). O exemplar nº 72 mostra ainda numa área inferior, centrado relativamente às linhas incisas, um pequeno traço horizontal que poderá representar a boca (Figura 12 – nº 1), sendo que este elemento também se encontra presente no nº35 (Figura 8 – nº 3).

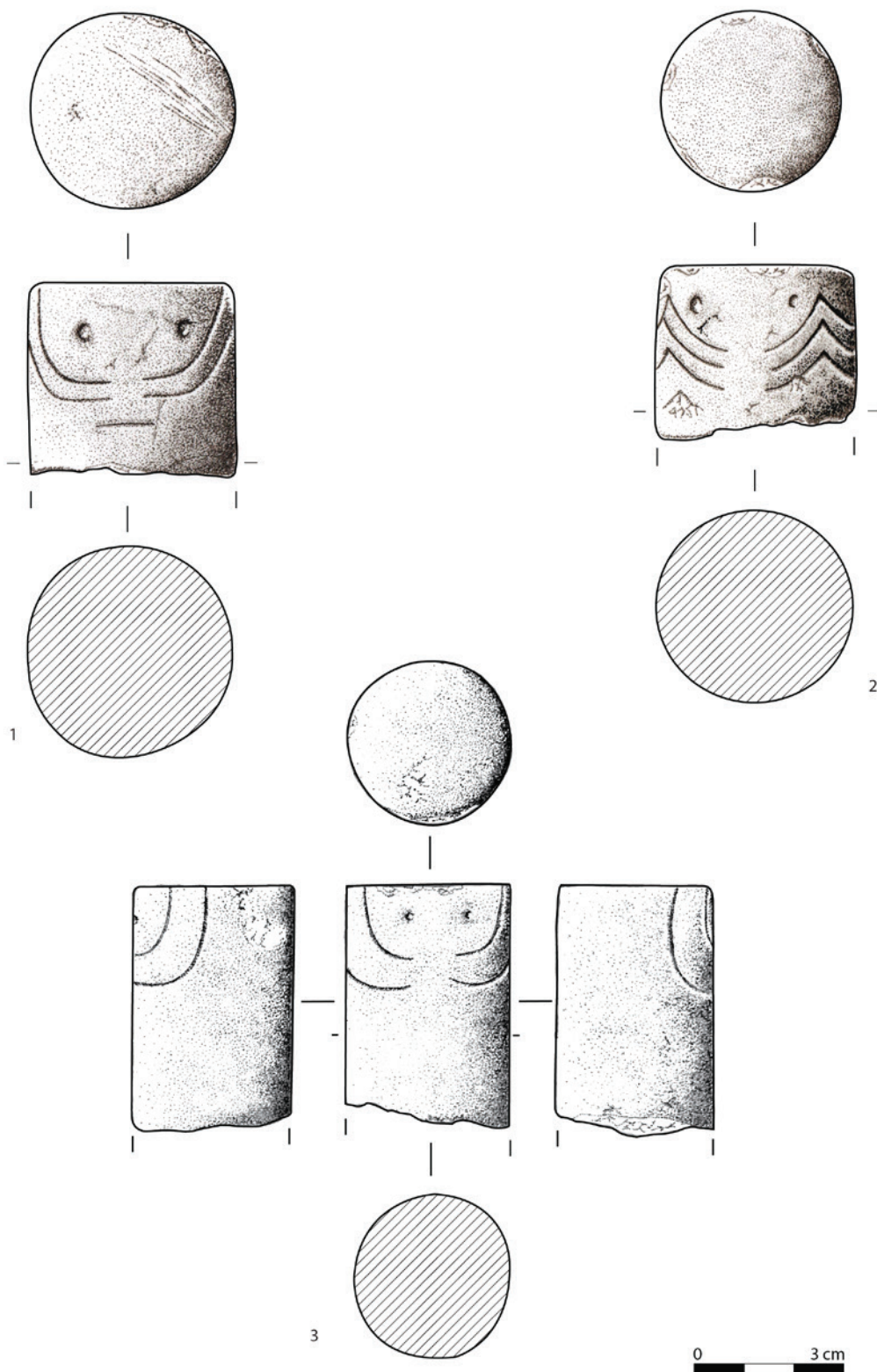


Figura 12 – Artefactos cilíndricos fracturados que mostram decoração com tatuagens faciais e representação de olhos: 1 – Inv. 72; 2 – Inv. 60 e 3 – Inv. 68. Desenhos de César Neves.

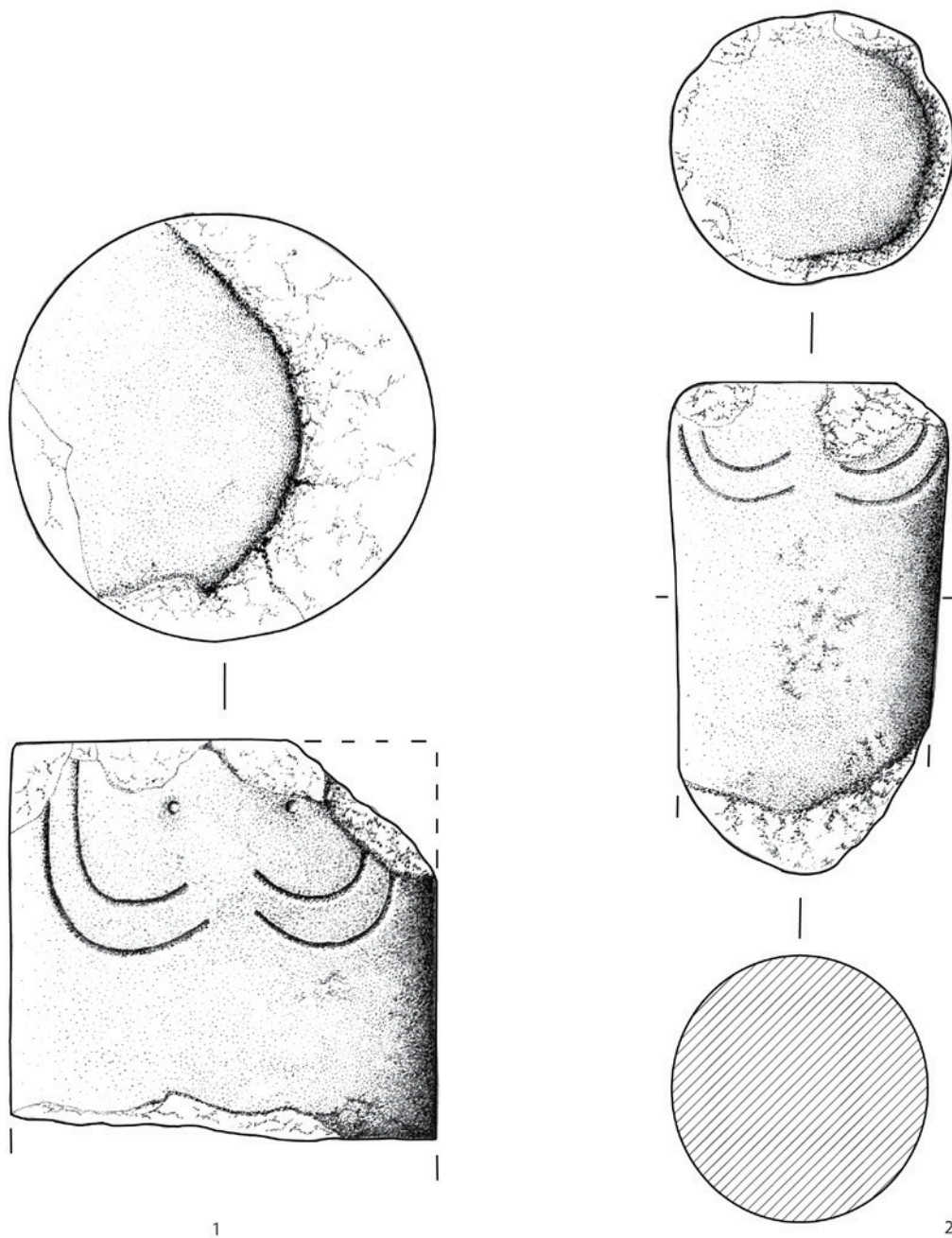


Figura 13 – Artefactos cilíndricos com decoração de tatuagens faciais. 1 – Inv. 63 – mostra representação de olhos; 2 – Inv. 78 – foi reutilizado como percutor. Desenhos de César Neves.



Figura 14 – Pormenores da decoração – linhas incisivas regulares que formam as tatuagens faciais e pequenas incisões circulares que representam os olhos.

Cor

A selecção das matérias-primas empregues no fabrico destes utensílios torna o branco –em diferentes tonalidades – a cor quase exclusiva deste conjunto artefactual, integrado numa vasta família mediterrânea de artefactos em calcário e mármore fundamentalmente de natureza simbólica.

Até ao momento, não foram identificados pigmentos que permitam pensar numa policromia destes materiais – e o branco – parece assim uma escolha intencional, parte do significado destes objectos polidos.

No conjunto recolhido em VNSP, a presença de 3 artefactos cilíndricos em basalto e 3 em arenito, amplia de forma significativa a paleta cromática dos chamados “ídolos” cilindro e como outras manifestações minoritárias identificadas nos conjuntos artefactuais deve ser registada.

3. VILA NOVA DE SÃO PEDRO, UM POVOADO COM ARTEFACTOS SIMBÓLICOS NA PAISAGEM ESTREMENHA

Apesar da extensa área escavada em Vila Nova de São Pedro – cerca de 1ha – não foram identificadas, até ao momento, zonas de cariz funerário sendo, assim, o sítio classificado, até ao momento, como de natureza habitacional. No entanto, diversas categorias artefactuais tradicionalmente relacionadas com actividades votivas ou simbólicas, que surgem

maioritariamente em contextos funerários (e.g. antas, tholoi e hipogeus), foram identificadas em Vila Nova de São Pedro (e.g. ídolos cilíndricos, placas de xisto, falanges afeiçoadas, estatuetas antropomórficas e zoomórficas, alfinetes de cabeça, etc.).

Estes objectos surgem, de acordo com a informação bibliográfica, dispersos por toda a área do povoado juntamente com os restantes elementos da cultura material típica das ocupações de contexto doméstico do Calcolítico, recipientes cerâmicos, pesos de tear, “queijeiras”, utensílios em pedra polida e pedra lascada, bem como objectos em cobre, cadinhos, não tendo sido identificados, ou referidas pelos antigos escavadores, áreas especializadas ou de maior concentração de artefactos simbólicos.

Afonso do Paço refere que os chamados “ídolos cilíndricos”, alguns lisos e outros com os dois traços laterais e paralelos, junto a uma das extremidades, aparecem no estrato superior de Vila Nova de São Pedro, classificado como campaniforme, onde ocorre cerâmica campaniforme, elementos em cobre e restos de cadinhos (Paço e Franco, 1959), e a sua abundância nas primeiras campanhas sugere exactamente essa proveniência nos últimos níveis de ocupação do sítio, ainda que não seja possível atribuir uma cronologia a essa etapa *terminal*.

Porém, estas parcas observações não nos permitem efectuar uma contextualização micro-espacial e crono-estratigráfica dos artefactos cilíndricos recolhidos em Vila Nova de São Pedro comprometendo

assim a discussão sobre e o seu significado e funcionalidade no sítio. Parte de pequenos altares – já desmantelados ou não identificados no decurso da escavação, peças *em trânsito* entre o lugar de produção e um destino final numa necrópole são algumas das hipóteses em aberto.

Analisando a dispersão desta categoria artefactual num território mais circunscrito como a Estremadura Portuguesa, verificamos a presença de cilindros de calcário em numerosos contextos funerários (grutas artificiais, *tholoi*, grutas naturais e antas), e em alguns povoados calcolíticos. Tal como em Vila Nova de São Pedro, torna-se difícil, em muitos casos, determinar o contexto específico e a relação estratigráfica com os outros artefactos existentes no interior dos monumentos ou outros espaços de necrópole, visto que muitos foram intervencionados a partir da segunda metade do século XIX e ao longo dos três primeiros quartéis do século XX, não sendo o registo, actualmente disponível, o mais pormenorizado e esclarecedor.

Em trabalho de síntese das oito primeiras campanhas de escavação, E. Jalhay e A. Paço referem que os artefactos cilíndricos recolhidos até ao momento são de calcário, cristal de rocha, cerâmica e marfim, apresentando muitos deles decoração composta por linhas paralelas laterais ou olhos, podendo representar os mortos como alguns investigadores sugeriam (Jalhay e Paço, 1945). Porém, referem que VNSP corresponderá a um povoado e não uma necrópole, não confirmando as hipóteses dos referidos investigadores estrangeiros e nacionais (*Idem*, 1945: 43).

Relativamente a contextos habitacionais, é no povoado de Leceia que é referida a recolha de um conjunto de cilindros de calcário bem caracterizado e integrado cronologicamente no Calcolítico Pleno, tendo sido recolhidos em zonas centrais do povoado (Cardoso, 2009). Os 15 exemplares são maioritariamente lisos, sendo apenas quatro decorados. Nestes, destaca-se a representação de um triângulo púbcico num dos exemplares, mostrando os restantes as típicas tatuagens faciais existentes na Estremadura, ou seja, conjunto de duas linhas inci-

das lateralmente (Cardoso, 2009). Tal como em Vila Nova de São Pedro surge um cilindro reaproveitado numa segunda fase como percutor, demonstrando uma alteração do simbolismo e funcionalidade (que não implica deixar de ser ritual) destes artefactos.

No povoado Calcolítico da Moita da Ladra, foram recolhidos dois cilindros de calcário que, tal como em Leceia, foram interpretados com a possibilidade de fazerem parte de altares domésticos (Cardoso, 2009; Cardoso *et al*, 2013: 242), hipótese que não poderá, por agora, ser considerada tão linearmente em Vila Nova de São Pedro face à quantidade de artefactos e à incerteza da sua proveniência estratigráfica e contextual. Para Mário V. Gomes, a presença destes artefactos em contextos habitacionais pode resultar do facto de aí serem produzidos, bem como da existência dos pequenos santuários no interior do povoado (2005: 172).

Em contexto funerário, a presença destes utensílios é frequente em diferentes tipologias de monumentos da Estremadura portuguesa. Da extensa listagem, destaca-se a Gruta do Correio-Mór onde foram identificados diversos cilindros de calcário em posição primária, formando um agrupamento alinhado, sendo interpretado como um depósito ritual ou pequeno altar/santuário (Cardoso, 1995: 100). Este conjunto, único no nosso território, tem paralelos com diversos contextos identificados no sul de Espanha, destacando-se a necrópole de Los Millares, onde no exterior-átrio de dois dos *tholoi* foram identificados agrupamentos de cilindros de calcário, interpretados como santuários ou altares onde seriam realizadas cerimónias (Almagro e Arribas, 1963).

Se os ídolos cilindros recolhidos em VNSP estavam já no seu contexto final de uso, e não apenas numa etapa de uma cadeia operatória que os destinava a outros lugares, a sua presença – apesar da escassa informação contextual – bem como a de outros materiais *inequivocamente* simbólicos esbate severamente uma dualidade artificialmente contruída que tende a associar o simbólico aos contextos funerários e o funcional/quotidiano ao mundo doméstico. Ao contrário, e como traço próprio

das sociedades tradicionais diferentes dimensões da existência fundem-se no fenómeno social total (Mauss, 2008).

4. DE ARTEFACTOS A ÍDOLOS – UM LONGO PERCURSO

O conjunto de artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro apresenta-se, seguramente, como um dos maiores reconhecidos para contextos calcolíticos, no Ocidente Peninsular. Esta primeira abordagem, centrada unicamente numa colecção de 93 artefactos, à guarda do Museu Arqueológico do Carmo, pretendeu apenas focar aspectos morfológicos e tipológicos ficando, por agora, em aberto as questões relacionadas com a sua produção, bem como com os processos deposicionais associados ou utilizações secundárias e, o mais aliciante, o debate em torno da interpretação, simbolismo e funcionalidade destes objectos.

Do ponto de vista interpretativo, os artefactos cilíndricos são considerados como representações antropomórficas estilizadas, de figura(s) humana(s) ou sobrenaturais?, quer pela sua morfologia quer pela presença de elementos decorativos que constroem uma face: tatuagens faciais, olhos e, por vezes, sobrancelhas ou pestanas e cabelos que se estendem pela face dorsal da personagem.

O aparato decorativo destes exemplares de Vila Nova de São Pedro é esquemático e simplificado quando comparado com decorações existentes em artefactos recolhidos no sul de Portugal ou Espanha. Trata-se, em VN-SP, de uma decoração muito sintética, exclusivamente assente em tatuagens faciais, apenas na área lateral e frontal do artefacto, sendo a representação de olhos residual e muito ténue, surgindo em apenas cinco exemplares. Destaca-se, no entanto, a rara presença da representação de boca em dois artefactos (Figuras 8 e 12), confirmando o seu carácter antropomórfico.

O estudo dos denominados “ídolos” cilíndricos tem já um percurso longo, acompanhando as investigações em povoados e necrópoles calcolíticas do sudoeste da Península Ibérica, nomeadamente a

Estremadura Portuguesa, Alentejo central, Algarve e Andaluzia. No entanto, para além da obra monumental de M. Almagro Gorbea (1973), onde se encontra um inventário sistemático dos ídolos peninsulares – abordando não apenas os cilíndricos, mas diversas outras categorias artefactuais – não têm sido realizados estudos de conjunto, que procurem sistematizar tipologias e dispersões geográficas.

A constatação de que a profusão decorativa é mais abundante no Sul peninsular, ocorrendo uma simplificação gráfica à medida que avançamos para as áreas mais setentrionais do SW ibérico, foi realizada desde período muito precoce (Siret, 1907; Paço e Franco, 1959), e os diversos autores que, desde então, publicaram conjuntos ou exemplares isolados assumem este postulado, ainda não confirmado por um inventário geral e pormenorizado das dispersões ou derivas iconográficas e respectivo enquadramento cronológico.

A categórica associação destes artefactos à representação de uma divindade mediterrânica, de género feminino ligada à metalurgia, ou a sua contemporaneidade com o aparecimento dos copos canelados (Gonçalves, 1979; 1995), marcando o início das paisagens calcolítica carece igualmente de ampliação da base empírica, adquirindo os estudos realizados nas margens do Mediterrâneo uma importância acrescida para este debate (Bueno Ramirez e Soler Díaz, 2020).

Como facto inquestionável parece a estreita ligação dos “ídolos cilíndricos” a contextos de cariz funerário, onde podem representar totens, divindades protectoras, organizadas em panteões, mas em estreita ligação também a sítios de habitat. A sua presença nos povoados de Vila Nova de São Pedro, Zambujal, Leceia, Parede ou Porto Torrão seguramente ultrapassa aspectos officinais e a proliferação destas personagens *estrangeiras* em altares domésticos no Ocidente peninsular revela a profundidade do complexo processo de Calcolitização em curso.

Em aberto estão questões, como as da identificação de género ou relação directa destes artefactos com o universo feminino e mobilidade social (Primitiva Bueno, 2020), questões como a relação com as

representações iconográficas presentes na arte esquemática nomeadamente para os ídolos oculados ou bitriangulares (Barciela González, 2020), possibilitam novas abordagens a esta temática.

Os artefactos ou ídolos cilíndricos fazem parte de uma História ainda muito fragmentada. Este trabalho quis contribuir, neste domínio para uma primeira aproximação sistemática ao abundante conjunto recolhido em Vila Nova de São Pedro e, dessa forma, reintegrar progressivamente, este histórico sítio nas actuais reflexões e debate científico.

BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO GORBEA, Maria José (1973) – Los Idolos del Bonce I Hispano. *Biblioteca Praehistorica Hispana*, Vol. XII, Madrid.

ALMAGRO BASCH, Martín; ARRIBAS, ANTONIO (1963) – El poblado y la necropolis megalíticas de los Millares (Santa Fé de Modujar, Almería). *Biblioteca Praehistoria Hispanica*, 3, 263 p. Madrid.

ARNAUD, José M.; GONCALVES, João Ludgero (1990) – A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) – balanço de meio século de investigações. 1ª parte. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. 1. Lisboa, pp. 25-48.

ARNAUD, José M.; GONCALVES, João Ludgero (1995) – A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) – balanço de meio século de investigações. 2ª parte. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. 2. Lisboa, pp. 11-40.

ARNAUD, José M. (2005) – Vila Nova de São Pedro revisitada. In: Arnaud, J.M. e Fernandes, C.V., eds. *Construindo a Memória – As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 141-164.

ARNAUD, José M.; DINIZ, Mariana; NEVES, César; MARTINS, Andrea (2017) – Vila Nova de São Pedro – de novo, no 3.º milénio. Um projecto para o futuro. *Arqueologia e História*, 66-67, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 7-17.

BARCIELA GONZÁLEZ, Virginia (2020) – Ídolos del Neolítico final / Calcolítico en las paredes rocosas de la Península Ibérica. Una mirada desde el Sureste Peninsular. In Bueno Ramírez, P. e Soler Díaz, J., eds – *Ídolos – Miradas Milenarias. Catálogo de Exposición*, Museu Arqueológico de Alicante, pp. 54-68.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; SOLER DÍAZ, Jorge (Editores) (2020) – *Ídolos – Miradas Milenarias. Catálogo de Exposición*, Museu Arqueológico de Alicante, 389 p.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (2020) – Cuerpos e Identidades desde el Paleolítico al Neolítico en Europa. Las figuritas ibéricas.

In Bueno Ramírez, P. e Soler Díaz, J., eds – *Ídolos – Miradas Milenarias. Catálogo de Exposición*, Museu Arqueológico de Alicante, pp. 28-39.

CARDOSO, João Luís (1995) – O santuário calcolítico da Gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, Oeiras, pp. 97-121.

CARDOSO, João Luís (2009) – Estatuetas do neolítico final e do calcolítico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e o simbolismo a elas associado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, Oeiras, pp. 73-96.

CARDOSO, João Luís; SOARES, António Monge; MARTINS, José Matos (2013) – O povoado campaniforme fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa) e a sua cronologia absoluta. *O Arqueólogo Português, Série V*, 3, pp. 213-253.

GOMES, Mário Varela (2005) – O sagrado em Vila Nova de São Pedro. Antigas e novas perspectivas. In: Arnaud, J. M. e Fernandes, C.V., eds. *Construindo a Memória – As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 165-178.

GONÇALVES, Victor (1979) – Dois novos ídolos Tipo Moncarapacho. *Setúbal Arqueológica*, Vol. IV, Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, pp. 47-58.

GONÇALVES, Victor (1994) – O castelo de Vila Nova de S. Pedro. *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Electa, pp. 49-51.

GONÇALVES, Victor (1995) – *Sítios, <<Horizontes>> e Artefactos – Leituras críticas de realidades perdidas*. Câmara Municipal de Cascais, 308 p.

JALHAY, Eugénio; PAÇO, Afonso (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y memorias de la Sociedad Espanola de Antropologia: Etnografía y Prehistoria*. Madrid, 20, pp. 5-93.

MARTINS, Andrea, NEVES, César, DINIZ, Mariana; ARNAUD, José (2019) – O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). Notas sobre as campanhas de escavação de 2017 e 2018. *Arqueologia e História*, nº 69, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 133-167.

MAUSS, Marcel (2008) – *Ensaio Sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70.

PAÇO, Afonso; JALHAY, Eugénio (1939) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro: Notas sobre a 1ª e 2ª campanha – 1937 e 1938. *Brotéria*. Separata Lisboa. Vol. XXVIII: 6, pp. 2-46.

PAÇO, Afonso; JALHAY, Eugénio (1942) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 3ª, 4ª e 5ª campanhas – 1939, 1940 e 1941. *Brotéria*, Separata, Lisboa, Vol. XXXIV: 6, pp. 2-31.

PAÇO, Afonso; JALHAY, E. (1943) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro: Notas sobre a 6ª campanha – 1942. *Brotéria*. Separata Lisboa. Vol. XXXVII: 1, pp. 4-27.

PAÇO, Afonso; COSTA ARTHUR, Maria Lourdes (1952) – Castro de Vila Nova de São Pedro. I – 15ª campanha de escavações (1951), *Brotéria*, Vol. LIV, Fasc. 3, Março 1952, pp. 6-25.

PAÇO, Afonso (1954) – Castro de Vila de S. Pedro: VI – Campanhas arqueológicas de 1943 a 1950 (n.º 7 a n.º 14). *Arqueologia e História*, Série VIII, 3, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 31-80.

PAÇO, Afonso; SANGMEISTER, Edward (1956) – Castro de Vila Nova de S. Pedro: VIII – Campanha de escavações 1955 (19ª). *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII, 7, pp. 95-114.

PAÇO, Afonso (1958) – Castro de Vila Nova de S. Pedro: X – Campanha de escavações 1956 (Aditamento: campanhas de 1952, 1953 e 1954 – 16ª, 17ª e 18ª). *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 8, pp. 43-91.

PAÇO, Afonso; FRANCO, Gonçalo Lyster (1959) – Ídolo Cilíndrico de calcáreo, *oculado, do Algarve*, I Congresso Nacional de Arqueologia – separata, Lisboa, 9 p.

RIBEIRO, Maria; CARDOSO, João Luís (2013) – Três décadas de escavações em Vila Nova de São Pedro. (1937-1967). In Arnaud, J.; Martins, A e Neves, C., (Coords.) *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 39-47.

SAVORY, H. N. (1970) – A section through the innermost rampart of the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarem (1959). *Actas das Jornadas Arqueológicas*. 1. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 133-148.

SIRET, Luis (1907) – Orientaux et Occidentaux en Espagne aux temps prehistoriques. *Revue des questions Scientifiques*, Bruxelles, pl. VI.

SOARES, António Monge (2005) – A metalurgia de Vila Nova de São Pedro. Algumas reflexões. In ARNAUD, J.M., FERNANDES, C. V., (eds.) *Construindo a memória. As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 179-188.

SOLER DÍAZ, Jorge (2020) – Ídolos. Una lectura historiográfica para un recurso de narrativa social-prehistórica, In Bueno Ramírez, P. e Soler Díaz, J., eds – Ídolos – Miradas Milenarias. Catálogo de Exposición, Museu Arqueológico de Alicante, pp. 40-53.

ZBYSZEWSKI, Georges (1953) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000 – Notícia explicativa da Folha 31-A Santarém*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 16 p.

PENSAR O CONSUMO ENQUANTO CATEGORIA DE ANÁLISE ARQUEOLÓGICA: NOTAS PARA UMA ABORDAGEM SOCIAL E CULTURAL

Francisco B. Gomes

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Fundação para a Ciência e Tecnologia / francisobjbgomes@gmail.com

Resumo

Desde os finais da década de 1970 a análise do consumo conheceu um desenvolvimento considerável no âmbito das Ciências Sociais. A visão tradicional, economicista, foi progressivamente substituída por leituras mais complexas que identificam o consumo como um fenómeno sociocultural com implicações na construção e representação da ordem social e das identidades individuais e colectivas. O impacto dessa renovação teórica na Arqueologia foi contudo reduzido, facto surpreendente considerando a sua relação com a cultura material e as virtualidades dos seus métodos analíticos para a delimitação de padrões e estratégias de consumo. O presente contributo recolhe um conjunto de reflexões sobre as vias a seguir para o desenvolvimento de análises arqueológicas vocacionadas para a análise do consumo, das suas lógicas e consequências.

Palavras-chave: Consumo, Arqueologia, Regimes de Valor, Padrões de Consumo, Identidade.

Abstract

Since the late 1970's the study of consumption has known a considerable development in the Social Sciences. A traditional, economy-centred analysis was progressively replaced by more complex approaches which identify consumption as a socio-cultural phenomenon with implications in the construction and representation of the social order and individual and collective identities. However, the impact of this theoretical renewal in Archaeology was limited, which is surprising given the discipline's relation to material culture and the ways in which its analytic methods are adapted to the identification of consumption patterns and strategies. This contribution presents some reflections on the ways by which an archaeological analysis focused on consumption, its logics and consequences, can be developed.

Keywords: Consumption, Archaeology, Regimes of Value, Consumption Patterns, Identity.

«What was once a natural act becomes a social act entangled in history and politics, open to law and regulation, helping to define what it is to be human» (Storey, 2017: 3).

1. PENSAR O CONSUMO: PORQUÊ E PARA QUÊ?

A presente contribuição recolhe um conjunto de reflexões expostas no encontro *Millennials em Arqueologia: novas metodologias, novas problemáticas*, organizado pela Associação dos Arqueólogos Portugueses. Em face do amável convite para participar nessas jornadas, e dada a tónica millennial do encontro, decidi abordar naquela ocasião um tema indissociável da vivência desta geração – o consumo.

Nas páginas que se seguem procurarei com efeito analisar brevemente as formas como o consumo foi tratado e conceptualizado nas Ciências Sociais em geral e na Arqueologia em particular. Caberia contudo, e antes de mais, colocar uma questão fundamental: porquê analisar as questões relacionadas com o consumo?

Este tema parece, à primeira vista, evidente e auto-explanatório: à partida, todos sabemos o que é o consumo e o que este acarreta. Este conceito assume hoje em dia um carácter quase omnipresente, no discurso político, claro está, mas também no discurso mediático, onde diariamente vemos repetida uma série de ideias feitas em relação ao consumo, à sociedade de consumo e ao consumismo.

Não obstante, mais do que esclarecer o tema, esses ubíquos chavões obscurecem as nuances das problemáticas relacionadas com o consumo, especialmente nas suas vertentes sociais, culturais e simbólicas (cf. McCracken, 1990; Bocoock, 1993: 35). Com efeito, somos confrontados no nosso quotidiano com um conjunto de narrativas sobre o consumo apresentadas como discursos de sentido comum, desde as que vêm o consumo como algo positivo, que fomenta o crescimento económico e o bem-estar social, até às que o vêm como algo de profundamente negativo, já sejam elas inspiradas em for-

mas mais ou menos clássicas da crítica marxista ou no mais recente discurso ambientalista e ecologista.

No entanto, e apesar do carácter quase perverso destes discursos, o consumo permaneceu ao longo de boa parte da história das Ciências Sociais como uma categoria analítica sub-valorizada e sub-teorizada.

É certo que, de forma directa ou indirecta, o tema do consumo mereceu desde relativamente cedo a atenção de grandes vultos das Ciências Sociais, como Karl Marx (1993 [1941]; 2015 [1867]), Thorstein Veblen (2007 [1899]), Georg Simmel (2011 [1900]), Max Weber (2018 [1905]), Walter Benjamin (2012 [1936]) ou Norbert Elias (2006 [1939]), bem como de outras figuras menos valorizadas mas também elas relevantes, como Werner Sombart (1967 [1913]) ou Georges Bataille (1976 [1949]).

No entanto, e apesar dos contributos mais ou menos desenvolvidos destas luminárias, o consumo assumiu um carácter perfeitamente secundário como objecto de análise e de reflexão teórica face à produção e ao comércio/distribuição até momentos bastantes tardios do século XX, como veremos seguidamente.

2. A ANÁLISE DO CONSUMO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

As transformações ocorridas nos sistemas económicos ocidentais após a II Guerra Mundial deram origem, a breve trecho, ao desenvolvimento do chamado consumo de massas e da ideologia associada do consumismo (v. contudo Majewski & Schiffer, 2009). Estes fenómenos socioeconómicos de amplo alcance criaram as condições necessárias para um crescente interesse teórico pelo tema do consumo, que se impunha enquanto traço distintivo de uma nova etapa do desenvolvimento do capitalismo (Jameson, 1991; Paterson, 2006: 32).

No entanto, e num primeiro momento, a variável “consumo”, quando abordada, continuou a ser tratada de forma superficial, principalmente desde uma óptica economicista na qual é concebida como um epifenómeno relativamente evidente e auto-

-explanatório subordinado àquele que se considera ser o verdadeiro “motor da História” – a produção – ou, na análise económica mais recente, como um correlato da procura e da suposta racionalidade do consumidor, que busca a forma mais eficiente de suprir as suas necessidades (Friedman, 1994: 2; Fine, 1995; 2002).

No entanto, e desde muito cedo, esta perspectiva economicista e redutora conviveu com outras leituras que, apesar de serem também elas problemáticas, abordaram o consumo desde outra óptica, analisando sobretudo as suas dimensões socioculturais. Porventura a mais influente dessas leituras – sobretudo no âmbito da investigação arqueológica – corresponde à interpretação das práticas de consumo como parte de estratégias de emulação social (Simmel, 1904; Duesenberry, 1949; McKendrick, 1982) ou, nalguns casos, de emulação cultural (por exemplo em contextos coloniais).

Este modelo do consumo como meio de emulação tem evidentes debilidades que foram salientadas pela investigação posterior, tendo-se assinalado a sua incapacidade para explicar adequadamente a inovação e a inventividade, reduzidas a mecanismos de diferenciação desenvolvidos pelas classes dominantes como resposta à percolação social das suas práticas de consumo e dos seus elementos de cultura material (Fine & Leopold, 1990; Birmingham, 1995; Storey, 2017: 6-11). O modelo do “consumo-como-emulação” representa assim uma limitada visão *top-down* que, consciente ou inconscientemente, situa as elites sociopolíticas na vanguarda da História e de uma certa ideia de progresso (Fine & Leopold, 1990: 152).

O elitismo constituiu, de resto, um problema recorrente no âmbito destas primeiras leituras socioculturais das práticas de consumo (Storey, 2017: 19-32). O consumo – geralmente equacionado com o consumo de massas contemporâneo – foi frequentemente encarado, numa óptica conservadora, como factor de desvirtuação da cultura (Leavis, 1930) ou, numa óptica inspirada na análise marxista e epitomizada pela Escola de Frankfurt (Benjamin, 2012 [1936]; Adorno, 2003 [1974]; Marcuse, 2006

[1964]), como factor de alienação social, cultural e política (cf. Paterson, 2006: 29; Storey, 2017: 19-23, com bibliografia).

Esta situação de condenação moral do consumo enquanto prática e de secundarização do mesmo enquanto categoria analítica – situações que estão intimamente interligadas (Mullins, 2004: 195) – só se alterou no campo das Ciências Sociais com o advento do Estruturalismo (Barthes, 2012 [1957]; Sahlins 1976) e, sobretudo, das primeiras respostas críticas às limitações do quadro de análise desenvolvido no âmbito desta corrente teórica (v., p. ex., Baudrillard, 2008 [1970]).

Com efeito, os trabalhos que abriram caminho às perspectivas contemporâneas sobre o consumo só surgiram já em finais dos anos 1970. 1979, em particular, assistiu à publicação de duas obras que teriam um peso muito substancial na investigação posterior.

Por um lado, nesse ano Pierre Bourdieu publicou o seu clássico estudo sobre a Distinção (Bourdieu, 2010 [1979]), no qual evidencia através de uma exaustiva análise sociológica as formas como determinados padrões de consumo são utilizados para produzir, marcar e manter distinções sociais. A sua leitura do gosto como realidade social e ideologicamente construída e das funções da cultura material nas estratégias de classificação social continua ainda hoje a exercer uma influência substancial nos estudos sobre a cultura material e o consumo.

Por outro lado, nesse mesmo ano foi dado à estampa o clássico *The World of Goods*, da autoria da antropóloga Mary Douglas e do economista Baron Isherwood, justamente considerado como o texto fundacional da Antropologia do consumo. Nesse trabalho (Douglas & Isherwood, 1996 [1979]) procurou-se superar os constrangimentos das leituras de índole mais economicista, enfatizando o papel dos bens consumidos como parte de sistemas de informação (*idem*: 49). Nas suas próprias palavras,

«[i]nstead of supposing that goods are primarily needed for subsistence plus competitive display, let us assume that they are needed for making

visible and stable the categories of culture. (...) [T]he goods have another important use: they also make and maintain social relationships» (idem: 38-39).

Nesta perspectiva, que como veremos antecipa muitos dos desenvolvimentos posteriores, os actos de consumo e os padrões que conformam assumem um carácter simbólico, expressivo e comunicativo. Segundo afirmam, «[c]onsumption is an active process in which all the social categories are being continually redefined» (idem: 45).

Já em plenos anos 1980, estes trabalhos de alguma forma pioneiros foram sucedidos e complementados por uma nova vaga de trabalhos directa ou indirectamente dedicados ao tema do consumo. Entre estes, destaca-se o volume *The Social Life of Things*, editado por Arjun Appadurai (1986a), onde se desenvolve a problemática da circulação de bens entre âmbitos sociais e culturais diferenciados. O carácter activo e historicamente situado do consumo é posto em evidência em várias das contribuições recolhidas neste volume (esp. Kopytoff, 1986).

Neste volume introduz-se, além disso, o conceito de “*regimes de valor*” que, apesar de pouco desenvolvido neste contexto, conhecerá uma ampla difusão no âmbito das análises do consumo, em particular do consumo intercultural (cf. Myers, 2001: 6; 55); a ele voltaremos mais adiante nesta exposição.

É também por esta altura que o antropólogo Daniel Miller inicia um longo trajecto académico dedicado ao estudo do consumo na óptica da cultura material, com a publicação do volume *Material Culture and Mass Consumption* (Miller, 1987), que inaugura uma corrente particularmente profícua de estudos sobre o consumo desenvolvidos dentro do novo campo dos Estudos da Cultura Material (Miller, 1995a; 1997; 2002; 2006).

Porventura o aspecto mais saliente das perspectivas desenvolvidas por este investigador diz respeito às possibilidades oferecidas pelo consumo para a expressão da identidade individual e grupal; numa tentativa de superar o lastro negativo associado à prática do consumo, este é encarado como um re-

curso na construção activa e socialmente negociada de discursos de identidade e representação plurais (Miller, 1995b: 37).

Miller designa este processo como “objectificação”, afirmando que

«[c]onsumption is simply a process of objectification – that is, a use of goods and services in which the object or activity becomes simultaneously a practice in the world and a form in which we construct our understanding of ourselves in the world» (idem: 27).

Do ponto de vista da investigação arqueológica, é particularmente importante salientar a ênfase colocada por Daniel Miller e pela investigação que se desenvolveu a partir dos seus trabalhos nas materialidades do consumo.

A ideia de que a vivência humana é indissociável da cultura material que produz (e consome) (Miller, 2006: 347) e que essa cultura material, por seu turno, distribui e prolonga a agência humana, condicionando o devir social colectivo (Myers, 2001: 23) constitui um antídoto contra os excessos das abordagens simbólicas e semióticas desenvolvidas no quadro do Pós-Estruturalismo, e antecipa algumas visões recentes dos chamados *Novos Materialismos* (cf. *infra*).

Os desenvolvimentos ocorridos durante esta fase de emergência e consolidação do pensamento sobre o consumo no âmbito das Ciências Sociais foram já resumidos em três etapas fundamentais (Miller *et al.*, 1998):

- 1) Uma etapa pioneira, na qual se enfatiza a falta de estudos teóricos e empíricos e na qual se começa a valorizar a diversidade das relações sociais envolvidas no consumo;
- 2) Uma segunda etapa onde se observa uma disseminação do interesse pelo consumo nos vários âmbitos disciplinares das Ciências Sociais, sendo uma das tónicas fundamentais desta etapa o interesse pelos temas relacionados com a subjectividade, a identidade e a auto-identificação;
- 3) E finalmente uma terceira etapa, onde os es-

tudos do consumo buscam reintegrar a produção e a distribuição nos seus quadros analíticos; verifica-se igualmente nesta etapa uma cristalização do interesse pelas materialidades inerentes ao consumo e pela interacção dos sujeitos com os objectos, encarada numa óptica histórica, social e culturalmente situada (*idem*: 1; cf. Fine, 2002: 1-2).

Ao reincorporar a materialidade no seu discurso, as perspectivas desenvolvidas ao longo deste processo de evolução teórico-metodológica passaram a dar conta das tensões latentes entre as dimensões económicas e as dimensões sociais e culturais do consumo, reconhecendo que o valor dos objectos consumidos resulta de uma complexa interacção entre as propriedades físicas dos mesmos e as interpretações socioculturais que suscitam (Fine, 2002: 89; 104).

Não é possível neste contexto analisar com o detalhe desejável os diversos e multifacetados desenvolvimentos posteriores ao nível da análise do consumo no âmbito das Ciências Sociais (v. Storey, 2017). No entanto, parece importante reter alguns conceitos operativos com possíveis aplicações práticas para a investigação arqueológica sobre o consumo.

Em primeiro lugar, caberia tecer algumas considerações adicionais sobre a noção de “*regime de valor*” (Appadurai, 1986b), já afluída. Apesar de uma crónica falta de elaboração teórica, já assinalada (Myers, 2001: 55), este conceito pode desempenhar um papel operativo relevante na análise do consumo intercultural, isto é, da apropriação por parte de um grupo concreto de elementos de cultura material que, na sua circulação, atravessaram fronteiras culturais.

Neste tipo de situações, parece lógico que a aferição do valor dos elementos consumidos num contexto local não depende exclusivamente de um valor de intercâmbio atribuído pelo centro produtor ou pelos agentes responsáveis pela distribuição com base nos custos sociais de produção e de transporte.

Com efeito, ao incorporarem os elementos

consumidos nas suas práticas quotidianas, as comunidades consumidoras atribuem-lhe igualmente um valor de uso, pelo menos parcialmente independente do seu valor de intercâmbio, e que advém da interpretação local desses elementos (Fine, 2002: 89). Este pólo de valor resulta de um processo de negociação social e, por conseguinte, deve considerar-se historicamente situado e contextual.

Nesse sentido, os “*regimes de valor*” consignam sistemas culturalmente específicos de valor que ordenam os elementos de cultura material não apenas em função das suas propriedades e do seu custo social de produção/aquisição, mas também em função de interpretações social e culturalmente partilhadas sobre o significado desses objectos. Como afirmavam já Mary Douglas e Baron Isherwood,

«... *consumption activity is the joint production, with fellow consumers, of a universe of values. Consumption uses goods to make firm and visible a particular set of judgements in the fluid processes of classifying persons and events*» (Douglas & Isherwood, 1996 [1979]: 45).

A validade destes sistemas culturais de valor depende, portanto, da existência de uma espécie de comunidade interpretativa (v. Storey, 2017: 54) – uma *comunidade de consumo* – que comparte um código social através do qual interpretar o seu entorno material.

A dinâmica subjacente à construção destes “*regimes de valor*” pode abordar-se através da análise detalhada dos contextos sociais de uso da cultura material na medida em que estes regimes geram *padrões de consumo* específicos.

Estes padrões apresentam temporalidades e espacialidades concretas passíveis de caracterização e descrição. No entanto, para superar a mera descrição e estabelecer modelos explicativos operativos aplicáveis ao estudo do consumo, impõe-se igualmente uma abordagem às práticas sociais no contexto das quais os elementos consumidos se manipulam (Dietler, 2005; cf. *infra*).

Através dessa abordagem é possível inferir a

teia de significados sociais expressa através do consumo, restituir o papel da cultura material na construção, representação e reprodução de uma determinada ordem social e chegar a reconhecer os processos constitutivos dos discursos sociais da comunidade e dos indivíduos que a compõem relativamente à sua identidade, ao seu estatuto e à sua posição dentro do grupo (Paterson, 2006: 7).

É por outro lado importante salientar que esses discursos sociais não são meramente expressivos, mas efectivamente constitutivos da realidade social, funcionando como instrumentos na construção, manutenção e reprodução de regimes de diferenciação e não apenas como meros reflexos de diferenças pré-existentes decorrentes de factores apriorísticos (Bocock, 1993: 64).

A análise do consumo não pode por isso partir de uma concepção normativa da cultura. É certo que existem quadros sociais e culturais de partida, articulados em torno de regimes de valor específicos, que condicionam à partida as fórmulas e os *padrões de consumo* (Terrail, 1995: 194-195); contudo, o que a investigação recente do consumo demonstrou é que existe uma margem importante para variações e desvios dentro desses quadros socioculturais e desses regimes de valor, isto é, para o desenvolvimento por parte de sectores concretos de uma dada sociedade de *estratégias de consumo* particulares que permitem e potenciam a transformação social (Friedman 1994: 12).

Os regimes de valor e os padrões de consumo, enquanto reflexo de estruturas e discursos sociais em permanente devir, encontram-se também eles em fluxo, não podendo reificar-se nem isolar-se do seu contexto histórico concreto.

Finalmente, e antes de abandonar este apartado, importa reflectir brevemente sobre as perspectivas futuras da análise do consumo enquanto fenómeno sociocultural. O advento dos chamados “*Novos Materialismos*” em particular, e a viragem ontológica em curso no seio das Ciências Sociais (Coole & Frost, 2010; Dolphijn & van der Tuin, 2012), terão seguramente reflexos de monta nessa análise.

Em reacção aos excessos da abordagem

hermenêutica desenvolvida no quadro do Pós-Estruturalismo, esta nova corrente, de alguma forma enraizada no interesse pelo papel social da cultura material desenvolvido desde finais do século passado (cf. *supra*), abrange um leque multifacetado de abordagens que têm em comum a valorização da materialidade e da corporalidade enquanto aspectos definitórios da experiência colectiva humana, oferecendo igualmente reflexões radicais sobre a agência social dos objectos (Harris & Cipolla 2017: 141-146).

Ainda que estejam ainda por explorar em profundidade, as consequências dessas abordagens para a leitura do consumo são evidentes, e é expectável que a prazo se aprofunde a ideia do papel socialmente constitutivo dos actos de consumo enquanto *loci* privilegiados de interacção entre o homem e o universo material que o envolve.

3. O CONSUMO ENQUANTO CATEGORIA DE ANÁLISE ARQUEOLÓGICA

Exposta brevemente esta panorâmica histórica da análise do consumo no quadro das Ciências Sociais, caberia agora questionar que papel têm tido esses estudos no âmbito específico da Arqueologia.

À primeira vista, os estudos sobre o consumo marcaram sempre uma presença na agenda da nossa disciplina. Afinal de contas, e salvo alguns casos particulares, «[a]rcheologists (...) have always been studying the patterns generated most directly by consumption, rather than production or exchange» (Dietler, 2009: 208).

De facto, quando olhamos para a literatura arqueológica encontramos variadíssimos exemplos de estudos de «centros de consumo»; no entanto, se analisarmos mais aprofundadamente os objectivos e resultados da vasta maioria desses estudos, descobriremos que os «centros de consumo» são, afinal, laboratórios onde estudar os fluxos e refluxos da produção e dos centros produtores, e as lógicas e estratégias comerciais subjacentes à captação de mercados por parte desses centros e à distribuição dos seus produtos. A análise das lógicas e das estra-

tégias específicas de consumo em cada contexto é, portanto, apenas nominal (Mullins, 2011: 134-135).

O crescente interesse pelo tema do consumo nas Ciências Sociais, brevemente resenhado no apartado anterior, não conheceu um reflexo imediato, e muito menos profundo, no âmbito global da investigação arqueológica. Este facto poderá dever-se, por um lado, à existência de um entendimento acrítico mas muito enraizado do que é o consumo nessa investigação, que subordina este âmbito ao da produção e, sobretudo, ao do comércio (*idem*: 134).

Contudo, e por outro lado, não deve obviar-se o facto de que a maioria das reflexões teóricas antes comentadas explorou as problemáticas do consumo em contextos históricos recentes, muito frequentemente relacionados com a génese e expansão do capitalismo, em geral, e do consumo de massas do século XX em particular (Mullins, 2004: 197). O quadro teórico e conceptual que delas resulta não pode portanto transpor-se para a análise das sociedades do passado sem aplicar primeiro um importante critério crítico (Dietler, 2010: 58; Mullins, 2011: 142).

Por estas (mas talvez também por outras) razões, o interesse pelo consumo enquanto categoria específica de análise arqueológica só se desenvolveu muito tardiamente, em vários âmbitos geográficos e cronológicos (Mullins, 2004; 2011; Majewski & Schiffer, 2009), podendo contudo destacar-se o trabalho desenvolvido em torno aos diversos âmbitos de interacção colonial no Mediterrâneo Antigo.

Os trabalhos de Michael Dietler (1998; 2005; 2009; 2010), em particular, mas também os de uma série de outros investigadores que têm desenvolvido reflexões enquadráveis no âmbito da Arqueologia Pós-Colonial (van Dommelen, 1998; 2011; Hodos, 2006; Vives-Ferrándiz, 2008; Steel, 2013), têm permitido repensar este âmbito do consumo em Arqueologia, e em particular a questão da circulação de bens que cruzam fronteiras culturais no contexto de relações de índole colonial.

Neste âmbito teórico, o consumo deixa de ser encarado como um reflexo passivo da produção e do comércio para passar a ser considerado como

uma prática social e cultural activa, selectiva e significativa, «... a process of symbolic construction of identity and political relations with important material consequences» (Dietler, 2009: 215).

Deve considerar-se, por outro lado, que a Arqueologia, com a sua particular ênfase disciplinar na cultura material enquanto fonte de informação histórica e antropológica, oferece condições particularmente profícuas para o desenvolvimento de leituras sobre as dimensões socioculturais do consumo (Majewski & Schiffer, 2009; Mullins, 2011: 142).

Por outro lado, a profundidade cronológica oferecida pela análise arqueológica permite ilustrar de forma invulgarmente operativa o carácter histórica e culturalmente situado das práticas e estratégias de consumo, permitindo aferir que aspectos da experiência do consumo se podem considerar mais ou menos gerais e transversais frente àqueles que decorrem de factores conjunturais (Mullins, 2011: 135).

Assim, e desde que devidamente calibrada, a leitura do registo arqueológico permite desenvolver o tipo de análise contextual das práticas e dos padrões de consumo que acima se descreveu.

Michael Dietler, em particular, assinala quatro aspectos ou escalas fundamentais de análise que devem combinar-se para obter uma correcta aferição das estratégias de consumo a partir do registo arqueológico: 1) o contexto específico do consumo; 2) as associações dos objectos consumidos entre si e com outros elementos de cultura material; 3) a representatividade intra- e inter-sítio dos objectos consumidos; e 4) a distribuição espacial geral dos objectos consumidos numa dada área de estudo (Dietler, 2005: 66-67).

Os dois primeiros pontos são, porventura, aqueles que menos se têm valorizado na análise arqueológica do consumo em sentido lato, mas são precisamente esses os parâmetros que permitem compreender não apenas as lógicas de *aprovisionamento* de uma comunidade ou grupo de comunidades, mas as suas lógicas socioculturais de consumo.

Esta diferenciação, embora complexa e em certa medida arbitrária, entre *aprovisionamento* e

consumo parece particularmente necessária neste contexto, na medida em que ambos os conceitos apresentam importantes sobreposições ao nível dos seus usos na literatura arqueológica que podem gerar confusão.

Neste contexto específico, entende-se por *aprovisionamento* o processo de aquisição de recursos, matérias-primas e, em última análise, de bens e mercadorias necessários para suprir as necessidades – físicas e sociais – de uma determinada comunidade ou grupo de comunidades. O aprovisionamento insere-se preferencialmente, portanto, no domínio da produção e do comércio.

No processo de aprovisionamento podem contudo intervir processos de selecção baseados em normas e preceitos social e culturalmente determinados. Dentro de um universo limitado mas plural de possibilidades, as escolhas inerentes a esses processos de selecção sujeitam os recursos e bens acessíveis à comunidade ao filtro dos seus regimes de valor, classificando alguns deles como desejáveis e outros como neutros ou indesejáveis (Dietler, 2010: 58; 69-70).

Esse processo de selecção constitui um primeiro estágio de *consumo latu sensu*, na medida em que nele nos movemos da questão estrutural da *disponibilidade* de recursos e de bens para a questão social e culturalmente localizada das *necessidades* e, sobretudo, da *procura*, que pode entender-se como

«... a product of the variable interplay of embodied categories and tastes, strategic decisions about the potential deployment of goods in particular social roles, creative analogical interpretations of new instrumental or social uses, semiotic understandings about the relationship among goods in "systems of objects" (...) and other such factors» (Dietler, 2010: 66).

Passado este primeiro processo de selecção, os objectos consumidos passam a estar disponíveis para ser localmente mobilizados no contexto de estratégias e práticas de *consumo strictu sensu*, entendidas como

«... a process of structured improvisation that continually materializes cultural order by also dealing with alien objects and practices through either transformative appropriation and assimilation or rejection» (Dietler, 2009: 216).

Estes processos de *consumo latu sensu* e *strictu sensu* são complementares e interdependentes, retroalimentando-se mutuamente. A relação entre ambos expressa bem a tensão entre os factores estruturais e os factores socioculturais locais que determina o significado concreto dos bens consumidos (Mullins, 2011: 134-135).

Utilizando as escalas de análise propostas por Michael Dietler (2005: 66-67) é possível identificar e analisar estes estágios do processo de consumo no registo arqueológico, avaliando a forma como os mesmos se encadeiam e influenciam mutuamente e o papel que desempenham na emergência de padrões de consumo específicos. Esses padrões podem, por seu turno, e em função das suas características e dos traços que os distinguem de outros padrões contíguos, interpretar-se em função de fórmulas e discursos sociais concretos que relevam da agência individual e grupal e das estratégias mobilizadas na sua representação – e, nalguns casos, na sua contestação (Dietler, 2010: 65).

Por outro lado, a investigação arqueológica permite não apenas cotejar padrões de consumo contemporâneos e interpretar o seu significado em termos sincrónicos, mas também apreciar o desenvolvimento diacrónico desses padrões ao longo de períodos mais ou menos dilatados de tempo (Majewski & Schiffer, 2009: 193), o que – se as condições forem idóneas – permite restituir o impacto das estratégias de consumo na evolução do tecido social e analisar a adaptação das mesmas a conjunturas históricas particulares.

Nesta óptica, o consumo enquanto forma de materializar e expressar uma determinada ordem social pode ser encarado não apenas de um ponto de vista simbólico, discursivo e semiótico, mas efectivamente como uma prática social enraizada e condicionada pela economia política da comunidade e

pelas relações de poder entre grupos e dentro de cada grupo concreto (Mullins, 2004: 201; Dietler, 2009: 219; Dietler, 2010: 58).

4. ARQUEOLOGIA E CONSUMO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Apesar das experiências e dos contributos dos investigadores citados nas páginas anteriores, a aplicação arqueológica dos quadros conceptuais derivados da investigação sobre o consumo no âmbito das Ciências Sociais ao longo das últimas décadas continua hoje a ser residual (Mullins, 2011).

Um dos principais entraves ao desenvolvimento de um maior interesse no tema do consumo enquanto fenómeno sociocultural prende-se com a tenacidade de uma série de visões “de sentido comum” sobre esse tema que, como vimos, se manifestam não só nas sociedades ocidentais em geral, mas também na investigação arqueológica em particular.

Importa por isso dar continuidade à problematização do conceito de consumo tal como se utiliza usualmente no discurso arqueológico e enfatizar o desenvolvimento de aplicações metodológicas especificamente arqueológicas para o quadro conceptual de referência brevemente resenhado nas páginas precedentes.

É igualmente importante salientar o potencial da Arqueologia, enquanto disciplina especialmente vocacionada para o estudo da cultura material, para o futuro desenvolvimento da investigação interdisciplinar sobre o consumo e os seus efeitos sociais, políticos e culturais.

Actualmente, e como ficou dito, parece viver-se ao nível das Ciências Sociais uma viragem ontológica, manifesta num renovado interesse pela materialidade e pelo carácter socialmente constitutivo do universo material.

O impacto dos *Novos Materialismos* na Arqueologia (cf. Harris & Cipolla 2017: 141-146) e o desenvolvimento de correntes teóricas que valorizam os objectos enquanto agentes sociais activos que participam e ajudam a moldar o devir histórico das comunidades humanas (Hodder, 2012; Olsen *et al.*,

2012; Olsen, 2013; Watts, 2013) terá certamente reflexos importantes para o estudo arqueológico do consumo.

As implicações destas novas perspectivas teóricas para o estudo arqueológico do consumo estão ainda, ao que julgo, por analisar, mas creio que existe aqui um grande potencial para continuar a desenvolver um campo de análise que continua a ser infelizmente restrito na prática arqueológica.

No entanto, e inversamente, esta é também uma oportunidade para valorizar a Arqueologia enquanto disciplina no seio das Ciências Sociais. As ferramentas metodológicas para abordar e interpretar a cultura material próprias da nossa disciplina podem, neste contexto, torná-la uma peça fundamental no desenvolvimento de novas linhas analíticas (Majewski & Schiffer, 2009).

Por outro lado, as práticas interdisciplinares que caracterizam a Arqueologia situam-na como uma interface privilegiada entre um campo das Ciências Sociais crescentemente interessado na materialidade e nas consequências sociais das propriedades físicas do mundo material e o campo das Ciências Exactas, que por natureza sempre centrou a sua atenção nessas mesmas propriedades.

A geração *millennial* tem seguramente um papel a desempenhar na resposta a estes desafios, mais que não seja por deter, enquanto geração, uma relação íntima não só com o consumo, mas sobretudo com o consumo *físico* de elementos de cultura material. Afinal de contas, o consumo tende a ser cada vez mais uma experiência imaterial, digital, e a relação com a cultura material dos *pós-millennials* que começam agora a sua integração no discurso académico – praticamente todos eles nativos digitais – será já necessariamente outra.

BIBLIOGRAFIA¹

ADORNO, Theodor W. (2003 [1974]) – *Sobre a Indústria da Cultura*. Coimbra: Angelus Novus.

APPADURAI, Arjun (ed.) (1986a) – *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.

APPADURAI, Arjun (1986b) – Introduction: commodities and the politics of value. In APPADURAI, Arjun, ed. – *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 3-63.

BARTHES, Roland (2012 [1957]) – *Mitologias*. Lisboa: Edições 70.

BATAILLE, Georges (1976 [1949]) – La Part Maudite. Essai d'économie générale, I. La Consumption. In BATAILLE, Georges, *Oeuvres Complètes*, VII. Paris: Gallimard, pp. 17-180.

BAUDRILLARD, Jean (2008 [1970]) – *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70.

BENJAMIN, Walter (2012 [1936]) – A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica. In BENJAMIN, Walter, *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio d'Água, pp. 59-95.

BERMINGHAM, Ann (1995) – The Consumption of Culture: Image, Object, Text. In BERMINGHAM, Ann & BREWER, John, eds. – *The Consumption of Culture, 1600–1800: Image, Object, Text*. Londres: Routledge, pp. 1-20.

BOCOCK, Robert (1993) – *Consumption*. Londres: Routledge.

BOURDIEU, Pierre (2010 [1979]) – *A Distinção. Uma Crítica Social da Faculdade do Juízo*. Lisboa: Edições 70.

COOLE, Diana & FROST, Samantha (eds.) (2010) – *New Materialisms: Ontology, Agency, and Politics*. Durham: Duke University Press.

DIETLER, Michael (1998) – Consumption, Agency, and Cultural Entanglement: Theoretical Implications of a Mediterranean Colonial Encounter. In CUSICK, James G., ed. – *Studies in Culture Contact: Interaction, Culture Change, and Archaeology*. Carbondale: University of Southern Illinois, pp. 288-315.

DIETLER, Michael (2005) – The archaeology of colonization and colonization of archaeology: theoretical challenges from an an-

cient Mediterranean colonial encounter. In STEIN, Gil J., ed. – *The Archaeology of Colonial Encounters: Comparative Perspectives*. Santa Fe: School of American Research Press, pp. 33-68.

DIETLER, Michael (2009) – Consumption. In HICKS, Dan & BEAUDRY, Mary, eds. – *The Oxford Handbook of Material Culture Studies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 207-226.

DIETLER, Michael (2010) – *Archaeologies of Colonialism: Consumption, Entanglement, and Violence in Ancient Mediterranean France*. Berkeley: University of California Press.

DOLPHIJN, Rick & van der TUIN, Iris (2012) – *New Materialism: Interviews & Cartographies*. Londres: Open Humanities Press.

DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron (1996 [1979]) – *The World of Goods: Towards and Anthropology of Consumption*. Londres: Routledge.

DUESENBERY, James S. (1949) – *Income, Saving and the Theory of Consumer Behaviour*. Cambridge: Harvard University Press.

ELIAS, Norbert (2006 [1939]) – *O Processo Civilizacional*. Lisboa: Dom Quixote.

FINE, Ben (1995) – From Political Economy to Consumption. In: MILLER, Daniel, ed. – *Acknowledging Consumption. A review of new studies*. Londres: Routledge, pp. 125-162.

FINE, Ben (2002) – *The World of Consumption: The Material and the Culture Revisited*. Londres: Routledge.

FINE, Ben & LEOPOLD, Ellen (1990) – Consumerism and the Industrial Revolution. *Social History*. Londres. 15:2, pp. 151-79.

FRIEDMAN, Jonathan (1994) – *Consumption and Identity*. Reading: Harwood Academic Publishers.

HARRIS, Oliver J. T. & CIPOLLA, Craig N. (2017) – *Archaeological Theory in the New Millennium. Introducing Current Perspectives*. Londres: Routledge.

HODDER, Ian (2012) – *Entangled: An Archaeology of the Relationships between Humans and Things*. Londres: Wiley-Blackwell.

HODOS, Tamar (2006) – *Local responses to colonization in the Iron Age Mediterranean*. Londres: Routledge.

JAMESON, Fredric (1991) – *Postmodernism, or, the Cultural Logic of Late Capitalism*. Durham: Duke University Press.

KOPYTOFF, Igor (1986) – The cultural biography of things: commodization as process. In APPADURAI, Arjun, ed. – *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 64-94.

LEAVIS, Frank R. (1930) – *Mass Civilization and Minority Culture*. Cambridge: Minority Press.

¹ Para os trabalhos "clássicos" referenciados no texto indicouse, sempre que possível, uma edição portuguesa recente ou, alternativamente, uma edição considerada acessível. As datas originais de publicação são indicadas entre parêntesis rectos de forma a melhor situar cada trabalho na historiografia dos estudos sobre o consumo.

- MAJEWSKI, Teresita & SCHIFFER, Michael Brian (2009) – Beyond Consumption: Toward an Archaeology of Consumerism. In MAJEWSKI, Teresita & GAIMSTER, David, eds. – *International Handbook of Historical Archaeology*. Nova York: Springer, pp. 191-207.
- MARCUSE, Herbert (2006 [1964]) – *The One-Dimensional Man*. Londres: Routledge.
- MARX, Karl (2015 [1867]) – *O Fetichismo da Mercadoria e o seu segredo*. Lisboa: Antígona.
- MARX, Karl (1993 [1941]) – *Grundrisse. Foundations of the Political Economy of Critical Economy*. Londres: Penguin Classics.
- McCRACKEN, Grant (1992) – *Culture and Consumption*. Indianapolis: Indiana University Press.
- McKENDRICK, Neil (1982) – Commercialization and the Economy. In McKENDRICK, Neil, BREWER, John & PLUMB, John H., eds. – *The Birth of a Consumer Society*. London: Europa, pp. 9-19.
- MILLER, Daniel (1987) – *Material Culture and Mass Consumption*. Londres: Wiley.
- MILLER, Daniel (ed.) (1995a) – *Acknowledging Consumption. A review of new studies*. Londres: Routledge.
- MILLER, Daniel (1995b) – Consumption as the vanguard of History. A Polemic by Way of Introduction. In MILLER, Daniel, ed. – *Acknowledging Consumption. A review of new studies*. Londres: Routledge, pp. 1-52.
- MILLER, Daniel (1997) – *Capitalism – An Ethnographic Approach*. Oxford: Berg.
- MILLER, Daniel (2001) – *Consumption: Critical Concepts in the Social Sciences*. Londres: Routledge.
- MILLER, Daniel (2006) – Consumption. In TILLEY, Christopher, KEANE, Webb, KUECHLER, Susanne, ROWLANDS, Michael & SPYER, Patricia, eds. – *Handbook of Material Culture*. Londres: Sage Publishing, pp. 341-354.
- MILLER, Daniel, JACKSON, Peter, THRIFT, Nigel, HOLBROOK, Beverly & ROWLANDS, Michael (1998) – *Shopping, Place and Identity*. Londres: Routledge.
- MULLINS, Paul (2004) – Ideology, Power, and Capitalism: the Historical Archaeology of Consumption. In MESKELL, Lynn & PEURCEL, Robert W., eds. – *A Companion to Social Archaeology*. Londres: Blackwell, pp. 195-211.
- MULLINS, Paul (2011) – The Archaeology of Consumption. *Annual Review of Anthropology. Palo Alto*. 40, pp. 133-140.
- MYERS, Fred R. (ed.) (2001) – *The Empire of Things: Regimes of Value and Material Culture*. Santa Fe: School of American Research Press.
- OLSEN, Bjørn (2013) – *In Defense of Things: Archaeology and the Ontology of Objects*. Lanham: Rowman Altamira.
- OLSEN, Bjørn, SHANKS, Michael, WEBMOOR, Timothy & WHITMORE, Christopher Lorne (2012) – *Archaeology: The Discipline of Things*. Berkeley: University of California Press.
- PATERSON, Mark (2006) – *Consumption and Everyday Life*. Londres: Routledge.
- SAHLINS, Marshall D. (1976) – *Culture and Practical Reason*. Chicago: University of Chicago Press.
- SIMMEL, Georg (2011 [1900]) – *The Philosophy of Money*. Londres: Routledge.
- SIMMEL, Georg (1904) – *Fashion. International Quarterly*. Nova York. 10:1, pp. 130-155.
- SOMBART, Werner (1967 [1913]) – *Lujo y Capitalismo*. Buenos Aires: Guillermo Dávalos Editor.
- STEEL, Louise (2013) – *Materiality and Consumption in the Bronze Age Mediterranean*. Londres: Routledge.
- STOREY, John (2017) – *Theories of Consumption*. Londres: Routledge.
- TERRAIL, Jean-Pierre (1995) – Consumo. In *Enciclopédia Einaudi*, Vol. 28. Produção-Distribuição. Excedente. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 190-207.
- van DOMMELEN, Peter (1998) – *On Colonial Grounds. A Comparative Study of Colonialism and Rural Settlement in 1st Millennium B.C. West Central Sardinia*. Leiden: Universiteit Leiden.
- van DOMMELEN, Peter (2011) – Postcolonial archaeologies between discourse and practice. *World Archaeology*. Londres. 43: 1, pp. 1-6.
- VEBLEN, Torstein (2007 [1899]) – *The Theory of the Leisure Class*. Oxford: Oxford University Press.
- VIVES-FERRÁNDIZ, Jaime (2008) – *Negociando Encuentros. Situaciones coloniales e intercambios en la costa oriental peninsular (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.
- WATTS, Christopher (ed.) (2013) – *Relational Archaeologies: Humans, Animals, Things*. Londres: Routledge.
- WEBER, Max (2018 [1905]) – *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Lisboa: Relógio d'Água.

ARQUEOLOGIA E A SOCIEDADE PORTUGUESA: DEFINIÇÕES, PAPÉIS E PERSPETIVAS DO PASSADO NO PRESENTE

Daniel Carvalho

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / danielcarvalho@campus.ul.pt

Resumo

A Arqueologia no mundo contemporâneo encontra a sua principal preocupação na capacidade de interagir com a sociedade. De facto, a importância desta relação torna-se premente, com a crescente adesão da disciplina aos mais variados debates – geopolíticos, económicos, éticos – com a premissa de que o conhecimento científico que produz lhe permite oferecer soluções e reflexões sobre as temáticas do Presente. Assim a produção do seu discurso científico adequa-se a esta dualidade.

Este trabalho procurou explorar esta temática, começando pelas relações entre a Arqueologia e a sociedade contemporânea, assim como a criação de uma metodologia de base para conhecer os novos públicos presentes na contemporaneidade.

Palavras-chave: Arqueologia Pública, Sociedade Portuguesa, Questionário, Século XXI.

Abstract

Archaeology in contemporaneity encounters its main focus on the capacity of interaction with modern society. The significance of this relation is paramount as the discipline addresses multiple questions in its debates – geopolitics, economy, ethics – with the will of providing reflections and solutions using the scientific knowledge produced.

This work sought to explore the thematic of the relations between archaeology and society, building a methodology in the process that could shed some light on the emergence of new publics and their views in the practice of the discipline.

Keywords: Public Archaeology, Portuguese Society, Questionnaire, 21th Century.

1. INTRODUÇÃO – AS RELAÇÕES ENTRE A SOCIEDADE E O PASSADO

O estudo do passado alicerça-se no presente. De um ponto de vista teórico, a certeza desta afirmação atravessou a própria escolástica arqueológica, adquirindo um estatuto consensual que se espelha no *modus operandi* da disciplina: os registos, os métodos, as questões formulam-se e adaptam-se à época vigente. Do mesmo modo, o arqueólogo insere-se num conjunto de realidades que não só analisa, mas a que impreterivelmente pertence: a Ciência, a Sociedade, a Humanidade. Na procura de respostas, a arqueologia tornou-se, com a emergência da pós-modernidade, cada vez mais ciente que a sua produção epistemológica e o seu discurso se teriam de adaptar às próprias necessidades do presente. A metamorfose da disciplina no novo milénio - não deixando de ser extremamente complexa nos seus moldes mais intrínsecos, o que origina um panorama de causas diversificado – encontra as suas raízes num conjunto de fenómenos: o modelo económico neoliberal, que viria a produzir massas de dados decorrentes da emergência da arqueologia preventiva (Demoule, 2010:17); o próprio financiamento de projetos científicos, de fundos públicos e a adequação dos objetivos temáticos e da conceção de cultura, da globalização e turismo que lhes é inerente, entre outros.

Deste modo, o passado relaciona-se intimamente com o presente, numa lógica que aparenta tender para a não-linearidade temporal: imiscuem-se, com fronteiras por vezes de difícil definição (Lucas, 2005:15). Essa *longue durée*, que originou drásticas consequências para a conceção temporal, não inviabiliza a perceção da existência de tendências e de narrativas dominantes na história do pensamento arqueológico (Trigger, 1989). Será precisamente a junção de ambas as perspetivas que possibilita um estudo de maior detalhe acerca destas realidades, enfatizando a complexidade, mas organizando-a, de modo a favorecer uma interpretação inteligível.

Existindo realmente esta fusão, poder-se-á questionar o seu significado para a sociedade contem-

porânea – quais os papéis, lugares e propósitos do passado no presente? Para a obtenção de uma resposta, distinguem-se duas vertentes principais: uma dimensão epistemológica e uma ideológica.

Da primeira, que trata da formulação do conhecimento gerado pela Arqueologia, encontra-se intimamente conectada com argumentos de justificação da pertinência da mesma. Deste modo, o passado é importante porque confere à sociedade compreender o que a precedeu; a dar significado ao presente e a oferecer uma componente preditiva, virada para o futuro. Novamente, o Tempo adquire contornos expressivos, independentemente da definição que se utilize para classificar o que é realmente a arqueologia. Ao conhecimento sobre o Tempo, junta-se o conhecimento sobre o Espaço: que civilizações prosperaram em que zonas geográficas; por onde a Humanidade deu os primeiros passos; como se relacionou o Homem com os mais variados ambientes. Um traço identitário e potencialmente mais expressivamente reconhecido pela sociedade, é a atenção que a arqueologia designa aos materialismos, sob a forma de artefactos. Esta tríade funciona como um conjunto de elementos que permite caracterizar a disciplina, desde que se torna científica em meados do século XIX, numa atividade intelectual que produz conhecimento. A sociedade tendeu a reconhecê-la dentro desses moldes, embora estes possam possuir – e possuem efetivamente, com o tempo – mudanças expressivas.

Contudo, não se reconhece apenas a arqueologia pela sua vertente epistemológica: em termos sociais distingue-se, porventura com superior ênfase, a ideia da disciplina. Não apenas do que produz, ou de como o faz, mas do que intrinsecamente é. A cultura popular, com o seu apogeu na segunda metade do século XX, especialmente no que toca a produções cinéfilas, veio a consolidar uma marca indelével já com raízes no século XVIII: a arqueologia como descoberta romântica de vestígios distantes, resgatados ao esquecimento. Com narrativas de grandes civilizações ou relíquias detentoras de poderes normalmente associados a uma aura sobrenatural, o imaginário popular contemporâneo veio

a incorporar permanentemente a arqueologia deste modo, consistindo em temas dentro de literatura, videojogos e turismo. Deste modo, a ideia de arqueologia é profundamente reconhecida pela sociedade, associada casualmente a alguns dos fenómenos anteriores, com as vantagens e desvantagens inerentes, como se comentará posteriormente.

Assim, a disciplina parece consolidar-se no seio da sociedade: contudo, na contemporaneidade, os problemas inerentes à difusão da atividade são uma realidade, o que leva a questionar o porquê de tais dificuldades. A necessidade crescente, de aproximação e retorno social, veio a reforçar um movimento e a criação de uma subárea, especializada nestas temáticas. O primeiro caracteriza-se, embora não manifestamente cunhado, como uma *Big Archaeology*, ou seja, um intenso envolvimento da Arqueologia em temas de interesse global e de debates contemporâneos. Tal como a *Big History*, pretende inserir questões de grande envergadura, a uma escala considerável, procurando assim respostas com o recurso aos mais variados métodos, numa lógica multidisciplinar (Christian, 1991:227). A Arqueologia caminhou igualmente neste sentido, com o boom resultante da Pós-Modernidade e do conjunto de subáreas que lhe seguiram, dentro da disciplina. A *flat ontology* que recentemente se advogou como sendo um ponto de partida para um novo paradigma teórico, é um exemplo expressivo da abrangência que a Arqueologia pretende ter: toda a cultura material, todo o ser humano, todos os Passados são do seu interesse (Yamilakis, 2009:13). Qual a principal razão para este movimento, quase que invisível, mas presente, não se assumir intelectualmente como uma direção epistemológica? Na nossa opinião, esta reside no facto da teoria arqueológica se encontrar numa profunda fase de fragmentação. Esta fase – ao que corresponderia de “mudança de paradigma”, segundo Kuhn – criou um vácuo onde as várias novas perspetivas apresentadas não possuem o peso suficiente para se tornarem correntes. Esta situação dificulta a relação da Arqueologia com a sociedade, dado que se fecha sobre si mesma, sem um rumo preciso, com uma súmula de

objetivos que não se deixa cumprir dada a enorme cisão que atravessa. Porque precisamente pensar a arqueologia é a base da sua teoria, não a pensando de forma coerente, ou recusando uma reflexão mais aprofundada, conduzirá a uma estagnação crescente e a um atraso – face a outros que o façam – metodológico e interpretativo. Não obstante, a aproximação a grandes temas mundiais veio a “humanizar” o arqueólogo, sem este estar ainda alicerçado a uma postura científica hermética, demonstrando o seu conhecimento para o cidadão comum.

Paralelamente a esta questão, surge no seio da disciplina uma subárea extremamente relevante: a arqueologia pública. Esta última, relativamente recente na sua formulação, explora o contacto entre a arqueologia e o público, sendo este o mais diversificado e multifacetado possível, numa aproximação à realidade contemporânea (Moshenska, 2017:3). Economia, educação, comunidade ou cultura popular são alguns dos temas trabalhados por esta subárea, cientes de que a Arqueologia é impactante em todas elas de alguma forma. A supressão de barreiras entre a ciência e a sociedade é, portanto, o principal objetivo da arqueologia pública, cuja eficiência se demonstra principalmente na sua aplicação a sítios arqueológicos.

Constata-se que a arqueologia se modificou de modo a aproximar-se cada vez mais da sociedade. Embora estas relações se pautem desde os primórdios da disciplina, a atenção a esta necessidade é indubitavelmente nova, relegando os seus avanços para as duas últimas décadas. Se o âmbito deste trabalho é compreender precisamente como interage o passado com o presente, não deixa de o ser no caso português, razão pela qual se tenciona ensaiar uma breve história social da arqueologia portuguesa.

2. ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL: UMA BREVE HISTORIOGRAFIA DE INTERAÇÕES

A história da arqueologia tem-se realizado, na sua grande maioria, em análises intelectuais: a descoberta de um determinado sítio; de um percurso de um arqueólogo; sínteses de “fases”, entre outras.

De facto, não existe uma preocupação generalizada em estabelecer uma história social da arqueologia, embora esta já tenha sido identificada noutros trabalhos (Fabião, 1999:106). Dada esta tradição, existe uma dificuldade inerente na posse de dados que permitam demonstrar as vicissitudes e mutabilidade das relações entre a arqueologia e a sociedade. Não obstante, é passível analisar um conjunto de realidades e dar-lhes uma sequência narrativa.

Como ponto inicial, como determinar as primeiras aproximações expressivas na história da arqueologia? O pensamento arqueológico, muitíssimo mais longo e vasto para além da sua instauração científica, proporciona um recuo no tempo, algo que para o caso português, embora não seja possível de realizar para épocas mais recuadas, se possa fazer para o século XVIII, onde se argumenta que se possa fixar um primeiro momento de contacto conhecido com a sociedade. Tal se deve à abertura pública de espaços museológicos e dos denominados gabinetes de curiosidades, com a mostra de coleções variadas, onde figuravam também artefactos da mais diferente índole. Paralelamente, as ações de Frei Manoel do Cenáculo, com a inauguração da primeira biblioteca pública e do seu museu e com o esforço pela educação do povo de assuntos relacionados com o Passado, viriam a reforçar a ideia de que era importante considerar uma nova abertura social. Claro que, aos olhos de hoje, tal não significava uma inclusão de todas as classes sociais, mas antes aos eruditos, aos profissionais e amadores e aos alfabetizados – em suma, àqueles que pudessem compreender o significado do passado que lhes era apresentado.

Com a elevação da arqueologia a ciência, no século XIX, um novo contacto multiplica-se em vários fenómenos. Sublinhem-se dois: IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas de 1880 e as redes de conhecimento entre amadores e colecionadores. Da primeira, fomentada pelo governo fontista, de modo a demonstrar os avanços de Portugal no que toca às ciências do Passado, onde os investigadores portugueses, e a comunidade arqueológica de então, apresenta-

vam os resultados das suas pesquisas. A caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro, cobrindo o evento com uma representação satírica, não deixa de oferecer um interessante quadro de contraposição de figuras (Gonçalves, 1980). Tome-se como exemplo Carlos Ribeiro face a Possidónio da Silva, onde se constata que o primeiro é muito mais tido em conta pelo povo português que o segundo. Esta situação, à partida estranha, dado que ambos contribuem, ainda de que maneiras diferentes – Carlos Ribeiro focado na investigação, Possidónio da Silva no associativismo e pedagogia – para o mesmo objetivo. No entanto, a opinião popular terá considerado que as temáticas que Carlos Ribeiro trabalhava – as origens do Homem português – assim como a sua patente militar e prestígio abonavam a seu favor. Deste modo, este arqueólogo era representativo de uma população intelectual e com destaque na sociedade onde se inseria, um facto a sublinhar, dado o peso inequívoco que demonstrou na sua época. Por outro lado, e de âmbito mais local, as relações entre os investigadores e as populações, aquando das viagens dos primeiros pelo país, num esforço de recolha e de formulação de sínteses tão caras ao espírito positivista, evidenciam interações, normalmente invisíveis em termos historiográficos (Pereira, 2017:27). A marca deixada quer nos seus conterrâneos quer nas mais diversas regiões do país, aumentando o gosto pelas antiguidades e a sua proteção e valorização, originou uma verdadeira cooperação entre os arqueólogos e a sociedade da época.

Já na primeira metade do século XX, um período na história da Arqueologia manifestamente paradoxal (Fabião, 1999:118-119), a acesa polémica entre Manuel Heleno e Mendes Corrêa contribuirá para uma desvalorização pela parte do público da atividade arqueológica em geral. No entanto, destaca-se o caso de Vila Nova de São Pedro, povoado calcolítico escavado por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay que independentemente da sua condução científica, criou e consolidou uma relação com a população local que perdura até aos dias de hoje. Um exemplo de arqueologia comunitária, com pertinência em temas que ultrapassam a disciplina,

como a desertificação do interior do país e da coesão social, assuntos de intemporal importância.

Finalmente, há que enfatizar os papéis dos campos arqueológicos, em particular o trabalho desenvolvido pela equipa sediada em Mértola, cujos esforços viriam a desvendar importantes vestígios de ocupação romana e islâmica nessa região, assim como a promoção da própria população e investimentos locais, com a movimentação económica a obter igualmente ênfase.

De facto, estes exemplos, revelam a existência de contactos entre a arqueologia e a sociedade. A estes, juntar-se-ão certamente no futuro outros contributos que permitam traçar uma narrativa mais rica, uma história social da arqueologia: o intuito desta breve análise era o de demonstrar que, embora a construção intelectual seja indubitavelmente mais valorizada, mais ou menos de modo descritivo, a componente social persiste e deve ser igualmente tida em conta.

Apresentadas estas considerações, uma questão persiste: quais os principais problemas nestas relações? Porque é que, aparentemente, a arqueologia possui dificuldade em atingir os variados públicos? E essa dificuldade existe efetivamente? Tencionam-se explorar estas questões e oferecer algumas potenciais soluções, no ponto seguinte.

3. ARQUEOLOGIA, COMUNICAÇÃO E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Um dos entre muitos desafios que a arqueologia contemporânea atravessa reside na sua capacidade de comunicar eficientemente uma mensagem científica inteligível – esta é uma preocupação crescente que se infere igualmente pelo número de publicações dedicadas ao tema (Holtorf, 2007a:150). Em Portugal, este tema já mereceu um comentário alargado (Valera, 2008), reconhecendo a premência de estabelecer um debate em torno da comunicação.

Para analisar esta questão, identificam-se três níveis: o comunicante, os meios e a mensagem. A todos eles se apresentam desafios, sendo que as dificuldades residem principalmente numa articu-

lação eficaz. No comunicante, neste caso, a figura do arqueólogo, recai a responsabilidade do contacto direto com o público. Embora seja de todo o interesse do mesmo difundir o trabalho que pratica, valorizando a componente social da sua profissão, o arqueólogo em geral tende a apresentar um défice de interesse nessas matérias (Valera, 2008:15). Tal se poderá dever a um conjunto de razões, assim como dentro das próprias camadas que constituem a profissão em Portugal, estas diferiram de maneira substancial. Contemplada por lei a divulgação científica, na arqueologia empresarial o orçamento para tal não é coberto pelo mecanismo legal. Do mesmo modo, o cumprimento de horários, muitas vezes já de si insustentável para a realização de um trabalho, inviabiliza muitas vezes a criação de um discurso coerente e estruturado. Já no seio da comunidade académica, problemas como o elitismo, ou a construção de um discurso científico extremamente complexo, não comunicável (Holtorf, 2007a:151) e de desconexão da realidade. Esta última questão origina um desconhecimento dos meios passíveis de se utilizarem para o efeito. A coloquial conferência e a visita ao sítio arqueológico parecem sofrer com a aceleração da sociedade em rede que, pela sua constante corrida contra o tempo, não faz tenções de abrandar. Esta realidade afeta, de igual modo, a mensagem. Em particular, pelo não-reconhecimento de que a sociedade é composta por públicos heterogêneos, o que implica que a mensagem seja profundamente flexível e adaptada (Varghese, 2017:59). Por outro lado, em termos de conteúdo, tende a cair no erro de ser sintética em excesso, contribuindo para o ciclo do consumo voraz de informação que não atravessa processos de reflexão (Valera, 2008:16).

Toda esta temática, ainda que envolta em complexidade, pode conhecer soluções que se apliquem diretamente na face dos problemas. Quanto ao arqueólogo, este deve despoletar o seu interesse em conhecer os diversos públicos com que trabalha. Uma via extremamente relevante encontra-se na construção de questionários, numa lógica de que é necessário primeiro conhecer para se adap-

tar o discurso. Do mesmo modo, o arqueólogo não necessita de pensar a divulgação apenas no pós-escavação, deve fazê-lo enquanto os trabalhos decorrem, com a receção de visitantes ou o facultar de informações sobre a natureza do sítio arqueológico que se encontra a intervir. Este contacto direto é particularmente importante, podendo aumentar significativamente a perceção do público para com a arqueologia. Afetaria igualmente a mensagem, mais próxima do cidadão e com menos “jargão científico” que muitas vezes pauta as publicações desse cariz. Finalmente, os meios. Estes cada vez mais se tornam digitais e, embora se possa estabelecer críticas legítimas, principalmente em termos de conteúdo, não são intrinsecamente maus. Não se trata de substituir os meios “tradicionais” – a visita, a conferência, a palestra – mas de incorporar outros – a rede social, o *website*, a *newsletter* – de modo a incorporar o maior número de pessoas na arqueologia. Trata-se de um exercício de atualização e de democratização que a disciplina necessita cada vez mais, sob pena do seu retorno social entrar em défice. Assim, neste trabalho procurou-se promover o contacto entre a arqueologia e o público, começando pela etapa inicial: conhecê-lo, perguntando.

4. METODOLOGIA: A FORMULAÇÃO DE UM QUESTIONÁRIO

O método empregue nesta análise passaria pela realização de um questionário que permitisse uma massa de dados considerável, postumamente passível de ser interpretada. A criação do mesmo encontrou inspiração em dois projectos – *DISCO* e *Exploring Public Perceptions and Attitudes about Archaeology* – aos quais se procurou reproduzir alguns elementos estruturais, dada a raridade da utilização de questionários no âmbito da Arqueologia. Criou-se, para o efeito, um documento no *Google Docs*, *open software* e *open access*, ou seja, gratuito e de acesso livre, em armazenamento em nuvem. A sua difusão foi realizada através de redes sociais (Facebook, Twitter), via e-mail institucional e informal e por via oral, para atingir o máximo de públicos possíveis.

À construção de questões que permitissem um conjunto de dados passíveis de serem trabalhados juntou-se a necessidade da formulação de um inquérito inteligível, simples e de curta duração. Deste modo, o questionário é constituído por 25 perguntas, divididas de modo temático em 4 grupos, com a seguinte tipologia:

- Resposta aberta – comentário livre, curto ou longo, onde o inquirido pode livremente dar uma resposta.
- Escolha múltipla – de um conjunto de opções pré-existentes, o inquirido escolhe apenas uma.
- Escala de Likert – onde o inquirido caracteriza uma determinada resposta optando por um número entre 1 a 5.
- Caixas de verificação – onde o inquirido escolhe, de um conjunto de opções pré-existentes, todas as respostas que considerar pertinentes.

Procurou-se atingir todos os públicos, independentemente das suas vicissitudes pessoais, com a ideia de que a arqueologia representa e toca a todo e qualquer cidadão português.

Os resultados apresentam-se sob a forma de gráficos (Figura 1 a Figura 13) e tabelas (Tabela 1 e Tabela 2), estando organizados de acordo com a entrada de respostas.

5. A ANÁLISE DOS RESULTADOS E SUA INTERPRETAÇÃO

Apresentam-se os resultados do questionário, não deixando de oferecer uma interpretação aos dados recolhidos e na articulação dos mesmos. A população total consiste em 846 indivíduos, com 498 indivíduos do sexo feminino e 348 do sexo masculino. À primazia do sexo feminino não deixa de ser coerente face à paridade que a arqueologia portuguesa atravessa, com um aumento exponencial de mulheres a praticar a atividade, razão pela qual se poderia justificar um maior interesse pelas mesmas neste estudo (Bugalhão, 2017:124).

O intervalo etário exposto permite uma visualização bastante completa das opiniões que diversas faixas possuem, podendo igualmente verificar

alguma tendência geracional, se assim existir. As idades compreendem-se entre 15 e 88 anos, sendo as mais comuns 21 e 22 anos, correspondendo a 92 indivíduos. Tal se deverá não apenas à idade do autor no momento da difusão do questionário e da própria população estudantil que se encontra no ensino superior, maioritariamente licenciados, ser o principal segmento representado em termos de resposta (Figura1).

De facto, em termos de escolaridade, os graus de ensino superior são altamente representativos neste estudo, ao passo que existe igualmente uma percentagem expressiva no que toca a indivíduos que possuem o atual ensino secundário (Figura1). Novamente, estas percentagens ligam-se com os meios de difusão utilizados, todavia todos os graus de ensino encontram-se aqui representados.

A grande maioria dos inquiridos conhece um arqueólogo ou estudante de Arqueologia Sim (690) & Não (156), o que poderá abonar nas suas próprias considerações assim como na estima pela disciplina. Encontra-se aqui exposto um potencial problema interpretativo pois o conhecimento pode ligar-se não apenas a uma interação pessoal, mas à própria figura da cultura popular que permeia o imaginário social (Holtorf, 2007b:51), o que pode originar ambiguidade.

No que toca ao interesse pela Arqueologia, uma esmagadora maioria considera que é uma disciplina interessante ou até muito interessante (Figura 2). Das que ofereceram a maior pontuação (n= 296), 156 são do sexo feminino, enquanto que 140 são do sexo oposto, o que demonstra alguma igualdade de género no que toca às respostas. Os indivíduos com uma licenciatura são os que oferecem a pontuação máxima (n=127) e o intervalo de idades mais expressivo é o de 20 a 30 anos, correspondendo a cerca de 33% da amostra total. Deste modo, e de um ponto de vista probabilístico, uma mulher licenciada com uma idade compreendida entre os 20 e os 30 anos é a população ótima quando se considera o máximo interesse como variável.

No reconhecimento das várias atividades a que a Arqueologia, a multiplicidade de respostas

é análoga à complexidade inerente às mesmas. A Ciência (Figura3) reconhece-se como obtendo uma enorme valorização pela parte da disciplina, com 50% da população total (n=423) a escolher a pontuação máxima.

Contudo, a Cultura (Figura4) é claramente dominante nas preferências de resposta, com a esmagadora maioria, 75,5% (n=639), a escolher a pontuação máxima. Deste modo, poder-se-á estabelecer uma relação de sinonímia, em que a disciplina é reconhecida como actividade intrinsecamente cultural.

No que toca à Economia (Figura5), a concordância é menos notória, embora genericamente positiva, com o turismo a abonar certamente a esta tendência.

O Ambiente (Figura6) é em tudo semelhante à Economia, com opiniões diversas, mas com uma pontuação positiva em todo o caso.

Já o Ensino (Figura 7) retoma as percentagens mais consensuais, com 51,2% (n=433) a optar pela pontuação máxima. Tal se deve relacionar com a recente proposta de lecionar matérias relacionadas com o património português no ensino secundário, cuja adesão aparenta ser generalizada.

O Lazer (Figura 8) atinge igualmente uma pontuação positiva, ao passo que se possa questionar no que em que se traduz realmente, se numa visita a um sítio arqueológico, se na leitura de um livro, se de uma pesquisa livre na Internet ou do próprio contacto com a cultura popular que a rodeia.

Finalmente, a própria sociedade (Figura 9) pensa que a arqueologia é de algum modo enriquecedora para si mesma. Dado as percentagens dos dois primeiros itens, a sua contribuição científica, na produção de conhecimento, mas ainda mais vincadamente a sua contribuição cultural, estarão no cerne desta opção.

No que toca aos meios pelos quais o público toma contacto com a arqueologia (Figura 10), os resultados demonstram algo que, a priori, poderia não ser intuitivo. Se por um lado a visita aos sítios arqueológicos é claramente dominante (86,8%; n=743), com a experiência fenomenológica do "sentir" o local ou de "ver" o Passado de frente, a opção Jornais/Revistas fica em segundo classifica-

do, ultrapassando em larga medida a opção Redes Sociais. Claro está que pode existir igualmente aqui uma questão interpretativa: ao comparar meios digitais com analógicos, a Internet com o suporte físico, a fronteira não se encontra hermeticamente definida, dado que estes Jornais/Revistas podem corresponder a e-publicações. Em todo o caso, Jornais/Revistas e Livros, atingem percentagens superiores a plataformas onde se espera que o conteúdo seja de mais rápida difusão ou de breve explicação. Já a Televisão supera igualmente, ainda que por pouco, as Redes Sociais. Do mesmo modo, estas últimas encontram-se praticamente equiparadas às Publicações Científicas. Este facto é particularmente interessante se atendermos no esforço pela parte da comunidade arqueológica em criar este tipo de publicações, cujo efeito, em paralelo com a entrada das redes sociais, parece ainda não estar enraizado na opinião do público. Já a Rádio e os Videojogos atingem as percentagens mais baixas, não deixando, porém, de figurar como opções escolhidas.

Na pergunta “Considera a Arqueologia uma actividade que procura o contacto com o Público?” encontramos um público que está plenamente dividido: uma magra vantagem do Sim (54,8%; n=464) face ao Não (45,2%; n=382). Esta cisão acaba por reforçar a pertinência de estabelecer o contacto com o público, mas em refletir nos moldes em que este se verifica (Valera, 2008:16) e quais são os agentes responsáveis por tal. Esta necessidade, conectada com questões de legitimação científica, acompanha cada vez mais a prática arqueológica, sendo premente que se considere a (in)existência de uma arqueologia pública verdadeiramente operativa. Novamente, encontra-se aqui um problema de comunicação, que face aos dados do gráfico anterior parece ser paradoxal: se realmente o público visita sítios arqueológicos e que terá, em princípio, um contacto direto com o arqueólogo, porquê esta fragmentação? Dois aspetos podem lançar alguma questão sobre esta discordância. Em primeiro lugar, o público parece ser quem procura estes sítios arqueológicos, não sendo levado a visitá-los por via de um profissional de Arqueologia. Tal se pode ar-

gumentar com os dados da questão “Como teve conhecimento dos sítios arqueológicos?” (Tabela 1) onde a vontade pessoal e a curiosidade imperam face a acompanhamento especializado. Por outro lado, constatar-se-á que a visita a sítios arqueológicos não ocorre num elevado número de vezes por ano (Figura 13). A complexidade inerente a esta problemática origina a que seja necessário ter em conta um conjunto de realidades que não se encontram aqui expressas. No entanto, a quase perfeita divisão de opiniões permite reforçar a ideia de que a Arqueologia tem de analisar a fundo as suas capacidades de comunicação.

A questão “Considera a Arqueologia uma atividade que utilize as novas tecnologias?” obteve um largo consenso com 80,3% (n=679) a afirmar positivamente, dado que pode ser influenciado pelo próprio questionário se alicerçar numa plataforma digital. Seria interessante compreender se esta utilização de tecnologias se traduz numa aplicação metodológica, pela parte dos próprios arqueólogos, e dos meios empregues nas suas atividades de campo.

A Arqueologia é uma atividade com futuro para 70,9% dos inquiridos (n=600). Embora exista um valor afetivo inerente a esta resposta, dos 87 indivíduos que responderam ser estudantes ou trabalhadores em Arqueologia, apenas 17 consideram que esta não é uma atividade de futuro, pelo que o pessimismo que é muitas vezes avançado na questão da empregabilidade na disciplina parece não ser aqui tão marcada.

Sobre os locais de trabalho dos arqueólogos (Figura 11), os dados são particularmente elucidativos de uma falha de comunicação que permite ao público atualizar-se face à mutabilidade da profissão. Enquanto que o Museu vence com esmagadora maioria de respostas (85,1%; n=720), as Empresas Privadas relegam-se para o antepenúltimo lugar com uma votação muito menos expressiva (53,2%; n=450). Dado que as empresas privadas assumem o lugar de primazia por uma grande margem na empregabilidade arqueológica em Portugal (Bugalhão, 2014), a deslocação face à realidade atual pela parte do público pode dever-se à própria incom-

preensão interna do que significa ser-se arqueólogo, quer a nível legislativo quer identitário.

A incompreensão pela parte do público prende-se igualmente com a vincada resposta negativa face à pergunta “Quão conhecida considera a profissão de arqueólogo pela parte do público em geral?” (Figura 12). Enquanto que 38,8% (n=328) das respostas caracterizam a profissão conhecida a um nível médio, outros 38,8% consideram-na mal conhecida. Este nível de resposta é um importante aviso para a comunidade arqueológica, que se liga com a questão do contacto com o público, cuja complementaridade permite compreender ambas as percentagens.

No que toca a visitas a sítios arqueológicos, 76,6% (n=648) dos inquiridos responde afirmativamente que efetua as mesmas. No entanto, face ao gráfico seguinte (Figura 13) constata-se que esse número se traduz numa fraca adesão em termos de visitas anuais, com 54,5% (n=461) dos inquiridos a frequentar 1 a 5 sítios arqueológicos por ano. Deste modo, compreende-se com maior clareza não apenas o desconhecimento da profissão, mas da própria falta de contacto em si, com o sítio arqueológico, aqui tido como o polo difusor de conhecimento sobre o passado de excelência, a ser muito pouco visitado, embora o papel da memória, com a enumeração de vários destes locais (Tabela 1) pareça ditar que, não obstante não se visitar muito, a recordação permanece.

No campo das respostas abertas, o comentário afigura-se muito mais difícil de estabelecer, dada a complexidade de análise de todas as respostas. Deste modo, para essa tipologia obtiveram-se amostras aleatórias do conjunto total, interpretando-as enquanto conjunto e organizando-as de acordo com categorias estabelecidas.

Na questão de “Como teve conhecimento dos sítios arqueológicos?” (Tabela 1) é nítida uma componente pessoal que supera a via profissional, com o ensino, as redes sociais e a curiosidade a obterem um papel fundamental.

“Ao falar sobre Arqueologia, qual a primeira palavra que lhe ocorre?” (Tabela 1) representa uma

das questões que simboliza a ideia de Arqueologia intrínseca ao Público. Se de facto “Passado” é a resposta mais frequente, seguida de “Cultura” e “Escavações”, “Indiana Jones”, “Tesouros” e “Precioso” figuram igualmente, numa contraposição entre ciência e cultura popular que deve ser tida em conta. Por outro lado, as opiniões são altamente diversas: para uns a Arqueologia tem um carácter quase romântico, de descoberta, além de um valor afetivo; para outros, é a sua dimensão material e temporal que a caracteriza de verdade e finalmente existe alguma componente ligada à profissão em si e à natureza do trabalho arqueológico.

“Numa pequena frase, como definiria Arqueologia?” (Tabela 2) é a última questão presente no questionário e assaz a mais complexa de todas, dada a própria dificuldade dos arqueólogos em avançarem com uma definição universal para a sua disciplina. Deste modo classificam-se as respostas a pertencer em 6 campos distintos: arqueologia como Ciência; como Arte; como Memória; como Desilusão e como Esperança. Não sendo totalmente herméticas entre si, estes campos permitem analisar que a arqueologia vai mais além do que o seu significado científico, adquirindo contornos identitários, sociais e emocionais constituindo assim a *eidós* da disciplina. Pois esta recupera o passado, mas descobre a memória, passa por dificuldades profissionais, ambiciona ser algo mais, representa a Humanidade: a arqueologia acaba por ser também todas estas 846 definições e de partilhar elementos de cada uma delas. Compreendê-la como um todo implica tomar como relevantes todas estas opiniões, aproximar o público de uma atividade que lhe interessa e de um passado que não pode ser, idealmente, pertença de ninguém, mas de todos.

6. CONCLUSÃO: ARQUEOLOGIA/SOCIEDADE, UM BINÓMIO POR EXPLORAR?

Com este trabalho, pretendeu-se demonstrar que a arqueologia e a sociedade contemporânea não se encontram em polos opostos deste novo mundo,

mas que, pelo contrário, necessitam cada vez mais uma da outra. A primeira pela sua necessidade de legitimação, a segunda pelo direito à fruição cultural: ambas por um Passado holístico e pela compreensão detalhada do percurso da Humanidade. A emergência de uma nova atitude na disciplina pode provocar o erguer de pontes, identificando tendências sociais no que toca à ideia de arqueologia e absorvendo e tomando em conta as críticas pela parte do Público, para melhorar consideravelmente a sua metodologia e capacidade de ação. Uma Arqueologia verdadeiramente pública, que produza discursos científicos para todos os públicos que coexistam na sociedade contemporânea, utilizará novos métodos, sendo o questionário por via digital – como argumentado neste ensaio – uma via eficaz e operativa para auscultar e estabelecer predições. E se, dentro da História da Arqueologia, sempre se olhou para o futuro, como na *Conference of the Future of Archaeology*, em 1943, já se lançavam as bases para esta realidade:

“The dominant theme was that archaeology, as Mr. W. J. Varley expressed it, was no longer the pursuit of a very recondite erudition by a select few in a quiet temple dedicated to no other purpose. It was a study which could clothe the past with reality, through which man can achieve what is essential if he is to survive, a sense of community with all other men in the world of space” (Kenyon, 1943:320)

Este futuro é o nosso presente, dependendo da comunidade arqueológica de estabelecer o contacto necessário com a sociedade. Com este trabalho, espera-se ter contribuído nesse sentido, de fomentar o debate e de lançar uma base de estudo para este futuro que é o agora.

AGRADECIMENTOS

Este ensaio teria sido impossível sem as 846 pessoas que participaram e que disponibilizaram o seu tempo a responder ao questionário.

Aos divulgadores: Ana Estácio, Andrea Martins, Catarina Gomes, Frederico Agosto, Hugo Assis, João Melo, Joana Ferreira, Laura Rosado, Marta Alves,

Martim Ramos, Pedro Simões, Ricardo Arrimar, Salomé Ribeiro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a todos os outros que tenham contribuído para o efeito e que, por esquecimento, não aqui figurem, o mais sentido agradecimento.

PROJECTOS CITADOS

DISCO – Discovering the Archaeologists of Europe 2012-14: Transnational Report

Exploring Public Perceptions and Attitudes about Archaeology, Society of American Archaeology 2000.

BIBLIOGRAFIA

BUGALHÃO, Jacinta (2014) – *Arqueologia de Lisboa: balanço e perspectivas*. Conferência apresentada no Seminário “Lisboa Subterrânea – Trajectos na Arqueologia Lisboaeta Contemporânea”. Lisboa, Sociedade Portuguesa de Geografia, Lisboa, em 21 de Maio de 2014.

BUGALHÃO, Jacinta (2017) – O papel da Mulher na Arqueologia Portuguesa. *Ophiussa*, 1: 123-130.

CHRISTIAN, David (1991) – The Case for “Big History”. *Journal of World History*, vol.2, 2: 223-238.

DEMOULE, J. (2010) – The crisis – economic, ideological, and archaeological. In Schlanger, N. & Aitchison, K, (eds) – *Archaeology and the Global economic crisis: multiple impacts, possible solutions*. Belgium, Culture Lab Éditions, 2010: 13-18.

FABIÃO, Carlos (1999) – Um século de Arqueologia em Portugal I. *Al-madan*. Série II, vol.8: 104-127.

GONÇALVES, Victor (1980) – *O IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (Lisboa, 1880): uma leitura, seguida da “crónica” de Bordalo Pinheiro*. Lisboa. Centro de História da Universidade de Lisboa.

HOLTORF, Cornelius (2007a) – Can you hear me at the back? Archaeology, Communication and Society. *European Journal of Archaeology*, vol.10 (2-3): 149-165.

HOLTORF, Cornelius (2007b) – *Archaeology is a Brand! The Meaning of Archaeology in Contemporary Popular Culture*. New York, Routledge.

KENYON, Kathleen (1943) – Conference on the Future of Archaeology. *Nature*, vol.152, 1943: 320-321.

LUCAS, Gavin (2005) – *The Archaeology of Time*. New York, Routledge.

MOSHENKA, Gabriel (2017) – Introduction: public archaeology as practice and scholarship where archaeology meets the world.

In MOSHENKA, G. (eds) (2017) – *Key Concepts in Public Archaeology*. UCL Press, London, 2017: 1-13.

TRIGGER, Bruce (1989) – *A History of Archaeological Thought*. Cambridge. Cambridge University Press.

VALERA, António (2008) – A divulgação do conhecimento em Arqueologia: Reflexões em torno de fundamentos e experiências. *Praxis Archaeologica*, 3: 9-23.

VARGHESE, Rachel (2017) – Archaeology and its Public(s): Thinking Through the Archaeology – Public Relationship. *Heritage: Journal of Multidisciplinary Studies in Archaeology*, 5: 56-68.

YAMILAKIS, H. (2009) – The “War on Terror” and the Military – Archaeology Complex: Iraq, Ethics, and Neo-Colonialism. *Archaeologies: Journal of the World Archaeological Congress*, 2009.

ANEXOS

Escolaridade

846 respostas

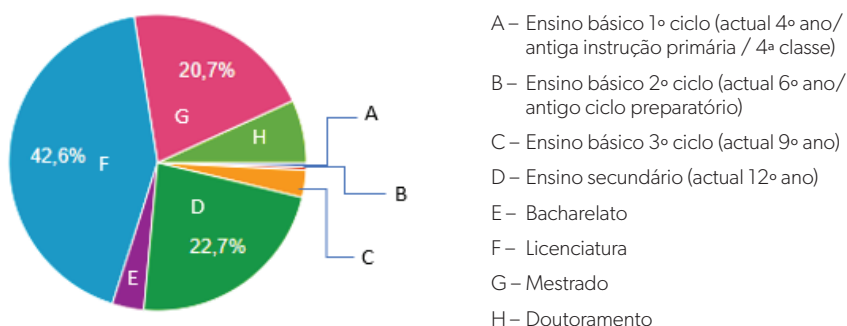


Figura (Gráfico) 1 – Sexo – Feminino (498) / Masculino (348).

2.1. Qual o seu interesse pela Arqueologia?

846 respostas

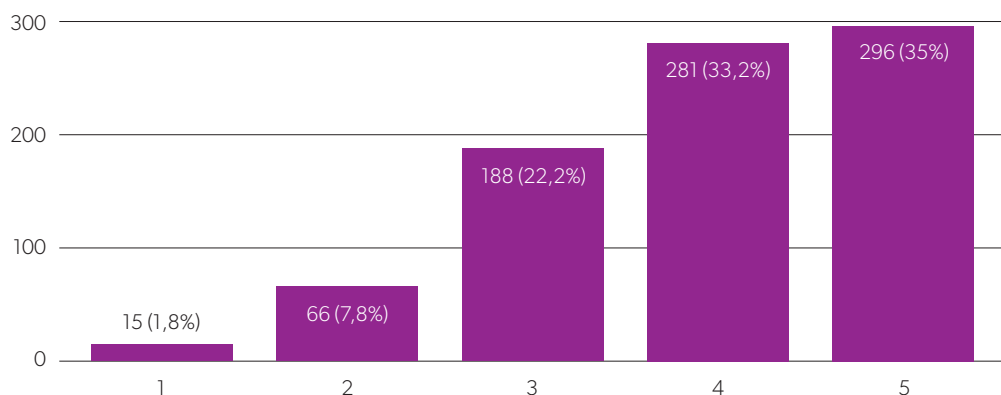


Figura 2 – Percentagem referente à resposta sobre o interesse pessoal pela Arqueologia.

2.2.1. Ciência

846 respostas

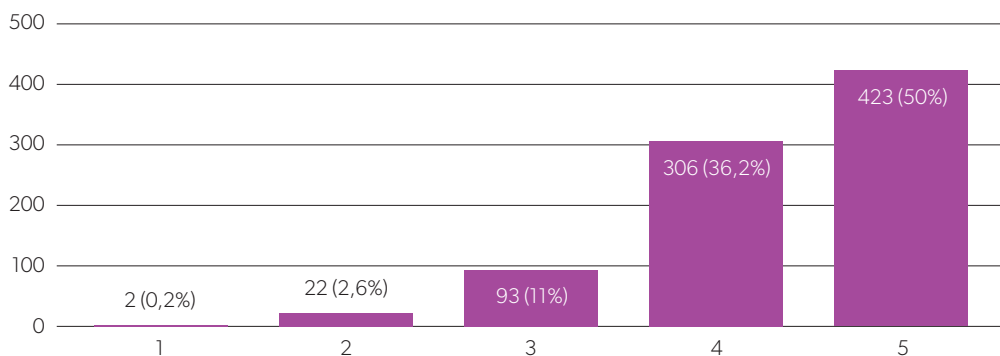


Figura 3 – Percentagem referente à resposta sobre a importância da Arqueologia para a Ciência.

2.2.2. Cultura

846 respostas

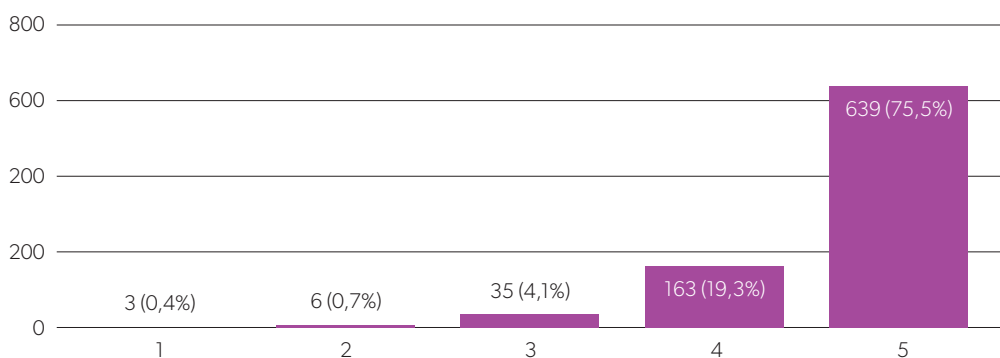


Figura 4 – Percentagem referente à resposta sobre a importância da Arqueologia para a Cultura.

2.2.3. Economia

846 respostas

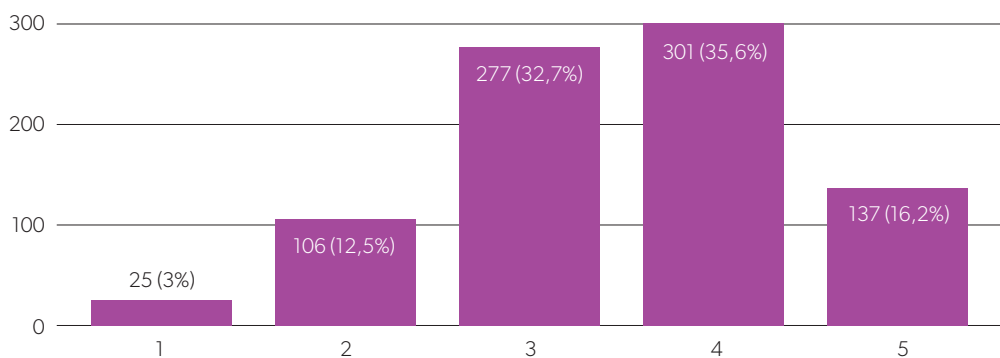


Figura 5 – Percentagem referente à resposta sobre a importância da Arqueologia para a Economia.

2.2.4. Ambiente

846 respostas

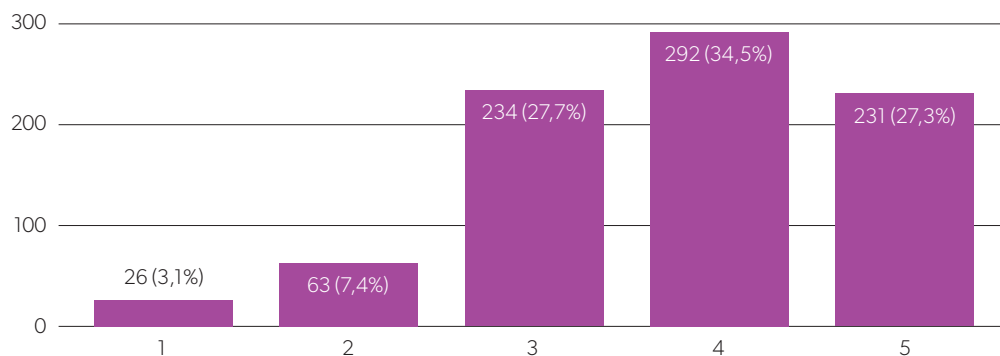


Figura 6 – Percentagem referente à resposta sobre a importância da Arqueologia para o Ambiente.

2.2.5. Ensino

846 respostas

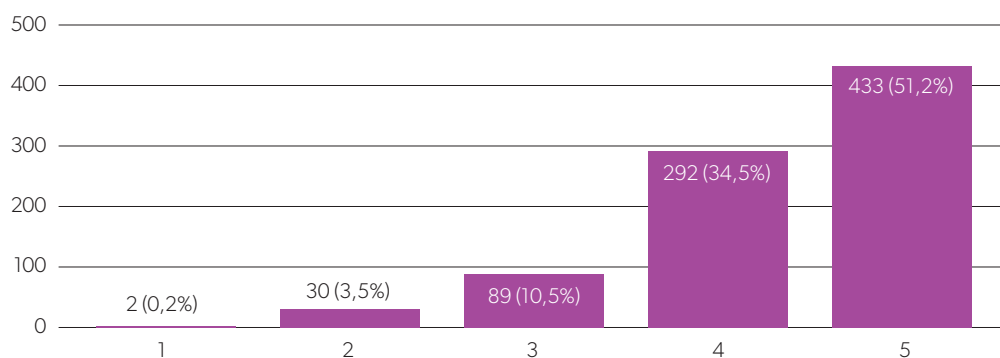


Figura 7 – Percentagem referente à resposta sobre a importância da Arqueologia para o Ensino.

2.2.6. Lazer

846 respostas

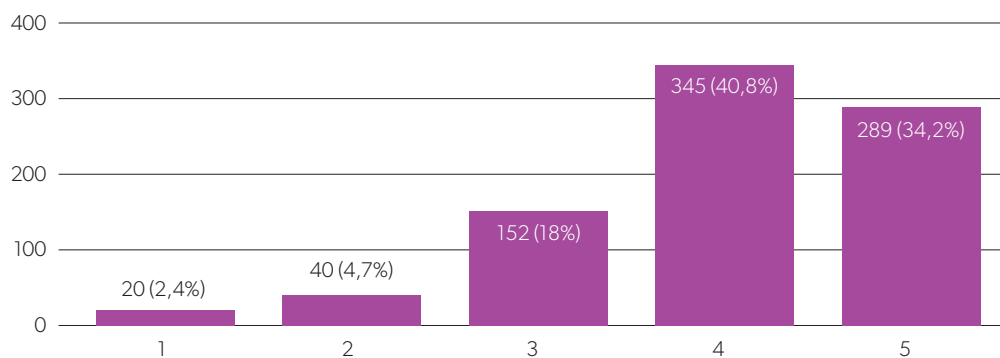


Figura 8 – Percentagem referente à resposta sobre a importância da Arqueologia para o Lazer.

2.2.7. Sociedade

846 respostas

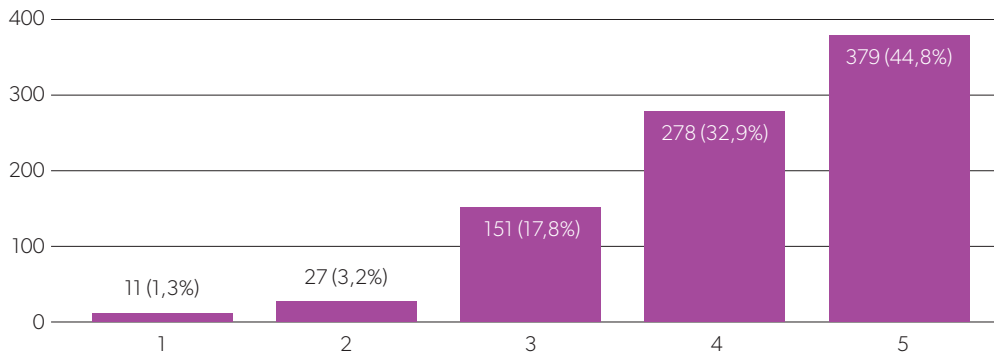


Figura 9 – Percentagem referente à resposta sobre a importância da Arqueologia para a Sociedade.

2.3. Assinale os primeiros meios pelos quais tomou/toma conhecimento de actividades relacionadas com a Arqueologia.

846 respostas

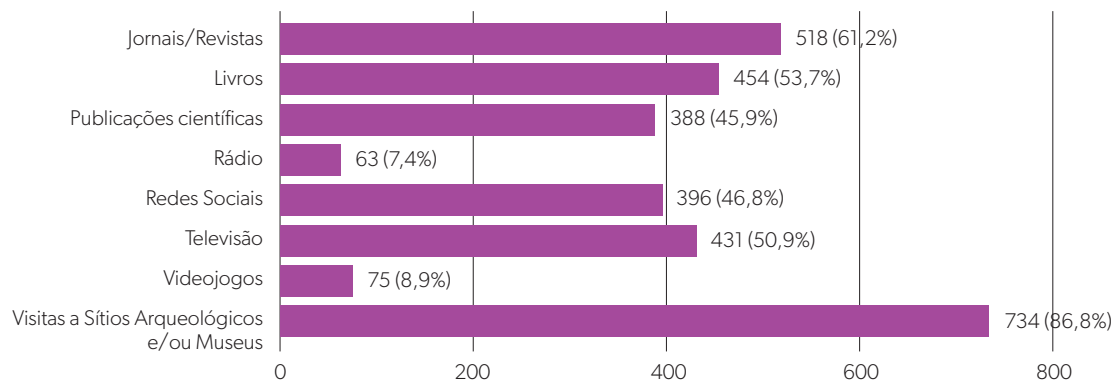


Figura 10 – Percentagem referente à resposta sobre os principais meios de difusão da atividade arqueológica.

3.1. Onde considera que trabalhem os arqueólogos?

846 respostas

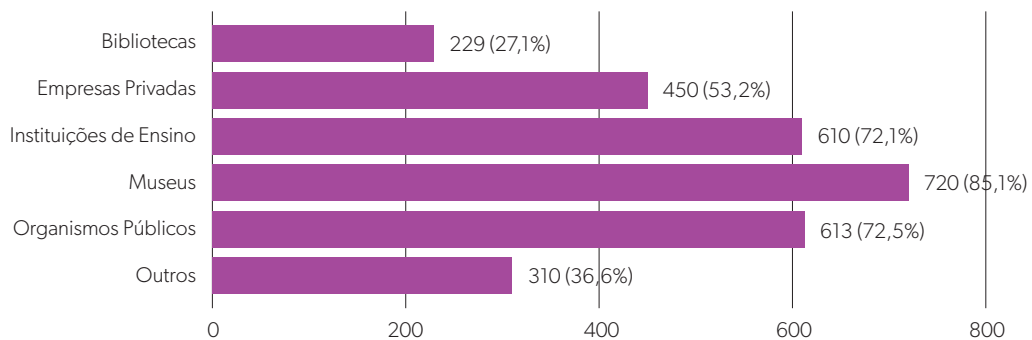


Figura 11 – Percentagem referente à resposta sobre os principais locais de trabalho dos arqueólogos.

3.2. Quão conhecida considera a profissão de arqueólogo pela parte do público em geral?

846 respostas

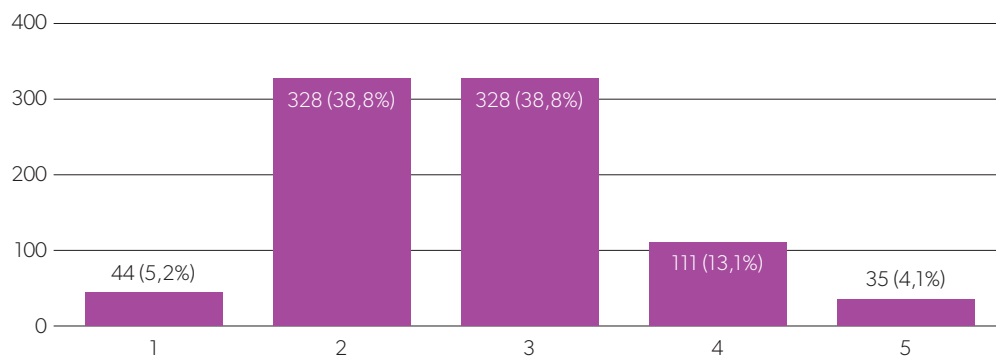


Figura 12 – Percentagem referente à resposta sobre o conhecimento da profissão pela parte do público.

4.3. Se sim, com que frequência?

846 respostas

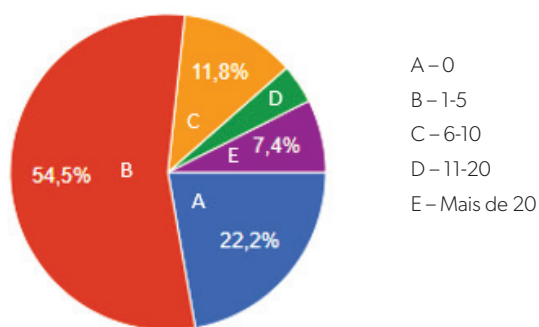


Figura 13 – Visita Sítios Arqueológicos? – Sim (648) / Não (198)

"Como teve conhecimento dos sítios arqueológicos?"	"Que sítios arqueológicos conhece?"	"Ao falar sobre Arqueologia, qual a primeira palavra que lhe ocorre?"
"Escola"; "Pesquisa pessoal"; "Visitas de Estudo"; "Família e Amigos"	"Çatal Huyuk, Gobleki Tepe, Tróia, Palmira, linhas de Torres"	"Conhecimento"; "Enigma"; "Descoberta"; "Mistério"
"Documentários"; "Roteiros Turísticos"; "Redes Sociais"; "Televisão"	"Teatro Romano de Lisboa, Ruínas na Sé de Lisboa"	"Magia"; "Paixão"; "Curiosidade"; "Desgraça"
"Passeando, lendo artigos"; "Comunidade Local"; "É perto da minha terra"	"Troia, Milreu, Alcalar, Lisboa vários (Sé, Castelo, Rua dos Correeiros, Casa dos Bicos, Citânia de Briteiros Cabo Sardão etc."	"Pré-História"; "Romanos"; "Calhaus"; "Cacos"
"O meu filho gosta e normalmente vamos visitar porque ele viu informação sobre o local"	"Ruínas romanas de Mérida e de mirobriga"	"História"; "Escavações"; "Cultura"; "Ruínas"
"Profissionalmente"; "Estudo arqueologia"; "Universidade"	"Conímbriga; Pintura rupestre do Cavalo de mazouco; Criptopórtico do Machado de Castro; Vale do Lapedo, ruínas romanas"	"Desemprego"; "Precariedade"; "Paciência".

Tabela 1 – Exemplos de resposta às questões "Como teve conhecimento dos sítios arqueológicos?"; "Que sítios arqueológicos conhece?" e "Ao falar sobre Arqueologia, qual a primeira palavra que lhe ocorre?", escolhidos aleatoriamente.

Arqueologia como Ciência	Arqueologia como Arte
"A Ciência que constrói a História."	"A arte de descobrir."
"Ciência que, a partir de objetos e estruturas, traz para o presente a história de civilizações, culturas e sociedades do passado."	"Uma forma romântica, não menos válida, de recuperar e fazer "História(s)"."
"Ciencia que estuda materias antigos para rescrever a Historia."	"É a magia, o mistério da descoberta de coisas que esperaram por nós durante séculos."
"A Arqueologia é a ciência que revela a História ao Mundo."	"A arte de mudar a história."
"Ciência que estuda o comportamento humano ao longo do tempo."	"descoberta, um olhar profundo... maravilhar-se!"
Arqueologia como Memória	Arqueologia como Cultura
"A arqueologia é um raio x aos "alzheimers" da história!"	"A "nossa" história, a "nossa" cultura..."
"A descoberta e preservação da memoria para um presente mais informado e um futuro mais sólido."	"ajuda-nos a compreender as culturas que nos antecederam que de outro modo permaneceriam esquecidas."
"preservação da memória histórica de culturas."	"Estudo das nossas raízes."
"Uma sociedade sem história é uma sociedade amnésica, a Arqueologia é o paleativo que temos para evitar perder a memória."	"A cultura e a vida dos nossos antepassados."
"Procura da memória colectiva da sociedade."	"Arqueologia é um acréscimo para a nossa cultura sobre o passado."
Arqueologia como Desilusão	Arqueologia como Esperança
"Em Pt pouco conhecido o q se faz."	"amor dedicação, prazer."
"Ciência de pouco interesse para o estado português."	"Descobrir o passado para conhecer o futuro!"
"Escravidura a recibos verdes."	"Sonho."
"Mal interpretada pela generalidade da população portuguesa."	"Paixão."
"Uma área vergonhosamente ignorada pela sociedade e pela politica."	"Amor e busca pelo conhecimento de eras passadas."

Tabela 2 – Exemplos de resposta à questão da definição da Arqueologia.

DO CARMO A SÃO VICENTE

– PARTE I

COLÓQUIO DE HOMENAGEM A FERNANDO E. RODRIGUES FERREIRA (1943-2014)

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

No dia 18 de Março de 2016 teve lugar, no auditório do Museu Arqueológico do Carmo (AAP), em Lisboa, o colóquio “*Do Carmo a São Vicente*”, organizado pela Comissão de Estudos Olisiponenses da AAP, em homenagem ao arqueólogo Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira, falecido no final de 2014. Estiveram presentes, além dos membros da mesa da Comissão, o Presidente da Mesa da Assembleia-Geral da AAP, a viúva, amigos e colaboradores do homenageado.

No início dos trabalhos o então presidente da Comissão, o mais antigo amigo do homenageado ali presente, pois conheceu-o em meados dos anos sessenta do passado século na Sociedade Portuguesa de Espeleologia, de que ambos eram sócios, proferiu algumas palavras sobre a vida e obra daquele. Destacou o seu percurso académico e profissional, na área da Arqueologia, onde se iniciou muito jovem, mas também nas áreas da História, Bioantropologia, da Conservação e da Divulgação do Património Cultural referindo, em particular, os trabalhos realizados no Mosteiro de São Vicente de Fora, na Igreja do Carmo e na área do Regolfo da Barragem de Alqueva, entre muitos outros que efectuou, de Trás-os-Montes ao Algarve..

Foram depois lidas algumas mensagens enviadas por amigos e colaboradores de Rodrigues Ferreira que, não podendo estar presentes, não quiseram deixar de participar no evento. Foi o caso de António Pica Tereno, colega de curso e amigo pessoal do homenageado, então presidente da Câmara Municipal de Barrancos, vila alentejana onde os resultados dos trabalhos realizados por aquele investigador levaram à criação do Museu de Arqueologia e Etnografia de Barrancos, também por ele organizado. Do mesmo modo, António Carlos Silva, da Direcção Regional de Cultura do Alentejo, destacou a qualidade e o profissionalismo da acção de Rodrigues Ferreira, e da sua equipa, durante os trabalhos arqueológicos ocorridos na área da Barragem do Alqueva.

Fernando Andrade Lemos, do Centro Cultural Eça de Queirós, amigo pessoal do homenageado, proferiu palavras lembrando a colaboração de Rodrigues Ferreira com aquela instituição.

Esteve também presente durante a sessão, e no restante colóquio, representante do Museu do Mosteiro de São Vicente de Fora, igualmente fruto do trabalho de Rodrigues Ferreira, em consequência das escavações arqueológicas por si dirigidas, desde 1961, em colaboração com o Patriarcado de Lisboa, no edifício e cerca daquele monumento da cidade de Lisboa.

Após a sessão de abertura seguiram-se comunicações de vários investigadores, algumas delas relacionadas com projectos dirigidos por Rodrigues Ferreira ou nos quais colaborou.

Por razões editoriais os textos das comunicações tiveram de ser divididos em duas partes, pelo que, nesta primeira parte são publicados trabalhos sob temas diversos, apresentados no Colóquio de Homenagem a F. E. Rodrigues Ferreira, remetendo-se para a segunda parte os relacionados com o Mosteiro de São Vicente de Fora e a Igreja do Carmo, que se juntam às actas de um outro colóquio sobre Lisboa intitulado “*A Morte em Lisboa – Novos Dados, Novas Perspectivas*”, organizado em 2017, também pela Comissão de Estudos Olisiponenses.

São agora dados a conhecer os resultados sobre investigações acerca de manipulações cranianas identificadas na Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo), sobre o campo da Batalha do Vimeiro e sobre a polémica acerca da eventual ocupação pré-portuguesa das Ilhas dos Açores. Apresentam-se também estudos efectuados sobre materiais arqueológicos do antigo Convento de Santana, de Lisboa, no local onde se ergueu o Instituto Bacteriológico, actualmente ocupado com instalações da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, designadamente os objectos de azeviche e o espólio azulejar.



Figura 1 – Cartaz.



Figura 2 – A – Carlos Didelet; B – Rui Ribolhos Filipe; C – Tânia Manuel Casimiro (em representação de José Luís Neto); D – Vista geral do auditório; E – Joana Gonçalves; F – Mariana Almeida; fotos de Nuno Pires (A, B e F) e Carlos Boavida (C, D e E).

MANIPULAÇÕES CRANIANAS DA GRUTA DO ESCOURAL (MONTEMOR-O-NOVO)

Mário Varela Gomes¹, Carlos Didelet Vasques²

¹ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa (Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa) / mv.gomes@fcsh.unl.pt / Membro da Academia Portuguesa da História, da Academia Nacional de Belas-Artes e da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

² Centro de Arqueologia da Câmara Municipal de Lisboa / carlos.vasques@cm-lisboa.pt / Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa.

Resumo

A revisão do espólio antropológico exumado na Gruta do Escoural, atribuível ao Neolítico Médio e Final, permitiu a identificação de rodela craniana, de máscara, de trepanação e de incisões cranianas. A estas manipulações, executadas sobretudo respondendo a práticas sócio-religiosas, adiciona-se a presença de selecção de crânios depositados em nichos.

Os gestos que transformaram elementos antropológicos em artefactos foram postos em paralelo com ocorrências afins do Centro e Sul de Portugal. Eles põem sobretudo em relevo a importância dada à cabeça humana, como elemento discursivo do indivíduo, onde residem os principais sentidos e o centro de decisão de comportamentos e saberes, ou seja, da actividade cognitiva, pelo que se tornou símbolo social de valor universal.

Palavras-chave: Gruta do Escoural, Rodela craniana, Trepanação, Máscara craniana, Incisões cranianas, Depósitos de crânios.

Abstract

The revision of the anthropological remains found at the Escoural Cave and dated from the Middle and Late Neolithic allowed the identification of a cranial disc, a cranial mask, one trepanation and cranial incisions. Such bone manipulations were made as a response to socio-religious practices and are studied together with skulls found in niches.

The practices which transform anthropological elements in artefacts were compared with occurrences in Central and Southern Portugal. They give importance to the human head, as a discursive element of the individual, as a place where the main senses reside and the centre of decision, of behaviours and knowledge, this is, the cognitive activity and thus becoming a social symbol of universal value.

Keywords: Escoural Cave, Cranial disk, Trepanation, Cranial mask, Cranial incisions, Skull deposits.

'The skull is a symbol not only of death but also of the dead sun, which during its life was endowed with the hair rays of power' (Neumann, 1963: 166).

1. ANTECEDENTES

A Gruta do Escoural, aberta em calcários cristalofílicos, foi descoberta a quando da exploração daqueles em 1963.

Manuel Farinha dos Santos ali haveria de proceder a escavações durante vários anos, não deixando de referir, em alguns textos de síntese, aspectos dos resultados daquelas, que foram, em grande parte, publicados ulteriormente (Araújo e Lejeune, 1995). Em tempos mais recentes, efectuaram-se novas escavações, nomeadamente na entrada da cavidade subterrânea, voltada a sul, onde se detectaram indústrias líticas sobre quartzito e quartzos, classificáveis no Paleolítico Médio. Todavia, a Gruta do Escoural é mais conhecida, mesmo internacionalmente, devido à presença de arte parietal paleolítica, pinturas e sobretudo gravuras, atribuíveis a longo ciclo artístico, com inícios no Gravetense e Solutrense Antigo e terminando no Magdalenense Final (Santos, 1964; 1967a; 1967b; 1968; 1972; Santos, Gomes e Monteiro, 1980; Glory, Vaultier e Santos, 1966; Gomes, 1983; 1985; 1992; 1994; 1995; 1998; 2000; 2001; 2002; 2006: 142, 143, 161, 162; Silva e Araújo, 1995; Araújo e Lejeune, 1995).

Sobre o maciço onde se abre a gruta, foram parcialmente escavados restos de povoado Calcolítico, possuindo dispositivos defensivos e que destruiu ou sobrepôs superfícies rochosas contendo gravuras, abertas pela percussão de artefactos líticos, que representam principalmente bucrânios e covinhas, mas onde também se identificaram as imagens de arado, carro, serpentiformes e de recintos, iconografia atribuída ao Neolítico Final, tal como podomorfo, que classificámos na Idade do Bronze Final (Gomes, Gomes e Santos, 1983; 1983-84; 1994; Gomes, 1991; 2002; Santos, 1985: 138, 139).

Conjunto constituído por numerosos restos osteológicos humanos, recolhidos à superfície do so-

lo da gruta, em data subsequente à sua descoberta, tidos como desprovidos de contexto arqueológico específico, mas datáveis no Neolítico Médio e Final, foi entregue para estudo ao antropólogo Agostinho Farinha Isidoro, que publicou os seus resultados em 1981.

Ali se inventariou e descreveu o material referido, onde se incluem onze crânios quase completos, cinco muito incompletos e trinta e cinco porções, espólio que o autor citado calculou terem pertencido, pelo menos (NMI), a 34 indivíduos de ambos géneros (Isidoro, 1981: 6).

O investigador mencionado concluiu que a estatura dos homens cujos restos estudou seria, em média, de 1,617 m e a das mulheres 1,506 m, valores próximos dos encontrados nas populações actuais da região. Na forma da estrutura craniana dominava a dolicocefalia, ou seja, os crânios de contorno oval (Isidoro, 1981: 45).

O espólio osteológico estudado por A. Farinha Isidoro conservava-se no Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, no Porto, tendo sido entregue parte daquele, dado faltarem crânios, a um de nós (M.V.G.), em data recente e através da Doutora Conceição Rodrigues, por desde há muitos anos estudarmos o arqueossítio do Escoural.

Devido ao interesse dos presentes autores pelas questões relacionadas com as manipulações cranianas pré-históricas e outros aspectos de carácter ritual ligados ao corpo humano, procedemos a revisão do espólio posto à nossa guarda, depois entregue ao Museu Nacional de Arqueologia, tarefa que conduziu à identificação de rodela craniana, assim como de possível trepanação e de incisões cranianas, aspectos até então inéditos.

Tais descobertas levaram a que revíssemos os espólios osteológicos do mesmo arqueossítio que guarda o Museu Nacional de Arqueologia onde, não sem alguma surpresa, foi possível identificar máscara craniana, idêntica à da Gruta da Feteira e a outras que temos vindo a reconhecer (Vasques, 2016: 110, 111).

2. INVENTÁRIO DAS OCORRÊNCIAS

- **Rodela craniana**¹. Utiliza porção de parietal, de lado indeterminado, com contorno subcircular, medindo 0,061 m por 0,048 m, segundo dois eixos ortogonais, e 0,007 m de espessura máxima. Na superfície interior observam-se sulcos vasculares de porção de ramo da artéria meníngea média. Ambas superfícies e os bordos encontram-se alterados, decorrente de processo tafonómico, mostrando fractura moderna devido a amputação de pequena parte do bordo.
- **Máscara craniana**. Conserva o frontal, os ossos da face e o maxilar, ainda com quatro dentes molares *in situ*. Provavelmente pertenceu a adulto jovem, do género feminino, com idade compreendida entre os 20 e os 22 anos. Inscrição feita a tinta-da-china, na parte direita do frontal regista, em seis linhas: “Escoural / Galeria / Grupo / 10 / (à superfície) / 18.9.63”. A parte posterior da calote craniana foi separada do frontal pela sutura de ligação aos parietais ou sutura coronal. Jazia à superfície do solo na entrada de pequena galeria (galeria 1).
- **Trepanação**. Porção de crânio (Crânio 2), correspondendo apenas a pouco mais que a metade esquerda, da calote e dos ossos da face. Encontrava-se (galeria 3) associado a outros ossos humanos e a grande taça de cerâmica. Pertenceu a indivíduo com idade superior a 35 anos, à data da morte, e a parte do frontal que se conserva, apresenta vestígios de trepanação, iniciada mas não concluída, mostrando regeneração óssea, embora com indícios de inflamação. A intervenção, com perímetro subcircular mede 0,022 m de diâmetro e 0,010 m de profundidade. Este fragmento de crânio foi publicado por A. Farinha Isidoro (1964: 235, 237, figs 5, 6) como sendo procedente da Lapa do Bugio

¹ Preferimos esta denominação, em detrimento de disco craniano (Cardoso, 1992: 117), dado conter tradição na história da investigação e permitir abranger exemplares possuindo tanto contorno circular como oval, o que não aconteceria ao utilizarmos aquela primeira designação.

e atribuindo-o a indivíduo com 60 a 70 anos de idade à data da morte.

- **Incisões cranianas**. Crânio, possivelmente a porção descrita por A. Farinha Isidoro (1981: 17) sob o nº 23, conservando pouco mais que o lado direito da calote, ou seja, parte do frontal, o parietal, o temporal e sector do occipital. Apresenta incisões filiformes, com sinais de regeneração óssea, no parietal direito, medindo entre 0,010 m e 0,060 m de comprimento. Terá pertencido a indivíduo com 35 a 40 anos, à data da morte.
- Também o crânio, nº 3 do inventário elaborado por A. Farinha Isidoro (1981: 8, 9, est. III, fig. 6; est. V, fig. 10), de que existe boa parte da calote e dos ossos da face, mostra conjunto de incisões filiformes nos parietais e nos temporais, com comprimentos que variam entre 0,030 m e 0,060 m. Terá pertencido a indivíduo do género masculino, com cerca de 35 a 40 anos de idade.
- **Depósitos cranianos**. Segundo M. Farinha dos Santos (1985: 138), encontraram-se crânios humanos entaipados em nichos, um deles na Sala 1, a maior de toda a cavidade subterrânea, continha cinco crânios, segundo ainda informação daquele arqueólogo. Fotografia de M. Farinha dos Santos, obtida durante as escavações de 1963, mostra crânio humano colocado em pequeno nicho (Cardoso, 2002: 219, fig. 139).

3. COMENTÁRIOS

3.1. Rodelas cranianas

As rodelas cranianas são raras no território hoje português, dado que até à presente data apenas foram publicados quatro exemplares; um procedente da Anda da Herdade da Capela ou de Cavaleiros (Avis), o segundo da Lapa do Bugio (Sesimbra), tendo-se encontrado rodela craniana e meia rodela na Anta Grande do Olival da Pêga I.

Trata-se, pois, tal como ocorre na Gruta do Escoural, de três contextos funerários, dois megalíticos e um em gruta. O conhecimento do primeiro deve-se a José Leite de Vasconcellos (1897: 195) e o segundo foi explorado e tratado por diversos autores,

procedendo a rodela craniana de ossário (Monteiro, Zbyszewski e Ferreira, 1971; Cardoso, 1992: 117, 190, est. 18-7). O terceiro contexto foi investigado por Georg e Vera Leisner (1951: 147, 240, est. LXII-6, 7), que aventam a hipótese de tais testemunhos resultarem de trepanações e, portanto, reflectindo outro objectivo que não a obtenção daquelas peças.

A escassez de tais artefactos de carácter sócio-religioso quase sempre tratados na literatura arqueológica a par da trepanação, pode dever-se a falhas na sua identificação e a terem sido tomados por simples fragmentos de crânios, como aos processos tafonómicos relacionados com os contextos deposicionais, nomeadamente em terrenos de forte acidez.

A realização de rodela craniana ascende ao Paleolítico Superior, conhecendo-se exemplares detectados em França (Broca, 1873: 18), tendo assim sido denominados primeiramente (*rondelles craniennes*) por Prunières (1874a: 598) que os descobriu em dólmenes de Lozère. Poucos anos depois J. de Baye (1876: 5) haveria de identificar outros daqueles artefactos em enterramentos em grutas do Vallée du Petit-Morin (Marne). Este antropólogo comparou aquelas ocorrências, com exemplares exumados em dólmenes de Roknia, na Argélia.

Também as placas cranianas são raras em Portugal, sabendo-se apenas do exemplar encontrado na Lapa do Bugio, facto que pode decorrer das mesmas causas que atribuímos aos poucos exemplares de rodela craniana.

J. Leite de Vasconcellos (1897: 193-195, fig. 41) refere a existência de marca possivelmente relacionada com a abertura de orifício na rodela craniana da Anta da Herdade da Capela, aspecto que os Leisner (1959: 78, 79, est. 15-54) não referem, aquando da publicação monográfica daquele monumento, possivelmente por não terem observado tal testemunho.

3.2. Máscaras cranianas

As máscaras cranianas não foram classificadas como tal até à descoberta do exemplar exumado na Gruta da Feteira (Lourinhã), a que se juntou ocorrência re-

centemente identificada, por um de nós (C.D.V.), de Gruta do Poço Velho (Cascais), constituindo a reconhecida na Gruta do Escoural, pelo mesmo dos presentes autores, o terceiro exemplar (Vasques, 2016: 110, 111). Todavia, crânio procedente de pequena cavidade subterrânea de Vale Côvo (Pragança, Cadaval) apresenta cortes profundos, ao que parece executados com lâmina de sílex, encontrada junto, tendo em vista a obtenção de máscara craniana, contendo frontal, parte dos dois parietais e dos ossos da face mas que, por razões desconhecidas, não foi concluída.

A máscara craniana procedente de gruta funerária da Feteira, situada a cerca de 20 km de distância em linha recta para oeste de Vale Côvo, foi descoberta durante escavação de emergência ali efectuada em 1982, tendo em vista minimizar o impacto de obra de construção civil. Integrava necrópole tardo-neolítica e encontrava-se associada a ossuário, mostrando sinais de ter sido propositadamente fracturada pela sutura coronal de modo a conferir-lhe a forma que apresenta (Zilhão, 1984: 23, 76, 77, figs. 37a, 37b).

Aquele testemunho, parcialmente coberto por concreções carbonatadas e que guarda o Museu da Lourinhã, conserva a totalidade do frontal, os ossos esfenóides, parte dos zigomáticos e a maxila, ainda com dois dentes implantados. O grau de consolidação da sutura coronal e o desgaste dentário indicam tratar-se de indivíduo adulto.

O exemplar da Gruta do Poço Velho, em Cascais, conserva o parietal e os ossos da face, de indivíduo não adulto. Mostra, ao centro do frontal, depressão, medindo cerca de 8 mm de diâmetro, que bem pode resultar de tentativa de trepanação, em vida, com remodelação óssea (Antunes-Ferreira, 2005: 88, 89, fig. 44). Os parietais “descolaram” do frontal pelas suturas, devido a acção humana. As Grutas do do Poço Velho foram utilizadas como necrópoles durante o Neolítico Final e Calcolítico, na segunda metade do IV milénio A.C. e primeira metade do milénio seguinte, estimando-se que pelo menos 115 indivíduos, 93 adultos e 22 não adultos, em número idêntico de ambos géneros,

foram, segundo Nathalie Antunes-Ferreira (2005: 101), ali depositados ou inumados.

Três das máscaras cranianas exumadas em Portugal mostram o mesmo tipo formal, pois foram separadas da calote pela sutura coronal ou áreas próximas e integram os ossos da face, incluindo o maxilar. Também os cortes que apresenta o crânio da Gruta de Vale Côvo indicam o mesmo padrão operatório.

Oferecendo contexto geográfico e cultural distante dos portugueses, a máscara craniana procedente do nível Capsense Superior (5000-4500 a.C.) de Faïd Souar II (Argélia), corresponde a crânio a que foi cortado o occipital, tal como parte posterior e inferior dos parietais, oferecendo dois orifícios para suspensão.

Aquela peça paleoantropológica encontrava-se em sepultura contendo restos de dois esqueletos e pertenceu a indivíduo, provavelmente do sexo feminino, com 18 a 25 anos de idade. Apresentava, ainda, a ablação dos incisivos em vida, talvez devido a aspecto ritual, um dente postíço e era acompanhada com duas valvas de *Union*, que possivelmente foram colocadas nas cavidades orbitais, tendo sido envolta em ocre vermelho (Vallois, 1971).

Crânio humano de Silica (Majda-Hresková, Roznava), na Eslováquia, datado da Idade do Bronze Final (ca 1000 a.C.), foi cortado e utilizado como máscara, que conserva parte do frontal e dos ossos da face, incluindo o maxilar, ainda com dentes (Ramseyer, 2001: 86, 89). Verifica-se assim, que a prática de produzir máscaras cranianas humanas constituiu aspecto ritual altamente simbólico que alcançou os tempos proto-históricos.

3.3. Trepanações

A trepanação craniana foi referida por Hipócrates de Cos (460-370 a.C.) e os casos pré-históricos constituíram objecto de estudo desde o último quartel do século XIX, envolvendo arqueólogos, antropólogos, anatomopatologistas e neurocirurgiões (Prunières, 1874a; 1874b; Baye, 1876; Broca, 1876a; 1876b; Nadaillac, 1879; 1886; Horsley, 1888; Regnault, 1902; Lucas-Championnière, 1912). De igual modo, aquela prática tem vindo a ser registada para os tempos pré-

-históricos, em Portugal, desde o achado de pedaço de calote craniana com tais vestígios na Gruta de Furninha (Peniche) e de crânio em fase de trepanação da Casa da Moura, devidos a J. F. Néry Delgado (1880, ests. VII, fig. 68; XV, fig. 122). Leite de Vasconcelos (1885: 34-36; 1897: 184, 185, 191-197; 1925) haveria de chamar a atenção para aquelas e outras ocorrências, delas retirando diversas conclusões de carácter sócio-religioso. Mais tarde, M. Barbosa Sueiro (1933) e depois O. da Veiga Ferreira (1969) reuniram os testemunhos de manipulações cranianas humanas até então conhecidos em Portugal, o mesmo vindo a acontecer com outros autores que recentemente se têm dedicado a tal problemática, contando hoje com cerca de três dezenas de casos no actual território nacional (Crubézy *et alii*, 2001; Silva; 2002; Campillo Valero, 2007; Vasques, 2016).

As trepanações pré-históricas europeias mostram contornos em geral com forma oval, não existindo exemplares possuindo contorno quadrangular, trapezoidal ou rectangular, conforme surgem na América do Sul e na Ásia (Destugne e Lumley, 1976: 163).

As trepanações cranianas humanas apresentam aos seus investigadores uma grande questão, ainda não resolvida, pois elas tanto podem ser consequência de actos de carácter médico e, portanto, terapêuticos, como de carácter ritual, algumas em vida e outras póstumas, embora em ambos casos se possa denominar de cirurgia craniana.

No crânio da Gruta do Escoural, mostrando vestígios de trepanação no frontal esquerdo, esta não foi concluída, tendo sido possivelmente executada por abrasão pouco profunda, permitindo a cicatrização e sobrevivência do paciente.

Procede da Gruta das Fontainhas (Serra de Montejunto), crânio, de indivíduo adulto, do sexo masculino, mostrando os inícios de duas trepanações, por raspagem, incompletas e também com sinais de cicatrização (Silva, 2002: 119; Campillo Valero, 2007: 264, 265, fig. 7.10), aspecto que mostra o frontal de máscara craniana exumada em uma das Grutas do Poço Velho (Cascais), havendo ainda outros paralelos para o exemplar da Gruta do Escoural, agora dado a conhecer.

O método de trepanação utilizado naquele último caso, a raspagem ou abrasão, foi usado, segundo D. Campillo Valero (2007: 282) em 31% dos testemunhos pré-históricos que estudou, oriundos da Península Ibérica, existindo 44% de trepanações feitas por perfuração através de brocagem e apenas 11% levados a cabo por incisão, apresentando os restantes exemplares técnicas mistas ou não claramente identificadas.

Conhecem-se, em Portugal, pelo menos mais quatro casos de trepanações em parietais esquerdos (Algar do Bom Santo 1, Covão d'Almeida, Gruta das Fontainhas e Lapa do Bugio), sendo a região craniana com maior número de tais intervenções (Vasques, 2016: 114). Também D. Campillo Valero (2007: 282) verificou nos casos por ele estudados, da Península Ibérica, uma maior percentagem de trepanações executadas no lado esquerdo do crânio (56%), contando menos de metade para o lado oposto (21%) e existindo ainda menor número quando efectuadas ao centro (14%).

3.4. Incisões cranianas

As incisões presentes em dois crânios da Gruta do Escoural, em parietal e em frontal, devem corresponder a manipulações relacionadas com preceitos rituais, nomeadamente a descarnação de partes moles. Em um dos casos parece ter havido remodelação óssea, enquanto o outro sugere intervenção *post-mortem*, talvez para obtenção de escalpe. É possível que futuras análises a material osteológico pré-histórico conduzam ao reconhecimento de testemunhos afins, permitindo melhor avaliar a sua origem e função.

D. Campillo Valero (1980; 2007: 190-192) estudou caso de incisões em crânio humano procedente da Gruta 1 de Recó de l'Hospital (Montblanc, Conca de Barberà, Tarragona), filiformes ou fusiformes, aprofundadas por abrasão, em número de oito, medindo entre 7 mm e 30 mm, possuindo contexto calcolítico, reconhecendo tais intervenções no terço superior de parietal e no occipital, que compara com outras de crânio de Bóbila Madurell (Barcelona) e atribuiu a causas rituais.

Apresentam incisões, afins das mencionadas, crânio de Anta de Carcavelos (Loures), em ambos parietais, medindo entre 2 mm e 11 mm, assim como crânio da Anta da Capela de Santo Amaro (Figueira da Foz). Também dois crânios mesolíticos do Cabeço da Arruda (Muge) mostram intervenções idênticas (Vasques, 2016: 91, 93, 115).

3.5. Depósitos de crânios

São conhecidos "cranial burials", ou talvez melhor "depósitos de crânios", dado não se tratar de simples sepulturas de cabeças ou de acumulações aleatórias de crânios. Eles devem encontrar-se ligados ao culto dos antepassados através dos seus crânios, à caça de cabeças ou de cabeças-troféu, até há bem pouco ainda praticada por diferentes sociedades etnográficas africanas, ameríndias e asiáticas. Tais depósitos ocorreram em algumas grutas e em outros monumentos funerários, neolíticos e calcolíticos portugueses, embora não tenham sido valorizados como práticas cognitivas, nomeadamente na Gruta do Escoural. Aqueles também foram identificados na Europa Central, desde o Mesolítico, conforme ilustram os casos das grutas de Grosse Ofnet Höhle (Holheim, Baviera) e Hohlenstein-Stadel (Asselfingen, Bade-Württemberg), no Sudoeste da Alemanha (Jeunesse, 2012). Naquela primeira jazida encontraram-se duas fossas circulares, uma contendo 31 crânios e a outra com seis, acompanhados de diverso espólio e de ocre vermelho. Na segunda cavidade subterrânea exumaram-se apenas três crânios, estando ainda presente o ocre vermelho. Alguns testemunhos de violência sugerem indicar massacre, sacrifício ou outro tipo de prática social (Orschiedt, 2001; Jeunesse, 2012: 71).

Os depósitos de crânios, em lugares particulares das necrópoles, em grutas ou em edificações funerárias, não têm sido convenientemente registados e estudados, não só no que respeita ao território peninsular mas também, em geral, ao resto da Europa. Em Portugal, escavações antigas, desprovidas de métodos de registo adequados ou a falta de interesse por muitos arqueólogos pelas questões simbólicas e cognitivas das sociedades pretéritas,

têm obstado àquele tipo de conhecimento, tanto ao nível da informação empírica como da construção teórica. No que concerne à Gruta d Escoural, o seu escavador refere os nichos com crânios, pelo menos um deles entaipado, fotografa um caso, mas sobre o assunto mais nada se sabe. Esperemos, no entanto, que a recuperação de documentação de antigas escavações e as que se fizerem possam lançar luz sobre esta problemática.

4. CONCLUSÕES

Durante toda a Pré-História Europeia conhecem-se testemunhos que ilustram a manipulação de crânios humanos, em vida ou *post-mortem*, que se devem sobretudo a razões de carácter sócio-religioso, mas também talvez terapêuticas, como ainda a ambas. Sobre a difusão do uso da trepanação, S. Piggott (1940: 119) escreveria: *“But once so painful and so dangerous an operation become a fashion, a cult, ...”*.

Já nos inícios da passada centúria se reconheciam calotes cranianas paleolíticas, fracturadas ou cortadas em forma de taça, tendo-se depois discutido sobre a caça às cabeças-trofeu e possíveis cultos ligados aos crânios (Breuil e Obermaier, 1909; Wernert, 1936; 1944/51; Glory e Robert, 1947). Os crânios-taça não se circunscreveram ao Paleolítico Superior, à Gruta de Placard (Charente) onde se encontraram quatro (Glory e Robert, 1947: 131), e à Gough’s Cave (Inglaterra) com um, pois no nível calcolítico da Gruta da Carigüela de Piñar (Granada) surgiu exemplar de tal peça ritual, mostrando finas incisões que talvez correspondam à dissecação das partes moles que a envolviam (García Sánchez e Carrasco Ruiz, 1981: 124). Um outro crânio-taça, dos inícios da Idade do Bronze, provém da Gruta de Pradel (La Capelle-Balaguier, Aveyron) e encontrava-se em local elevado e bem destacado, sob grande estalagmite por onde escorria água, repleta de cinzas, terra, ocre vermelho e um dente humano, rodeada por sepulturas dispostas em arco de círculo (Glory e Robert, 1947: 114-118, 129). Embora mais raramente, outros ossos humanos serviram para a

confeccção de artefactos de carácter sócio-religioso, durante os tempos pré-históricos europeus, como a espátula, ou ídolo, elaborada sobre rádio, encontrada no espólio de sepulcro megalítico da Meseta (Delibes de Castro e Paz Fernández, 2000). Todavia, tal prática é bem conhecida em sociedades etnográficas sub-actuais e ainda em algumas nossas contemporâneas.

As manipulações cranianas, integraram a vida espiritual das populações pré-históricas, nomeadamente das comunidades produtoras de alimentos, do Neolítico ao Calcolítico, e relevam, principalmente, a grande importância conferida à cabeça humana, pelo que alguns autores aventam a hipótese de durante a Pré-História ter existido, em certas regiões, um verdadeiro culto aos crânios humanos (Wernert, 1944/51; Glory e Robert, 1947).

De facto, a cabeça humana, tal como as dos animais, é entendida, em quase todas as civilizações, como elemento discursivo do indivíduo, constituindo a residência dos principais sentidos, como a visão, a audição, o olfacto, o paladar, nela existindo ainda os órgãos da fala, significativas partes dos aparelho digestivo e respiratório, tal como o cérebro, reconhecido centro de decisão, de comportamentos, de saberes e o principal motor das actividades cognitivas, tornando-se importante símbolo social de valor universal (Talalay, 2004: 156).

A cabeça constitui ainda o elemento anatómico que melhor caracteriza cada um de nós, individualizando-nos entre a multidão dos nossos semelhantes, mas o mesmo acontecendo para muitas das diferentes espécies de mamíferos, peixes, aves, etc., por isso a decapitação é uma forma de despersonalização e utilizada, tanto na guerra como por diversas autoridades judiciais ou religiosas, onde é entendida como castigo supremo. Tal prática assumiu, durante a Pré-História, grande significado ritual, conforme ilustram casos do Paleolítico Médio da Europa, senão outros anteriores, e os ocorridos em tempos ulteriores. Por isso, o interesse pela cabeça humana conduziu, em diferentes sociedades, à transformação daquele elemento do corpo humano, ou de algumas das suas partes da estrutura

óssea, em cultura material, dando origem a muito apreciados troféus e a artefactos mágico-religiosos. A crença em propriedades transcendentais dos ossos cranianos, designadamente por terem feito parte de alguém “diferente”, acreditando-se que poderiam conter e transmitir o poder e as virtudes de quem pertenceu, talvez mesmo possibilitasse o contacto com o mundo transcendente, conforme acontecia, até há bem pouco, entre diversas sociedades etnográficas, levaria a que, ainda em data recente, mesmo no seio de comunidades industrializadas da Europa, se obtivessem a partir daqueles, santas relíquias e amuletos. Estes eram tidos como possuindo poderes profilácticos, nomeadamente no tratamento da epilepsia, reflectindo uma espécie de magia simpática (Vasconcellos, 1897: 184-186).

A excepcional importância dada à cabeça humana espelha-se nos crânios, sobremodelados e, ainda, nas máscaras de pedra pintadas, do Neolítico pré-cerâmico (PPNB, VII milénio B.C.), de Nâhal Hemar e de Hébron (Israel) (Bienert, 1990), que J. Cauvin (1994: 154, 155, est. VII), considerou na origem do “*teatro sagrado do Mediterrâneo Oriental*”, não deixando de colocar a hipótese da existência de objectos similares, mas construídos em materiais perecíveis.

São relativamente frequentes, no Centro de Portugal, os crânios humanos ou os seus fragmentos, alterados através de trepanação ou de outras acções, durante o Neolítico e o Calcolítico, designadamente se compararmos tais testemunhos com os de outras regiões europeias, com idêntica cronologia, ou com o número de crânios coevos ali registados.

A origem dos crânios manipulados circunscreve-se a duas hipóteses: pertencerem a indivíduos estranhos às comunidades que os deslocaram, alteraram e conservaram, ou terem feito parte daquelas, aspecto que originaram comportamentos e simbologias bem diferenciados. D. Campillo Valero (2007: 282) constatou que 96% dos crânios trepanados que estudou na Península Ibérica pertenciam a indivíduos adultos, 58% dos quais seriam do género masculino, 10% do género feminino, embora não tivesse sido possível a determinação genérica nos

restantes (32%). Aquelas intervenções seriam maioritariamente executadas em vida dos pacientes (75% no caso dos indivíduos do sexo masculino e em 80% no caso dos indivíduos do sexo feminino).

As máscaras cranianas integraram claramente vertente mágico-religiosa relacionada com o grande significado dado à cabeça humana, a que se devem associar muitas das trepanações, as simbólicas, não profilácticas ou terapêuticas, designadamente as póstumias, tal como as rodela e placas obtidas a partir de ossos cranianos.

Além de raros testemunhos que remontam ao Mesolítico, tais manipulações encontradas em território actualmente português são principalmente datáveis no Neolítico Final e Calcolítico, denunciando sociedades fortemente ritualizadas, que as edificações de carácter cultural (dólmenes, menires, alinhamentos, cromeleques, santuários rupestres) e a abundante cultura material confirmam. Elas teriam importante função cerimonial e integravam sistema simbólico, por certo ligado ao mundo transcendente, dos antepassados e dos mortos em geral. Todavia, hoje sabe-se que o interesse dos humanos por objectos insólitos ou ímpares, artefactos e ecofactos, com denominado potencial iconográfico, onde se incluem os restos antropológicos, parece ascender aos alvares da Humanidade (Borel *et alii*, 2016), passando aqueles a integrar, mais do que idiosincrasias, narrações mitológicas e práticas rituais que pouco conhecemos.

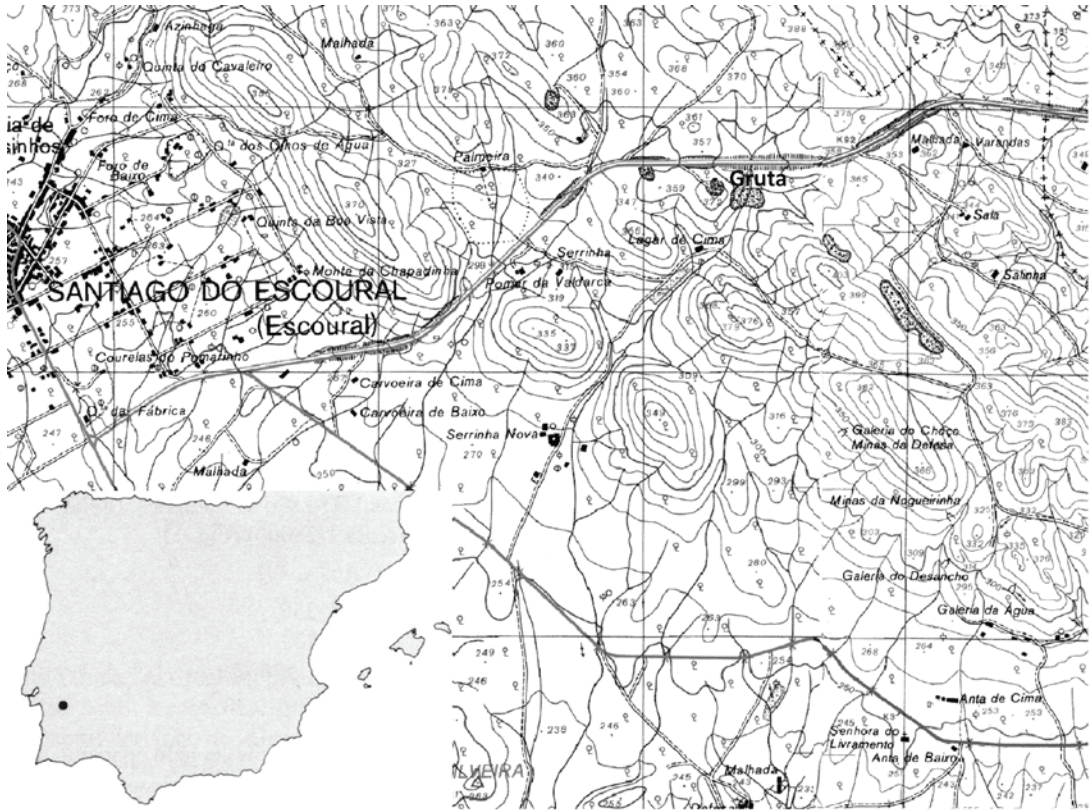
A violência das imagens das máscaras cranianas, como outros artefactos de origem antropológica, criaria, no seio de complexos rituais, momentos de transcendência capazes de diminuir o *stress* social, mas principalmente indutores de “estados místicos” capazes de produzir a criatividade (Bataille, 1986; Morin, 1986).

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES-FERREIRA, Nathalie (2005) – *Paleobiologia de Grupos Populacionais do Neolítico Final/Calcolítico do Poço Velho (Cascais)*. Trabalhos de Arqueologia, 40. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- ARAÚJO, Ana Cristina; LEJEUNE, Marylise (1995) – *Gruta do Escoural: Necrópole Neolítica e Arte Rupestre Paleolítica*. Trabalhos de Arqueologia, 8. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- BATAILLE, Georges (1986) – *Erotism: Death & Sensuality*. San Francisco: City Lights Books.
- BAYE, Joseph de (1876) – *La trépanation préhistorique*. Extrait de *L'Archéologie Préhistorique*. Paris: Ernest Leroux, Éditeur, pp. 5-30.
- BIENERT, Han-Dieter (1990) – The Er-Ram stone mask at the Palestine Exploration Fund. *Oxford Journal of Archaeology*, vol. 9(3), pp. 257-261.
- BOREL, Antony; AJZENHERC, Yohan; MONCEL, Marie-Hélène; SAINT JALME, Michel; KRIEF, Sabrina (2016) – Do Orangutans share early Human interest in odd objects?. *Current Anthropology*, vol. 57(6), pp. 828-837.
- BREUIL, Henri; OBERMAIER, Hugo (1909) – Crânes paléolithiques façonnés en coupes. *L'Anthropologie*, vol. XX, pp. 523-530.
- BROCA, Pierre Paul (1873) – Sur les crânes de la caverne de l'Homme – Mort (Lozère). *Revue Anthropologique de Paris*. Série 9, vol. I, pp. 542-557.
- BROCA, Pierre Paul (1876a) – Sur les trépanations préhistoriques. *Bulletin de la Société d'Anthropologie*, série 2, vol. 11, pp. 236-256.
- BROCA, Pierre Paul (1876b) – Amulettes crâniennes et trépanation préhistorique. *Revue d'Anthropologie*, vol. 5, pp. 106, 107.
- CAMPILLO VALERO, Domènec (1980) – Incisiones rituales en un cráneo de Montblanc. *Ampurias*, vols 41-42, pp. 367-370.
- CAMPILLO VALERO, Domènec (2007) – *La Trepanación Prehistórica*. Barcelona: Ediciones Bellaterra.
- CARDOSO, João Luís (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, vols. IX-X, pp. 89-225.
- CARDOSO, João Luís (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- CAUVIN, Jacques (1994) – *Naissance des Divinités, Naissance de l'Agriculture. La Révolution des Symboles au Néolithique*. Paris: Éditions Centre National de la Recherche Scientifique.
- CRUBÉZY, Éric; BRUZEK, Jaroslav; GUILLAIN, Jean; CUNHA, Eugénia; ROUGÉ, Daniel; JELINEK, Jan (2001) – The antiquity of cranial surgery in Europe and in the Mediterranean basin. *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences – Series IIA – Earth and Planetary Science*, Vol. 332(6), pp. 417-423.
- DELGADO, Joaquim Filipe Néry da Encarnação (1884) – “La Grotte de Furninha a Peniche”, *Congrès Internationale d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique (Compte Rendu de la Neuvième Session à Lisbonne, 1990)*. Lisbonne: Typographie de l'Académie Royal des Sciences, pp. 207-278, ests I-XVII.
- DELIBES DE CASTRO, Germán; PAZ FERNÁNDEZ, Félix José de (2000) – Ídolo-espátula sobre radio humano en el ajuar de un sepulcro megalítico de la Meseta. *Spal*, vol. 9, pp. 341-349.
- DASTUGUE, Jean; LUMLEY, Marie-Antoinette de (1976) – «Les maladies des hommes préhistoriques», *La Préhistoire Française, tome II – Les Civilisations Néolithiques et Protohistoriques de la France*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, pp. 153-164.
- FERREIRA, Octávio da Veiga (1969) – Acerca dos conhecimentos de medicina e de cirurgia na Antiguidade. *O Arqueólogo Português*, Série III, vol. III, pp. 119-130.
- FURMANEK, Václav (1999) – *Cult mask, L'Europe au Temps d'Ulysse. Dieux et Héros de l'Âge du Bronze*. Paris: Réunion des Musées Nationaux, p. 264.
- GARCÍA SÁNCHEZ, Manuel; CARRASCO RUS, Javier (1981) – «Cráneo-copa» eneolítico de la cueva de la Carigüela de Piñar (Granada). *Zephyrus*, vols. 32-33, pp. 121-131.
- GLORY, André; ROBERT, Romain (1947) – Le culte des crânes humains aux époques préhistoriques. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, IX^e série, tome 8(1), pp. 114-133.
- GLORY, André; VAULTIER, Maxime; SANTOS, Manuel Farinha dos (1966) – La grotte ornée d'Escoural (Portugal). *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, tome LXIII, pp. 110-117.
- GOMES, Mário Varela (1983) – “A gruta do Escoural, um santuário paleolítico”, *História de Portugal*, vol. I. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 60, 61.
- GOMES, Mário Varela (1985) – “Arte rupestre”, *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 188-190.
- GOMES, Mário Varela (1991) – Corniformes e figuras associadas de dois santuários rupestres do Sul de Portugal. Cronologia e interpretação. *Almansor*, vol. 9, pp. 17-74.
- GOMES, Mário Varela (1992) – “L'art rupestre au Portugal”, *La Naissance de l'Art en Europe*. Paris: Unión Latina, pp. 56-59.

- GOMES, Mário Varela (1994) – Escoural et Mazouco. Deux sanctuaires paléolithiques du Portugal. *Les Dossiers d'Archéologie*, n.º 198, pp. 4-9.
- GOMES, Mário Varela (1995) – “Cavalo, de cor vermelha, da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora)”, *Estudos de Arte e História. Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*. Lisboa: Editorial Vega, pp. 295-305.
- GOMES, Mário Varela (1998) – “L'art rupestre au Centre et Sud du Portugal”, *I Jornadas sobre el Patrimonio Cultural y Natural en el Parc Cultural del Río Martín*. Ariño: Centro de Interpretación de Arte Rupestre, pp. 1-28.
- GOMES, Mário Varela (2000) – “Arte preistorica del Portugal”, *40000 Anni di Arte Contemporanea, L'Art Preistorica d'Europa*. Capo di Ponte: Centro Camuno di Studi Preistorici, pp. 23-41.
- GOMES, Mário Varela (2001) – *Gruta do Escoural. Arte Parietal*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.
- GOMES, Mário Varela (2006) – Catálogo del Arte Prehistórico de la Península Ibérica y de la España Insular. Arte Paleolítico II, Arte Paleolítica Portuguesa. *Serie Arqueológica, Varia*, vol. IV. Valencia: Academia de Cultura Valenciana, pp. 85-162.
- GOMES, Mário Varela (2002) – Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século. *Arqueologia & História*, vol. 54, pp. 139-194.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; SANTOS, Manuel Farinha dos (1994) – O santuário exterior do Escoural – Sector SE (Montemor-o-Novo, Évora), *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. 2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 93-108.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; SANTOS, Manuel Farinha dos (1983) – O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*, vol. XXXVI, pp. 287-307.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; SANTOS, Manuel Farinha dos (1983-1984) – Santuário exterior e povoado calcolítico do Escoural. *Clio/Arqueologia*, vol. 1, pp. 77, 78.
- HORSLEY, Victor Alexander Haden (1888) – Trephining in the Neolithic period. *Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, vol. 17, pp. 100-106.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1964) – Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XIX (3-4), pp. 221-284.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1981) – Espólio ósseo humano da gruta neolítica do Escoural. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXIV (I), pp. 5-58, 7 quadros.
- JEUNESSE, Christian (2012) – Ofnet et les dépôts de têtes dans le Mésolithique du Sud-Ouest de l'Allemagne, *Crânes Trophées, Crânes d'Ancêtres et Autres Pratiques Autour de la Tête: Problèmes d'Interprétation en Archéologie*. Oxford: British Archaeological Reports, International Series 2415, pp. 69-75.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1951) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o Estudo da Cultura Megalítica em Portugal*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Madrider Forschungen Band 1/2, Walter de Gruyter & Co.
- LUCAS-CHAMPIONNIERE, Juste-Marie Marcelin (1912) – *Les Origines de la Trépanation Décompressive*. Paris: Steinheil.
- MONTEIRO, Rafael; ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga (1971) – Nota preliminar sobre a Lapa Pré-Histórica do Bugio, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I. Coimbra: Junta Nacional de Educação, pp. 107-120.
- MORIN, Edgar (1986) – *La Méthode. 3 – La Connaissance de la Connaissance*. Paris: Éditions du Seuil.
- NADAILLAC, Albert de (1879) – *Les Trépanations Préhistoriques*. Paris: Jules Gervais, Libraire-Éditeur.
- NADAILLAC, Albert de (1886) – Mémoire sur les trépanations préhistoriques. *Comptes Rendus des Séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, n.º 2 (30.º année), pp. 280-294.
- NEUMANN, Erich (1963) – *The Great Mother. An Analysis of the Archetype*. Bollingen Series XLVII. New York: Pantheon Books.
- ORSCHIEDT, Jörg (2001) – Die kopfbestattungen der Ofnet-Höhle: Ein beleg für kriegerische auseinandersetzungen im Mesolithikum. *Archäologische Informationen*, vol. 24 (2), pp. 199-207.
- PIGGOTT, Stuart (1940) – A trepanned skull of the Beaker Period from Dorset and the practice of trepanning in Prehistoric Europe. *Proceedings of the Prehistoric Society*, vol. 6 (1), pp. 112-131, ests VIII, IX.
- PRUNIÈRES, Paul Barthélemy (1874a) – Sur les crânes artificiellement perforés à l'époque des Dolmens. *Bulletin de la Société Anthropologique*, vol. 9, pp. 185-205.
- PRUNIÈRES, Paul Barthélemy (1874b) – Sur les crânes perforés et les rondelles crâniennes de l'époque néolithique. *Compte Rendue de l'Association Française pour l'Avancement des Sciences*, vol. 3, pp. 597-635.
- RAMSEYER, Denis (2001) – *Industrie de l'Os Préhistorique. IX – Objets Méconnus*. Paris: Éditions Société Préhistorique Française.

- REGNAULT, Félix (1902) – Sur la trépanation préhistorique. *Bulletin de la Société d'Anthropologie de Paris*, Série V, tome 3, pp. 736-738.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1964) – Vestígios de pinturas rupestres descobertas na gruta do Escoural. *O Arqueólogo Português*, nova série, vol. V, pp. 5-47, XIV ests.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1967a) – Novas gravuras rupestres descobertas na gruta do Escoural. *Revista de Guimarães*, vol. LXXVII, pp. 18-34.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1967b) – *Arqueologia do Concelho de Montemor-o-Novo – Realizações, Problemas e Perspectivas*. Montemor-o-Novo: Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1968) – Gruta do Escoural, *Enciclopédia Verbo de Cultura*, vol. VII. Lisboa: Editorial Verbo, pp. 940-943.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1972) – *Pré-História de Portugal*. Biblioteca das Civilizações Primitivas. Lisboa: Editorial Verbo.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1985) – Manifestações neolíticas no contexto dos testemunhos pré-históricos do outeiro da Herdade da Sala (Escoural, Montemor-o-Novo), *XVII Congresso Nacional de Arqueologia*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, pp. 135-144.
- SANTOS, Manuel Farinha dos; GOMES, Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho (1980) – Descobertas de arte rupestre na Gruta do Escoural (Évora, Portugal), *Altamira Symposium*. Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 205-242.
- SILVA, Ana Maria (2002) – Trepanation in the Portuguese Late Neolithic, Chalcolithic and Early Bronze Age Periods, *Trepanation, History, Discovery, Theory*. Lisse: Swets & Zeitlinger Publishers, pp. 117-130.
- SILVA, António Carlos; ARAÚJO, Ana Cristina (1995) – *Gruta do Escoural*. Roteiros da Arqueologia Portuguesa, 4. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- SUEIRO, Manuel Barbosa (1933) – La trépanation crânienne chez l'homme néolithique des stations portugaises. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XIX, pp. 41-51.
- TALALAY, Lauren Elizabeth (2004) – Heady business: Skulls and decapitation in Neolithic Anatolia and Greece. *Journal of Mediterranean Archaeology*, vol. 17 (2), pp. 139-163.
- VALLOIS, Henri Victor (1971) – Le crâne-trophée capsien de Faid Souar II, Algérie (Fouilles Laplace, 1954). *L'Anthropologie*, tome 75 (3, 4), pp. 191-220.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1885) – *Portugal Pré-Histórico*, Bibliotheca do Povo e das Escolas. Lisboa: David Corazzi, Editor.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1897) – *Religiões da Lusitânia*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1925) – *Medicina dos Lusitanos*. Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa.
- VASQUES, Carlos Vítor Didelet (2016) – *A Trepanação e Outras Manipulações em Crânios Humanos Pré-Históricos do Território Hoje Português*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- WERNERT, Paul (1936) – L'Anthropophagie rituelle et la chasse aux têtes aux époques actuelle et paléolithique. *L'Anthropologie*, vol. XLVI, pp. 33-43.
- WERNERT, Paul (1944/51) – «Culte des crânes. Représentations des esprits des défunts et des ancêtres» in *Histoire Générale des Religions*. Librairie Aristide Quillet, vol. 5, pp. 51-102.
- ZILHÃO, João (1984) – *A Gruta da Feteira (Lourinhã). Escavação de Salvamento de uma Necrópole Neolítica*. Trabalhos de Arqueologia, 1. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.



A



B

Figura 1 – Localização (A) e planta da Gruta do Escoural (B) (seg. M. V. Gomes).

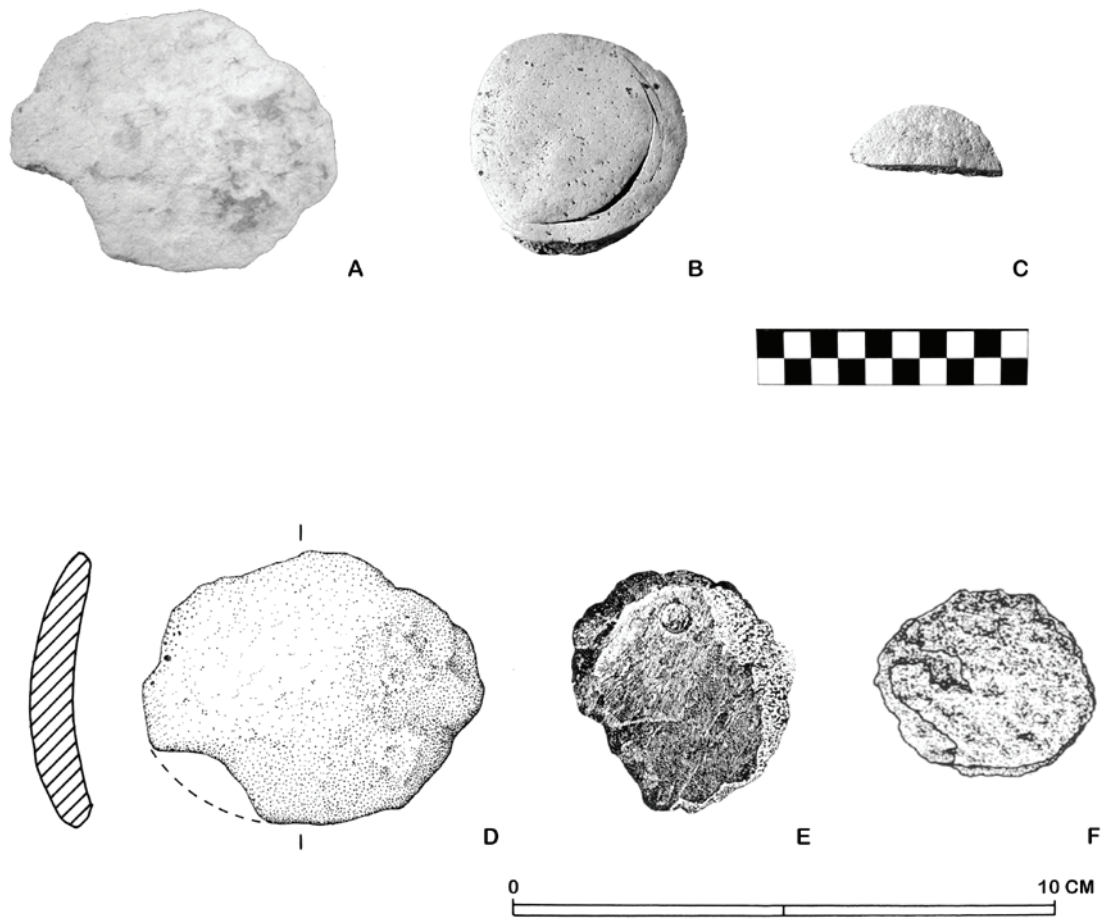


Figura 2 – A – Rodela craniana, da Gruta do Escoural (foto C. D. Vasques, 2016); B e C – Rodela e meia rodela cranianas da Anta Grande do Olival da Pêga I (fotos C. D. Vasques, 2016); D – Rodela craniana da Gruta do Escoural (des. de D. Neves); E – Rodela craniana da Anta dos Cavaleiros (seg. Vasconcellos, 1897: 195, fig. 41); F – Rodela craniana da Lapa do Bugio (seg. Cardoso, 1992: 190, est. 18-7).



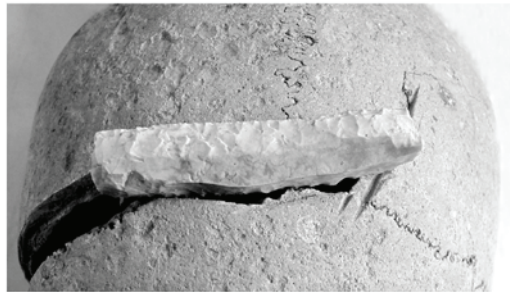
Figura 3 – Máscara craniana da Gruta do Escoural (A e B) (fotos C. D. Vasques, 2016). Planta de galeria da Gruta do Escoural, com deposição de máscara craniana ao centro da sua entrada (C) (des. D. de Sousa, em Araújo e Lejeune, 1995: 81, fig. 7).



Figura 4 – Máscaras cranianas, da Gruta da Feteira (A) e da Gruta do Poço Velho (B) (fotos C. D. Vasques, 2016).



A



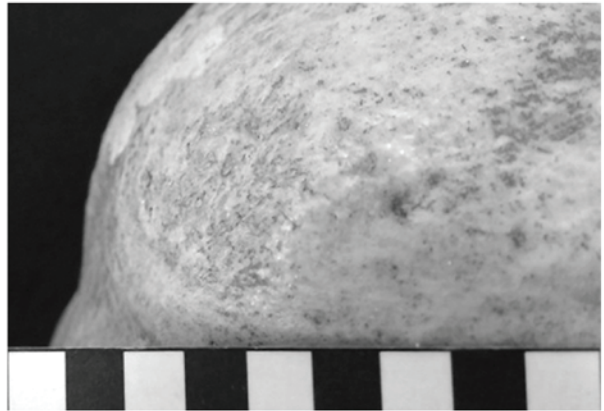
B



C

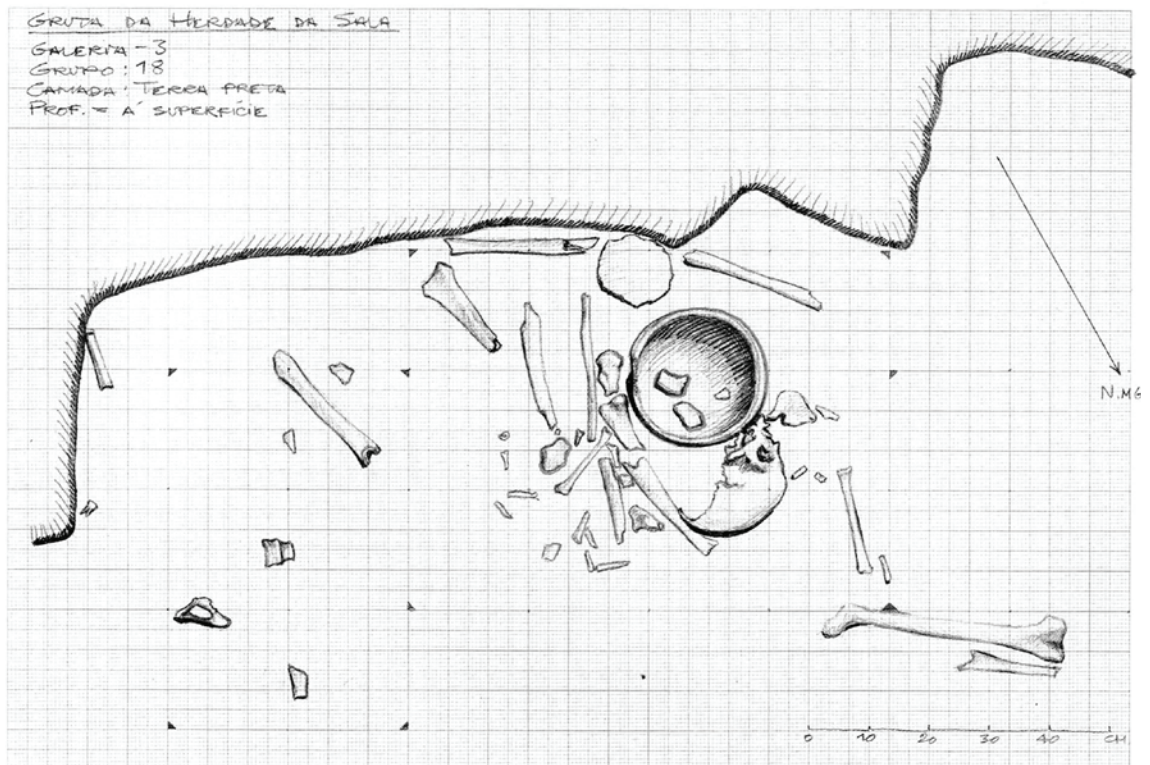


Figura 5 – Crânio com cortes para obtenção de máscara craniana (A) e lâmina de sílex encontrada junto (B, C), da Gruta de Vale Côvo (fotos C. D. Vasques, 2011).



A

B



C

Figura 6 – A e B – Porção de crânio da Gruta do Escoural, com vestígios de trepanação, não concluída, no frontal esquerdo (foto C. D. Vasques, 2016). Planta com localização de porção craniana e outro espólio (C) (des. D. de Sousa, em Araújo e Lejeune, 1995: 76, fig. 2).



Figura 7 – Crânios com sinais de incisões, da Gruta do Escoural. Calote craniana (A) e pormenor (B) (fotos C. D. Vasques, 2016); C e D Crânio 3, visto em norma frontal e em norma lateral direita (seg. A. F. Isidoro, 1981, est. III, fig. 6 e est. V, fig. 10).

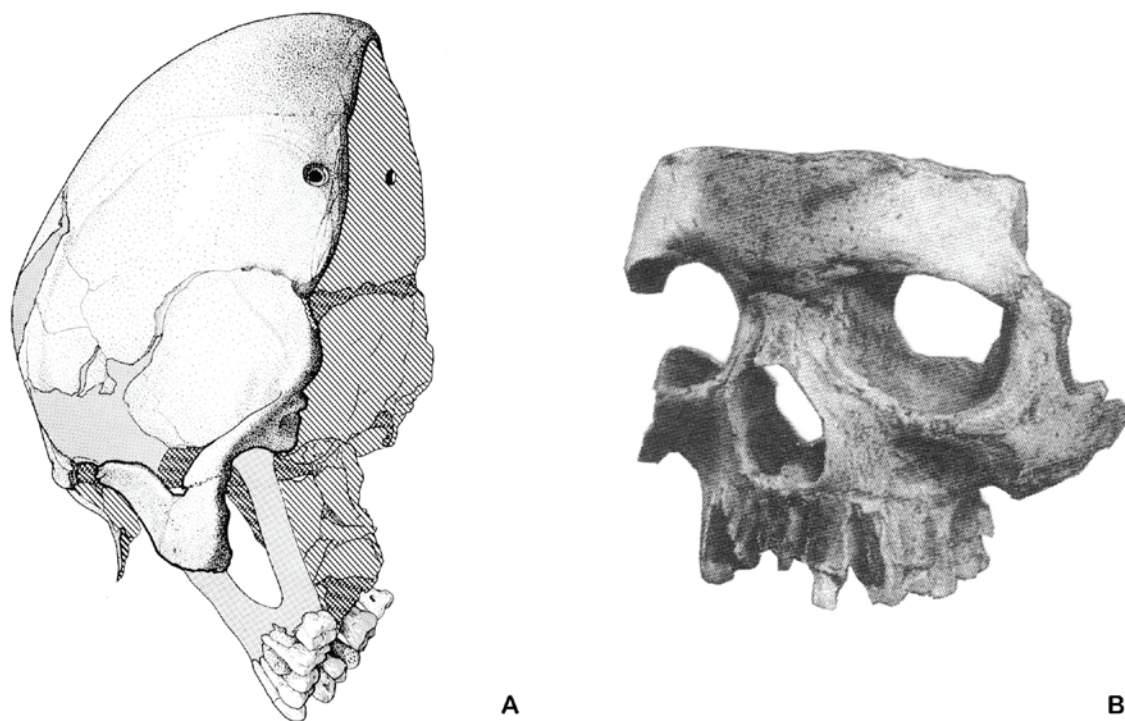


Figura 8 – Máscara craniana de Faïd Souar II (Argélia) (seg. H. V. Vallois, 1971: 99, fig. 1) (A) e máscara craniana da Gruta Sílica Majda-Hraskóva (Roznaka, Eslovénia) (seg. V. Furmanek, 1999: 264).

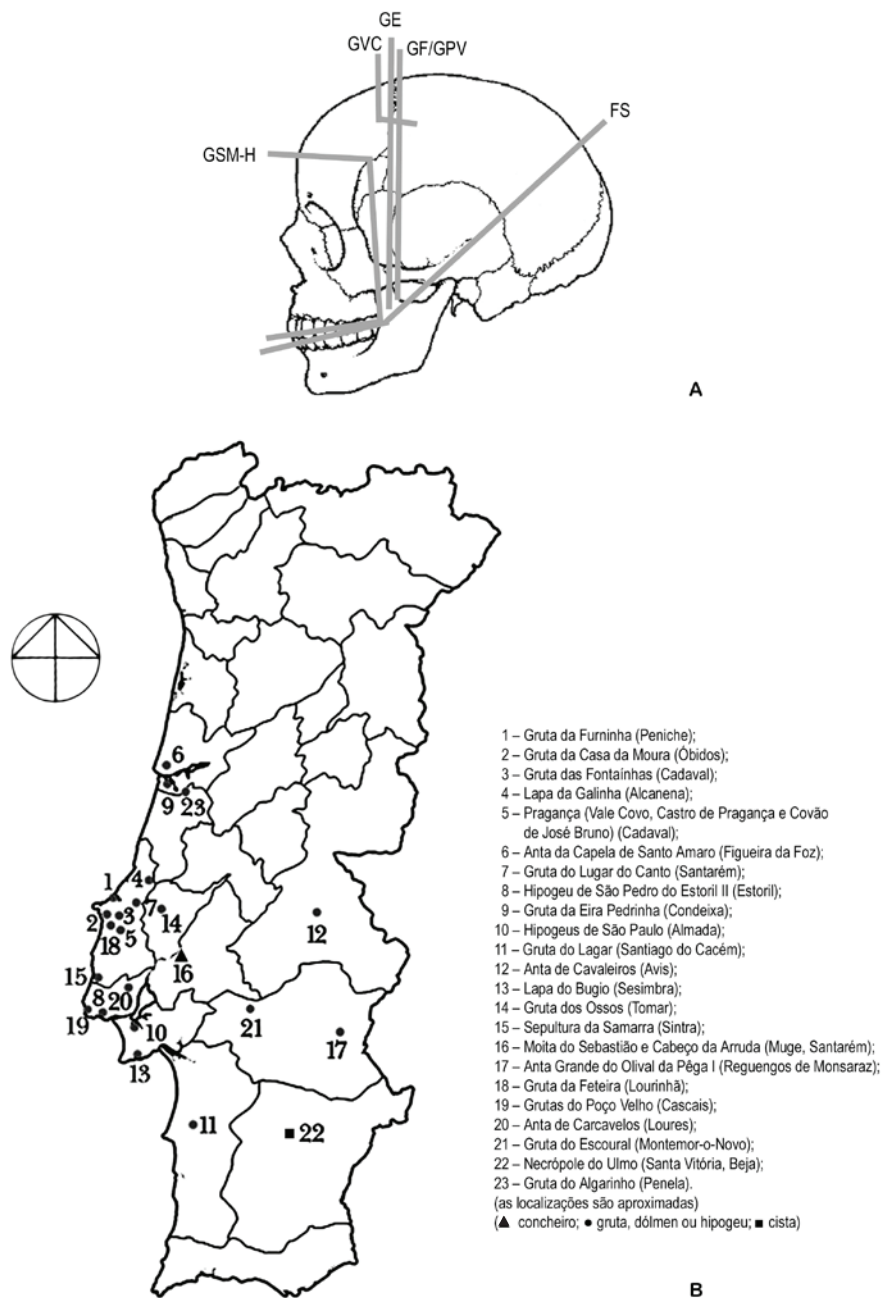


Figura 9 – A – Obtenção de máscaras cranianas: Gruta do Escoural (GE), Gruta da Feteira (GF), Grutas do Poço Velho (GPV), Gruta de Vale Covo (GVC), Faïd Souar (FS), Gruta de Silica Majda-Hrasková (GSM-H). B – Ocorrências de manipulações cranianas pré-históricas (trepanações, rodela e placas) em território actualmente português. 1 – Gruta da Furninha (Peniche); 2 – Gruta da Casa da Moura (Óbidos); 3 – Gruta das Fontainhas (Cadaval); 4 – Lapa da Galinha (Alcanena); 5 – Pragança (Vale Covo, Castro de Pragança e Covão de José Bruno) (Cadaval); 6 – Anta da Capela de Santo Amaro (Figueira da Foz); 7 – Gruta do Lugar do Canto (Santarém); 8 – Hipogeu de São Pedro do Estoril II (Estoril); 9 – Gruta da Eira Pedrinha (Condeixa); 10 – Hipogeu de São Paulo (Almada); 11 – Gruta do Lagar (Santiago do Cacém); 12 – Anta de Cavaleiros (Avis); 13 – Lapa do Bugio (Sesimbra); 14 – Gruta dos Ossos (Tomar); 15 – Sepultura da Samarra (Sintra); 16 – Moita do Sebastião e Cabeço da Arruda (Muge, Santarém); 17 – Anta Grande do Olival da Pêga I (Reguengos de Monsaraz); 18 – Gruta da Feteira (Lourinhã); 19 – Grutas do Poço Velho (Cascais); 20 – Anta de Carcavelos (Loures); 21 – Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo); 22 – Necrópole do Ulmo (Santa Vitória, Beja); 23 – Gruta do Algarinho (Penela) (as localizações são aproximadas) (▲ concheiro; ● gruta, dólmen ou hipogeu; ■ cista).

OS AZULEJOS DO CONVENTO DE SANTANA DE LISBOA: PRIMEIRA ABORDAGEM

Mariana Almeida¹, Rosa Varela Gomes², Mário Varela Gomes³

¹ Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa/bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia SFRH/BD/100982/2014 / mariana.brit.almeida@gmail.com

² Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa (Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa) / rv.gomes@fcsh.unl.pt / Membro da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

³ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa (Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa) / mv.gomes@fcsh.unl.pt / Membro da Academia Portuguesa da História, da Academia Nacional de Belas-Artes e da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Resumo

O presente trabalho pretende dar a conhecer, embora de modo preliminar, os azulejos recuperados nas escavações arqueológicas efectuadas no antigo Convento de Santana de Lisboa. Apresenta-se o panorama geral das decorações identificadas, sua distribuição espacial e evolução cronológica. Será prestada especial atenção a alguns exemplares mais expressivos.

Recolheram-se, durante as duas campanhas de escavação (2002/2003 e 2009/2010), cerca de 10.000 fragmentos de azulejos e algumas dezenas de exemplares inteiros. Tais testemunhos correspondem a azulejos de enxaquetado (azuis, brancos e verdes), exemplares de padrão policromo e monocromo, do século XVII, elementos de painéis figurativos, bem como azulejos de figura avulsa do século XVIII.

Palavras-chave: Azulejos; Convento de Santana, Arqueologia Moderna, Azulejos de padrão, Azulejos figurativos.

Abstract

This paper makes a first approach to the tile collection recovered in the archaeological excavations in the ancient Convent of Santana of Lisbon. A general overview of the decorations gathered, their spatial distribution and chronological evolution will be established. A special attention will be given to some more expressive compositions throughout the text.

In the two archaeological campaigns (2002/2003 and 2009/2010) approximately 10.000 tile fragments and some dozen whole tiles were recovered. These testimonies correspond to *enxaquetado* tiles (blue, white and green), pattern tiles from the 17th century, both polychromous and monochrome, and parts of figurative panels from the 18th century as well as single figure tiles from the same century.

Keywords: Tiles, Convento Santana, Early Modern Archaeology, Pattern tiles, Figurative tiles.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto decorre da investigação dos abundantes materiais arqueológicos provenientes das escavações no antigo Convento de Santana de Lisboa, especificamente sobre os seus azulejos. Uma equipa multidisciplinar encontra-se empenhada no estudo, publicação e divulgação dos resultados ali obtidos mas, dada a quantidade de vestígios e sua complexidade, tal tarefa mostra-se demorada. Assim, os dados agora apresentados devem ser entendidos como ainda preliminares e, portanto incompletos, embora tenham a virtude de desde já, dar a conhecer diversos aspectos do rico património azulejar que existia naquela casa religiosa.

Para o estudo e compreensão do conjunto azulejar, em termos económicos, sociais e ideológicos, é necessário ter em conta as datas principais de fundação, campanhas de obras e remodelações, bem como de abandono, que passamos a recordar. O convento foi ocupado pela comunidade monástica em 1562 e manteve-se em funcionamento até à morte da sua última freira em 1884, sendo definitivamente demolido em 1897, para dar lugar ao Real Instituto Bacteriológico de Lisboa (RIBL), mais tarde Instituto Bacteriológico Câmara Pestana (IBCP). Através da documentação literária, são conhecidas pelo menos três grandes campanhas de obras posteriores à fundação do convento, designadamente em 1674-1681, 1707 e 1729. Também em data subsequente ao Terramoto de 1755, que muito afectou vários sectores do Convento de Santana, foram realizadas obras de conservação e restauro (Gomes e Gomes, 2007: 76).

Em 1880, no decurso do desmantelamento do convento e da sua igreja, foram levados numerosíssimos azulejos para o Convento da Madre de Deus de Xabregas, que à época se encontrava num processo de remodelação e restauro, tendo alguns painéis sido ali aplicados e outros armazenados. Este caso não foi único, pois na mesma altura também foram para ali transportados azulejos dos conventos das Albertas e das Grilas, no rescaldo da extinção das ordens religiosas em 1834 (Meco, 1980: 68).

2. PRIMEIRA CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES (2002/2003)

Os primeiros trabalhos de escavação arqueológica incidiram principalmente sobre a zona do antigo claustro e parte da igreja, o que contribuiu para explicar a grande quantidade de azulejos recolhidos, alguns deles inteiros. A maioria dos exemplares foi encontrada no interior de um grande poço, em parte entulhado aquando da construção do RIBL/IBCP.

Nenhum dos azulejos recuperados se encontra *in situ*, nem directamente associado a qualquer estrutura, pelo que conjecturar a sua proveniência exacta é, ainda, inviável. Contudo, a proximidade com o claustro e a igreja conduzem-nos a colocar a hipótese que, pelo menos parte deles, teriam pertencido àquelas estruturas.

<i>Locí</i>	Número de testemunhos (inteiros e fragmentos)
Poço 1	5938
Fossa 4	23
Fossa 5	1
Quadrados	439
Recolhas de superfície	243
Total	6644

3. SEGUNDA CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES (2009/2010)

A segunda campanha de escavações comportou o acompanhamento da obra de construção das novas instalações da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, numa área mais extensa que a anterior. Todo o espaço do RIBL/IBCP foi intervencionado e surgiram azulejos, inteiros ou fragmentados, em quase todos os *loci* escavados.

Nesta campanha, foram identificados e separados 3271 azulejos, mas chamamos a atenção, novamente, para o facto de o trabalho de tratamento dos materiais da escavação ainda não se encontrar concluído, o que poderá modificar um pouco os números aqui apresentados.

<u>Loci</u>	<u>Número de testemunhos (inteiros e fragmentos)</u>
Sector II	129
Caneiro e Jardim Norte	98
Cavaliça	894
Cisterna	98
Compartimentos	46
Fossas (6,7 e 8)	234
Ossário do arco (Fossa 11)	52
Piso de tijoleira (Qs271-274)	974
Poço 2	567
Poço 3	2
Portaria	7
Zona da necrópole, sepulturas e ossários	110
Recolhas de superfície	60
Total	3271

Para além dos dois poços então descobertos, que à semelhança do encontrado na campanha anterior, continham numeroso espólio de diversas tipologias, e das diversas fossas detriticas, as zonas que ofereceram maior número de azulejos correspondem a espaço empedrado, que serviu até à data da escavação, de parque de estacionamento (Figuras 1.1 e 1.2), e a antiga cavaliça do RIBL/IBCP (Figura 1.3). Ambas áreas foram pouco afectadas pela construção do RIBL/IBCP: a primeira porque não jazia sob qualquer construção; a segunda por se encontrar sob uma estrutura secundária do complexo médico, que não dispunha de cave. São também os únicos locais onde foram encontrados azulejos *in situ*, assim como as estruturas melhor conservadas do Convento de Santana.

Segundo as plantas do convento elaboradas em 1871 e 1910, aquelas áreas estariam livres de construções e ajardinadas. No entanto, as escavações revelaram estruturas (bancos, canteiros e nichos) interpretadas como pertencentes a jardins e/ou casa de fresco, áreas essas que ofereceram um vasto conjun-

to azulejar. Porventura algumas dessas construções podem ter sido conversadeiras, tão *“próprias do jardim português revestidas a azulejos figurativos”* (Castel-Branco, 2008: 142), muito embora nos encontremos num ambiente monástico. A presença de elementos decorativos que contrastam com a percepção que temos da vida conventual, pautada pela austeridade, não é um caso exclusivo do Convento de Santana. Lembremo-nos, a título de exemplo, dos painéis figurativos que decoram a escadaria do Convento das Trinas do Mocambo, em Lisboa, com cenas de galanteio e caça, que na interpretação de Santos Simões (2004: 75) *“pouco decorosas para figurarem num convento feminino (...) com uma intenção de recordarem diariamente às freiras aquilo que perderam na vida para conseguirem a salvação da alma”*.

Os jardins em Portugal, em espaços civis e religiosos, contaram sempre com decoração diversa. Recordemos que o Convento de Santa Clara, no Porto, encomendou, entre 1687 e 1689, *“santos para os nichos do tanque da horta «de todo acabado e pintados»”* que custaram 12.000 réis (Alves, 1985: 8), espelhando o horror ao vazio que também encontramos noutros espaços (Câmara, 1996: 333). Os jardins eram entendidos como uma organização da natureza e simultaneamente como a continuação do espaço interior do edifício, sendo por isso palco de *“muitos espectáculos de diversão, de artifício, de exaltação espiritual, de mística ou de devaneio”* (Câmara, 1996: 333).

O número de quintas com jardim no nosso país é significativo, particularmente em redor das grandes cidades, propriedade de famílias abastadas, espelhando o gosto da sociedade pelo campo e a sua frescura. Este quadro é amplamente retratado na azulejaria do século XVIII (Câmara, 2015: 38, 39), palco para cenas de galanteio ou de sociabilidade. Tal como os painéis do Convento das Trinas, os jardins conventuais tinham como finalidade relembrar à comunidade os prazeres da vida profana, não necessariamente com a finalidade de ajudar à salvação das almas.

Os azulejos estão presentes nos jardins des-



1



2



3



4

Figura 1 – 1.1 – Vista geral da área de piso de tijoleira; 1.2 – Detalhe dos azulejos in situ da mesma área; 1.3 – Detalhe da zona ajardinada sob a cavaliçã do IBCP; 1.4 – Fragmento de azulejo hispano-árabe.

de que começaram a ser produzidos na Península Ibérica, “*abrindo os muros à imaginação*” (Stoop, 1991: 326). Existem numerosos exemplos da utilização destes revestimentos em bancos, canteiros e outros elementos arquitectónicos em vários pontos do país. Dando alguns exemplos: no Convento de Nossa Senhora do Desterro, em Monchique, existe um jardim barroco com canteiros estruturados geometricamente com uma altura de cerca de 0,5 m, no qual ainda se conservam alguns azulejos figurativos de azul e branco (Marado, 2006: 96); a Quinta da Bacalhoa, em Azeitão, possui uma famosa casa de fresco revestida a azulejos, bem como canteiros e bancos igualmente forrados com aqueles, com cronologia do século XVI (Sabo e Falcato, 1997: 76-77); o Palácio Nacional de Sintra apresenta, no Pátio do Leão, bancos revestidos com azulejos de enxaquetado, verdes e brancos quadrados, enquanto os canteiros apresentam azulejos de aresta, o mesmo acontecendo nos pátios das audiências e no alpendre (Sabo e Falcato, 1997: 67, 72, 73,); ainda em Sintra, a Quinta da Piedade tem nos seus jardins canteiros e bancos com azulejos figurativos do século XVIII (Sabo e Falcato, 1997: 131); no Palácio da Mitra, em Santo António do Tojal, Loures, o fontanário do jardim possuía um grande painel representando Santo António, datado de cerca de 1750, e o pombal da quinta também se encontra revestido de azulejos figurativos do século XVIII (Sabo e Falcato, 1997: 142, 143); o Palácio do Marquês de Pombal, Oeiras, apresenta muretes e canteiros com azulejos marmoreados de ca 1760/70, o mesmo acontecendo na Quinta dos Azulejos, Lumiar, que conta inclusivamente com arco triunfal revestido a azulejos neoclássicos (Sabo e Falcato, 1997: 172-177, 178-183); a Casa dos Biscainhos, em Braga, mostra no seu jardim barroco, um labirinto de arbustos ao centro, azulejos de padrão decorando os muros que o delimitam, com cerca de 1 m de altura (Carvalho e Silva, 2016: 31, 32); o Paço da Palmeira, quinta de recreio do Arcebispo de Braga, D. José de Bragança, tem no seu jardim um tanque cujos muros são encimados por azulejos de aresta (Carvalho e Silva, 2016: 176).

4. DIACRONIA DA DECORAÇÃO

A cronologia da decoração azulejar apresentada pelo conjunto exumado no Convento de Santana atravessa todo o tempo de funcionamento daquela casa monástica, indicando a mudança do gosto decorativo da sociedade e, sobretudo, a capacidade económica da comunidade conventual para renovar a decoração parietal.

Por ora, estão apenas disponíveis os dados da campanha de 2009/2010 relativos às tipologias azulejares recuperadas, apresentando-se aqueles em tabela.

<i>Tipologias</i>	<i>Número</i>
Azulejos hispano-árabes	1
Azulejos de enxaquetado	386
Azulejos de padrão policromo	205
Azulejos de padrão monocromo	197
Azulejos figurativos de azul e branco	242
Azulejos de albarrada	194
Azulejos de cercadura do século XVIII	945
Azulejos de figura avulsa	279
Azulejos de esponjado	61
Azulejos figurativos policromos dos séculos XVIII e XIX	5
Indeterminados	756
Total	3271

Apenas um pequeno fragmento corresponde a azulejo hispano-árabe, não permitindo a reconstrução total do motivo. Trata-se de um exemplar fabricado com a técnica da corda seca, recuperado em ossário sob arco de descarga de um dos edifícios do RIBL/IBCP. Não aparenta ser de proveniência nacional, mas apenas análises químicas podem comprovar, com certeza, a sua origem. Apresenta uma flor polilobulada com as pétalas alternadamente azuis ou amarelas junto ao canto, rodeada por folhas de maiores dimensões, azuis, intercaladas por pequenos elementos fitomórficos de cor amarela (Fig. 1.4).

O melhor paralelo para esta decoração está patente no claustro manuelino do Palácio da Pena, pertencente ao antigo Convento dos Frades Jerónimos. Não temos, contudo, como saber se estes exemplares específicos são efectivamente desse edifício ou foram aí colocados durante as obras promovidas por D. Fernando II, que mandou trazer para a construção do palácio azulejos hispano-árabes dos armazéns do Estado, estabelecidos após o Teramoto de 1755, para criar um efeito de «manta de retalhos» (Carneiro e Gama, 1987: 30).

Foram encontrados enxaquetados nas cores azul, branco e verde, as duas primeiras em maior número. No respeitante à forma, apenas se registam azulejos quadrangulares e rectangulares. O revestimento parietal das primeiras fases construtivas do Convento de Santana parece ter correspondido a composições de azulejos enxaquetados, que encontramos em abundância na escavação, perfazendo 11% do total de exemplares recolhidos na campanha de 2009/2010.

O número de azulejos de enxaquetado recolhido é significativo, mesmo tendo em conta uma certa utilização residual durante os séculos XVII e XVIII, em que azulejos monocromos eram usados como remates, frisos inferiores ou peças para suprir um qualquer espaço entre a composição principal, o suporte parietal e arquitectura envolvente. Essa função também a tiveram os azulejos com decoração esponjada que igualmente encontramos, todos eles azuis, embora estes apenas fossem produzidos a partir do terceiro quartel do século XVIII (Meco, 1989: 70).

Conferem sustentabilidade à afirmação mencionada os três pequenos conjuntos de azulejos de enxaquetado, ainda unidos por argamassa no tardo, todos com exemplares brancos e azuis, recolhidos na cavaliça e junto ao caneiro (Figura 2.1). As composições geométricas de enxaquetados que pensamos terem sido usadas no Convento de Santana datam de finais do século XVI a até cerca de 1635-40 (Pais, 2009: 24)

Para além dos exemplares recolhidos na escavação, sabemos também que foram levados tape-

tes de enxaquetado, no final do século XIX, por José Maria Nepomuceno ou Liberato Telles, para o Convento da Madre de Deus de Xabregas, “em quatro côres”, para o claustro de Santa Auta, ocupando uma área de 38 m de comprimento por 3 m de altura (AA. VV., 1907: 285) (Pais e Esteves, 2014: 84). No entanto, a designação induz em erro, visto que os azulejos que se observam nesse espaço são composições de caixilho compósito, ou enxaquetado rico, mencionadas por Santos Simões, que as data já do primeiro terço do século XVII, correspondendo, neste caso, ao padrão P-2 em P-11 (Simões, 1997: 25, 30), e das quais encontramos alguns exemplares em escavação. Os investigadores do MNAz datam este tipo de composições da primeira década de seiscentos, pelo que seriam preferencialmente usados em “áreas de maior nobreza ou distinção arquitectónica” (Pais, 2012a: 87).

No que respeita a azulejos com decorações do século XVII, é importante relevar que não recuperámos nas escavações qualquer fragmento consistente com um painel figurativo policromo. No entanto, sabemos que estes existiram pelo rol dos painéis levados para o Convento da Madre de Deus de Xabregas, quando da construção do RIBL/IBCP, nomeadamente oito pequenos painéis (dois dos quais exibem uma inscrição e as datas de 1635 e 1645, respectivamente) descritos como “*desenhados com pouca arte, as figuras desproporcionadas e sem expressão; as cores de que se compõem são: amarelo, a mais predominante, azul, roxo, verde e branco*” (AA. VV., 1907: 286, 287). Os temas retratados nestas composições são típicos do século XVII, nomeadamente a custódia com anjos segurando velas, São João Baptista, a Sagrada Família, esfera com a inscrição IS, São Miguel, São Diogo, Santo António e uma custódia.

O primeiro destes painéis encontra-se publicado (Pereira, 1995: 73; Pais, 2012b:177) e é uma típica representação azulejar daquela centúria; o segundo encontrará paralelos na composição presente na Igreja de São Simão, em Vila Fresca de Azeitão.

O painel com uma custódia e a legenda “L S O SANTISSIMO SACRAMTO”, com o número de inven-

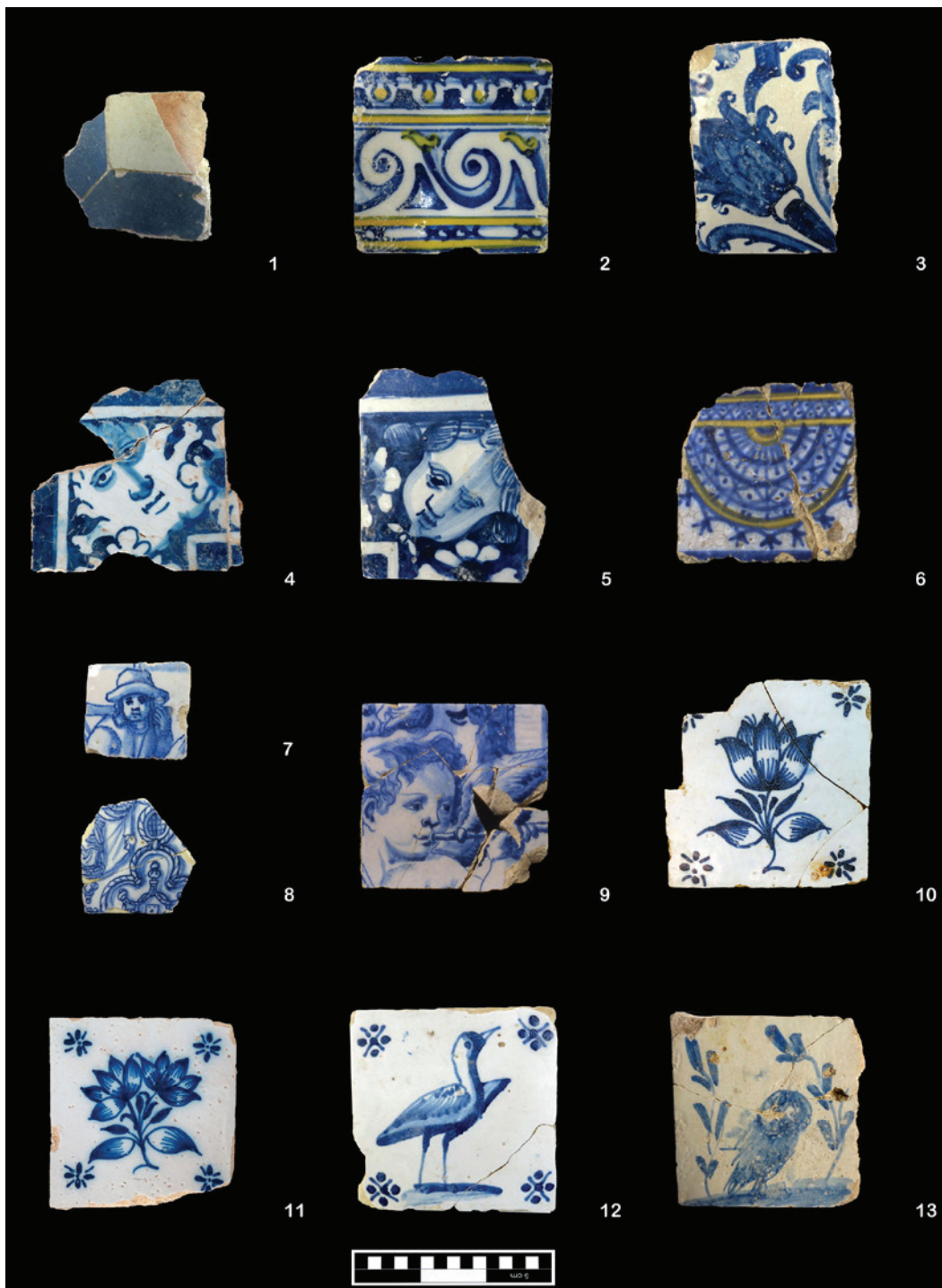


Figura 2 – 2.1 – Conjunto de três fragmentos de azulejos de enxaquetado ainda juntos por argamassa; 2.2 – Azulejo de padrão policromo C-36; 2.3 – Azulejo de padrão monocromo P-119; 2.4 – Elemento de canto de cercadura do século XVIII com mascarão; 2.5 – Elemento de canto de cercadura do século XVIII com putus; 2.6 – Azulejo de padrão policromo C-43; 2.7 – Fragmento de azulejo figurativo com figura antropomórfica maculina; 2.8 – Fragmento de azulejo figurativo com parte de fachada de edifício; 2.9 – Azulejo figurativo com anjo trombeteiro; 2.10 e 2.11 – Azulejos de figura avulsa com flor; 2.12 – Azulejo de figura avulsa com pássaro, provavelmente garça; 2.13 – Azulejo de figura avulsa com mocho.

tário 131 do MNAz, foi identificado pelos investigadores dessa instituição como tendo o Convento de Santana como proveniência (Pais, 2012b: 275, 276). Porventura será aquele descrito no boletim como possuindo “*apenas uma custódia*” (AA. VV., 1907: 287), não mencionando a legenda, bastante visível, na base da custódia. As medidas mencionadas para as duas composições diferem ligeiramente, havendo a diferença de um azulejo de altura e largura da publicação mais antiga para a mais recente, o que pode ser efeito da adição de uma cercadura nesta última obra.

O registo da Sagrada Família, descrito como sendo “*composto de tres figuras; a da Virgem ao lado esquerdo e S. José ao direito, conduzindo ambos pela mão o menino Jesus que está ao meio do quadro*”, com 1,10 X 1,28 m (AA. VV., 1907: 287), é semelhante àquele com o número de inventário 170 do fundo antigo do MNAz, que mostra exactamente a mesma composição e é apresentado como tendo proveniência desconhecida (Pais, 2012b:267). Fazemos a ressalva de que este é um motivo muito representado na azulejaria do período, com pouca variedade formal, e, portanto, não podemos afirmar categoricamente que será o painel proveniente do Convento de Santana.

O painel representando São Diogo, um santo pouco reproduzido em Portugal, crendo na descrição do *Boletim* seria “*uma figura com um hábito de frade e tem escripto «S. Diogo»*” (AA. VV., 1907, p.287), é em tudo semelhante àquele com o número de inventário 140 do Fundo Antigo do MNAz. A publicação do catálogo de 1995 desse museu dá como proveniência desse painel a Casa Pia de Lisboa (Pereira, 1995: 739). No entanto, em 2012, a mesma composição é publicada como tendo proveniência desconhecida (Monteiro, 2012: 269). Dada esta revisão da sua origem, somos levados a pensar que esta será do Convento de Santana.

A cercadura é semelhante aquela do painel com a custódia, e também a um outro, que mostra São João Baptista (Pais, 2012b:269). Apesar de este ter o sugestivo número de inventário 139 (imediatamente antes de duas composições que julgamos

virem do templo em estudo), as medidas apresentadas e vários elementos da composição não se conjugam e fazem-nos crer que não será a mesma. A descrição de 1907 diz-nos que o painel apresenta “*figura de S. João Baptista de pé; o fundo do quadro são arvores, casas, etc. Tem a seguinte inscripção: A Madre Gracia do Sacramento mandou fazer sendo rodeira '1635. INTERXACTUS MULIEIUTM NON SURREXIT MAIOR JOAXE BAPTISTA*” (AA. VV., 1907: 286), ao passo que a composição do MNAz apresenta o santo sentado e sem legenda.

Não foram recuperados quaisquer fragmentos consistentes com frontais de altar, como seria de esperar num edifício religioso com as características do Convento de Santana. A título de exemplo, o antigo Convento de Santa Marta de Lisboa, hoje hospital, a curta distância do templo aqui em apreço, apresenta ainda hoje dois frontais de altar de azulejo em posição secundária (Velo e Almasqué, 1996: 103, 105).

Quanto aos azulejos de padronagem do século XVII, seguimos a tipologia criada por Santos Simões (1997) para os padrões e elementos de moldura. Na campanha de 2009/2010, foram recolhidos 402 exemplares, 12,3% do total, que dividimos em duas tipologias distintas: policromos e monocromos. Os primeiros correspondem a 205 exemplares e os segundos, a 197. Foram inventariados, até agora, 51 padrões distintos, sendo que a maioria deles conta com poucos exemplares de cada, pois cerca de metade não ultrapassa os 5. Reconhecemos 22 padrões policromos (P-11, P-43, P-73, P-74, P-84 P-314, P-387, P-388, P-391, P-604, F-10, F-13, F-22, C-1, C-36, C-71, C-82, C-91, C-115/118, B-1, B-18, B-29; figs 2.2, 2.6, 3.1 e 3.3), 14 monocromos (P-68, P-211, P-212, P-219, P-318, P-376, P-475, P-489, F-19, C-4, C-27, C-66, B-38, B-59A; Fig. 2.3 e 3.2) e 15 (P-107, P-119, P-206, P-370, P-389, P-401, F-17, F-39, B-32, C-12, C-69, C-95, C-96, C-97, C-123) que, tendo sido registados como policromos por Santos Simões, apresentam aqui fragmentos em versão monocroma, a azul e branco. Seis destes últimos ofereceram exemplares nas duas variantes (P-206, P-370, P-401, C-96, C-97, F-39).

Encontrámos, do mesmo modo, algumas variantes de padrões publicados por Santos Simões na sua obra. Tal não é de estranhar, dado que este investigador trabalhou nas décadas de 1960 e 1970 e apenas listou azulejos que ainda estavam nas paredes durante as suas visitas aos locais. Padrões novos e variações a padrões por ele elencados não são, por isso, de estranhar numa colecção com a extensão daquela recuperada no Convento de Santana. Esta realidade tem vindo a ser encontrada por quem faz investigação nesta área (Pais, 2012a: 83).

Verificamos que, apesar do número de exemplares ser sensivelmente semelhante, foram recuperados muitos mais padrões policromos seiscentistas. Portanto, cada padrão de azul e branco tem mais unidades, especialmente se tivermos em consideração que os exemplares de padronagem que se encontram no MNAz e que são garantidamente do Convento de Santana são monocromos, 2x2, e não correspondem exactamente a nenhum padrão elencado por Santos Simões (o mais próximo é o P-225, com algumas características que encontramos no P-374 (Simões, 1997: 47, 60)) e cobrem uma área considerável. Trata-se de composição que mostra como principal motivo camélias, tipologia particularmente prolífica no reinado de D. João IV (1640-1656), cuja simbologia é de invocação mariana. A camélia, que também pode ser uma interpretação ocidental da oriental peónia, tem uma conotação equivalente à rosa, uma vez que a Virgem Maria é a «rosa sem espinhos» (Pais, 2012a: 89, 92). Efectivamente, o Convento de Santana, erigido sob o orago da mãe de Maria, apresenta três distintas composições de magnólias, sendo a família decorativa mais representada (Figura 3.2).

A grande quantidade de diferentes padrões, com muito poucos exemplares para a maioria de cada um dos que até agora inventariámos, pode indicar um caso de desmantelamento propositado do revestimento azulejar de padrão ocorrido no século XIX, antes da demolição do convento, apesar de não termos disso notícia precisa.

Quanto a tipologias, detectar todo o espectro da padronagem no conjunto em apreço. Encon-

tramos vinte e seis padrões, sete frisos, dezasseis cercaduras e seis barras, sensivelmente a proporção “normal” para um espaço revestido. Um dos azulejos recuperados foge um pouco à sua utilização usual, trata-se de exemplar em que os dois frisos que o compõem não foram cortados e, portanto, é usado como se de uma cercadura se tratasse (Figura 3.4). Os frisos são obtidos através do corte transversal de um azulejo de tamanho normal, separando os desenhos, que geralmente são semelhantes (Simões, 1997: 127). No caso em apresso, os frisos são idênticos e correspondem ao F-14 da tipologia de Santos Simões, sendo este bastante comum. No entanto, o exemplo que dá para a cercadura de frisos não cortados, mostra-o em conexão com um friso distinto do tema de rendas (1997: 131).

A esmagadora maioria dos padrões são de 2x2 (51 em 55), dois são do módulo 4x4 (um monocromo e um policromo) e apenas um do módulo 6x6, sendo este policromo. A opção de utilizar padrões mais “pequenos” pode prender-se com o local a que eram destinados, ou até com programa decorativo em que cada padrão estaria adscrito a área relativamente pequena, apenas uma parede, visto que os padrões de módulos 4x4 ou 6x6 são destinados a cobrir espaços de grandes dimensões (Simões, 1997: 64). Estas composições maiores que ocorrem no Convento de Santana são bastante comuns em todo o Portugal, mas o mesmo não se pode dizer de algumas das estruturas de 2x2, que exibem variações aos modelos publicados por Santos Simões.

Ao nível da cronologia, encontramos igualmente todo o espectro da produção azulejar de padrões. Esta começa com as composições de caixilho compósito, como já foi referido acima, e segue com as composições de módulo 2x2, que surgem na década de 20 do século XVII (Pais, 2012a: 85). Já os de 4x4, apesar de aparecerem ainda durante a década de 1630, são mais utilizados nos dois decénios seguintes (Simões, 1997: 65), tal como os padrões de 6x6, que ainda se encontram em uso, esporadicamente, na década de 1710 (Meco, 1989: 143). A monocromia surge na padronagem por



Figura 3 – 3.1 – Azulejo de padrão policromo P-388; 3.2 – Azulejo de padrão monocromo P-206; 3.3 – Azulejo de padrão policromo B-29; 3.4 – Azulejo de padrão de duplo F-14; 3.5 – Composição do século XVIII com albarrada ladeada por dois anjos.

volta de 1680 e continua para o princípio do século XVIII (Meco, 1989: 142; Pais, 2012a: 93). Alguns autores afirmam que os padrões monocromos são maioritariamente de 4x4 e 6x6 (Meco, 1989: 142; Pais, 2012a: 93). Contudo, essa percepção pode ser fruto de uma falta de catalogação sistemática de padrões deste tipo, atendendo a que o último, e único, grande esforço nesse sentido foi realizado nos anos 60 e 70 do século passado.

A maior percentagem de espécimes encontrados na campanha de 2009/2010 corresponde a azulejos de painéis e respectivas cercaduras do século XVIII. Os painéis contam com 242 exemplares (7,4%) e as cercaduras, com 945 (28,9%).

Os elementos de moldura apresentam algumas variações de enrolamentos de folhas de acanto barrocas, mas mostram alguma coerência. Existe também uma certa diversidade ao nível dos elementos de canto, em que encontramos mascarões (Figura 2.4), flores e *putti* (Figura 2.5). A sua maioria exhibe como características, os largos enrolamentos de folhas de acanto, a tonalidade forte do azul e a pincelada larga, que podem ser adscritas à primeira metade do século XVIII. Porventura podemos ligá-las às campanhas de obras de 1707 e 1729.

Os azulejos setecentistas de painel figurativo que recuperámos nas escavações do Convento de Santana estão muito fragmentados e tem-se revelado muito difícil conseguir reconstituir os motivos centrais. Até agora só conseguimos montar uma pequena composição com nove azulejos, embora incompleta, que foi encontrada na zona da cavalaria. Trata-se de pequeno painel que teria três azulejos de lado por quatro de altura (0,42 x 0,56 cm) e mostra ao centro a representação de uma santa exibindo resplendor, palma na mão direita, o que parece ser um pequeno raio do lado esquerdo e torre ao seu lado direito. Pelos atributos apresentados na composição, pensamos estar perante Santa Bárbara (Figura 4.1). As características pictóricas e da composição apontam para datação no segundo quartel do século XVIII, com o recurso a aguadas de cobalto que criam ilusões de luminosidade e sombra, traço fino a azul mais forte criando um contorno

e a moldura que cerca a composição mostra enrolamentos de elementos fitomórficos. O *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses* de 1907 dá notícia da transferência de três pequenos painéis, com as mesmas medidas que o de Santa Bárbara, levados para o Convento da Madre de Deus de Xabregas, representando São Miguel, Tobias e o anjo e São Rafael “*em azul e branco, e as suas figuras são desenhadas com franqueza e sem hesitação; as roupas, trajos, etc., muito bem indicadas e sobremaneira proporcionadas todas as partes da composição.*” (AA. VV., 1907: 287). Possivelmente o painel que recuperámos em escavação faria parte da mesma série em que estes se inseriam.

Apesar de não conseguirmos reconstituir mais nenhuma composição, queremos chamar a atenção para três azulejos soltos com interesse e grande qualidade técnica. O primeiro, da cavalaria, com traços muito finos de um azul forte, exhibe parte de uma fachada com o topo de portal manuelino e à sua esquerda parte de imagem religiosa sobre mísula decorada (Figura 2.8). Essa representação consiste numa figura feminina sentada num cadeirão, segurando uma criança no colo, portanto uma típica representação de Santa Ana. As imagens de que dispomos das duas fachadas do Convento de Santana, datadas já dos finais do século XIX, mostram portais muito distintos daquele reproduzido no azulejo, cujo modelo arquitectónico está mais próximo da Igreja da Madre de Deus de Xabregas, ou mesmo da fachada do Hospital Real de Todos-os-Santos, cuja representação azulejar, de cerca de 1740, pintado pelo mestre P.M.P, está hoje no Museu da Cidade – Palácio Pimenta. O fragmento pode indiciar realidade arquitectónica do Convento de Santana que não conheçamos e que tenha sido modificado numa campanha de obras posterior, ou pode fazer parte de composição de espaço imaginário e/ou idealizado, quiçá narrando episódio real ou bíblico, como o quadro que mostra a transladação das relíquias de Santa Auta para a Madre de Deus de Xabregas, de 1522, ou procissão por local que não podemos precisar, que se vê no painel da nave da igreja do Convento de Nossa Senhora da Piedade de Lisboa,

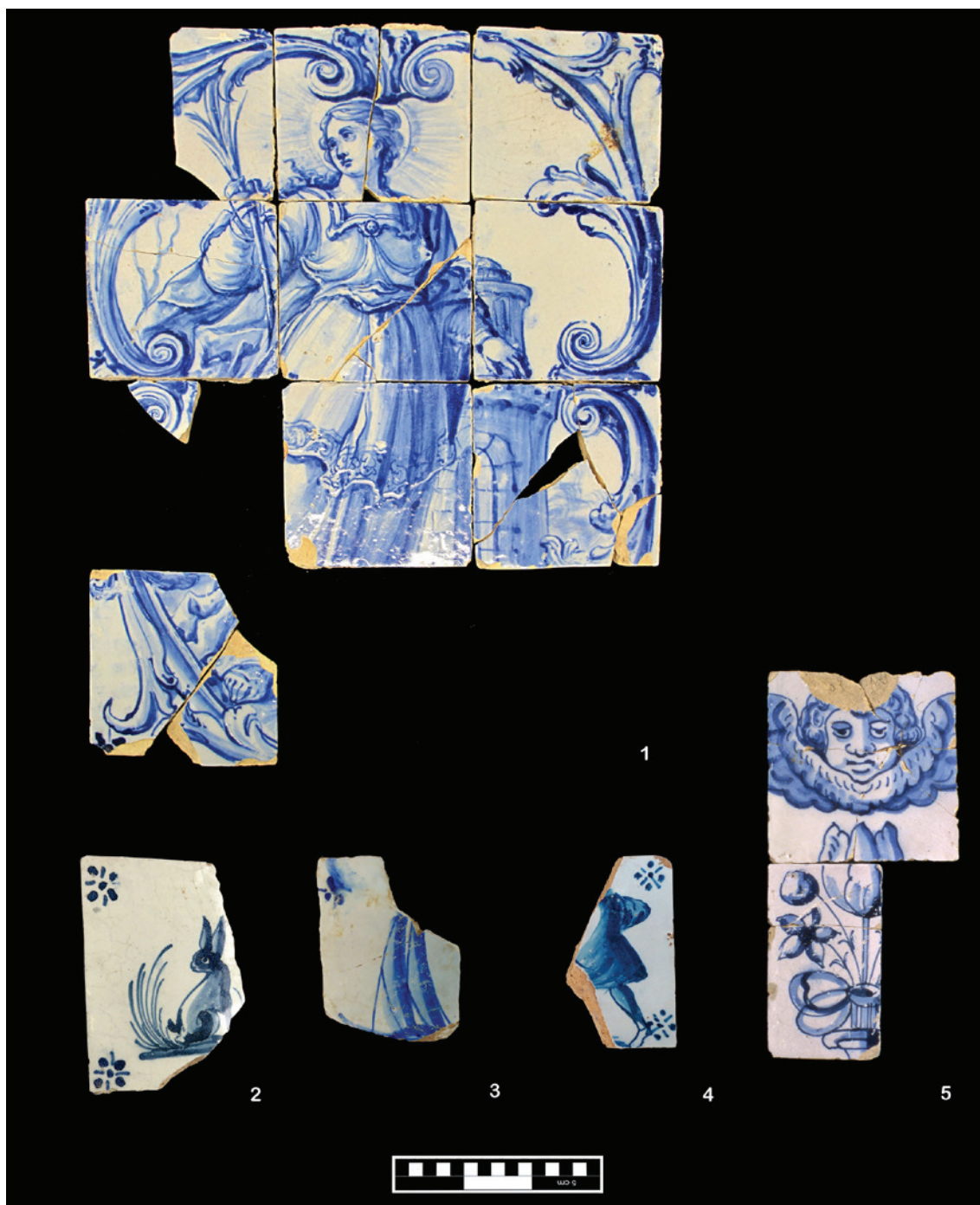


Figura 4 – 4.1 – Composição figurativa em Santa Bárbara; 4.2 – Azulejo de figura avulsa com coelho ou lebre; 4.3 – Azulejo de figura avulsa com barco; 4.4 – Azulejo de figura avulsa com figura antropomórfica; 4.5 – Composição do século XVIII com tulipa e anjo.

ou o painel azulejar do século XVIII representando um episódio da vida de Santa Clara, que podemos observar no antigo Convento de Santa Marta de Lisboa, em que esta põe em fuga os soldados sarracenos de Frederico II, sacro imperador romano, empunhando uma custódia à porta do Mosteiro de São Damião, muito embora o modelo representado seja o de uma porta simples e não um portal manuelino (Veloso e Almasqué, 1996: 101).

Outro azulejo, igualmente da cavalaria, que merece menção mostra figura humana, masculina, com traço menos cuidado que o anterior, mas com bastante pormenor. Podemos afirmar, com algum grau de certeza, que se tratam de dois painéis distintos. O homem retratado neste azulejo apresenta um traje rústico, com chapéu de abas e segura em algo com a mão, atrás das costas, que sai do enquadramento, possivelmente sendo um vendedor ambulante (Figura 2.7).

Da primeira campanha de escavações, recuperou-se um azulejo que representa a cabeça e o tronco de um anjinho trombeteiro (Figura 2.9), com traços muito finos e delicados nas suas feições, possuindo jogo de claro e escuro que transmite volumetria e textura, sobretudo nas asas. Igualmente dessa campanha foram encontrados dois azulejos, que se completam, mostrando uma composição a azul e branco, com *putti* provido de asas de pássaro, encimando tulipa e outras pequenas flores, num ramo com laço que saí de gargalo (Figura 4.5). Parte das asas e a restante peça de onde saem as flores encontra-se em falta. A cronologia da composição em apreço deverá ser um pouco mais recuada, possivelmente ainda da primeira metade do século XVIII. A tulipa, aqui representada com grande rigor naturalista, não é um motivo usual na azulejaria nacional, encontrando espaço nas composições de figuras avulsas em finais do século XVIII e nos grandes jarrões floridos dos séculos XVII e XVIII, uma vez que estes são muitas vezes reproduções de gravuras ou pinturas holandesas. Efectivamente, o melhor paralelo provém de friso de 33 túlipas policromas, igualmente com dois azulejos de altura, fabricados em Hoorn ca 1630-1650, e colocados numa casa

particular, no período designado por vezes de “tulipomania”, cujo pico foi 1635. Esta flor, enquanto centro da composição decorativa, é um modelo pouco utilizado na azulejaria holandesa, mas muito usual em pinturas e gravuras de igual cronologia (Dongen, 2013: 258). Como já referimos, a cronologia que atribuímos aos azulejos encontrados no Convento de Santana é posterior, mas provavelmente inspirado em gravuras holandesas do período.

Para além dos painéis que foram levados para Xabregas a que já aludimos, “*Ainda ha mais 11 quadros que vieram de Sant’Anna; porém, parte delles muito incompletos pelo numero d’azulejos que lhes falta. Há um de grandes dimensões, medindo 2m,70 x 2m,37.*” (AA. VV., 1907: 287). Podemos equacionar se os exemplares recolhidos nas escavações arqueológicas são parte destes painéis incompletos mencionados em 1907, pois sabemos que vários azulejos haviam sido reparados ou mesmo substituídos após o terramoto de 1755 e, novamente, durante a mudança para Xabregas, contribuindo para a sua descaracterização (Meco, 1980: 70).

Não podemos deixar de associar esta informação aos painéis presentes na Sala de D. Manuel do Convento da Madre de Deus. Nesta sala, encontramos seis painéis provenientes do Convento de Santana. Na verdade, a maioria são “meios-painéis”, pois foram cortados e desmembrados para melhor caber na sala e preencher os espaços entre as janelas, descaracterizando-os. José Meco afirma que o conjunto deveria ter um rodapé que não foi utilizado (1980: 70). Possivelmente, este foi propositadamente deixado no local de origem, onde encontrámos diversos exemplares. A grande composição da parede mais a norte, medindo sensivelmente 2,94 x 7,56 m, é bem maior do que aquela referida no *Boletim*, com 2,7 x 2,37 m, e a decoração não é mencionada, pelo que não é possível atribuir o painel a tão vaga descrição.

Nas escavações de 2009/2010 do Convento de Santana, foram recuperados 279 fragmentos de azulejos de figura avulsa, representando 8,53% do total dessa campanha. Novamente, é preciso fazer a ressalva que a totalidade do material recuperado

ainda não foi tratada e, pelas suas características, é mais fácil efectuar colagens nestes azulejos.

Encontramos na colecção os seguintes motivos: flores, animais, barcos e representações antropomórficas. São, efectivamente, os mais usuais nesta tipologia, a par de casas, moinhos e cestos de frutos (Meco, 1989: 145), motivos que não identificámos, tal como não reconhecemos composições caricaturais, como aquelas recuperadas nas escavações do Mosteiro de São João de Tarouca (Castro e Sebastian, 2003: 173). Os motivos fitomórficos (Figuras 2.10 e 2.11) são os mais abundantes e conseguimos reconhecer quatro espécies de flores: cravo, túlipa, lírio e margarida, em proporções semelhantes. No que respeita aos animais, encontramos: o cão, sendo que todos os exemplares parecem ser galgos, esguios, com orelhas pontiagudas, em corrida e por vezes com a cabeça voltada para trás; aves pernaltes de difícil identificação específica, em diferentes posições, possivelmente garças (Figura 2.12); um exemplar com um mocho ladeado por largas folhas (Figura 2.13); e um azulejo exibindo um coelho ou lebre (Figura 4.2), mostrando as longas orelhas e cauda curta. Os barcos são todos da mesma tipologia, de perfil, com duas velas triangulares altas que conferem um perfil triangular à embarcação (Figura 4.3). Por fim, encontramos dois azulejos de figura avulsa com representações antropomórficas, ambas incompletas, aparentemente masculinas (Figura 4.4).

Quanto a cronologias, o exemplar com o mocho apresenta características que apontam para o primeiro quartel do século XVIII, nomeadamente por o azul ser mais diluído e não exibir elementos de canto (Meco, 1989: 148). Todos os restantes azulejos apresentam esse elemento, que os data do segundo quartel do século XVIII (Meco, 1989: 145, 149). Os elementos de canto oferecem duas variantes: a primeira, só a registámos na Fossa 6 e é uma flor com quatro pétalas com pequeno círculo ao centro, de clara inspiração nos protótipos holandeses e cronologia ligeiramente anterior ao modelo seguinte, a característica estrela com as pintas ao centro e cantos, fruto da estilização da flor (Simões, 2010: 73), que é a mais abundante nesta colecção.

Devido ao facto de o convento ter sido demolido e de o espaço ter sido ocupado pelos edifícios do RIBL/IBCP, é difícil, senão mesmo impossível, identificar que locais do convento estariam revestidos com azulejos de figura avulsa. Sabemos que estes eram muito utilizados, no reinado de D. João V, em cozinhas, como no caso do Convento das Trinas, em Lisboa, em que as paredes da cozinha grande, a cozinha pequena e enfermaria estão cobertas com estes azulejos (Simões, 2004: 145). O mesmo se passa nas cozinhas dos palácios civis, como é o caso do Palácio Pimenta (núcleo do actual Museu de Lisboa) (Câmara, 2007: 96-104). A partir do Terramoto de 1755, estes passam a ter um papel secundário e a ser colocados em espaços menos nobres de edificações religiosas, como locais de passagem (Meco, 1989: 150).

Por fim, há que mencionar as composições de albarradas, herdeiras da tradição policroma do século XVII, representando grandes jarrões com flores e frutos, geralmente ladeados por aves. Na primeira metade do século XVIII, já apenas em azul e branco, estas composições são amplamente utilizadas como elementos de ligação entre painéis historiados, preenchendo espaços vazios nas composições (Simões, 2010: 57, 58). Na campanha de escavações de 2009/2010 no Convento de Santana, foram encontrados 194 (5,93%) azulejos consistentes com a decoração de albarradas, nomeadamente elementos dos jarrões e das flores, mas não identificámos qualquer pássaro.

Na primeira campanha de escavação, em 2002/2003, foi recuperada composição com 4 azulejos de lado e 3 de altura que mostra, ao centro, o jarrão com flores, de pé alto e mascarões a servir de pegas, sobre pequeno pedestal ladeado de largos enrolamentos de folhas de acanto e *putti* que seguram elemento que sai do enquadramento, numa clara representação de elementos arquitectónicos (Figura 3.5). Certamente que esta estrutura era usada por baixo de uma composição principal, possivelmente o “rodapé” que José Meco diz faltar no grande painel da Sala de D. Manuel.

Temos informação, relatada pelo Visconde da

Azambuja, de que um painel de azulejos mostrando “troféu”, junto à sepultura de Camões no Convento de Santana, aí colocado pelo poeta Miguel Leitão de Andrada (1553-1630) (AA. VV., 1906: 303). A designação de troféu, apesar de vaga, pode indicar uma composição do tipo albarrada, com jarro de pé alto e duas pegas (algo análoga a uma cratera de volutas), semelhante ao modelo formal dos troféus. Esta tipologia, em azulejos, conhece o seu primeiro pico de produção, em policromia, no terceiro quartel do século XVII, mas já estavam em voga no primeiro terço do século XVII, sob a influência de modelos flamengos (Monteiro, 2009: 52). Aquela cronologia enquadra-se nas datas limite para o assentamento do dito painel no Convento de Santana, entre a morte de Camões e a morte de Andrada em 1630.

Este tipo de estruturas compositivas pode igualmente ser usado em sequência, criando uma espécie de friso como o que encontramos na igreja paroquial de São Quintino, em Sobral de Monte Agraço, datado de 1738, onde se encontram envolvidos numa cercadura de largos enrolamentos barrocos (Meco, 1989: 150).

5. PROPOSTA DE RECONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO

Partindo do pressuposto teórico de que todos os exemplares cumprem as medidas padrão de 14 cm de lado para as produções lisboetas, ou seja 0,0196 m² de área, conseguimos fazer uma estimativa aproximada da superfície revestida por azulejos no Convento de Santana. Desse modo, estimamos que os 22000 azulejos enviados para o Convento da Madre de Deus de Xabregas, mencionados no *Boletim* – “Os do convento de Sant’Anna em numero de 22:000;” (AA. VV., 1907: 288) –, cobrissem 418 m². Não sabemos se este número inclui os painéis que se encontram hoje na Sala de D. Manuel, mas é pouco provável que assim seja, atendendo à falta de menção das decorações neles patentes, de excelente qualidade e beleza, pelo que vamos aqui estimar a sua área. O grande painel mede 2,94m x

7,56m (22,23 m²), sem contar com o friso inferior de azulejos de padrão que tem 8 azulejos de altura, portanto 1,12 m, e a mesma largura que o painel, perfazendo 8,47 m² de área. A estimativa da parede contrária é mais difícil, devido à presença dos janelões. Conceptualmente, e para este exercício, vamos supor que os vãos das janelas retirem 20% da área parietal útil, o que daria um número na ordem dos 24,56 m². Na parede de topo da sala, encontra-se um painel que mede sensivelmente 11,17 m², já contando com os azulejos de padrão. Os 9.915 exemplares de azulejos contabilizados até agora, provenientes das escavações arqueológicas, medem 188,38 m². Juntando todos estes dados, chegamos ao número de 672,81 m² de superfície revestida a azulejos no Convento de Santana.

A decoração parietal de cada espaço do convento poderá ficar para sempre desconhecida, devido às mudanças radicais no local operadas nos finais do século XIX. O que podemos avançar com certeza é que uma vasta superfície estaria decorada com azulejos e que espécimes de várias épocas estariam em uso simultaneamente, se bem que, pelos motivos atrás expostos, também seja difícil compreender quais os azulejos retirados nessa altura e quais já fariam eles próprios parte do registo arqueológico.

Seria importante que no MNAz se conseguisse descortinar, com certeza, quais os azulejos procedentes do Convento de Santana que se encontram nessa instituição, de modo a criar um panorama mais realista de como seria a decoração desse templo e que tipo de programa ideológico teria, pois até agora encontramos uma dicotomia entre imagética mariana e franciscana, num claro discurso entre a invocação do convento e a sua filiação institucional. Os esforços do projecto *Devolver ao Olhar* tem um papel muito importante neste campo, ao “encontrar” peças cuja proveniência desconhecida pode perfeitamente ser o Convento de Santana de Lisboa, como o recém “descoberto” painel que mostra o nascimento de Santa Ana, onde sobressai a tripla referência ao nome traçado a amarelo no peito da criança, que se encontrava encaixotado (Pais e Esteves, 2014: 93).

6. ALGUMAS CONCLUSÕES

No ponto em que se encontra o estudo dos azulejos do Convento de Santana de Lisboa podemos já tirar algumas conclusões. A remoção propositada de vários painéis de azulejos do espaço conventual quando da sua adaptação a RIBL nos finais do século XIX condicionou a formação dos estratos arqueológicos, explicando a falta de azulejos pertencentes a composições figurativas dos séculos XVII e XVIII. Essa ausência é particularmente notória ao nível dos elementos figurativos centrais, uma vez que foram recuperados principalmente exemplares de molduras e cercaduras dessas mesmas composições.

A ausência de azulejos hispano-árabes e a presença de enxaquetados leva-nos a crer que o primeiro revestimento teria sido feito com estes últimos, tratando-se de uma opção baseada no gosto, visto que contemporaneamente estariam igualmente disponíveis os azulejos a que aludimos primeiramente.

No século XVII o espaço conventual foi decorado com azulejos de padronagem, dos quais foram recolhidos vários exemplares distintos, pontuados com pequenos painéis com representações de santos, os quais foram retirados e mais tarde integrados no acervo do MNAz. Porventura podemos ligar esta redecoreção com as obras de ampliação do convento nas décadas de setenta e oitenta dessa centúria, altura em que os padrões utilizados começavam a ser mais quase exclusivamente azuis e brancos, num movimento de recusa da policromia.

O século XVIII é aquele que ofereceu maior quantidade de azulejos, mas, infelizmente, pouco consistentes entre si ao nível da composição. Efectivamente, apenas dispomos de um pequeno painel completo representado Santa Bárbara. A grande quantidade de elementos de cercadura prender-se-á com a retirada propositada dos painéis históricos do convento durante da sua parcial demolição e conversão a RIBL nos finais do século XIX e posterior deposição no MNAz, onde não se encontram cercaduras. Ainda nessa centúria encontramos uma significativa colecção de azulejos de figura avulsa,

com motivos distintos, que se encontrariam nos espaços menos nobres do convento.

Podemos afirmar que muitos dos compartimentos do Convento de Santana se encontravam revestido com azulejos desde a sua fundação até ao seu encerramento nos finais do século XIX e que se operaram campanhas de mudança desses revestimentos ao longo do tempo, consoante o gosto da época e as possibilidades económicas daquela instituição.

Apesar do muito que se desconhece da arquitectura e do património azulejar do Convento de Santana de Lisboa, importa reconhecer que, tal como outras grandes casas religiosas, ali foi maciçamente usado o azulejo como revestimento das paredes da sua igreja, talvez do refeitório e outros espaços colectivos, em áreas de circulação, corredores e escadarias, no claustro e nos seus jardins.

Assim se utilizaram mais de 32000 azulejos, constituindo uma valiosa colecção, não só pelo número de exemplares, como também pela qualidade de muitos painéis, reflectindo um tipo de gosto bem português, capaz de transformar a austeridade arquitectónica do espaço conventual, animando os grandes planos parietais, com ritmos e imagens, nem sempre religiosas, que emprestavam frescura nos meses quentes, não se deterioravam facilmente e proporcionavam prazer ao olhar. Nas palavras de Joana Troni (2008: 215): “*O convento constituía, no caso português «espaço de convívio social que oferecia o salão nas cortes europeias»*”.

BIBLIOGRAFIA

AA. VV. (1906) – Azulejos, *Boletim da Real Associação dos Architectos Cívicos e Archeologos Portuguezes*, Tomo X, n.º 6, pp. 303-304.

AA. VV. (1907) – Azulejos, *Boletim da Real Associação dos Architectos Cívicos e Archeologos Portuguezes*, Tomo XI, n.º 4, pp. 282-288.

ALVES, Natália Marinho Ferreira (1985) – *Subsídio para o estudo artístico do Convento de Santa Clara do Porto nos princípios do século XVIII*. *Revista da Faculdade de Letras – História*, II série, vol. II, pp. 273-295.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (1996) – Azulejaria e vivência exterior na segunda metade do século XVIII: os exem-

- plos de Queluz e da Quinta dos Azulejos, *Struggle for Synthesis – A Obra de Arte Total nos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Ministério da Cultura e Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 331-344.
- CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (2007) – *Azulejaria do século XVIII – Espaço Lúdico e Decoração da Arquitectura Civil de Lisboa*. Lisboa: Civilização Editora.
- CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (2015) – Natureza, artifício e quotidiano. Narrativas e arquitecturas da água no século XVIII in *AQUA – Faianças da Colecção do MNAA*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, pp. 36-47.
- CARNEIRO, José Manuel Martins; GAMA, Luís Filipe Marques da (1987) – *Palácio Nacional da Pena – Roteiro*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- CARVALHO, Rosário Salema de; SILVA, Libório Manuel (2016) – *Azulejo em/in Braga – O Largo Tempo do Barroco*. Braga: Centro Atlântico.
- CASTEL-BRANCO, Cristina (2008) – *Os Jardins dos Vice Reis Fronteira*. Lisboa: Edições Asa.
- CASTRO, Ana Sampaio e; SEBASTIAN, Luís (2003) – Mosteiro de São João de Tarouca – a faiança de revestimento: séculos XVII e XVIII (intervenção arqueológica 1998-2001). *Património Estudos*, 4, pp. 168-179.
- DONGEN, Alexandra Gaba-van (2013) – Paineis de azulejos com túlipas in *O Brilho das Cidades: A Rota do Azulejo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 258.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (2007) – Escavações arqueológicas no Convento de Santana, em Lisboa. Resultados preliminares. *Olisipo – Boletim do Grupo dos Amigos de Lisboa*, S. II, 27, pp. 75-92.
- MARADO, Catarina Almeida (2006) – *Antigos Conventos do Algarve. Um Percurso pelo Património da Região*. Lisboa: Edições Colibri.
- MECO, José (1980) – *O pintor de azulejos Manuel dos Santos – Definição e análise da obra. Boletim da Assembleia Distrital de Lisboa*, S. III, 86, pp. 75-158.
- MECO, José (1989) – *O Azulejo em Portugal*. Lisboa: Edições Alfa.
- MONTEIRO, João Pedro (2009) – *Vaso Florido in Azulejos – Obras do Museu Nacional do Azulejo*. Lisboa: Éditions Chandeigne e Museu Nacional do Azulejo.
- MONTEIRO, João Pedro (2012) – Registos hagiográficos e painéis narrativos, in *Um Gosto Português – O uso do Azulejo no Século XVII*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, pp. 264-271.
- PAIS, Alexandre (2009) – Paineis de Azulejos Enxaquetados in *Azulejos – Obras do Museu Nacional do Azulejo*. Lisboa: Éditions Chandeigne e Museu Nacional do Azulejo.
- PAIS, Alexandre (2012a) – Padrões (ainda) imprecisos. A azulejaria de repetição no século XVII in Matos, M. A. P. (coord.) *Um Gosto Português – O uso do azulejo no século XVII*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, p. 83-96.
- PAIS, Alexandre (2012b) – Padrões in *Um Gosto Português – O uso do Azulejo no Século XVII*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, pp. 109-180.
- PAIS, Alexandre; ESTEVES, Lurdes (2014) – “Devolver ao Olhar” in Flor, S. V. (coord.) *A Herança de Santos Simões. Novas Perspectivas para o Estudo da Azulejaria e da Cerâmica*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 83-94.
- PEREIRA, João Castel-Branco (1995) – *As colecções do Museu Nacional do Azulejo*. Lisboa: Instituto Português dos Museus.
- SABO, Ricoletta; FALCATO, Jorge Nuno (1997) – *Azulejos Arte e História. Azulejaria de Palácios, Jardins e Igrejas de Lisboa e Arredores*. Lisboa: Edições Inapa.
- SIMÕES, João Miguel (2004) – *O Convento das Trinas do Mocambo – Estudo Histórico Artístico*. Lisboa: Instituto Hidrográfico.
- SIMÕES, João Miguel dos Santos (1990) – *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI*, 2.ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SIMÕES, João Miguel dos Santos (1997) – *Azulejaria em Portugal no Século XVII*. 2.ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SIMÕES, João Miguel dos Santos (2010) – *Azulejaria em Portugal no Século XVIII*, edição revista e actualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- STOOP, Anne de (1991) – Les Jardins d’Azulejos dans le Portugal du Sud in *Histoire des Jardins de la Renaissance à nos Jours*. Paris: Flammarion, pp. 326-328.
- TRONI, Joana (2008) – *Catarina de Bragança (1638-1705)*. Lisboa: Edições Colibri.
- VELOSO, António José Barros; ALMASQUÉ, Isabel (1996) – *Hospitais Cívicos de Lisboa, História e Azulejo*. Lisboa: Edições Inapa.

ARTEFACTOS DE AZEVICHE DO CONVENTO DE SANTANA DE LISBOA

Mário Varela Gomes¹, Rosa Varela Gomes², Joana Gonçalves³

¹ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, Academia Portuguesa da História, Academia Portuguesa de Belas Artes, AAP (Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa) / mv.gomes@fcsh.unl.pt.

² Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, AAP (Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa) / rv.gomes@fcsh.unl.pt

³ Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, AAP (Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa) / joanafrgoncalves@fcsh.unl.pt.

Resumo

Entre os milhares de restos de artefactos recuperados nas ruínas e estruturas negativas do antigo Convento de Santana de Lisboa, durante escavações arqueológicas ali realizadas em 2002/2003 e em 2009/2010, classificados entre os séculos XVI e XVIII, identificou-se conjunto produzido em azeviche, carvão mineral de origem vegetal, de cor negra intensa e brilhante, quando polido. Aquele integra, sobretudo objectos ligados à devoção, como as contas de terços ou rosários, de variadas formas, e alguns pendentos, que tiveram carácter apotropaico, ao mesmo tempo que serviam como adornos, conforme podia acontecer com anéis e botões.

O Convento de Santana, fundado no século XVI e activo até ao século XIX, localizava-se onde se ergueram recentemente instalações da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa.

Palavras-chave: Azeviche, Convento de Santana (Lisboa), Contas, Figs, Pendentos.

Abstract

Amongst the thousands of artefacts recovered in the ruins and negative structures of the ancient Santana Convent of Lisbon, during the archaeological excavations, in 2002/2003 and 2009/2010, classified with chronologies between the 16th and 18th centuries, a set of jet (mineral charcoal of vegetable origin, with intense black colour and shiny when polished) objects was identified. Mainly, those artefacts could be interpreted as connected to religious devotion, with exemplars of rosary beads, of multiple shapes, as well as some pendants, others could bear apotropaic significance, while being used as adornments, as in the cases of rings and buttons.

The Santana Convent, built in the 16th century, was located in the place where the facilities of NOVA Medical School were recently erected.

Keywords: Jet, Santana Convent (Lisbon), Beads, Fig signs, Pendants.

1. A CASA RELIGIOSA

Segundo a *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, ao que se julga devida ao P^{de} Jerónimo de Castilho (1674-1730) (Pires de Lima, 1972: 345-361) e documentos reunidos pelo P^{de} Sebastião de Almeida Viegas (1893), o Convento de Santana existiu devido ao desejo de Violante da Conceição em fundar casa religiosa, depois integrada na Ordem Terceira de São Francisco mas, igualmente, ao patrocínio régio, tanto de D. João III, como sobretudo da sua esposa D. Catarina, depois do falecimento daquele em 1557.

Documento de 1561 informa que o projecto do novo convento é da autoria de Miguel de Arruda, que foi mestre das obras do mosteiro da Batalha, trabalhou na fortificação de Ceuta, nos Paços Reais de Santarém, na fortaleza da Ilha de Moçambique, etc., julgando-se que terá falecido em 1563. Aquele testemunho dá ainda a conhecer que a antiga ermida de Santana, ali erguida não se sabendo desde quando, passou a ter funções de templo do novo convento, sendo depois, com o cardeal D. Henrique, então arcebispo de Lisboa, igreja da recém-criada paróquia da Pena. Por isso ali foi enterrado, em 1580, Luís Vaz de Camões (Viegas, 1893: 19, 37, 56; Viterbo, 1899: 66-74; Pires de Lima, 1972; Monteiro, 2005: 50, 51). *Livro das Visitações*, ocorridas entre 1570 e 1598, é parco em informações que interessem ao presente estudo (Franco, 1973-74).

Existe representação desenhada da igreja e convento de Santana, da autoria de Georg Braun (Georgio Braunio), publicada no volume da sua *Civitatis Orbis Terrarum* (1598), possivelmente executada a partir da planta de Lisboa de 1567 (Garcia, 2014: 48).

Em 1562 as religiosas ocuparam aquela casa, que foi sucessivamente ampliada, conhecendo-se campanhas de obras em 1674-1681, 1707, após a igreja deixar de ser paroquial (1705), e em 1729, chegando a tornar-se em um dos maiores conventos lisboetas, dos cerca de noventa que se contavam em 1755. Albergava, em 1702, cerca de três centenas de pessoas, entre as quais cento e trinta religiosas e, em 1777, mais de quatro centenas de

almas, por certo muitas delas provindas de outros conventos arruinados pelo trágico Terramoto de 1755 (Viegas, 1893: 65; Pires de Lima, 1972: 360, 361; Monteiro, 2005: 51).

Aquando do megassismo de 1755, a igreja do Convento de Santana ruiu parcialmente, tal como sector dos dormitórios, entrando aquele em declínio, apesar das reconstruções efectuadas a partir de 1778, durante o reinado de D. Maria I e até à Extinção das Ordens Religiosas, ocorrida em 1834, momento em que existiam em Lisboa duas dezenas de conventos femininos.

A igreja e convento de Santana figuram em planta da cidade de Lisboa, do último quartel do século XVIII (ca 1780), que guarda o Arquivo do Instituto Geográfico e Cadastral (Vieira da Silva, 1950, planta nº 4, edifício nº 105).

Em 1871 foi realizado levantamento das estruturas conventuais, onde se observa o templo e seus anexos, assim como claustro com um dos poços, que ali escavámos.

Nos finais do século XIX é elaborado projecto para aquele local, sob a direcção do Eng. Pedro Romano Folque, director das Obras Públicas, para instalação do Real Instituto Bacteriológico, tendo sido demolidos grande parte do convento e a sua igreja em 1897, inaugurando-se o novo equipamento médico três anos depois. A revista *Occidente*, de 10 de Novembro de 1899, deu conta daquele facto, referindo a ligação do antigo convento a Camões e publicando planta e três imagens do templo.

Existe igualmente levantamento da igreja efectuado, em 1880, pelo Arqt. Luís Caetano Pedro d'Ávila, dado a conhecer na importante obra que o P^{de} Sebastião de Almeida Viegas (1893) dedicou à presença dos restos mortais de Camões naquele templo, mas que nunca se vieram a identificar de modo claro.

Durante a demolição de grande parte do Convento de Santana ali se encontrou significativa quantidade de cerâmicas e de outro espólio, de que foram entregues, em 1898, ao Museu Etnográfico Português, hoje Museu Nacional de Arqueologia (MNA), por ordem do Eng. Romano Folque, oitenta

e quatro peças de cerâmica, dos séculos XVI a XVIII (Vasconcellos, 1961: 107). Grandes painéis de azulejos foram desmontados e levados para o Convento da Madreus, em Xabregas, onde alguns foram reutilizados e outros armazenados, sendo em parte ulteriormente expostos no que é hoje o Museu Nacional do Azulejo (AAVV, 1907: 286-288). Segundo o Visconde de Juromenha (17.X.1844) *“Près de la sépulture de Camoens dans le convent des sœurs de Sainte-Anne on voyait un trophée représenté par azulejos. Il y avait été placé par le poète Miguel Leitão d’Andrada qui vivait encore vers la fin du XVI siècle”* (AAVV, 1906: 303).

Trabalho sobre produções cerâmicas decoradas através de aplicações de pedrinhas brancas, do acervo do Convento de Santana e que conserva o MNA, foi publicado há alguns anos (Sardinha, 1990-92), existindo estudo, de carácter académico, sobre oito tampas, de porcelana e de faiança, com idêntica procedência (Martins, 2000).

Além de algumas notas na imprensa do século XIX e das obras anteriormente referidas, aludem ao Convento de Santana diversos autores, entre os quais Luiz Gonzaga Pereira (1927: 305-307), Rocha Martins (1945: 49) e Júlio Dantas (1966: 228-230).

Parte dos resultados das escavações que ali dirigimos (R.V.G. e M.V.G.) foi já publicada, nomeadamente em notícia preliminar sobre aqueles (Gomes e Gomes, 2007), mas também estudo sobre a colecção de porcelana chinesa (Gomes, Gomes e Casimiro, 2015), ou outro abordando a faiança portuguesa (Gomes, Gomes e Casimiro, 2016). Trabalho, sobre os objectos de uso pessoal produzidos em matérias duras de origem animal, foi igualmente apresentado a congresso, tendo sido publicado recentemente (Gomes, Gomes e Gonçalves, 2017).

2. AZEVICHE, SUA ORIGEM, DIFUSÃO E UTILIDADE

O azeviche, palavra portuguesa que deriva do termo árabe *az-zabach*, corresponde a variedade de lignite, ou seja, a carvão mineral de origem vegetal, com baixo grau de incarbonização, possuindo cor negra

intensa, brilhante, quando polido, sendo compacto e relativamente resistente. Dada a sua origem e cor, foi tido como possuindo virtudes diversas e propriedades mágicas, designadamente apotropaicas, pelo menos desde a Idade Média. Acreditava-se então que o azeviche era capaz de afugentar as serpentes e de curar as suas mordeduras, tal como os demónios, de acabar com dores de dentes, a histeria e a epilepsia, doenças cardíacas ou de impedir a inveja, a má sorte e sobretudo o mau-olhado. Plínio (N.H. XXVI, 24 ou XXVI, 34), que regista as suas propriedades, chama-lhe *lapis gagates*, conferindo-lhe origem nas margens do rio da Lícia (Ásia Menor) com aquele nome. Galeno recomenda-o para as doenças de estômago e a cura de feridas. Quando queimado, acreditava-se na Europa Medieval, que o seu fumo afastava as forças do mal. A sua cor identificou-se com a da morte, nas sociedades cristãs. No século XIX este aspecto foi muito divulgado devido ao uso de jóias de azeviche pela Rainha Vitória e na sua corte, a quando do luto pela morte do príncipe Alberto (Hildburgh, 1906: 459, 461; 1913: 65; Gomez-Tabanera, 1977: 384; Suárez-Ruiz & Iglesias, 2007; Gilchrist, 2008: 139).

A *“pedra chamada Gagatis”* consta no *Lapidario del Rey D. Alfonso X*, como existente em Saragoça e Granada, sendo capaz de curar várias doenças (Fernandez Montaña, 1881: 2, 5).

Na obra *Hortus Sanitatis*, cuja primeira edição é de 1491, o *gagates* ou azeviche mereceu a seguinte referência: *“Pedra que apareceu na Silícia, nas margens do rio Gagates de onde recebeu o seu nome, embora abunde também na Britania. É negra, plana, suave e se inflama aproximando-a do fogo. Os desenhos que se gravam com esta pedra sobre vasilhas são indeléveis. É de admirar que arda com a água e apaga-se com azeite. O azeviche afugenta os demónios e faze-os calar quando falam pela boca dos possuídos. Serve de ajuda nas dores de estômago e no parto. A água passada por esta pedra revela a virgindade das jovens, pois se conservam a sua integridade nada acontece, mas no caso contrário fazem águas instantaneamente. Também afugenta as serpentes por isso as águas colocam*

esta pedra em seus ninhos” (Viñago González, 1996: 618).

O médico Amato Lusitano (João Rodrigues de Castelo Branco, 1511-1568) refere as propriedades do azeviche ao comentar a obra de Dioscórides, médico grego do século I e refere as imagens de São Tiago e outros emblemas feitos na Galiza com tal material (Malaquias e Pereira, 2015: 408).

Duarte Nunez do Leão (2002: 184, 185), nos finais do século XVI, fala-nos do azeviche em Portugal e, em especial, na Batalha, que se exportava, nos seguintes termos: “(...) nelle [Portugal] não faltão vitorios de azeviche que os gregos e latinos chamam, gagates, do qual no lugar da Batalha se tira muito de que se fazem muitos brincos e louçainhas para mulheres que se levão para todo o reino e fora d’elle”. O azeviche da região da Batalha provém de formações do Jurássico Superior (Kimmeridgiano) e é semelhante ao de Whitby, que os romanos e depois os vikings exploraram, tendo chegado a ser conhecido por “*âmbar negro*” (Costa, 2008: 3). Também Gaspar de Morales (1605: 401-410), escreveu sobre as muito diversas utilizações do azeviche, dizendo que “(...) sirve de ornato a las damas para sartas as cuello, y a los niños pra cõtra el ojo, as uso de la medicina maravillosamente (...)”.

Devido à sua existência na Península Ibérica, nas zonas das Astúrias, Leão, Zamora, Palência, Galiza, Aragão (Montes Montalvão), em Portugal (Batalha, Rio Maior, Caldas da Rainha, Peniche, Azeitão, entre outros sítios), no Sul de França (Sainte-Colombe, Chalabre, Bugarach), Itália, Grã-Bretanha (Whitby, North Yorkshire), Alemanha (Balingen, Schrambery, Suabia), Polónia, República Checa, Rússia, e em outras regiões da Europa, da Índia e da América do Norte, foi usado desde os tempos pré-históricos e a partir da Idade Média, largamente empregue em contas de rosário e de terços, em cruzes, pequenos amuletos para protecção pessoal, anéis e outros adornos, tendo Santiago de Compostela constituído, na Península Ibérica, o grande centro produtor e difusor de tais itens, nomeadamente em forma de valva de vieira, através dos seus peregrinos (Vasconcellos, 1897: 136-140; Gomez-Tabanera, 1977:

406-408; Franco Mata, 1996). Fernão Mendes Pinto (2004: 90), em meados do século XVI, compara pequenos objectos que se adquiriam nos templos do Sudoeste Asiático com os daquele grande centro de peregrinação peninsular, nos seguintes termos “(...) como entre nós costumam os romeiros que vem de Santiago trazer os brincos de azeviche”.

Contas de rosário e sobretudo pequenas cruzes de azeviche têm sido encontradas em sepulturas anglo-saxónicas dos séculos V a VII. Na Abadia de Whitby (North Yorkshire), não só tais artefactos foram produzidos como difundidos, durante os séculos XII e XIII, através das Ilhas Britânicas, onde acompanhavam enterramentos, como alcançaram a Noruega (Bergen) e a Gronelândia (Herjolfsnes) (Gilchrist, 2008: 139; Pierce, 2013: 199).

A função protectora dos amuletos de azeviche levou a que fossem utilizados junto ao corpo dos vivos, sob a forma de jóias, de colares, anéis ou braceletes, mas também pendurados em camas ou nas paredes de habitações. No inventário dos bens da infanta D. Beatriz, elaborado em 1507, aquando do seu falecimento, consta “*huã cruz grande dazeviche*” (Freire, 1914: 90). Mais tarde, no rol de bens do primeiro Conde de Basto, de 1644, constam “*Dous braceletes de azeviche de vinte e quatro pessas de ouro (...)*” (Serrão, 2014: 20), aspectos que ilustram o interesse pelos objectos elaborados em azeviche pelas elites de então.

As qualidades apotropaicas do azeviche foram reconhecidas, entre a população portuguesa, até ao século passado. Nos finais do século XIX, F. Martins Sarmiento (1998: 50, 248) transmite a crença de que, no Norte do país, “*As mulheres que criam devem trazer sempre consigo alguma coisa de azeviche por causa das dadas nos peitos*”, ali sendo também usadas contas, em grupos de três, contra o mau-olhado.

3. AZEVICHE NO CONVENTO DE SANTANA DE LISBOA

As cerca de seis dezenas de objectos de azeviche exumados no Convento de Santana, de Lisboa, correspondem maioritariamente a contas, de terços ou

de rosários, de vários tipos, tendo-se identificado pendentes, figas, anéis, um crucifixo e elemento decorativo com a forma de leão rampante.

As contas oferecem acentuado polimorfismo, identificando-se desde exemplares esféricos ou esféricos achatados, aos ovóides, alguns escadeados, ou com incisões verticais, ou ainda em forma de barril, de balaústre ou poliédricos.

Dois pendentes apresentam contorno cordiforme, um deles contendo gravada, em uma das faces, a inicial M, clara alusão ao Imaculado Coração de Maria. O outro apresenta inciso, na face interna, cinco elementos, que podemos interpretar como as cinco chagas de Cristo, associando, assim, esta peça ao Sagrado Coração de Jesus.

Duas figas, uma delas completa, são elementos apotropaicos muito comuns neste tipo de matéria-prima, durante os séculos XVI a XIX. Também anel mostra pequena figa, usada, por certo, com aquele mesmo fim.

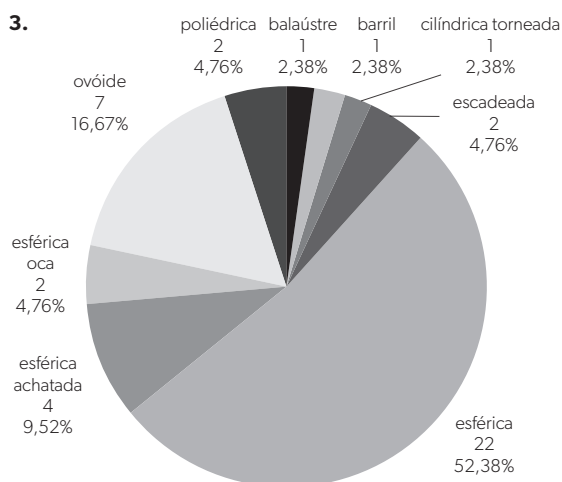
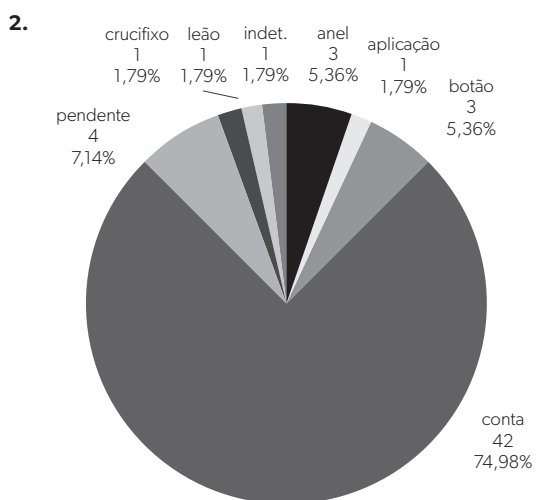
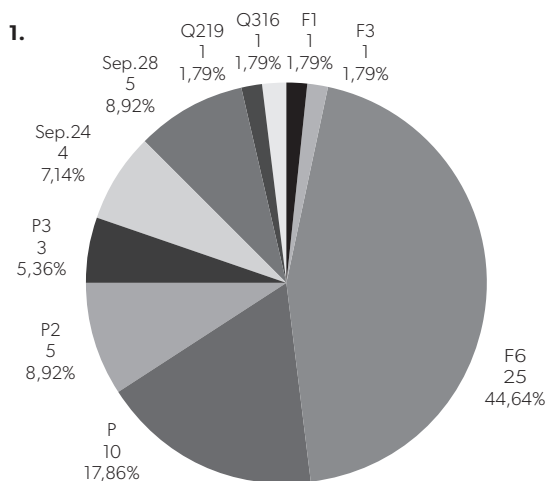
Cruz, de reduzidas dimensões, com decoração dourada em ambas faces, constitui outro elemento apotropaico muito divulgado, embora aquele possa, também, ter pertencido a rosário.

O pequeno leão rampante deve corresponder a elemento decorativo, talvez com carácter heráldico, que terá feito parte de peça cuja forma e função desconhecemos, não se devendo afastar a sua simbologia protectora.

Conforme se pode observar no gráfico 1, apenas nove peças são procedentes de sepulturas (24 e 28), enquanto dezoito provêm do entulhamento de poços e vinte sete de fossas detriticas, enquanto apenas duas surgiram em nível (Q219 e Q316), correspondendo a espaço aberto, revolvido pelas obras ali ocorridas, em particular desde meados do século XVIII.

As contas constituem os itens melhor representados, com 42 exemplares (75%), existindo quatro pendentes, dois deles cordiformes, conforme referimos, três botões e três anéis, enquanto os restantes tipos de peças mostraram apenas um exemplar cada (gráfico 2).

No que concerne ao polimorfismo das contas,



Gráficos – Convento de Santana. 1. Procedência dos artefactos de azeviche do Convento de Santana (sepulturas, fossas detriticas e poços); 2. Tipos de artefactos de azeviche; 3. Formas das contas de azeviche.

comum a outras jazidas e a exemplares produzidos com outros materiais, como o vidro e o osso (gráfico 3), são mais numerosas as esféricas, com vinte e dois exemplares, seguidas das ovóides, com sete exemplares, sendo pouco comuns as que apresentavam formas compósitas ou foram decoradas através de incisões.

4. ALGUNS PARALELOS E A INTEGRAÇÃO SÓCIO-RELIGIOSA E CULTURAL

4.1. As figas

Os amuletos de azeviche em forma de figa simples, dupla, tripla, quadrupla, ou, até, sêxtupla, conforme raríssimo exemplar exumado nas ruínas do antigo Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra, uniam as propriedades maravilhosas daquela matéria-prima, às virtudes protectoras da mão e ao gesto mágico, que ascende, pelo menos, ao Período Romano (Hildburgh, 1906: 459; Vasconcellos, 1925; Côte-Real, 2008: 41). Sobre este tema, J. L. de Vasconcellos (1892: 8) ao escrever sobre amuletos portugueses concluiu que “(...) *une figa de jais possède des vertus parce qu'elle est une figa, et est faite de jais*”. A figa tem simbologia sexual, representa a união dos genitais humanos de ambos géneros, através do dedo polegar entalado entre os dedos indicador e médio, sendo, por muitos, considerada como gesto obscuro. Todavia, na Grécia Antiga a exposição do órgão sexual feminino era usada contra feitiços, o mau tempo e as tempestades no mar, conhecendo-se a enorme difusão que o órgão sexual masculino teve, e ainda tem, como elemento apotropaico entre muitas sociedades desde a Pré-História aos nossos dias (Morris, 2001: 177).

Os artefactos referidos foram, muito possivelmente, a forma de amuleto mais difundida na Europa Meridional, sendo largamente divulgados na Península Ibérica, de onde passaram, sobretudo, à América do Sul, durante os séculos XVI e XVII. Raramente medindo mais de 0,02 m de comprimento, eram conhecidos em Espanha, quando de azeviche, por “*manos de azabache*”. Crianças como a infanta Ana Maurícia de Áustria, filha de Felipe II

e o príncipe Felipe Próspero (1657-1601), filho de Felipe IV e de Mariana de Áustria, retratados respectivamente em 1602 e 1659 por Pantoja de la Cruz e Diego Velázquez, mostram, sobre as requintadas vestes que envergavam, numerosos amuletos e talismãs, que se acreditava protegerem-nos do mau-olhado e de doenças diversas, ou seja das forças da natureza e de poderes humanos ocultos, sendo capazes de proporcionarem sorte e bem-estar, entre os quais as figas de azeviche, encastoadas em metal (Bardi, 1969: est. LXIV).

Aquelas surgem igualmente nos contextos coloniais sul-americanos, a partir da segunda metade do século XVI, constituindo exemplar mais recuado o proveniente do acampamento de Pedro Menéndez de Áviles em St. Augustine (Flórida), com cronologia situada em 1565-66, tendo outro, correspondendo a tripla figa sido encontrado no Forte de San Felipe, em Santa Elena (Carolina do Sul) (1566-87) (Deagan, 2002: 96).

Segundo K. Deagan (2002: 97), a partir dos inícios do século XVII, as figas tendem a ser mais simples, como as muitas que se exumaram nas ruínas da missão de San Luís de Talimali (ca 1650-1700) na Flórida, ou precedentes de naufrágios da primeira metade do século XVIII.

Grandes quantidades de figas de azeviche constam nos róis dos itens exportados para as colónias espanholas, entre 1583 e 1613, alcançando números superiores a três milhares em 1603 (Deagan, 2002: 98).

As figas de azeviche ainda se vendiam em Madrid, e em outros lugares de Espanha, nos inícios do século XX (Hildburgh, 1913: 65).

Duas figas de azeviche foram exumadas no Convento de São Francisco, de Santarém, uma delas em enterramento, dos séculos XVI-XVII, de mulher com cerca de quarenta e quatro anos de idade, onde jazia sob o braço direito daquela (Lopes e Ramalho, 2002a: 202).

Encontraram-se figas de azeviche em inumações correspondentes a freiras de Santa Clara-a-Velha, de Coimbra (Côte-Real, 2008: 40, 41), assim como na necrópole do castelo de Castelo Branco, com exem-

plar conservando a argola para suspensão (Boavida, 2014: 29; 2016: 398, 399, fig. 7), na Igreja de Santa Maria do Castelo, de Torres Novas (escavação de M.V.G.) e, ainda, no Castelo de Montemor-o-Novo (Boavida, 2016: 398).

O anel com pequena figa, exumado no Convento de Santana constitui, tanto quanto sabemos, exemplar único.

4.2. Contas de rosários e terços

A grande maioria das contas exumadas no Convento de Santana, apesar do seu assinalável polimorfismo, pertenceram por certo a terços, usados na ordenação e contagem das orações, desde o século IX, sobretudo pelas comunidades monásticas. No entanto, a constituição actual dos terços remontaria, segundo a tradição, aos inícios do século XIII, quando a Virgem terá entregue um daqueles artefactos religiosos a São Domingos, tendo em vista servir na conversão de pecadores e hereges.

O uso de terços, integrados nos rosários (coroas de rosas) encontra-se muito ligado ao culto da Virgem Maria ou Maria Santíssima.

A partir do século XVI o rosário traduz forma popular de devoção, promovida, em particular, pelos dominicanos. O seu uso em Espanha e nas colónias sul-americanas, mas também em outros países europeus, tem sido atribuído, por alguns autores, ao estabelecimento da Festa do Rosário, em 1572, após a vitória espanhola sobre os turcos em Lepanto, no ano anterior, dada como devida à intercessão da Virgem do Rosário (Deagan, 2002: 65).

O terço é constituído por sector inicial, com duas contas grandes e três pequenas, em cuja extremidade existe cruz ou crucifixo, e por cinco conjuntos de dez contas pequenas, separadas por contas maiores, uma das quais liga ao sector inicialmente referido. O rosário dominicano possui cento e cinquenta contas pequenas (*Ave Marias*) separadas por quinze grandes (*Pater Noster*) e apêndice com uma conta grande e três pequenas, terminando em medalha, cruz ou crucifixo (Deagan, 2002: 65).

Também interpretados como elementos apotropaicos, acreditava-se que os terços e os rosários

eram capazes de afastar as forças maléficas, considerados protectores das pessoas e, em especial, dos sacramentos, sendo usados ao pescoço, no pulso ou à cintura, mas ainda associando a função de adorno, um dos poucos permitidos às mulheres em certos momentos históricos do mundo cristão.

Parte dos terços e rosários a que pertenciam as contas de azeviche, agora dadas a conhecer, devem resultar de acompanharem os mortos inumados no Convento de Santana.

Também na igreja de Santa Maria do Castelo, de Torres Novas, foi exumada importante colecção de contas de azeviche, algumas das quais muito semelhantes às do Convento de Santana, embora, tal como estas, não permitam datação precisa, devendo corresponder, sobretudo, aos séculos XVI a XVIII.

Ali se exumou conta facetada, que deve ter pertencido a rosário, tendo-se identificado exemplares idênticos em contextos coloniais espanhóis da América do Norte, do século XVIII, nomeadamente em St. Augustine e Santa Rosa Pensacola (1723-1752). Em St. Augustine foi encontrado rosário completo, constituído por contas de azeviche, dos finais do século XVI (Deagan, 2002: 69).

No Convento de São Francisco, de Santarém, encontraram-se três conjuntos de contas de azeviche, esféricas, ovaladas e estriadas, pertencentes a rosários ou a terços, um deles sob o braço esquerdo de inumação de criança com cerca de nove meses, atribuída ao século XVII, outro junto à perna direita de enterramento de adulto, do género masculino, com cerca de cinquenta anos e que era também acompanhado por ceitel cunhado no reinado de D. Manuel I (Lopes e Ramalho, 2002: 200).

Guilherme Cardoso (2007: 13, 38, 39, figs 23.9 e 24.3-7) refere o surgimento de dezasseis contas de azeviche galonadas e uma com duas nervuras transversais, procedentes de escavação arqueológica efectuada no adro da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, do Cadaval, que atribuiu ao século XVIII.

Também foram encontradas contas de azeviche, no Poço-Cisterna, de Silves, hoje Monumento Nacional, algumas delas com forma cúbica, de can-

tos cortados e grandes dimensões, outras esféricas e ovóides, cuja cronologia não pode ser mais recente que os finais do século XVI, data do entulhamento daquela estrutura (escav. de M.V.G. e R.V.G.).

Outros exemplares procedem da antiga paróquia da Foz do Douro (Porto), do Convento de Santa Clara-a-Velha (Coimbra) e do Castelo de Montemor-o-Novo, mas quase sempre com contexto arqueológico indefinido, embora associados a necrópoles. No castelo de Castelo Branco, em zona de necrópole, foram exumadas contas de azeviche, esféricas, com entalhes ou em forma de barril (Boavida, 2016: 398, 399).

Importa referir que a existência de apenas uma ou duas contas numa sepultura pode dever-se a prática ainda em uso durante o século XIX, sobretudo no Norte do país, quando se deitava *“uma conta no caixão para que o defunto se lembre de nós no Céu”*, registada por F. Martins Sarmiento (1998: 144). O autor que acabamos de citar diz, ainda, sobre as contas de azeviche: *“trá-las muita gente, três em regra, contra o mau olhado, que o azeviche atrai. Por isso, às vezes as contas aparecem quebradas, salvando a pessoa que as traz”* (Sarmiento, 1998: 248).

4.3. Outros artefactos de azeviche

Os pendentes cordiformes podem ter feito parte de rosários, onde surgem, pelo menos desde o século XV, na extremidade daqueles, posição que também ocupam as pequenas cruces, como a agora dada a conhecer.

Pendente quadrangular, com cruz dominicana, muito possivelmente fazendo parte de brinco, e semelhante a exemplar da Igreja de Santa Maria, de Torres Novas, procede de Santa Helena, na Carolina do Sul, onde foi datado em 1566-1587 (Deagan, 2002: 73, fig. 4, 34).

Conhecem-se brincos de azeviche, constituídos por três elementos (flores, laço e pingente), no espólio recuperado da fragata Santo António de Taná, naufragada frente a Mombaça, em 1697 (Teixeira e Gil, 2012: 680). Eles foram representados em pinturas, de meados do século XVIII, nomeadamente na obra *The sick child*, de Gabriel Metsu (ca 1663).

Escavações que ocorreram no Largo do Corpo Santo, em Lisboa, descobriram, em contexto do século XVI, pequena imagem (h = 0,034 m) do apóstolo São Tiago, com característico chapéu, bordão e vieira, finamente talhado em azeviche e perfurado para ser dependurado como emblema ou amuleto (Gil, 2015).

No que concerne aos anéis de azeviche, possivelmente também usados como elementos protectores, conforme o exemplar com figa revela, eles não são muito comuns, conhecendo-se fragmento de exemplar, facetado, da missão de San Luis de Talimali (Flórida), datado de ca 1650-1700, e um outro anel com elemento naquela rocha de Puerto Real (Haiti), de contexto possuindo cronologia situada entre 1503 e 1578 (Deagan, 2002: 124, fig. 6.7).

5. CONCLUSÕES

Embora os artefactos de azeviche surjam, por vezes constituindo conjuntos numerosos, sobretudo quando precedentes de contextos funerários, de igrejas e conventos, pouco se sabe sobre a origem precisa de tal matéria-prima, dada a ausência de análises, como sobre a extensão do polimorfismo dos objectos, no que concerne à sua cronologia ou até sobre aspectos funcionais e simbólicos.

Conforme referimos, no Convento de Santana, apenas nove contas, num universo de 43 provêm de duas sepulturas (sepulturas 24 e 28), procedendo os restantes artefactos de azeviche de fossas detriticas e do conteúdo de três poços, então desactivados e igualmente reutilizados como lixeiras. Também as peças de azeviche da Igreja de Santa Maria do Castelo, de Torres Novas, tal como as do Poço-Cisterna, de Silves, estavam destituídas de contexto funcional e muito afastadas da sua utilização primária.

Apesar dos constrangimentos referidos, o contexto dos azeviches do Convento de Santana, situado maioritariamente entre os finais do século XVI e os inícios do século XVIII, demonstra, em ambiente rico e requintado, conforme evidencia a grande quantidade de porcelanas exumadas a par de ou-

tros itens dispendiosos, o interesse por artefactos, sobretudo de devoção, em tal matéria-prima, que não chegava a ser considerada semi-preciosa.

Tal aceitação deve explicar-se devido à tradição que ligava o azeviche a funções apotropaicas e profilácticas, como às suas qualidades plásticas e estéticas, nomeadamente o brilho e a cor negra, sendo esta a dominante nos quotidianos europeus e não só religiosos, dos séculos XVI e XVII, desde o traje ao mobiliário, aspecto em parte devido à austeridade contra-reformista.

Inserem-se naquele quadro os artefactos religiosos e/ou devocionais, mas também os amuletos, como a figa, que a Igreja Católica fez por ignorar e que tiveram grande difusão. Alguns botões com azeviche, do Convento de Santana, ilustram função prosaica, embora reflectindo poder económico de quem os usava. Quanto aos anéis e ao leão rampante, são adereços singelos, usados por membros da população conventual e que alargam o já diversificado catálogo das produções artefactuais de azeviche durante a Idade Moderna.

BIBLIOGRAFIA

AAW (1906) – Azulejos. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*, 4ª série, tomo X, nº 6, pp. 303, 304.

AAW (1907) – Azulejos. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*, 4ª série, tomo X, nº 6, pp. 282-288.

BARDI, Pietro Maria (1969) – *L'Ópera Completa di Diego Velázquez*. Milano: Classici dell'Arte, Rizzoli Editore.

BOAVIDA, Carlos (2014) – *Do Castelo. Do Tempo. Arqueologia no Castelo Branco*. Castelo Branco: Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior.

BOAVIDA, Carlos (2016) – “Objectos de uso pessoal medievais e modernos no Castelo de Castelo Branco” in Vilaça, R. (coord.) *II Congresso Internacional da Região de Castelo Branco*. Castelo Branco: Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, pp. 391-405.

CARDOSO, Guilherme (2007) – A Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Cadaval. Trabalhos arqueológicos realizados em 2003. *Arqueologia do Cadaval*, 3. Cadaval: Câmara Municipal do Cadaval.

CÔRTE-REAL, Artur (2008) – *Mosteiro de Santa Clara de Coimbra. Do Convento à Ruína, da Ruína à Contemporaneidade*. Coimbra: Direcção Regional de Cultura do Centro.

COSTA, Anabela Pinheiro Teixeira da (2008) – *Estudo Petrográfico e Geoquímico das Ocorrências de Azeviche da Região da Batalha – Portugal*. Dissertação de Mestrado em Geomateriais e Recursos Geológicos apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

DANTAS, Júlio (1966) – *Lisboa dos Nossos Avós*. Lisboa: Gráfica Santelmo.

DEAGAN, Kathleen (2002) – *Artifacts of the Spanish Colonies of Florida and the Caribbean, 1500-1800. Volume 2 Portable, Personal Possessions*. Washington: Smithsonian Institution Press.

FERNANDEZ MONTAÑA, José (1881) – *Lapidario del Rey D. Afonso X. Códice Original*. Madrid: Imprenta de la Iberia.

FRANCO, Luís F. Farinha (1973-74) – Um Livro de Visitações à Igreja de Sant'Ana de Lisboa (1570-1598). *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. II: LXXIX-LXXX, pp. 61-89.

FRANCO MATA, Ángela (1996) – “Las minas de azabache asturianas y el arte” in *Actas de las I Jornadas sobre Minería y Tecnología en la Edad Media Peninsular*. Madrid: Fundación Hullera Vasco-Leonesa, pp. 91-100.

FREIRE, Anselmo Braancamp (1914) – Inventário da Infanta D. Beatriz – 1507. *Archivo Historico Portuguez*, IX, pp. 64-110.

GARCIA, José Manuel (2014) – A representação dos conventos de Lisboa cerca de 1567 na primeira planta da cidade. *Revista de História da Arte*, 11, pp. 34-49.

GIL, Luís Serrão (2015) – “Pendente” in Teixeira, A.; Villada-Paredes, F.; Silva, R. B. (coord.) *Lisboa, 1415, Ceuta. História de Duas Cidades*. Ceuta: Ciudad Autonoma de Ceuta e Câmara Municipal de Lisboa, p. 109.

GILCHRIST, Roberta (2008) – Magic for the dead? The archaeology of magic in later medieval burials. *Medieval Archaeology*. 52:1, pp. 119-159.

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (2007) – Escavações arqueológicas no Convento de Santana, em Lisboa. Resultados preliminares. *Olisipo*, 27 – S. II, pp. 75-92.

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel (2015) – Convents, monasteries and porcelain: a case study of Santana Convent, Lisbon. *Global Pottery 1. Historical Archaeology and Archaeometry for Societies in Contact*. British Archaeological Reports, International Series 2761. Oxford: Archaeopress, pp. 93-101.

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel (2016) – “Portuguese faience in Santana Convent, Lis-

- bon" in Gomes, R. V.; Casimiro, T. M.; Gomes, M. V. (edit.) *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, pp. 79-90.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; GONÇALVES, Joana (2017) – "Objectos de uso pessoal, produzidos em matéria animal, do Convento de Santana, de Lisboa" in Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R. B. (coord.) *Uma Cidade em Escavação – I Encontro de Arqueologia de Lisboa*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, pp. 85-105.
- GOMEZ-TABANERA, José Manuel (1977) – Azabache, amuleto de la vieja Europa y âmbar negro de Asturias. *Boletín del Instituto de Estudios Asturianos*, 31(90-91), pp. 383-413.
- HILDBURGH, Walter Leo (1906) – Notes on Spanish amulets. *Folklore*, 17(4), pp. 454-471.
- HILDBURGH, Walter Leo (1913) – Further notes on Spanish amulets. *Folklore*, 24(1), pp. 63-74.
- JARGSTORF, Sibylle (1995) – *Glass Beads from Europe: With Value Guide*. Atglen: Shiffer Publishing Ltd.
- LEÃO, Duarte Nunez do (2002) – *Descrição do Reino de Portugal*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa.
- LOPES, Carla; RAMALHO, Maria M. B. Magalhães (2002) – "Rosário ou terço" in Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J. (coord.) *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 200.
- LOPES, Carla; RAMALHO, Maria M. B. Magalhães (2002a) – "Figa" in Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J. (coord.) *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 202.
- MALAQUIAS, Isabel; PEREIRA, Virgínia Soares (2015) – "O mundo mineral nos comentários a Dioscórides de Amato Lusitano" in Andrade, A. M. L.; Mora, C. M.; Torrão, J. M. N. (coord.) *Humanismo e Ciência. Antiguidade e Renascimento*. Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 387-411.
- MARTINS, Andrea Cristina Rodrigues (2000) – *Tampas de Faiança e de Porcelana do Convento de Santa Ana*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- MARTINS, Rocha (1945) – *Lisboa de Ontem e de Hoje*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- MONTEIRO, Patrícia Alexandra R. (2005) – Efeitos do Terramoto de 1755 nos conventos de Lisboa: Os casos dos conventos de Sant'Ana e de N.ª Sr.ª da Conceição de Agostinhas Descalças (Grilas). *Olisipo*, S.II:22/23, pp. 50-61.
- MORALES, Gaspar de (1605) – *Libro de las Virtudes y Propiedades Maravillosas de las Piedras Preciosas*. Madrid: Luiz Sanchez.
- MORRIS, Desmond (2001) – *Guardianes del Cuerpo. Amuletos y Objetos Protectores*. Barcelona: Plaza & Janés Editores S.A.
- PEREIRA, Luiz Gonzaga (1927) – *Monumentos Sacros de Lisboa de 1833*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- PIERCE, Elizabeth (2013) – Jet cross pendants from the British Isles and beyond: forms, distribution and use. *Medieval Archaeology*, 57:1, pp. 198-211.
- PINTO, Fernão Mendes (2004) – *Peregrinação*. Lisboa: Edição Expresso.
- PIRES DE LIMA, Durval (ed.) (1972) – *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- SARDINHA, Olinda (1990-92) – Olarias pedradas portuguesas: Contribuição para o seu estudo. Os objectos procedentes do Convento de Santa Ana e do Hospital Real de Todos-os-Santos. *O Arqueólogo Português*, Série IV: 8-10, pp. 487-512.
- SARMENTO, Francisco Martins (1998) – *Antiqua, Tradições e Cantos Populares*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- SERRÃO, Vítor Manuel Veríssimo (2014) – As artes decorativas na colecção palaciana do 1º Conde de Basto, D. Fernando de Castro em Évora no Tempo dos Filipes. *Artis*, 2, pp. 9-21.
- SUÁREZ-RUIZ, Isabel; IGLESIAS, María José (2007) – Spanish jet: something more than a gemstone with magical properties. *Energeia*, 18(1), pp. 1-3.
- TEIXEIRA, André; GIL, Luís Serrão (2012) – Cada botão sua casa. Indumentária recuperada nas escavações arqueológicas da fragata Santo António de Taná, naufragada em Mombaça em 1697" in Teixeira, A.; Bettencourt, J. A. (coord.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, 2. Lisboa: Centro de História de Além-Mar FCSH/UNL e Univ. Açores, pp. 671-682.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1892) – *Sur les Amulettes Portugaises*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1897) – *Religiões da Lusitânia*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1925) – *A Figa. Estudo de Etnografia Comparativa, Precedido de Algumas Palavras a Respeito do "Sobrenatural" na Medicina Popular Portuguesa*. Porto: Araújo e Sobrinhos Suc.^{res}.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1961) – *Estudos de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- VIEGAS, P^{de} Sebastião de Almeida (1893) – *A Verdade Àcerca dos Ossos de Luiz de Camões*. Lisboa: Academia Real das Sciencias.
- VIEIRA DA SILVA, Augusto (1950) – *Plantas Topográficas de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

VIÑAGO GONZÁLEZ, Antonio (1996) – Pedras y metales sanadores. El Lapidário del *Hortus Sanitatis* in *Actas de las I Jornadas sobre Minería y Tecnología en la Edad Media Peninsular*. Madrid: Fundación Hullera Vasco-Leonesa, pp. 615-621.

VITERBO, Francisco de Sousa (1899) – *Diccionario Historico e Documetal dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional.

Original entregue para publicação em 27.4.2017.

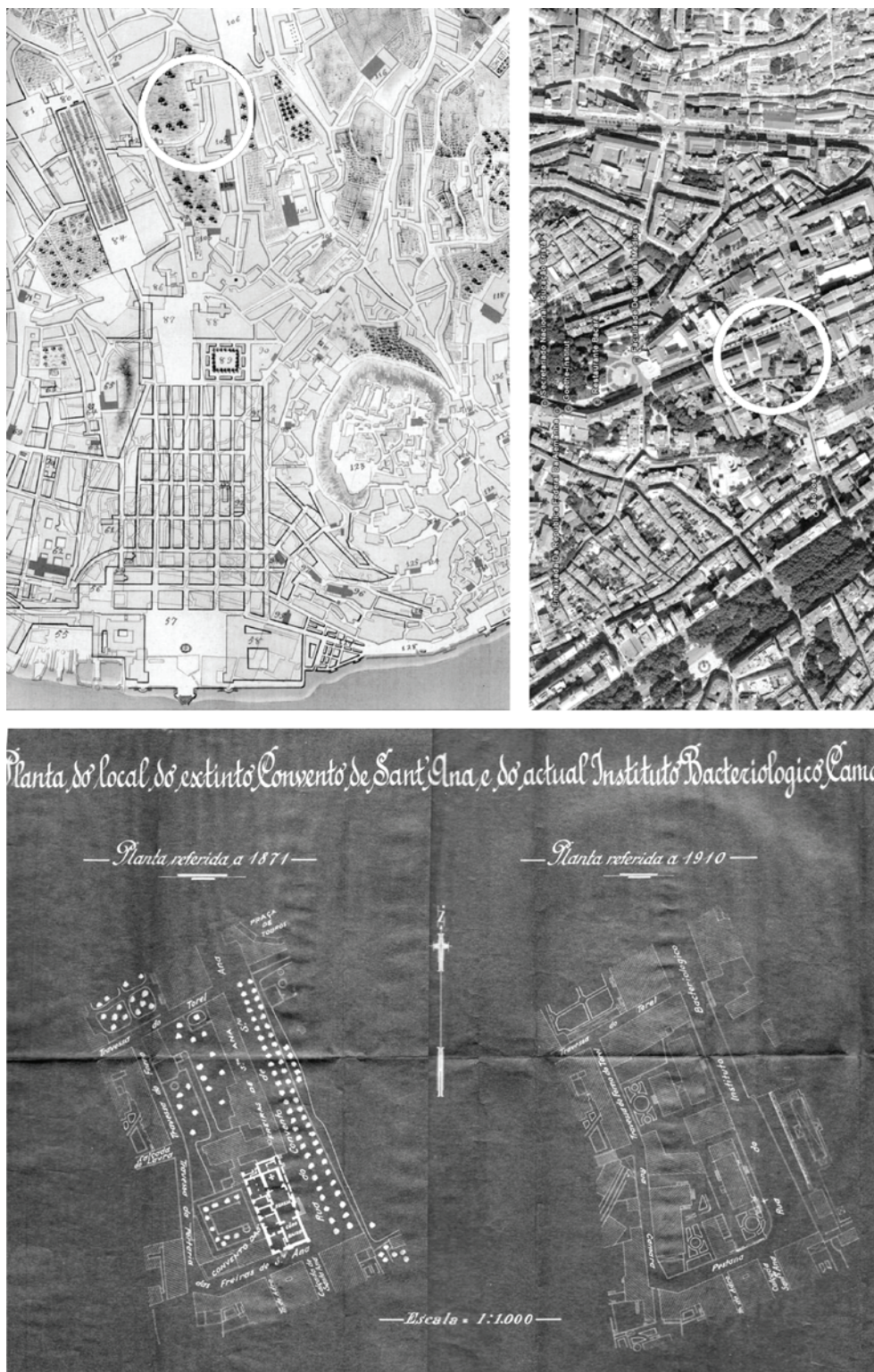


Figura 1 – Localização do Convento de Santana, em sector de planta de Lisboa, dos finais do século XVIII (seg. A. Vieira da Silva, 1950, planta nº 4) e em fotografia aérea actual (GoogleMaps). Planta do Convento de Santana e instalações do Instituto Bacteriológico (1871, 1910) (Colecção A. Vieira da Silva, do Gabinete de Estudos Oisiponenses, C. M. Lisboa).



Figura 2 – Convento de Santana. Pendentes cordiformes, figas, cruz, leão, anel, botão e contas (fotos J. Gonçalves).

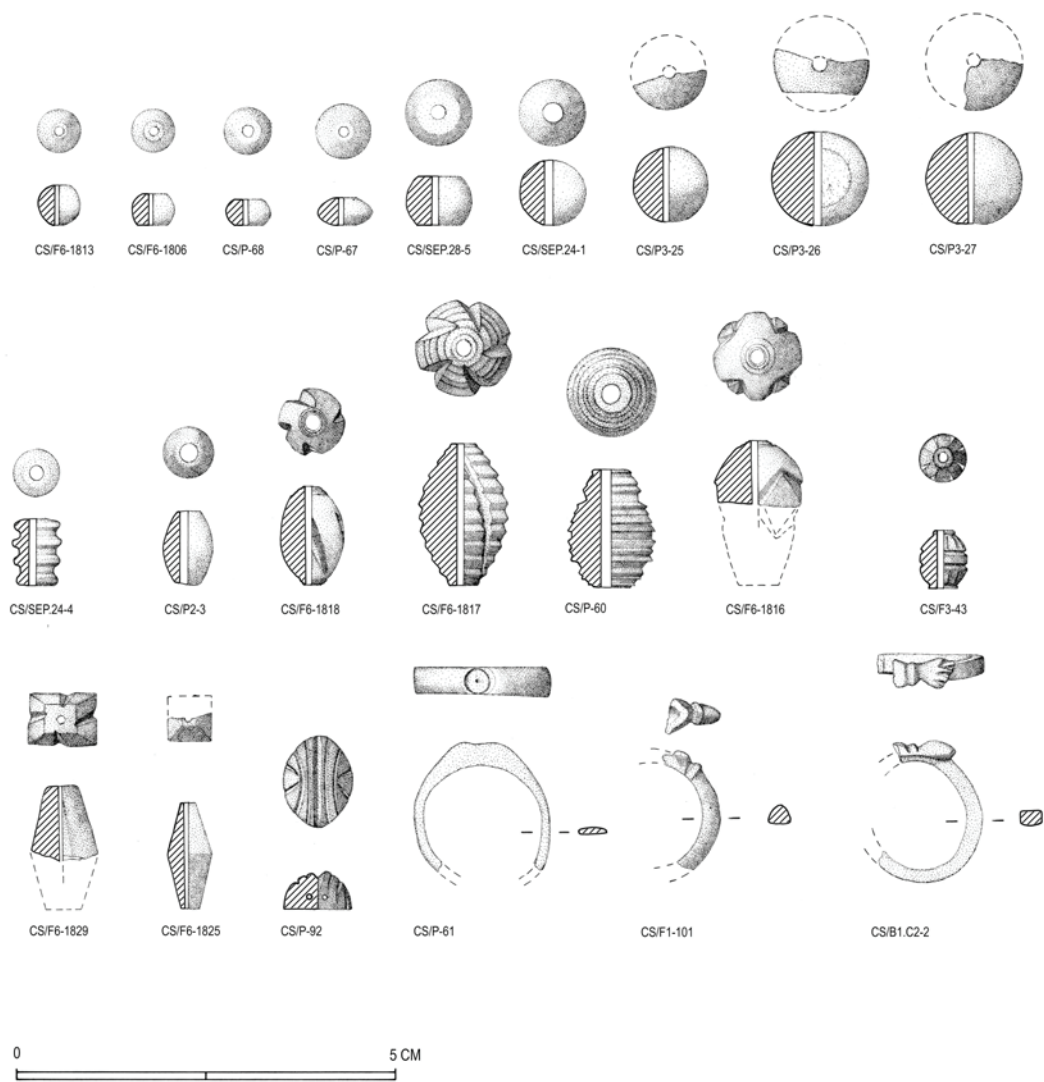
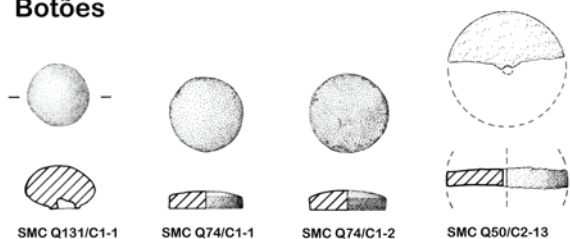
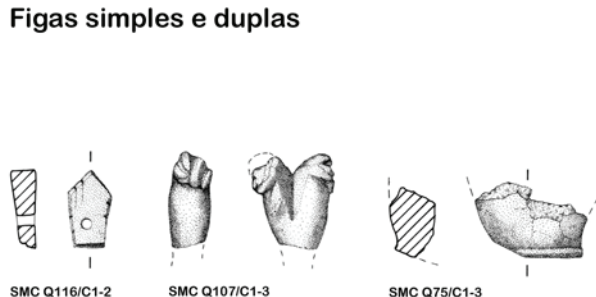


Figura 3 – Convento de Santana. Objectos de azeviche (séculos XVI-XVIII) (des. J. Gonçalves).

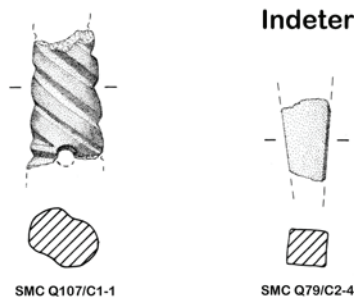
Botões



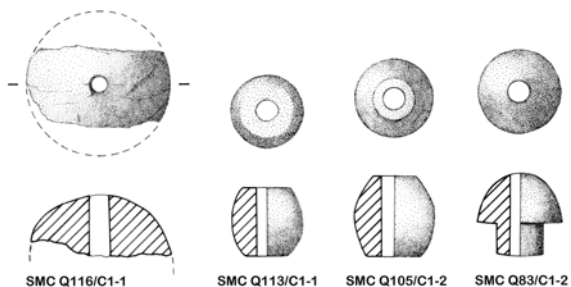
Figas simples e duplas



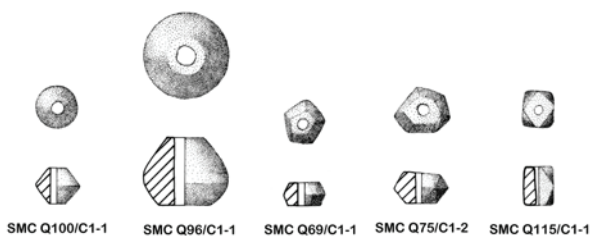
Indeterminado



Contas esféricas, ovóides e hemisféricas



Contas bitroncocónicas e poliédricas



Contas balaústres

Contas de fantasia

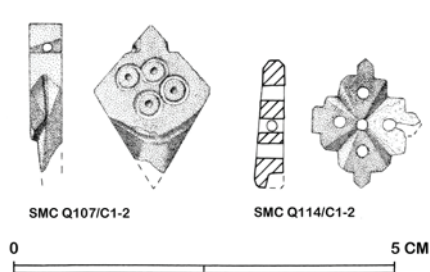
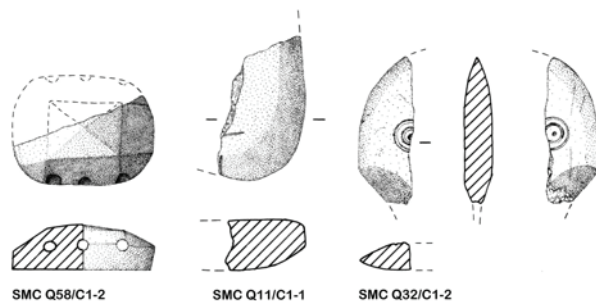
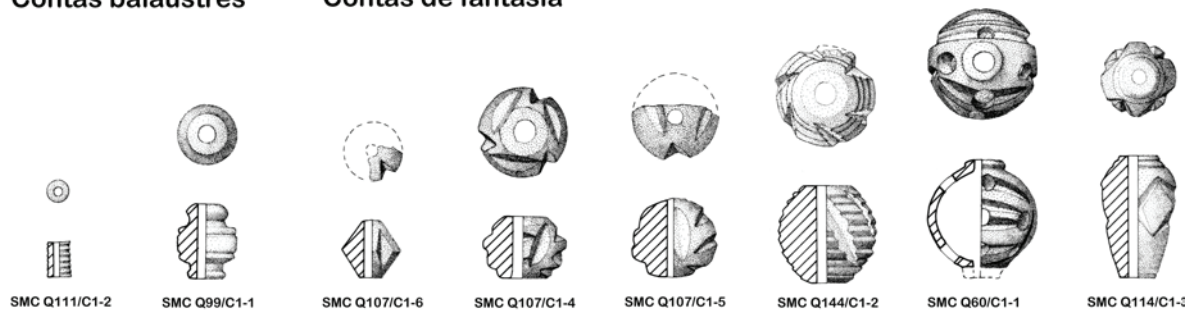


Figura 4 – Objectos de azeviche da Igreja de Santa Maria do Castelo, de Torres Novas (séculos XVI-XVIII) (des. J. Gonçalves).



A



B



C

Figura 5 – A. Infanta Ana Maurícia de Áustria, pintada por Pantoja de la Cruz, em 1602 (pormenores); B. Príncipe Felipe Próspero (1657-1661), pintado por Velázquez em 1659 (pormenores); C. Monjas e dama da Família Augsburg, com terços, mostrando um pendente cordiforme e outro figa (seg. S. Jargstorf, 1995, pp. 26, 45).



Figura 6 – Ocorrências de azeviche na Europa Ocidental (as localizações são aproximadas).

A BATALHA DO VIMEIRO NUMA PERSPETIVA ARQUEOLÓGICA

Rui Ribolhos Filipe

Arqueólogo – Instituto de Arqueologia e Paleociências (IAP) – FCSH/UNL / rui.ribolhos@gmail.com

Resumo

Este artigo resume os trabalhos arqueológicos realizados em 2014/2015 no Campo de Batalha do Vimeiro (21 de Agosto de 1808), ação travada entre tropas Luso-Britânicas e Napoleónicas durante a Guerra Peninsular (1807-1814). Visou, para além da identificação específica do local do Combate da Colina do Vimeiro, resgatar arqueologicamente a informação possível acerca do mesmo. O resultado das sondagens, a recolha de um conjunto de artefactos, seu estudo quanto à função, nacionalidade e localização no espaço, confrontadas com as fontes históricas e topografia do terreno, permitiram desenvolver uma proposta mais realista do acontecimento.

Palavras-chave: Arqueologia Militar, Sondagem, Vimeiro, Projéteis, Botões.

Abstract

This article resumes the archaeological field work during 2014-2015 at the Battlefield of Vimeiro (21st August 1808), battle that opposed the British and Portuguese Army against the Napoleonic forces during the Peninsular War (1807-1814). Its focus, in addition of locating the specific place where the action at Vimeiro Hill happened, was the recovery of archaeological data. The survey results, the recovery of battle related artefacts, the study about their function, nationality and location in area, related with the historical data and local topography, allowed to develop a more real vision of the events.

Keywords: Battlefield Archaeology, Survey, Vimeiro, Projectiles, Buttons.

1. INTRODUÇÃO

Durante o ano de 2014 procedeu-se a uma intervenção arqueológica no campo de Batalha do Vimeiro, Lourinhã. Os trabalhos, dirigidos por F. E. Rodrigues Ferreira (1943-2014) continuados por Rui Ribolhos Filipe (IAP-FCSH-UNL) e Conceição Rodrigues Ferreira (AAP), foram constituídos por sondagens geofísicas, tendo como objetivos, determinar a localização do local deste importante acontecimento da Guerra Peninsular (1807-1814), bem como, através do estudo dos dados/espólio recolhidos, compreender a dinâmica dos acontecimentos.

Esta batalha reveste-se de grande importância por vários fatores: primeiro, tratou-se da primeira grande vitória do exército aliado Anglo-Luso, sob o comando de Sir Arthur Wellesley, futuro Duque de Wellington, contra o exército Napoleónico¹. Segundo, serviu ao Duque como teste de táticas militares eficazes contra a bem “oleada” máquina de guerra francesa: linhas defensivas bem treinadas em contra costa, o uso da carabina Baker² por atiradores especiais e o uso do projétil explosivo denominado por granada *Shrapnel*. Lição que fará uso em diversas batalhas e contra a qual os Franceses não encontraram resposta tática.

Por último, é esta vitória crucial que o levará a assumir o comando dos exércitos aliados, até à derrota final de Napoleão em Waterloo (1815).

A 21 de Agosto de 1808 as tropas Luso-Britânicas estacionadas no Vimeiro³ foram atacadas pelo General Jean-Andoche Junot. Após o Combate da Rolíça, a 17 de Agosto, o General Francês manobrando a partir de Torres Vedras, marchou com 13.000 homens ao encontro dos aliados, de modo a travar uma batalha decisiva. Assumindo posições defen-

sivas e aproveitando a geografia do terreno, os Britânicos em número de 19.000 homens, sustiveram vários ataques Franceses.

Após o desgaste das tropas atacantes, Sir Arthur Wellesley ordenou ações de contra ataque, conseguindo vencer os Franceses em todas as frentes, infligindo-lhes grandes baixas e capturando grande parte das peças de Artilharia. A vitória não foi totalmente explorada, devido a mudanças no comando aliado, permitindo a retirada dos Franceses com todas as consequências refletidas mais tarde, na Convenção de Sintra.

2. EM BUSCA DO CAMPO DE BATALHA, ONDE ESCAVAR?

Os trabalhos iniciaram-se com o estudo em gabinete, das várias fontes disponíveis, com a recolha de documentação histórica⁴ como diários, relatórios e memórias. Beneficiou-se da enorme produção documental realizada por testemunhas oculares, das várias nações envolvidas. Outras fontes foram igualmente consideradas, como a cartografia, a geografia, os achados fortuitos, prestando-se também atenção à toponímia⁵ e ao património imaterial (histórias e folclore local), com interessantes resultados.

Neste campo foram recolhidos topónimos que sugeriam alguma memória/relação com a batalha: *Lagoa de Sangue*, local que segundo a tradição o “a quantidade de sangue era tal que passava os cascos dos cavalos”, o *Pinhal Trombeta*, onde “os Franceses tocaram as trombetas para iniciar o ataque” e o *Alto do Cutelo*. De salientar também algumas histórias contadas pelos mais velhos, onde se misturam o período das Invasões Francesas e a Primeira Grande Guerra⁶.

¹ Sendo decisiva para a expulsão do exército do General Junot, em Portugal desde 1807.

² A única arma em batalha de cano estriado, permitindo ao projétil percorrer o dobro da distância da espingarda convencional, bem como com maior precisão.

³ Protegendo o desembarque de reforços em Porto Novo, Maceira.

⁴ Com uma leitura crítica face a vencedores e vencidos: *a história é escrita pelos vencedores*.

⁵ Por exemplo, o local selecionado para a investigação tinha o sugestivo topónimo local de *Alto do Cutelo*.

⁶ Alguns dos habitantes participaram na Grande Guerra trazendo histórias, razão pela qual nas descrições populares surgiram “ninhos de metralhadoras” e mesmo trincheiras enlameadas.

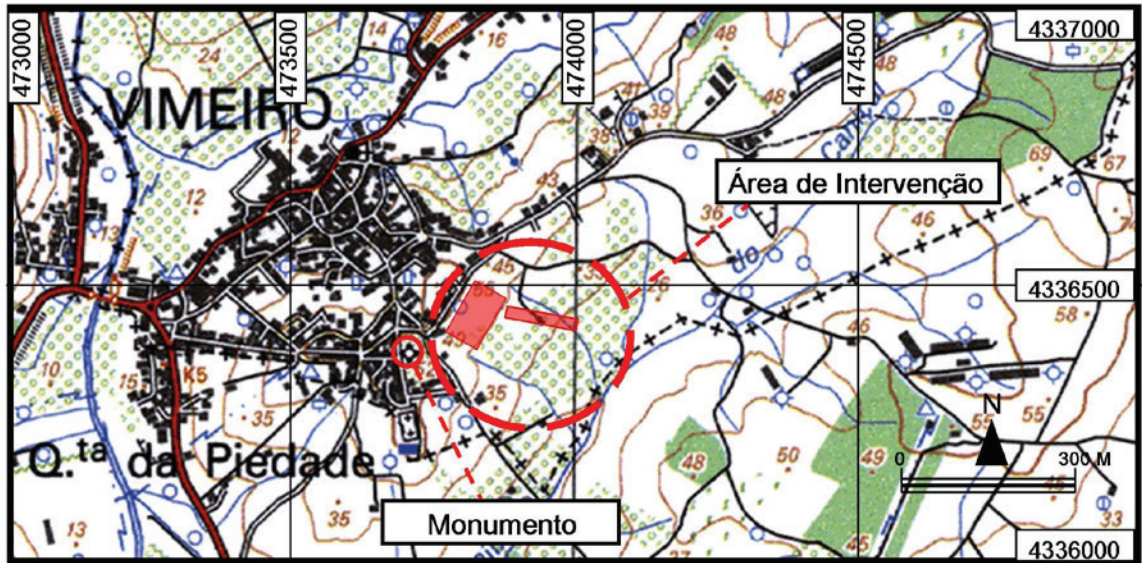


Figura 1 – Localização da área de intervenção. Pormenor da Carta militar 361.

Com base nas fontes mencionadas, constatou-se uma primeira problemática – a vastidão da área considerada como de campo de batalha. Foram identificadas três áreas principais, locais de choque entre os exércitos (Colina, Adro da Igreja e Ventosa) mas também outras onde se travaram escaramuças, onde se estabeleceram Quartéis-generais, acampamentos, parques logísticos, etc.

Foi determinada a escolha de uma área que permitisse, em nosso entender, uma amostra que responde-se aos objetivos propostos. Deste modo foi selecionada a área na encosta a *Este* da colina do Vimieiro (Figura 1), perto do monumento do primeiro centenário. Com base nas fontes, corresponderia de grosso modo, à principal linha de defesa Britânica (flanco direito) organizada por Sir Arthur Wellesley e atacada pelos Franceses de Junot. Deu-se primazia à leitura da informação histórica dos acontecimentos ali ocorridos, ou seja procurou-se focar a atenção nas descrições históricas da parte de figuras presentes no local⁷.

⁷ Tendo em conta sempre a visão geral da batalha.

3. A METODOLOGIA DA BATTLEFIELD ARCHAEOLOGY

Os trabalhos iniciaram-se nos finais de Outubro de 2014, após obtidas as respetivas autorizações da DGPC, bem como dos proprietários dos terrenos. A área de intervenção foi delimitada por dois transeptos, ÁREA 1 e ÁREA 2 (Figura 2), com um quadrícula de 20m x 20m. A ÁREA 1 com uma dimensão de 60m x 100m (6000m²) e a ÁREA 2 com 20m x 120m (2400m²).

A escolha das áreas baseou-se em dois fatores fundamentais: a procura da linha defensiva Britânica, zona de choque com a vanguarda Francesa na ÁREA 1 (seguindo paralela à hoje Rua da Vitória) e na ÁREA 2, procurou-se identificar as dinâmicas de progressão/retirada das tropas Francesas na encosta da colina.

Recorrer a uma área de amostra tão vasta parece uma proposta hercúlea para uma escavação convencional, mas não para o objeto de estudo em questão. De facto os campos de batalha da Idade Moderna tendem a cobrir enormes áreas de terreno devido às táticas da época e ao grande número de combatentes presentes. Esta situação leva a um cenário arqueológico de grande dispersão de artefactos em

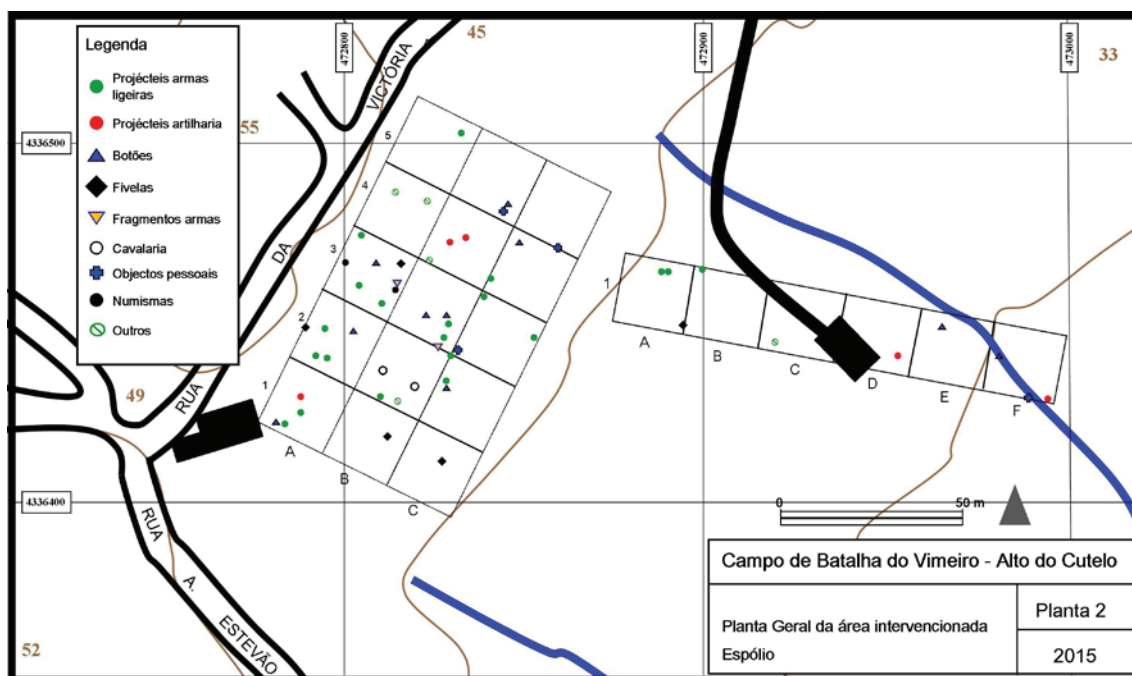


Figura 2 – Planta geral da área intervencionada.

área, com existência de zonas de maiores concentrações onde os combates terão sido mais intensos.

O espólio é geralmente constituído por artefactos metálicos. Este facto levou à escolha de uma sondagem geofísica com recurso a detetor de metais e posterior escavação localizada. Esta metodologia utilizada nos E.U.A. (Batalhas de *Little Big Horn*, *Monmouth*, *Budfords*, etc) e no Reino Unido (Batalhas de *Culloden*, *Bannockburn*, *Sedgemoor*, etc) tem permitido importantes resultados na localização de campos de batalha e no estudo das suas dinâmicas:

“O método mais preciso de avaliar um sítio arqueológico é escavando quadrículas tipicamente com (...) 1m x 1m. Os solos são retirados com recurso a colherins e pás e a localização dos artefactos precisamente identificada. Este método não é prático devido às batalhas cobrirem grandes áreas. Um campo de batalha iria necessitar da escavação de milhares de quadrículas. (Sivilich, 2005)

“Um óbvio legado de uma batalha são as grandes quantidades de objetos metálicos perdidos. Dependendo do período da batalha, podem incluir pontas de flechas, pontas de lanças, espadas,

balas de mosquete, balas de canhão e outros projéteis, não falando das fivelas, botões e medalhas arrancadas dos uniformes durante o corpo-a-corpo. Qualquer estudo de um campo de batalha tem que incluir a recolha e registo desse material, e a forma mais prática de o fazer é com recurso ao detetor de metais” (Pollard & Oliver, 2002).

A Batalha do Vimieiro é de uma tipologia de ação em campo aberto, não havendo alteração/adaptação do terreno com a construção de trincheiras, baluartes ou acampamentos fortificados⁸, não sendo metodologicamente prática a escavação em área.

A sinalização exata da posição de cada artefacto, através de vários terminais GPS⁹ permitiu posteriormente em gabinete, a construção de um Sistema de Informação Geográfica (SIG). As conclusões resultantes da campanha basearam-se na leitura da batalha através da dispersão do espólio, sua funcio-

⁸ Pelas descrições o local era protegido naturalmente por um Pinhal, que simultaneamente ocultava as tropas Luso-Britânicas.

⁹ Acompanhada simultaneamente com a medição tridimensional na quadrícula.

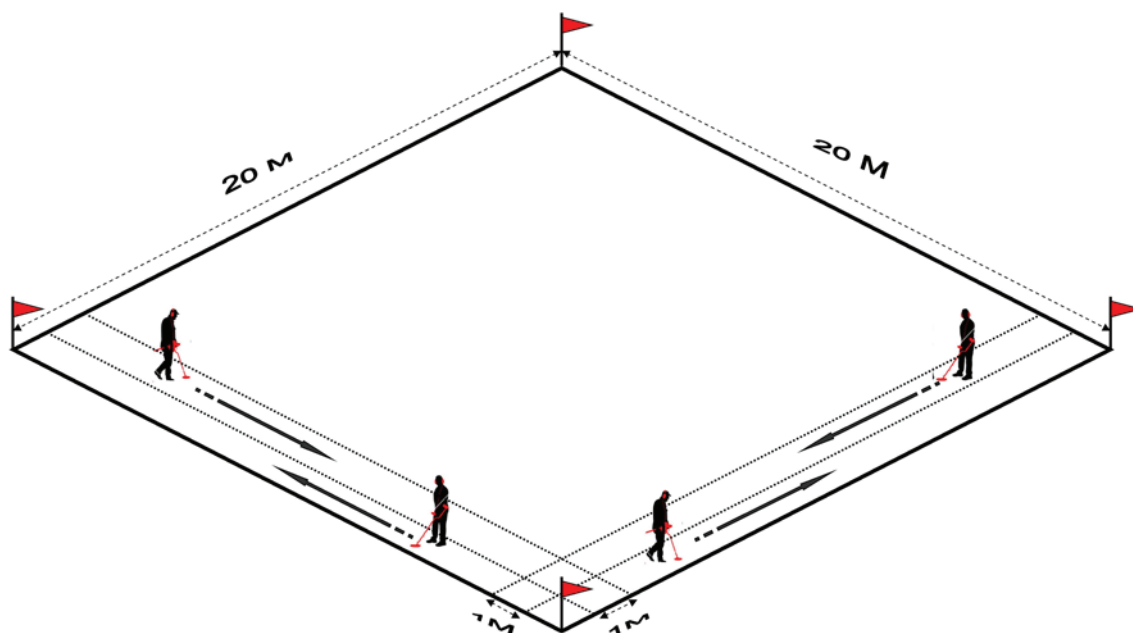


Figura 3 – Metodologia de aplicação prática do detetor de metais no Vimeiro.

nalidade e nação de origem do mesmo, sua relação com a topografia do terreno e correlação com as fontes históricas.

4. TRABALHO DE CAMPO

A prospeção geofísica seguiu metodologia própria, de modo a percorrer a zona selecionada integralmente. Foram criados vários corredores dentro das quadrículas com 1m de largura, que permitiram uma prospeção linear com cruzamento permitindo uma dupla passagem (Figura 3). A prospeção beneficiou das condições do terreno que se apresentava apenas com um manto herbáceo rasteiro, quase idêntico a um relvado.

Embora com uma passagem intensa do detetor de metais, temos a plena noção pela experiência em trabalhos similares, da possibilidade de nem todos os artefactos serem identificados (Pollard, 2011). O detetor pode ser afetado pela profundidade dos alvos, pela humidade dos solos ou mesmo pela experiência do operador. Outro facto é a ação da maquinaria agrícola que revolve o terreno, fazem

do migrar artefactos para o fundo numa lavra e na seguinte trazendo-os mais à superfície. A estes aspetos soma-se a ainda a probabilidade da atividade de caça ao tesouro¹⁰.

Os possíveis alvos de interesse localizados pelo aparelho foram marcados através de bandeirolas, para posteriormente realizar-se, com todos os cuidados, a escavação dos mesmos.

Para tal foi construída uma caixa de metal para que a abertura de sondagens fosse limitada a uma área de 25cm x 30cm, de modo a obter sempre uma caixa de sondagem estandardizada. A escavação foi realizada da seguinte forma: primeiro a limpeza superficial do manto herbáceo em torno do alvo, seguida da colocação da caixa de sondagem e escavação do seu interior com recurso a colherim. Aquando da identificação dos alvos foram registadas as coordenadas com recurso a aparelhos GPS e medição métrica tridimensional.

Após serem postos a descoberto, os artefactos

¹⁰ Esta atividade destrói por completo a informação arqueologia de um sítio.

foram alvo do protocolo de catalogação em campo. Juntamente com o espólio relacionado com os combates foram também identificados elementos de contaminação¹¹, ou seja, lixos contemporâneos descartados no local.

5. O ESPÓLIO E SUA INTERPRETAÇÃO

Foram recolhidos um total de 55 artefactos durante o trabalho de prospeção na Colina do Vimeiro. Destes conjuntos 48 estão relacionados com a batalha, 5 deixam algumas dúvidas e 2 são numismas com cronologias posteriores ao acontecimento. Organizámos o espólio recolhido nas seguintes categorias: Projéteis de Armas Ligeiras (36,4%), Projéteis de Artilharia (9,1%), Botões (18,2%), Fivelas (9,1%), Fragmentos de Armas (3,6%), Cavalaria (3,6%), Objetos Pessoais (7,3%), Numismas (3,6%) e Outros (9,1%).

Os projéteis de armas ligeiras foram a categoria de artefactos com maior predominância, em total sintonia com os resultados de outras prospeções em campos de batalha modernos já mencionados. Curiosamente não havia notícia da recolha de achados fortuitos na área em estudo, por comparação, noutros locais haviam sido recolhidos “baldes cheios de balas”¹².

5.1. Projéteis de Armas Ligeiras

Foram recolhidos 20 projéteis (Figura 4), em chumbo, atribuíveis a armas de fogo ligeiras. Trata-se de balas esféricas, sendo visível em algumas, deformações provenientes do impacto e noutras, a ausência de indicação que tenham sido disparadas. Para o estudo do conjunto, procurou-se identificar os modelos das armas em serviço de ambos os lados,

¹¹ Não contabilizados no trabalho, por exemplo latas de conservas, caricas, fragmentos de alumínio, etc. Pensamos que podem ter acompanhado estrumes domésticos, ou simplesmente despejados devido à proximidade do casario.

¹² Um dos trabalhos desenvolvidos foi a identificação com os proprietários, dos locais onde tradicionalmente eram recolhidos artefactos. A recolha de projéteis era economicamente viável para a população do Vimeiro, muito ligada à pesca. Sendo os projéteis em chumbo, matéria-prima ideal para a transformação em chumbadas/pesos.

determinando os calibres, partindo para uma correspondência entre arma e munição disparada.

Consideram-se como armas ligeiras espingardas, carabinas, clavinas e pistolas por comparação com a categoria das armas pesadas – as peças de Artilharia. Tanto o exército Luso-Britânico como Francês tinham no seu arsenal armas de fogo de fecho de pederneira¹³ com calibres estandardizados. Para os aliados a arma regulamentar principal era a espingarda de alma lisa *India Pattern* (vulgo *Brown Bess*), com um calibre de 19,06mm (Darling, 1970). Algumas unidades especiais britânicas tinham ao seu serviço a única arma de cano estriado a carabina Baker com calibre de 15,90mm. Os franceses tinham ao serviço a espingarda regulamentar de alma lisa *modèle 1777 corrigé an IX*, vulgo *Charville* (Silva & Regalado, 2010) com um calibre de 17,53mm.

A atribuição de uma proveniência para cada projétil é fundamental na arqueologia do campo de batalha moderno, pois sabendo-se “quem disparou”, pode-se identificar e delinear acontecimentos específicos em toda a extensão da ação.

Os trabalhos de arqueologia realizados em *Monmouth* (Sivilich, 2005) e *Buford's* (Butler, 2011) nos Estados Unidos da América e *Culloden* (Pollard, 2011) no Reino Unido permitiram apresentar estudos balísticos relacionados especificamente com estas armas, tendo como base a estandardização dos calibres.

Através da medição do peso dos projéteis é possível calcular o diâmetro original da bala e associá-la à arma que a disparou (Sivilich, 2005). A questão do cálculo do diâmetro é fundamental, visto que a grande maioria dos projéteis recolhidos, apresentam deformações resultantes quer do disparo como do impacto. Para tal foi por nós utilizada a fórmula matemática *Sivilich* (diâmetro em polegadas = $0,223204 \times \text{peso em gramas}^{1/3}$), com base nas características específicas do chumbo, nas impurezas e bolsas de ar resultantes na sua fundição.

¹³ Mecanismo onde ao premir o gatilho o cão movia uma pederneira contra a caçoleta criando faíscas e efetuando o disparo da arma.

Projéteis



CBV-AR1-A1-003



CBV-AR1-A1-004



CBV-AR1-A2-006



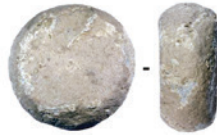
CBV-AR1-A2-007



CBV-AR1-A2-009



CBV-AR1-A3-011



CBV-AR1-A3-012



CBV-AR1-A5-020



CBV-AR1-B2-023



CBV-AR1-B2-026



CBV-AR1-B3-030



CBV-AR1-B3-031



CBV-AR1-C2-038



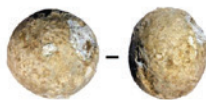
CBV-AR1-C3-040



CBV-AR1-C3-041



CBV-AR1-C4-043



CBV-AR2-A1-046



CBV-AR2-A1-047



CBV-AR2-B1-049



CBV-AR1-A3-015



Figura 4 – Projéteis de armas ligeiras.

Metralha ou Lanterna



CBV-AR1-B4-033



Granada ou Bomba—Estilhaço



CBV-AR1-A1-002



Figura 5 – Metralha e Fragmento de Granada.

Foi possível determinar que a maioria dos projéteis recolhidos correspondia a calibres de armas britânicas. Este facto parece corroborado com diversas descrições que apontam que no decorrer dos combates as linhas britânicas sustiveram os ataques franceses com superior poder de fogo¹⁴.

5.2. Projéteis de Artilharia

Foram recolhidos cinco artefactos relacionados com a artilharia, quatro fragmentos da carcaça (estilhaços) de bombas ou granadas explosivas e um projétil de metralha ou de lanterna. A metodologia de trabalho para o seu estudo iniciou-se com a identificação das peças de que haviam servido na batalha do Vimeiro, em especial as peças do trem de artilharia utilizadas no combate da Colina por britânicos e franceses.

Foram identificadas dois tipos de peças de artilharia: peças e obuses, sendo as primeiras o tipo mais comum, o que de grosso modo designamos por canhões e os obuses um tipo de peça muito mais curta, próprias para disparo de explosivos em trajetórias curvas¹⁵. O calibre das peças era designado pelo peso do projétil que disparavam em medida de libras e o calibre dos obuses era designado pelo diâmetro da “boca” medida em polegadas.

O exército Luso-Britânico destacou para a Colina do Vimeiro cerca de nove peças de artilharia: duas peças de 6 libras, cinco de 9 libras e dois obuses de 5^{1/2} polegadas (Leslie, 1908). Por seu lado, os franceses utilizaram um número indeterminado de peças de 3, 4, 6 libras e obuses de 5^{1/2} polegadas (Gurwood, 1835)¹⁶. Cada peça era acompanhada

¹⁴ As tropas aliadas no alto da colina formadas em linha, rentabilizando um maior poder de fogo ao invés das formações de ataque francesas formadas em profundidade/coluna.

¹⁵ Ideal para sobrepor muralhas ou neste caso colinas.

¹⁶ O total de peças de artilharia francesas no Vimeiro era de vinte e três. Não sabemos exatamente quantas estariam na nossa área de investigação. A contar com as que já estariam em ação, o General Foy trouxe para o combate oito peças que estavam na reserva. Quanto aos calibres existem algumas diferenças nos relatos embora tenhamos seguido a indicação, dada por Sir Arthur Wellesley nos seus despachos, baseada nos calibres de peças capturadas.

por um carro de munições, que transportava além daquelas, pólvora e apetrechos de guerra puxados por um determinado número de animais de tiro. O alcance efetivo dependia do calibre da peça mas de uma forma geral rondaria os mil metros para os projéteis de bala sólida, bombas e granadas, e cerca de trezentos metros para metralha e lanterna.

Com base nas características técnicas e métodos de fabricação dos projéteis da época (McConnell, 1988) foi possível identificar, com recurso à reconstituição das curvaturas e espessuras originais, as armas que as dispararam. Os fragmentos correspondem a projéteis de 9 libras e obuses de 5^{1/2} polegadas. A metralha (Figura 5) deverá ser parte de um conjunto de doze a trinta e quatro esferas compactadas num invólucro denominado *lanterna*¹⁷, sendo eficazes a curta distância contra densas formações de Infantaria. Estará relacionada, em nosso entender, com a artilharia aliada que disparou sobre o avanço Francês.

5.3. Armas

Foram recolhidos e identificados dois fragmentos de armas de fogo (Figura 6). Ambos em liga de cobre pertencem à espingarda regulamentar britânica *Brown Bess*. Durante as Guerras Napoleónicas foram produzidas enormes quantidades destas armas (Darling, 1970), não só para o Exército Britânico, bem como para os seus aliados, nos quais se incluía Portugal.

O primeiro corresponde a um fragmento de *guarda-mato* com um dos fixadores para integração na coronha de madeira e vestígios do passador em ferro para fixação da bandoleira. O segundo fragmento é de uma *contra platina* da espingarda. Servia para prender o fecho de pederneira à coronha recorrendo a dois parafusos. Podem ser resultado dos intensos combates corpo a corpo na colina¹⁸.

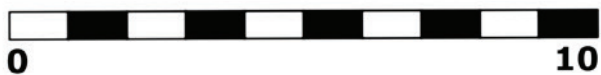
¹⁷ Semelhante a uma lata de grão.

¹⁸ A arma depois de “calada a baioneta” servia de lança/moca para o combate. A zona frágil do mecanismo é suscetível de se quebrar com o impacto. Por vezes explodiam no mecanismo por excesso de carga de pólvora.

Fragmento de Guarda-mato



CBV-AR1-A3-017



Contra -platina



CBV-AR1-B3-029



Figura 6 – Fragmentos de Espingarda Britânica *Brown Bess*.

Botões Regulamentares Franceses



Figura 7 – Botões Regimentais Franceses.

5.4. Botões

Foram recolhidos dez botões em metal, relacionados com o fardamento militar das tropas envolvidas nos combates. Os botões faziam parte de todos os uniformes militares da época, misturando o cariz utilitário com o decorativo (Filipe, 2016). Encontram-se presentes nas casacas, polainas, coletes, calças e camisas interiores, embora estes últimos tivessem normalmente botões em osso ou madeira¹⁹. Os botões de uniforme eram em metal, normalmente liga de cobre, dourados ou prateados, dependendo da nacionalidade, patente ou arma.

A partir da segunda metade do século XVIII, de uma forma geral, os regimentos começaram a adotar

¹⁹ No caso português botões de unha, fabricados a partir dos cascos de cavalos.

uma designação numérica e não de título (Latham, 2006), passando os botões a apresentar os respetivos números identificativos. Da amostra recolhida no Vimeiro foi possível identificar dois botões regimentais franceses, correspondendo aos Regimentos de Infantaria de linha 82º e 58º (Figura 7). Esta descoberta permitiu identificar estes dois regimentos no ataque à colina do Vimeiro. Foi ainda possível identificar três botões de origem britânica.

Um dos exemplares apresentava na face, vestígios do emblema da Ordem Britânica da Jarreteira ou do Cardo. Outros dois apresentavam marcas no anverso, correspondentes a fabricantes britânicos. Num destes foi mesmo possível identificar o nome *James Macgowan* (Figura 8), fornecedor de botões militares para o exército e marinha ingleses (Naylor, 1993).

Botões



Figura 8 – Botões Britânicos com respetivas marcas de fabricante.

Curiosamente o botão francês do Regimento número 58 levantou a interessante questão de que, pelas fontes históricas, não participara na ação da colina. Uma leitura mais atenta permitiu verificar que o General Junot criou dois regimentos especiais com as companhias de granadeiros de todos os Regimentos de Infantaria presentes no seu Exército. Esta unidade de elevada capacidade de combate, visto os granadeiros serem a elite profissional, participou no ataque à colina do Vimeiro como última tentativa para quebrar as defesas aliadas.

5.5. Fivelas

Cada soldado estava equipado com cerca de dezanove fivelas, distribuídas pelo variado equipamento militar: barretina²⁰, patrona²¹, mochila, talabarte²²,

²⁰ Cobertura para cabeça.

²¹ Bolsa em couro onde eram transportados os cartuchos das armas ligeiras.

²² Cintas de couro que cruzavam no peito de modo a suspender a patrona, a baioneta e o sabre.

cantil, polainas, arreios, etc., e igualmente pelas exigências da moda da época: sapato ou bota, suspensão de meia ao calção no joelho, etc. A recolha de cinco exemplares (quatro de formato quadrangular) que, a par dos botões, demonstram uma área de destroço e de confusão resultante dos combates corpo-a-corpo.

Foi recolhido um fragmento de fivela correspondente a um elemento em forma de âncora. Trata-se provavelmente de uma fivela para segurar a meia e o calção na zona do joelho por meio de uma fita (Whitehead, 1996). Outra possibilidade seria para apertar as polainas na zona do joelho, de modo a não descaírem com o movimento, normalmente utilizados pelas tropas francesas (Haythornthwaite, 1983).

Todo este conjunto encontra paralelos com os exemplares identificados em Étapes-Sur-Mer, todos compatíveis com o período da Guerra Peninsular (Lemaire, 2010). Igualmente em Almeida podem ser vistos alguns exemplares sobreviventes da explosão da fortaleza em 1810 (Museu Histórico e Militar de Almeida).

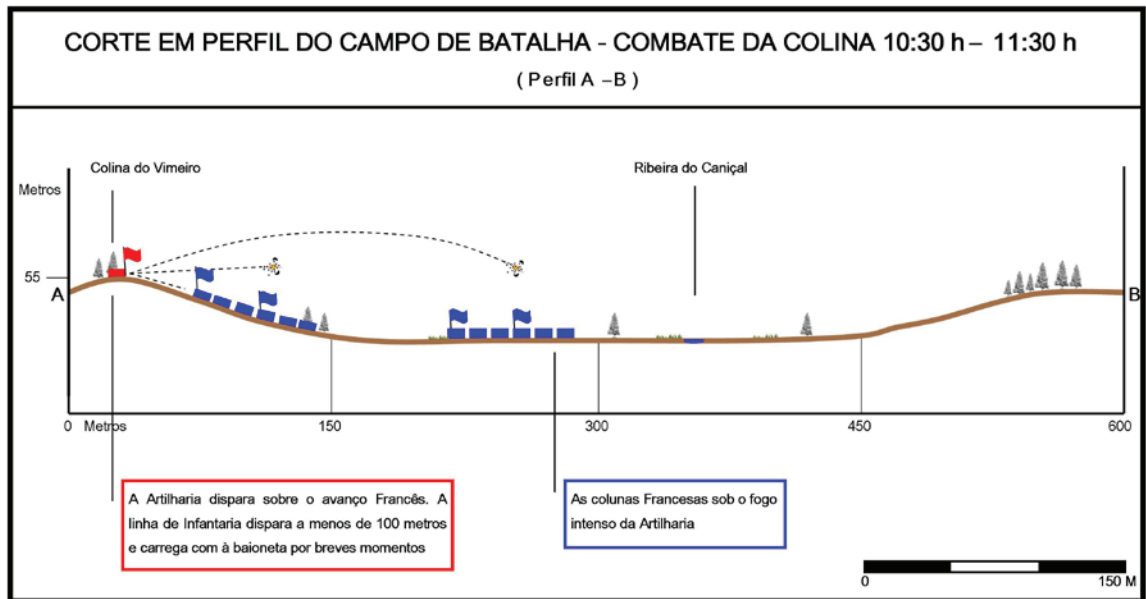


Figura 9 – Corte diacrónico da batalha com base nas fontes históricas e arqueológicas.

5.6. Objetos Pessoais

Foram recolhidos 4 artefactos que classificámos como objetos pessoais, relacionados com acessórios do soldado para a vivência do dia-a-dia.

Este grupo é constituído por parte de uma navalha, uma pequena medalha religiosa e dois fragmentos de talheres de mesa. O fragmento de navalha é composto por lâmina em ferro e chapas laterais em liga de cobre, sendo semelhante aos modelos civis/militares para o período em questão (Reid, 1997). A navalha era extremamente popular permitindo as mais variadas ações. Diversos exemplares idênticos foram recolhidos na escavação de Étaples-Sur-Mer (Lemaire, 2010).

A medalha religiosa em liga de cobre tem uma forma elíptica e pequenas dimensões (12,38mm x 7,67mm). A pequena argola de suspensão encontra-se partida e as imagens nas duas faces são ilegíveis. O aparecimento de artefactos religiosos encontra paralelos em outros sítios de conflito da época: Vilnius, na Lituânia (Signoli *et alii*, 2008), Waterloo, Bélgica (Bernard & Lachaux, 2005) e no acampamento de Étaples-Sur-Mer (Lemaire, 2010).

O fragmento de colher em liga de cobre parece apontar para uma cronologia dos finais do século

XVIII. Juntamente com o fragmento de garfo, em ferro, recolhido faria parte do equipamento do soldado embora consideramos que necessite de mais estudos quanto na relação da sua forma e o período em questão (Reid, 1997).

6. CONCLUSÕES

O espólio recolhido foi submetido ao estudo nas suas características particulares e na sua relação quanto à localização e espaço designado por campo de batalha. Esta constatação permitiu a confrontação dos dados recolhidos com as fontes documentais (testadas de uma forma crítica), de modo a identificar diferentes fases dos acontecimentos refutando-as, comprovando-as ou enriquecendo-as com a informação arqueológica.

A informação recolhida permite apontar em primeiro lugar, para a localização dos combates na colina. A concentração de artefactos nos últimos 50 metros do topo aponta para um cenário de intensa violência.

Esta avaliação arqueológica parece comprovar a tática de Wellington: permitir aos franceses avançar sobre a colina dando-lhes falsa impressão da faci-

lidade da tomada da mesma. Nesta ascensão, as formações francesas foram sendo atingidas pela artilharia²³ e atiradores especiais. Nos últimos 50 metros o grosso das tropas britânicas, até ao momento ocultas em contra costa, surgiram e surpreenderam os franceses com salvas de espingarda (Figura 9).

Por outro lado, para uma melhor rentabilização das espingardas à época, no que diz respeito ao acerto no alvo, tornava a distância de 50 metros ideal para causar o máximo de estrago.

Estas evidências são baseadas na quantidade de projéteis de origem inglesa recolhidos: as fontes históricas indicam que após uma/duas salvas, os britânicos carregaram à baioneta, enfrentando a vanguarda francesa. Esse cenário de combate *corpo a corpo* é comprovado pela arqueologia com a concentração de destroço na ÁREA 1, área de choque entre os dois exércitos. Botões, fivelas, objetos pessoais e armas partidas ilustram a violência do impacto e duelo pela posição.

Em suma, a investigação arqueológica no Vimeiro permitiu responder aos objetivos propostos. Foi possível localizar a batalha, mais concretamente a fase da batalha da colina e perceber volvidos duzentos anos, a sua dinâmica. O trabalho de investigação continua.

AGRADECIMENTOS

Um especial agradecimento à revista *Al-Madan* e ao Dr. Jorge Raposo pela publicação da primeira abordagem deste tema com o título *Balas, Botões e Fivelas: intervenção arqueológica no Campo de Batalha do Vimeiro* (Filipe, 2016). Agradecimentos também à Doutora Rosa Varela Gomes, Dr.ª. Conceição Rodrigues Ferreira, Dina Spencer, Dr. Nuno Pires, Dr. António Branco, Jorge Ferreira, Dr. Jorge Gradão, Maria Guerreiro e Arquiteta Márcia Pires.

BIBLIOGRAFIA

- BERNARD, Gilles; LACHAUX, Gérard (2005) – *Waterloo, Les Reliques*. Paris: Histoire et Collections.
- BUTLER, Scott (2011) – *Metal Detector Survey and Battlefield Delineation of the Buford's Massacre (Waxhaws) Revolutionary War Battlefield, SC Route 9 and SC Route 522 Intersection Improvements*. Columbia: South Carolina Department of Transportation.
- DARLING, Anthony (1970) – *Red Coat and Brown Bess*. Ottawa: Museum Restoration Service.
- FILIFE, Rui Ribolhos (2015) – Botões de Uniforme da Guerra Peninsular: Contributo para o estudo dos Botões Militares – Parte II – Botões Portugueses, Britânicos, Espanhóis e Franceses. *Te-lheiras Cadernos Culturais*, 8 – 2.º Série, pp. 126-133.
- FILIFE, Rui Ribolhos (2016) – Balas, Botões e Fivelas: Intervenção Arqueológica no Campo de batalha do Vimeiro. *Al-Madan Online.*, 20:2, pp. 101-105. Disponível em linha: <http://www.almadan.publ.pt/Último> [Consult. 31 Abril 2016].
- GURWOOD, Colonel (1835) – *The Dispatches of Field Marshal the Duke of Wellington, K.G.* London: John Murray Albemarle Street.
- HAYTHORNTHWAITE, Philip (1983) – *Napoleon's Line Infantry*. London: Osprey Publishing Ltd.
- LATHAM, Robert (2006) – *Discovering British Military Badges and Buttons*. Buckinghamshire: A Shire Book.
- LEMAIRE, Frédéric (2010) – *Le Matériel du Camp Napoléonien 1803-1805 – Rapport de Opération de Fouille Préventive*. Paris: INRAP.
- LESLIE, John (1908) – *The Services of the Royal Regiment of Artillery in The Peninsular War 1808 to 1814*. London: Hugh Rees Limited.
- MCCONNELL, David (1988) – *British Smooth-bore Artillery*. Ontario: National Historic Parks and Sites.
- NAYLER, Peter (1993) – *Military Button Manufacturers from the London Directories 1800-1899*. Ontario. Archaeological Services, National Historic Sites.
- POLLARD, Tony (2011) – *Culloden – The History and Archaeology of the Last Clan Battle*. South Yorkshire: Pen and Sword.
- POLLARD, Tony; OLIVER, Neil (1997) – *Two Men in a Trench. Battlefield Archaeology, The Key to Unlocking the Past*. London: Penguin Books.
- REID, Stuart (1997) – *British Redcoat (2) 1793 – 1815*. London: Osprey Publishing.
- SIGNOLI, Michel; VETTE; Thierry; DUTOUR, Olivier; ARDAGNA, Yann (dir.) (2002) – *Les Oubliés de La Retraite de Russie, Vilna 1812-Vilnius 2002*. Paris: Éditions Historiques Teissèdre.

²³ Comprovados pelo espólio desta tipologia.

SILVA, José António; REGALADO, Jaime Ferreira (2010) – *Armamento Ligeiro da Guerra Peninsular 1808-1814*. Porto: Fronteira do Caos Editores.

SIVILICH, Daniel M. (2005) – Evolution of Macro-Archaeology of the Battle of Monmouth – 1778 American Revolutionary War. *Battlefields Annual Review*. South Yorkshire: Pen and Sword, pp. 7-20.

WHITEHEAD, Ross (1996) – *Buckles 1250-1800*. Essex: Greenlight Publishing.

FERNANDO RODRIGUES FERREIRA E CONCEIÇÃO MACHADO: A PROPÓSITO DA QUESTÃO DA OCUPAÇÃO PRÉ-PORTUGUESA NO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES

José Luís Neto

Direção Regional da Cultura dos Açores / jlneto77@gmail.com

Resumo

Apresenta-se o relatório inédito, elaborado por Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado, acerca de inscrições alegadamente pré-portuguesas, descobertas em rochas na zona balnear da freguesia das Quatro Ribeiras, concelho de Praia da Vitória, na ilha Terceira, do arquipélago dos Açores, procurando contextualizar a problemática.

Palavras-chave: Açores, Fenícios, Atlântida, Pseudoarqueologia.

Abstract

Herein we present, a never before released analysis report, elaborated by Fernando Rodrigues Ferreira and Conceição Machado, regarding alleged rock inscriptions, dating from a period that predates Portuguese presence on the Azores archipelago. These marks were discovered on the Quatro Ribeiras seafront area, on the Praia da Vitória County, in Terceira Island. The paper attempts to contextualize the ensuing problematic that surround this issue.

Keywords: Azores, Phoenicians, Atlantis, Pseudoarcheology.

1. INTRODUÇÃO

Poder associar-me, mesmo que não presencialmente, neste colóquio de homenagem a Fernando Rodrigues Ferreira, em boa hora organizado pela Comissão de Estudos Orlisiponenses, nesta que é casa-mãe da Arqueologia Portuguesa, traduz-se, simultaneamente, em honra e privilégio.

Procurarei colocar, no devido contexto, a minha relação com o homenageado. Já sabia, nessa altura, que arqueólogo era o que desejava ser na vida. Havia iniciado esse caminho ainda antes, quando acompanhei, minha mãe, em prospeção a Terraços Quaternários, em Almourol, onde aprendi que nem todas as pedras eram iguais: havia a possibilidade de entrever significados profundos, no aparentemente invisível. Depois, pelas mãos de Guilherme Cardoso e de José d'Encarnação, participei, pela primeira vez, em escavações arqueológicas, na *villa* de Freiria, em Cascais, vaticinando, logo ali, que essa era a minha escolha de vida.

Viviam-se tempos agitados, revolucionários até, na Arqueologia Portuguesa. Recordo-me perfeitamente da discussão, nesta mesma casa, sobre o tema de todas as fraturas – umas gravuras, ainda de datação algo incerta, que, para uns, não sabiam nadar, para outros, eram *waterproof*, como para o distintíssimo Senhor Presidente da República cessado, de vez, na semana transata. *Beati pauperes spiritu*. Vivi a batalha do “Côa”, com muitíssima mais paixão, do que razão, expetável num adolescente, e que considero fundamental nesse processo educativo.

A propósito de banhos, recordo igualmente que, enquanto começava, também se discutia acesamente, o horripilante Decreto-Lei n.º 289/93, maquinado por Santana Lopes, com vista à privatização dos mares, enquanto os, apropriadamente, cognominados “caçadores de tesouros”, desfilavam entre os palácios governativos de Lisboa e dos Açores. Lembro-me dessa batalha, travada entre os gabinetes de advocacia, que desenham ainda as leis da nação, tendo, como oponentes, o Museu Nacional de Arqueologia e a Arqueonáutica, uma pequena associação. *Audaces fortuna juvat*. Com menos ho-

lofotes mediáticos mas, da mais elementar justiça, marcando-me profundamente, assisti também, em Braga, aquando do *II Encontro de Arqueologia Urbana*, ao PREC dos alunos, da então recém-criada Escola Profissional de Arqueologia, no Freixo, em Marco de Canaveses, que pugnavam pelo reconhecimento dos seus diplomas de técnicos profissionais.

Tudo tinha muito mais graça, do que quando assistira, pela primeira vez, a um encontro de arqueologia, as *IV Jornadas Arqueológicas*, nesta mesma casa, três anos antes, em 1991.

Quando conheci Fernando Rodrigues Ferreira, em 1994, estava a viver tudo isto com manifesto entusiasmo. Comecei a colaborar, na escavação de São Vicente de Fora, até entrar no curso de História, variante de Arqueologia, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Aos sábados, invariavelmente, lá estávamos. Ali pude ir, aos poucos, aprendendo e desenvolvendo essa ligação entre o olho, a mão e a terra. Se, invariavelmente, no verão ia para Freiria, no inverno, ia para São Vicente de Fora. Assim era para mim a arqueologia. Complementava esse quotidiano com a organização da biblioteca da Associação da Casa-Memória de Camões em Constância, em privilegiadíssimo contato com Manuela de Azevedo e acompanhava a minha mãe e Luís Lopes, nos múltiplos estudos que faziam, um pouco por todo o país, decodificando ossos, relíquias e múmias. Enredado em rotinas culturais e científicas, arditamente urdidas por minha mãe, das quais só me apercebi da intencionalidade muitos anos depois, alternava entre coletivos que fervilhavam ideias e saberes, enquanto estava em gestação. Ainda no primeiro ano da faculdade, integrei a equipa de Rodrigues Ferreira, na 1.ª fase da escavação deste mesmo edifício, com quase todos os que me arquitetaram.

Depois parti, parti do ninho seguro, responsabilizei-me pelas escolhas, trilhei outros caminhos, novas geografias, renovados rostos e descobri mundo, até obter licença de trabalho institucional. Para outro dia ficará a história dessa aventura e descoberta do para lá da linha Lisboa-Cascais. Porém, hoje, o que me traz aqui, o que nos trás a todos

aqui, é celebrar um investigador, que foi meu mestre, numa época em que se consideravam absolutamente extintos, numa arqueologia urdida de afetos, dificilmente exprimível.

O objetivo único, ao apresentar a presente comunicação, é procurar demonstrar que a ação do investigador, embora se tenha centrado em Lisboa e no Alentejo, não foi exclusiva de dois locais e assim, mais justamente, homenageá-lo. O relatório, da autoria de Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado, que integra o processo n.º 40 da Carta Arqueológica dos Açores, intitula-se “As inscrições da pedra das Quatro Ribeiras, em Angra do Heroísmo” e data de 5 de agosto de 2011. Possui quatro páginas de texto, acrescidas de três com imagens, num total de sete.

O processo n.º 40 foi aberto no início do ano de 2004, quando Antonieta Costa, antropóloga, escreveu uma carta à Direção Regional da Cultura, para informar da descoberta de umas formações rochosas nas Quatro Ribeiras, concelho de Praia da Vitória, na ilha Terceira, do arquipélago dos Açores, que aparentavam estranhas configurações. Aludiu, nessa informação, ter consultado Vítor Hugo Forjaz, Francisco Cota Rodrigues e Eduardo Brito, académicos que, supostamente, afirmaram que se deveria investigar melhor tais formas. Alegadamente, teria também contactado Catarina Garcia, arqueóloga ao serviço da Direção Regional da Cultura que, do mesmo modo, haveria emitido semelhante opinião. Mais informou, que iria dar conhecimento à comunicação social, que já lhe haveria solicitado informações, sobre o estranho caso.

Por não dispor de técnicos especializados, a Direção Regional da Cultura solicitou a colaboração da Universidade dos Açores e do Instituto Português de Arqueologia. Tanto a primeira, como o segundo, concluíram que se tratava de erosão natural, com formas curiosas, mas apenas isso. Outros paralelos existiam, pelo que, apesar de invulgar, não se tratava de um fenómeno desconhecido.

O assunto estaria esclarecido, não fôra o fato de, entre a informação de Antonieta Costa e a resposta da Direção Regional da Cultura, ter passado

quase um ano, pelo que, tendo a achadora dado conhecimento à comunicação social, a curiosidade estava criada. Foi-se acentuando, à medida que os especialistas, das mais diversas disciplinas científicas, iam sendo entrevistados, dizendo uns que sim e outros que não.

Até ao parecer oficial muito se especulou. De eventual hipotética ação antrópica, passou-se à ideia de que eram letras (seguramente humanas, como não podia deixar de ser), depois de que essas grafias correspondiam a fenícios, pelo que, aquando da resposta à achadora, já ninguém queria saber do parecer institucional, já não existia a menor dúvida que os fenícios por ali tinham andado, pelo século II a. C., e que só restava reescrever toda a história dos Açores, pois partia de pressupostos claramente errados.

A vinda dos fenícios aos Açores não se pode dizer que fosse propriamente uma questão nova. Regista-se em Quinhentos, a primeira referência a essa possibilidade, pela pena de Damião de Góis, em 1567, na sua crónica de D. João II, capítulo IX. Desde muito cedo, os cronistas da história insular, sentiram a necessidade de a englobar nos capítulos das suas obras, habitualmente nas partes, entre o mito, o mítico e o brumoso. Se, por um lado, Platão indicava que a Atlântida ficava “para lá das Colunas de Hércules”, num mundo que se concebia como pós-diluviano, herdeiro da Arca de Noé, que tomava como facto histórico universalmente verificável, havia, por outro, que explicar, à luz dos instrumentos de conhecimento disponíveis à época, a existência de gentes no continente americano. E é lá, nesse mesmo continente, que reside o cerne da questão. Aliás, é lá que se projeta a utopia Morusiana, o que não resulta acidental.

É, especialmente, na segunda metade de Oitocentos que se dá a descoberta do mundo. Os limites definitivos dos continentes são desenhados no século anterior mas, a penetração terrestre é apenas efetivada nesse. As grandes explorações foram nesse século: na África Subsaariana, entre 1849 e 1889, com a *African Association*, no deserto do Sahara, entre 1850 e 1900, na Alta-Ásia, entre 1870 e 1875 e nas Américas, entre Humboldt (1789-1804)

e 1924. Só com Geoffrey Saint-Hilaire (1772 – 1844) se coloca a hipótese de homens fósseis; com H. Milne Edwards (1800 – 1885) se cria a Etnologia e, só em 1859, Charles Darwin publicou o *Da origem e evolução das espécies*. Com o fim do criacionismo, ultrapassado pelo evolucionismo, ganhou o Estreito de Bering, afundando de vez a Atlântida da discussão científica. O Tenente Coronel José Agostinho, em 1946, em interessante artigo, passou o “certificado de óbito” da eventual ocupação pré-portuguesa no arquipélago dos Açores.

A Atlântida passou para o campo da criação cultural, que nunca mais abandonou, desmaterializando-se e universalizando-se. Os romancistas franceses Pierre Benoit (autor de “L’Atlantide”, publicado em 1919) e Paul Morand (autor de diversos romances histórico-mitológicos) ter-se-ão deslocado ao arquipélago, na sua busca pela Atlântida. António Quadros, Agostinho da Silva e Natália Correia, na criação de arquétipos para a cultura portuguesa, não deixaram de parte o belo mito. Aventureiros, como os quatro alemães, que nos princípios de agosto de 1964, alcançaram Vila do Corvo, anunciando que desejavam encontrar a “estátua do cavaleiro que apontava para poente”, narrada por Damião de Gois, são evidentes exemplos dessa pervivência.

A questão do eventual povoamento pré-português do arquipélago ressurgiu, a partir do final da década de 70 do Século XX, por arqueólogos, já noutro quadro cultural, o da discussão das navegações atlânticas no contexto cronológico das civilizações da antiguidade. Em 1978, Patricia e Pierre Bikai, arqueólogos americanos, deslocaram-se à ilha do Corvo, contando com o apoio de Manuel de Sousa d’Oliveira, arqueólogo açoriano, que se encontrava na altura a fomentar a atividade científica no arquipélago, com os seus trabalhos em Vila Franca do Campo, ilha de São Miguel. Durante oito dias, realizaram prospeções ao sul da ilha, sem quaisquer resultados obtidos, no que procuravam: os testemunhos de ocupação humana da antiguidade, naquela ilha. A investigação que realizaram alude várias situações históricas onde se identificaram, no Atlântico, figuras mitológicas que avisavam os marinheiros

sobre os perigos do oceano. A lenda da estátua equestre corvina, segundo estes, estaria diretamente relacionada com essas representações antigas, que influenciaram o pensamento dos povoadores portugueses, na silhueta da formação rochosa da “Ponta do Marco” (Bikai & Bikai, 1990).

Benedikt Isserlin, investigador alemão da Universidade de Leeds, em 1983 conduziu uma nova prospeção na ilha do Corvo e, tendo regressado em 1986, desta vez acompanhado por Lawrence Butler, diretor do Centro de Estudos Arqueológicos da Universidade de Leeds, e Rui Sousa Martins, investigador da Universidade dos Açores, ali realizando sondagens, na Ponta Negra, cujos resultados foram a constatação da não-existência de civilizações da antiguidade, no local onde trabalharam. Na sua publicação, na “Rivista di studi Fenici”, tendo por base uma análise da crónica de Damião de Gois e do texto de Podolijn, explica detalhadamente a sua metodologia (Isserlin, 1984).

Um dos principais problemas para uma aceitação da presença fenícia no arquipélago açoriano tem sido a questão técnica da navegação púnica. Os navios a remos e de armações mais frágeis, da Antiguidade, não seriam capazes de enfrentar o perigoso oceano Atlântico. Isserlin, não contrapondo as dificuldades de navegação direta, chama a atenção para a “volta pelo largo”, uma corrente marítima, e para a conjugação de ventos que liga as Canárias aos Açores e a Portugal Continental, muito utilizada pelos marinheiros portugueses quatrocentistas, contornando pela América, o Mar dos Sargaços. A chegada de marinheiros mediterrânicos ao arquipélago dos Açores teria sido, talvez, tecnicamente possível, o que não significa que tal tenha, realmente, acontecido.

Outros investigadores, esporadicamente, vêm colocar estas mesmas questões, casos de Lionel Casson, professor emérito da Universidade de Nova Iorque (1990). Ainda relativamente recente, realizada entre 12 e 16 de outubro de 2014, Sir Barington Cunliffe, arqueólogo e docente jubilado da Universidade de Oxford, participou numa visita à ilha Terceira, com a intenção de reconhecer vestígios que comprovassem uma alegada colonização

na Antiguidade. Em conferência, na Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, mencionou o caso corvino como uma das evidências para sustentar a eventual hipótese, afirmando, contudo, que as hipóteses atuais não faziam prova científica.

Todavia, o processo n.º 40 da Carta Arqueológica dos Açores, se aparentemente tem similitudes, por um lado, com hipóteses em aberto no campo da investigação na história das civilizações da antiguidade – no caso, de uma área muito restrita, que é a da navegação atlântica – por outro, também o tem com o campo da criação cultural, intuindo-se-lhe, por vezes, ressonâncias das seculares hipóteses criacionistas.

Ora, Antonieta Costa, antropóloga e Félix Rodrigues, físico, foram quem, após o parecer oficial, continuaram a defender, de forma mais ou menos clara, que não se deveria abandonar a hipótese fenícia, para a explicação da pedra das Quatro Ribeiras, sendo que, entre 2004 e 2005, se haviam identificado mais eventuais inscrições. Félix Rodrigues, num artigo “Terão os fenícios descoberto os Açores?”, editado no seu blog “Desambientado”, referido no relatório de Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado, como um dos principais motivos da missão empreendida aos Açores, dizendo:

“Recentemente foi aventada a hipótese de se terem encontrado caracteres fenícios em rochas nas Quatro Ribeiras, na ilha Terceira. Alguns desses hipotéticos caracteres fenícios foram fotografados. Os caracteres fenícios foram identificados como sendo: O primeiro símbolo da esquerda para a direita representa água, o segundo, com a circunferência um pouco mais fechada representa uma cabeça, o terceiro, se invertido, representa palma da mão, e de novo, o último, a água. Que mensagem poderá ser essa? “Um homem, vindo pela água, conseguiu, com muito esforço, aqui chegar”? Outra rocha “continha” os seguintes caracteres. O primeiro carácter representa um anzol e o segundo um camelo. A mensagem será “Um homem do Norte de África arriscou-se a pescar neste mar”? Foi observada outra rocha contendo a simbologia seguinte. Cujo símbolo em fenício repre-

sentava um marco. As mensagens parecem confusas, porque a interpretação também o é. Se se referir que as imagens foram obtidas aleatoriamente nas Quatro Ribeiras, com a intenção de captar apenas fraturas das rochas, e que essa simbologia era desconhecida do autor das fotografias, a escrita fenícia não será mais do que uma escrita da própria natureza. A confusão entre uma fratura rochosa e a escrita fenícia dependerá exclusivamente dos olhos de quem a vê. Assim, a escrita hebraica encontrada numa gruta de S. Miguel na altura das descobertas, muito semelhante à escrita fenícia que aqui se apresenta, poderá ter sido “fraturas rochosas pouco habituais”. E a estátua equestre da ilha do Corvo? O Tenente Coronel José Agostinho tentou demonstrar que essa era uma ilusão de óptica. Aos Açores foram atribuídos vários nomes estando associados inúmeros acontecimentos da mitologia grega. Talvez por isso mesmo, devido a esse misto de lenda e realidade, que os testemunhos históricos incorporam, os relatos não têm merecido o devido respeito científico. Será que os Açores foram descobertos pelos fenícios? Continuamos a necessitar de provas.” (Rodrigues, 2005).

Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado concluíram coisa distinta, como se depreende do relatório que se passa a apresentar:

“Os Açores constituíram-se, desde a generalização da discussão, durante o século XIX, sobre a localização da Atlântida, um dos centros das atenções dos “investigadores” que proliferam nestes domínios do saber rápido...Passaram então a ser o centro mítico de variadíssimos fenómenos, a que não são estranhas as aparições de óvnis.

Ainda hoje, a despeito de um conhecimento profundo que existe sobre estas ilhas atlânticas, designadamente sobre a sua génese geológica recente, há quem teime, aparentemente sem factos baseados em achados arqueológicos ou testemunhos documentais, em encontrar, nas várias ilhas do arquipélago, vestígios egípcios, fenícios, pré-históricos, gregos e outros, ao sabor do momento e da ocasião.

Mais recentemente voltaram à liça, as histórias

da estátua do cavaleiro e das moedas cartaginesas (?) ou fenícias, encontradas num recipiente cerâmico e tudo misteriosamente desaparecido, apesar dos vestígios documentais exibidos.

Pretende-se insistentemente provar uma colonização anterior à presença dos portugueses, como se disse dependesse a atribuição de um estatuto especial àquela parcela de território nacional.

Paralelamente, mas sem contaminação aparente, foram-se sucedendo, em território nacional continental, achados com escrita pré-romana, sobre suporte de pedra, com utilização do alfabeto fenício ou seus derivados. A escrita do Alvão, as lápides com escrita do Sudoeste, as inscrições da Almofadinha, entre muitas outras em menor quantidade. As tentativas de leitura e interpretação das mensagens que estas inscrições veiculam, têm ao longo dos séculos desafiado não apenas as mentes mais ilustres da Península Ibérica, como os trabalhos mais eruditos e rebuscados. Se o seu mutismo parece resistir, o mesmo não se pode dizer das fantasiosas leituras que têm, cada vez com maior insistência, tentado clamar o fim da sua impenetrabilidade!

As Ilhas dos Açores não podiam, no meio desta agitação em que se movem os candidatos a investigadores, ficar a recato das suas investidas. Na ausência, pelo menos devidamente comprovada, de escrita pré-romana naquelas Ilhas, têm-se tentado dar leitura a fenómenos geológicos que se manifestam por fissuras mais ou menos profundas e extensas que com frequência surgem nas rochas de origem vulcânica.

O que me suscitou interesse e alguma curiosidade sobre este fenómeno açoriano, deve-se à circunstância de existir um autor, parcialmente meu homónimo, e cujo nome aparece nos meios de comunicação social, associado à leitura e eventual tradução, em que se misturam prodigamente hieróglifos egípcios com escrita fenícia, da já famosa Pedra das Quatro Ribeiras. Frequentemente sou abordado por conhecidos, menos prevenidos, que me vêm perguntar se eu estou certo de que aqueles sinais são efectivamente símbolos alfabetiformes. Pronta e vivamente declino a responsabilidade sobre a minha autoria

nos respectivos pareceres. Para definitivamente deslindar o que existe de realidade sobre a pretensa inscrição fenícia, decidi deslocar-me aos Açores, com essa finalidade primeira; se sobrasse algum tempo, gozaria uns dias de merecido descanso.

Solicitámos por escrito, autorização à Direcção Regional da Cultura – Divisão do Património Móvel e Industrial, em Angra do Heroísmo. Fui prontamente autorizado por aquela Direcção Regional a observar a famosa “Pedra das Quatro Ribeiras”, cuidadosamente guardada nas suas instalações. Fomos recebidos, em 7 de junho de 2011, pela nossa colega Dr.^a Ana Catarina Abrantes Garcia que foi, a todos os níveis, incedível na sua colaboração e disponibilidade.

A rocha em assunto é um fragmento de basalto, grosseiramente cúbico, com cerca de 0,45 m de “aresta” – Figura 1.

Trata-se de um fragmento externo de uma escorrença basáltica, que terá iniciado um arrefecimento exterior suportando ainda algumas pressões da massa ígnea interna, que lhe provocaram múltiplas fissuras externas, bem visíveis na Figura 2.

Este fragmento de basalto, porque muito fissurado, ter-se-á desprendido do bloco que integrava e ficou depositado na areia da praia das Quatro Ribeiras, mantendo virada para cima e fora da areia a face onde são “reconhecidos” símbolos alfabetiformes fenícios.

Perante a insistência de várias fontes que clamavam pela preservação daquele testemunho, a Direcção Regional da Cultura, em colaboração com a Força Aérea, mandaram proceder à sua evacuação por helicóptero.

Na presença da pedra, que observámos atentamente com luz rasante e instrumentos de ampliação óptica, verificámos o seguinte:

1 – Trata-se de um fragmento de basalto, profundamente fendido no sentido do exterior da sua massa para o interior, por fissuras de várias dimensões que se vão estreitando no mesmo sentido, sendo nalguns casos de difícil observação.

2 – Várias destas fissuras, por força de agentes externos, designadamente aquecimento diurno e

arrefecimento nocturno, águas pluviais ou do mar, vento, múltiplas percussões com outras pedras existentes no mesmo meio, tornaram-se mais largas, evidenciando, até em observação macroscópica, a sua génese e a total ausência de abrasão necessariamente provocada por um instrumento, se houvessem sido executadas por mão humana – Figura 3.

3 – Na Figura 4 representamos, em macrofotografia, com uma ampliação de 15 vezes, o interior dos sulcos de dois dos prováveis sinais alfabéticos, em que se se verifica perfeitamente a irregularidade das fissuras que são compatíveis com processos naturais de fissuração.

4 – Na Figura 5 representamos o corte A-B da parte terminal superficial das fissuras mais evidentes à superfície da rocha e que têm sido consideradas vestígios de escrita. Constata-se pela irregularidade das suas paredes e pela sua sinuosidade, que não são definitivamente compatíveis com sulcos efectuados com intencionalidade. São fissuras resultantes de uma génese natural.

5 – Na Figura 6 representamos um decalque, efectuado com acetato gel, utilizando a técnica própria para o efeito, e que permite, com toda a clareza estudar os fenómenos que os agentes meteóricos exerceram sobre a pedra, e de que resultaram o conjunto concordante de fissuras com aquele perfil. Anotámos ainda as fissuras mais evidentes e visíveis na superfície da pedra e que evoluíram nas proximidades das falsas insculpturas alfabéticas.

Concluimos assim que a pedra das Quatro Ribeiras publicada na Internet com caracteres de inspiração fenícia desenhados em decalque – Figura 7, não passa de um fragmento de basalto naturalmente fissurado no seu processo de arrefecimento, e cujas fissuras alargadas por agentes meteóricos exteriores, onde não será de excluir a episódica intervenção de passeantes, não são compatíveis com qualquer sinal que possa ser interpretado como resultado de uma acção humana, muito menos com a intencionalidade de grafar qualquer mensagem, nem grosseiramente evocam símbolos alfabéticos de signos conhecidos.

Lisboa, 5 de agosto de 2011.”

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, José (1946) – *Achados arqueológicos nos Açores*: Angra do Heroísmo, Tipografia Andrade (separata).

BIKAI, Patricia M.; BIKAI, Pierre M. (1990) – Timelines: A Phoenician Fable. *Archaeology*, Vol. 43, No. 1, Janeiro-Feveiro. Long Island: Archaeological Institute of America, pp. 20, 22-23, 84.

CASSON, Lionel (1990) – Setting the Stage for Columbus – Archaeological explorations at Corvo. *Archaeology*, Vol. 43, No. 3 _Maio-Junho. Long Island: Archaeological Institute of America, pp. 50-55.

FERREIRA, Fernando Rodrigues e MACHADO, Conceição (2011) – As inscrições da pedra das Quatro Ribeiras, em Angra do Heroísmo. Inédito.

GÓIS, Damião de (1977) – *Crónica do Príncipe D. João*. Série Ciências Humanas e Sociais, n.º 5, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

ISSERLIN, B. S. J. (1984) – Did carthaginian mariners reach the Island of Corvo (Azores)? Report on the results of joint field investigations undertaken on Corvo in June, 1983. *Rivista di Studi Fenici*, 12. Roma: Instituto per la Civiltà Fenicia e Punica, pp. 31-46.

RODRIGUES, António Félix – Terão os fenícios descoberto os Açores? [disponível em linha <http://desambientado.blogspot.pt/2005/11/tero-os-fencios-descoberto-os-aores.html>]



Figura 1 – Ferreira e Rodrigues (2011).



Figura 2 – Ferreira e Rodrigues (2011).



Figura 3 – Ferreira e Rodrigues (2011).



Figura 4 – Ferreira e Rodrigues (2011).

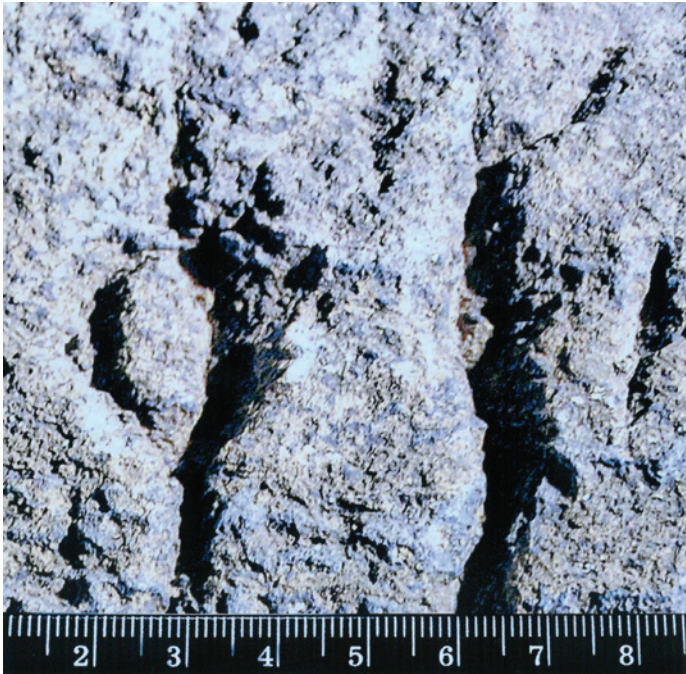


Figura 5 – Ferreira e Rodrigues (2011).



Figura 6 – Ferreira e Rodrigues (2011).

RELATÓRIOS

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES RELATÓRIO DE ACTIVIDADES DA DIRECÇÃO – 2018

José Morais Arnaud
Presidente da Direcção

Um dos factos mais marcantes do ano de 2018 foi a aquisição de um espaço com cerca de 100m², na Travessa da Trindade, no qual foram instalados alguns dos serviços da AAP, tais como a Biblioteca, o Arquivo e o Gabinete de Heráldica, permitindo instalar em melhores condições os serviços mais específicos do Museu, tais como a Conservadoria, a Secretaria e o Serviço Educativo. Este novo espaço, situado no coração do Chiado, dispõe ainda de um pequeno auditório, com capacidade para 25 pessoas, o qual se destina sobretudo a acções de formação do pessoal, dos consócios, dos professores do ensino secundário, e do público em geral, em domínios da área patrimonial. O primeiro Curso Livre sobre *A Arte do Antigo Egipto*, foi já realizado pelo nosso consócio Prof. Luís Araújo, estando já previstos para o primeiro trimestre de 2019 cursos livres, sobre Heráldica e Genealogia, lecionados pelos membros da Comissão de Heráldica da Associação, bem como sobre *A Actualidade da Cultura Romana*, este último da responsabilidade da nossa consócia Dr.ª Filomena Barata, no âmbito de um protocolo recentemente assinado com a associação Clenardus.

Claro que todos estes investimentos só foram possíveis graças não só a uma gestão prudente dos recursos ao longo dos últimos 20 anos, mas

também ao recente aumento dos fluxos turísticos. Com efeito, o número de visitantes atingiu este ano os 320.028, o que corresponde a um aumento de 13,6%, atingindo-se quase a capacidade máxima de suporte deste equipamento.

Tal como em anos anteriores, uma parte substancial dos recursos obtidos é investida em obras de conservação e restauro. Assim, de acordo com as recomendações feitas pelo relatório técnico elaborado no ano transacto pelo Departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Engenharia do Porto, foram realizadas obras de consolidação e restauro dos alçados de duas das capelas da cabeceira, por razões de segurança de pessoas e bens, e também de preservação deste importante sector do monumento. (Figura 1)

Iniciaram-se também em Setembro, com o apoio técnico da DGPC e financeiro da Fundação Millennium BCP, após um processo burocrático camarário de 18 meses, as obras de limpeza, conservação e restauro da fachada principal da antiga Igreja do Carmo, cujo portal se encontrava completamente coberto por uma camada de espessura variável da chamada “crosta negra”, característica da poluição urbana, afectando a visualização e sobretudo a conservação do mais antigo portal gótico da cidade que sobreviveu ao Terramoto de 1755. (Figuras 2 e 3)



Figura 1 – Trabalhos de conservação e restauro.



Figura 2 – Limpeza e conservação do Portal Oeste.



Figura 3 – Entrada do Museu no decorrer das obras.



Figura 4 – Espectáculo imersivo “Lisbon under Stars”.

Além dos já habituais concertos de música clássica e do teatro e cinema que costumamos proporcionar ao público, em colaboração com diversas entidades, nos meses de Junho e Julho, o Museu acolheu este ano, pela primeira vez, numa parceria com a empresa O Cubo, o espectáculo “imersivo” de vídeo *Lisbon under the Stars*, nos meses de Maio e Junho, o qual obteve um grande sucesso, quer entre o público português, quer entre os numerosos visitantes estrangeiros, e obteve já importantes prémios internacionais da especialidade. (Figura 4)

No que respeita à actividade associativa, verificou-se em 2018 um maior dinamismo das várias secções e comissões, que se desdobraram em colóquios e conferências, trazendo muita gente nova, o que é essencial para a renovação e dinamização desta instituição.

Neste ano, concretizou-se a constituição da Comissão de Arqueologia Profissional, facto que se saúda, fazendo votos de que possa contribuir para a qualificação e dignificação da profissão de Arqueólogo.

Tal como em anos anteriores, foi atribuído em 2018 o Prémio de Arqueologia Eduardo da Cunha Serrão à obra intitulada, *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*, de André Tomás Pinto da Silva e Conceição Santos, a qual constitui uma contribuição fundamental para a compreensão da arte paleolítica do vale do Côa, no contexto peninsular e europeu.

O júri atribuiu ainda menções honrosas aos seguintes trabalhos: *Cervídeos: Símbolos e Sociedade nos primórdios da agricultura do Tejo*, de Sara Liliana Magalhães Barbosa Garcês; *No 3º milénio a.n.e., o sítio de São Pedro e as dinâmicas de povoamento no Alentejo Médio*, de Catarina Isabel dos Reis Costeira; e *De Augusta Emerita a Olisipo por Eborac: uma leitura do território a partir da rede viária*, de Maria José de Melo Henriques de Almeida. (Figura 5)

No domínio das publicações, a AAP lançou recentemente mais um volume da revista *Arqueologia e História*, a maior parte do dedicado ao colóquio “Terramoto de Lisboa. Arqueologia e História”, e



Figura 5 – Cerimónia de entrega do Prémio Eduardo da Cunha Serrão 2018.

ainda o volume 6 da série Monografias AAP intitulada *A Princesinha Branca e Esbelta e o Dragão Negro ou a Torre de Belém vs. Fábrica de Gás: Um longo combate pelo Património*, da autoria do nosso sócio Paulo Oliveira Ramos. Estão ainda em preparação outras monografias analógico-digitais referentes aos prémios Eduardo da Cunha Serrão já atribuídos.

No que respeita à investigação e valorização do património, prosseguiram durante o mês de Julho as escavações iniciadas em Vila Nova de São Pedro, com a participação de um grupo de alunos das Faculdades de Letras e de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa, e o apoio logístico da União das Freguesias e da Câmara Municipal, tendo-se feito a desmatção e o reconhecimento das estruturas defensivas exteriores à muralha central, e a escavação estratigráfica de duas áreas da muralha intermédia. Prosseguiram também os trabalhos de classificação e estudo do material proveniente das antigas escavações, e foram apresentadas comunicações sobre este importante sítio arqueológico na AAP. (Figuras 6 e 7)

Enfim, todas estas actividades demonstram uma

fase de grande pujança e prestígio da nossa Associação, cada vez mais aceite como um parceiro válido, quer por parte das entidades oficiais, quer pelas instituições da chamada “sociedade civil”, que se reflecte nos convites cada vez frequentes para participar nas mais variadas iniciativas relacionadas com a Arqueologia e o Património Cultural.

Um aspecto menos positivo é o facto de neste ano só terem sido admitidos quatro novos sócios, apesar dos constantes apelos da Direcção no sentido de os conferencistas convidados se candidatarem a sócios. Com efeito, a entrada de novos sócios é fundamental para se manter a actual dinâmica e a necessária renovação geracional.

A Direcção lembra ainda a necessidade de pagamento atempado das quotas, lembrando que estão já a pagamento as referentes ao ano de 2019.

Tudo isto não teria sido possível sem o empenho dos corpos gerentes e a dedicação de todos os colaboradores e parceiros, a quem muito se agradece a sua imprescindível contribuição para o bom funcionamento desta instituição.



Figuras 6 e 7 – Intervenção arqueológica em Vila Nova de São Pedro.

SECÇÃO DE PRÉ-HISTÓRIA DA AAP

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES DO ANO 2018

Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
Direcção

1. INTRODUÇÃO

Durante o ano associativo de 2018 a Secção de Pré-História realizou diversas actividades com distintos objectivos. Correspondeu ao primeiro ano do triénio que se iniciou a 5 de Abril de 2018, tendo os actuais corpos directivos sido eleitos pelos sócios presentes na assembleia por unanimidade.

Seguindo a linha de acção que tem caracterizado esta secção, deu-se continuidade à realização de conferências periódicas e de colóquios temáticos, sobre os mais variados temas da Arqueologia Pré e Proto-histórica, quer em Portugal quer no estrangeiro. Os conferencistas são investigadores com vasta experiência, bem como jovens arqueólogos que apresentaram os principais resultados da sua investigação.

Em 2018, e dando continuidade ao já realizado em 2017, as actividades principais da Secção de Pré-História centraram-se no projecto de investigação “Vila Nova de São Pedro, de novo – no 3º milénio” (VNSP3000), tendo em vista a persecução dos objectivos traçados.

2. CONFERÊNCIAS REALIZADAS EM 2018

- 5 de Abril – conferência de Katila Lillios (Universidade de Iowa): “What is Portuguese archaeology?”.
- 7 de Novembro – conferência de Ricardo Fernandes (Max Planck Institute for the Science of the Human History): “Novos métodos científicos para o estudo da Dieta, Nutrição, Mobilidade e Cronologia das populações do Passado”.
- 26 de Novembro – conferência de Daniel Carvalho (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa): “Arqueologia e Sociedade Portuguesa: Perspectivas Contemporâneas do Passado no Presente”.



Figura 1 – Conferência periódica – Katila Lillios.

3. COLÓQUIOS / MESAS REDONDAS

Teve lugar no dia 10 de Março de 2018 o Colóquio – **Millennials em Arqueologia: novas metodologias, novas problemáticas**, correspondendo a uma co-organização da Secção de Pré-História com o Doutor Telmo Pereira (ICArEHB-UAlg; FCT). Decorreu no auditório do Museu Arqueológico do Carmo e teve como principal objectivo a apresentação de trabalhos realizados por jovens arqueólogos, maioritariamente no âmbito académico, mas que correspondem a abordagens inovadoras dando novas perspectivas de análise em temas clássicos da arqueologia nacional.

Programa:

- *Abertura*
Telmo Pereira
- *Ground Stone Tools: análise funcional à escala macro e microscópica*
Eduardo Paixão
- *Pedras no caminho? Não, não as guardo todas*
Patrícia Jordão
- *Abordagens transculturais em Arqueologia – potencialidades para o estudo do Mesolítico da Europa Atlântica e do Jomon do Arquipélago Japonês*
Diana Nukushina
- *Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural*
Francisco Gomes
- *The Matrix Resolutions: a micromorfologia na interpretação do registo arqueológico de sítios da Pré-História recente em Portugal*
Carlos Duarte

- *Do bosque ao laboratório: uma viagem da antracologia em busca de novas perguntas e respostas em Arqueologia*
Patrícia Monteiro
- *Nova abordagem metodológica para o estudo da Escrita do Sudoeste*
Gonçalo Ferreira
- *A Arqueopetrografia como dimensão espacial da tecnologia lítica*
Henrique Matias
- *Economia lítica no centro da Península Ibérica durante o Paleolítico Médio: a importância da matéria prima na cadeia operatória*
Ana Abrunhosa
- *Subsistência e Sazonalidade dos últimos caçadores-recolectores Mesolíticos. Os restos ictícos do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal)*
Rita Dias
- *Encerramento*
Mariana Diniz



Figura 2 – Cartaz – *Millennials em Arqueologia: novas metodologias, novas problemáticas*.



Figura 3 – Debate no colóquio *Millennials em Arqueologia*.

Nos dias 12 e 13 de Outubro de 2018 realizou-se um colóquio e uma mesa-redonda, com temática central no período Paleolítico, cuja organização decorreu em colaboração com a UNIARQ – FLUL, nomeadamente de responsabilidade dos consócios Doutora Cristina Gameiro e Dr. Henrique Matias

O colóquio intitulado – ***O Paleolítico em Portugal: um quarto de século de abordagem tecnológica*** teve lugar no dia 12 de Outubro decorrendo na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Programa:

– *Abertura*
João Zilhão

– *Apresentação do projeto PALEORESCUE. O Paleolítico Superior e a Arqueologia Preventiva em Portugal: desafios e oportunidades*
Cristina Gameiro e Luca Dimuccio

– *Contextos de descoberta e desafios do estudo dos sítios pré-históricos do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida*
Sérgio Gomes; Lurdes Oliveira; Cristina

Gameiro; Carmen Manzano; Alicia Ameijenda; Bárbara Costa; Sérgio Monteiro-Rodrigues; Alberto Gomes; Thierry Aubry; Henrique Matias

– *Abrigo do Poço: balanço dos trabalhos arqueológicos (quadriénio 2015-2018)*

Telmo Pereira; Vânia Carvalho; Trenton Holliday; João Marreiros; Marina Évora; Eduardo Paixão; Patrícia Monteiro; David Nora; Roxane Matias; Carlos Duarte; Sandra Assis; Sofia Bárbara; Cleia Detry; Rita Dias; Rute Branco

– *Projecto PaleoCoast – Adaptações humanas costeiras durante o Paleolítico no sudoeste Peninsular. Resultados preliminar da primeira campanha de trabalhos arqueológicos no Barlavento Algarvio.*

João Marreiros; Duarte Duarte; Frederico Regala; Ricardo Soares; Tiago Dores, Rui Francisco

– *Os 23 anos da bíblia*
Telmo Pereira

– *O uso e abuso da tecnologia: Mais do mesmo com diferente nomenclatura?*
Francisco Almeida

- *Análise comparativa entre o Acheulense de Grandes Lascas e o Acheulense “Tradicional” no Centro de Portugal*
Alexandre Varanda
- *Algumas considerações sobre a indústria lítica do Paleolítico médio da bacia do Arneiro Nisa, Alentejo*
Nelson Almeida
- *Sopa de Tartaruga: utilização oportunista ou sistemática na dieta Neandertal*
Mariana Nabais
- *O Paleolítico Médio e Superior no Vale do Côa: resultados do projeto Palaeocoa*
Thierry Aubry; Fernando Barbosa; Cristina Gameiro; Luís Luís; André Santos; Marcelo Silvestre
- *A indústria lítica do Gravettense do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares*
Carmen Manzano; Bárbara Costa; Cristina Gameiro; Alicia Ameijenda; Sérgio Gomes; Sérgio Monteiro-Rodrigues; Alberto Gomes; Thierry Aubry; Henrique Matias
- *Novos dados para a compreensão da ocupação humana na Fonte Santa (Torres Novas)*
Luis Gomes
- *A circulação de matérias-primas durante o Solutrense no centro de Portugal. O caso da Gruta do Caldeirão*
Henrique Matias; Thierry Aubry; João Zilhão

No dia seguinte, dia 13 de Outubro, decorreu no Museu Arqueológico do Carmo a Mesa Redonda intitulada “**Transição Pleistocénico-Holocénico**”, onde diversos investigadores apresentaram resultados relativos a este período de transição no território actualmente Português.

Programa:

- *O uso dos recursos vegetais e as dinâmicas de vegetação entre o final do Pleistocénico e o início do Holocénico*
Cláudia Oliveira e João Tereso
- *A exploração dos recursos animais entre o final do Pleistocénico e o início do Holocénico*
Sónia Gabriel
- *Ensaçando interpretações para a arte da transição do vale do Sabor*
Sofia Figueiredo e Pedro Xavier
- *A arte dos finais do Paleolítico superior em Portugal: a síntese possível*
André Tomás Santos
- *Existiu um povoamento tardiglacial na Bacia do Guadiana? Revisão dos dados*
Francisco Almeida; Cristina Gameiro
- *Variabilidade tecnológica durante a transição Pleistocene-Holoceno na fachada atlântica em Portugal*
João Marreiros
- *Contributos para a caracterização do período tardiglacial no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8*
Cristina Gameiro; Carmen Manzano; Bárbara Costa; Alicia Ameijenda; Sérgio Gomes; Sérgio Monteiro-Rodrigues; Alberto Gomes; Thierry Aubry; Henrique Matias



Figura 4 – Cartaz Colóquio e Mesa-Redonda – Paleolítico e Transição.



Figuras 5 e 6 – Conferências no âmbito da Mesa Redonda – Transição Pleistocénico-Holocénico.

– *A transição Pleistocénico-Holocénico no vale do Sabor: o estado da arte*
Rita Gaspar, Maria João Silva, Ramón Fábregas

– *A ocupação humana durante o tardiglacial no Vale do Côa: um ponto de situação*
Thierry Aubry, Fernando Barbosa, Cristina Gameiro, Luís Luís, André Santos, Marcelo Silvestre

4. INVESTIGAÇÃO – VNSP 3000

Relativamente ao Projecto de Investigação “*Vila Nova de São Pedro, de novo – no 3º milénio*”, do qual os membros da direcção da Secção de Pré-História fazem parte, os trabalhos desenvolvidos em 2018 abrangeram múltiplas vertentes. As actividades levadas a cabo bem como os resultados obtidos poderão ser consultados em *Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000) – Relatório de actividades do ano 2018*, presente neste volume.

5. OUTRAS ACTIVIDADES

No decorrer de 2018, uma das acções da Secção de Pré-História foi a manutenção dos canais de comunicação associados à AAP, nomeadamente do perfil do *facebook* da Secção de Pré-História, onde além da divulgação de todas as actividades realizadas no seio da AAP, foi igualmente feita a difusão e debate de diversos temas e problemáticas relacionadas com a Pré-História e Arqueologia em geral, quer no nosso território, quer em outros países.

Como parte integrante da AAP e assumindo a importância e peso que actividade associativa tem para o crescimento da instituição, a Secção de Pré-História manteve como objectivo para 2018 a angariação de novos sócios para a AAP.

Lisboa, Março de 2019

SECÇÃO DE HISTÓRIA DA AAP

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES

DO ANO 2018

João Marques¹, Teresa Marques², Carlos Boavida³

¹ Presidente

² Vice-Presidente

³ Secretário

Ao longo do ano de 2018 a Secção de História da Associação dos Arqueólogos Portugueses manteve a sua actividade habitual, convidando diversos investigadores para a apresentação dos seus projectos e trabalhos. As comunicações e conferências que tiveram lugar foram caracterizadas por uma grande variedade de temáticas e períodos cronológicos abordados.

O programa de actividades, por vezes em colaboração com outras comissões da AAP, incluiu a realização de cinco conferências, um colóquio e a apresentação de duas publicações.

Os trabalhos principiaram no dia treze de Março com a conferência – “*De Portugal para a Índia. Cultura material e quotidiano a bordo de uma nau portuguesa dos inícios do século XVI descoberta em Omã*” por Tânia Manuel Casimiro, investigadora do Instituto de Arqueologia e Paleociências e do Instituto de História Contemporânea, ambos da Universidade Nova de Lisboa, na qual foram abordados diversos aspectos sobre aquele achado, entre a história do navio e seu naufrágio, assim como da carga que seguia a bordo daquele.

No dia nove de Abril, em acordo com o previsto nos estatutos da AAP após a eleição dos corpos sociais para o triénio dois mil e dezoito a dois mil e vinte e um, tiveram lugar as eleições para a mesa da Sessão de História. Apresentou-se àquele acto eleitoral apenas uma lista, constituída pelos membros da mesa cessante, que foi reeleita por unanimidade.

Nos meses seguintes, respetivamente nos dias dezassete de Maio e cinco de Junho, tiveram lugar outras duas conferências: “*José Leite de Vasconcelos (1858-1941) e a construção do ‘Homem Português’, nos 125 anos do Museu Nacional de Arqueologia*” por Ana Cristina Martins, investigadora do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e “*Cassiano Branco, uma lufada de Ar Moderno na Arquitectura Portuguesa*” por Paulo Baptista, investigador do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora, tendo sido esta última conferência em colaboração com a Comissão de Estudos Olisiponenses.

Após a interrupção estival, no dia vinte e dois de Setembro, teve lugar concorrida sessão evocativa dos quarenta anos do Campo Arqueológico de Mé-

tola. Aquela integrou duas conferências, a saber:

- “40 anos do Campo Arqueológico de Mértola” por Cláudio Torres;
- “Descobertas recentes em Mértola” por Virgílio Lopes.

A sessão foi encerrada com apresentação do décimo quarto volume da revista *Arqueologia Medieval*, publicação periódica do Campo Arqueológico de Mértola, que foi feita por Susana Gómez.

Uma vez mais em colaboração com a Comissão de Estudos Orlisiponenses, nos dias dezoito e dezanove de Outubro, realizou-se o colóquio “Silos, matamoras e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”, no âmbito do qual foram apresentadas vinte e uma comunicações, conforme a informação que se segue:

- “As «covas de pão» do Centro Histórico de Ourique: dados preliminares” por Tiago Costa e Liliána Luís (Atalaia);
- “As covas do pão e as covas do lixo. Os silos da Avenida Miguel Fernandes (Beja)” por Andrea Martins (AAP; Uniarq), Gonçalo Lopes, César Neves (AAP, Uniarq), Vera Aldeias (ICArEHB);
- “O pão em covas: Silos modernos construídos no templo do forum de Pax Iulia e o celeiro público de Beja no século XVII/XVIII” por Maria Conceição Lopes (FL/UCoimbra);
- “Conjunto de silos no Convento de São Francisco, Alvito. Algumas considerações sobre silos em meio rural” por Inês Simão (Era Arqueologia);
- “Silos Islâmicos de Silves (Castelo e Zona da Arrochela)” por Rosa Varela Gomes (FCSH/UNLisboa);
- “Casa Branca (Évora): armazenamento subterrâneo numa aldeia medieval cristã (séculos VIII-IX)” por Mário Varela Gomes (FCSH/UNLisboa), Tânia Casimiro (IHC/IAP/UNLisboa), Telmo Silva (IAP/UNLisboa);
- “Silos da Praça Joaquim António de Aguiar e da Rua Cândido dos Reis, em Évora: duas realidades cronologicamente diferentes” por Miguel Correia (CMAIcochete);
- “Quem guarda, acha. Os silos encontrados no Centro Histórico de Moura” por Vanessa Gaspar

(CMMoura);

- “Dois celeiros no Ribatejo. Os silos da Travessa das Capuchas e do Largo Pedro Álvares Cabral em Santarém” por Carlos Boavida (IAP/UNLisboa; AAP), Tânia Casimiro (IHC/IAP/UNLisboa), Telmo Silva (IAP/UNLisboa);
- “Covas de pão em Óbidos” por Sérgio Pinheiro (CMÓbidos);
- “Os silos dos Paços do Concelho de Torres Vedras” por Isabel Luna (MM Leonel Trindade/CMTorres Vedras), Guilherme Cardoso (CAL/CMLisboa);
- “Os silos medievais da villa romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo” por Luísa Batalha (Arqueóloga), Guilherme Cardoso (CAL/CMLisboa), Mário Monteiro (Emérita);
- “Ocupação islâmica do Castelo dos Mouros. Os silos e o seu contexto” por Maria João Sousa (PSML);
- “Silos em Cascais” por J. A. Severino Rodrigues (CMCascais);
- “Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto” por Sérgio Rosa (CMAImada);
- “Silos medievais de São Vicente de Fora” por Nuno Pires (IAP/UNLisboa);
- “Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos. Os silos medievais do Largo da Atafona” por Vasco Noronha Vieira (IAP/UNLisboa), Tiago Pereira (IEM/UNLisboa), Vanessa Filipe (Cota 80.86; IAP/UNLisboa), José Pedro Henriques (Cota 80.86; IAP/UNLisboa), Dário Neves (IAP/UNLisboa), Marina Carvalhinhos (CAL/CMLisboa);
- “Cortados pela metade... ou mais. Vestígios de sistemas de armazenamento subterrâneo no Largo dos Lóios, Lisboa” por José Pedro Henriques (Cota 80.86; IAP/UNLisboa), Vanessa Filipe (Cota 80.86; IAP/UNLisboa);
- “Os silos do Beco do Forno do Castelo, 14-20: as intervenções arqueológicas de 2010 e 2013” por Pedro Miranda (UIT-CH/CMLisboa); Nuno Mota (CAL/CMLisboa);
- “As «covas de pão» de Carnide. Um grande

- celeiro às portas da Lisboa Medieval*” por Ana Caessa, Nuno Mota (CAL/CMLisboa);
- “*As «covas» de pão e junça no arquipélago dos Açores*” por Carla Devesa Rodrigues (Museu Angra do Heroísmo), José Luís Neto (DRC-Açores), Pedro Parreira (DRC-Açores).

Deste colóquio foi publicada recentemente curta notícia no terceiro tomo do vigésimo segundo volume da revista *Al-Madan Online*, editada pelo Centro de Arqueologia de Almada.

No final do ano, a vinte e dois de Dezembro, em reunião conjunta com a Comissão de Arqueologia Profissional, foi apresentada a obra “*Arqueologia nos Açores*”, pelo seu autor, José Luís Neto.

Ao longo ano de 2018, foram ainda votadas oito propostas de novos sócios para a AAP pelos membros da Secção de História, que se espera venham a contribuir para a afirmação desta centenária instituição e do seu papel da defesa do Património Cultural Português e para a divulgação da sua História.

A Secção tem agora um novo endereço de correio electrónico, mantendo no entanto o criado em dois mil e treze, assim como a sua página no Facebook que se encontra no momento com quase 3600 seguidores.

A mesa da Secção de História não quer deixar de agradecer aos funcionários da AAP e do Museu Arqueológico do Carmo, pelo seu apoio na iniciativas desenvolvidas ao longo do ano transacto.

Em relação ao ano de dois mil e dezanove, a Secção de História da Associação dos Arqueólogos Portugueses pretende continuar a promover sessões ordinárias dedicadas a diversos temas, assim como a realização de pequenos colóquios/encontros, onde se destaca no mês de Março, o Encontro Internacional “*A Península Ibérica entre os séculos V e X – Continuidade, Transição e Mudança*”, no qual vão participar cerca de seis dezenas de investigadores.

Lisboa, 31 Janeiro de 2019



Figura 1 – A – Tânia Manuel Casimiro (13 Março); B – Paulo Baptista (5 Junho); C – Ana Cristina Martins (17 Maio); D – José Luís Neto (22 Dezembro); E/F – Colóquio “Silos, matamorras e covas de pão. Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal (18/19 Outubro) – Sessão de Abertura – Andrea Martins, Tânia Manuel Casimiro, João Marques; fotos Carlos Boavida.



Figura 2 – Sessão Evocativa dos 40 Anos do Campo Arqueológico de Mértola (22 Setembro) A – Sessão de Abertura – Virgílio Lopes, Susana Gómez, José Morais Arnaud, João Marques e Cláudio Torres; B – Cláudio Torres; C – Virgílio Lopes; fotos Carlos Boavida.

COMISSÃO DE ESTUDOS OLISIPONENSES – AAP RELATÓRIO DE ACTIVIDADES DO ANO 2018

Tânia Manuel Casimiro¹, Guilherme Cardos², Carlos Boavida³

¹ Presidente

² Vice-Presidente

³ Secretário

No ano de dois mil e dezoito a Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP reuniu-se por sete vezes, duas delas em conjunto com a Sessão de História da AAP. No âmbito daquelas reuniões tiveram lugar cinco conferências, um encontro, um colóquio e a apresentação de uma publicação em colaboração com a direcção da AAP.

O colóquio, ocorrido a dezoito e dezanove de Outubro, intitulado “*Silos, matamoras e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal*”, teve como principal objectivo o debate colectivo sobre este tipo de estruturas negativas, frequentes em contextos arqueológicos a sul do rio Mondego.

Os trabalhos contaram com a participação de trinta e seis arqueólogos de diversas universidades, instituições públicas e empresas, que apresentaram um total de vinte e uma comunicações (programa em anexo), relativos a sítios arqueológicos identificados no território continental e também nos Açores, alguns deles inéditos, como este último caso ou o da vila de Ourique.

Entre outras considerações foi possível aferir que no interior destes silos não eram apenas guardados cereais, mas também leguminosas e frutas. Por outro lado, as suas formas e dimensões são extremamente variáveis, embora predomine a forma “em saco”, recorrente em todas as evidências.

A novidade do encontro passou igualmente pela capacidade de agregar tantos investigadores em torno de um mesmo tema, fundamental na compreensão da alimentação das comunidades medievais e modernas, aspecto determinante no estudo dos quotidianos das sociedades humanas pretéritas.

É de igual modo relevante referir que cerca de metade dos investigadores contactados para participar no colóquio não se mostraram disponíveis por questões de agenda, caso contrário, mais poderiam ter sido os dias de debate sobre o tema.

A sessão de abertura contou com a presença de Andrea Martins em nome da direcção, além do presidente da Secção de História e da presidente da Comissão de Estudos Olisiponenses.

No número mais recente da revista *Al-Madan Online*, editado pelo Centro de Arqueologia de Almada, foi publicada curta notícia sobre o evento.

Na reunião ocorrida no dia vinte e oito de Novembro teve lugar o encontro *Quotidianos Contemporâneos em torno de Lisboa. Contributos da Arqueologia*, no âmbito do qual foram apresentadas três comunicações, conforme programa em anexo (Figura 5), onde se destacou a importância do estudo dos contextos arqueológicos contemporâneos. Tratou-se do primeiro encontro do género, em Portugal, dedicado exclusivamente à Arqueologia daquele período cronológico.

No decorrer das restantes reuniões da comissão tiveram lugar ainda cinco conferências:

6 Fevereiro – “*Mutação urbana na Lisboa Medieval. Arqueologia e História numa abordagem multidisciplinar*” por Manuel Fialho Silva (Gabinete de Estudos Olisiponenses – Câmara Municipal de Lisboa; Centro de História – Universidade de Lisboa);

15 Maio – “*Cada sítio, uma história. A Arqueologia no projecto de instalação de ilhas ecológicas em Lisboa*” por Vanessa Filipe e José Pedro Henriques (Cota 80’86; Instituto de Arqueologia e Paleociências – Universidade Nova de Lisboa);

5 Junho – “*Cassiano Branco. Uma lufada de Ar Moderno na Arquitectura Portuguesa*” por Paulo Baptista (Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades – Universidade de Évora) (em colaboração com a Comissão de Estudos Olisiponenses);

7 Junho – “*Criptopórtico Romano de Lisboa. Recentes interpretações no âmbito do projecto CRLx*” por Ana Caessa e Nuno Mota (Centro de Arqueologia de Lisboa – Câmara Municipal de Lisboa) e Pedro Vasco Martins (*Forma Urbis Lab* – Faculdade de Arquitectura/Universidade de Lisboa) e

6 Dezembro – “*A pintura antiga na Igreja da Comunidade Italiana de Nossa Senhora do Loreto*” por Vítor Serrão (Universidade de Lisboa).

No âmbito desta última reunião, em colaboração com a direcção da AAP, antes da conferência, foi apresentada pelo orador convidado a obra “*A Princesinha Branca e Esbelta e o Dragão Negro e Rotundo ou a Torre de Belém vs. A Fábrica do Gás: um longo combate pelo património*” da autoria de Paulo Oliveira Ramos, que corresponde ao sexto volume da colecção *Monografias* editada pela AAP.

No início da reunião do dia 15 de Maio, teve lugar a eleição dos membros da mesa da Comissão, à qual se sujeitou uma única lista, constituída por Tânia Manuel de Oliveira Alves Sequeira e Casimiro – Presidente; Guilherme de Jesus Pereira Cardoso – Vice-presidente e Carlos Manuel Pereira Boavida – Secretário. A lista foi eleita por unanimidade.

No decorrer das reuniões foram aprovadas dez propostas de novos sócios para a AAP.

No âmbito de outros assuntos de interesse para a comissão, como tem vindo a ser hábito, além de referências a diversos eventos a decorrer, como exposições, visitas, cursos e conferências, foram apresentadas sumariamente algumas publicações recentes sobre a História e Património da cidade de Lisboa e do seu termo. Trata-se de um total de vinte e três, entre publicações periódicas, actas de colóquios ou congressos, catálogos de exposições, estudos monográficos, dos quais se anexa a informação bibliográfica, encontrando-se igualmente disponível na página de Facebook da Comissão, no álbum “*Registos de Lisboa*”.

ARNAUD, José Morais (dir. edit.) (2018) – *Arqueologia & História*, 68 [2016]. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (inclui as actas do colóquio “Terramoto de Lisboa. Arqueologia e História” ocorrido em Outubro de 2015 no auditório da AAP).

AZEVEDO, Luiz António de (1825) – *Dissertação Critico-Filologico-Historica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas, e atendíveis circunstancias da erecção do Tablado e Orquestra do antigo Theatro Romano, descoberto na excavação da Rua de São Mamede perto do Castelo desta cidade, com intelligência da sua Inscripção em honra de Nero, e noticia instructiva d’outras Memorias allí mesmo achadas, e atégora aparecidas*. [prefácio] FERNANDES, Lúcia (2018). Lisboa: EGEAC – Museu de Lisboa/ Teatro Romano.

CÂMARA, M.^a Teresa Trindade Gago da; COELHO, Teresa Campos (coord.) (2018) – “*Lisboa Ausente: Da Memória do Património Desaparecido aos Projectos Utópicos para a Cidade*”. *Cadernos do Arquivo Municipal*, 9 – II Série. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa – CML (edição digital).

CARDOSO, Guilherme (2018) – *Villa Romana de Freiria. Estudo Arqueológico*. Cascais: Câmara Municipal.

CHAROLA, A. Elena; RODRIGUES, José Delgado (coord.) (2018) – *Estátua equestre D. José I. Intervenção de Conservação e Restauro*. Lisboa: Câmara Municipal; World Monuments Fund Portugal.

ENCARNAÇÃO, Gisela (dir.) (2018) – *Amadora Rural*. Re-edição do roteiro da exposição permanente no Museu Municipal da Amadora. Amadora: Câmara Municipal.

ENCARNAÇÃO, Gisela (dir.) (2018) – *Antes da Amadora*. Re-edição do roteiro da exposição permanente no Museu Municipal da Amadora. Amadora: Câmara Municipal.

FERNANDES, Lúcia; GRILO, Carolina; NASCIMENTO, Joana (2018) – *Foi há 220 anos a descoberta do Teatro Romano*. Roteiro da exposição. Lisboa: EGEAC – Museu de Lisboa/Teatro Romano.

FERREIRA, Nuno Martins (2018) – *A Escola Normal Primária de Lisboa em Benfca (1916-1930)*. Lisboa: Livros Horizonte.

FEVEREIRO, António Cota (2018) – *Iluminação da Casa Real Portuguesa. Os candeeiros do Palácio Nacional da Ajuda*. Col. Património, 3. [S. l.]: Mazu Press.

FONTES, João Luís Inglês (dir.) (2018) – *Bispos e Arcebispos de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte.

HOMEM, Armando Luís de Carvalho (coord.) (2018) – “A Escrita e os Actos. Estudos de Paleografia e Diplomática Municipais (séculos XIII-XVIII)”. *Cadernos do Arquivo Municipal*, 10 – II Série. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa – CML (edição digital).

MARTINS, Paulo (2018) – *O Bairro dos Jomais*. Lisboa: Quetzal.

NEVES, Pedro Mascarenhas Cassiano (2018) – *Casas e Palácio de Lisboa. Pedras d’Armas*. Coordenação: José António de Mello; Fotografia: Ana Luísa da Cunha de Alvim. Lisboa: Scribe.

OLIVEIRA, Diogo (2018) – *Guia da Fauna da Tapada da Ajuda*. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia.

PEREIRA, Luísa Villarinho (2018) – *Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa 1836-1911. Contributo para a sua memória*. [S. l.: s. n.].

PIMENTA, João (coord. edit.) (2018) – *Cira Arqueologia*, 6. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, Museu Municipal.

RAMOS, Paulo Oliveira (2018) – *A Princesinha Branca e Esbelta e o Dragão Negro e Rotundo ou a Torre de Belém vs. A Fábrica do Gás: um longo combate pelo património*. Col. Monografias, 6. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

RODRIGUES, António Carmona (2018) – *O Rio Tejo*. [S. l.]: Correios de Portugal.

S/ autor (2018) – *Lojas Históricas em Lisboa*. Lisboa: Círculo das Lojas de carácter e Tradição de Lisboa; Urban Sketches Portugal.

SANTOS, Fernando Teigão dos; COSTA, Pedro (2018) – *A Lisboa Subterrânea do Marquês de Pombal. Em busca dos segredos das Águas Livres*. Lisboa: Caleidoscópio.

SARRAZOLA, Alexandre (2018) – *Arqueologia da Salvaguarda. Lei, Território e Desordem*. Col. Ensaio, 1. [S. l.]: Mazu Press.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos; MARTINS, Ana Cristina; CAESSA, Ana; MARQUES, Ant.º; CAMEIRA, Isabel (coord. edit.) (2018) – “Meios, Vias e Trajectos... Entrar e Sair de Lisboa”. *Fragmentos de Arqueologia de Lisboa*, 2. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa – CML, Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Além da página de Facebook, seguida até ao momento por mais de nove centenas de internautas, a Comissão de Estudos Olisiponenses dispõe de uma nova conta de correio electrónico, associada ao sistema informático da AAP, mas mantém a conta criada em dois mil e catorze.

Por último, os membros da mesa desta comissão agradecem aos funcionários e colaboradores do Museu Arqueológico do Carmo e da Associação dos Arqueólogos Portugueses, pelo seu apoio na organização das actividades desenvolvidas, assim como a todos os participantes naquelas, tanto comunicantes como assistentes.

Lisboa, 31 Janeiro 2019

COLÓQUIO

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PAO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL
MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO

18 Outubro	19 Outubro
<i>Abertura</i> 10h10	
<p><i>As “covas de pão” do Centro Histórico de Ourique: dados preliminares</i> 10h30 Tiago Costa e Liliana Luís (Atalaia)</p>	<p><i>Os silos medievais da villa romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo</i> Luísa Batalha (Arqueóloga), Guilherme Cardoso (CAL/CMLisboa), Mário Monteiro (Emérita)</p>
<p><i>As covas do pão e as covas do lixo. Os silos da Avenida Miguel Fernandes (Beja)</i> 10h50 Andrea Martins (AAP; Uniarq), Gonçalo Lopes, César Neves (AAP, Uniarq), Vera Aldeias (ICArEHB)</p>	<p><i>Ocupação islâmica do Castelo dos Mouros. Os silos e o seu contexto</i> Maria João Sousa (PSML)</p>
<p><i>O pão em covas: Silos modernos construídos no templo do forum de Pax Iulia e o celeiro público de Beja no século XVII/XVIII</i> 11h10 Maria Conceição Lopes (FL/UCoimbra)</p>	<p><i>Silos em Cascais</i> J. A. Severino Rodrigues (CMCascais)</p>
<i>Pausa para café</i> 11h30 <i>Pausa para café</i>	
<p><i>Conjunto de silos no Convento de São Francisco, Alvito. Algumas considerações sobre silos em meio rural</i> 11h50 Inês Simão (Era Arqueologia)</p>	<p><i>Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto</i> Sérgio Rosa (CMAmada)</p>
<p><i>Silos Islâmicos de Silves (Castelo e Zona da Arrochela)</i> 12h10 Rosa Varela Gomes (FCSH/UNLisboa)</p>	<p><i>Silos medievais de São Vicente de Fora</i> Nuno Pires (IAP/UNLisboa)</p>
<i>Debate</i> 12h30 <i>Debate</i>	
<i>Almoço</i> 13h00 <i>Almoço</i>	
<p><i>Casa Branca (Évora): armazenamento subterrâneo numa aldeia medieval cristã (séculos VIII-IX)</i> 15h00 Mário Varela Gomes (FCSH/UNLisboa), Tânia Casimiro (IHC/IAP/UNLisboa), Telmo Silva (IAP/UNLisboa)</p>	<p><i>Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos. Os silos medievais do Largo da Atafona</i> Vasco Noronha Vieira (IAP/UNLisboa), Tiago Pereira (IEM/UNLisboa), Vanessa Filipe (Cota 80.86; IAP/UNLisboa), José Pedro Henriques (Cota 80.86; IAP/UNLisboa), Dário Neves (IAP/UNLisboa), Marina Carvalhinhos (CAL/CMLisboa)</p>
<p><i>Silos da Praça Joaquim António de Aguiar e da Rua Cândido dos Reis, em Évora: duas realidades cronologicamente diferentes</i> 15h20 Miguel Correia (CMAIcochete)</p>	<p><i>Cortados pela metade... ou mais. Vestígios de sistemas de armazenamento subterrâneo no Largo dos Loios, Lisboa</i> José Pedro Henriques (Cota 80.86; IAP/UNLisboa), Vanessa Filipe (Cota 80.86; IAP/UNLisboa)</p>
<p><i>Quem guarda, acha. Os silos encontrados no Centro Histórico de Moura</i> 15h40 Vanessa Gaspar (CMMoura)</p>	<p><i>Os silos do Beco do Forno do Castelo, 14-20: as intervenções arqueológicas de 2010 e 2013</i> Pedro Miranda (UIT-CH/CMLisboa); Nuno Mota (CAL/CMLisboa)</p>
<i>Pausa para café</i> 16h00 <i>Pausa para café</i>	
<p><i>Dois celeiros no Ribatejo. Os silos da Travessa das Capuchas e do Largo Pedro Álvares Cabral em Santarém</i> 16h20 Carlos Boavida (IAP/UNLisboa; AAP), Tânia Casimiro (IHC/IAP/UNLisboa), Telmo Silva (IAP/UNLisboa)</p>	<p><i>As “covas de pão” de Carnide. Um grande celeiro às portas da Lisboa Medieval</i> Ana Caessa, Nuno Mota (CAL/CMLisboa)</p>

Covas de pão em Óbidos
Sérgio Pinheiro (CMÓbidos)

16h40

As “covas” de pão e junça no arquipélago dos Açores

Carla Devesa Rodrigues (Museu Angra do Heroísmo),
José Luís Neto (DRC-Açores), Pedro Parreira (DRC-Açores)

Os silos dos Paços do Concelho de Torres Vedras
Isabel Luna (MM Leonel Trindade/CMTorres Vedras),
Guilherme Cardoso (CAL/CMLisboa)

17h00 Debate

Debate **17h20** Encerramento



Figura 1 – A – Manuel Fialho Silva (6 Fevereiro); B – Paulo Baptista (5 Junho); C – José Pedro Henriques e Vanessa Filipe (15 Maio); D – Ana Caessa, Nuno Mota e Vasco Martins (Junho); E – Colóquio “*Silos, matamorras e covas de pão. Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal*” (18/19 Outubro) – Sessão de Abertura – Andrea Martins, Tânia Manuel Casimiro, João Marques; fotos Carlos Boavida.

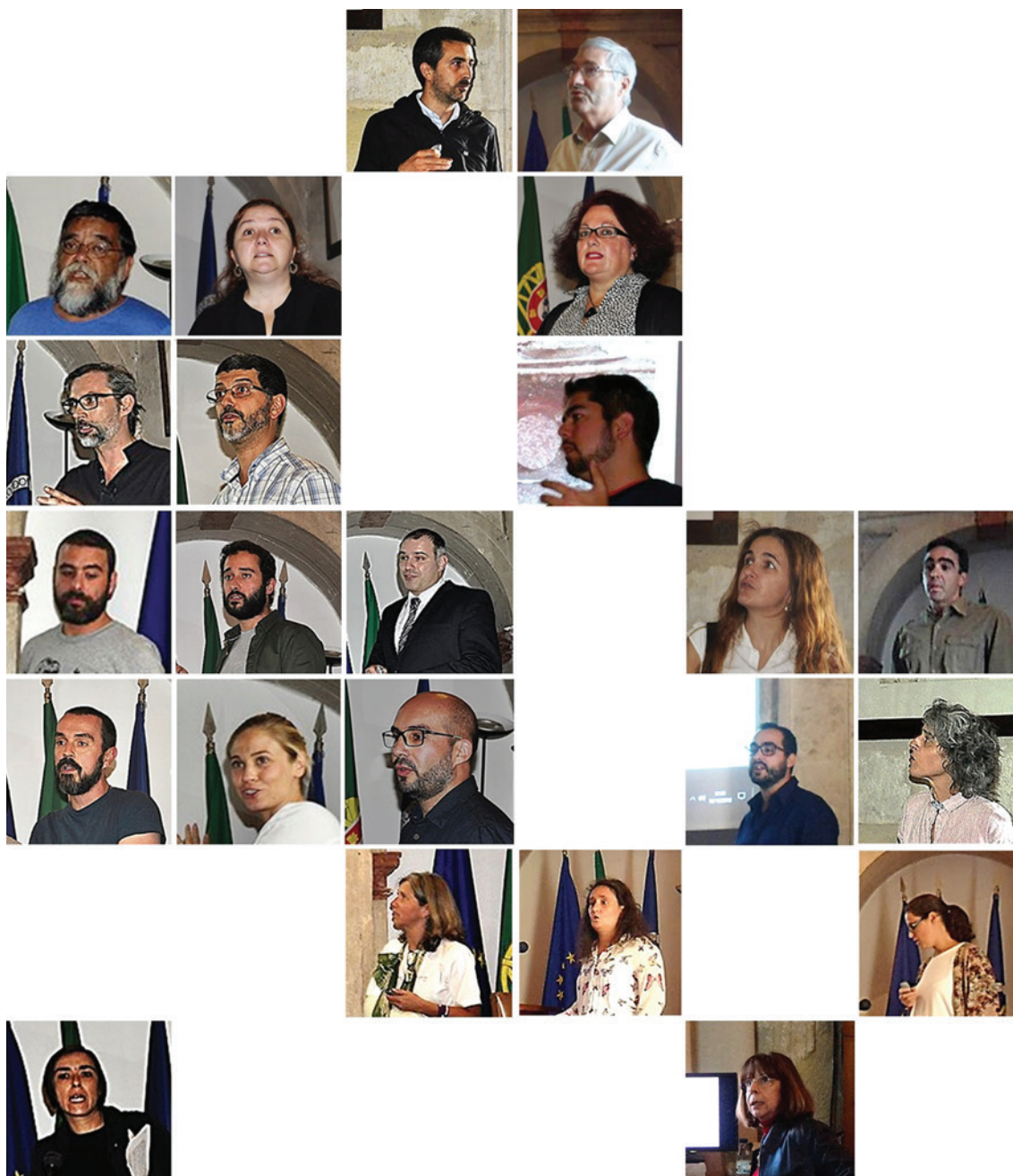


Figura 2 – Colóquio “*Silos, matamorras e covas de pão. Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal*” (18/19 Outubro) – Sérgio Pinheiro*, Guilherme Cardoso, J. A. Severino Rodrigues*, Maria João Sousa*, Luísa Batalha*, Nuno Mota*, Pedro Miranda*, Carlos Boavida*, Tiago Pereira*, José Pedro Henriques*, Nuno Pires*, Tânia Manuel Casimiro*, Miguel Correia, Vasco Vieira*, Vanessa Filipe*, Sérgio Rosa*, Tiago Costa, Vanessa Gaspar*, Maria Conceição Lopes*, Andrea Martins, Inês Simão, Carla Devesa Rodrigues* e Rosa Varela Gomes; fotos Guilherme Cardoso* e Carlos Boavida.



Figura 3 – A/B/C – Encontro “Quotidianos Contemporâneos em torno de Lisboa. Contributos da Arqueologia” (28 Novembro) A – Afonso Leão e Márcio Martingil, B – Marta Capote e João Sequeira, C – Ana Beatriz Lavres e Tânia Manuel Casimiro; D – Apresentação e lançamento da obra “A Princesinha Branca e Esbelta e o Dragão Negro e Rotundo ou a Torre de Belém vs. A Fábrica do Gás: um longo combate pelo património” por Paulo Oliveira Ramos e Vítor Serrão (6 Dezembro); E – Vítor Serrão (6 Dezembro); fotos Carlos Boavida.



Figura 4 – Registos de Lisboa.



HEIN-PR™

QUOTIDIANOS CONTEMPORANEOS EM TORNO DE LISBOA

CONTRIBUTOS DA ARQUEOLOGIA

Fancy a drink?

As garrafas da Rua do Salitre e consumo de genebra em Lisboa no século XIX

Afonso Leão / Rafael Sousa / Márcio Martingil^{1,2} / Vanessa Filipe^{1,3}

A voz dos esquecidos: evidências materiais num bairro operário lisboeta em finais do século XIX

Ana Beatriz Lavres / Jessica Roque / Vanessa Filipe^{1,3}
José Pedro Henriques^{1,3} / Tânia Manuel Casimiro^{3,4}

Consumo, consumismo e lixos urbanos em Almada (1880-1910)

Marta Capote / João Luís Sequeira⁴ / Luís de Barros⁵

1 IAP/UNL; 2 Taipa Arqueologia;
3 Cota 80,86; 4 IHC/UNL; 5 CM Almada

**28 Novembro
2018 • 17h**

**MUSEU ARQUEOLÓGICO
DO CARMO LISBOA**

AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

COMISSÃO
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

Figura 5 – Encontro “Quotidianos contemporâneos em torno de Lisboa. Contributos da Arqueologia” – programa.

COMISSÃO DE ARQUEOLOGIA PROFISSIONAL DA AAP

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES

DO ANO 2018

Jacinta Bugalhão, Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES 2018

A criação da Comissão de Arqueologia Profissional (CAP) foi, nos termos dos Estatutos, aprovada na Assembleia-Geral da AAP realizada a 27 de Janeiro de 2016.

No dia 20 de Fevereiro de 2018, sob convocatória da Direcção da AAP, realizou-se uma reunião aberta a todos os sócios interessados, para discutir a formação efectiva da CAP. Nessa reunião foi decidida a marcação da primeira reunião da CAP durante a qual ocorreria a eleição da respectiva Mesa.

No dia 19 de Abril de 2018, teve lugar a primeira reunião da CAP, mediante convocação antecipadamente feita pela Direcção. Nessa reunião, apresentou-se como candidata à eleição da Mesa da CAP apenas uma lista composta por Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago e Jacinta Bugalhão, tendo sido eleita por unanimidade.

Assim, em 2018, as actividades da CAP decorreram entre Abril e Dezembro do mesmo ano.

Foram realizadas quatro sessões ordinárias da CAP:

1. A 6 de Junho, Encontro sobre Boas Práticas em Arqueologia de meios húmidos, que integrou a conferência "A actividade arqueológica sub-aquática no quadro da Arqueologia Portuguesa"

(proferida por Jacinta Bugalhão) e um debate sobre "Boas Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos".

2. A 8 de Novembro, conferência "Deontologia profissional, associativismo, investigação e gestão do património – que arqueologia neste século XXI?", proferida por António Manuel S. P. Silva (Arqueólogo na Administração Local).
3. A 28 de Novembro, com o apoio da Direcção da AAP, a conferência "The Chartered Institute for Archaeologists (CIfA): Building Professionalism, Power, and Influence in Archaeology and Heritage Management", proferida por Gerry Wait (CIfA Board Member).
4. A 22 de Dezembro de 2018, em colaboração com a Secção de História, a apresentação do livro "Arqueologia nos Açores – Uma Breve História" de José Luís Neto (Direcção Regional de Cultura dos Açores), em forma de conferência proferida pelo autor sobre o mesmo tema, seguida de brinde natalício açoriano (oferecido igualmente pelo autor).

No geral as sessões tiveram bastante adesão por parte do público interessado, concretizando-se em assistências numerosas, especialmente se atendermos aos dos temas em causa. Nessas sessões foram

apreciadas e aprovadas todas as propostas para novos sócios submetidas a partir da constituição da CAP.

Relativamente aos trabalhos “não públicos” da CAP, destaca-se a participação, por delegação da Direcção, em:

1. Constituição e preparação das actividades do “Grupo Trabalho para elaboração de documento de Recomendações de Boas Práticas em Arqueologia de meios húmidos” (GTAH), a desenvolver durante o primeiro semestre de 2019.
2. Elaboração de parecer sobre a proposta da Associação Portuguesa de Avaliação de Impactes (APAI) sobre o “Sistema voluntário de qualificação de peritos competentes em Avaliação de Impacte Ambiental”, e respectivo envolvimento da AAP no mesmo, promovido por aquela associação, num processo ainda em curso.
3. Preparação da conferência “Arqueólogo” em Portugal: história, enquadramento e desafios de futuro” no encontro internacional “O Conservador-Restaurador: Uma Profissão Emergente do Património Cultural | The Conservator-restorer: a cultural heritage emerging profession”, a realizar em 18 de Janeiro, numa organização da Associação profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal (ARP), a convite desta associação;
4. Colaboração na elaboração da posição escrita da AAP sobre as declarações públicas do Dr. Manuel Machado (Presidente da Câmara Municipal Coimbra e também Presidente da Associação Nacional de Municípios) a propósito dos processos de salvaguarda arqueológica, no âmbito de obras.
5. Preparação da audição parlamentar pública sobre o novo regime de autonomia dos museus, monumentos, palácios e sítios arqueológicos, realizada na Assembleia da República em 8 Janeiro 2019.
6. Gestão e actualização da página de facebook da CAP (já com mais de 300 seguidores) e divulgação das actividades da CAP e da AAP, nesta e noutras plataformas digitais.

PLANO DE ACTIVIDADES 2019

1. Acompanhamento do processo de implementação do “Sistema voluntário de qualificação de peritos competentes em Avaliação de Impacte Ambiental” promovido pela APAI.
2. Elaboração, discussão pública e aprovação do documento de Recomendações de Boas Práticas em Arqueologia de meios húmidos”, do âmbito do GTAH constituído para o efeito.
3. Participação na discussão pública relativa ao documento “Recomendações de Boas-práticas na Gestão de Espólios Arqueológicos” promovido pela CM de Lisboa e DGPC, com o apoio da AAP.
4. Estabelecimento de contactos e dinâmicas de convergência com outras associações no âmbito da Arqueologia e do Património Cultural e com associação profissionais com actividade na área do Património Cultural, em estreita colaboração e sob supervisão da Direcção da AAP.
5. Organização de sessões públicas sobre temas de âmbito profissional e técnico-científico em Arqueologia. Estão previstas sessões sobre: os impactes sobre o património arqueológico da agricultura intensiva; questões laborais e profissionais em arqueologia (em colaboração com o Sindicato dos Trabalhadores em Arqueologia), etc.
6. Participação activa na vida associativa da AAP em todas as suas frentes e na intervenção cívica e pública em todos os debates e processos que envolvam os arqueólogos enquanto profissionais e a salvaguarda do Património Arqueológico.

A Mesa da Comissão de Arqueologia Profissional gostaria de agradecer à AAP, seus corpos gerentes, secções e comissões, sócios, ao Museu Arqueológico do Carmo e a todos os funcionários e colaboradores da AAP/MAC a extraordinária recepção e bom acolhimento a todas as actividades da CAP, neste momento da sua criação e primeiros passos.

Lisboa, 31 de janeiro de 2019



Figura 1 – Encontro sobre Boas Práticas em Arqueologia de meios húmidos.



Figura 2 – Reunião do Grupo de Trabalho “Ambientes Húmidos”.

COMISSÃO DE HERÁLDICA – AAP

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES DO ANO 2018

Pedro Sameiro¹, Lina Oliveira², João Portugal³, Segismundo Pinto⁴,
Manuel Artur Norton⁴

¹ Presidente

² Vice-Presidente

³ Secretário

⁴ Vogal

A Comissão de Heráldica continuou a sua actividade no ano de 2018, reunindo-se esporadicamente durante o ano, com a presença dos membros residentes na região de Lisboa. Realizaram-se 3 sessões presenciais durante o ano, com a duração média de uma hora. Realizou-se também uma reunião “virtual” para análise de processos e emissão de pareceres.

A actividade da Comissão de Heráldica centrou-se na emissão de pareceres sobre os símbolos heráldicos para diversas autarquias, sobretudo aquelas que resultaram da reorganização administrativa do território, consubstanciadas nas Leis nº 22/2012, de 30 de Maio, e nº 11-A/2013, de 28 de Janeiro.

Manteve-se a baixa solicitação de pareceres e processos analisados. Foram emitidos 16 pareceres.

Na sequência da mudança de instalações do arquivo da Comissão e do local de trabalho da Secretária Administrativa, procedeu-se a uma rigorosa limpeza e reorganização dos processos arquivados e à digitalização parcial do mesmo espólio.

A Comissão propôs à Direcção a realização de

um curso livre de Introdução à Heráldica, que foi aceite pela mesma e irá decorrer no início de 2019.

Para 2019, tentar-se-á manter um adequado nível de resposta às solicitações recebidas, e dar-se-á continuidade aos trabalhos de digitalização e organização do espólio antevendo-se a criação de um fundo arquivístico dedicado ao arquivo da Comissão.

A Comissão mais deseja propor e organizar a celebração do 75º aniversário do falecimento de Afonso Dornelas, antigo presidente desta Comissão e grande heraldista cuja intervenção foi fundamental para o reconhecimento legal da obrigatoriedade de parecer vinculativo emitido pela comissão de heráldica para os projectos de símbolos heráldicos que as autarquias desejassem usar.

Lisboa, 31 de Janeiro de 2019

O Secretário,
João Portugal

VILA NOVA DE SÃO PEDRO – DE NOVO NO 3º MILÉNIO (VNSP3000) RELATÓRIO DE ACTIVIDADES DO ANO 2018

Andrea Martins¹, Mariana Diniz², José Morais Arnaud³, César Neves⁴

¹ Fundação para a Ciência e Tecnologia / UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Associação dos Arqueólogos Portugueses

² UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Associação dos Arqueólogos Portugueses

³ Associação dos Arqueólogos Portugueses

⁴ Associação dos Arqueólogos Portugueses / UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

INTRODUÇÃO

No âmbito do Projecto de Investigação intitulado *Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP 3000)*, as actividades desenvolvidas no ano de 2018 organizaram-se entre as seguintes temáticas:

1. Intervenção arqueológica;
2. Publicações científicas;
3. Apresentações científicas;
4. Arqueologia pública;
5. Espólio Arqueológico – Colecção VNSP do Museu Arqueológico do Carmo

1. INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

Ao longo do projecto *VNSP3000*, os trabalhos de campo terão como principal objectivo a produção de conhecimento científico, enquanto se desenvolve a valorização e preservação do espaço deste sítio arqueológico. A execução destes intentos desenvolve-se em duas vertentes: a Pública e a Científica.

Em estreita colaboração e parceria com as entidades locais, todos os anos, efectuar-se-ão trabalhos de limpeza do sítio, sinalização e conservação de estruturas, levando também a uma consciencialização da comunidade para a importância da

protecção deste Monumento Nacional. A vertente científica será desenvolvida através de prospecção intensiva em redor do sítio, prospecção geofísica e realização de sondagens de diagnóstico para confirmação de propostas interpretativas e recolha de amostras para datações absolutas.

Entre 2 e 27 de Julho de 2018, desenvolveu-se, no âmbito do projecto *VNSP3000*, a segunda intervenção arqueológica em Vila Nova de São Pedro. Esta intervenção envolveu trabalhos de escavação arqueológica em duas áreas específicas do povoado, limpeza do sítio por meios mecânicos e manuais, nomeadamente entre a 2ª e 3ª linhas de muralhas, bem como o registo fotográfico, gráfico e topográfico das realidades que foram colocadas à vista.

Os trabalhos arqueológicos foram dirigidos pelos signatários e contou com a participação de alunos da Licenciatura e Mestrado em Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Figura 1).

Na Área 3, deu-se continuidade à escavação da Sondagem 1, iniciada em 2017. Aos 24m² de área aberta, acrescentaram-se mais 24m², tanto para Este como para Oeste, com o objectivo de se obter uma leitura mais global do espaço intervencionado,



Figura 1 – Equipa de escavação em Vila Nova de São Pedro. 2ª Campanha. 2018.

bem como das realidades arqueológicas colocadas a descoberto. A Este, ou seja, na plataforma inferior, deu-se por terminada a escavação, ficando definidos 16m² de substrato geológico – lapiás, onde também se encontra a entrada do algar, ainda não totalmente desobstruída. Na área central da sondagem – na vertente – não se procedeu à remoção de sedimento, concentrando-se os esforços no alargamento da sondagem na plataforma superior a Oeste. Aqui, o alargamento de 8m² possibilitou a definição da possível estrutura identificada na campanha anterior, ficando no topo da mesma, não estando ainda definida a sua caracterização funcional (Figura 2).

Nesta sondagem (que será retomada na próxima campanha), foi possível observar níveis de ocupação integrados no Calcolítico. Os materiais arqueológicos recolhidos nesta segunda campanha são idênticos tipologicamente aos identificados na campanha de 2017, sendo predominante, ao nível da cerâmica os recipientes lisos, continuando, no entanto, a ser recolhidos fragmentos de cerâmica de-

corada – campaniforme. Ainda na cerâmica, foram também recolhidos fragmentos de placas de tear e de “queijeiras”. Ao nível da indústria lítica continua a ser predominante a presença de materiais em pedra lascada, nomeadamente elementos debitados (lascas e lamelas), utensílios (pontas de seta), com um claro domínio do sílex como matéria-prima preferencial. Ao nível da pedra polida foi recolhido um fragmento de machado em rocha anfibólica. O conjunto artefactual enquadra-se no Calcolítico regional, em conformidade com os dados provenientes das extensas campanhas de escavação levadas a cabo entre 1936 e 1967, dirigidas, inicialmente por Hipólito Cabaço (1936) e, depois, por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay.

Tal como na campanha anterior recolheu-se um número considerável de restos faunísticos, nomeadamente mamalógicos, mas também malacológicos. O estudo zoológico encontra-se numa fase preliminar.

Procedeu-se à recolha de amostra de sedimentos de todos os níveis escavados (Figura 3).



Figura 2 – Vila Nova de São Pedro. Em 1º plano, a Sondagem 1 da Área 3. 2018.



Figura 3 – Pormenor da escavação da Sondagem 1 da Área 1. 2018.



Figura 4 – Vila Nova de São Pedro. Em 1º plano, a Sondagem 1 da Área 1. 2018.

Na Área 1 iniciou-se a escavação da Sondagem 1 (5x18m), corresponde a uma grande área de intervenção localizada entre a 1ª e 2ª linha de muralha, a Oeste do “Reduto Central”. A intervenção neste espaço, mais do que escavação propriamente dita, corresponde a uma limpeza manual, seguindo metodologia arqueológica adequada, que procura avaliar o grau de impacto que este espaço já poderá ter tido em intervenções arqueológicas anteriores. Sabemos que as campanhas de Afonso do Paço e Eugénio Jalhay também tiveram lugar neste espaço. No entanto, não é possível compreender se ocorreu na área toda e qual o grau de afectação que as mesmas tiveram. A Sondagem 1 procura, assim, compreender como se desenvolve um pano de muralha que aqui se localiza (2ª linha), bem como a existência de um possível Fosso, que Afonso do Paço já havia referido numa das suas publicações.

O espólio arqueológico recolhido vai ao encon-

tro do já registado na outra área intervencionada.

Os dados referentes à intervenção arqueológica realizada em VNSP foram descritos no Relatório do PATA, entregue e aprovado pela DGPC (Figura 4).

2. PUBLICAÇÕES

Foi publicado um trabalho científico durante o ano de 2018:

DINIZ, Mariana; NEVES, César; MARTINS, Andrea; SILVA, Daniel; ARNAUD, José M.; (2018) – Países, funções e disfunções do património arqueológico: o caso do povoado calcolítico de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja/Portugal). *Arqueologia e História, Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Vol. 68, pp. 169-180.

https://vnsp.arqueologos.pt/wp-content/uploads/2019/06/2018_AH_Vol68-Diniz-et-al.pdf

3. APRESENTAÇÕES CIENTÍFICAS

As apresentações relacionadas com o projecto VN_{SP}3000 tiveram lugar em encontros científicos nacionais e internacionais. Os trabalhos correspondem aos primeiros resultados obtidos na campanha de 2017 em VN_{SP}, bem como aos estudos que vão sendo realizados sobre elementos da cultura material da colecção depositada no Museu Arqueológico do Carmo. Neste particular, destacam-se as análises sobre as placas de tear e os artefactos cilíndricos em calcário.

“Vila Nova de São Pedro, de novo, no 3º milénio – VN_{SP} 3000: Trabalhos arqueológicos de 2017”.

Associação dos Arqueólogos Portugueses, Secção de Pré-História. 23/1/2018.

Autores: José M. Arnaud, Mariana Diniz, Andrea Martins e César Neves.

“Papeis, funções e disfunções do património arqueológico: o caso do povoado calcolítico de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja/Portugal)”.

TAG Ibérico, Carmona (Sevilha, Espanha), 1 a 4 de Fevereiro de 2018.

Autores: Mariana Diniz, Andrea Martins, Daniel Carvalho, César Neves e José M. Arnaud.

“Vila Nova de São Pedro, de novo, no 3º milénio – VN_{SP} 3000: Trabalhos arqueológicos de 2017 – o regresso a um sítio nunca esquecido”.

Dia Internacional dos Monumentos e Sítios Históricos, Azambuja, 21/4/2018.

Autores: José M. Arnaud, Mariana Diniz, Andrea Martins e César Neves.

“Bodies without context – the “funerary objects” of the settlement of Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)”, no *XVIII Congresso UISPP – Paris*, 8/6/2018.

Autores: Andrea Martins, Mariana Diniz, José M. Arnaud e César Neves.

“Constructive programs in Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): technique, method and social

context”, no *XVIII Congresso UISPP – Paris*, 7/6/2018.

Autores: César Neves, Mariana Diniz, Andrea Martins e José M. Arnaud.

“Still life, on the nature of archaeological sites, on the character of visitants and on the experience of the visit”. *24th Annual Meeting of the European Association of Archaeologists in Barcelona 2018*. 5 a 8 de Setembro de 2018.

Autores: Mariana Diniz, Andrea Martins, César Neves e José M. Arnaud.

“Images in the clay: the iconography of the loom weights of Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)”.

24th Annual Meeting of the European Association of Archaeologists in Barcelona, Setembro, 2018.

Autores: Andrea Martins, José M. Arnaud, Catarina Costeira, César Neves e Mariana Diniz.

“Visitando a Memória de Vila Nova de São Pedro”.

Jornadas Europeias do Património, Museu Arqueológico do Carmo, 29/9/2018.

Autores: César Neves, Andrea Martins, José M. Arnaud e Mariana Diniz.

“O Museu Arqueológico do Carmo e a colecção de arqueologia de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): inventário, gestão, conservação e conhecimento”.

3º Encontro Nacional de Museus com Coleções de Arqueologia – 19 a 21 de Outubro 2018 – MNA (2ª Sessão – Gestão e conservação de acervos e reservas).

Autores: César Neves, Célia Nunes Pereira, José M. Arnaud, Mariana Diniz e Andrea Martins.

“Vila Nova de São Pedro (VN_{SP}3000) – depois de trabalhos pretéritos e antes de trabalhos futuros – no Presente do Indicativo”.

Arqueologia em Construção 5, UNIARQ, FLUL, 28/11/2018

Autores: Mariana Diniz, Andrea Martins, José M. Arnaud e César Neves.

4. ARQUEOLOGIA PÚBLICA

As acções de Arqueologia Pública tiveram a sua continuidade em 2018, tendo mesmo sido reforçadas, numa clara demonstração de que esta é uma temática bastante presente neste projecto.

A 18 de Abril, numa combinação de diferentes públicos, reuniram-se habitantes do concelho e distritos de Lisboa e Santarém para, juntamente com alunos do curso de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, realizarem uma visita guiada a VNSP. Esta acção, dirigida pelos signatários do projecto, inseriu-se no âmbito do *Dia Internacional dos Monumentos e Sítios Históricos*.

Uma vez mais, foi durante o período de Julho, quando se desenvolveram os trabalhos de campo em VNSP, que a ligação à comunidade foi desenvolvida com maior enfoque.

Uma das acções principais ocorreu no dia 19 de Julho, com o *Dia Aberto* da Campanha Arqueológica de 2018 em Vila Nova de São Pedro, onde se levaram a cabo visitas guiadas ao povoado e áreas de trabalhos arqueológicas (visitas realizadas pelos responsáveis científicos e alunos que participaram na intervenção arqueológica), bem como um Atelier de Arqueologia Experimental e Jantar Pré-Histórico (a cargo de Pedro Cura da *Prehistoric Skills*), numa

viagem ao Calcolítico, reconstituindo parte dos artefactos principais das comunidades que terão residido em VNSP, assim como alguns dos seus comportamentos sociais e económicos (Figura 5 e 6).



Figura 5 – Folheto do Dia Aberto em Vila Nova de São Pedro. 19 de Julho de 2018.



Figura 6 – Atelier de Arqueologia Experimental no interior do “recinto central” de VNSP.

Com o objectivo de continuar a reunir e a recuperar as memórias locais, recolheram-se mais depoimentos orais de alguns dos trabalhadores das campanhas realizadas no século XX, dirigidas por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, bem como a outros habitantes de Vila Nova de São Pedro. Esta recolha oral tem sido interligada com o registo fotográfico existente, procurando criar um “museu vivo”, com som e imagem, dos intervenientes nas antigas escavações.

Integrada nas *Jornadas Europeias do Património*, promoveu-se, no dia 29 de Setembro, uma visita guiada ao Museu Arqueológico do Carmo e, em particular, à coleção de Vila Nova de São Pedro exposta na Sala 1, onde estiveram presentes habitantes de Vila Nova de São Pedro e, pela primeira vez, alguns dos antigos trabalhadores das escavações deste sítio arqueológico. Envolvida num ambiente de grande emotividade e simbolismo, foram escutados episódios e memórias dos antigos trabalhos, tendo sido passado um vídeo com parte dos regis-

tos orais que têm vindo a ser feitos no decorrer dos trabalhos do projecto (Figura 7 e 8).



Figura 7 – Cartaz de divulgação das Jornadas Europeias do Património de 2018, realizadas no dia 29 de Setembro de 2018 no Museu Arqueológico do Carmo.



Figura 8 – Visita à Sala Nº1 do MAC, por habitantes do concelho da Azambuja e antigos trabalhadores das escavações em VNSP, dirigidas por Eugénio Jalhay e Afonso do Paço.

Num âmbito mais académico mas que tem, igualmente, como objectivo dar a conhecer VNSP a um público mais vasto, no 27 de Outubro realizou-se uma nova visita guiada ao povoado, dirigida a um grupo de professores e alunos da Licenciatura, Mestrado e Doutoramento em Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

As acções do projecto VNSP 3000 têm continuado a ser, igualmente, partilhadas através das plataformas digitais próprias das instituições que participam no projecto (AAP/MAC, UNIARQ e CM Azambuja), com particular destaque na página oficial de Facebook e Instagram de VNSP 3000:

- <https://pt-pt.facebook.com/pages/category/Science--Technology---Engineering/Vila-Nova-de-S%C3%A3o-Pedro-VN-SP-3000-1566381946765143/>
- <https://www.instagram.com/arqueologosportugueses/>

A divulgação e a comunicação com outros públicos dito não científicos foi igualmente produzida através de entrevistas e reportagens dadas a meios de comunicação de tiragem Regional e Nacional.

- Notícias nos meios de comunicação regionais:
 - Janeiro – Valor Local (Azambuja)
 - Abril – Valor Local (Azambuja)
 - Julho – Correio da Azambuja; Valor Local; Mirante; Fundamental
- Reportagem no programa *Portugal Directo* (RTP)
 - 27 de Julho 2018 – Escavação VN-SP3000 (minuto 11.10)
 - <https://www.rtp.pt/play/p4224/e358654/portugal-em-direto/677561>

Num outro registo, e recorrendo a uma plataforma de Divulgação a cargo da UNIARQ que é parceira deste projecto, elaborou-se um pequeno texto noticioso para a edição nº 19 (Setembro) da *Uniarq Digital*, abordando os trabalhos de campo de 2018 realizados em VN-SP – <https://www.uniarq.net/uniarqdigital19.html>

5. ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO – COLEÇÃO VN-SP NO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO (MAC)

O ano de 2018 e o 2º ano do projecto VN-SP3000 marca o início do tratamento/estudo do espólio proveniente das escavações em VN-SP de Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, depositado no Museu Arqueológico do Carmo. Este é um dos pontos essenciais do projecto, uma vez que o espólio é bastante numeroso e a sua análise será fundamental para se caracterizar as comunidades calcolíticas que residiram neste sítio, bem como na percepção das distintas fases de ocupação que espaço teve. Uma vez que a metodologia adoptada nas antigas escavações apresenta limitações ao nível do correcto conhecimento da proveniência estratigráfica dos artefactos, a caracterização dos mesmos poderá ajudar a reconhecer os distintos espaços crono-culturais que o sítio terá presenciado.

O tratamento do espólio arqueológico envolveu as seguintes áreas:

Conservação/Manutenção/Acondicionamento:

Lavagem/limpeza de todo o espólio existente no MAC, ficando aquele que não está exposto acondicionado por categoria (ex: cerâmica lisa; cerâmica decorada; cerâmica campaniforme; copos canelados; cossoiros; “ídolos de cornos”; queijeiras; pedra polida/afeiçoada; pedra lascada; placas de xisto; figuras antropomórficas e zoomórficas; artefactos em osso; metais; fauna; sementes e carvões);

Inventário:

- Pesos de Tear (completo);
- Ídolos cilíndricos (completo);
- Espólio da Campanha de 2017 e 2018;

Registo:

- Desenho, tintagem e fotografia dos elementos artefactuais mais revelantes das Campanhas de 2017 e 2018, bem como de parte do es-

pólio das antigas escavações, como os Pesos de Tear, Ídolos cilíndricos, fauna mamalógica e malacológica;

Estudos em preparação/finalização:

- Pesos de Tear
- Ídolos Cilíndricos (neste volume)
- Arquitectura do povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro
- O povoado (calcolítico) e a povoação de Vila Nova de São Pedro: escutando e registando a Memória de uma relação muito especial

Trabalhos Académicos:

Realizados por alunos de Licenciatura e Mestrado em Arqueologia da FLUL

Finalizados:

- “Fauna de Vila Nova de São Pedro: Campanha de 2017” (Seminário FLUL – Ana Francisco; Orientação de Cleia Detry e Mariana Diniz)
- “Um conjunto de pedra lascada de Vila Nova de São Pedro” (Manuel Navas – FLUL – No âmbito da disciplina Sistemas de Produção Artefactual lecionada por Mariana Diniz e João Pedro Ribeiro)

Em preparação:

- João Silva – Orientação: Mariana Diniz e Cleia Detry. – Seminário Licenciatura FLUL. Tema: Objectos em Osso de VNSP (Campanhas Afonso do Paço)
- Manuel Navas – Orientação: Mariana Diniz e Cleia Detry – Mestrado em Arqueologia FLUL. Tema: Alfinetes em Osso de VNSP (Campanhas de Afonso do Paço)

Lisboa, Janeiro 2019



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2020

www.arqueologos.pt